

RB160,553



Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO

by
Professor
Ralph G. Stanton



76281a
3 w/s

GARRETT

MEMORIAS BIOGRAPHICAS

POR

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

Conservador da Bibliotheca e Museu de Antiquidades Navaes,
Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do Instituto de Coimbra,
da Real Academia Hespanhola de Historia, etc., etc.

—
TOMO I
—

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1881

A

SUA Magestade EL-REI

O

SENHOR DOM FERNANDO II

©. D. e C.

O auctor.

GARRETT



Wm. A. Smith Garrett.

GARRETT

MEMORIAS BIOGRAPHICAS

POR

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

Conservador da Bibliotheca e Museu de Antiquidades Navaes,
Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do Instituto de Coimbra,
da Real Academia Hespanhola de Historia, etc., etc.

TOMO I

Lourenço

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

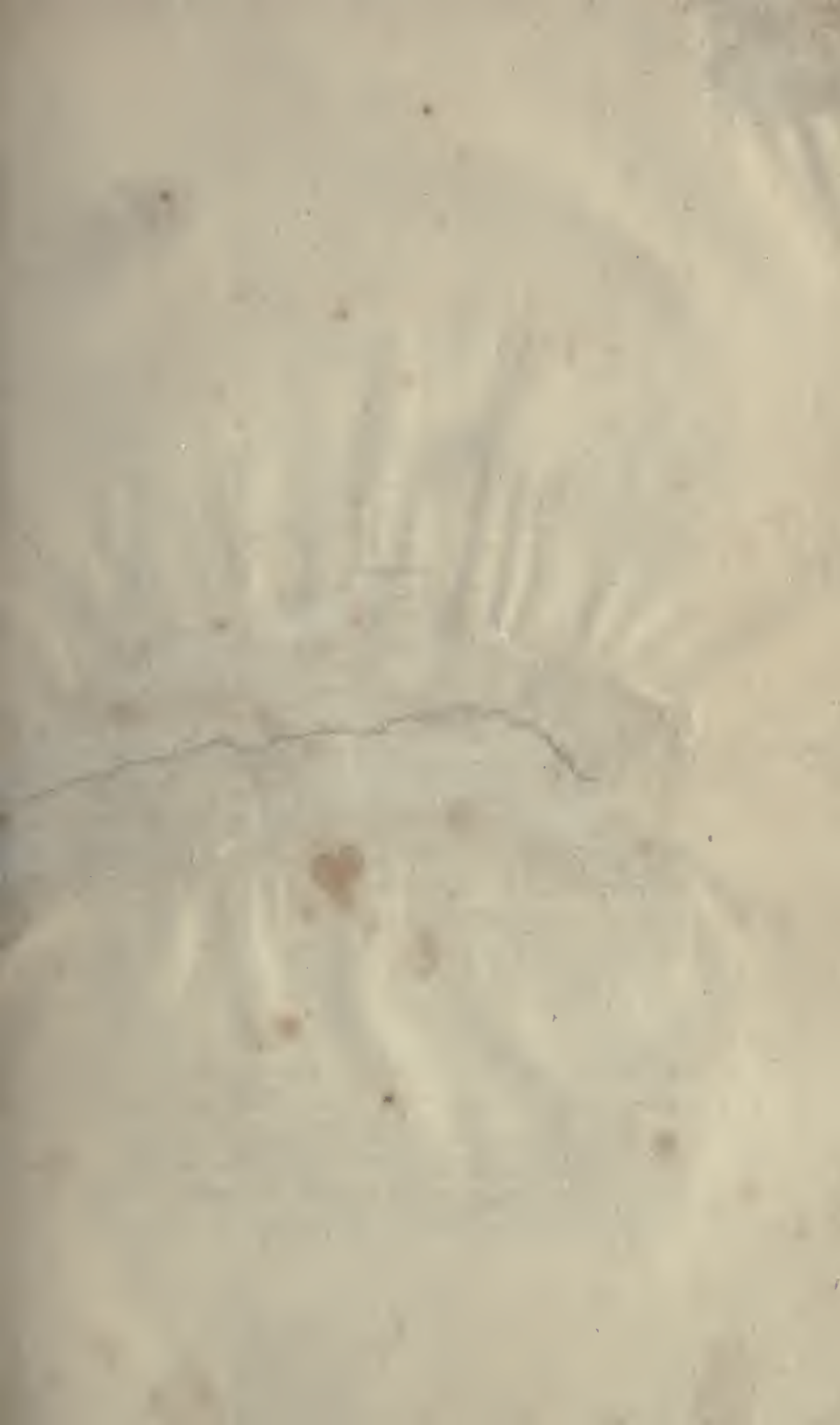
1881

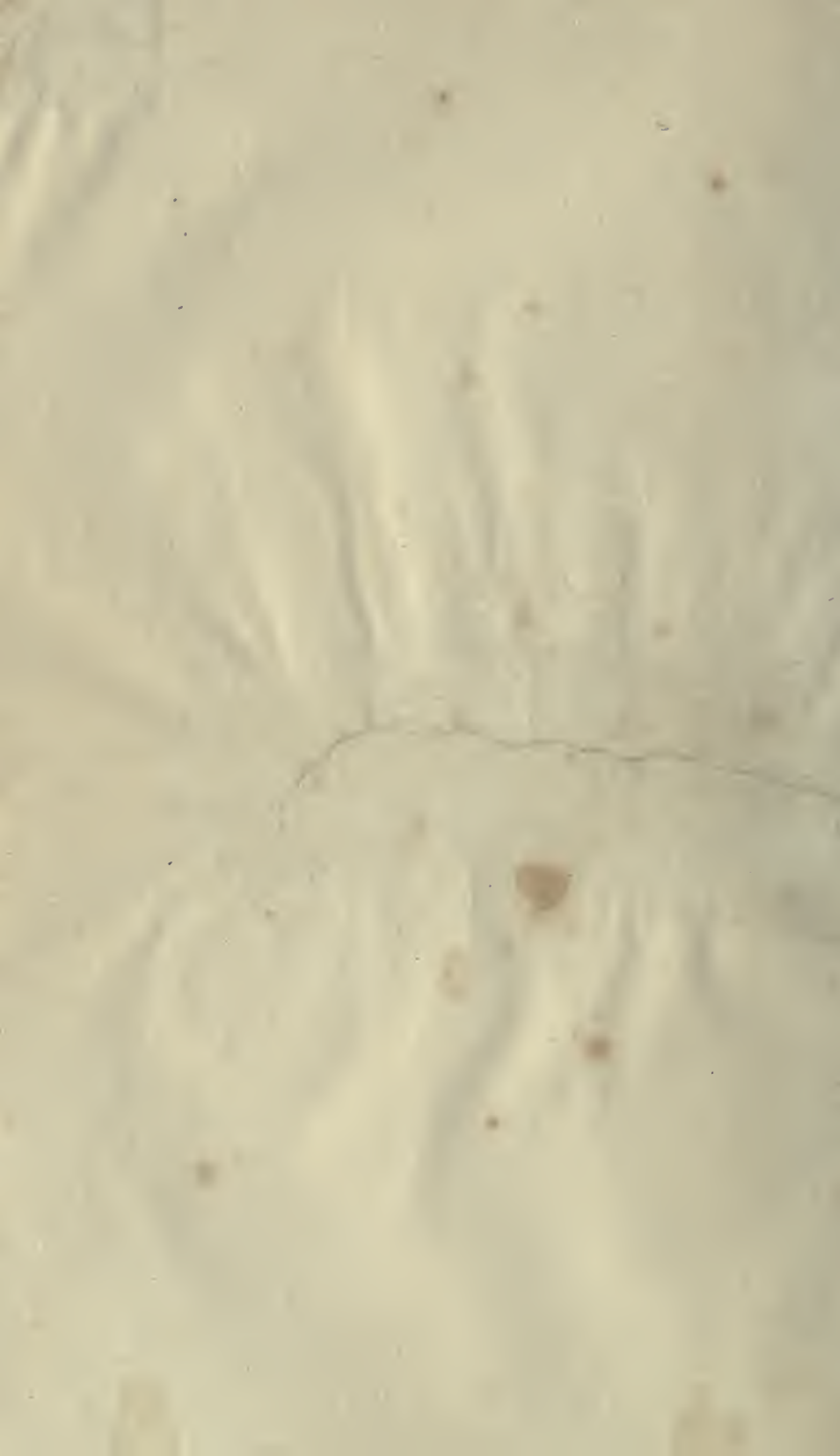
Racontez tout : la postérité fera son choix.

ALEXANDRE DUMAS.

Les détails intimes y abondent. Les détails sont la physionomie des caractères; c'est par eux qu'ils se gravent dans l'imagination.

LAMARTINE, *Hist. des Girondins*,
tom. I, pag. 6, 1851.





INTRODUCCÃO

O genio dos grandes poetas. — Como o auctor d'este livro vivia no Brazil. — Leitura do poema *Camões*. — Transformação. — Primeira carta de Garrett em resposta á do auctor. — Regresso a Portugal. — Maria da Fonte. — Lisboa. — Cartas de recommendação. — Entrada em casa do poeta, no pateo do Pimenta. — O creado João. — Sensações. — *Ecce sacerdos magnus!* — Retrato. — José Maria da Silva Leal, José Estevão, José Izidoro Guedes. — Emprego, demissão e afastamento. — Motivo por que o auctor falla de si. — Jantar litterario. — Escriutores portuguezes, em 1848. — Brinde á republica... — Origem e historia d'estas memorias. — Documentos dados por Almeida Garrett. — Considerações prévias.

I

É como a luz do sol o genio dos grandes poetas. O seu clarão brilhante, espalhando-se na terra, aquece e alumia as almas de todos os que encontra. Manifestando-se no livro, astro da intelligencia, afugenta as trevas dos cerebros mais obscuros; esclarece e persuade, até os proprios que não querem convencer-se nem illustrar-se. Na poesia, enternece os insensiveis, arranca lagrimas dos corações mais seccos, risos dos labios mais cerrados, gritos de admiração dos peitos mais frios e indifferentes. É uma força invencivel, que transforma os individuos, subjugando a vontade aos mais rebeldes e o espirito aos mais pertinazes. Denuncia, emfim, a centelha divina, que o Creador poz na mente do homem.

Quando o escriptor se chama Homero, Virgilio, Dante, Milton, Camões ou Garrett, os seus poemas atravessarão o tempo e o espaço, cada vez mais admirados e queri-

dos. As suas idéas, semelhantes aos raios fulgurosos do rei dos astros, brilharão com o mesmo esplendor com que foram enunciadas milhares de annos antes! Depois de terem commovido e enthiasmado as gerações extinctas, demonstrarão ás presentes que nem os seculos depravados, nem as epochas de obscurantismo lhes alteraram a primitiva grandeza e a graça nativa! Filhas divinas do genio, só deixarão de existir quando Deus, destruindo o mundo e chamando a si o ultimo homem, volver tudo ao nada, de onde nos tirou a sua omnipotencia.

II

Ha quarenta e tres annos¹ que o rigor da sorte me arremessou, creança, desvalido e ignorado, para as praias do exilio, nas margens do Guajará. A fortuna adversa, não contente de haver-me expatriado, internou-me em seguida nos sertões do Amazonas, talvez com o intuito de me tornar mais rude do que me fizera o acaso ao sair do berço. A primeira luz, que animou a solidão da minha alma exilada, foi produzida pela leitura dos *Lusíadas*. Deslumbrado por esse clarão intensissimo, o meu espirito juvenil sonhou com as aventuras perigosas, que celebra o epico immortal, e arrastou-me para o seio das florestas. Ali, porém, a convivencia com os indios e com as feras, bravas como elles, breve enfraqueceu a chama de esperança redemptora, com que me aquecêra o cantor de nossas glórias. Percorria já, sem enthusiasmo e sem pavor, as matas virgens e as solidões profundas, que circumdam a enorme bacia do rio gigante. Arrojava-me, unicamente como caçador ferino, através das selvas densas e sombrias, onde se acoutavam a anta e o porco

¹ Em 1837.

bravo; feria sem dó nem repugnancia os seios virginaes de arvores sagradas, derramando pelo solo, juncado de folhagem apodrecida, os oleos preciosos e as resinas odoríferas; destruia com prazer estúpido formosissimas e prodigiosas flores, filhas dilectas d'esse paraizo encantado; e não tinha consciencia de que estava mutilando, depois de as ter profanado com olhares de impia ignorancia, as mais admiraveis maravilhas da creação!

Mas, um dia, aos treze annos, talvez guiado pelo archanjo da poesia, entrei na modesta residencia de uma familia indigena; e encontrei lá, aberto, o livro do meu destino, a ordem que me enviava a Providencia, para que mais tarde se cumprissem os seus mysteriosos designios. Era o *Camões*, o immortal poema de Garrett.

Como e porque iria ali parar esse monumento litterario, a mãos de gente que não sabia ler, senão para que eu viesse a receber piedosamente o derradeiro adeus d'aquelle que o tinha levantado á gloria da sua patria?! Olhando em torno de mim, depois de o ter lido, fiquei como que assombrado com o espectaculo grandioso que me rodeava. Abriram-se-me repentinamente os olhos da alma; de creança que era, acordava homem, e tão differente do que fôra até esse momento, que a mim proprio me desconhecia!

Fez-se immensa claridade nas trevas que me envolviam. A luz, apesar de vir de muito longe, era tão intensa, que illuminou a profundez das matas virgens, e mostrou-me n'ellas prodigios em que a minha vista não attentára nunca! Era a repetição das scenas do paraizo. Havia comtudo a differença de que, caída a venda da minha innocencia, achava-me effectivamente n'um eden, mas sem sciencia bastante para poder guiar-me fóra d'elle!

Voltei ao Pará; e, após alguns annos de hesitações e desejos, escrevi ao auctor do livro que me havia trans-

formado: contava-lhe as minhas desventuras; os trabalhos que passára; a vida material e quasi de escravidão que vivia ainda; e dizia-lhe quaes eram as aspirações que despertára em mim a leitura do seu poema sublime.

Logo, porém, que despedi das mãos a carta, voltaram-me novamente as dúvidas e receios, que tanto tempo me impediram de a escrever; e conclui que fôra grande temeridade deixál-a partir, porque certamente ficaria sem resposta. Como ousaria eu, creança, humilde e obscuro, esperar que o semi-deus baixasse do olympo até mim, para responder-me? Ignorava ainda que quanto maior é o homem mais os seus actos se approximam dos da divindade; e que só a verdadeira grandeza não julga humilhar-se quando desce a proteger os que se acolhem à sombra d'ella. E esquecia-me tambem de que o auctor do *Camões* fôra já pobre emigrado, como eu, e que não são insensíveis á dor alheia os que uma vez padeceram em misero desterro.

III

Um anno depois, a 19 de fevereiro de 1846, levou-me o navio *Conceição* a seguinte carta:

«Lisboa, 5 de outubro de 1845.—Ill.^{mo} sr. Francisco Gomes de Amorim.—Recebo muito retardada a sua carta de 25 de janeiro d'este anno. E confesso-lhe que me enterneceu devéras a pintura dos seus padecimentos. Em quê, porém, e como poderei eu alliviál-os?—Se v. s.^a estivesse aqui ou se para aqui se regressasse, eu faria quanto em minha mão estivesse para melhorar a sorte de um patricio que me parece digno de toda a estima.—Acredite que lhe fallo com toda a sinceridade. O estado de molestia em que estou ha bastante tempo, me impede de ser mais extenso como eu quizera ser para o consolar, se é que as minhas letras para isso podem contri-

buir. Mas realmente não posso mais, e peço-lhe que creia que sou com verdadeira sympathia—De v. s.^a muito attento venerador e creado.—*J. B. de Almeida Garrett.*»

Assim como o seu livro tinha transformado o meu espirito, esta carta mudou inteiramente as condições da minha existencia.—«Se v. estivesse aqui ou se para aqui se regressasse—dizia elle—eu faria quanto em minha mão estivesse para melhorar a sorte de um patricio que me parece digno de toda a estima».—Que mais era necessario para tentar a imaginação de quem tinha apenas dezoito annos, recentemente acordada e posta em movimento pelo maior genio poetico do seu tempo?! Eu desejava instruir-me; e fôra com esse intuito que me dirigira ao grande mestre; estudar sob a sua direcção, principalmente; estudar com elle, e estudál-o, para ver se descobria as causas do seu immenso talento, a arte, que elle tinha, como ninguem, de commover e de enthusiasmar os que o liam! Parecia á minha ingenuidade que o contacto, a convivencia, a proximidade de tão prodigioso engenho, devia necessariamente revelar-me as origens da sua graça inimitavel; patentear-me os segredos da sua maravilhosa potencia; e conceder-me poder, não imitál-o, nem sequer rastejál-o, mas polir-me no seu trato íntimo; lapidar a minha modesta intelligencia com os diamantes finissimos da sua.

Este era o meu sonho de então; e, para realisál-o, não haveria perigos que eu não affrontasse, tormentos que não padecesse resignado. Tinha pouca idade; escasseavam-me os recursos para emprehender a viagem; e atemorizavam-me algumas pessoas com a perspectiva da miseria, que de novo me assaltaria no meu regresso á patria! Que importavam taes obstaculos a quem vivia, desde o berço, costumado a luctar com elles?! Fôra-me porventura mais propicia a terra estranha? A repu-

gnancia que eu sentia pela carreira commercial, e o gosto precoce das viagens aventurosas, levaram-me, na infancia ainda, para o seio das florestas. Cinco annos de vida selvagem, desde 1839 até 1844, pareciam-me, depois de ter lido o *Camões*, mais que sufficientes para pôr ponto nos meus enthusiasmos de artista pelas tribus do Amazonas e dos seus tributarios. A sociedade dos mundurucús e dos jurunas começava a tornar-se-me mediocremente agradável. Achava, é certo, mais esplendidas as florestas, mais imponentes os rios e os lagos, mais bella a natureza e todas as suas manifestações prodigiosas; mas... dispensava o concurso das onças, das cobras, dos jacarés, das mil variedades de monstros, que esfriam um pouco a curiosidade dos viajantes. E chamavam-me desejos ardentes de saber, e as saudades da terra em que nasci, e dos que ainda então n'ella tinha...

No mesmo dia 19 de fevereiro, em que recebi a carta do poeta, resolvi que me aproveitaria do primeiro navio que saísse, para n'elle regressar á patria.

IV

Vencidos todos os obstaculos (e não foram poucos nem pequenos!) que se oppunham á minha partida, embarquei, finalmente, a 22 de março de 1846, no patacho *Julio*, da carreira do Porto, trinta e dois dias depois de ter recebido a carta de Garrett.

Chegado ao Minho, no mez de maio, por occasião dos acontecimentos politicos que n'esse anno agitaram, primeiro aquella provincia e em seguida todo o paiz, não pude resistir ao desejo de molhar tambem a minha sopa revolucionaria na caldeira dos patriotas; e por isso só em 6 de julho desembarquei em Lisboa.

Vinha munido de vinte cartas de recommendação, todas do Brazil, onde, em geral, costumam ser titulos, pelos quaes o recommendado recebe generosa e liberal hospedagem, até arranjar modo de vida. Algumas das que eu trazia eram para pessoas que se diziam grandes; outras, para sujeitos que desejavam sê-lo. . . . Só um modesto caixeiro me acolheu como eu imaginára que devia ser recebido pelos outros todos! Foi o sr. Albino Coelho de Seabra, actualmente negociante abastado da praça de Lisboa. Comprazo-me em citar aqui o seu nome por ser o do unico homem de coração que encontrei entre vinte pessoas, das quaes muitas passavam por conspi-cuas.

V

No mesmo dia, depois de entregues as cartas e reconhecida a insufficiencia e nullidade das dezenove recommendações, dirigi-me, bastante desconsolado, para o pateo do Pimenta, onde n'esse tempo residia o homem de quem dependia o meu destino. Logo que toquei á campainha, appareceu no cimo da escada o creado João, que o serviu por muitos annos.

—Está em casa o sr. conselheiro?—perguntei, timidamente.

—Vou saber—respondeu elle.—Faz favor de me dizer o seu nome?

Eram as formulas usadas na maioria das casas, onde eu tinha ido n'essa manhã.

Dei o meu bilhete e expliquei que regressava do Pará, onde recebêra uma carta de s. ex.^a, em resposta a outra minha.

João foi para dentro, e eu fiquei esperando que o grande poeta me mandasse dizer que não estava em casa, a exemplo do que me haviam feito, depois de lerem as

cartas que eu lhes levava, outros varões, que provavelmente se julgavam muito maiores do que elle.

O creado voltou, abriu outra porta, e disse:

— Tenha a bondade de entrar.

Senti-me tão vivamente commovido, que hesitei alguns instantes; e João, attribuindo a surdez a minha hesitação, repetiu, em voz mais alta:

— Faz favor de entrar?

Entrei.

— Queira sentar-se, que o sr. conselheiro já lhe falla.

Devia ser tristissima a opinião que o honrado servo ia fazendo de mim, ao sair da sala, onde eu ficava em attitude aparvalhada pelo espanto e pela sensibilidade.

— Como?! — pensava eu, enternecido. — Pois este homem, que escreveu o *Camões*, a *D. Branca*, a *Adozinda*, o *Frei Luiz de Sousa*, e tantas outras obras primas; este genio sublime, irmão de Camões; o maior e mais celebrado de todos os poetas portuguezes modernos; este deus da poesia, que eu desejo e tremo de contemplar de perto, abre a sua porta com tanta facilidade e sem cerimonia a um pobre diabo, desconhecido e pequenino como eu?! Com que direito e por que titulo se me negaram então alguns d'esses, que hoje procurei e que me mandaram dizer pelos seus lacaios que não estavam em casa?! Ah! já sei: foi com o direito que dá a nulidade. Só á inepecia vaidosa e á falsa grandeza é permitido ser incivil, descortez, insolente e fazer gala da má creação. A superioridade dos homens grandes, assim como a de Deus que os cria, revela-se em tudo — na individuação, como no conjuncto de todas as suas acções. Aqui presinto que estou proximo de um espirito quasi divino; ás portas dos outros não distingui se lá residiam brutos irracionaes ou creaturas humanas. E este creado, que tão cortezmente me recebeu?! Abraçál-o-ia de boamente se o tivesse ainda á vista! . . . Até no creado se

manifesta quão differente é a pessoa que habita esta casa dos chatins que me fecharam as outras!

Sentei-me e olhei em torno de mim. Estava n'uma sala que tinha o chão forrado com tapete, alguns quadros nas paredes, e era mobilada com moveis de estylo antigo. Havia duas janellas ao fundo, por onde se avistava o Tejo. Levantava-me para ir ver o rio, quando ouvi fallar através de uma porta mal cerrada, que me ficava á direita. Sentei-me novamente. Os conversadores vinham approximando-se; reconheci que eram dois homens e que fallavam em francez. Um d'elles tinha a voz grossa, sonora, insinuante e cheia de variedade nas inflexões. O som d'ella perturbou-me. Sentia-me pouco á vontade, trémulo, acovardado, sem saber o que diria, quando me visse na presença do cantor immortal, que eu viera procurar de tão longe, e vencendo tantos embaraços e perigos. Adivinhára que a voz que, por assim dizer, me intimidava era a sua, e escutava avidamente as primeiras palavras que lhe ouviria pronunciar:

— Não, senhor conde. Até á vista.

Foram as phrases que apanhei, dirigidas em francez, pelo que eu suppunha ser o dono da casa, ao seu interlocutor. A porta abriu-se, saiu um homem vestido de preto, que me disse ao passar, inclinando-se:

— Bom dia, senhor.

O creado, que tinha acudido para acompanhar a pessoa que saía, voltou logo, convidando-me a entrar na sala immediata. Antes, porém, que eu tivesse chegado á porta, appareceu a ella o grande poeta, que eu conhecia pelos retratos que d'elle tinha visto. O seu olhar brilhante e limpido não se demorou a examinar se eu estava bem ou mal trajado, para me receber melhor ou peor, como no seu logar teria feito qualquer dos seus miseraveis detractores; fixou-se no meu, ao mesmo tempo que a sua mão procurava a minha, e o sorriso da benevolen-

cia pousou-lhe nos labios. Eu estive quasi tentado a cair de joelhos! Achava-me emfim diante d'aquelle que, sem o suspeitar, tinha já operado duas grandes revoluções na minha existencia, e que eu considerava superior a todos os homens, porque o admirava e respeitava quasi como a um Deus! Elle notou a minha commoção e levou-me para a sala proxima, que era a da livraria, onde nos sentámos ambos¹.

Durante alguns segundos foi-me impossivel achar expressões; e Garrett, adivinhando, talvez, que o meu constrangimento provinha da differença que havia entre nós, foi conversando commigo de tal modo que ao fim de cinco minutos me tinha posto á vontade, sem eu comprehender por que magico encanto se havia operado semelhante mudança.

VI

O auctor de *D. Branca* completára a esse tempo quarenta e sete annos. Estava no vigor da idade; se tivesse tido sempre boa saude, poderia dizer-se que era moço ainda. Mas os trabalhos de uma vida agitada, desde que se formára em Coimbra; o fogo das paixões; uma compleição delicada; e a chamma abrazadora do genio, de-

¹ Para se avaliar a minha commoção, é preciso saber-se que a parte juvenil da colonia portugueza no Pará tinha o mais religioso respeito e admiração pelo nome do cantor de *Camões*, que é o poeta por excellencia dos que, amando a patria, vivem exilados d'ella. Nos meus tempos não havia ali caixeirinho portuguez e até brasileiro, que não recitasse o *Camões*, e principalmente os versos que começam: «Saudade, gosto amargo de infelizes». Hoje, não sei. Em Portugal, penso que os admiradores de Garrett sou eu e mais cinco ou seis pessoas. Ria-se quem quizer da perturbação que eu descrevo. Não cuidem que me envergonho do meu enthusiasmo. Cada vez o admiro mais, e me parece o maior e mais peregrino engenho que deitou Portugal, depois de *Camões*.

voravam-lhe rapidamente a existencia. Descobria-se o valetudinario, disfarçado em homem robusto. Montava ainda a cavallo e andava bastante a pé; mas tudo isso fazia já para se fingir forte, e illudir-se a si proprio, ainda mais do que aos outros. Era de estatura regular ou antes mais alto do que baixo; tinha agradavel presença, ar distincto e composto; a fronte alta e saliente; o nariz e a bôca, apesar de grandes, não desharmonisavam as feições do rosto, que era comprido. Os olhos, entre garços e verde mar, grandes, crystallinos, limpidos, e de um brilho ao mesmo tempo esplendido e sereno! Estes e os labios delgados, onde parecia, quando conversava, pairar de contínuo o sorriso de fina e delicada ironia, davam-lhe a pronunciada expressão de soberania, que a inveja e a ignorancia traduziam por orgulho. Tinha côr pallida morena; usava suissa muito curta, e pequenina pêra ou mosca; a côr preta da barba e a meia pallidez do rosto realçavam-lhe certo ar de melancolia sympathica. Fallava com extrema facilidade e singeleza, achando sempre a phrase apropriada e a fórmula correcta, até para tratar das cousas mais vulgares da vida. Não empregava palavras desusadas ou pouco conhecidas, senão quando lhe eram indispensaveis; n'este caso ía buscá-las onde as houvesse, fosse a que lingua fosse, e dava-lhes fóros de cidade. Lia admiravelmente; e conversava com tanta amenidade e riqueza de engenho, que a todos persuadia e captivava. O gesto era sempre nobre; e nunca ninguem nos salões, no fôro ou na tribuna o soube empregar com maior distincção e propriedade. Tinha naturalmente o andar grave, quasi magestoso. Usava cabelleira postiça desde muito moço, em consequencia de ter ficado com a cabeça defeituosa, pela quêda que dêra de um cavallo; mas não era calvo, como muita gente suppunha.

Achando-me na sua presença, lembrei-me do retrato

de Platão, feito pelo auctor da *Viagem de Anacharsis*, que eu tinha lido dias antes no Porto, e fiquei maravilhado com a similhaça. Era o mesmo ar, a mesma fronte espaçosa, o peito largo, os hombros altos, o gesto digno e o andar solenne¹. Tendo arruinado a saude, similhante ao illustre grego a quem, como a elle, chamaram *divino*, adoptou igualmente austero regimen alimenticio; mas foi menos feliz do que Platão, porque não a recuperou nunca. Recebia todas as pessoas com a mesma simplicidade e delicadeza, fallando-lhes discreta e pausadamente; e a persuasão e as graças pareciam correr tambem de seus labios, como corriam dos do philosopho atheniense.

VII

As suas maneiras e conversação, logo da primeira vez que o vi e ouvi, fizeram-me esquecer inteiramente dos trabalhos e miserias passadas, e até das pequices dos sujeitos a quem eu viera recommendado. Ao pé de Garrett não se podia pensar n'outros homens, ou em assumptos differentes dos que elle estivesse tratando connosco.

Depois de eu lhe ter referido as minhas aventuras e declarado que não conhecia mais ninguem em Lisboa, senão elle, enviou-me com uma carta ao sr. José Maria da Silva Leal, então redactor ou proprietario da *Revista universal lisbonense*, que tinha escriptorio no palacio do conde de Rio Maior. Silva Leal acolheu-me com benevolencia e sympathia, apresentando-me ao dr. Holtreman, da *Gazeta dos tribunaes*. O empenho do mestre era, bem como o meu, obter emprego que me deixasse tempo pa-

¹ O barão de Santo Angelo (Manuel de Araujo Porto-Alegre), que estudou Garrett, como artista, dizia: que elle era, da bôca para cima, Platão, e d'ella para baixo, Anacreonte.

ra algumas horas de estudo diario. Como as primeiras tentativas fossem infructiferas, escreveu elle outra carta, recommendando-me a José Estevão, que residia então, se bem me lembro, no largo das Duas Igrejas, n'um andar do predio que pega com a Encarnação. O illustre tribuno estava no vigor da idade, e a sua bella cabeça impressionou-me vivamente. Porém o modo quasi desabrido por que elle me recebeu inspirou-me certo resentimento, que só passados annos e com o seu trato íntimo consegui esquecer inteiramente.

José Estevão mandou-me sentar á sua banca, deu-me uma penna de pato, das que têm a fórma das de aço, e disse-me que escrevesse o que eu quizesse. Perturbado, e irritado ao mesmo tempo com a rudeza militar com que elle me tratava, escrevi com mão trémula poucas palavras, ao acaso e quasi sem nexo. José Estevão pegou no papel, e depois de ler e de olhar para mim algum tempo, sem me dizer nada, sentou-se e escreveu por sua vez meia duzia de linhas.

—Leia isso—me ordenou, levantando-se.

Tentei-o em vão! Estava claro que lhe não agradára a minha letra. Mas a d'elle não era mais feliz commigo.

—Entende?

—Não, senhor.

—Peior é essa! Então, se vossê não sabe escrever nem ler, que diabo quer que eu faça em seu favor? O Garrett diz-me que lhe suppõe merecimentos; offereço-lhe agora occasião de os mostrar, e...

Calou-se; e poz-se a pensar n'outra cousa. Imagine-se como eu ficaria!

—V. ex.^a faz-me o favor de ler o que escreveu?... A minha letra é pessima, confesso; creio, porém, que se entende...

—Entende-a o senhor. Grande façanha! Tambem eu entendo a minha.

Tirou-me o papel das mãos e lançou-lhe a vista.

—Aqui está. Diz assim . . . diz . . . Que diabo fiz eu aqui?!

— Já v. ex.^a vê que não é muito facil, pois que nem o proprio auctor pôde ler sem difficuldade . . .

— Ora adeus! Isto lê-se perfeitamente! Diz . . . diz . . . diz o diabo que me carregue! Sei cá o que isto é! . . .

E amarrotou o papel nas mãos.

— Volte por cá: se apparecer cousa que lhe sirva, fallaremos.

Entendi o que significavam aquellas palavras, e saí sem saber que opinião devia formar do original que as proferia.

Nunca mais lá tornei, como pretendente; mas tive depois occasião de apreciar o homem e fui seu amigo muitos annos.

Em seguida mandou-me Garrett, com terceira missiva, a José Izidoro Guedes, que morava na rua Nova do Carmo, no hotel da Europa. José Izidoro era contratador do tabaco. Tratou-me com grande cortezia e urbanidade; conversou commigo cousa de um quarto de hora, e disse-me, por fim, que fallaria com Garrett a meu respeito.

Passados dois dias recebi a noticia de que me achava empregado, nas condições que desejava, e tive ordem para me apresentar nas repartições do contrato do tabaco, que occupava então parte do edificio do banco de Portugal, no largo do Pelourinho. Indo ali, disse-me José Izidoro que não havia ainda banca nem logar destinado para mim, e que só receberia meio ordenado enquanto não entrasse em exercicio.

Decorreram perto de tres mezes. No dia 6 de outubro de 1846 sobreveiu a revolução que derrubou o ministerio do duque de Palmella. Eu pertencia, por opiniões e sympathias, ao partido dos vencidos. Persuadi-me, não sei com que fundamento, que os contratadores seguiam a

politica do novo ministerio; e como me sentia humilhado por ter recebido sessenta dias de salario, que, apesar de insignificante, não era paga de nenhum trabalho, dei a minha demissão e tratei de crear posição mais independente.

Garrett, para evitar as perseguições, que em todos os tempos calamitosos é de uso fazerem-se aos homens eminentes, se estes não apoiam os governantes, teve de esconder-se. E n'uma das occasiões em que eu ia procurá-lo, disse-me o creado que elle não estava em casa. Ouvindo-lhe a voz, tomei por falta de confiança a recusa de me receber, e fiquei tão profundamente magoado que deixei de ir a sua casa, até ao dia em que, por um acto de benevolencia sem exemplo, os poetas, romancistas, dramaturgos e publicistas portuguezes se dignaram honrar-me, dando-me um jantar público de setenta talheres, presidido pelo immortal cantor de Camões¹.

D'ahi em diante nunca mais nos separámos, senão por sua morte.

VIII

Na festa litteraria, que me foi offerecida pelos mais illustres escriptores que n'esse tempo havia em Lisboa, reuniram-se todos os homens notaveis da sciencia, da imprensa e da tribuna, sem excepção de côres politicas. Ali encontrei pela primeira vez, e tive a fortuna de travar relações intimas com elles, João de Lemos, Bruschy, D. Sancho de Vilhena, o marquez de Penalva, Mendes Leal, Rodrigo Felner, Rebello da Silva, Thomaz de Carvalho, Sant'Anna e Vasconcellos, Silva Tullio, Rodrigues

¹ Vejam-se, além dos jornaes do tempo, *Memorias de litteratura contemporanea*, por Lopes de Mendonça; Lisboa, 1855, pag. 312. E *Sob os cyprestes, vida intima de homens illustres*, por Bulhão Pato; Lisboa, 1877, pag. 45 e seguintes.

Sampaio, Bulhão Pato, Francisco Maria Bordallo, Luiz de Almeida e Albuquerque, Augusto Lima, Sebastião Ribeiro de Sá, Antonio de Mello (hoje marquez de Sabugosa), Carlos Bento da Silva, Latino Coelho, Serpa Pimentel, José Estevão, Manuel de Jesus Coelho, e outros muitos de cujos nomes me não lembro agora, uns vivos ainda, e outros já ceifados pela morte. Luiz Augusto Palmeirim fôra o mais dedicado dos promotores de tão honrosa demonstração de estima. E Garrett havia sido eleito, por aclamação, presidente de tão nobre congresso. O dono da casa, habil artista italiano, serviu-nos um jantar delicado, com vinhos excellentes. E apenas as saudes principiaram, os republicanos, a cujo numero eu me jactava de pertencer¹, propozeram brindes aterradores para a paz do mundo monarchico. Como era natural, os partidarios da realeza protestaram logo energicamente contra a entrada subrepticia da politica nos vinhos en-garrafados.

A situação ia complicar-se com discussões imprevistas e talvez pouco agradaveis, quando Garrett pediu a palavra. Não me ficou de memoria o improviso brilhante e graciosissimo com que elle acalmou os animos d'essa mocidade gloriosa e turbulenta; mas recordo-me perfectamente de que terminava assim:

—Tenho a honra de propor um brinde á republica . . .

Os democratás rugiram de entusiastico jubilo, sem fazer reparo na reticencia. Porém, logo os forçou a em-mudecer o gesto soberano, com o qual o orador lhes significava que não tinha concluido.

—das letras—terminou elle.

Uma aclamação immensa e unanime correspondeu

¹ Rodrigo da Fonseca Magalhães, accusado uma vez do republicanismo da sua mocidade, disse, em plena camara dos deputados, que o livrasse Deus do homem que não tivesse sido republicano até aos vinte e cinco annos.

ao fecho do discurso; e todos despejaram alegremente os copos, restabelecendo-se a boa harmonia. Foi, provavelmente, a unica vez em que Garrett contentou todas as parcialidades politicas.

IX

Perdôe-me o leitor indulgente se, além d'estes, encontrar muitos outros fragmentos das minhas proprias memorias misturados com as memorias de tão grande homem. Entendi que para o estudo da sua existencia deviam aproveitar-se todos os elementos que lhe dessem relevo; e nas relações d'elle para commigo manifesta-se tão pronunciadamente a bondade e grandeza de sua alma e a generosidade do seu coração, que abstendo-me de as referir perderia muitos dos mais bellos traços phisionicomicos que o caracterisam. Acaso podia eu roubar ás suas feições moraes o acto generoso de responder á carta de um pobre rapaz, que mal sabia escrever?! O auctor de tantos livros immortaes, doente e sem tempo, interrompia os seus trabalhos gloriosos para enviar ao joven caixeiro desterrado palavras de confôrto e benevolencia! . . . Fôra crime privar a historia d'esta circumstancia, que o retrata.

Além d'isso, não seria providencial o destino que levou um dos seus livros aos sertões do novo mundo, e o poz nas mãos de uma creança, transformando-a, e trazendo-a á presença d'elle para lhe cerrar os olhos?! Como referir esse facto extraordinario, sem associar-me de certo modo aos ultimos annos da sua existencia? Elle tinha então em Portugal muitos parentes, amigos, condiscipulos, tantos contemporaneos illustres, tantos centenares de pessoas, que, como eu, o admiravam e respeitavam; porque não quiz Deus escolher entre esses quem fosse mais digno de assistir-lhe?! Com que mys-

terioso intento foi buscar, a duas mil leguas de distancia, a planta obscura e humilde, e, depois de lhe dar por apoio o roble gigante, permittiu que o protector tivesse necessidade do protegido e lhe caisse por fim sem alento nos braços?! Porque? Para que? Compraz-se no assombroso d'estes contrastes Aquelle que tudo póde; mas á fraca rasão do homem não é dado pêntrar a causa d'elles.

X

No anno de 1852 pediram da Allemanha, aos honrados editores de Garrett, a biographia d'este. Os gerentes da casa Bertrand pensaram que haveria conveniencia em fazer-se d'esse estudo um livro que, pelo formato, podesse encorporar-se na collecção das obras do poeta. Fallaram-lhe a elle, para que escolhesse o biographo; e, por singular favor, que só póde attribuir-se á cegueira da amizade, tive eu a honra de ser eleito para tão difficil trabalho.

Confesso que apesar de lisonjeado pela sua affectuosa confiança, não me foi agradavel o convite. Além das minhas poucas posses litterarias, sabia eu que tinha de luctar com graves difficuldades e embaraços, para escrever a respeito de homem tão notavel, vivo ainda, e tão atrozmente denegrido pela inveja e pela calumnia. Consta-me que alguém se tinha já prestado a publicar como seus, artigos que elle tivera a fraqueza de escrever ácerca de si proprio; e não ignorava que lhe pertenciam as admiraveis advertencias, que nas suas obras figuravam como sendo dos editores. Conhecia que a sua verdadeira idade não era a que os citados artigos manifestavam; e temia, principalmente, ver-me obrigado a ferir a sua susceptibilidade, por dever de ser verdadeiro. Deixar no escuro os principaes factos da sua vida, para

só fallar do poeta e do politico, seria copiar, com peor estylo, o que outros tinham feito, e privar o meu estudo do principal interesse que podia ter; esclarecêl-os, embora com o intento de justificar o homem, era tocar nas feridas mais dolorosas da sua alma.

Faltou-me resolução para dizer-lhe que elle bem devia saber que o calumniavam; e que eu, filho litterario da sua adopção generosa, não podia escrever-lhe a historia sem dissipar as trevas de parte da sua existencia. E que, se isso lhe repugnava, se o que havia a referir tinha de ser-lhe por vezes desfavoravel, melhor era, comtudo, que o dissesse um amigo, com os resguardos e decoro convenientes, do que o divulgassem adversarios odientos e invejosos; que se os factos intimos, sobre que asentavam as diffamações, fossem de natureza tal, que nem de leve se podesse alludir a elles, eu me obrigava, no caso de sobreviver-lhe, a instaurar só depois da sua morte o processo da sua rehabilitação.

Não tive animo, nem me parece que haveria meio de se lhe dizer tudo isto sem o magoar profundamente. Na impossibilidade, pois, de satisfazer ao mesmo tempo os seus desejos e a minha consciencia, comecei, de má vontade, a colligir documentos, que pela maior parte me eram fornecidos por elle¹. O meu intento era ganhar

¹ Eu propunha-lhe quesitos, sobre os pontos que me occorriam, em folhas de papel dobradas ao meio, de alto a baixo, e elle respondia ao lado das minhas perguntas. E deu-me tambem o original da biographia, publicada no *Universo pittoresco*, tom. III, 1843. É documento curioso; e, se não todo, pela maior parte trabalho seu. Está annotado, quasi pagina a pagina, pela sua letra.

Muitos apontamentos soltos; cartas, algumas de familia; a biographia manuscripta do tio bispo D. Frei Alexandre; um plano para o meu trabalho (que não adoptei); alguns dos seus primeiros manuscriptos, para que eu publicasse todos ou parte, e muitos outros subsidios me foram dados então, e existem em meu poder, como provas justificativas. Infelizmente, nem tudo podia lembrar-me nem

tempo, até ver se achava meio de sair dignamente de tão desagradavel alternativa. Pouco a pouco, porém, veio vindo o gosto, a curiosidade e o interesse que me inspiravam as circumstancias ignoradas da vida do poeta, á medida que eu as ia descobrindo. Por fim, o meu amor proprio, estimulado pelas difficuldades de penetrar na obscuridade e mysterio que envolviam a historia de tão grande homem, empenharam-me seriamente no estudo.

Apesar da singular confiança que eu lhe merecia, breve reconheci que para poder fazer-lhe inteira justiça, precisava armar-me de grande paciencia, e arrancar-lhe um por um os seus segredos, as suas memorias mais íntimas. Debrucei-me, pois, sobre o seu passado: costumei os olhos á escuridão que n'elle havia, e interroguei-o, quasi dia a dia, luctando com as repugnancias do homem, tentando adivinhar, ás vezes, o que elle não ousava dizer-me, surprehendendo-o com perguntas inesperadas, investigando os factos contradictorios e decompondo-os, como a analyse chimica faz aos corpos para poder apreciál-os.

Fiz bem? Fiz mal? Como seria julgado, hoje, o biographo que tivesse feito o mesmo a respeito de Camões? . . .

Levei perto dos tres annos, que elle ainda viveu, a recompor, pedaço a pedaço, a sua historia íntima, não com a sciencia, mas com tenacidade igual á de Cuvier, quando com dois ou tres ossos apenas reconstruia as especies desaparecidas.

elle responderia a tudo de modo que me satisfizesse. Muitas vezes tive depois que recorrer ás suas obras e a indagações fastidiosissimas, e nem sempre colhi d'essas averiguações os desejados fructos. Desculpar-me-hão, todavia, as faltas em que hei de incorrer todos os que sabem com que difficuldades se lucta e quantos esforços são precisos para se procurar a verdade em trabalhos d'esta natureza.

XI

Desde que tomei o encargo de fazer este trabalho, assentei que elle seria uma tentativa de reabilitação para o homem, e, quanto em minhas forças coubesse, uma glorificação para o poeta; mas nunca um panegyrico para lisonjear vaidades.

Não poderia publicá-lo em sua vida; mas, se não fosse eu, os meus herdeiros pagariam á sua memoria a dívida da minha gratidão affectuosa. Também não poderia mostrar-lh'o; e resolvi, para illudir a sua curiosidade e impaciencia, ler-lhe, de mezes a mezes, algum capitulo que não implicasse com a sua idade¹ ou com outras cousas que podessem ferir-lhe a susceptibilidade.

XII

Depois da sua morte inutilizei tudo quanto tinha escripto, que deitaria um volume, por me desagradar a fórma, que poderia parecer pretenciosa. Rebello da Silva quiz então escrever, em collaboração commigo, as memorias de Garrett e das suas obras, fazendo elle a critica litteraria e eu a parte biographica. Annunciou-se o livro; mas sobrevieram logo circumstancias fortuitas, que impediram a realisação d'esse pensamento.

E era talvez muito cedo para que a minha debil voz conseguisse fazer-se ouvir entre os gritos ferozes da in-

¹ N'um dos documentos que me deu, relativos ao seu nascimento, emendou o anno d'este de 1804 para 1805, e depois para 1806. N'outro, de sua letra, fez de 1800, 1801; depois, do 1, 6; e parecendo-lhe que isto seria cortar largo de mais, mudou o 6 para 5! Todas as emendas ficaram de modo que distinctamente se vê o que estava antes d'ellas!

veja, que rugia ainda, enfurecida, em roda do tumulto de emprestimo, onde depositaram os restos do grande poeta.

Decorreu um quarto de seculo. Estão mortas ou adormecidas as paixões ruins, que até seus ultimos momentos o denegriram e lhe apressaram o termo da existencia¹. Já ninguem poderá hoje offuscar o brilho da sua gloria. É pois tempo de o apresentar á posteridade, tal qual elle foi e não como a voz de alguns diffamadores contemporaneos o apregoava. Teve grandes fraquezas, que foram compensadas por virtudes ainda maiores; mas não se lhe perdoava cousa alguma! É porque o mais odioso dos seus crimes era o seu immenso talento, que assombrava as mediocridades invejosas. As mulheres adoravam-n'o e celebravam-n'o; como poderia amál-o e deixar de o deprimir a maioria dos homens?!

Faça Deus com que eu possa roubál-o á calunnia, sem promover escandalos. Desejo e procuro a verdade, historiando fielmente a sua vida, porque a historia não póde limitar-se ao drama: deve ser tambem justiça². Entregar aos vindouros um nome, envolto na aureola da gloria e do mysterio, seria querer illudil-os. O homem,

¹ Depois de escripto o paragrapho acima, tenho lido cousas que provam o contrario do que ali affirmei! A inveja, que ainda ao cabo de trezentos annos ladra aos ossos de Camões, como ha de calar-se á vista dos de Garrett, que, relativamente, ha tão pouco tempo se metteram n'um mausoléu alheio?! Conseguirá ella que tambem só d'aqui a tres seculos andem nossos descendentes, mais agradecidos do que nós, á procura d'elles para lhes dar sepultura condigna?...

² «Quando se escreve a historia..., não é licito dissimular a minima cousa; porque a verdade, sem ser nociva aos mortos, aproveita muito aos vivos; e pelo contrario, a dissimulação, inutil para aquelles, é profundamente damnosa a estes.» (*Traduzido de Leclerc, por A. Herculano, nas Controversias e estudos historicos, tom. I, pag. 87.*)

como diz um historiador moderno¹, não é uma abstracção ou linha mathematica, é homem; quer dizer: inconstancia, immobillidade, inconsequencia viva. Votar ao olvido a parte mais interessante da sua existencia, as suas paixões, os seus affectos, a explicação das causas do seu modo de ser, equivaleria a entregar á posteridade um enigma por decifrar.

Com relação a Garrett, similhante procedimento correspondia a deixar passar em julgado as insinuações perfidas e as calumnias infames com que os seus detractores o perseguiram. E não foi para isso que eu deixei de publicar este trabalho em sua vida, e que esperei que decorressem vinte e cinco annos após a sua morte, para poder entregá-lo á imparcialidade dos homens sinceros e honrados, que se abstiveram sempre de o condemnar sem provas.

Sei que não tenho outra auctoridade além da que dá o desejo de não trahir a consciencia. Isso me basta. Se as minhas palavras forem algumas vezes demasiado severas, protesto que nenhum sentimento baixo as inspira. Não tenho em mente offender a memoria dos mortos nem o credito dos vivos; pretendo honrar aquelle que me serviu de pae e de mestre: a minha penna diligenciará, portanto, relatar os factos sem os aggravar; mas será inexoravel, procurando a verdade².

Ahi vae, pois, o liberal convicto, o *divino* poeta, o dramaturgo insigne, o narrador admiravel, o orador sublime, o publicista eminente, o artista incomparavel, que abraçou no seu gigante amplexo todos os generos da litteratura e da poesia, que em todos se mostrou

¹ Lamartine.

² «Quem ignora que a primeira lei da historia é não ousar dizer a menor falsidade, e a segunda não nos faltar jamais valor para dizermos a verdade?» (*Traduzido de Cicero*, por A. Herculano, nas *Controversias e estudos historicos*, tom. I, pag. 86 e 87.)

grande, deixando em cada um seu monumento. Ahi vae o homem, emfim, com todos os seus defeitos e qualidades. Desnudei-o para o expor, tal como foi, ao juizo da posteridade. Que ella o julgue e sentencieie, não pelo pouco merito da minha obra, mas pelas acções e pelas obras d'elle; e convencer-se-ha, examinando a conta corrente que lhe vou abrir com a sociedade portugueza, de que ha um saldo enorme a seu favor, vencendo os juroz perpetuos da gratidão pública, para manter a sua immortalidade gloriosa no espaço e no tempo.

E vós todos, que o amastes ou odiastes, que lhe juncastes o caminho da vida de rosas ou de espinhos: deixae-o passar, e saudae-o. Não é já ao homem nem ás suas paixões, aos seus talentós nem ás suas virtudes ou fragilidades que a vossa admiração se inclina: é á voz da justiça, embora tardia, que elle se impõe ao respeito universal. Em nome da civilisação, em nome do patriotismo, em nome da liberdade: por tudo quanto ha bom, nobre e bello, deixae-o passar, e saudae-o!

I

A nobreza de sangue não é que faz resplandecer o genio, nem tem o exclusivo das maneiras polidas. — Garretts da Irlanda. — Sua origem e engrandecimento. — Lenda do lago Gur, em Limerick. — Transformação do nome. — Garrett de Janeville. — Biographia do Garrett portuguez, no *Universo pittoresco*. — Ascendencia. — Appellidos. — Descendencia. — Arvore de geração. — Linhas femininas. — Informações do santo-officio e habilitações para o habito de Christo. — Quem eram Silvas, Leitões e Almeidas. — Protesto do auctor. — O bispo D. Frei Alexandre. — Sua protecção, e abastança proveniente d'ella. — Onde ia começar o verdadeiro lustre da familia.

I

Pretendem varios escriptores que a nobreza do nascimento concorre para augmentar o esplendor do nome, nos homens que se immortalisam por suas obras. Eu penso que quanto mais obscuro tiver sido o berço, mais brilhante será a aureola de gloria que circumda a fronte do poeta ou do artista. Do carbone são o diamante, e extrahe-se luz do phosphoro. Napoleão I affirmou que n'elle começava a sua nobreza: assim póde dizer-se de todos os grandes genios, e, principalmente, d'aquelle de quem vou tratar n'estas memorias.

Infelizmente, porém, até nos maiores engenhos se revela a fragilidade humana; e não foi este isento d'ella. Na sua biographia, publicada no *Universo pittoresco*¹, da qual possuo o manuscripto original, escreveu elle, falando de si: — «aquellas maneiras polidas, que só dá o nascimento e alta educação. . .²».

¹ Tom. III, 1843.

² Manuscripto original, pag. 11.

Perdôe-se o que n'isto ha de pequeno e mortal, a quem foi tão grande pelo coração como pelos talentos. Tentarei demonstrar o que tenho por mais verdadeiro. É certo que os individuos nascidos n'uma esphera elevada estão mais aptos para se polirem do que os condemnados pela sorte ao rude viver do povo; mas, além d'esse verniz delicado, que dá a educação e o contacto da gente culta, as maneiras distinctas provêem, principalmente, da natureza. Desenvolve-as o sentimento ingenito do que se chamam conveniencias sociaes; a consciencia do que nos fica bem ou mal no procedimento e nos costumes; certa *arte*, emfim, que não se aprende nem se ensina, que nos inspira as nossas acções, movimentos e fallas, e nos diz o que é opportuno ou inopportuno. É qualidade ou dote, casual, que tanto pôde cair por sorte ao filho de qualquer duque como ao de qualquer operario. Ha muita gente, perfeitamente instruida e educada; mas raros adquirem, por mais que se esforcem e estudem, as maneiras distinctas. Succede até encontrarem-se por vezes pessoas que se jactam de sua fidalguia, aparentemente mais grosseiras e vulgares do que broncos aldeões de nossas provincias alpestres.

Em João Baptista de Almeida Garrett a distincção das maneiras não era sómente fructo da boa sociedade e da educação e estudo apuradissimos; era, principalmente, dom nativo. Elle tinha o que descreve na Gertrudes do *Arco de Sant'Anna*: «Um certo ar de superioridade, e para assim dizer (perdõem-me a aristocracia da phrase) de fidalguia natural, que é a mais rara, a mais preciosa e a mais verdadeira, posto que não tenha assentamento na casa nem ande nos livros da mordomia-mór». Este é verdadeiramente o seu retrato e o seu caso.

Quem não se lembra ainda do mais sympathico dos nossos actores, arrebatado pela morte na força da vida e do talento? Joaquim José Tasso, vivendo n'um meio

social muito menos favoravel do que o de Garrett, ostentou sempre, com perfeita naturalidade, as mais fidalgas e distinctas maneiras, que todavia não deveu a berço illustre.

II

Acaso será prejudicial á gloria do poeta provar-se que elle nada devia á nobreza do sangue, e revelar a sua origem plebêa? Poderá tomar-se este trabalho, feito com a mais pura e leal intenção de honrar a sua memoria, como desserviço a ella? Embora. Fio-me na consciencia, e escrevo tomando-a por guia. Filho do povo, pretendo restituir ao povo o homem que era legitimamente seu, e que circumstancias, por vezes filhas da vaidade e dos europeis do mundo, collocaram n'outra esphera. Não temo que a humildade dos seus ascendentes diminua o vulto do escriptor aos olhos da posteridade; antes me parece que assim se poderão explicar melhor as affinidades do seu prodigioso talento com a poesia do povo, que elle amou de todo o coração, e com a singeleza da sua admiravel prosa, sempre ingenua, fluente e portuguezissima. Na sua constante inclinação por tudo quanto era tradicional e popular, e até na inimitavel propriedade com que empregava os plebeismos, quando lhe eram precisos, revela-se um genio eminentemente nacional, aristocratisado pela natureza e pela educação, mas conservando puro e isento de toda a macula de bastardia o sincero pensar e sentir do povo cujo era.

Estudemos os seus appellidos antes de o estudarmos a elle.

III

O appellido Garrett, que na orthographia tem variado muito, provém de um nome christão, de origem irlan-

deza, correspondendo em inglez a Geraldo. É hoje commum entre os camponezes de Kerry¹; e, se dermos credito a um velho livro latino, existente na bibliotheca nacional de Lisboa², a familia dos Geraldinos, que primeiro usou d'elle, descendia dos antigos troianos, veiu em companhia de Eneas para a Italia, e passou depois a Inglaterra, com Guilherme o conquistador, duque de Normandia, em 1067³. Creados condes de Desmonia, por Eduardo III, os descendentes d'essa nobre familia chegaram a ser poderosos senhores, celebrados pelos poetas do seu tempo, temidos e orgulhosos a ponto de ouzarem conspirar contra o soberano reinante, crime de que resultou o exterminio ou dispersão de seus descendentes. O seu grito de guerra crê-se ter sido «*Garrr*

¹ «Garrett or Gerott, as the equivalent of the English Gerald, is a common christian name amongst the Kerry peasantry at the present day.»—*Notes and Querries: A medium of intercommunication, for literary men, general readers, &c.*, n.º 113, Saturday, July 1, 1876, pag. 10. (Resposta, ali impressa, ás perguntas do auctor das presentes memorias.)

² A, 1, 44. Intitula-se: *Initium incrementa et exitus familiae Geraldinorum Desmoniae comitum Palatinorum Kierriae in Hybernia, ac persecutionis haereticorum descriptio*, &c. &c. Per fratrem Dominicum de Rosario ODaly & Ulyssiponi ex officina Craesbeckiana, anno de 1655.—Foi traduzido em inglez, e publicado em Dublin, por James Duffy, com muitas notas, sob este titulo: *The Geraldines, Earls of Desmond, and the persecution of the Irish catholics*. Translated from the original latin, &c. &c. By the Rev. C. P. Meehan.—Traz no começo uma oitava em verso heroico ácerca dos Geraldinos, extrahida do *Spirit of the nation*, de T. Davis. Serve-lhe de prefacio uma carta do traductor ao editor, que consideramos curiosa. A pag. 211, dando noticias de pessoas e cousas portuguezas, escreve *Benfiqua* por *Bemfica*, *Del Buon Successo* por *Bom Successo*, etc., para não deixar de seguir o exemplo de quantos lá fóra se occupam de Portugal.—Frei Domingos do Rosario ODaly veiu para Portugal com D. Catharina, viuva de Carlos II de Inglaterra.

³ Liv. citado.

*Laidir Aboo!*¹» E as lendas de Limerick dizem que Gerott, Gerod ou Garrt, o primeiro e o mais bravo dos condes de Desmonia, vive ainda hoje encantado, no lago Gur, de onde são todos os sete annos, montado n'um cavallo com ferraduras de prata; e que depois de ter andado á roda da sua prisão aquatica, volta para o fundo d'ella, porque o encanto só pôde ser quebrado quando se gastarem as ferraduras².

Os historiadores inglezes e anglo-irlandezes tratam sempre o primeiro conde por Geraldo, declarando todavia que elle se assignava «Gerott Desmonia». D'aqui se corrompeu o nome para Garrt, e a final vulgarisou-se em Garrett³. Deve, porém, advertir-se que a descendencia em linha direita, do primeiro tronco, parece haver-se extinguido, e que apenas se conservou d'ella um ramo, talvez afastado, entre a nobreza da Irlanda, nos Garretts de Janeville, condado de Carlow⁴.

Na biographia do Garrett portuguez, publicada pelo *Universo pittoresco*, disse o biographado (que outro não foi o auctor d'esse curioso documento) que seu pae Antonio Bernardo da Silva descendia «de uma nobre familia irlandeza, que emigrára por motivos de religião para Hespanha e d'ali viera a Portugal no sequito da rainha D. Marianna, mulher de el-rei D. José». Effectivamente

¹ *Notes and Querries: A medium of intercommunication, for literary men, general readers, &c.*, n.º 131, July 1, 1876.

² *Ibidem*.

³ Em todas as classes da Inglaterra e da Irlanda se encontra hoje, com mais ou menos correcta orthographia.

⁴ *A Genealogical and heraldic dictionary of the landed gentry of Great Britain & Ireland*. By John Burke, Esq. and John Bernard Burke, Esq., supplementary vol., London, Henry Colburn, Publisher, Great Malborough Street, 1850.—Pelo artigo d'esse livro, a pag. 134, se vê que os Garretts modernos (é claro que só me refiro aqui aos de origem fidalga) se aparentaram com outras muitas familias distinctas da Inglaterra e da Irlanda.

uma senhora D. Antonia Margarida Garrett, que se dizia natural da freguezia de S. Martinho, da cidade de Madrid, e filha de Bernardo Garrett e de D. Angela Viznar¹, casou com José Ferreira da Silva, natural da freguezia de Santa Catharina de Monte Sinai, da cidade de Lisboa; e d'este consorcio nasceram Alexandre José da Silva, que foi bispo com o nome de D. Frei Alexandre da Sagrada Familia; Manuel Ignacio da Silva, arcebispo da sé de Angra; Ignacio da Silva, conego da mesma sé; e Antonio Bernardo da Silva, pae do nosso poeta. Mas ainda quando se provasse que D. Antonia fosse da nobre estirpe dos Garretts irlandezes², e que tivesse vindo no se-

¹ Certidão de baptismo de João Baptista de Almeida Garrett, extrahida de um dos livros da freguezia de Santo Ildefonso da cidade do Porto, a fl. 68 v.; arch. nac. da Torre do Tombo: Brancanes, *Entradas de noviços*, B, 46, 3, fl. 13; ibidem, *Profissão de noviços*, B, 46, 7, fl. 22; admissão ao habito e profissão de Alexandre José da Silva para frade do côro. Na *Resenha das familias titulares e grandes de Portugal*, por Albano da Silveira Pinto, Lisboa, 1877, pag. 46, lê-se Viccinaro por Viznar, e diz-se que o marido da senhora d'este appellido se chamava D. Bernardo (ou Fernando) Garrett, e era oriundo do Roussillon. E o nome de José Ferreira da Silva vem invertido no de José Ferreira de Sousa, dizendo-o natural do Fayal. Eu segui a certidão de baptismo e os documentos existentes na Torre do Tombo.

² Grandes foram as diligencias e trabalho com que durante muito tempo se procurou nos livros da freguezia de S. Martin, da cidade de Madrid, o nome de D. Antonia Margarida Garrett, que, na certidão de baptismo do poeta seu neto, se dizia ser d'ali natural. Não foi possível achar esse nome, nem nenhum outro com o appellido Garrett, desde 1600 até 1730. Por pedido do meu amigo o insigne escriptor e ex-ministro de Hespanha, ex.^{mo} sr. D. Antonio Romero Ortiz, assim o attestou oficialmente D. Francisco Criado, *Teniente Mayor de Cura*, da dita igreja parochial. Persuado-me que o baptismo d'aquella senhora deveria ter tido logar entre os annos de 1700 a 1720, porque seu primeiro filho, o bispo D. Alexandre da Sagrada Familia, nasceu em 1736 ou 1737. Mas, por descargo de consciencia, mandei fazer a busca, nos registos competentes, até

quito da princeza hespanhola, que casou com el-rei D. José, parece-me que não é pela linha feminina que se propaga a nobreza das familias.

O uso geral é ser o pae quem transmite aos filhos o ultimo appellido, adoptando-se o da mãe antes d'esse. Com os ascendentes do poeta dá-se, porém, a circumstancia, quasi singular, de que um unico dos filhos de D. Antonia Margarida Garrett adoptou o appellido d'esta, e isso mesmo foi quando era já bastante entrado em annos! Porventura não estaria a esse tempo sufficientemente provada a nobreza, que só muitos annos depois da morte d'ella se allegava?! Mas para que tudo aqui seja contra o costume mais seguido, os appellidos adoptados pelo pae de Antonio Bernardo da Silva não eram tambem os do avô, eram os da avó. Esta chamava-se Luiza Ferreira da Silva e aquelle José Fernandes Juste¹.

Para maior clareza, entroncarei aqui, até onde for possível, a arvore de geração. Por ella se vae ver que foram quasi sempre as mulheres que forneceram á heraldica d'esta familia a costella supposta fidalga. O que não quer dizer que se devam queixar os seus descendentes, embora se não siga entre nós o uso de certos povos que só admittem a authenticidade da nobreza pela mulher.

1730. E n'esse espaço «no se encuentra ninguna partida de bautismo que tenga el appellido Garrett», diz a certidão. Fica, pois, por esclarecer se D. Antonia Margarida Garrett foi baptisada em Madrid, na freguezia de S. Martinho. Dar-se-ia o caso que tambem seu pae, Bernardo Garrett, do qual se procurou o nome, igualmente debalde, em todo o seculo de 1600, não usasse d'aquelle appellido? Seria curioso se se demonstrasse. Ao illustre litterato e meu amigo, o sr. Romero Ortiz, agradeço reconhecidissimo o favor de me ter auxiliado nas longas indagações, com que tantas vezes o importunei, sem que jamais se esgotasse ou diminuísse sequer a sua affetuosa benevolencia.

¹ Arch. nac.: Brancanes, *Entradas e Profissão de noviços*, em Alexandre José da Silva, B, 46, 3, fl. 13; B, 46, 7, fl. 22.

João Leitão da Silva¹ era filho de Antonio Bernardo da Silva e de D. Anna Augusta de Almeida Leitão; neto paterno de José Ferreira da Silva² e de D. Antonia Margarida Garrett; neto materno de José Bento Leitão³ e de D. Maria do Nascimento e Almeida; bisneto paterno, por parte de seu avô, de José Fernandes Juste e de Luiza Ferreira da Silva; e por parte de sua avó, de Bernardo Garrett e de D. Angela Viznaro; bisneto materno, por parte de seu avô, de Domingos Gomes e de Marianna Josefa do Rosario; e por parte de sua avó, de José Fernandes de Almeida⁴ e de Maria Thereza de S. Boaventura⁵.

¹ Assim devia ser o nome e appellidos do poeta.

² Em vez dos appellidos do pae, adoptou os da mãe, que todavia não tinha dom.

³ Foi tambem buscar o appellido á avó Ignacia Leitão, que era, como vae ver-se mais abaixo, o menos aristocratico possivel.

⁴ Igualmente de sua avó Catharina de Almeida adoptou o ultimo appellido. Almeidas, Leitões e Silvas entraram nas armas dos Garretts, quando estes as requereram, em 1826. Por esta genealogia se vê com que fundamento.

⁵ Não permittindo o formato d'este livro dar outra disposição á arvore de geração, adoptou-se o systema da Biblia, por mais facil de compor. Do lado paterno, foi impossivel chegar mais longe com as indagações acerca dos ascendentes do nosso poeta. Pela linha materna prova-se mais que o bisavô Domingos Gomes era filho de Lourenço Francisco e de Francisca Gomes; e sua mulher, Marianna Josefa do Rosario, filha de Manuel Nunes e de Ignacia Leitão. O outro bisavô, José Fernandes de Almeida, era filho de Gabriel Fernandes e de Martha Luiz; neto paterno de Manuel Francisco e de Catharina de Almeida; e neto materno de Antonio Borges e de Jeronyma Luiz. E a mulher de José Fernandes de Almeida, Maria Thereza de S. Boaventura, era filha de José Pereira Pinto e de Joanna Pinto.

(Arch. nac.: *Habilitações da ordem de Christo*, maço 32, n.º 9; *Habilitações de familiares do santo-officio*, carta de 30 de dezembro de 1752; *Inquirições de testemunhas*, etc., etc.)

IV

Em vista d'essa genealogia, extrahida de documentos officiaes existentes na Torre do Tombo, vê-se, até onde ha memoria dos avoengos do poeta, que foram todos elles buscar á linha feminina os appellidos que lhes pareciam menos plebeus, e que inspiraram aos descendentes a idéa de os fazer passar por nobres. Era tendencia de familia. E não admira por isso que com estes exemplos caseiros, chegado aos dezenove annos, tambem o nosso auctor os imitasse, adoptando da avó o appellido de Garrett.

Foi só em 1818 que Antonio Bernardo da Silva e seus filhos começaram a usar d'esse appellido; e parece-me digno de notar-se que em 23 de abril do mesmo anno falleceu o bispo de Angra, irmão de Antonio Bernardo. Acaso o venerando velho, que se honrava com ser portuguez, e abominava as vaidades do mundo, teria sido até ali obstaculo, que impedisse, por sua gravidade, que a familia se dêsse aquelles ares de estrangeirismo aristocratico, embora vindo de sua mãe¹? Ou influiria tambem n'isso a morte de mr. Garrett de Janeville, occorrida em 17 de julho, no condado de Carlow²? Não foi possivel averiguá-lo até agora, nem, provavelmente, se averiguará nunca³.

¹ Ainda a 17 de abril de 1818, seis dias antes da morte do bispo, n'uma carta de confirmação e insinuação de doação, de el-rei D. João VI, se lêem os nomes de Antonio Bernardo da Silva (pae e filho, ambos do mesmo nome) sem o appellido Garrett. Veja no arch. nac.: *Chancellaria de D. João VI*, liv. 25, fl. 182 v.

² A *Genealogical and heraldic dictionary of the landed gentry of Great Britain & Ireland*, supplementary vol., pag. 134.

³ Basta, porém, provar-se que só depois d'esses factos Antonio Bernardo e seus filhos se assignaram Garrett.

V

Antonio Bernardo da Silva, nascido na villa da Horta, na ilha do Fayal, casou no Porto com D. Anna Augusta de Almeida Leitão. O pae d'esta senhora, José Bento Leitão, foi familiar do santo-officio¹. E consta, das certidões da habilitação para familiar e para a ordem de Christo, que nascêra a 2 de dezembro de 1727, na freguezia de S. João Baptista, de Villa do Conde. De pouca idade foi José Bento para a companhia de um tio, que tinha em Pernambuco. Depois de ter sido algum tempo caixeiro de Francisco Rodrigues Praça, tornou-se seu socio, e por fim estabeleceu-se por sua conta, em Santo Antonio do Recife. Em 1760 casou ali com Maria Francisca dos Anjos, filha do capitão Braz Ferreira Maciel (tambem familiar do santo-officio), e de D. Catharina Bernarda de Oliveira. Era já a este tempo deputado da companhia de Pernambuco e Parahiba, na qual tinha dez acções, e administrava o contrato da companhia dos vinhos do Porto²! Em 1766 o cirurgião do regimento da praça de Pernambuco, João de Oliveira, que tinha o habito de Christo, com vinte mil réis de tença, e faculdade para o renunciar, realisou a renúncia em José Bento Leitão, ao qual el-rei D. José fez mercê «de doze mil réis de tença effectivos em vida sómente para os lograr a titulo do habito³».

Tendo enviuvado, voltou para Portugal, e casou segunda vez, no Porto, com D. Maria do Nascimento e Almeida⁴.

¹ Por carta de 30 de dezembro de 1752. Arch. nac.: *Habilitações de familiares do santo-officio*, maço 68 de *Josés*, n.º 1033.

² Arch. nac.: *Habilitações de familiares do santo-officio*, maço 68 de *Josés*, n.º 1033.

³ Arch. nac.: *Chancellaria da ordem de Christo*, liv. 286, fl. 298.

⁴ As habilitações de ambas as mulheres estão juntas ás d'elle, nas dos familiares do santo-officio, na Torre do Tombo.

Os paes de José Bento eram de condição humilissima, como se prova pelas habilitações já citadas, e pelos depoimentos das testemunhas. Viveram pobre e miseravelmente, fallecendo Domingos Gomes antes que o filho chegasse a estar em circumstancias de poder valer-lhe. A mãe foi mais feliz, porque viveu assás para que elle a soccorresse e lhe mandasse tambem o mimo de uma escrava preta, para a servir em sua velhice¹.

D. Maria do Nascimento e Almeida, que nasceu a 11 de dezembro de 1751, na freguezia da Victoria, no Porto, tinha menos vinte e quatro annos que o marido. Seu pae, José Fernandes de Almeida, familiar do santo-officio, filho de gente humilde, como José Bento Leitão, fôra tambem «para os Brazis, com commissões, voltando ao Porto, onde casou, e possuia dez ou doze mil cruzados à data da inquirição²». A mulher d'elle, Maria Thereza de S. Boaventura, era igualmente de origem obscura e pobre, como se prova pelas suas habilitações, que se acham reunidas ás do marido.

Temos pois demonstrado, que Antonio Bernardo da Silva descendia, pelo lado paterno, de José Fernandes Juste, evidentemente homem do povo, e de Luiza Ferreira da Silva³. E pelo materno, de Bernardo Garrett e

¹ Arch. nac.: *Habilitações de familiares do santo-officio*. Uma das testemunhas acrescenta a circumstancia de que Domingos Gomes se embarcára para o Brazil, onde morrêra, e dizem todas quaes eram os humildes officios d'elle e da mulher.

² Arch. nac.: *Habilitações de familiares do santo-officio*. José Fernandes de Almeida, antes de ir para o Brazil, esteve no Porto aprendendo um officio.

³ Antonio Bernardo teve a mercê do habito de Christo; mas, sem dúvida em attenção a ser irmão e protegido do respeitavel bispo D. Frei Alexandre da Sagrada Familia, foi dispensado da habilitação competente. Por este motivo não se pôde levar mais longe a indagação ácerca dos seus ascendentes. Vê-se, porém, que tudo era simples mas honrada gente da plebe.

D. Angela Viznaro, da nobreza dos quaes não foi ainda possível averiguar¹. E que sua mulher, D. Anna Augusta de Almeida Leitão vinha, pelo lado paterno, de uns pobres artifices de Villa do Conde, que viviam do suor do seu rosto; e pelo materno, de gente não menos obscura,

¹ Diz-se n'uma biographia manuscripta, do bispo, que os Garretts se estabeleceram nos Açores, no tempo em que os reis de Hespanha dominaram em Portugal, e que «o illustre capitão Bernardo Garrett ali desposou uma distincta senhora». O auctor d'esse documento era, segundo se affirma, o prégador regio Frei José de Lima. Escreveu com pouca critica, e por vezes sem senso commum. O unico Bernardo Garrett, authenticado pela certidão de baptismo de seu bisneto, é o pae de D. Antonia Margarida; e esta só viria para Portugal perto de cem annos depois da dominação dos Filippes, se é verdade que veiu no sequito da mulher de el-rei D. José. A biographia do bispo foi, provavelmente, mandada forjar depois da morte d'elle. Mas parece que os parentes, ou quem quer que dava os apontamentos, sabiam tanto de Garretts como o fradesco auctor do panegyrico. Esse documento, que está em desacórdo com a biographia do poeta, no *Universo pittoresco*, foi-me dado por João Baptista, assim como o original d'esta, sem me fazer a menor observação a respeito d'essas differenças. Afigura-se-me que se a nobreza de sua avó e de seu bisavó podesse provar-se, elle não teria deixado de o fazer, embora com aquelle ar de suprema indifferença que tão bem sabia affectar por estas cousas.

Diz-me o illustre romancista Camillo Castello Branco, n'uma carta, «que os Garretts vieram de Irlanda para Portugal, foragidos á perseguição religiosa, em 1670, pouco mais ou menos; e que isto consta do livro de Frei Domingos ODaly», atraz citado. Confesso que não achei o factó n'esse livro, nem na traducção ingleza d'elle. E ou os não li bem, ou Camillo se equivocou, pelo ter lido muitos annos antes de me escrever. Como prova d'este natural esquecimento basta dizer-se que sendo o livro impresso em 1655 não podia trazer a noticia da vinda dos Garretts em 1670. O que, provavelmente, Camillo tinha em mente era dizer que o ultimo d'elles fôra para Hespanha, onde o rei o fez conde em obsequio do imperador da Allemanha; e assim mesmo a cousa está dita pelo frade de modo que mal se entende: «Ultimus, Garretus filius Joannes filii Thomæ Rufi, qui creatus fuit comes per Regem Hispaniorum, in obsequio Imperatoris in Germania superiori, obiit anno 1632», pag. 22.

que lavrava os proprios campos, ou se dedicava a outros officios mechanicos¹.

VI

Antes de passar adiante, sinto a necessidade de protestar aqui solemnemente que não tenho proposito de humilhar ninguem vivo, nem de offender a memoria de nenhum morto. O modo por que entendi dever tratar este assumpto, reclamava tão miudas quanto fastidiosas explicações. E outros viriam talvez depois de mim arrancá-las do pó dos archivos, com menos precauções ou maior crueldade para os que possam escandalisar-se agora com as minhas revelações. Não as faço pelo simples prazer de marear o brilho de uma familia, que se diz fidalga, aparentada com santos², e que se crê possuidora de uma quinta solarenga ha duzentos annos³.

Seria mais que inepecia dedicar-me eu, por espaço de tantos annos⁴, e com sacrificios de toda a especie, á indagação de factos, que apenas me servissem para beliscar o amor proprio ou a vaidade alheia. O meu fim é a verdade. E só por amor d'ella quiz provar que as maneiras distinctas e as delicadezas de fôrma, com que se exprime o pensamento, podem prescindir de ascendentes illustres⁵. Nos documentos, que cito, não ha nada que

¹ Torre do Tombo, doc. cit.

² «...tenho por sem duvida que remonta esta familia (Almeida) a uma grande antiguidade de nobreza, porque tambem tenho e sempre teve toda a mesma familia por certissimo que a ella pertenceu o glorioso S. Gonçalo de Amarante, o qual até pelas lições do seu officio se vê que era de nobre familia». *Carta* de A. J. da S. de A. G.

³ Outra *carta*, do mesmo.

⁴ Desde 1832, até agora, 1880.

⁵ Se assim não fosse, nunca se teria introduzido na antiga legislação militar patria aquella famosa disposição, que aconselhava

possa ferir nem de leve a honra da familia de que tratto e a qual sinceramente respeito. Achei provas evidentes da sua origem plebêa; não as achei de acto algum que possa infamá-la. Descender de gente humilde não é vergonha. Parece-me antes caso para desvanecimentos a demonstração de que Silvas, Leitões e Almeidas adquiriram, pelo trabalho, os meios de se illustrarem e de poderem aspirar ás distincções mundanas. Se obtidas estas, elles ou seus descendentes se ensoberbeceram e vangloriaram com ellas, attribuindo-as a direitos, que não tinham, é isso falta inoffensiva, commum á maioria do genero humano.

VII

Alexandre José da Silva, irmão mais velho de Antonio Bernardo, foi quem pela sua reputação de talentos e virtudes religiosas começou a dar lustre aos parentes, e os tirou por fim da obscuridade, e porventura da pobreza. Tendo tomado o habito de noviço, aos vinte e quatro annos, no seminario de Nossa Senhora dos Anjos de Brancanes, em 11 de junho de 1761, professou a 13 de junho do anno seguinte, para frade do côro do mesmo seminario, com o nome de Frei Alexandre da Sagrada Familia¹. Em 24 de outubro de 1781 foi eleito bispo de Malaca; e mandado, tres annos depois, para governador do bispado de Angola². A familia residia na villa da

a conveniencia de que os tenentes soubessem ler e escrever, para quando se dêsse a circumstancia dos capitães serem fidalgos!...

¹ Arch. nac.: Brancanes, *Entrada de noviços*, B, 46, 3, fl. 13; *Profissão de noviços*, B, 46, 7, fl. 22.

² Expediu-se a bulla em 21 de dezembro de 1782; foi sagrado em 24 de fevereiro de 1783, na igreja do convento da Santissima Trindade de Lisboa, pelo arcebispo de Lacedemonia, assistindo os bispos de Macau e de Goiazes. Arch. nac.: Brancanes, B, 46, 7, fl. 39.

Horta, na ilha do Fayal, onde nasceram todos os filhos de José Ferreira da Silva e de D. Antonia Margarida Garrett.

Logo que o bispo se achou em circumstancias de poder protegê-la, não regateou a sua influencia na côrte. O irmão Ignacio foi elevado a conego, Manuel a arcediago, ambos da sé de Angra, na ilha Terceira; e a Antonio Bernardo, que não seguia a carreira ecclesiastica, principiou a crear patrimonio que lhe permittisse o poder casar-se. Em 3 de junho de 1784, sendo já bispo eleito de Angola, e estando proximo a partir para aquelle reino¹, obteve para esse irmão a mercê de uma capella na ilha de S. Miguel², confirmada por carta de 16 de outubro do mesmo anno³. Passados tempos foi-lhe feita mercê de outra capella, na ilha Terceira, instituida por Paulo de Oliveira. E em 1793 já Antonio Bernardo pôde comprar a Antonio Peixoto de Miranda o officio de sellador da alfandega do Porto, de que este era proprietario e lhe foi permittido fazer a renúncia por carta regia de 27

¹ Arch. nac.: *Chancellaria de D. Maria I*, liv. 85, fl. 169 v.

² Instituida por Gonçalo Martins, e que estava então vaga.

³ Arch. nac.: *Chancellaria de D. Maria I*, liv. 85, fl. 184. Só em 26 de novembro de 1807 conseguiu o agraciado tomar posse de todos os bens pertencentes a esta capella, indo do Porto a S. Miguel para esse effeito. *Desembargo do paço*, côrte, maço 1988, n.º 36. (Capellas na ilha de S. Miguel, doc. n.º 9.) Como curiosidade e por se alludir a S. Gonçalo, direi que ha no mesmo maço, sob n.º 10, uma carta de posse, para a fazenda (por denúncia de D. Francisca Ignacia de Mesquita), da capella instituida pelo padre Gonçalo Correia de Sousa, conego da collegiada de Santarem, no testamento que fez em 31 de dezembro de 1624. Este padre encarrega os herdeiros de proseguirem na pretensão que elle tinha de canonisar a mãe, que se chamava Margarida de Chaves, e diz que sua magestade tinha concedido aos prelados do reino e a elle que se annexasse aos requerimentos para a canonisação de S. Gonçalo de Amarante e de S. Pedro Gonçalves Telmo o da mencionada sua mãe. É documento muito curioso o testamento do padre Gonçalo.

de setembro do dito anno. Em 9 de julho seguinte se lhe passou carta de propriedade vitalicia ¹.

No archivo nacional encontram-se numerosas provas da paternal protecção com que o bom velho, até seus ultimos momentos, amparou e distinguiu a familia de seu irmão Antonio: já collocando este em condições de poder casar-se, já creando patrimonios aos sobrinhos para que podessem seguir livremente as suas inclinações no estudo ², já obtendo-lhes beneficios ecclesiasticos e dirigindo-lhes a educação, em tudo foi o anjo bom dos seus; e justas e bem merecidas foram as lagrimas com que agradecidos lhe honraram a memoria.

VIII

No penultimo anno do seculo xviii vivia Antonio Bernardo da Silva no Porto, casado com a filha de José Bento Leitão, exercendo o seu emprego de sellador da alfandega, e gosando, a par da consideração e estima públicas, de modesta abastança.

Sabe-se que elle foi sempre isento de vaidades, e que nunca aspirou a outras distincções que não fosse a justa consideração a que tem direito os caracteres honestos e austeros. Tinha no irmão bispo digno exemplo e modelo, e empenhava-se por imital-o ³. Mas parece que nem todas as pessoas da familia pensavam do mesmo modo. Enten-

¹ Arch. nac.: *Chancellaria de D. Maria I*, liv. 47, fl. 91 v.

² Arch. nac.: *Desembargo do paço*, côrte, maço 105, n.º 31, fl. 2 v.; *Chancellaria de D. João VI*, liv. 25, fl. 182 v., etc., etc.

³ D. Frei Alexandre era tão modesto, que, segundo se afirma, foi forçado pela obediencia que acceitou o episcopado. Apesar d'isso, as virtudes que possuia chamaram sobre a sua cabeça respeitavel as mitras de Angola, Malaca e Angra, que todas recusou emquanto rasoavelmente pôde fazel-o sem quebra do respeito que devia á corôa.

diam que quem tinha um irmão bispo, outro arceidiago e outro conego, o sogro negociante distincto, e o cunhado, João Carlos Leitão, a estudar em Coimbra, não podia eximir-se a um dos mais invejaveis adornos do tempo, e obrigaram-n'o a requerer o habito de Christo ¹.

Nasciam, provavelmente, com o augmento dos bens de fortuna, os estimulos para romper com a modestia da origem. A mais ridicula das fraquezas humanas, a vaidade, tornava alguns dos parentes credulos e confiados na sua illustre prosapia, a ponto de a transmittirem a descendentes, que a receberam e acreditaram tambem de boa fé ².

Ah! como elles se desvaneceriam, com bem justificado motivo, se podessem adivinhar que no nascimento de um menino ia começar a sua verdadeira nobreza e o esplendor immorredouro da familia!

¹ Que progresso desde então até aos nossos dias! Qual é o degenerado caixeiro que se contenta hoje só com uma commenda?!

² Um d'estes ultimos escrevia, muitos annos depois, « que no estado em que se achava a sua familia, não parecia muito honroso pôr um filho a letrado ». E affirmava que já outro parente dissera em rapaz: « Não me formou minha mãe para ser letrado ». E n'outra parte, dirigindo-se ao visconde de Almeida Garrett: « . . . Bem desejava eu que, pois és hoje grande do reino, buscasses arranjar titulos e documentos em que se visse que as familias de que descendes. . . não são nenhuma familias de miseraveis tendeiros e bacalhoeiros. . . de que toda a gente se ri, ainda mais por se chamarem barões, viscondes e condes. . . se quizeres mandar fazer arvore de geração, ou cousa que o valha, como creio que debes querer para não entreres no rol dos taes barões sapateiros e barqueiros. . . ».

Já se viu mais candida e ingenua credulidade?! Que cruel desapontamento seria o d'este illudido, se, recorrendo aos documentos existentes no archivo nacional, reconhecesse que todos n'este mundo descendemos mais ou menos de sapateiros ou de padeiras?! O grande poeta, que tão soberanamente sabia ostentar desdens, que não tinha, pelas distincções aristocraticas, teve o bom senso de não querer a arvore genealogica, se é que não estacou, aterrado, ante a profissão do bisavô materno.

II

Nascimento do poeta. — Casa de residencia. — Homenagem da municipalidade portuense. — Baptismo. — Nome e appellidos. — D. Anna Augnsta de Almeida Leitão. — Antonio Bernardo da Silva. — Primeiras lições da mãe e do pae. — Idéas religiosas. — Influencia da educação e do temperamento. — Resolve-se que será padre. — Mudança para o campo. — Quintas do Castello e do Sardão. — A tia Brigida. — Contos de bruxas e de almas do outro mundo. — Tendencias das creanças e do povo para o maravilhoso. — Poesia popular. — A mulata Rosa de Lima. — Impressões indeleveis, que produzem o *Romanceiro*. — S. Miguel das Aves e Villa do Conde. — A avó. — O beneficiado da sé do Porto. — Formação do gosto pelas tradições poeticas. — Logares e festas memoraveis. — Napoleão. — Opiniões. — A invasão franceza. — Partida para Lisboa, e para os Açores.

I

O homem que se chamou João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett e foi o mais nacional de todos os poetas portuguezes, depois de Camões, nasceu na cidade do Porto a 4 de fevereiro de 1799¹. A casa onde teve logar tão glorioso successo está situada na rua do Calvario e tem hoje os numeros 37, 39 e 41². É o seti-

¹ A certidão do baptismo, mandada tirar por Alexandre Garrett, a pedido do auctor d'estes apontamentos, foi a mesma que, em 1854, o fallecido D. Pedro do Rio facilitou a diversos escriptores, e, notoriamente, a Innocencio Francisco da Silva para o *Diccionario bibliographico*. No citado *Diccionario* vem errada a data do fallecimento de Garrett, como algumas outras, que opportunamente se indicarão.

² Ignora-se que numeração tinha ao tempo em que nasceu o poeta. Os ultimos numeros de que ha memoria, antes dos actuaes, eram 18, 19 e 20. Todos os dados de que me sirvo, ácerca d'este predio, são officiaes e devidos ao favor do fallecido Francisco Pinto

mo predio, á direita, descendo do passeio publico da Cordoaria. Tem tres janellas de frente, tres andares e uma agua-furtada. As janellas do primeiro andar são de peitoril; as dos outros dois de sacada, com varandas de ferro ¹. No primeiro andar reside hoje ² D. Maria Camilla Correia, e no segundo D. Felicidade Augusta ³.

Segundo a inscripção no livro da contribuição predial, a propriedade pertence á sr.^a D. Joaquina Josepha de Mello.

No anno de 1864 tapou-se a pedra e cal a janella do centro, no primeiro andar, e a camara municipal do Porto collocou ali uma lapida commemorativa do nasci-

Bessa, presidente da camara municipal do Porto, que m'os communicou em officio de 7 de setembro de 1875, em resposta a outro meu pedindo-os.

¹ Apesar de me terem sido dados todos estes esclarecimentos pela camara municipal do Porto, fui expressamente ali, por diferentes vezes, estudar a casa, sendo as minhas ultimas notas verificadas no dia 14 de julho de 1879. Achei o edificio muito mal tratado, sujo e velho, como convem a tudo que recorde glorias portuguezas. No rez do chão tem duas portas e uma janella. As portas são largas, altas, e deitam para um pequeno vestibulo lageado, com outras duas ao fundo, correspondendo ás da rua, e uma á esquerda. A que fica em frente da que tem o n.º 37, dá para o corredor, ao fim do qual é a escada, á esquerda, entrando. Na porta do corredor ha algum trabalho de talha, roto, de simples mas soffrivel desenho; e essa é, como as outras, de pau do Brazil. Pelo estado em que se acham e pela qualidade da madeira, penso que serão ainda as mesmas do tempo em que nasceu o poeta. Por baixo do n.º 41 fica a janella. Os tectos são estucados. Mas vi tudo tão velho e nojento, que sai de lá profundamente desgostoso. Não poderia a camara municipal do Porto, que poz ali a inscripção, votar, por honra sua, alguns tostões para que todos os annos se limpe aquella casa, que devia ser considerada monumento de saudade portugueza?...

² Em setembro de 1875.

³ Felicidade Augusta! Se ha felicidade augusta, perdõem o calimburgo, é residir na casa em que viu a luz tão peregrino enge-
nho.

mento do poeta. Infelizmente, na secretaria do municipio da cidade invicta «ignora-se o dia preciso da sua collocação»¹, por isso não posso eu dizê-lo.

A inscripção reza assim:

CASA ONDE NASCEU

AOS 4 DE FEVEREIRO DO ANNO DE 1799

JOÃO BAPTISTA DA SILVA LEITÃO DE ALMEIDA GARRETT

MANDOU GRAVAR EM RECORDAÇÃO DO GRANDE POETA

A CAMARA MUNICIPAL D'ESTA CIDADE EM 1864

Foi quanto deu, bem espremido, o sentimento da edibilidade portuense! A seccura da inscripção orça pelo cuidado que houve em registrar o dia em que se poz a pedra. Aquelles bons patriotas, descendentes em linha recta dos que guerrearão sempre a eleição do poeta pela cidade eterna², fizeram só o strictamente necessario para não passarem por esquecidos, escrevendo «em recordação do grande poeta» como poderiam ter posto «em memoria de João Fernandes».

A planta que tenho á vista, para descrever a lapida, é a mesma que existia no archivo municipal do Porto. Foi dada, por inutil e desnecessaria (!), a um meu amigo,

¹ São palavras textuaes do documento official que me foi fornecido. Parece que não houve auto, nem se lavrou termo nenhum dos que é de uso fazer em taes actos; aliás, não se daria tão deploravel ignorancia. Provavelmente, foi lá o mestre das obras da camara, com dois ou tres pedreiros, reduziu-se toda a solitudine a collocar a pedra, de modo que não caisse sobre os transeuntes, e ficou paga a divida da cidade ao mais illustre de seus filhos! Ingrato Porto! Assim retribues a quem te redigiu o famoso decreto da Torre e Espada e te immortalisou com o seu nascimento! Nem sequer o fizeste nunca deputado, porque se oppunha a isso o ciume invejoso das tuas nullidades! Parece que ainda depois de morto te péza mostrar que o admiras e respeitas!...

² Veja adiante este assumpto.

que teve a bondade de offerecer-m'a¹. Evidentemente, seria demasiado luxo guardar no archivo o desenho da pedra, que todos podiam ir examinar quando quizessem á rua do Calvario. É ella de marmore, tendo a fórma elliptica, e em volta um friso, em relevo, servindo-lhe de moldura. Remata com uma lyra, d'onde pendem ramos de louro, que descem até ao meio da lapida.

Nas trazeiras da casa, que dão para o lado do passeio da rua das Virtudes, ha outro predio, de um só andar, que pertence a José Leite de Sousa e Mello, e tem d'esse lado os numeros 19 e 20. No começo d'este seculo, aquelle em que morava a familia Silva tinha tambem serventia para a rua das Virtudes².

É justiça registrar aqui o nome do cidadão benemerito que generosamente sacrificou para sempre³ uma janella da fachada principal da sua propriedade, para que ali se prestasse homenagem de publica admiração á memoria do immortal poeta. José Vicente de Castro Sousa e Mello⁴ se chamava o proprietario que deu a licença.

¹ O sr. Antonio Moutinho de Sousa, a quem agradeço este e todos os mais auxilios que me prestou, com insigne paciencia, nas diversas indagações que precisei fazer no Porto, para levar ao cabo os meus estudos.

² Agora (1879) apenas tem uma trapeira d'esse lado. No dia 14 de julho d'este anno, lá andei a certificar-me, por um sol de rachar penedos, auxiliado por diversas mulheres velhas e dois sapateiros da rua das Virtudes.

³ Mediante certas condições, que todavia não excluem a gratidão de quantos prezam a gloria de Garrett.

⁴ Filho do visconde de Veiros, João de Mello e Sousa da Cunha Sotto Maior, e de sua mulher D. Maria Rita Leite de Sousa Freire de Saldanha e Noronha, segunda viscondessa d'esse titulo. Era o visconde o quinto senhor do prazo de Santo Antonio das Aguas Ferreas na cidade do Porto e commendador da ordem de Christo.

II

Nenhuma circumstancia extraordinaria, nenhum prodigio, dos que, segundo é fama, teem por vezes denunciado o genio no berço, presidiu ao nascimento d'este filho de Antonio Bernardo. Bocage, que vivia ainda em todo o esplendor de seu grande talento, e Francisco Manuel do Nascimento, cuja morte o recém-nascido devia commemorar vinte annos depois, não tiveram sequer o vago presentimento de que um successor, maior do que elles, acabava de entrar no mundo, para levantar com mais lustre e gloria o sceptro da poesia, quando ambos o deixassem cair á beira das sepulturas. Aquelle que mais tarde havia de vingar a memoria de Camões da ingratição dos reis e dos povos, entrou na vida com a vulgaridade que a natureza se compraz de usar em taes actos.

No dia 10 do mesmo mez e anno foi solemnemente baptisado o menino, com o nome de João, na igreja de Santo Ildefonso, pelo conego da sé do Porto, Thomás de Aquino de Lima e Almeida, parente de sua mãe, em presença do abbade da freguezia (João de Castro Sampaio?), do coadjutor Joaquim José d'Assumpção, e do padre João de Sousa. Foi seu padrinho João Baptista da Silva, assistindo ao acto, como procurador, o provisor do bispado do Porto, dr. Manuel Lopes Loureiro; e madrinha D. Antonia Margarida Garrett, sua avó, que para esse fim deu procuração a João Pereira Leitão¹.

Como se vê da arvore de geração, o nome e appellidos

¹ Certidão authentica, passada em 27 de dezembro de 1854, por Antonio Joaquim Teixeira Caneca, escrivão do juizo ecclesiastico e do cartorio dos livros findos do bispado do Porto, extrahida de um dos livros da freguezia de Santo Ildefonso, fl. 68 v.

do futuro poeta deveriam ser João Leitão da Silva. Mas não lhe soando bem, compostos d'esse modo, quando chegou á idade de usál-os, foi buscar ao padrinho o sobrenome de Baptista, e, invertendo a ordem dos dois ultimos, assignou-se até aos dezenove annos, João Baptista da Silva Leitão.

III

N'aquelles tempos, que hoje chamâmos de atrazo e de ignorancia, ainda as mães que habitavam nas cidades não haviam attingido o periodo escrofuloso em que as tem posto hoje a poeira das ruas, a má qualidade dos alimentos, as canalisações mephiticas, e outras causas sabidas de decadencia mortal, que geram tuberculos nas creanças antes de saírem do ventre materno, e fazem com que, segundo a feliz expressão do fallecido dr. Barral, «até as burras precisem de leite de burra!»

As virtuosas matronas do começo d'este seculo podiam, em geral, dar de mamar aos filhos, com a certeza de não lhes transmittirem leite envenenado; bem ao contrario das de agora, que quasi todas teem, mais ou menos, a cruel e dolorosa consciencia de que alimentam uma geração de tísicos! O *Emilio*, de João Jacques Rousseau, tornára moda em toda a Europa o que nunca devêra ter deixado de ser o acto mais natural da mulher, o coçtume de crear o filho com o proprio leite, em vez de o confiar ao cuidado das amas mercenarias.

Tomava-se então como prova de distincta e suprema elegancia pôr o menino aos peitos diante de toda a gente; levál-o na sege até ás portas das salas de baile, e saír de vez em quando, ostentosamente, para lhe ir dar mama! A mulher joven quasi que aspirava a casar-se, unicamente pelo desejo de apparecer de creança ao collo!

Póde dizer-se, sem receio de exagerar, que n'esses felizes tempos as mães chegaram quasi a querer tanto aos filhos pequeninos como querem nos nossos dias aos *King Charles*; e que faziam tanta gala de os trazer comsigo nas carruagens e de os abraçar e beijar em publico, como agora fazem em trocál-os por aquelles atrophiados e anti-pathicos cãesinhos!

Foram os dias aureos das creanças de mama.

IV

Na sociedade e na familia portugueza nunca se tinha perdido inteiramente o uso da mãe amamentar seu filho; por isso a apparição do *Emilio*, com quanto influisse um pouco em certa classe, mal se fez sentir na da burguezia. D. Anna Augusta de Almeida Leitão, mulher de Antonio Bernardo, recebêra educação esmerada, mas tendente a conservar e não a destruir as tradições, costumes e virtudes patriarchaes, que sua mãe e seu pae lhe ensinaram ser a melhor base da felicidade domestica. Tinham-lhe cultivado a intelligencia, sem lh'a estragar, como se usa hoje fazer nos collegios, pelos mais absurdos e ineptos systemas, calumniosamente alcunhados de germanicos. Em vez de lh'os extinguir, por meio de perniciosos exemplos e com falsa e viciosa instrucção, vivificaram-lhe os sentimentos da familia, o amor á gente e ás cousas da sua terra, o apêgo a tudo quanto era legitimamente bom e portuguez. Como se porventura se tivesse previsto que ella havia de ser mãe do exhumador de nossas mais poeticas tradições, do cantor que arrancaria redivivas do sepulchro as crenças nacionaes, com as memorias gloriosas de Camões, levantando-lhes monumento condigno: como se isto fosse possivel calcular-se, toda a educação dada á joven senhora foi maravi-

lhosamente adequada para guiar os primeiros estudos e dar direcção ao espirito infantil de João Baptista, antes que o pae o entregasse aos mestres.

Mãe de cinco filhos ¹, a todos creou com o proprio leite, não lhe impedindo a solida instrucção que recebêra dar-lhes a beber com elle o exemplo de todas as virtudes domesticas ². Não aspirou nunca a brilhar diante de ninguem; amou e respeitou sempre o marido; e até á morte conservou os gostos simples e singelos com que tinha nascido. Teve, talvez, por João, que nasceu franzino e delicado, certa predilecção, que todavia não revelava diante dos outros, em consequencia de exigir a fraqueza d'este mais assiduos cuidados. E foi elle tambem o que mais se apropriou, com o primeiro alimento, das qualidades, do coração, e, por melhor dizer, da alma de quem lh'o transmittia.

Não se sabe por que mysteriosas evoluções se reproduzem ou deixam de reproduzir-se as feições physicas dos paes ou das mães nos rostos dos filhos; mas é factó digno de notar-se que tambem as feições moraes se transmittem com frequencia, pelos mesmos incognitos processos. Durante longos annos foi João Baptista notavel exemplo d'esta verdade. Temperamento impressionavel, gostos, sympathias e antipathias, instincto artistico, sentimento do bello, sensibilidade, crenças religiosas, espirito de ordem, e até as pequenas vaidades communs á natureza feminina, tudo isso lhe entrou com o leite no primeiro sangue. Tudo passou da mãe ao filho tão pronun-

¹ Alexandre, João Baptista, Antonio Bernardo, Joaquim Antonio e D. Maria Amalia.

² As mulheres da burguezia não tinham ainda, como muitas da classe nobre, o receio de que a amamentação dos filhos lhes tornasse a ellas menos duradoura a formosura. Depois corrigiram-se; e a atmosphera pestilencial das cidades portuguezas acabou de as impossibilitar de serem mães... a serio.

ciadamente que muitas vezes pareceram defeitos n'este o que n'aquella eram qualidades! E até ao fim da vida, ainda quando as exigencias de uma sociedade frivola e convencional o obrigavam a transformar-se momentaneamente, sempre transpareciam através da mascara as suas tendencias de ingenua singeleza, bebidas nos seios, nos labios e na alma materna.

V

Antonio Bernardo da Silva, nascido n'uma ilha, diante do spectaculo permanente do oceano, que torna o espirito do homem reflexivo logo que sáe da infancia, tendo visto seus tres irmãos consagrarem-se á igreja, e sentindo-se porventura eivado do espirito da revolução franceza, que espalhára por todo o mundo de então as novas idéas de liberdade, tornára-se, ou seria já de seu natural, de character severo e rigido. Querendo moldar por si os filhos, não raro precisavam estes da intervenção da mãe, que temperava com suave expressão de doçura as durezas da auctoridade paterna.

Como era natural, e sempre acontece, as creanças tomavam por excessivo rigor de um lado o que só era desejo de as educar honradamente; e por justiça, do outro, o que não passava da natural expressão da sciencia materna, que quasi toda se professa com sorrisos e beijos, quando não é tambem com lagrimas. D'estas differenças resultava que os filhos tinham tanto respeito pelo pae, como apaixonado entusiasmo pela mãe. A esta abriam expansivamente as almas infantis, onde mais facilmente se imprimia a lição que se dava sorrindo do que aquella que grave e austeramente lhes era imposta.

Nos numerosos casos, tão importantes para as crean-

ças, em que se quebram ou perdem os brinquedos, motivando lagrimas, que nos fariam rir, se não reflectissemos que ellas são o primeiro fructo que colhemos na arvore da vida; n'essas occasiões solemnes era a mãe, e não o pae, a quem os pequenitos procuravam. D. Anna tomava ares muito serios, para não escandalisar tamanhas magoas com risos que as redobrassem; e elles expunham as queixas, primeiro com grande chôro, esfregando os olhos, na attitude de quem não pede, mas espera que o consolem. Depois, animados pela promessa de se reparar o damno, substituir o objecto, ou pela perspectiva de qualquer goloseima predilecta, trepavam pela mãe, caramunhando sempre, ou já sorrindo e ainda com os olhos cheios de lagrimas, que ella lhes enxugava com beijos! . . .

João, segundo me affirmou um parente proximo, dava com maior energia essas demonstrações de regosijo ou de sentimento. Estava ainda longe de revelar as altas virtudes de generosidade e tolerancia, que depois manifestou até á morte: exigia despoticamente os brinquedos alheios, quebrando-os, e carpindo-se depois, como se outros fossem os auctores do mal que elle fazia! Era o primeiro em subir para o collo materno, quando os irmãos choravam; e berrava mais alto do que todos, se lhe davam menos attenção do que a elles. D. Anna atemorizava-se então com a idéa de que se descobrisse a preferencia que parecia ter por este filho, e se attribuissem a mimo que lhe dava as exagerações naturaes da creança. Sentava-o nos joelhos e explicava-lhe, por entre os risos mal disfarçados, seus, e dos que assistiam á lição, que elle não tinha mais direito á sua ternura do que os irmãos e irmã; que algumas vezes merecia maior cuidado, unicamente por ser mais debil; mas que em tudo devia ser igual aos outros meninos, parentes ou estranhos, ricos ou pobres; e que não fosse teimoso, nem se

mostrasse exigente e absoluto, porque, n'este caso, toda a gente o desprezaria.

O pequenito ouvia-a sem pestanejar, com os seus bellos olhos muito abertos e fixos nos d'ella, serio, penetrante, intelligente e reflexivo, como quem comprehendia o alcance das meigas advertencias¹.

À medida que ia crescendo o discipulo, tambem as lições se desenvolviam, tendentes sempre a formar-lhe o coração com as primeiras noções do bello, do justo e do verdadeiro. Assim se costumou elle, desde a mais tenra idade, a estudar com gosto. Aquelles rudimentos de politica social, entremeados de caricias e sorrisos, nunca mais se lhe apagaram da memoria; e muitas vezes a recordação d'elles, assaltando-o nas mais attribuladas horas da existencia, lhe humedecia os olhos.

Havia occasiões, n'essas deliciosas palestras, em que o rosto da preceptora assumia maior gravidade. João, quando dava pela mudança, assustava-se, temendo que a mãe fosse ralhar com elle. Apenas, porém, comprehendia que era a mudança do assumpto das lições que dava diversa expressão á physionomia materna, tranquilisava-se logo. N'esses momentos o quadro era digno, pela sua tocante simplicidade e pela graça angelica das figuras, de ser reproduzido pelos pinceis de Raphael ou de Guido.

O menino aprendia a conhecer e a amar o Pae do Céu. E deviam ser divinos os segredos que teve aquella mãe ditosa, explicando-lhe quem era o Deus que chamou a si os pequeninos. Revelou-lh'o tão bom, tão generoso, tão cheio de misericordia; gravou-lh'o tão profunda e vivamente no coração e na memoria, que nem a perfidia, nem os odios, nem as paixões ruins, nem todo o fel dos

¹ Todos estes estudos foram colhidos das suas próprias recordações, ou de apontamentos dados por seu irmão Alexandre.

desenganos, que lhe lavou a alma, conseguiram jamais arrancar-lh'o d'ella! Tinha ainda viva em si a redemptora imagem, quando, cincoenta annos depois, o seu espirito immortal se desprendia da materia vil e terrena, que não conseguira macular-lhe as azas candidas!

VI

Qualquer que seja o meio social em que se abram os olhos á luz da existencia, nunca mais se esquecem as primeiras lições maternas. A educação do pae não fica de certo menos viva e accentuada que a da mãe. A d'esta porém predomina, sobretudo em cousas de coração, em assumptos de arte e gosto, porque é toda íntima e especial; a d'aquelle é mais geral e mais ampla: ensinamos a ter vontade, resolução, energia; abre-nos os caminhos da vida honrada, traçando-nos a linha que devemos seguir sob os eternos principios da verdade e da justiça. A mãe corrige e suavisa com caricias, e com o culto das mais ternas virtudes femininas, a rigidez e dureza do ensino paterno. A mãe, que o sabe ser, deixa desde logo perfeita e acabada a educação do filho, pelo lado até onde deve estender-se a sua influencia benefica. Depois d'ella, nenhuma outra mulher nos pôde ensinar nem servir de modelo. As suas lições entram-nos no peito, em jôrros de amor e de luz que se apropriam da nossa alma.

Todo o homem será bom ou mau, terá ou não terá gosto, sentimento, enthusiasmo e sensibilidade, segundo a mãe que tiver tido e as circumstancias em que ella se achou para o crear e educá-lo.

Mães, que tendes saude, tempo e bens de fortuna, de vós depende que os vossos filhos sejam felizes ou desgraçados. Tudo está nas primeiras lições, nas que se dão com o leite e logo depois d'elle. Meditae n'isto.

VII

A influencia exercida no coração e nos gostos de João Baptista, pelo primeiro ensino que recebeu da mãe, e pelo amavel systema com que esta o creára, dominou-o toda a vida; em todas as suas obras transparece, mais ou menos, um reflexo d'ella. Foi ao suave calor dos mais ternos affectos que se formou e desenvolveu a alma do menino; por isso o amor se tornou depois o elemento principal da sua existencia de homem.

D. Anna, metade por instincto feminino, metade por ternura e por orgulho materno, adivinhou, primeiro que ninguem, que d'aquella cabecinha loura surgiriam um dia pensamentos sublimes; que aquelles olhos meigos veriam através dos seculos o passado e o porvir; que d'aquella bôca, pequenina e vermelha agora, como botão de rosa entre-aberto, sairiam palavras de tão poderosa eloquencia, que revolveriam as paixões humanas e fariam rugir multidões de homens, do mesmo modo que os ventos furiosos revolvem os abysmos do oceano e fazem bramar as ondas embravecidas.

Debruçada sobre o berço do filho adormecido, no rosto angelico do qual se desenhava, como flor do céu, o ideal da innocencia, interrogava o porvir, semelhante á pythonissa antiga, e parecia ter a vaga intuição dos altos destinos d'esse menino. Vendo-o crescer mais em intelligencia do que em corpo, affligia-se, como o jardineiro que vê a planta rara e melindrosa desfazer-se em flores no periodo de desenvolvimento.

O pae, menos poeta, se bem que não menos desvanecido com os talentos precoces da creança, achava natural a vivacidade em quem tinha um tio bispo, que lhe serviria de modelo e de guia; e, dando nova direcção aos pensamentos da mulher, despertava-lhe a vaidade

materna, fazendo-lhe antegostar a gloria de ver tambem algum dia o filho, de mitra e báculo, dando o annel a beijar aos parentes deslumbrados. Que idéa para encher de jubilos o coração de tal mãe! Ter dado o ser a um principe da igreja! Creál-o, preparando-o desde o berço para o seu augusto ministerio, e, á ultima hora, vê-lo ao pé de si, abrindo as portas do céu a quem lhe abríra as da vida!

VIII

João tinha quatro annos incompletos ao tempo em que os seus talentos infantis, extremando-o e distanciando-o muito do irmão mais velho, chamaram a attenção da familia e inspiraram ao pae a idéa de o destinar opportunamente á vida ecclesiastica. O bispo D. Frei Alexandre não era estranho a este projecto, como se verá mais tarde. Muitos dos parentes de D. Anna se tinham consagrado á igreja, assim como os de Antonio Bernardo. A familia dera conegos ás sés do Porto, Lisboa e Angra; mas o ideal do pae e da mãe de João era o bispo, não só porque este chegára a empunhar o báculo, mas, principalmente, pelo seu grande saber e nobres qualidades, que o tornavam bemquisto e respeitado até pelas pessoas reaes.

Desde que se decidiu que o menino seria votado ao sacerdocio, mais se afervorou o zêlo materno em lançar-lhe no coração e no espirito a semente do amor e da virtude. Se os padres fossem educados e dirigidos pelas mães, até ao momento de entrarem no exercicio do seu ministerio, raro se veria o que tão a miude acontece: o proprio pastor querendo devorar o rebanho, e contribuindo para se lhe desgarrarem as ovelhas.

A mulher, que n'este seculo é considerada educadora por excellencia, está ainda longe de comprehender todo

o alcance da sua missão. Quando ella, ao contrario do que hoje faz, sacrificar aos filhos os bailes e os espectaculos; quando se compenetrar melhor de todos os deveres e de todos os direitos da esposa e da mãe, e não declinar a responsabilidade de uns nem de outros, o homem tornar-se-ha immensamente melhor e a virtude não irá refugiar-se nas aguas-furtadas, se porventura ainda ali se esconde.

A mulher de Antonio Bernardo era excepção notavel ás mães, que, para não se incommodarem, deixam aos cuidados de estranhos o primeiro periodo da existencia dos filhos. Apesar de ter em casa servas antigas e dedicadas, não os perdia nunca de vista, por saber que nada é tão propicio á infancia como o calor materno. Assim foi que com o seu halito amovel transmittiu a João Baptista toda a poesia e toda a paixão que tinha na imaginação e no sangue. E como a natureza do menino era em tudo igual á sua, ficou este com todas as qualidades, e tambem com todos os defeitos das almas entusiastas e dos corações sensiveis.

Cedo conheceu o pae, e fez notar á mãe, a conveniencia de modificar, quanto fosse possivel, o temperamento ardente da creança. A familia possuia uma pequena quinta, ao sul do Douro, que se chamava do Castello, e se diz que tirava este nome das ruinas que ali jazem do castello mourisco de el-rei Alboazar¹. Antonio Bernardo pa-

¹ No rarissimo e curioso romance de João Vaz, lê-se Almançor. D. Bernarda Ferreira de Lacerda, na *Hespanha libertada*, chama-lhe Alboazar Iben Albucadan.

A casa e quinta citadas pertencem hoje (1879) a um cavalheiro inglez. A casa foi já por mais de uma vez transformada. Uma rua separa-a, do lado do norte, do cume do monte, onde era edificado o castello. A quinta está quasi toda posta de pomar. Conserva, porém, algumas camelias colossaes, que devem ser da infancia do poeta. As bombas e granadas do tempo do cerco arrazaram a maioria

ra ali transferiu a sua residencia na primavera de 1804, a rogo de sua mulher, que desejava robustecer o organismo dos filhos com ares mais salubres que os da cidade. João, o mais necessitado d'esta mudança, pela sua compleição delicada, levava já feitos os cinco annos. Para elle não havia então maior divertimento do que ir de passeio a essa quinta, nos dias em que seu pae ali o levava em premio de ter dado boas lições. Imagine-se a sua alegria vendo-se installado no Castello!

IX

Tambem era ao sul do Douro, indo pela estrada de Villar de Andorinha, a quinta do Sardão, fundada por seu

dos seus arvoredos. Ainda lá se encontram muitos fragmentos d'ellas, amontoados como enfeite. Do muro que olha para o nordeste, avista-se parte da cidade. O rio, curvando-se graciosamente em fórma de S, desaparece em frente do seminario velho. Nos primeiros planos, o quadro é monotono: compõe-se dos telhados de Villa Nova, saído de entre as ramas dos carvalhos e castanheiros, coroados de folhas de parra. Mas nos segundos e terceiros planos, é formosissimo o panorama. Além do Douro, vê-se a nova avenida, por onde os carros americanos passam para a rua dos Inglezes; a Ribeira; a igreja velha de S. Francisco, riquissima de ornamentação, um tanto fradesca; o convento dos Grillos, onde Garrett começou o *Arco de Sant'Anna*; a sé, paço do bispo, e novo seminario; á direita, a Serra do Pilar; ao centro, o rio, cheio de embarcações; a ponte pensil, e a ponte de D. Maria Pia, que é monumental; e, como fundo, as serras de Vallongo e da Garalheira, rematando a variadissima paizagem.

Por cima da porta que se encontra no muro, antes de chegar á casa, está um castello de pedra, em alto relevo, de mediocre lavor, que terá seus tres palmos de altura. Primitivamente estava este castello na porta que dava immediatamente entrada para a casa. A estrada que ali conduz é tão estreita, e a espaços entre muros tão altos, que mal cabe uma carruagem e quasi falta a respiração a quem vae n'ella!

avô José Bento¹. E ali residiam sua avó D. Maria do Nascimento, suas tias e seu tio João Carlos. O pequenito pu-

¹ A casa e quinta do Sardão, para o tempo em que foram feitas, podiam quasi considerar-se principescas. Estão situadas a uns quatro kilometros do Porto, por traz da Serra do Pilar, adiante da Lavandeira, á esquerda, na estrada que vae para Villar de Andorinha. A casa, de primeiro andar, tem ares apalaçados, e olha para o mar e para o Porto, com as suas dez janellas de frente, que dão sobre largo e comprido terreiro. No rez do chão tem nove janellas; a décima, tapada. Do sul abre sete janellas para a quinta; e do norte quatro, incluindo a que já pertence á capella, que d'esse ado faz parte integrante da edificação, apesar de ter distincta fachada. Da parte de traz, mostra o predio dois corpos salientes nas extremidades, com duas janellas para leste, em cada corpo, e duas olhando umas para as outras. A parte reentrante, do centro, tem ao meio uma larga saccada, e duas janellas de peitoril, de cada lado. Por baixo, tres portas, sob as tres janellas centraes; nos outros vãos, janellas. Nos corpos salientes, porta e janella, correspondendo symetricamente aos vãos do primeiro andar. Um espaço de dez metros, pouco mais ou menos, separa a casa da quinta, fechando-a por um murosinho, de quatro palmos de alto, com sua cabeça de cantaria. Dois portões, um ao norte outro ao sul do predio, dão entrada para dois pateos, murados, que communicam com a casa e a quinta. A casa não tem porta para a rua.

A capella, unida ao predio, ergue-se acima d'elle, como para protegê-lo com a sua cruz de pedra. Tem uma só porta, com janella por cima; e, superior a esta, um nicho, envidraçado, com a imagem de S. Domingos, que é de madeira (segundo me asseverou o ferreiro da localidade), e terá um metro de altura. Pareceu-me obra sem merito artistico; estava ridiculamente pintada, afigurando-se-me que via o santo de avental. Inferiores á cruz, que corôa o frontispicio, ha, de cada lado, uma urna de pedra, terminando em pyra. Na face voltada ao norte, existe, sem sino, o pequeno campanario.

Singular destino! Esta vivenda, que respira ainda opulencia, fundada por um familiar do santo-officio, foi doada, pelos ultimos descendentes de José Bento Leitão, aos padres lazaristas ou ás irmãs de caridade, francezas. Pelo menos, assim m'o affirmaram no Porto; e no dia 15 de julho de 1879, lá tinham sua escola as irmãs de caridade. Das quarenta creanças que a frequentavam, vi eu sair dezenove, todas menores de doze annos, já com verdadeiras carinhas de convertidas. Interrogadas por mim e pelos meus amigos

lava de contente, lembrando-se que ia viver menos dis-

Agostinho José de Almeida e Francisco José de Rezende, que me acompanhavam, confessaram que a palmatoria fôra substituída pela chibata! É um progresso... da caridade.

A casa do Sardão tem passado, assim como a do Castello, por algumas transformações. Rasgaram-se as janellas do rez do chão, que eram simples frestas com grades de ferro; mudou-se uma escada, do lado do sul; mas não se alterou a fachada, nem a fôrma geral do edificio, que estão como eram d'antes. O seu numero actual é 323. O panorama do Porto, visto das suas janellas, deve ser esplendido. Fiz idéa d'isso, trepando aos muros mais proximos.

A quinta é magnifica e muitas vezes maior que a do Castello. Compõe-se de pomares, terras de pão e matas. Além de outras nascentes, recebe agua com abundancia de um aqueducto, formado por vinte e tres arcos, assentes em outros tantos pilares, de estylo romano, semelhantes aos que levam agua para a Serra do Pilar. O arco mais alto terá uns doze ou quatorze metros de altura. São erguidos na extremidade sul da quinta, á beira da estrada de Villar de Andorinha, e fornecem agua para um grande deposito, onde concorrem muitas lavadeiras. A agua, canalizada por baixo do chão, desde um pinhal, entra na mina d'onde passa para o cano do aqueducto, a uns duzentos metros do primeiro arco, vindo de Villar de Andorinha. É deliciosa, fresca e leve como a da fonte da Sabuga, em Cintra. Na parte superior da base do terceiro pilar, contando da mina, está, do lado da estrada, esta data, grosseiramente aberta na pedra, e quasi apagada já pelo tempo: 177U. Supponho ser a data da fundação. Desenhei fielmente os caracteres.

Quando eu examinava os arcos, procurando attentamente alguma letra ou data, o cocheiro, que me tinha levado ali com os meus amigos Agostinho e Rezende, ouvindo proferir o nome do auctor de *D. Branca*, poz-se a olhar muito para mim, e começou a fazer perguntas que em breve me provaram ser elle o mesmo que servia em casa de Garrett, quando este falleceu. Notavel coincidência! Vinte e cinco annos depois da morte do grande poeta, lembro-me de ir estudar por meus proprios olhos os locaes, onde elle passou a infancia, e é o seu proprio cocheiro quem me leva! E n'esta occasião mostrou maior interesse pela memoria do antigo amo, e de alguns dos que este amou, do que muitos dos que deviam vangloriar-se de o ter tido por compatriota. O cocheiro chama-se José Maria de Abreu; o seu carro tem o numero 25, da camara do Porto; e a cocheira é na rua do Laranjal.

tante d'aquelles parentes, que o adoravam, e, sobretudo, de certa mulata velha que elles lá tinham, trazida do Brazil por José Bento Leitão. Essa pobre expatriada, que o idolatrava, e a tia Brigida, então guarda da quinta do Castello, foram, sem o saber, quem lançou na memoria do futuro auctor do *Romanceiro* e de *D. Branca* os primeiros elementos de poesia popular, creando-lhe o amor das tradições com o gosto do maravilhoso.

Era a tia Brigida uma d'essas servas, já hoje raras, que passam nas familias de paes a filhos, adquirindo, pela sua affeição e fidelidade, o direito de serem sustentadas, quando já não podem trabalhar, e o de que lhes cerre piedosamente os olhos, na sua hora extrema, algum dos que ellas amaram e crearam como se foram mães verdadeiras.

Não lhe permittindo a idade avançada continuar em serviço activo na casa da rua do Calvario, confiára-se-lhe a guarda da quinta do Castello, onde a familia costumava passar a estação calmosa. N'essa especie de aposentação, a boa velha lamentava apenas o ver-se separada dos meninos, por serem estes quem ouvia com mais attenção e até provocava as suas longas historias de bruxas, lobishomens, e almas do outro mundo. De cada vez que os apanhava na quinta tinha a pobre creatura verdadeiro jubilo, despejando sobre elles a catadupa de contos, represados na sua memoria durante o inverno todo. Os pequenitos, cansados de correr e brincar de dia, caíam á noite na cama como pedra em pôço, com grave escandalo da boa velha, que para essa occasião reservava as suas mais interessantes narrativas. Adormecer-lhe o auditorio, no melhor da historia, era, realmente, caso para serios despeitos.

A pessoas do outro sexo tenho eu visto, por mais de uma vez, tomar crua vingança da somnolencia dos ouvintes, como se estes incautos tivessem culpa das qualida-

des soporíferas da droga litteraria, que perfidamente lhe propinam.

Brigida acabou por não se conformar com a idéa de deixar as suas lendas por concluir. Adormecia o publico? Deixál-o adormecer. Um conto é para se contar até ao fim; e a narradora conscienciosa, ferida no seu amor proprio, assentou que acabaria os seus, custasse o que custasse. Tomada esta resolução, nunca mais mudou de systema. E honra seja feita ás creanças que tambem nunca acordavam para saber como ella acabava os romances!

Com a mudança definitiva da familia para o Castello, a tia Brigida sentia-se renascer. Parecia-lhe que ia voltar aos bellos dias da mocidade, e julgava-se capaz de tornar a pegar ao collo na sua rica menina, na sua Anninhas, que ella desmamára, havia mais de trinta annos!

X

João, talvez porque era o mais debil, ou por ser o mais amovavel, era tambem o predilecto das duas velhas, que por causa d'elle tinham ciumes uma da outra. Brigida, não ousando abertamente dizer mal de Rosa de Lima, calumniava a casa e a quinta em que esta vivia. Da noite em que a familia se installou no Castello, conservava o poeta prodigiosas reminiscencias. Quando Brigida o foi deitar, ia rosnando a respeito da mulata: «Boa mulher . . . mas sempre com taes canceiras pelo casarão do Sardão! . . . Como se aquillo, por ser grande, fosse mais bonito que isto aqui, com estas lindas vistas de rio e de cidade . . . que elles não teem lá . . . nem castello! Aqui é que foi que aconteceu o passo da Gaia, do mouro não sei que, e do rei Ramiro, como lá diz a cantiga . . .».

Os pequenos pediram-lhe immediatamente que contasse o caso.

Ella deitou-os, poz estriga nova na roca, e principiou a narrar o que chamava «romance da Gaia, do rei, e do mouro». Findo esse, enfiou logo outro atraz, depois terceiro, quarto, quinto, e foi entremeando tudo de contos de bruxas e de almas do outro mundo, ora recitando, ora cantando em grave e sentida melopêa. A massaroca engrossava no fuso, que lhe girava entre os dedos, e o linho desaparecia da roca, á medida que as xacaras se succediam umas ás outras. Esgotados os decameron e romanceiros populares, levantou-se, repetindo os restos da trova que não conseguira encarrilhar.

Tomou, emfim, a respiração; empurrou para dentro da coifa ou toucado os negalhos de cabello branco e curto, que lhe caíam na testa, e pegou na luz para ir deitar-se. Qual não foi, porém, o seu pasmo, dando a ultima vista de olhos ás camas, ao descobrir o pequeno João, com os olhinhos muito abertos, a seguir-lhe todos os movimentos.

—Que é isso, filho? Ainda não dormes! Espera, que eu te conto outra vez aquella da's almas brancas, trepadas nas figueiras¹... Ou a das bruxas, que entraram pelo buraco da fechadura, saíram pela chaminé e foram á India n'uma casquinha de ovo, e quando voltavam deu meia noite, que é a hora a que se quebra o encanto, e acabou-se-lhes o poder! N'essa noite morreram muitas afogadas, por lhes ter esquecido de se besuntarem de unto. Das boas, tenho pena, que essas não chupam meninos; mas das outras... Sume-te, mafarrico!

João ouvia-a sem pestanejar, desde que se deitára; respirava a medo e era todo olhos e ouvidos. As creanças, como o povo—a eterna creança—teem a paixão do maravilhoso. D'ahi a poesia verdadeira, singela, in-

¹ Veja os graciosos versos, sobre isto, a pag. 59 e 60 da *D. Branca*, edição de 1850.

genua, unica natural e digna de estudo. A creança, crescendo, torna-se mentira, como a poesia popular, quando lhe põem arrebiques.

—Tambem te hei de contar a do milagre da Senhora do Castello—continuou Brigida, lisonjeada com a attenção do menino—e a da *nau Cathrineta*. Oh! essa:

Sete annos e um dia
Sem se poder navegar!
Já não tinham que beber,
Já não tinham que manjar:
Só ha solas de sapatos
E mais barro d'alguidar.
Deitaram sola de mólho
Para domingo jantar;
Mas a sola era tão dura,
Que a não podiam rilhar¹.

Foi assim que o pequenito recebeu as primeiras inspirações da *Miragaia*, aos cinco annos de idade²!

Brigida, que, segundo elle affirmava depois, tinha todo o geito e traça de bruxa, e era chronista mór de feitiços e milagres, desde que conheceu em João o mais fanatisado dos seus ouvintes, nunca mais prestou grande attenção aos outros, para se dedicar exclusivamente áquelle infantil admirador. D'ali em diante andava á caça de novos mimos para o regalar á noite, ou nas horas de recreio, e não era estranho a esses esforços o

¹ Garrett não seguiu, no *Romanceiro*, a verdadeira lição do Minho, á qual pertence esta quadra. N'essa lição ha versos que me parecem mais formosos do que alguns dos que elle adoptou.

² Depois conheceu o romancinho poetico, de João Vaz, que lhe permittiu corrigir a lição da tia Brigida e recompor o seu proprio romance. O exemplar de que elle se serviu, e lhe fôra dado pelo dr. Pereira Caldas, existe na minha livraria. (Veja o tom. iv do *Diccionario bibliographico*, de Innocencio Francisco da Silva, a pag. 47.)

desejo de que a sua influencia predominasse sobre a da sua velha rival da quinta do Sardão.

A mulata Rosa de Lima era outra casta de chronista, muito diversa da tia Brigida. Sem ser menos versada em historias de bruxas e almas do outro mundo, não acreditava ás cegas nas appareições e dizia «que tambem n'aquellas cousas 'se mentia muito'; que de meu avô, por exemplo, diziam que tinha apparecido embrulhado n'um lençol passeando á meia noite em cima dos arcos que trazem a agua para a quinta: o que era inteiramente falso, porque 'ella estava certa que, se o senhor José Bento podesse vir a este mundo, não se ia embora sem apparecer á sua Rosa de Lima'. — E arrasavam-se-lhe os olhos de agua ao dizer isto, e luzia-lhe na bôca um sorriso de confiança que ainda agora me faz impressão quando me lembra¹.»

D'esta poesia verdadeira, saída das suas fontes genuinas, se aproveitou depois admiravelmente João Baptista; e na bôca de Telmo Paes, do *Frei Luiz de Sousa*, poz quasi as mesmas palavras da velha mulata, porque «a litteratura é filha da terra, como os Titans da fabula, e á sua terra se deve deitar para ganhar forças novas quando se sente exhausta²».

Rosa de Lima sabia as mesmas xacaras e solaus, os mesmos romances e contos que sabia a tia Brigida; mas, nascida no Brazil, repassava as suas narrativas d'aquella suave tristeza que gera a saudade nas almas dos proscritos; contava e cantava com mais poesia. Além d'isso, por acaso ou de proposito, as lições das suas cantigas differiam sempre em partes das da outra velha, o que dava logar entre ellas a discussões interminaveis. Pretendia cada uma de per si que a sua versão é que era a verda-

¹ Garrett, *Frei Luiz de Sousa*, notas.

² Ibidem.

deira, e ainda que o respeito que tinham aos amos lhes não permittia irem ás do cabo, nem por isso deixavam de investir-se com menos ira de phrase e violencia de gesto. No calor da bulha, esgotados os argumentos solidos, discutiam ironica e desdenhosamente o merito e belleza das quintas em que habitavam, como se fossem suas e se o valor d'ellas dêsse rasão a quem a não tinha. Rosa de Lima adorava o palacio e a capella da quinta do Sardão, por terem sido mandados fazer por seu querido amo José Bento; Brigida, reconhecendo a inferioridade da quinta do Castello, como propriedade, apoiava-se nas recordações historicas, na lenda de Gaia, que dizia ter-se passado havia pouco tempo; nas ruinas do palacio mourisco¹, na fonte e nos paços de el-rei Ramiro², que ficavam ali perto; e concluia que «Sardão sempre era nome de lagarto».

Chegadas a este ponto, João, que tomava partido ora por uma ora por outra, desejoso de contentar ambas, e vendo que as descontentava cada vez mais, optava francamente pela lição que lhe parecia melhor, fosse de quem fosse.

¹ Hoje (14 de julho de 1879) nada vi já das antigas ruinas do castello. Tudo está coberto de arvoredos, lafadas e pomares. A substituição é talvez mais util para os moradores; mas é pena que não se conservassem as ruínas que a tradição e a poesia tinham consagrado. Quanto á pequena fonte, de que fallava o poeta, referindo as discussões de Brigida, supponho ser a que se encontra á direita, subindo para o Candal, n'uma depressão do solo. Pelo menos não achei outra por ali perto. Na quinta do Castello, e nas das suas vizinhanças, tira-se a agua de poços, por meio de noras. E pessoas conhecedoras da localidade me asseveram ser aquella a fonte que antigamente se chamou do rei Ramiro. Do lado opposto, um pouco distante, ha uma quinta a que pozeram o nome d'aquelle rei. Mas tudo isto fica bastante arredado da quinta do Castello.

² Segundo a opinião de Garrett, a antiga casa que o povo appellidava «paços de el-rei Ramiro», é uma construcção do xiv seculo. (Veja *Arco de Sant'Anna*, tom. 1, pag. 214, edição de 1851.)

Brigida dizia então, se era ella quem perdia a causa, que a outra dava cóca enfeitada ao menino; que as brasileiras eram muito avezadas a isso; e contava logo tres historias demonstrativas do que affirmava. Se era contra Rosa que João sentenciava, gritava a pernambucana, que toda a gente conhecia Brigida por bruxa, e que permittisse Deus que ella o não chupasse alguma noite, e o fossem achar no outro dia mirradinho na cama, quando já não houvesse remedio para lh'o sacar vivo das unhas.

XI

Foram estas duas mulheres, com as suas cantigas incompletas, mas poeticas, com esses fragmentos de romances, xacaras e solaus, que lançaram no cerebro infantil do futuro poeta as primeiras sementes do *Romanceiro*. Taes rapsodias, misturadas com os contos de bruxas, de almas do outro mundo e de mouras encantadas, eram thesouros de legitima poesia nacional, que, apesar de viciados e corrompidos pela tradição oral, tinham, todavia, o sabor, a rude singeleza e a energica originalidade do verdadeiro trovar do povo, que não se acha nos cancioneiros, onde tudo é cortezão e palaciano.

Em uma nota do *Frei Luiz de Sousa*, diz o auctor, referindo-se ás crenças de Telmo: «Não é de invenção minha este argumento que convence tão fortemente o bom do aio velho, e que me lisonjeio de ser uma das cousas mais caracteristicas e originaes que o observador não vulgar encontrará talvez n'esta composição. Tirei-o de um precioso thesouro d'onde tenho havido quasi tudo o que em meus escriptos litterarios tem tido a fortuna de ser mais applaudido. O thesouro são as reminiscencias da minha infancia, e o estudo que incessantemente tenho feito da linguagem, do sentir, do pensar e do crer

do nosso povo, que é o mais poetico e espirituoso povo da Europa».

XII

As duas quintas, apesar de relativamente proximas do Porto, estavam a esse tempo ambas tão isoladas e fóra do contacto da cidade, que era perfeitamente do campo a vida que ali viviam os seus moradores. E essa ficou sendo sempre para João Baptista o typo da vida feliz, da unica vida natural n'este mundo, segundo confessava n'um dos seus escriptos ¹. Em torno dos muros das quintas, as lavadeiras e as lavradoras cantavam com voz argentina e melodiosa as mesmas xacaras e romances que lhes ensinavam as chronistas caseiras, com igual ou diversa lição. D. Anna, que fôra creada no Sardão, e tinha em alto grau a intuição do que valiam esses monumentos da poetica popular, folgava de ver as inclinações da creança para um genero de recreios que lhe fortificava as crenças, e porventura animava o gosto do filho, recitando-lhe por sua parte os romances que sabia.

Por vezes tambem o levavam a outra quinta, ao norte do Porto, chamada de S. Miguel das Aves, que pertencia a sua avó materna, assim como o Sardão. N'essas occasiões ía a Villa do Conde, povoação lindissima, quasi á foz do Ave, onde tinha nascido seu avô José Bento. D'ahi, até á quinta de S. Miguel, seguindo as formosas margens do rio, a paisagem não pôde ser mais bella, nem mais pittoresca; e os puros costumes minhotos da gente que a povôa, as suas dansas e cantares, as suas desfolhadas, os seus serões, tudo isso era ouro finissimo, que se accumulava na reminiscencia da creança.

A avó D. Maria do Nascimento, e outro velho parente,

¹ *Frei Luiz de Sousa*, notas.

beneficiado da sé portuense, enriqueciam-lhe igualmente o espirito e a memoria. D. Maria, já viuva de José Bento Leitão, referia ao neto como no seu tempo vira dansar em publico os conegos do Porto, nas festas de S. Gonçalo de Amarante, e em outras occasiões solemnes; descrevia-lhe os antigos usos e costumes portuguezes, as legendas dos santos e santas de todos aquelles arredores, contribuindo assim para lhe arreigar cada vez mais o gosto das cousas populares, com que ia sendo creado.

O velho beneficiado, versado em archeologias mais interessantes e romanescas, comprazia-se em instruil-o no conhecimento dos logares e dos factos memoraveis da cidade eterna. Levava-o a todas as festas e romarias notaveis, contava-lhe as lendas poeticas da fonte do rei Ramiro, que tinha agua deliciosa; dos velhos restos das muralhas do castello de Alboazar, cheias de recordações do rei mouro; e, mais abaixo, as do leonez; da festa de S. Marcos, no tempo em que os bispos do Porto atravessavam o rio, cantando as ladainhas do santo, subiam até meia encosta das ribanceiras de Gaia, onde se vêem ainda hoje as ruínas de uma capellinha¹, e d'ali cantavam com os seus conegos o «Boa gente, boa gente!²» incensando o povo de Gaia e o de Villa Nova. Cada logar, cada edificio, cada cousa tinha sua chronica, que o narrador tornava mais interessante, impregnando-a d'essa melancolica e attrahente poesia das tradições.

Nas tardes da trezena de Santo Antonio, em Valle de Piedade — que se chamou Valle de Amores emquanto os capuchos o não beatificaram, edificando ali o seu cenobio, e voltou a esse poetico nome desde que não ha capuchos — n'essas tardes a cêrca do convento «parecia o jardim de Kensington ou das Tuilherias, de povoada que

¹ Já não existem.

² Arco de Sant'Anna.

se fazia pelas mais bellas e elegantes damas da cidade, por um concursô immenso de todas as çlasses e idades: n'aquelles treze dias o Valle de Piedade tornava a ser Valle de Amores¹». Ahi o levava o seu erudito chronista, e lhe ía explicando a historia e os nomes de todos os pittorescos sitios por que passavam, desde a saída da quinta até os ceiceiraes de Valle de Amores. N'outro dia era a festa do *Corpus Christi*, onde as bentas freiras davam muito doce; ou a da rua de Sant'Anna, no Porto, ao pé do arco de gothicas feições, com a santa no seu nicho, e a alampada sempre accesa, rodeada de milagres de cera. Ahi se viam armados o palanque e o pulpito «aonde grasnava a musica, e berrava o frade», e onde a memoria ávida de João recebia as primeiras impressões para muitos annos depois descrever tudo isso, e a comica historia do famoso José U, no primeiro capitulo do *Arco de Sant'Anna*.

XIII

Uma das maravilhas artisticas, que mais excitava a sua admiração de creança, era a veneranda estatua do Velho Porto «assarapantada de vulgar e rabugenta óca com arrebiques de crasso vermelhão» que demorava por uma d'aquellas ruas estreitas d'ao pé da sé e estava rodeada de açougues, onde se vendia muita tripa assoprada e por assoprar. «O que aquella tosca estatua era, não sei: o povo chamava-lhe o *Porto velho*; e eu tenho mais fé no livro da tradição popular que em todos os livros de chronistas, archeologos, e seus commentadores quantos ha²».

Assim se ía passando a infancia de João Baptista, que um concurso de circumstancias felizes e fortuitas prepa-

¹ *Arco de Sant'Anna*, tom. I, pag. 236.

² *Ibidem*.

rava admiravelmente para o grande porvir litterario que a Providencia lhe destinava. O pae dava-lhe educação liberal, mas rigida e severa, no intuito de o moldar pelo seu character honrado e austero; a mãe modificava suavemente a influencia paterna, tornava-o amavel, crente, artista, e despertava-lhe talvez os instinctos aristocraticos, á força de mimos e confôrto: Brigida e Rosa de Lima faziam-n'o poeta, fixavam em tão tenra idade a sua vocação, e gravavam-lhe na memoria infantil a norma de todos os seus trabalhos no futuro; o beneficiado da sé corrigia, ampliando-as, as lições das velhas creadas, fortalecia-lhe o gosto pelas tradições e estudo dos costumes e monumentos antigos; a avó approvava tudo quanto faziam a filha e o primo beneficiado, votando mais pelos romances populares do que pelo latim que o menino ia começar, e cuja utilidade ella não percebia, visto que o seu defunto José Bento o não soubera, e nem por isso deixára de ser deputado da companhia dos vinhos do Alto Douro. Aqui, a mulata não podia conter-se que não acrescentasse muito respeitosa-

—E fez o palacio, a capella, e os grandes arcos do aqueducto que traz agua á quinta.

—Se Brigida estava presente, era infallivel ouvirem-n'a logo rosnar:

—O latim é bom; tambem o menino Alexandre o aprende e não morre por isso. O Frei José, o senhor beneficiado, o senhor arcediogo, e o senhor conego Ignacio, e até o senhor bispo, haviam de dizer boas missas, se não soubessem ajudar a ellas! Uma vez que o menino vae para padre, como ha de ir sem isso?

—Tem rasão, Brigida—respondia D. Maria do Nascimento.—Nunca me lembra que o querem para essa vida.

—Tão má é ella?

—Não é; lá temos bem honrados parentes. Mas não sei porque, antes queria o Joãosinho para outra cousa.

—E mais eu — apoiava Rosa. — Frades! Eu t'arrenego!

— Oh! mulher! — volvia Brigida, já assanhada. — Esconjuras os santos homens como se fosse o mafarrico?!

— Santos?!

— Pois que são?

— Tão santos como o cachorro do Bonaparte, que lhes faz guerra a elles, e dizem que tambem a nós mais dia menos dia a vem fazer.

— Não, lá esse! Até eu lhe tirava os olhos se podesse!¹

XIV

Era o unico ponto em que as duas se punham de accôrdo. O heroe que por esse tempo enchia o mundo com o ruido do seu nome, tinha contra si o odio figadal de muitas velhas e o de quantos frades as inspiravam, além do de muitas outras pessoas e classes. Entre os raros portuguezes, porque os havia, que não acreditavam em todos os horrores propalados contra o maior capitão do seculo, contava-se João Baptista.

O pequenito era jacobino puro; enthusiasmavam-n'o as acções grandes e os feitos guerreiros; quanto mais mal ouvia dizer do glorioso soldado, ou dos seus companheiros de armas, mais a imaginação se lhe exaltava em favor d'elle; persuadia-se que era necessario que fosse um bem grande homem para excitar tantos odios e malquerenças. Um dia viu-lhe o retrato, na feira de S. Lazaro, no Porto, e comprou-o com o dinheiro que lhe deram para gaitinhas, registos de santos, ou das bugigangas que os mais rapazes compravam. O pae manifestou-lhe logo a sua desapprovação com bons pu-

¹ Historico, como tudo o mais.

xões de orelhas, que toda a vida lhe lembraram: «Quem me diria, quando, por esse primeiro peccado politico da minha infancia, por esse tratamento duro, e—perdôe-me a respeitada memoria de meu santo pae!—injustissimo, que me trouxe o mero instincto das idéas liberaes, quem me diria que eu havia de ser perseguido por ellas toda a vida! que apenas saído da puberdade havia de ir a essa mesma França, á patria d'esses homens e d'essas idéas com que a minha natureza sympathisava sem saber porque, buscar asylo e guarda¹?»

Antonio Bernardo, sem fazer côro com os que diziam mal de Napoleão, detestava francamente esse oppressor de povos; e por isso corrigia, talvez com demasiada severidade, as tendencias do joven jacobino. Tambem elle sympathisára com as grandes e generosas idéas da revolução franceza, das quaes brotou a «espantosa torrente de lava que tem devastado o mundo purificando-o, que o assolou mas ha de regenerál-o²». Não confundia, porém, como o filho, os homens que tinham enunciado essas idéas com aquelle que mais pretendêra depois suffocál-as.

Entretanto, os acontecimentos vieram dentro em pouco tornál-o de todo intratavel, a respeito de francezes, bons ou maus. Desde muito que o principe D. João, regente do reino, fazia esforços por afastar de si a tempestade que rugia sobre elle e o seu povo. Em 1801, ameaçado pelas forças combinadas da França e da Hespanha, comprára a paz, a peso de dinheiro. Quando Napoleão declarou a guerra aos inglezes, pagou Portugal com enormes sacrificios a sua neutralidade. Finalmente, depois do tratado de Tilsit, o imperador sonhou com a crea-

¹ *Viagens na minha terra*, tom. I, pag. 86.

² Garrett, *Obras*, tom. XXIII, pag. 391.

ção do imperio do occidente; e para excluir os inglezes da Peninsula exigiu que se lhes fechassem os nossos portos, e que os subditos britannicos residentes no paiz fossem presos, e sequestradas as suas propriedades! Debalde tentou o regente resistir a essas exigencias iniquas; o gabinete de Madrid, dominado pelo indigno principe da Paz, apoiou as pretensões de Napoleão; e os portos de Portugal foram vedados ao commercio e á marinha da Gran-Bretanha, e intimados todos os inglezes a sair do reino!

Apesar d'essa violencia, o exercito chamado da Giron-da, commandado por Junot, recebeu ordem para invadir Portugal! Então viu-se, fazendo contraste com a perfidia franceza, o maior exemplo de covardia havido n'esta terra, que foi berço de tanto guerreiro illustre. Os invasores atravessaram o paiz, mortos de fome e cansaço, nús, descalços, com as armas inutilizadas, incapazes de combater com um rancho de rapazes de escola que lhes fizesse frente, e assim vieram, de rastos, até Lisboa, espantados de ver fugir diante de si clero, nobreza e povo, com o regente adiante dos tres estados! O homem que se intitulou D. João VI accetava d'esse modo a sua demissão, dada pelo *Monitor*, de 11 de novembro de 1807, que trazia um decreto, declarando que a casa de Bragança deixára de reinar na Europa! Em seguida, desapareceu a bandeira nacional de todos os navios e praças de guerra, sendo substituida pela franceza; demittiu-se o irrisorio governo deixado pelo principe fugitivo; e Junot, que recebeu pela façanha de *conquistar* Portugal o titulo de duque de Abrantes, foi feito governador geral do reino, e nomeou o seu ministerio, não menos ridiculo que o anterior, com quatro francezes e tres portuguezes! Achou portuguezes para seus ministros... e houve-os tambem para irem mais tarde pedir um rei a Bonaparte!

O Porto foi occupado militarmente por tropas hespanholas, enviadas pelo duque de Abrantes. Antonio Bernardo nunca mais tornou á cidade; apesar de ter costella castelhana, por sua mãe, era portuguez de coração; e, para elle, tanto a guarnição como quem a mandava representavam inimigos da sua patria. D. Anna assustava-se pelos filhos, que não podiam ter futuro com semelhante estado de cousas. Brigida e Rosa de Lima, fazendo côro com ella, quando se reuniam em qualquer das quintas, mostravam o punho fechado á cidade, rogando pragas a Napoleão, e chamando sobre hespanhoes e francezes todas as abominações de Sodoma e de Gommorra para que fossem confundidos como aquellas cidades biblicas. Quer ás janellas do palacio do Sardoão, quer sobre o muro da quinta do Castello, pareciam dois velhos molossos a ladrar contra os invasores do Porto.

João empoleirava-se nos restos da muralha do castello de el-rei Alboazar, e com uma gaita, comprada na feira de S. Miguel, acompanhava as descomposturas das velhas, imitando os toques da busina de D. Ramiro. Surprehendido pelo pae, n'uma occasião em que com mais entusiasmo se dava a esse exercicio, recebeu tão evidentes demonstrações do desagrado paterno, que ainda quarenta annos depois se lembrava d'isso.

A revolução de Hespanha foi o signal para a insurreição dos dezeseis batalhões, que guarneciam o Porto como alliados dos francezes. De nossos inimigos que eram, tornaram-se nossos amigos, e começaram, com os inglezes, a incitar-nos contra os invasores da Peninsula. O paiz foi-se levantando, emfim, lentamente, e sacudindo o jugo estrangeiro. Não faltavam traidores entre os portuguezes; mas o brio e o valor antigo iam despertando e volvendo ao que d'antes foram na maioria da nação. Deram-se as batalhas da Roliça e do Vimeiro, e a occu-

pação de 1808 terminou pela vergonhosa convenção de 30 de agosto, em que os senhores inglezes não se dignaram ouvir-nos, nem sequer quando entregaram a nossa esquadra! Vingavam-se da subserviencia do regente ás ordens de Napoleão, que os mandára expulsar da Península, subserviencia que não impediu a casa de Bragança de perder a corôa e o reino, embora temporariamente! Lição aos governos fracos.

XV

Como era de esperar, o orgulho de Bonaparte revoltou-se com o cheque recebido; e, dois mezes depois, outro exercito, commandado pelo marechal Soult, atravessava o rio Minho, em Orense, para se apoderar novamente de Portugal. A facil tomada de Braga, onde o povo assassinára o general Bernardim Freire de Andrade, accusado de traição; a desconfiança mutua entre officiaes e soldados, entre populares e exercito, entre os proprios amigos e vizinhos, que todos se suspeitavam de jacobinismo, produzindo novos attentados e desordens, fizeram crer a Antonio Bernardo que o Porto opporia curta resistencia á entrada do inimigo, apesar de não lhe faltarem forças para defender-se, se fosse melhor a disposição dos espiritos.

Resolveu-se portanto a deixar com a sua familia o placido e poetico retiro do Castello, receioso de que nenhuma crueldade repugnasse aos francezes para afogarem o furioso despeito de terem sido expulsos mezes antes, embora por uma convenção mais vergonhosa para os vencedores do que para os vencidos.

Fizeram-se a toda a pressa os preparativos de retirada para Lisboa. João Baptista, que tinha a esse tempo dez annos, e provára já, materialmente, os effeitos da sym-

pathia manifestada a favor de Napoleão e da França, começava a ver de outro modo os acontecimentos e os homens. As revoluções sociaes e politicas, as guerras de independencia ou de liberdade, as grandes commoções dos povos amadurecem e formam o espirito das creanças mais depressa do que a idade. O homem creado no remanso da paz e da familia, n'uma nação feliz e tranquilla, sem presenciar outros espectaculos, além dos que offerecia a terra coberta de rebanhos nas idades patriarchaes, esse homem passaria a vida toda com o sorriso da innocencia nos labios, recordando-se que a humanidade teve tambem a sua infancia. Venha elle, porém, ao mundo n'um periodo de lucta, ouça discutir a cada instante em torno de si os grandes problemas que transformam as nações, assista aos combates das feras humanas embravecidas, tentem roubar-lhe a patria e a liberdade, e farão que viva um seculo em vinte annos, e que seja homem aos dez. Experimentou-o quem escreve estas linhas; e antes d'elle sentiu-o tambem aquelle que dá assumpto a estas memorias: « . . . os felizes dias de minha descuidada meninice! — Meninice que passou, sem mocidade, a esta tão trabalhosa, tão arida, tão despegada virilidade, em que não tardam as cans e as rugas a visitar-me com mais precoce velhice ainda! » Escrevia elle em 1832, no refeitorio dos Grillos, no Porto¹.

Mas com que dolorosa tristeza se apartava d'esses encantados sitios, onde lhe correram tão ledos os primeiros e talvez que os melhores annos da existencia! Que recordações levava d'ali para todo o resto de seus dias! « De tudo prescindirei eu, em tudo cederei á critica — dizia elle, passados trinta e quatro annos, — menos em lhe sacrificar isso que mais amo, e quasi unicamente amo já, as lembranças de minha ditosa infancia e as doces

¹ *Arco de Sant'Anna*, tom. 1, pag. 36.

recordações dos primeiros annos da casa paterna¹». Os campos por onde corria e brincava, as arvores, as fontes, os caminhos, cada muro, cada seixo, desde os pittorescos sitios do Candal até aos apraziveis arredores do Sardão, eram tudo doces lembranças de sua alegre meninice! Partia com as lagrimas nos olhos, com a memoria fecundada pela poesia do povo, e com a alma e o coração repassados dos dois sentimentos mais vivos e mais nacionaes dos portuguezes: o amor e a saudade, que em todos os tempos predominaram n'elle e nas suas obras.

XVI

Apenas a familia foi para Lisboa, realisaram-se as previsões de Antonio Bernardo. O exercito de Soult entrou no Porto; e o duque de Dalmacia promulgou o famoso decreto que votava uma alampada de prata ao Bom Jesus de Bouças, com dezeseis mil réis annuaes para sustento d'ella, e dobrava a congrua ao reitor e ao sacristão do Senhor de Matosinhos! Alguem insinuára ao marechal francez, com boa ou má fé, que o melhor meio de obter as sympathias da nação era acariciar o beaterio e declarar-se protector da santa religião; mas ou os santos ou os padres acharam as dadivas insultantes, talvez por serem mesquinhas; e não faltou quem attribuisse a rapida reorganisação do exercito de Wellesley, em Thomar, a um bom milagre do Senhor Jesus de Bouças, indignado contra os sacrilegos que tentavam peitál-o, bem como ao seu reitor e sacristão. Fosse como fosse, d'ahi em diante, até 1811, luctaram os francezes debalde para retomar Portugal; e acabaram por fugir diante do exercito anglo-luso-hispano, que foi por fim arvorar nas

¹ *Arco de Sant'Anna*, tom. I, pag. xxii.

margens do Garona e nas planícies do Languedoc as quinas, os leões e os leopardos victoriosos.

XVII

Antonio Bernardo da Silva, ao chegar á capital, soube que outro corpo de exercito, commandado pelo marechal Victor, se approximava da fronteira, para entrar em Portugal por Castello Branco. Dizia-se ao mesmo tempo, que um bando de portuguezes degenerados andava pedindo assignaturas n'um papel para mandar a Napoleão, requerendo-lhe, como as rãs da fabula, que lhes desse rei, e indigitando para esse cargo o duque de Dalmacia¹.

Indignado, descrente dos homens e das cousas, persuadido de que o seu paiz ia cair para sempre na escravidão, Antonio Bernardo embarcou com a mulher e os filhos para a ilha Terceira, esperançado em que não chegariam ali as grandes catastrophes que desde tantos annos commoviam o velho continente, e que lhe seria permitido morrer tranquillo na terra de seus paes.

¹ Já na primeira invasão houvera igual pensamento a favor do duque de Abrantes!

III

O mar e sua influencia sobre a imaginação dos portuguezes.—Partida.—Viagem.—Angra nos Açores.—O padre João Antonio.—Desafio na aula de latim.—João Carlos Leitão.—Insistencia de duello.—A poesia saindo da vara de marmeleiro.—Primeiros versos.—O professor Joaquim Alves.—Chegada de D. Frei Alexandre.—Educação classica.—Os tres directores litterarios.—A qual d'elles deveu mais.—Estupidas calumnias.—Ida do bispo ao Rio de Janeiro, e seu novo regresso.—Sermão na ilha Graciosa.—Opiniões da familia.—Embarque de Alexandre para o Porto.—Reflexões que esse facto suscita ao joven poeta.—*Affonsaida*, poema.—Quêda de Napoleão.—Renuncia á carreira ecclesiastica.—Conclusão dos estudos preparatorios, e volta para o continente.

I

Quem nunca viu o mar não conhece uma das mais sublimes maravilhas de Deus. Depois do espectaculo do céu, que confunde o espirito, nada ha tão grande e magestoso como o do oceano, que commove e arrebatá a alma. O povo portuguez foi sempre maritimo por excellencia. Não é só a vizinhança e a vista do mar que inspira ao homem o desejo de sulcá-lo; é tambem a influencia que elle exerce na imaginação dos que o contemplam. O camponez do Alemtejo, da Beira Alta ou de Traz os Montes emigra menos que o da Beira Baixa ou o do Minho. Levae-o, porém, a ver as praias do Atlantico, e reparae na impressão que n'elle produz a grande voz do oceano. A sua alma como que sae de um lethargo, e transparece-lhe no rosto, querendo voar por cima d'esse infinito azul, que se agita, ruge e ameaça, mas que attrahe e fascina. Dir-se-ia que após o primeiro momento de espanto lhe acode a vaga reminiscencia de ter sonhado com o magnifico espectaculo das vagas espuman-

tes! É o espirito aventureoso, innato, dos filhos d'esta terra de marinheiros, que acorda e o impelle. Internae-o novamente no coração da sua provincia, e vêde se sois capaz de lhe desvanecer a sensação ou de o volverdes de novo á vida placida e monotona de outr'ora. O pensamento ficou-lhe á beira-mar, oscillando na immensidade das aguas, e tentando passar esse abysmo profundo, para descobrir o que ha além d'elle.

Um dia, de repente, acommette-o a nostalgia das ondas, apenas entrevistas; larga o arado, os bois, a casa paterna, a mulher, os filhos, os campos floridos da infancia, tudo quanto ama no mundo: fecha os olhos, e arremessa-se ao desconhecido. Foi assim que n'outro tempo percorreu a Africa, dobrou o cabo das Tormentas, descobriu a India, o Brazil, milhares de ilhas. . . e é ainda assim que hoje troca a vida tranquilla e a feliz mediania da patria por voluntario desterro, entre gente ás vezes inhospita, hostil e ingrata, onde não raro a fome e as enfermidades lhe encurtam a existencia! Se os habitantes do Minho, da Beira Baixa e dos Açores não vissem com tanta frequencia o espectaculo que mais influe na sua imaginação, e lhes desperta e aviva o genio nativo das aventuras, não faltariam braços á nossa agricultura, nem esses infelizes morreriam aos milhares em terra estranha, mais pobres e miseraveis do que nunca teriam sido na sua. É o mar o eterno cumplice d'essa calamidade. Parece que as almas portuguezas, de natureza melancolica, saudosa e poetica, passam através das ondas antes de entrar nos corpos, e por isso talvez o sentimento e o espirito nacional antigamente se retemperavam no mar, quando precisavam forças para descobrir mundos.

II

João Baptista já conhecia o oceano. Vira-o da Foz, de

Villa do Conde e das eminencias pittorescas do Porto. Mas avistál-o das praias e sentir-se attrahido por elle, é como se vissemos formoso e ardente cavallo arabe precipitar-se na carreira, sem nos levar comsigo. Ainda que se pertença a uma raça e a uma terra de navegadores incomparaveis, e que se tenha no sangue o que quer que seja da vaga tristeza e da energia do oceano, não se imagina a differença que ha nas sensações de quem o vê ou de quem se sente embalado por elle. Por mais familiar que nos seja a voz das ondas, os seus bramidos, os seus movimentos, a sua imponente grandeza, não as comprehenderemos bem senão quando formos levados por ellas para fóra do berço. Adorâmos o mar; a sua poesia falla á nossa alma juvenil; desde que abrimos os olhos, ardemos com a impaciencia de sulcál-o; mas quando chega o momento supremo, quando um dos pés está já sobre a borda do escaler, e o outro se firma ainda na terra, ha não sei quê de solemne e mysterioso n'essa separação do homem da sua mãe commum, que o força a hesitar um instante. Acaso tornaremos a vê-la, essa terra de que vamos apartar-nos? Que nos creou com tantos mimos de fructos e de flores, sempre vestida de galas e exhalando perfumes para nos alegrar a existencia, e que tão ingratamente abandonâmos agora, entregando-nos ao acaso dos ventos, sobre o dorso movediço e perfido das aguas! . . . Oh! homem, que phenomeno, que enigma incomprehensivel és tu, que choras o que voluntariamente deixas, e te entregas sem necessidade áquillo de que tens medo?!

III

O escaler atracou a bordo, subiram os passageiros, suspenderam-se as ancoras, enfunaram-se as vélas, e o navio aproou á barra. Que espectaculo e que sensações

para essa alma terna, banhada já em todas as crenças e tradições nacionaes de um povo de poetas e marinheiros! Aquella grande cidade, que parecia respirar por todos os seus edificios historicos o halito impuro de sociedades corrompidas, capital de reino sem rei, com os seus palacios desertos á espera de que se apossasse d'elles o estrangeiro, — como conquistador ou como protector, que é, em politica, outro genero de oppressor mais covarde; — a torre e o mosteiro de Belem, recordando em vão aos netos envilecidos os nomes de D. Manuel, de Vasco da Gama, de Camões, de Albuquerque e Pachecos; ao longe, a serra de Cintra, com as suas poeticas memorias de mouros e trovadores; e o navio começando a ser beijado pela vaga alterosa do nosso parente oceano! . . . Que momento, para o futuro cantor do amante de Natércia, com tantas e tão vivas impressões a um tempo! O vento da liberdade acariciava-lhe os cabellos, e fugia, assobiando pelas enxarcias; os olhos, ora se lhe volviam com amor e saudade para a terra que desaparecia na popa do navio, ora se fixavam na linha curva d'esse mysterioso horisonte sem fim; o coração batia-lhe mais apressado; e no cerebro, em que tumultuavam as idéas, gerava-se, talvez, o embryão d'aquelles versos, que só quatorze annos depois escreveu no *Camões*:

— «Largo! aos mares:

Livres corramos sobre as ondas livres
Do oceano indomado por tyrannos.» —

Quando se não via já «mais emfim que mar e céu» o joven viajante deixára-se ficar ainda por muito tempo encostado á amurada, immovel, abstracto, perdido nas profundezas do infinito, como ponto de interrogação entre duas immensidades.

Começou a anoitecer: o livro celeste abriu as suas folhas constelladas, e jorrou ondas de luz sobre o poema

dos mares; as vagas tornaram-se resplandecentes com o reflexo dos astros, e cantaram «Hosanna!» em còro com os ventos; a rude voz dos nautas, casando-se ao ranger das vergas e moitões, acalentava o abysmo, como para adormecer-lhe as furias. Diante de tal quadro, tão novo e commovente, parecia ao juvenil contemplador que só agora entrára no primeiro minuto da sua aurora; que tudo quanto vira, passára e sentira até ali, não eram mais do que reminiscencias de outra vida e de outro mundo, que atravessára quasi inconsciente. Os germens da flor poetica, semeada por Deus na sua alma sensivel, revelavam a primeira evolução: a chrysalida presentia o nascimento das azas.

IV

As impressões d'esse primeiro dia e d'essa primeira noite de viagem, com todas as recordações que as precederam, ficaram para sempre indeleveis na memoria de João Baptista, e porventura apressaram a manifestação da sua vocação poetica.

A viagem foi demorada e trabalhosa. Mas:

«Do longo navegar alfim ao termo
Desejado»

chegaram.

«..... Rija celeuma aos ares sobe,
E fere os ventos que nas ondas folgam.
'Terra, terra!' bradou gageiro áleria.
'Terra!' echoa confusa vozeria
Da maritima turba¹.»

A este grito querido dos navegantes, e á vista da longiqua e quasi imperceptivel faxa pardacenta, que só

¹ Camões; Garrett.

olhos experimentados differenciam de ligeira nuvem, que alegria e que transformação a bordo! Passageiros e tripulantes felicitam-se, abraçando-se, esquecidos do aborrecimento e incommodo que padeceram, para se lembrarem só de que dentro em poucas horas pizarão de novo a terra mãe, livres de tantas fadigas e perigos, que não raro se buscam de proposito e sem necessidade! Só quem alguma vez saiu da patria pôde avaliar e comprehender as sensações da volta, quando por cima da proa do navio, e á medida que este se aproxima, vemos vir crescendo e tomando fórmãs distinctas o que ao principio nos parecia accumulção de vapores n'um ponto do horisonte. Desenham-se primeiro as serras, destacam-se depois d'estas as collinas; apparecem os valles, começâmos a reconhecer os sitios familiares, as casas, as arvores; e tudo quanto nos era indifferente, antes da partida, nos parece agora interessantissimo, nos alegra o coração e encanta a vista!

É preciso ter passado por isto para poder avaliá-lo. Antonio Bernardo da Silva contemplava, com os olhos humedecidos, os pincaros da terra que lhe fôra berço; reconhecia, apesar da distancia, os logares onde passára a infancia, onde ia agora esperar a velhice, talvez a morte... e enternecia-se com essas lembranças melancolicas. A familia, igualmente commovida, rodeava o seu chefe; e até os tripulantes paravam momentaneamente, encarrando esse homem austero, que abandonava emprego, casa, todos os commodos da vida, na idade em que elles começam a ser mais apreciados, para não transigir com os inimigos do seu paiz. João olhava para o pae com respeito e espanto. Era a primeira vez que o via prestes a chorar na sua presença, e pensava que devia de ser bem grande a causa que promovia a sensibilidade d'aquelle estoico, á vista dos seus e dos estranhos. Quando lhe explicaram que as lembranças do passado e o

amor ao berço espremiam do coração paterno o sentimento doce amargo, elle, que devia ser o cantor da saudade, comprehendeu tudo.

V

Angra, capital da ilha Terceira, comquanto se não tivesse ennobrecido ainda com o sobrenome que lhe adquiriu o seu heroismo, era, todavia, povoação já illustre.

Á sua historia militar e politica podia reunir os pergaminhos, que a civilisação dá ás cidades e aos homens: A gente que a habitava distinguia-se pela cultura da intelligencia e pelo gosto dos estudos superiores. Tinha escolas bem organisadas para o curso das humanidades; faziam-se lá todos os preparatorios para entrar na universidade; e não poucos de seus filhos se tinham tornado notaveis nas letras sagradas e nas profanas.

João Baptista, que apenas levava começado o estudo da lingua latina, entrou, para o continuar, logo que a familia foi installada n'uma casa da rua de S. João, para a aula regia, onde era professor de latinidade o padre João Antonio, tido por habil e sabedor.

Frequentavam essa aula perto de cem estudantes, entre os quaes havia muitos distinctos; mas, assim como as estrellas desaparecem apenas se mostra o sol, assim os talentos precoces do joven portuense eclipsaram os de todos os seus companheiros, quando entraram em concorrência com elles.

Ao mesmo tempo o tornava sua mãe familiar com a lingua franceza, que fallava correctamente, e seu pae com a hespanhola, que cultivava como propria. Começou, pois, a traduzir os primeiros auctores latinos, sob a direcção do professor João Antonio, e a estudar os ele-

mentos da arithmetica e da geometria. O padre mestre conheceu logo que o novo discipulo em breve se distanciaria de todos os outros. Apesar d'isso, tinha as suas predilecções por alguns mais antigos, e não o distinguiu com especie alguma de favor. Não o necessitava tambem o estudante, nem esperou que a fama fosse descobri-lo; procurou-a elle, desafiando, ao cabo de poucos mezes, todos os seus companheiros, batendo-os nas luctas escolares e apossando-se do primeiro lugar da aula.

Na ausencia do professor, regía a cadeira de latim um seu ex-discipulo, já com ordens sacras, a quem chamavam o padre Jeronymo, e que não ía á aula senão a pedido do mestre. João Baptista, sem considerar a sua pouca idade e pequeno corpo, e apesar de saber que a maioria dos condiscipulos não acolhia benevolmente a sua superioridade, imaginou tambem dar batalha a esse padre, e apoderar-se, por meio de um triumpho estrondoso, da cadeira de substituto.

Certo dia de sabbatina, em que a aula estava completa, com todo o seu pessoal escolar, o professor no seu posto, e o padre Jeronymo, que se dizia saber tanto como o mestre, dando explicações ácerca de textos pouco claros, levantou-se o pequeno João, pediu venia e disse que «sentindo-se capaz de reger a cadeira, na ausencia do professor, escusava este de incommodar o padre Jeronymo; e que para justificar a sua capacidade, desafiava desde já o dito padre, no intuito de provar que sabia tanto ou mais latim que este». Não se pôde descrever a estupefacção que tão insolita proposta produziu nos ouvintes. O padre João levantou-se, olhando ora para o desafiante ora para o desafiado; tornou a sentar-se, tirou a cabelleira, limpou os oculos n'ella e reencaixou-a na cabeça, voltada para traz.

Jeronymo, rubro de colera e despeito, conservava-se

de pé, enrolando e desenrolando o caderno de apontamentos, que tinha na mão; e de vez em quando lançava ao professor olhares que pareciam pedir severa justiça contra tamanho desacato. Os noventa e tantos estudantes, abysmados com a audacia e sangue frio do collega, não ousavam sequer respirar, com medo de precipitarem os acontecimentos. O proprio João Baptista, depois de tamanha temeridade, começava a sentir-se pouco satisfeito com a prolongação do silencio. A sua resolução enfraquecia sensivelmente; e só Deus sabe se as lagrimas não succederiam á provocação, se o velho João Antonio, depois de muito revirar os oculos os não mettesse no nariz, e alongando solememente o braço não ordenasse ao padre Jeronymo que se sentasse. Em seguida a esta grande decisão, tomou uma pitada, com o seu ar mais grave e digno; voltou-se para João Baptista, e, após curta meditação, reprehendeu-o severamente pelo seu atrevimento, concluindo por lhe affirmar que se não fosse filho e sobrinho de quem era o expulsaria da aula.

João tentava ainda justificar as suas aspirações. O mestre, tomando o resto da pitada, e sacudindo-se com o lenço dobrado, impoz-lhe silencio absoluto, e mandou-o sentar, com gesto soberbo.

Um murmurio de approvação, saído de todos os bancos, advertiu o audacioso pequeno de que não podia contar com as sympathias dos condiscipulos, humilhados ou offendidos pela sua provada superioridade e por este rasgo de atrevimento. Sentou-se, portanto, mas furioso, por não poder reagir contra o que se lhe afigurava tyrannia escolar e direito da força bruta. N'aquelle momento daria metade da sua gloria vindoura, se pudesse adivinhá-la e dispor d'ella, por mais dez annos de idade e um ou dois palmos de altura. Nada lhe parecia tão atroz, n'esse instante, como sentir no peito arrojios de homem e ter o corpo de creança!

VI

Decorreram alguns mezes. João Baptista, attribuindo unicamente á pequenez da sua estatura a falta de consideração, que suppunha ter havido para com elle, entendeu que n'esse intervallo de tempo devia ter crescido sufficientemente; e renovou a proposta de duello, em plena aula, como da primeira vez. O desafiado negou-se; e o professor, reprehendendo-o mais asperamente, disse-lhe que não fosse vaidoso, porque o padre Jeronymo sabia muito mais que elle.

Estimulado, protesta o joven contra a asserção, qualificando-a de injusta e parcial, visto que recusam a experiencia. O padre mestre redobra de colera, e ameaça-o. João replica energicamente; affirma que o outro não sabe latim; e dá a entender que quem o defende, tambem não é capaz de se medir com elle! Fulo de raiva, o velho põe a cabelleira á banda, e pegando n'uma vara de marmeiro, corrige brutalmente o arrebatamento do discipulo. Este, sensibilizado por similhante affronta, rompe em chôro, sae com o rosto lavado em sangue, vae queixar-se ao pae, e obtem d'elle não tornar á aula do iracundo professor.

VII

Oh! magico poder do marmeiro! Oh! santa vara, rival da de Moysés, que ferindo o rochedo fez brotar d'elle as aguas milagrosas. . . assim tu, batendo na cabeça ardente do estudante, lhe arrancaste o primeiro jacto, prenuncio da torrente caudal, que depois jorrou d'ella por mais de quarenta annos! O teu poder foi maior, oh! vara milagrosa, do que o de todas as varinhas de condão! Que poderosa fada nos daria as maravilhas que tu

nos desencantaste?! *Camões, D. Branca, Adozinda, Folhas caídas*, tudo devemos ao teu benéfico e miraculoso influxo! Ai! quem podéra adivinhar qual foi o teu destino, reliquia veneranda?! Quem conseguira descobrir-te, e, se estivesses ainda em estado de ser utilizada, applicar-te novamente aos lombos de tanta gente, que precisa menos de pão que de marmeleiro! Tu foste — oh pauprodigio! — o genesis da moderna poesia portugueza, e como tal mereces ser posta e adorada no altar das tradições e das crenças nacionaes. Bem hajjas tu, e bem haja o bruto padre que te manejou com tanta alma no momento mais opportuno da sua vida! Ah! se a receita fosse sempre boa para revelar poetas, ou sequer para tornar supportaveis tantos que se dizem sêl-o, grande serviço fariam á nação os municipios portuguezes, plantando de marmeleiros todos os seus baldios!

VIII

Por aquelle tempo era provedor dos residuos nas ilhas dos Açores o bacharel João Carlos Leitão, que falleceu desembargador da relação do Porto, em 1828. Tio materno de João, poeta da escola bocagiana, homem instruido, e adorando este sobrinho em quem descobriu o precoce genio poetico, imaginou fazer d'elle um vate, que lhe seguisse a esteira, como o escalor segue o navio, preso ao cabo de reboque.

Grande calamidade teria sido para as letras portuguezas (perdôe-me a honrada memoria do erudito desembargador), se os acontecimentos, e porque não a Providencia? não tivessem muito cedo afastado João Baptista para longe da influencia do tio. As obras poeticas d'este, conhecidas pela imprensa, não chegam a cem paginas; mas consta que tinha escripto muito. Como, porém, viveu

até se publicar o *Camões* e a *D. Branca*, reconheceu, talvez, que seria grave imprudencia pretender figurar com os seus versos na familia do auctor d'aquelles poemas immortaes; e queimou quanto tinha feito.

É de justiça dizer-se que, apesar de mediocre poeta, João Carlos Leitão amava a pureza da lingua: conhecia os bons auctores, tinha gosto para indicar ao sobrinho os melhores livros; e, embora este se lhe distanciasse depois até o perder de vista, mettendo-se por caminho diverso, nem por isso é menos verdade que lhe poz as andadeiras litterarias, ensinando-lhe as regras da versificação, e os elementos da poetica de Aristoteles e de Horacio, que então eram ainda os unicos oraculos da poesia. E o segundo ha de sê-lo sempre, em materias de gosto.

Obtida a permissão de não tornar á aula, resolveu João Baptista tirar desforço condigno da atroz injuria das varadas. Pensou nas lições do tio João Carlos e tentou utilisál-as, provavelmente pela vez primeira. Releu a famosa satyra de Bocage a José Agostinho de Macedo, sentou-se á mesa, e invocou, cheio de confiança, as divindades classicas do Parnaso.

Ellas pareciam esperar desde algum tempo o chameamento, porque á primeira voz lhe acudiram logo. E o estro juvenil do moço produziu uma especie de poemeto heroe-comico, em quadras de endecasyllabos. Infelizmente, apenas se conservaram os quatro primeiros versos d'essa composição! E como não ha memoria de nenhuma outra tentativa anterior a ella, devemos considerál-a documento authenticico da sua revelação poetica. Eis os versos:

— « Vou cantar grande heroe de cabelleira,
Que primeiro com vara de marmello
Feriu com valentia alta e guerreira
Um estudante seu em um duello. » —

IX

Alea jacta est! Estava jogada a carta do seu destino. A ave filha de Jove fitára o sol sem esforço, ensaiando as azas para o vôo gigante com que mais tarde havia de remontar-se ás esplendidas regiões da gloria. Achára nas fontes de Castalia e de Aganipe o licor mysterioso e divino, que uma vez provado torna insaciavel o desditoso que o bebe. A poesia é fructo de arvore do céu; caído na terra, embora conserve a sublimé belleza e o ideal perfume da sua origem celeste, a atmospherá do mundo altera-lhe o gosto purissimo, e communica-lhe o travo da dor, que devora as almas de eleição alimentadas com elle. Dos doze aos vinte annos, levados por incognitos poderes, todos, mais ou menos, entrevemos as campinas floridas, as suaves encostas, as verdejantes collinas, onde se cria o maravilhoso pomo. Ai de quem ousa tocál-o! Para esse infeliz nunca mais haverá risos nem prazeres senão no mundo dos sonhos, nas regiões da phantasia. A venda das illusões cobrir-lhe-ha os olhos; e cada vez que tentar abril-os ás realidades da vida, verá que o cerca por todos os lados podridão coberta de flores; julgará que se approxima de Deus e metter-se-ha vivo no inferno; quererá lavar da face da humanidade a lama que a macúla, e manchará com ella as suas azas de anjo; quando quizer sentar-se, como os outros convivas, ao banquete universal, será acolhido com apupos, escarnecido, tratado como pária, e por fim assassinado, porque a sua presença importuna os egoistas, que são os felizes do mundo.

X

Mas é Deus quem dá as cartas n'esta fatal partida da

existencia. Ao homem só é permittido jogar as que lhe tocam por sorte. João Baptista nascêra poeta; desde seus mais tenros annos concorreu tudo para o encaminhar aos páramos ridentes, onde se gera a flor do fructo encantado; viu-o na miragem muito antes de poder colhê-lo; comido o primeiro, apoderou-se d'elle a avidez de faminto, que acommette quantos lhe sentem uma vez o gosto doce-amargo. O poemeto heroe-comico, contra o padre mestre João Antonio, foi, naturalmente, seguido de outros, que mais tarde tiveram destino igual ao d'aquelle, o fogo. A esse tempo imaginava o joven poeta que a sua vocação era exclusivamente satyrica, porque n'este genero compozera a primeira tentativa poetica. Ignorava ainda que o seu grandissimo talento percorreria todas as provincias litterarias com igual facilidade, deixando em cada uma d'ellas monumentos imperecedouros.

Logo que saiu da aula de latim, entrou nas de rhetorica e poetica, philosophia e lingua grega, sob a direcção do bom e erudito velho Joaquim Alves. Foi este «excelente homem, — que usava do mais exquisito barrete e da melhor marmelada que ainda se fez» — como o poeta diz na *Merope* — quem lhe tornou conhecidos os auctores gregos, ensinando-o a lêl-os no original.

No anno de 1811 fôra reunir-se á familia o sabio bispo de Angola, D. Frei Alexandre, irmão mais velho de Antonio Bernardo. O talento extraordinario do sobrinho, os muitos conhecimentos que tinha adquirido em tão tenra idade, e a pasmosa memoria de que era dotado, chamaram desde logo para elle a attenção do bispo, que principiou a dirigir-lhe os estudos.

A gloria do cantor de Camões não carece de ser acrescentada com a celebridade precoce, que aureolou Mozart e Pico de la Mirandola, para resplandecer com brilho eterno. Mas é certo que tambem desde pequenino revelou João Baptista superior intelligencia; e que aos treze

annos os assombrosos progressos que fazia nas aulas maravilhavam toda a gente. Era portanto natural que D. Frei Alexandre se dedicasse gostosamente a encaminhar-lhe a instrucção litteraria, começada por João Carlos Leitão, que residia agora na ilha Graciosa. O moço estudante absorvia com pasmosa rapidez os historiadores e os poetas; os classicos portuguezes, os francezes, os castelhanos e os italianos; lia, nas traducções francezas, os allemães e os inglezes: Loke, Leibnitz, Kant e Newton gravavam-lhe na memoria as suas theorias e systemas philosophicos; Homero, Camões, Horacio e Racine formavam-lhe o gosto, encantando-o com as suas bellezas e sublimidades poeticas.

Profundamente versado nos variados ramos do saber humano, dava-lhe o bispo noções de todas as sciencias, até das mathematicas, ao passo que lhe fazia notar os logares mais bellos das obras celebres da litteratura antiga e moderna. Mas o erudito velho era classico. Nem se comprehendia então outra escola litteraria, apesar de ter havido já em Portugal muitos escriptos romanticos. A direcção dada aos estudos de João Baptista era, pois, toda grega e romana.

XI

Os contos da tia Brigida e da boa Rosa de Lima recuavam para a penumbra da luz, que toda a antiguidade sábia reflectia agora no espirito do juvenil poeta. João Carlos Leitão creára-lhe o amor da poesia, na escola dos vates que mais honraram as musas de Lacio; o velho Joaquim Alves, que tinha o fanatismo d'essa escola, conseguira communicar-lhe o seu enthusiasmo, a ponto de o levar cegamente á adoração de Euripedes e de todos os tragicos gregos, como se depois d'elles não valesse a pena sacrificar n'outros altares. O bispo, apesar

de ter mais confiança nas obras primas do theatro inglez e castelhano do que nos classicos de Athenas, nem por isso era menos severo quanto a preceitos e regras, fóra das quaes não admittia, em litteratura, salvação possível. Vasadas nos moldes da velha arte, é natural que as primeiras composições do joven poeta denunciem os modélos por que foram pautadas. Por isso se não descobre n'ellas, bem pronunciada, nenhuma das poeticas impressões da sua infancia nas quintas do Castello e do Sardoão, nem das primeiras viagens de mar. As recordações deviam estar vivamente impressas na sua alma; porém não ousavam luctar com a influencia das musas classicas: esperavam resignadas o dia de se manifestarem, como se tivessem a consciencia de que esse dia havia de chegar, infallivelmente, e que infallivel seria tambem então o seu triumpho. Presentiam talvez o *Camões*, e, sobretudo, a *D. Branca* e o *Romanceiro*, onde, como verdadeiras divindades, como deuses Lares, receberiam magnifica apotheose.

Dos tres mestres que influiram com a sua direcção na juventude do poeta — João Carlos Leitão, Joaquim Alves, e o veneravel D. Frei Alexandre — o ultimo foi incontestavelmente o mais util. Além de o ter iniciado em todos os segredos da philologia, de lhe tornar familiares as litteraturas antigas e modernas, a nacional e as estrangeiras, costumou-o a estudar com criterio, a fazer com acêrto a escolha das obras que devia ler de preferencia, e a reflectir no que lia ¹.

¹ Restam provas evidentes d'esta asserção nos numerosos estudos que d'esse tempo (1814) existem entre os papeis de Garrett. Ali se vê como eram bem escolhidas as obras em que devia exercitar-se para estudar a sua lingua. Taes são as que têm por titulo: *Phrases portuguezas, e palavras peculiares da lingua*; notada a variante orthographica de que usa Frei Luiz de Sousa na *Vida de D. Frei Bertolameu dos Martires*. Angra, 25 de novembro de 1814.

Cabe aqui uma observação que me parece indispensavel. Ninguém teria sabido nunca que o poeta fôra educado e instruido pelo bispo, se elle proprio o não tivesse dito ou referido nos prologos das suas obras. Como pretenderam, pois, os seus detractores invejosos fazer acreditar que eram do tio muitas das producções publicadas pelo sobrinho? Foi só quando este adquiriu grande renome, quando a sua reputação incommodava os que não podiam igualar-lhe os vôos, que ousou erguer-se a calumnia, envenenada ainda mais pelos odios politicos! Diz-se ter sido Francisco Freire de Carvalho o primeiro que deu voga a essa torpe mentira, talvez por ser auctor de uma *Historia da litteratura portugueza*, que, apesar de mais volumosa, não conseguiu fazer esquecer a introduccão que sobre o mesmo assumpto escreveu Garrett á frente do *Parnaso lusitano*¹.

Outros escriptores de boa nota deram tambem mais tarde curso a essas insinuações malevolas, dizendo, porém, que as achavam destituidas de fundamento. N'este caso, occorre naturalmente perguntar com que fim as espalhavam? Afigura-se-me que só quem for inteira-

Apontamentos sobre a lingua e phrases portuguezas, etc. Encheu numerosos cadernos e folhas soltas, contendo phrases e palavras, extrahidas dos nossos principaes classicos. Uma parte d'estes estudos é effectivamente feita em 1814, em Angra, e revela o grande conhecimento que já tinha dos melhores escriptores portuguezes. Uns dez caderninhos mais pequenos têm o seguinte rotulo: «Orthographia: Termos e phrases portuguezas, Torneios, e Idiotismos da Lingua, na Eneida de Virgilio por João Franco Barreto». São tambem de 1814, e é pasmoso que em novembro e dezembro fizesse tão copioso trabalho como o que d'esses mezes vem datado.

¹ Rodrigo de Lima Felner ouviu a calumnia ao proprio que a propalou, e desmentiu-a immediatamente. Francisco Freire de Carvalho era grande invejoso e gosava de creditos litterarios que não merecia. Foi escriptor mediocre: até a sua *Memoria sobre a artheria*, publicada nas *Memorias da academia das sciencias*, é insignificante.

mente sandeu e ignorante poderá acreditar os accusadores. Pois não basta o modo de escrever, o estylo inimitavel de Garrett, para destruir taes absurdos? Parece-me peor propalar a calumnia com a declaração de que não se acredita n'ella, do que ter sido auctor d'essa balela estúpida. Precisava o poeta das *Folhas cahidas* e do *Frei Luiz de Sousa* apropriar-se das traducções ou dos originaes do velho classico?! Ou tambem estas duas obras seriam roubadas?!

O auctor da *Merope* confessa, no prefacio, que devêra quasi tudo o que sabia ao tio; e era verdade. O bom velho como que se empenhava em transferir para a memoria fresca e prodigiosa do sobrinho a erudição que armazenára na sua por espaço de setenta annos. E pôde affirmar-se que sem esse providencial auxiliar nunca João Baptista poderia ter adquirido muitos dos conhecimentos que tão cedo possuiu, nem teria talvez escripto algumas das suas obras, porque desde muito novo foi arremessado para longe da patria e da familia, pelo seu amor á liberdade. Ter-lhe-ia faltado o tempo, depois, para estudar tudo quanto nos primeiros annos deveu ao sabio tio.

XII

O honrado bispo, que foi até á morte o amigo mais dedicado e o mais efficaz protector da familia de Antonio Bernardo, apesar de já muito avançado em annos, resolveu-se a emprehender ainda longa viagem de mar por amor d'ella. Seu irmão, que era proprietario encartado no officio de sellador da alfandega do Porto, lastimava que tão rendoso emprego não passasse a seu filho Alexandre; e temia, com rasão, que a sua ausencia permanente influisse para que o serventuario, ou qualquer outro que tivesse bons empenhos, viesse a ser provido n'elle.

D. Frei Alexandre comprehendeu sem dúvida o que significavam as reflexões e receios do irmão. Pensava-se na sua influencia: mas, vendo-o tão velho, ninguem se atrevia a pedir-lhe directamente o sacrificio de ir ao Rio de Janeiro. Nada mais foi preciso para estimular a sua generosa amisade. Disse a Antonio Bernardo, que fizesse a representação, requerendo a mercê de sobrevivencia do emprego, no filho primogenito; e partiu para o Brazil. No Rio obteve que Alexandre podesse servir o officio, e que por morte do pae se verificasse n'elle a propriedade, com a pensão annual de cem mil réis a favor de sua mãe D. Anna Augusta de Almeida Leitão, enquanto viva fosse, diz o alvará¹.

Como a esse tempo houvesse vagado a sé de Angra, por fallecimento do bispo D. José Pegado de Azevêdo, instaram, o ministro e o principe, com D. Alexandre para que accitasse aquelle bispado. Mas o velho, allegando que pouco poderia já viver, e que, em lugar de cuidar dos outros, sentia necessidade de que alguém cuidasse d'elle, recusou pertinazmente a nomeação, durante muitos dias. O principe regente observou-lhe que se estivesse tão fatigado como dizia, não se teria exposto a tão longa e arriscada viagem de mar.

—Tratava-se de amparar os meus...

—E não ficam sendo do bispo todas as ovelhas de que eu quero fazê-lo pastor? A quem quer que as eu confie? A algum lobo que m'as devore? Não se lembra que nasceu entre ellas e que depois de eu querer entregar-lh'as, o bispo não as pôde repellir, sem encarregar a sua consciencia?

—Oh! meu senhor!... Faça-se a vontade de Deus e a de vossa alteza.

Voltou para a sua ilha; e, apesar de não tomar logo

¹ Arc. nac.: *Chancellaria de D. João VI*, liv. 18, fl. 202.

posse do governo da diocese, em virtude de contestações supervenientes com a curia romana, tratou de obter para o sobrinho João Baptista, que, como é sabido, se destinava á vida ecclesiastica, um beneficio na ordem de Christo, na qual devia professar, e para o que tomou ordens menores.

XIII

Logo que o poeta se viu em trajos ecclesiasticos, pediu licença aos paes e ao bispo, para ir visitar o tio João Carlos Leitão, á ilha Graciosa, e partiu n'um dos cahiques que cruzavam então o archipelago dos Açores. Por ocasião da sua chegada, tratava-se, a pequena distancia da capital da ilha, de celebrar uma festa religiosa, com romaria muito concorrida pelo povo de todos os logares circumvizinhos.

O joven minorista, considerando o ensejo magnifico para ensaiar as suas faculdades oratorias, foi, em segredo, offerecer-se ao juiz e mordomo para lhes prégear o sermão. Os festeiros, que estavam costumados a avaliar a eloquencia sagrada pelo tamanho colossal dos frades, que a vomitavam em epicos berreiros, olharam com desdenhoso sorriso para a figurinha do pequeno, e rejeitaram-lhe a proposta.

Despeitado com a recusa, e attribuindo sempre os seus infortunios á pequenez da sua estatura, proveniente da curta idade, João não duvidou asseverar que prégára já muitos sermões em Angra.

— Olhem que sou sobrinho do bispo da diocese, e quem é sobrinho de bispo pôde prégear, desde que sabe latim.

— E o menino sabe?

— Sei mais do que qualquer convento de frades.

— Ora!...

— Esquecia-me de lhes dizer que não levo nada pelo sermão; prégo de graça.

— De graça?!

Os da irmandade olharam uns para os outros e o juiz piscou o olho.

— Sendo assim...

— Queremos.

— Com uma condição—volveu o pequeno.

— Mau!

— É que me hão de guardar segredo, por causa do tio João Carlos. Se elle souber, não me dá licença.

— Fique descançado.

XIV

Chegou o dia memoravel. João Baptista subiu ao pulpito, cercado de todos os lados por immenso concurso de povo, que olhava estupefacto para o juvenil e improvisado orador. Depois do exordio, pouco claro e preciso, emquanto elle andou procurando o rumo do discurso, entrou na materia, dizendo que não ajuizassem do seu sermão pela figura de quem o proferia, nem pela voz quasi infantil do prégador; que meditassem bem nas suas palavras, porque não achariam n'ellas senão verdade, e que a verdade tanto póde ser dita pelas creanças como pelos velhos. Á medida que lhe vinha vindo o sangue frio, a voz e o gesto adquiriam energia, e levavam a convicção ao animo dos ouvintes. Pouco a pouco foi-se apoderando o enthusiasmo da sua alma ardente; o genio da eloquencia, que tantas vezes depois o elevou ás maiores sublimidades oratorias, appareceu-lhe, pela vez primeira, n'esse arraial campestre da pittoresca romaria. Esgotado o assumpto, que havia estudado, da lenda do orago da ermida, consagrou o epilogo a reprehender os vicios e a exhortar os povos á prática de todas as virtudes.

Não se imagina o effeito produzido no auditorio pela oração de tão extraordinario prégador. Ao descer do pulpito, acolhiam-n'o na passagem exclamações de geral admiração e sympathia. E depois, no arraial, andava o povo atraz d'elle, qualificando-o de prodigio. O que devia ter sido o melhor, foi o peor da festa. Tendo ido muitas pessoas da villa assistir a ella, voltaram d'ali encantadas, como todas as outras, com o talentoso rapaz, e foram dar os parabens a João Carlos Leitão, por ter aquelle sobrinho, já tão distincto orador sagrado aos quatorze ou quinze annos.

—Se em tal idade préga melhor que os mais celebres prégadores—diziam os amigos de João Carlos entusiasmados—que fará depois?!

—Aos vinte annos está bispo!

—Aos trinta é cardeal!

—Promette vir a ser homem de genio assombroso!

—Mas, senhores—gritava o tio de João Baptista—façam favor de me explicar o que quer isso dizer?!

Quando lhe contaram tudo, exclamou:

—O rapaz é o diabo! Não é aquelle que ha de ser padre!

—Porque? Se até já préga tão bem!

—Por isso mesmo.

A este tempo entrava João Baptista na sala, com ar de fingida indifferença.

—Olá, senhor padre prégador! Faça favor de ir arranjar a mala, que eu vou tambem dar ordem para que lhe apromptem um cahique, que o leve a seus paes e a seu tio bispo. Prégue-lhes lá a elles os seus sermões. Cá no meu districto, não me servem taes missionarios.

Abraçou-o, como que para temperar a severidade da phrase e acrescentou:

—Não quero que dès desgostos a teu tio bispo. Não brinques nunca com cousas sérias, João—e prosequiu

mais baixo, dirigindo-se ás pessoas que estavam na sala:—O meu maior desgosto é se m'ó fazem padre. Que eu duvido, apesar do começo. Ali está mas é um bacharel em direito; e dentro do bacharel, um grande poeta.

De volta a Angra, e divulgada ali a noticia do sermão que prégára na Graciosa, o velho D. Alexandre, em vez de o tomar a mal, entendeu que era esse facto prova evidente da vocação do sobrinho para a vida ecclesiastica, e pensou em obter-lhe um canonicato na sé de Angra, logo que elle tivesse mais dois ou tres annos.

XV

O decreto para Alexandre José da Silva servir o officio de sellador da alfandega do Porto, no impedimento do pae, tem a data de 9 de dezembro de 1812; mas só em 17 de janeiro de 1814 foi passado o alvará da sobrevivencia, com declaração de que «o emprego lhe poderia ser tirado, em qualquer tempo e por qualquer causa, ou extincto, sem que por isso lhe ficasse a real fazenda obrigada a satisfação alguma». N'este ultimo anno, pois, partiu para o Porto, onde ia tomar posse d'aquelle logar, que serviu até 1832, o irmão de João Baptista.

Não foi sem grande magoa que o joven poeta recebeu as despedidas de Alexandre. Amava-o sinceramente. E sentia-se attrahido para o continente por todas as recordações da infancia. As lembranças dos sitios queridos, onde passára os primeiros annos, o desejo de tornar a ver as quintas em que se creára, os campos por onde corrêra, e as pessoas amigas que ainda lá existissem, tudo lhe acudiu então á mente, de envolta com as saudades do irmão mais velho, e porventura lhe inspirou a resolução de escolher outra profissão mui diversa da que lhe destinára a sua familia.

O tio João Carlos alimentava-lhe sem dúvida a opinião de que não era aquella a carreira que lhe convinha. Homem de magistratura judicial, não gostava que o sobrinho de mais talento que tinha fosse enterrar na igreja as suas poderosas faculdades. Respeitando, porém, muito o bispo, e desejoso de viver em boa harmonia com a familia da irmã, guardava discreta reserva. Só quando directamente o consultavam ácerca do futuro dos sobrinhos, manifestava as suas repugnancias. Sem deixar de confessar que a igreja tinha tido em todos os tempos muitos varões illustres, e que a lusitana se honrava ainda com homens como o bispo D. Alexandre, entendia que a magistratura não os tinha tido somenos, que igualmente carecia de quem continuasse a honrá-la e a dar-lhe brilho, e que tambem ella ennobrecia. Além d'isso, affirmava que João não possuia a menor vocação para a vida ecclesiastica, como o tempo mostraria; e que se enganavam muito com elle.

Antonio Bernardo começava a encostar-se ao parecer do cunhado. Sem se dar ainda por convencido de que era falsa a inclinação do filho para o sacerdocio, preferia, comtudo, agora, que elle seguisse outro caminho. Mas como atrever-se a manifestar semelhante desejo ao irmão bispo? O velho era o amparo da familia; persuadia-se que João Baptista desejava mais que tudo ser padre; empenhava-se por encaminhá-lo n'essa piedosa senda; e teria, provavelmente, grande desgosto se lh'o levassem para outra profissão que não fosse aquella.

Por seu lado tambem João não fizera nunca opposição nem mostrára descontentamento; por isso o julgavam satisfeito com o destino que lhe preparavam. Effectivamente, até á separação do irmão Alexandre, parece que o joven estudante se não consultára a si proprio a esse respeito. Costumára-se de pequeno a ouvir dizer ao pae

que seria padre; a sua mãe, que desejava chegar a vê-lo bispo; e a seu tio D. Alexandre, que bispo seria, se tivesse merecimentos, virtudes e favor de Deus, para ajudá-lo. Vestiram-lhe a batina, e gostou, pela novidade. Sabia a opinião de João Carlos, e não protestava igualmente contra ella. Deixava-se ir na corrente serena da vida, como o aleyon no mar bonançoso, sem querer saber em que praias iria depô-lo a onda da Providencia.

O regresso do irmão para os logares onde passaram tão feliz e alegre meninice, obrigou-o pela primeira vez a reflectir na sua situação. Pensou então que seria triste para os seus quinze annos ficar vivendo n'aquella ilha, sequestrado de todo o movimento e progresso litterario do seu tempo, sem saber o que ia pelo mundo senão mezes depois de passados os acontecimentos, não podendo interessar-se pelas grandes idéas e pelas grandes cousas que n'esse tempo revolviam quasi todas as nações da Europa, condemnado á profissão que mais o afastaria da convivencia social, amortalhado vivo n'essa negra batina, que lhe atrophiaría todos os movimentos do coração, todas as expansões da sua alma apaixonada!...

—Que futuro preparava eu para mim?! Padre! eu, padre! Oh!... Como é possível que eu chegasse a esta idade, sem ter pensado nunca... Ah! já sei! Inda não sou para mim essa voz mysteriosa, que é como o cantico da natureza na primavera humana!... Padre! Nunca! O tio João Carlos diz bem. Irei para Coimbra. A minha organização precisa de ar e de espaço. A minha patria é além d'este mar, que me tem aqui encerrado como em prisão perpetua. Padre, nunca!

Tal foi o soliloquio, que a memoria de quem lh'o ouviu relatar, quarenta annos depois, não pôde reproduzir aqui com a mesma elegancia de phrase com que elle o narrou.

XVI

O trabalho mais extenso e mais antigo, que ainda existe manuscrito, da infancia do poeta, parece-me ser a *Affonsaida, ou fundação do imperio lusitano*¹. Escreveu apenas os tres primeiros cantos e o começo do iv. Aquelles estão copiados, cada um em seu caderno, por letra do auctor. O principio do iv foi escripto na capa de uma carta² e é o primeiro borrão, mas limpo, intelligivel,

¹ *Obras*, tom. xxii, pag. 15, do catalogo.

Em 1832, quando, por seu pedido e pelo da casa de Viuva Bertrand & Filhos, me incumbi da sua biographia, franqueou-me o poeta todos os seus papeis, para que eu podesse estudal-os, copiando e transcrevendo tudo quanto me parecesse util para o meu trabalho. Então os classificámos, pondo elle por sua letra as classificações, á medida que se assentava no titulo que deviam ter. E em principios de 1834, por occasião da sua mudança para a casa em que veiu a fallecer, encarregou-me de ali os coordenar de novo, arrumando-os methodicamente, o que eu fiz, auxiliado pelo meu fallecido amigo Manuel José Gonçalves, em cartões, que fingiam gavetas de duas estantes, mandados fazer por mim, a seu pedido, n'um encadernador que me parece existir ainda na rua Larga de S. Roque. De ambas as vezes examinei escrupulosamente cada manuscrito de per si; e, apesar de achar alguns com datas anteriores, nenhum me pareceu realmente mais antigo do que a *Affonsaida*. Cheguei até a duvidar que fosse elle o auctor d'esse trabalho, mas nunca lh'o disse. Confrontando agora (1876) os meus apontamentos e as copias que possuo com o manuscrito original, que com outros me foi confiado pelo sr. dr. Carlos Guimarães, genro do poeta, não ousou duvidar que a letra seja de Garrett; mas, evidentemente, dos seus annos juvenis. A orthographia, incorrecta, desigual, e o emprego de letras, ora maiusculas ora minusculas, com que escreve a mesma palavra, tudo indica ser este o unico fragmento que o poeta conservou das suas primeiras tentativas, se com effeito foi elle quem o escreveu, o que não affirmo.

² Pelo sobrescripto se vê que a esse tempo ainda o nosso auctor era tratado como ecclesiastico. Diz assim: «Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. João Baptista da Silva Leitão. = G.^{do} D.^s m.^s a.^s = Ilha 3.^a».

e quasi sem nenhuma emendas. Ao todo contêem esses fragmentos mil seiscentos e quarenta e sete versos. O canto I tem, em seguida ao titulo do poema — « Angra, 1815 ». — sem nome de auctor. No II diz, depois do titulo: — « Por Josino Duriense¹ ». — E é tambem de 1815. O III, já com data de 1816, traz o mesmo nome de auctor que o II. O IV principia com estas palavras no alto da pagina, á direita: « Comecei a 3 de fevereiro de 1816 ». É portanto escripto aos dezeseite annos². E, dado que seja seu, não pôde ser apreciado senão como ensaio de poeta inexperiente. Comtudo, em grande parte d'esses versos denuncia-se o balbuciar do talento.

Eis como principia :

— « As armas, e o barão canto de Lizia,
 Que sabio, que guerreiro, ao mesmo tempo,
 Fundou o excelso Imperio Luzitano.
 Embalde se lhe oppoz Leão sanhudo,
 O Hispanico Leão co'as feras garras.
 O Alfange de Mahometh falsou seus golpes;
 Luzitano revez lhe embota os fios.
 Ajudado do céo, do céo mandado,
 Deo nova Roma ao mundo, fundou Lizia.

¹ Jonio Duriense se chamou n'uma das copias do *Retrato de Venus* (*Obras*: tom. xxii, pag. 16). *Arcades ambo?* Ou será isto indicio de que outro foi auctor d'essa tentativa? Era Josino Duriense o nome arcadico de José Ferreira Borges, que foi seu intimo amigo depois. Que relação terá um nome com o outro?...

² Fazia-os no dia seguinte áquelle em que começa o canto IV. Sê o *Retrato de Venus* fosse escripto por este tempo, como o auctor affirmava, por mais emendas que lhe fizesse, devia revelar alguma afinidade com a *Affonsaida*, apesar da differença de generos; mas parece-me não ter nenhuma. E isso augmenta as dúvidas em que estou de que elle seja auctor da *Affonsaida*. Além da variedade do estylo, acho n'ella mais versos errados do que rasoavelmente deveria ter, comparada com trabalhos feitos dois e tres annos depois, nos quaes reina sempre a harmonia, que falta áquelles. Quem pôder que resolva o problema; eu declaro-me incompetente.

Musa de Smirna, Mantuana Musa,
 Que largos annos habitaste o Tejo,
 Tu, que inda accordas com prazer o tempo
 Em que afinaste ao grão Camões a Lira,
 Que meiga te sorriste ao sabio Castro,
 A Quevedo, a Menezes, e a mil outros,
 (Que tantos a Aganipe envia o Tejo);
 Volta outra vez ás saudosas praias,
 Entorna impeto novo em minhas veias,
 Hum raio a Apollo rouba, em mim o infunde,
 Que não menos careço em tal empreza
 A que os hombros furtou thequi o Helicon.

Lá no campo d'Ourique, que inda roxo
 Se vê c'o torpe sangue do Ismaelita,
 Envolto em mil tropheus estava Affonso,
 Affonso, o grande heroy, de Henrique filho,
 Nas tendas marciaes, de heroys cercado
 Revolvendo na mente bellicosa
 Mil disenhos guerreiros, mil batalhas.

Fronte a fronte lhe estava Ismar sanhudo,
 Que do pingue Alemtejo os campos rege.
 Socios lhe eram na Seita e nos intentos
 Os tiranos de Silves, e Merida,
 Sevilha, Badajoz, e de Aljezira,
 E o teu, bella Lisboa, que em tal Quadra
 Jazias sob o jugo Sarraceno.»—

Camões, seu mestre e modêlo, é imitado aqui no que tem de menos feliz: a mistura da mythologia pagã com o maravilhoso do christianismo. Deus e Jove, o céu e o olympo, Christo, Plutão e Mafoma, a todos se allude ou invoca. Se esta tentativa é de Garrett, vê-se quanto a convivencia das musas classicas e a das pessoas educadas no culto da antiguidade o tinham já desviado das poeticas tradições da infancia. Em breve, a leitura constante dos poetas latinos, e a sociedade dos seus contemporaneos, em Coimbra, enfraquecerão ainda mais sensivelmente, se bem que por pouco tempo, a influencia que o grande poeta nacional, e os contos das velhas que o crearam, exerceram depois no seu espirito. Quando

as saudades da patria o pungirem, no exilio, reaccordar-lhe-ha de novo o sentimento moderno. Então terá elle já achado todos os segredos da fórma e do estylo; a sua musa, banhando-se nas fontes populares, cessará de imitar a seccura academica dos classicos: rejuvenescida pelo patriotismo e pela liberdade, cantará de modo que ha de encontrar sympathias em todos os corações e lagrimas em todos os olhos.

XVII

A noticia dos successos de 1815, o immenso echo da quêda de Napoleão, apesar de amortecido pela distancia, chegaram á ilha Terceira e commoveram profundamente o moço enthusiasta. Que epopéa, na vida d'aquelle homem extraordinario! Perto de quarenta annos depois o poeta sentia ainda como que o reflexo das impressões da sua mocidade, lendo, na *Historia da restauração*, por Lamartine, o juizo severo, mas imparcial, que faz o historiador francez do gigante do seculo.

E não estar no continente, para ter mais cedo conhecimento d'esses epicos successos! O ardente mancebo sentiu-se dominado pela impaciencia de quebrar as prisões que o retinham. Por fortuna sua o curso de estudos, que estava seguindo, habilitava-o para entrar na universidade, se para isso conseguisse a necessaria licença de seus paes e tio. O que lhe faltava era animo de dirigir-se a elles, para solicitar essa permissão, por suspeitar que o seu pedido os magoaria. Communicou ao tio João Carlos os seus desejos, que este approvou com a maior alegria, offerecendo-se para ser mediano entre o sobrinho e a irmã. Depois de ter reflectido, João recusou a intervenção offerecida. Pareceu-lhe que se tomaria por fraqueza de character o facto de recorrer a outra pessoa

para auxiliá-lo n'este empenho, e resolveu-se a fallar pessoalmente ao pae.

N'um dia, em que a familia estava toda reunida, depois de jantar, rompeu com as hesitações, aproximou-se respeitosamente de Antonio Bernardo, e disse-lhe que a elle, a sua mãe e ao tio bispo implorava para não ser padre. Sabia que desde pequeno o tinham destinado para a vida ecclesiastica; e que só por obediencia, e por não querer desgostá-los, se calára até agora, e se resignaria a seguil-a, se lh'o ordenassem terminantemente; mas que lhes rogava muito que não insistissem, porque tinha a consciencia de que seria infeliz n'essa carreira. Não tinha vocação, nem gosto; deixára-se ir até então, illudindo-os talvez, mas sem querer, porque nunca pensára francamente nas consequencias de se condemnar a semelhante existencia, da qual começavam a afastá-lo com viva repugnancia as tendencias do seu espirito; que, educado na severa escola de seu pae, antes queria arrostar com a colera d'elle, do que mentir á sua consciencia, e ser mais tarde sacerdote indigno.

Quando elle se calou, todos estavam mudos de espanto. Sua mãe, aterrada, punha os olhos no marido, como para supplicar-lhe que fosse indulgente e benigno. Antonio Bernardo, meio irado meio satisfeito, consultava D. Frei Alexandre com a vista; só este ficára profundamente consternado. Aquelle sobrinho, instruido com tanto amor por elle, era a esperanza da sua velhice. Desejára torná-lo padre digno de lhe cerrar os olhos; e via desfazer-se-lhe o sonho, como se desfazem, ao sôpro das nortadas, os nevoeiros de Cintra!

Interrogado ácerca do caminho que queria seguir, respondeu João que, se lh'o permittissem, iria para Coimbra formar-se em leis, assim que terminasse os preparatorios.

Vendo Antonio Bernardo, depois de breve discussão,

que o bispo condescendia, resignado, e que todos os mais pareciam ser do partido de João, declarou que votava tambem pela ida do filho para a universidade.

—E o beneficio da ordem de Christo?—perguntou o bispo.

—Renuncio a elle em tudo—respondeu João.

N'esse mesmo dia largou o moço estudante a batina ecclesiastica; e, pouco tempo depois, tendo concluido os preparatorios, embarcou para o continente¹.

¹ Afirmaram-me, em vida do poeta ainda, que uns amores juvenis foram a causa principal que arrancou á familia o consentimento para elle ir para Coimbra. N'um artigo humoristico, publicado a pag. 25 e 26 do *Chaveco liberal*, Londres, 1829, que é da sua penna, diz elle: «... assim mestre calafate como aqui me vêem, fui estudante no meu tempo, e maldita seja a moça que me andou co'a cabeça á roda e foi causadora de eu não ter hoje as orde's com'o nosso capellão...» Isto, e o facto de não ter voltado á Terceira senão no fim de cinco annos (porque a familia desaprovava aquelle sentimento), tornam plausivel a affirmativa.

IV

Observações criticas. — Chegada a Lisboa. — A protecção ingleza e a invasão franceza. — Coimbra. — Matricula na faculdade de leis. — Apesar da sua reputação de talento e de estudo, não é premiado. — Despeita-se e protesta mudar de curso. — Primeiras férias. — O estudante protector. — Porto: recordações saudosas. — As tias; o irmão Alexandre. — Carta polyglota. — Se fazia versos n'estas férias. — Morte de Gomes Freire de Andrade, e impressão que esse acontecimento produz em todo o paiz. — Opiniões do moço estudante. — Regressa á universidade e matricula-se em mathematica. — Ordens do pae o obrigam a voltar ás leis. — Supremacia que adquire, firmada por um soneto. — Como e quando se revelou poeta em Coimbra. — Associações secretas. — Primeiras obras theatraes: *Xerxes*. — Fim do segundo anno. — Fallecimento do bispo D. Frei Alexandre.

I

Emquanto o joven poeta sulca os mares, profundamente commovido pela saudade dos que deixa e pela lembrança, não menos saudosa, dos sitios que vae tornar a ver, examinemos se é possível lançar alguma luz sobre as datas das suas primeiras composições poeticas. Referimos no começo d'estas memorias que uma das suas fraquezas era occultar a idade. Esse defeito, se o é, commum a grande parte do genero humano¹, não póde influir no julgamento das suas obras, perante o tribunal da posteridade; mas da confusão das datas, confusão que parece feita de proposito para desnortear os outros, resultou tamanha desordem na chronologia da sua historia, que elle proprio se perdia por fim no seu systema,

¹ Entre muitos exemplos, nacionaes, occorre-me um dos mais recentes, antes de Garrett, que era José Agostinho de Macedo. Aos setenta annos, dizia ter sessenta e seis.

quando realmente o não desejava. Não commetterei o excesso de dizer que o poeta nem já sabia ao certo o anno em que nascêra; mas posso asseverar que algumas datas, que se lêem nas poesias da *Lyrical de João Minimo*, nas das *Flores sem fructo*, e nas fábulas, contos e sonetos do volume das *Folhas cahidas* foram postas ao acaso.

As quatro primeiras peças da *Lyrical* trazem por baixo 1815¹. Ora, não é crível que o auctor, aos dezeseis annos, creado até então sob as vistas da mãe, no seio de tão exemplar familia e dirigido por um prelado respeitavel e venerando, escrevesse a ultima d'essas composições em semelhante idade, ainda apesar das liberdades que a escola classica permittia e auctorisava. Nas notas A e B ao livro segundo da *Lyrical* dá elle rasões, a respeito do tempo em que compoz certas poesias, que, sem convencerem o leitor, confirmam a opinião que estou desenvolvendo. No A *quem ler* das *Folhas cahidas*, diz, referindo-se á collocação de todos os seus versos nos respectivos volumes: «Infileirou tudo por generos e datas, algumas das quaes só estavam na pouco exacta reminiscencia do auctor». Mais adiante, acrescenta que n'esse tomo das suas obras «está a infancia poetica, toda a vida juvenil do homem de letras, do artista, do patriota sincero e innocente, do enthusiasta da liberdade...» Tudo isso assim é, menos as datas que resultam da analyse d'esse prefacio. Diz que o livro primeiro se sente escripto no socego da casa paterna; e que o segundo é nova era para o poeta e para o patriota. «Alceu imberbe, tribuno de dezeseis annos, levanta-se com a revolução...» O livro segundo começa com as datas de

¹ Escapou no *Diccionario* de Innocencio um erro typographico, porque se affirma ali ser a *Primavera* de 1814. É evidente o equivooco, pois que logo em seguida se diz que teria então o poeta dezeseis annos, como effectivamente tinha, em 1815. De 1814 é o soneto 1 no volume das *Folhas cahidas*.

1820. Depois do dia 24 de agosto tinha elle vinte e um annos e meio, e não dezeseis!

Tudo o mais é subordinado a este systema. N'esses admiraveis prologos está resumida a sua biographia, e a historia das suas obras, como eu não sei escrevê-la, como ninguem a escreverá jamais; devem, porém, acolher-se as datas com a maior reserva¹. Se valesse a pena recorrer a confrontações de outra ordem, para demonstrar que ellas merecem pouca confiança, acharíamos novos e incontestaveis documentos d'esta asserção².

Pela leitura de todo o volume da *Lyrice* se reconhece que as peças que o compõem, assim como as fábulas e contos annexos ás *Folhas cahidas*, e parte das *Flores sem fructo*, pertencem evidentemente á primeira e segunda epocha da sua vida poetica; mas afigura-se-me muito difficil discriminar quaes fossem as que primeiro escreveu.

¹ É natural que n'estas memorias me escapem tambem muitos erros: quem pôde gabar-se de não os commetter? Esforcei-me, comtudo, o mais que pude, para restabelecer a verdade. E peço a todas as pessoas que se achem em circumstancias de me auxiliar com algumas correccões, o favor de m'as mandarem, documentadas, para, no caso de terem estes estudos outra edição, se fazerem n'elles as emendas.

² A *Madrugada no jardim botanico de Coimbra*, que se acha a pag. 171 da *Lyrice*, edição de 1853, com a data de março de 1821, foi publicada a pag. 65 do tom. II do *Chronista*, em 1827, com a declaração, no fim dos versos, de ter sido escripta em 20 de junho de 1820 «na convalescença de perigosa molestia, indo de madrugada passear ao jardim botanico». E *O Mar*, publicado a pag. 78 do tom. I d'esse mesmo jornal, com a nota de ter sido escripto nos mezes de abril e maio de 1821, em longa e penosa viagem de mar, acha-se a pag. 21 das *Flores sem fructo*, que principiam com as datas de 1823. Mas, ahi, o poeta teve a cautela de pôr por baixo dos versos 182... Se as datas não fossem postas ao acaso, era natural ter passado esta peça para a *Lyrice*, e as seis com que termina aquella collecção para as *Flores sem fructo*, pois são de 1823 e de janeiro de 1824.

Vasadas nos moldes classicos, e correctas por igual, attestam o seguinte facto extraordinario: o poeta, que corrigia excessivamente os seus ultimos trabalhos, não fazia quasi emendas nenhuma nos da sua juventude, como se pôde verificar pelas successivas edições de algumas peças, que se publicavam em jornaes. É indubitavel que tinha feito muitos versos antes de ir para Coimbra; mas outra circumstancia digna de reparo é que não gostava de os publicar. A composição mais authentica, que eu pude assignalar como primeira, é aquella de que atraz citei os quatro versos. Segue-se a essa o poema incompleto *Affonsaida*, se acaso é seu. Quanto ás poesias soltas, ou lhe saíam desde logo correctas, e portanto confundem-se, chronologicamente, com as que fez mais tarde, ou, depois de começar a imprimir algumás, aos vinte e tantos annos, passou sobre todas a rasoura do estylo, que as igualou entre si¹.

Julgo, pois, difficil, se não impossivel, poder-se marcar data á maioria das suas composições lyricas. Por vontade propria ou por determinação e conselhos dos parentes, affirmou elle que occultára cuidadosamente as suas inclinações poeticas quando chegou a Portugal, e que teve a constancia de não as revelar em Coimbra, senão passados dois annos. Adiante voltaremos a estes assumptos. Note-se, porém, desde já que, apesar de nos dizer o poeta, n'um dos seus prologos, que n'esses primeiros tempos não fez versos, matriculou-se em fins de 1816, e poz n'uma das peças da *Lyrica (Anniversario de Filinto)* a data de 1817, Porto. A ser verdadeira esta data, seria aquella poesia feita logo nas primeiras fêrias, o que desafina inteiramente o seu systema. Tambem nas *Folhas cahidas* ha sonetos de 1817, e até um de 1816. Depois se avaliará o credito que isto merece.

¹ Parece ser isto o mais provavel.

II

Ao desembarcar em Lisboa ficou o moço viajante desagradavelmente surprehendido, por ver a sua patria quasi exclusivamente governada por inglezes. Os nossos caros aliados, que sempre tiveram decidida vocação pelas cousas portuguezas, gostaram igualmente do ar de protectores, que haviam tomado durante a invasão franceza, e assentaram que seria tolice trocar o céu limpido e azul da península pela suja atmosphaera e pelos nevoeiros da sua ilha. Deixaram-se ficar por cá, e fizeram bem.

Está provado que tambem nós não podemos viver sem elles, que os amámos a ponto de lhes darmos o melhor que possuímos em colonias, vinhos, bois, laranjas, ananazes e dinheiro. Tudo quanto temos, e lhes agrada, é logo seu. Em compensação, protegem-nos elles, quando estão de maré, e vendem-nos navios por preços fabulosos; verdade seja que lhes pagámos a protecção mais cara do que a venderiam a outros, e que os navios que lhes comprámos nem sempre são capazes de servir; mas, entre amigos intimos! . . . Às vezes não estão de pachorra para nos aturar, e deixam vir os francezes buscar insultuosamente ao Tejo os vasos negreiros, que os nossos fieis aliados nos obrigaram a tomar; mas tudo isso são bagatellas.

Depois de acabada a guerra com a França, guerra em que tomámos tanta parte como elles, mas da qual pretenderam guardar só para si a gloria e o proveito, pareceu-lhes bem ficarem vivendo á nossa custa, em Portugal. Sentiam-se cansados, magros, necessitavam de alguns annos de regimen, vinho do Porto e boas carnes, e reflectiram judiciosamente que era preferivel comer e beber aqui de graça a ir para Inglaterra pagar estas cou-

sas. Além do mais, podiam lá adulterar-lhes o vinho do Porto, e isto prejudicava-os.

Ora o melhor meio de ficar e obter tudo, sem dar escandalo, era tomar posse do paiz e governál-o, como se fosse seu. Foi o que elles fizeram. D'este modo recebiam grandissimos ordenados, e mandavam dizer ao rei, que estava no Brazil:

—Nós cá lhe tratâmos d'isto; deixe-se estar ahi, que está bem. E mande-nos mais dinheiro; aqui não ha senão papel moeda, que não presta para nada. Ordene a estes brutos que arranjem metal. Não é preciso muito. Para o marechal Beresford basta um conto e quinhentos mil réis por mez¹; para os outros, alto e baixo, calcule um conto de réis por cabeça.

Quem não ficaria satisfeito com tão modestas exigencias? Mais gastava o rei, que estava longe do seu povo, e não tinha tanta influencia nos negocios publicos como os nossos bons amigos. Deu-se-lhes o que pediram, e era justo. E elles, para não nos ficarem atraz em delicadeza e generosidade, não quizeram sair-nos mais caros do que nos teria custado a invasão franceza: ficaram pelo mesmo preço. Eram cavalheiros.

III

João Baptista, sem deixar de os admirar, como mereciam, não sympathisou com Lisboa ingleza, e partiu para Coimbra, depois de ter cantado, de passagem, segundo diz a data do soneto, uma feia com linda voz². Residiu,

¹ Recebia oitocentos sessenta e seis mil seiscentos sessenta e seis réis de soldo e seiscentos mil réis para mesa! Documentos do ministerio da guerra, arch. da repartição central, liv. 5, fl. 99, citados pelo sr. Claudio de Chaby.

² *Fábulas, Folhas cahidas*, 1853, pag. 103.

n'esse primeiro anno de Coimbra, na rua do Borrvalho, n.º 24. E no dia 23 de novembro de 1816 foi admittido á matricula do primeiro anno juridico, sob o n.º 165, tendo perto de dezoito de idade¹.

Poucos mezes bastaram para lhe adquirir, entre con-discipulos e mestres, a mesma reputação de talento, que alcançara em Angra. Querendo alegrar a familia, com a noticia dos seus primeiros triumphos universitarios, deitou-se ao estudo com ardor e perseverança, pondo o fito em ser premiado no fim do anno.

Sem dar inteiro credito á affirmativa, que elle nos fez depois, no prologo da *Merope*, de que nos primeiros dois annos não fez versos, nem leu poetas, podemos comtudo suppor que unicamente os não escreveria ao principio². Era natural que o pae e os tios o tivessem aconselhado a encobrir cautelosamente o talento poetico, que n'aquelle tempo (e talvez que ainda hoje, na opinião de muita gente) se julgava qualidade pouco recommendavel. Alguns dos ultimos companheiros do vate Elmano haviam tornado por tal modo ridicula a qualificação de poeta, que não faltava quem a tomasse por synonymo de homem de vida dissoluta³, de papa-jantares, de pobre sem brio, e até de patife.

¹ Faltavam-lhe apenas dois mezes e onze dias.

² Embora as datas das peças, nas collecções atraz citadas, digam o contrario, brigando com a asserção do prologo da *Merope*.

³ «... todos sabem que para se adquirir este nome em Portugal (o de poeta) é necessario andar maltrapido, viver vida cynica pelos cafés e bilhares do Chiado ou do Quebracostas, onde, com o charuto na bôca e o ponche ou a philippina na mão, se discute de sonetos, decimas, odes pindaricas e dithyrambos, que são os unicos generos hoje admittidos pela legitima, pura e orthodoxa poesia lusitana, fulminado terrivel anathema contra toda e qualquer heretica nequicia discrepante.» (*Lyrical*, 1853, pag. 4). Se ainda em 1825 era este o estado das cousas, o que não seria em 1816-1817?!

O Parnaso estava desacreditado. José Agostinho de Macedo, que já em 1812 parodiára obscenamente o elogio de Antonio Xavier, recitado no theatro da rua dos Condes pela actriz Marianna Torres, comprazia-se ainda, umas vezes por outras, a vestir as musas de peixeiras; substituiu o Pégaso por um mulo, a penna pelo arrocho, e gritava *urbi et orbi*:

Magros rhetoricões beijae-me o s...

Que eu faço as regras e nas vossas m...

Para um rapaz de dezoito annos ousar então revelar a sua vocação poetica, necessitava, primeiro que tudo, ter absoluta independencia; e, em segundo lugar, ser dotado de tão poderosas faculdades, que atemorizasse, com a manifestação d'ellas, a inveja e a calumnia, que não recuavam diante das maiores celebridades. Talvez que João Baptista já tivesse a consciencia d'essa grande força, que mais tarde o fez saltar por cima de todas as conveniencias, n'um momento de indignação e de colera; mas sentia a necessidade de ser prudente, não só por obediencia ás determinações da familia, como tambem por não conhecer ainda o terreno que pisava. O deploravel governo, que regia os destinos do paiz, fazia com que todos os portuguezes vivessem mais ou menos desconfiados uns dos outros. Os inglezes, sabendo que eram detestados pela maioria da nação, assalariavam por toda a parte espões, entre os proprios nacionaes; e não faltavam, infelizmente, miseraveis que vivessem exclusivamente do fructo infame das denúncias! A dominação britannica tinha partidarios em Coimbra. Os estudantes suspeitavam dos proprios lentes, e estes não se fiavam n'aquelles.

É portanto possivel que João Baptista, nos primeiros mezes da sua estada na universidade, guardasse prudente reserva, e tratasse unicamente de se distinguir pe-

la assiduidade no estudo¹. O seu empenho era alcançar triumphos que echoassem na ilha Terceira, justificando ali o acerto com que trocára os cursos theologicos pelos juridicos. Sabe-se que foi dos mais notaveis estudantes n'esse primeiro anno, e que no fim d'elle esperava ser premiado, sem sombra de favor. Não aconteceu, porém, assim. Apesar da boa reputação que adquirira, até entre os professores, não recebeu a minima distincção, facto que não só elle tomou por acintosa injustiça, sem comtudo se poder explicar a causa d'ella. Essa causa, se existiu, poderia talvez procurar-se nas circumstancias do tempo. Ao cabo de seis mezes de frequencia nas aulas, senhor dos usos e costumes universitarios, com fama de estudioso, e não temendo já difficuldades nem estorvos no caminho encetado, é provavel que João Baptista se deixasse levar algumas vezes pelos impetos do seu nobre patriotismo contra o odioso jugo britannico. A mocidade, quando a inspiram idéas generosas, esquece-se facilmente dos calculos da prudencia. João manifestaria os seus sentimentos em presença de quem os tivesse differentes e oppostos; condemnaria com severidade, e qualificaria devidamente o procedimento dos que apoiavam os inglezes; e se entre os membros da universidade houvesse algum, sabido ou encoberto, votado aos interesses dos estrangeiros, é claro que, podendo, não deixaria de tomar vingança do temerario patriota. E que melhor vingança, para almas d'essas, do que impedir que elle recebesse o premio que julgava ter merecido? Esta pena seria acto infame e covarde? Que mais se podia esperar de quem atraíçoava a patria?!

É claro que similhantes reflexões não passam de con-

¹ Devia ser grande o imperio que tinha sobre si para não fazer versos nos *oiteiros* que tiveram logar na universidade por ocasião da acclamação de D. João VI, em abril de 1817. É licito duvidar que os não fizesse, mas não ha prova.

jecturas, nem podem tomar-se como accusação a todos os lentes, que n'esse tempo leccionavam na faculdade juridica, ou em qualquer das outras. Mas não se ignora que muitos d'elles tinham manifesto horror ás idéas liberaes; e que alguns foram, mais tarde, barbaramente assassinados, por causa do seu amor á tyrannia.

Fosse, porém, qual fosse a causa por que João Baptista deixou de receber premio, o certo é que elle entendeu que o tinham desconsiderado, offendeu-se, e protestou deixar para sempre o curso juridico.

IV

Para consolar-se do aggravo, supposto ou verdadeiro, de que se julgava victima, resolveu-se a ir passar as primeiras férias nos logares queridos da sua infancia, e partiu para o Porto. A jornada fazia-se ainda no classico macho de aluguel, com o arrieiro atraz, e não faltavam n'ella episodios mais ou menos semelhantes aos que tão comicamente descreve o auctor do *Palito metrico*, em seu latim macarronico. Porém, o nosso estudante alcançára no tempo de novato a amisade de certo valentão, que era seu patricio, e o acompanhou quasi sempre nas idas para férias. Esse amigo, do nome do qual o poeta, nos seus ultimos annos de vida, dizia que não se recordava, era filho de um medico do Porto; estudava medicina em Coimbra, onde primeiro cursára theologia, philosophia e mathematica, sem conseguir formar-se em nenhuma d'essas faculdades. Quando João Baptista o conheceu, já elle era veterano; e ainda cursava a academia ao tempo em que o nosso estudante d'ella saiu formado em leis! Era este famoso cábula, segundo me affirmava Garrett, moço de prodigioso talento, e de preguiça mais prodigiosa ainda! Nunca abria os compendios; po-

rém, de vez em quando, nos seus momentos de pachorra, improvisava lições brilhantes, sobre os pontos que ouvia nas aulas, e assombrava os mestres e os condiscipulos, que uns e outros o lamentavam por não querer estudar. Tornára-se conhecido e popular pela alcunha de — rei-cábula. — Quando o lente o chamava á lição, em historia ecclesiastica, por exemplo, começava sempre assim:

— Creou Deus o homem, que poz em paraizo de delicias¹...

— Estamos no v seculo da Igreja, senhor estudante — interrompia o lente.

— Bem sei, senhor, bem sei; lá chegaremos.

O professor mandava-o sentar. Chamado d'ahi a tempos, dizia-lhe o lente:

— Queira dizer, senhor F: Estamos no x seculo da Igreja.

Rei-cábula, em quem toda a aula punha logo os olhos, levantava-se com a usual imperturbabilidade, e começava:

— Creou Deus o homem, que poz em paraizo de delicias...

— Lembro ao senhor estudante que estamos no x seculo...

— Lá chegarei, senhor; lá chegarei. Creou Deus o homem...

— Sente-se.

Assim se explica o porque elle transitava, sem pro-
veito, de umas para outras faculdades. O pae, que era
abastado, e parecia ter perdido a esperanza de fazer
d'elle homem util, preferia deixál-o estar em Coimbra,
a tê-lo em casa ocioso.

¹ No capitulo xxiv das *Viagens na minha terra* repetiu Garrett essas palavras do seguinte modo: «Formou Deus o homem, e o poz n'um paraizo de delicias».

Era este original dotado de grande força muscular, da qual, todavia, não abusava, diziam alguns que por preguiça! Quando João Baptista ia matricular-se, o acaso fez com que se encontrasse com o seu compatricio, e trocassem entre si algumas palavras. Sabendo o celebre cábula que João era portuense, impediu que se lhe fizessem as troças e montarias brutaes, com que era uso acolher os caloiros, e tomou-o sob a sua protecção. Esta circumstancia ligou-os logo em íntima amizade. E apenas começaram as fêrias, partiram juntos para o Porto. A presença do veterano impediu tambem que os almoceves e estalajadeiros explorassem, durante a jornada, com as sabidas manhas, a inexperiencia do poeta ou o victimassem com algumas das judiarias que costumavam fazer aos outros novatos.

V

Quando ao cabo de dois dias, que gastaram em excursões pelo caminho, os dois amigos chegaram ao Alto do Bandeira, João Baptista suspendeu a andadura do macho e poz-se a olhar para a cidade, que se avistava ao longe, através da nevoa matutina. Para disfarçar a commoção, puxou por um cigarro, fingindo que tinha parado para accendê-lo. O condiscipulo, que desde o começo das relações entre ambos reconhecêra a sensibilidade, quasi feminina, de que João era dotado, adivinhou sem dúvida o motivo d'aquella paragem e seguiu para diante com os almoceves, depois de ter dito ao moço poeta onde devia ir procurá-los.

VI

João fumava machinalmente o cigarro que accendêra, com os olhos fitos na cidade, como se procurasse avistar

entre as outras a casa em que tinha nascido. Logo que o seu companheiro desapareceu com os almocreves, descendo em direcção á ponte das barcas, largou a rédea ao macho, e guiou-o para a embocadura do caminho que conduz á Serra do Pilar. Seguiu por esse caminho até ao arco do aqueducto, onde hoje estão os guarda-barreiras. Ahi, tomou pela estrada de S. Christovam de Mafamude. Já olhando attentamente para um e outro lado, dando a miude signaes de pasmo, á vista dos sitios por onde passava e dos objectos que n'elles via. Aquella estrada fôra-lhe muito familiar na infancia; percorrêra-a tantos centos de vezes que, apesar de terem passado oito annos, levantaria de memoria a sua planta topographica, com todas as saliencias e abaixamentos, angulos, recantos, curvas, rectas, numero de arvores, especies d'ellas, extensão de muros, vallados, a côr de cada couza e o feitio de cada pedra! E apesar d'isso a sua admiração não tinha agora limites; o seu assombro era indescriptivel, porque revendo todos esses logares, e reconhecendo-os, pareciam-lhe, comtudo, profundamente modificados, sem elle saber a causa! Na sua reminiscencia tudo aquillo devia ser muito maior do que lh'o mostrava a realidade. O leito da estrada tinha necessariamente subido n'umas partes, ou se tinham rebaixado n'outras as paredes que a circumdavam. Afigurava-se tudo mais pequeno do que outr'ora. Os muros, aliás bem altos em alguns pontos, as arvores, tambem nada humildes, os milharaes magnificos, tudo se lhe mostrava mesquinho e encolhido. Tinham-se feito muitas casas novas pela beira do caminho; mas, á esquerda, via por cima dos paredões parte da cidade, ao norte do Douro; o monte do Crasto ou S. Cosme, proximo a Valbom; a pittoresca aldeia de Fanzeres; o depois famoso monte das Antas; o Freixo, Avintes . . . a mais formosa paizagem que pôde imaginar-se! . . . e só os longes lhe pareciam

os mesmos! Todos os primeiros planos tinham evidentemente diminuído de grandeza! Até a igreja de S. Christovam de Mafamude, que deixa á direita, diria ser hoje insignificante! Carvalhos, coroados de videiras, como os do Minho; parreiras, suspensas em pilares de pedra, nos cimos de altas paredes; magníficos pinheiros de um e outro lado; e as próprias arvores da quinta da Lavandeira, que vaé torneando n'este instante, perderam as proporções grandiosas de outr'ora! Porquê?!

Passado o largo da Lavandeira, bifurca-se a estrada. O moço viajante faz parar o macho e hesita. Pelo caminho da esquerda, encurta-se a distancia, que o separa da quinta do Sardão; mas pela direita é mais pittoresco. Toma para esse lado. Chega aos lavadouros, onde estão numerosas lavadeiras, umas lavando, outras estendendo a roupa, e quasi todas cantando. Seriam as mesmas do seu tempo? Encara-as; não conhece nenhuma; acha, porém, muitas jovens e formosas; e demora-se a ouvir-lhes as cantigas. Ellas riem-se ruidosamente, talvez porque o acham tambem do seu agrado, pois que era moço e gentil. Pedem-lhe dinheiro, chacoteam-n'o e acabam por apupál-o. João esporeia a cavalgadura, toma á esquerda, avista uma parede muito original, feita com taboas de pedra, de metro e meio de alto; passa poma-res, hortas, vallados de silvas carregadas de amoras e de flores, dobra sobre a esquerda, e faz parar o mulo. Estava no largo da casa do Sardão. Ahi, não pôde conter-se:

—Que fariam das grandes arvores?! Provavelmente morreram de velhas... e todas estas são novas... Passaram já oito annos!... Oh!... tambem a casa... palacio, se dizia d'antes! Até essa me parece mais pequena! É extraordinario! Tudo, tudo está mudado!... Ah!—exclamou, approximando-se melancolicamente do portão da quinta. —Não foi isto que mudou; fui eu!

VII

Apeou-se; prendeu o mulo á grade de uma das frestas do rez do chão, e bateu á porta da quinta com força, como para cortar violentamente o fio das reflexões, que principiavam a tornar-se-lhe dolorosas. O echo das argoladas repercutiu-se lugubrememente no interior do edificio, que pareceu responder com ais sentidos áquelle bater desusado. Todas as janellas estavam fechadas. O vento, como se fosse de outomno, espalhava sobre o moço visitante folhas e flores, arrancadas das arvores, que gemiam queixando-se da aggressão intempestiva. Em torno da casa reinava sepulchral silencio, como se ella estivesse votada para sempre ao culto da eterna saudade.

João bateu outra vez, com maior anciedade e impaciencia. O predio estremeceu; e uma voz, que o mancebo julgou saída do tumulo, perguntou de dentro:

— Quem bate?!

— Abra!

Abriu-se lentamente a porta; João esperava rostos amigos, pessoas a quem a sua presença causasse agradavel surpresa, depois de o terem reconhecido. Apareceu-lhe um homem estranho. Era o caseiro.

— Quem procura?

— Sou João Baptista.

— Que quer?

— Entrar.

— Entrar! Para quê?—e tapou-lhe o caminho.

— Arrede-se! Vá dizer ás minhas tias que estou aqui. Chego de Coimbra...

— Tias?... O senhor é o menino que anda no estudo? Han!... As senhoras estão no Porto. Penso que não veem passar cá este verão.

— E eu, posso entrar?

—Póde, pois não! Essa é boa! Uma vez que é o menino?...

João entrou, magoado, por não achar quem procurava. O caseiro seguiu-o, talvez com suspeitas de que fosse algum aventureiro, que quizesse enganál-o, dando-se por parente das amas. Não era costume virem os estudantes de Coimbra sósinhos, sem arrieiro atraz. O prudente guarda do Sardão nem um instante deixou de acompanhál-o na piedosa visita que elle fez a todos os quartos. A alma do mancebo trاسبordava de saudades e amarguras, n'essa curta mas dolorosa peregrinação! Que de recordações da sua ditosa infancia, a cada passo dado dentro d'aquella casa! E de tantos entes queridos, que ali conheceu e que o ajudaram a abrir os olhos á luz da intelligencia, nem um só presente! E dos que lá deixára, ao partir-se para a terra de seu pae, já raros eram vivos! Em oito annos! Nem sua avó, nem o erudito beneficiado, nem a boa Rosa de Lima... nem outros muitos, que o amaram e a quem amou ternamente!...

Ao cabo de meia hora, desceu, suffocado pela commoção. Deu uma volta pelos pateos, olhou para a quinta e saiu. Montou no macho, esporeou-o, e partiu sem olhar para traz.

O caseiro devia ficar fazendo fraca idéa dos talentos do estudante, e lastimando, talvez, o dinheiro que com elle se gastava em Coimbra.

VIII

O joven poeta, communicando ao animal que montava a sua impaciencia, venceu rapidamente a distancia que o separava de Gaia, d'esta vez sem reparar nos caminhos. Metteu-se pelas estreitas ruas de Villa Nova, subiu o Candal e foi direito á quinta do Castello. Apeou-se, e tinha já pegado na aldraba do portão, que ficava

contiguo á casa, quando se lembrou de que morava lá gente estranha, e tornou a largá-la rapidamente. Presentido pelos cães, que havia no interior, vieram estes ladrar-lhe furiosamente por baixo da porta. Afastou-se consternado; levando o mulo á rédea, voltou, contornando o muro, que então não era tão alto do lado da habitação. Se fosse menos tímido, iria, como Jocelyn, pedir licença aos creados do novo proprietario para que o deixassem ver, pela ultima vez, o interior da casa, onde lhe correram os mais felizes annos da meninice; e rezar, no quarto de sua mãe, uma d'aquellas simples e formosas orações, que ella tantas vezes lhe ensinára, quando ali viviam ditosos. Mas faltou-lhe o animo, para dar as suas saudades em espectáculo a pessoas desconhecidas; e foi andando, vagarosamente, em procura de algum pedaço de muro caído, por onde podesse ao menos olhar para dentro.

Não achando o que desejava, subiu, esfarrapando-se, onde o sitio lhe pareceu mais accessivel; mal a cabeça lhe passou o nivel da parede, foi avistado pelos cães, que o investiram de novo com mais furia, açulados pelos trabalhadores que andavam a sachar na horta.

João desceu; e emquanto cavalgava, sentindo o coração esmagado, veiu o caseiro da quinta, com o sacho na mão, escarranchar-se no muro, seguindo-o com a vista, como se o julgasse malfeitor. O saudoso mancebo, que toda a vida foi victima da sua excessiva sensibilidade, doeu-se, adivinhando as odiosas suspeitas que inspirára ao camponez. E teria tornado atraz, para se justificar, se não lhe tivesse lembrado o que pouco antes lhe succedêra na propria casa que pertencia ainda á sua familia. Seguiu portanto para Villa Nova, e atravessou para o Porto.

Ahi não foram menos pungentes as recordações da sua infancia. Percorrendo os sitios que lhe eram fami-

liares, encontrava a cada momento algum d'esses mil capitulos que compõem a historia dos nossos primeiros annos, e que nunca mais nos esquecem: aqui a casa em que nascemos; além as fontes; mais adiante, as arvores povoadas de ninhos; os largos, as ruas, os passeios, o cruzeiro da igreja da freguezia; a primeira escola em que entrámos... tudo, emfim, quanto, depois de homens feitos, nos interessa mais o coração do que todas as maravilhas creadas pelo genio humano! Com que pueril prazer revemos e rememorámos os mais pequeninos casos da chronica infantil! Só o pôde entender e avaliar quem uma vez perdeu de vista os queridos logares, onde passou a meninice.

IX

Depois de ter visitado, com verdadeira devoção de peregrino, e com o sentimento que annos depois o fez cantor da saudade, a casa da rua do Calvario, o passeio das Virtudes, o largo da Cordoaria, e as ruas circumvizinhas, dirigiu-se o joven poeta para a rua da Boa Vista, onde já a esse tempo residia seu irmão Alexandre, na companhia de suas tias maternas. O acolhimento que estas lhe fizeram, compensou-o largamente das tristezas e amarguras, que o seu coração sensível recolhêra das visitas ás quintas e á casa da rua do Calvario.

João Carlos Leitão prevenira desde muito as irmãs, que aquelle sobrinho seria a principal gloria da familia; e com quanto as santas creaturas não fossem nenhuma Recamier nem Girardin, respeitavam o voto auctorisado do irmão; e o sobrinho não carecia de recommendações para que ellas o adorassem. João era o mais gentil de todos os irmãos; e juntava a essa para elle feliz circumstancia as maneiras insinuantes e affectuosas, o ar dis-

tincto, a graça amavel, a vivacidade e o enthusiasmo, qualidades que em todos os tempos encantam as mulheres, sejam ellas mães, irmãs, primas, amantes, ou tias velhas. Estas ultimas costumam, em geral, pagar logo á bôca do cofre, e talvez melhor do que todas as outras, as finezas que se lhes rendem e as affeições que inspiram. As tias do nosso estudante fartavam o ‘menino’ de doce; e elle, que era pantagruelicamente guloso, redobrava de ternura por ellas a cada novo covilhete, dizendo-lhes cousas capazes de as endoudecer de alegria.

Penso que por esse tempo era hospede permanente das tias o sobrinho mais velho. E suspeito que datam de então as primeiras dissensões que houve depois entre elle e o poeta. João fulmina graves queixas contra os do seu sangue, em diversos logares das suas obras. E parece que os aggravos que julgava ter de alguém seu, não eram unicamente motivados pela differença das opiniões politicas, mas tambem por causa de interesses particulares. A este respeito, não ousei nunca interrogá-lo.

«.....Salvae, salvae, ó musas,
De meus escuros versos estas linhas,
Não para a gloria—sonho vão de nescios!
Mas em memoria, doce de guardar-se
N’algum sensível peito.—Onde não gyra
Meu sangue...—E o sangue quam diverso corre
Por veias que esquecidas não palpitam,
Desleaes! co’a memoria, mas que rara,
Do infeliz, cujo seio enfraquecido
Sangue, como esse, alenta¹...»

«Seja-me permittido assellar aqui os leaes sentimentos da minha estima e saudade a uma familia verdadeiramente respeitavel e *ingleza*, em cujo seio achei o que

¹ *Camões*, 4.^a edição, 1854, pag. 107.

nem no meu sangue encontrei, verdadeira e desinteressada amizade¹. »

Apenas installado no Porto, mandou o estudante dizer ao pae que fôra acintemente desconsiderado, no seu primeiro anno, deixando de receber o premio que lhe era devido; e que, não querendo expor-se a novas injustiças, na mesma faculdade, estava resolvido a passar para outra. Escreveu tambem ao tio bispo uma carta polyglota, no intuito de mostrar-lhe que continuava a cultivar com aproveitamento o estudo das linguas; e talvez que movido tambem pela natural vaidade dos dezoito annos, que, seja qual for o grau de talento de quem os tem, ardem sempre em desejos de se manifestar eruditamente. A este tempo já o moço poeta estava senhor de uma somma de conhecimentos muito superior á que poderia esperar-se da sua idade; foram-lhe familiares todos os bons auctores existentes na bibliotheca do paço episcopal de Angra, que passava por excellente e numerosissima; em Coimbra frequentava as principaes livrarias, e tornára-se notavel entre mestres e condiscipulos pela facilidade com que citava grandes e variados trechos dos nossos melhores classicos, e dos mais celebres auctores estrangeiros, antigos e modernos². N'essa carta a D. Frei Alexandre, agradecia ao erudito velho a direcção que elle dera aos seus estudos, confessando dever-lhe tudo quanto sabia e valia.

É natural que já durante estas férias se occupasse outra vez de versos, apesar da citada affirmativa de que nos primeiros annos da universidade os não fizera. A composição que tem por titulo *Anniversario de Filinto*³ é datada do Porto, em 1817; mas, provavelmente, foi

¹ *Camões*, nota S, pag. 225.

² Apesar d'isso, costumava mais tarde queixar-se de falta de memoria! Talvez o fizesse por conveniencia.

³ *Lyrical*, 1853, pag. 58.

feita nas férias do Natal, como já se disse, porque Filinto fazia annos em dezembro.

Para mim é ponto de fé que desde que elle principiou a ensaiar-se na poesia nunca mais deixou inteiramente de a cultivar, embora o fizesse por vezes com menos assiduidade. Se nem as mais graves questões politicas, quando n'ellas andava empenhado o pundonor ou o orgulho do homem de partido, tiveram depois poder para o desviar das musas, como poderiam tê-lo os estudos universitarios, na idade em que todos os homens são poetas e se comprazem em crear difficuldades para terem o gosto de luctar com ellas?! E se desde muito novo o tentaram e namoraram as musas, como elle confessa ¹, acredite-o quem quizer, quando diz que em Coimbra conseguiu, durante cinco annos quasi, afastar de si a tentação ². Eu, que vivi com elle intimamente, que levei annos a estudá-lo com a paciencia e gosto de quem examina um codice precioso e raro, declaro que não o acredito n'este ponto. E ahi estão, para reforçar as minhas convicções, essas mesmas baralhadas datas, que elle, esquecido das suas affirmativas, assigna ás primeiras peças da *Lyrical*, e ás das fábulas e sonetos, no volume das *Folhas cahidas*. Mas o que mais formalmente o contradiz é que durante o tempo de Coimbra escreveu ou corrigiu a tragedia *Xerxes*, a *Lucrecia*, a *Merope*, os fragmentos de *Atala*, *Affonso de Albuquerque*, *Sophonisba*, *Edipo em Colona*, e os poemetos *O Retrato de Venus* e *O Roubo das Sabinas* ³. Tantos milhares de versos! Como é, pois, que durante quasi cinco annos conseguiu afastar de si a tentação?! Essas obras, bem como as outras

¹ *D. Branca*, 1850, pag. vi.

² *Ibidem*.

³ Veja o *catalogo* no tom. xxii das suas obras. Não dou maior noticia de alguns d'esses fragmentos por serem de pouca ou nenhuma importancia litteraria.

pequenas composições lyricas, eram, com raras excepções, vasadas em moldes classicos. Ainda que elle nos não dissesse que o seu enthusiasmo não via então no mundo poetico senão Horacio e Filinto Elysis¹, bastava para demonstrál-o a cõllecção da *Lyrica*.

X

Estavam para findar as férias, quando chegou ao Porto a noticia de que no dia 18 de outubro, d'esse anno (1817), fôra vil e infamemente enforcado, ao pé da torre de S. Julião da Barra, o valente general Gomes Freire de Andrade, além de outras onze victimas, sacrificadas no campo de Sant'Anna, pelo mesmo modo². Essas mortes, verdadeiros assassinatos politicos, eram consequencias funestas da vergonhosa subserviencia do governo portuguez ao odioso dominio britannico. D. João VI entregára Portugal a uma administração de fanaticos, tutelados por inglezes. Lord Beresford presidia á regencia, como rei de facto. O descontentamento era geral no paiz; mas o despotismo e a tyrannia dos estrangeiros impunham silencio a todos, e porventura entregavam aos oppressores muitos miseraveis, que manietados pelo medo denunciavam até os amigos e os parentes, quando estes ousavam murmurar dos dominadores. Gomes Freire e os seus companheiros calumniosamente accusados de conspirarem contra a dynastia, quando só aspiravam a plantar na sua patria a arvore santa da liberdade, foram processados summariamente, á porta fechada, sem se lhes admittir justificação, e tratados como os maiores fa-

¹ *Lyrica*, 1853, pag. 272.

² Veja no tom. ix do *Panorama* (1846 a 1852) a excellente biographia de Gomes Freire, escripta pelo erudito bibliophilo, de saudosa memoria, Rodrigo Felner.

cinorosos, apesar de juizes e algozes reconhecerem a sua innocencia. Padeceram morte affrontosa, na forca, queimando-se-lhes os corpos e dispersando-se-lhes as cinzas! Essa atrocidade de selvagens foi praticada em Portugal, por ordem dos inglezes, que, depois de expulsos os soldados de Napoleão, se installaram aqui como protectores! Que os nossos filhos e netos tomem nota d'este facta, que não é o unico em que se tem mostrado a *efficacia* da protecção britannica.

O grito de indignação que soltou o povo opprimido, ao saber-se a terrivel noticia d'esses crimes, repercutiu em todos os angulos do paiz; e, sem duvida, radicou nos animos o primeiro pensamento da revolução de 1820. João Baptista revelou-se desde esse instante o que depois foi toda a vida: o apostolo ardente e entusiasta da liberdade, o inimigo irreconciliavel dos tyrannos. O seu primeiro impeto foi escrever proclamações, chamando o povo á revolta contra os estrangeiros; e requerer, em seguida, que o legitimo soberano regressasse á patria. A prudencia ou terror dos parentes obrigou-o a reflectir que podia pagar com a vida a sua inutil audacia. Calou-se, pois; protestando, porém, a si proprio que usaria d'ali por diante de todos os meios de propaganda, para auxiliar a liberdade da terra em que nascêra.

XI

Terminadas as fêrias, disse adeus a amigos e parentes, e morto de saudades pelo seu patrio Douro, lá foi «choitando no proverbial macho de arrieiro para as doces margens do Mondego que tanto praguejava (diz elle) este ingrato coração, como se em toda a minha vida d'este mundo eu houvesse nunca de ter dias mais felizes do que tantos, tantos, que ali passei na innocente

e descuidada seguridade da vida de estudante¹». Chegando a Coimbra installou-se, n'esse anno de 1817 a 1818, na Couraça dos Apostolos, n.º 4. E apenas se abriram as matriculas, inscreveu-se, como ordinario, no primeiro de mathematica, e, como voluntario, no primeiro de philosophia, tendo n'este curso o n.º 2². Pouco tempo frequentou, porém, aquellas aulas. Ordens terminantes do pae (e não perda de anno, como algumas pessoas parecem ter julgado) o obrigaram a voltar para a faculdade de leis, onde teve que matricular-se apesar do seu despeito, e foi o n.º 14.

Vinte e quatro annos depois gracejava o poeta com estes factos, n'um dos seus prologos³, talvez para fazer persuadir as pessoas que se lembrassem d'elles que os encarou sempre do mesmo modo. Mas a verdade é que se não tivesse sido forçado, por obediencia á vontade da familia, não se teria formado em leis. O pae, sabedor de que elle tinha poetado antes e durante as férias, prohibia-lhe tambem novamente que o fizesse. Ao que o filho respondeu com este verso de Ovidio, feito em igualdade de circumstancias:

Parce mihi, nunquam versificabo, pater!

Mas logo d'ahi a pouco teve que faltar, sem querer, a esse compromisso.

Em Coimbra não fôra menos violento o abalo produzido pelos assassinatos do infeliz Gomes Freire de Andrade, e dos seus camaradas. A generosa mocidade academica, disposta sempre para as grandes cousas, murmurava, indignada, como as vagas do oceano momentos antes da tempestade. João exaltava mais os ani-

¹ *Arco de Sant'Anna*, tom. 1, 1851, pag. 105.

² N.º 1 era Frei José da Sacra Familia, que depois da extincção dos frades se chamou José da Silva Tavares.

³ *Merope*, 1844, pag. 9.

mos com discursos e versos. Um soneto intitulado *O Campo de Sant'Anna*¹ acabou de lhe firmar a auctoridade, que já começára a ter, e que d'ali por diante conservou sobre todos os estudantes enquanto esteve na universidade.

Convem rectificar aqui o facto de que a este tempo era já conhecido como poeta, e não o foi só em 1819, por occasião da morte do dr. Fortuna, como elle assevera². Condiscipulos seus me asseguraram, que logo depois do primeiro anno fôra denunciado e reconhecido poeta. E por ter chegado ao pae a noticia de que elle empregava todas as horas vagas do estudo a fazer versos, é que Antonio Bernardo lhe ordenára segunda vez que os não fizesse, quando, no começo do segundo anno, o mandou continuar o curso de leis. Se as suas datas merecessem confiança, seria o poeta mesmo quem, em outra parte das suas obras, destruiria a propria affirmativa, referindo-se ao dr. Fortuna. Lê-se no prefacio da *Merope* que por despeito com as faculdades juridicas quiz ser mathematico, e que o sr. Honorato lhe queria fazer engulir doses muito grandes de algebra. «Zanguei-me, fiz-lhe um soneto, mostrei-o, acharam-lhe graça, — fiquei perdido».

«*Jacta est alea*; fui declarado poeta 'em plenos geraes', e destampeei a fazer versos como um desalmado de dezeseis annos que eu era³.»

É claro que, tendo-se matriculado em mathematica no anno de 1817 (o seu segundo de Coimbra), coincide esta data com a que eu dou e tenho por verdadeira. Mas, apesar do cuidado com que elle fez concordar aqui os seus *dezeseis annos* com os da nota que atraz citei, es-

¹ *Fábulas: Folhas cahidas*, 1853, pag. 107.

² *Lyrice*, 1853, nota D, pag. 252.

³ *Merope*, 1844, pag. 9.

queceu-lhe que tudo o mais ficava em desaccordo: que n'uma parte está no começo do segundo anno, e n'outra no fim do terceiro; que são diversas as peças poeticas com que diz ter-se manifestado; que precisava ter entrado aos treze annos na universidade, para ter apenas dezeseis, no fim do terceiro; e que realmente já tinha feito dezenove n'um dos periodos citados e vinte no outro. Isto não carece commentarios. São tudo contradicções. E lembro ainda a asserção, atraz apontada, de ter conseguido cinco annos quasi, em Coimbra, afastar de si a tentação! O que parece certo é que foi por occasião das execuções de Lisboa que elle, ao regressar do Porto, manifestaria, desabafando com os condiscipulos, as suas opiniões liberaes e o seu engenho poetico.

Para poder, sem receio de ser denunciado, e com menos risco de pagar cara a sua audacia, discutir os successos do tempo, e auxiliar por sua parte a tendencia dos espiritos, que pareciam encaminhar-se para a evolução liberal, lembrou-se, de accordo com outros amigos, de fundar uma associação secreta. O nome d'essa sociedade perdeu-se inteiramente. Não tendo conhecimento do facto, em vida do poeta, para lh'o perguntar, esforcei-me debalde, depois da sua morte, para poder descobri-lo. As perseguições que n'esses tempos calamitosos se faziam á maçonaria, accusando-a calumniosamente de inimiga do christianismo, para angariar fanaticos á politica absolutista, obrigaram naturalmente a destruir todos os documentos da sua existencia. Em 1823 desapareceu tudo quanto podia esclarecer estes pontos obscuros¹.

¹ O sr. Joaquim Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense*, e investigador infatigavel, pouco pôde apurar no seu livro, *Apostamentos para a historia contemporanea*, com relação a este periodo e ás sociedades secretas de Coimbra. Consulte-se comtudo essa interessante obra.

Depois de longo trabalho soube apenas que a citada associação, fundada, ou ajudada a organisar por Garrett, era em casa de Jacques Orcel, livreiro ao arco de Almeida, irmão do actual sr. José Augusto Orcel. E convem não confundir esta com outra, instituida logo depois da revolução de 1820, por um quintanista de medicina, n'um palacio defronte da Sé Velha, e á qual tambem pertenceu o poeta. Corria então que a primeira era de carbonarios; porém José Maria Grande e Manuel da Silva Passos, que tambem a frequentaram, positivamente me affirmaram que foi maçonica. O que é singular é que nenhum d'elles, nem o proprio Passos Manuel, que tinha optima memoria, se lembrasse do titulo!

XII

Era n'essas sociedades secretas que Garrett excitava os animos; não, prégando a anarchia e a desordem, das quaes foi sempre inimigo; mas fallando, em nome da patria opprimida, a linguagem dos homens livres aos seus condiscipulos entusiastas da liberdade. Alguns dos seus discursos d'esse tempo, repercutindo-se vagamente fóra do recinto em que eram pronunciados, mereceram-lhe mais tarde, dos adversarios da revolução de 1820, e dos *inauferiveis* de 1823, a qualificação de demagogo. E a essa accusação infundada deveu parte das perseguições de que foi victima. Pela continuação d'estas memorias se reconhecerá que o calunniavam, por inveja; que nunca deixou de ser amigo sincero da liberdade e da ordem, e que bem cedo começou a demonstrá-lo. A sua republica, se porventura sonhou alguma vez com ella n'esses clubs, devia ser como as de todos os rapazes de vinte annos, admiradores das da Grecia e de Roma. O seu republicanismo nunca foi perigoso, porque era essen-

cialmente ordeiro e mais ideal do que pratico. Parece que a estas condições de pouca vitalidade, reunia, como consequencia, o não ser duradouro, porque nem um só documento nos ficou d'elle. Admirador da virtude antiga, e entusiasta da liberdade, era natural que se lhe exaltasse o animo com o desejo de que essas divindades viessem a ter culto publico na sua patria. Mas não foi carbonario, nem demagogo, nem sequer republicano exaltado, como veremos adiante.

Por este tempo, e não depois da revolução de 1820, como elle nos diz, recomeçou a desenvolver-se em Coimbra o gosto pelos theatros particulares¹. Os oradores maçonicos nem sempre tinham que dizer e haviam creado o gosto de se reunirem. D'ahi nasceu a idéa de representarem algumas peças; e João Baptista foi encarregado de escolher e indicar a primeira.

Desde muito novo começára elle a ensaiar-se no genero, segundo refere, com inimitavel graça, no prefacio da *Merope*. Tudo quanto ali diz, com referencia a esses estudos, pôde reputar-se verdadeiro, excepto as datas, de que convem desconfiar sempre, quando impliquem

¹ Os estudantes de Coimbra foram sempre muito dados a theatros. Além do que havia nos baixos do collegio das Artes, protegido por lentes e reitor, e por cidadãos abastados da cidade, fundaram elles em 1814-1815 o chamado theatro dos Coutinhos, por ser na rua d'esse nome e em predio da familia Coutinho. Era armado n'um amplo salão, ao rez do chão, na casa que fica á esquerda, quando se sobe a rua indo do lado da Sé Velha, e que pertence hoje ao visconde da Bahia. No anno lectivo de 1817 a 1818 começaram ali as representações em que Garrett tomou parte, com Joaquim Larcher e José Maria Grande. Este ultimo fazia os papeis de dama. Para esse theatro emendou Garrett a tragedia *Xerxes*, fez a *Lucrecia* e outras pequenas composições, que inutilizou depois, sem ao menos lhes conservar os titulos. No mesmo salão fundou em 1820 uma loja maçonica o padre Joaquim Cordeiro Pereira, mestre de latim no collegio das Artes.

com a sua idade¹. Existem todas as obras que cita n'esse lugar: a *Lucrecia*, tragedia; os fragmentos do *Affonso de Albuquerque*, da *Sophonisba*, e os da *Atala*, dramas; é tudo em verso².

Aos dezeseite annos escreveu a primeira tentativa tragica, em cinco actos, que intitolou *Xerxes*. Era extrahida dos *Persas*, de Eschylo. Agora, para satisfazer o empenho dos condiscipulos, diz elle no prologo da *Merope* « fui-me a ella, inchei-lhe mais os versos, assoprei-lh'os á *bocagiana* e fiz um portento que alguns rapazes meus amigos representaram logo entre os applausos de toda a academia ». É de presumir que esse trabalho fosse menos que mediocre, aliás tel-o-ia o auctor conservado, como conservou outros que, todavia, diz ter destruido³. A representação que devia fazer-se no theatro dos Coutinhos, ignoro por que não se realisou ali, mas sim no theatro particular dos Grillos, no fim do anno lectivo.

Já se havia posto o ponto na faculdade de leis; e o poeta, que por ter exame de grego preferia aos que o não tinham, acabára o acto, quando cartas de seu pae lhe annunciaram que na ilha Terceira fallecêra, a 23 de abril

¹ Assevera que tinha dezoito annos quando fez a *Merope* e que foi nos seus ultimos tempos de Coimbra. É a segunda vez que o vemos dar a entender, que entrou aos treze annos na universidade!

² Com auctorisação de seus legitimos herdeiros, que já recebi por escripto, publicarei esses preciosos documentos de historia litteraria, bem como os fragmentos do poema *O Magriço*, e *O Conde de Novion*, em seguida a estas memorias.

³ A tragedia *Xerxes* foi escripta, na ilha Terceira, em 1816, pouco tempo antes do auctor vir para a universidade. De um catalogo manuscripto, que possuo, de todas as suas obras, escripto por sua letra, a meu pedido, em 1852, e que é talvez o unico documento litterario em que elle não errou as datas, se copiaram as que no meu trabalho se referem á composiçãõ de cada um dos seus escriptos, depois de verificada a verdade d'ellas, na parte em que foi possivel fazêl-o. Com os seus inéditos, darei tambem esse catalogo.

de 1818, o venerando D. Frei Alexandre da Sagrada Família com oitenta e quatro annos de idade. A dor do mancebo foi tal que, se não tivesse já concluído os exames, ser-lhe-ia impossivel fazêl-os então. O bom velho fôra-lhe segundo pae; dera-lhe solida instrucção, e formára-lhe admiravelmente o espirito. Era, além d'isso, o bemfeitor e o apoio da familia, o mais illustrado de todos os membros d'ella, e aquelle a cuja influencia devêra João a facilidade de poder entrar nas livrarias dos melhores conventos de Coimbra e Porto, e outras muitas provas de consideração, utilissimas sempre, mas principalmente n'aquelles tempos, para quem frequentava a universidade como estudante. João não carecia já de protectores, nem provavelmente os acceitaria, se se lhe offerecessem; mas não podia esquecer-se do muito que por elle fizera o honrado sabio.

Foi, pois, com a alma cheia de saudades, e os olhos rastos de lagrimas, que partiu para o Porto, onde ia passar as segundas fêrias. E ainda após tres annos, indo visitar a sepultura do tio, ali escreveu sentidos versos, em testemunho de reconhecimento, á memoria d'aquelle que dirigiu a sua primeira educação. N'elles affirmava que ainda vertia agradecido pranto por ter o bispo despargido em sua alma juvenil as primeiras sementes das letras e da virtude, que á sombra do nobre exemplo do velho cresceram quanto eram¹. E exclamava, com voz saudosa:

«Orpham de tal amigo
Terei d'ir só ávante, onde é mais ardua,
Mais difficil a estrada!²»

¹ N'uma nota aos versos que na primeira edição da *Lyrice* consagrou ao bispo, allude Garrett a ter sido excluído do testamento d'elle, no qual foram contemplados todos os outros membros da familia; mas diz que lhe devêra mais que ninguém pela educação.

² *Lyrice*, 1853, pag. 197.

V

Caminho do Porto a Villa do Conde.—Estalagens e fanecas.—As freiras de Santa Clara e o seu chá.—Recita do poeta para comer sem vontade.—Povoa de Varzim.—A comedia famosa *Frei Luiz de Sousa*.—Voltam-lhe as tendencias para assumptos de theatro.—*Lucrecia*.—Toma o appellido de Garrett.—Porquê.—Terceiro anno de Coimbra.—Leituras de Alfieri, Ducis e Chateaubriand.—*Atala*.—*Merope*.—Versos ao dr. Fortuna.—Regresso ao Porto, onde se enfastia e escreve as *Férias*, que depois serviram de arma eleitoral aos seus adversarios politicos.—*Affonso de Albuquerque*.—*Sophonisba*.—Quarto anno de universidade.—Farças, elogios dramaticos, dramas, tragedias.—*O Amor da patria*.—*La lezione agli amante*.—O ventriloquo.—As *Annalias* absorvem-lhe o republicanismo inspirado pela antiguidade classica.—Como elle apreciava mais tarde os seus primeiros amores.—*Férias*.—Cae do cavallo e quebra a cabeça.—O chinó.—Opiniões dos seus detractores a respeito da ferida da cabeça.—Vae a Coimbra tomar grau de bacharel, e ensaiar a *Merope*.—Revolução de 1820.—Recaída.

I

Todas as vezes que algum desgosto serio visitava João Baptista, costumava elle pedir consolações e olvido aos seus queridos estudos poeticos. N'esta occasião, porém, sentia-se incapaz de trabalhar, dominado pelas lembranças e saudades do tio bispo; e resolveu-se a procurar distracções de outra ordem. Desde creança, nunca mais tornára a Villa do Conde, terra natal de seu avô José Bento. Apertaram-n'o os desejos de rever aquelles sitios, e partiu, depois de ter arrancado ás tias a promessa de que n'esse anno trocariam as praias da Foz pelas da Povoa de Varzim, onde as esperaria, para tomarem banhos.

A viagem, que para ali se faz hoje commodamente, por caminhos de ferro de diversos systemas, ou por formosa estrada, similhante á grande rua de um parque inglez, era então menos rapida e mais divertida. Emquan-

to os grandes calores não seccavam os caminhos, o viajante tinha por vezes necessidade de encruzar as pernas sobre o cavallo, para livrar os pés da agua; salpicava-se de lama, a ponto de parecer que fôra aspergido com grande brocha ensopada n'ella; rasgava-se nos silvados que orlavam a estrada; e estendia-se por vezes nos lameiros, de sociedade com os porcos, aos quaes a sua presença fazia concorrência pouco grata. Mas tudo isto diverte e faz rir, quando se teem vinte annos! Ao passar nas povoações punha-se pé a terra e entrava-se na estalagem, á porta da qual chiavam na certã as frescas e prateadas fanecas. Ao cheiro que ellas exhalavam, á côr loura das que já estavam fritas, ao pão alvo, sobre mais alva toalha, e ao vinho verde, a espumar na caneca de louça vidrada, não havia fastio nem fidalguia de estomago que resistissem. João Baptista amava de todo o coração as comidas simples e sádias do nosso povo; e confessava que nunca manjar de principes lhe soubera tão bem como os seus almoços e jantares das estalagens minhôtas, n'aquelles felizes tempos.

Em Villa do Conde, alguns parentes afastados festejaram o moço poeta, e como tal o apresentaram ás devotas e formosas freiras do convento de Santa Clara. As mãres adoravam os versos, e, sobretudo, os auctores quando estes eram moços, bem parecidos, elegantes e sympathicos. Mandaram-n'o entrar na igreja, para elle as ver, e ellas o verem e lhe tocarem orgão, emquanto lhe preparavam *um chá*. Pareceu singular ao nosso estudante que lhe quizessem dar chá áquella hora, que eram tres da tarde. Como acabava de jantar, resolveu que o tomara, para não parecer desagradecido.

Depois de algumas peças de musica, que elle ouviu, esforçando-se inutilmente por ver através da estreita rotula o rosto de quem tocava, convidaram-n'o para entrar na sala do locutorio. Tinha-se posto ali a mesa, esplen-

didamente ornada, e coberta das mais exquisitas guloseimas que podia inventar a doce imaginação das bellas e assucaradas freiras. João estremeceu de magoa e contrariedade: era guloso de doces; nunca vira reunida tanta cousa boa e variada; e sentia-se com o estomago cheio! No auge da consternação, e quasi a declarar que agradecia, mas que não podia servir-se de tão convidativos acepipes, illuminou-lhe o cerebro repentino clarão. Na casa, onde lhe tinha dado de jantar um dos amigos presentes, vira um naco de queijo londrino:

—Corre!—exclamou elle, em voz baixa.—Vae-me buscar o queijo que tinhas na mesa. Se a tua familia o tiver comido, arranja outro pedaço. Londrino e duro!

O amigo encarou-o estupefacto.

—Queres queijo?! Com tanto doce ahi?!

—Desgraçado! Não sabes que estou repleto como gibóia que enguliu meio boi, e que é crime, que é peccado mortal sair d'aqui sem comer isto tudo?! Parte, que eu vou entretêl-as com versos. Passa-m'ó ás escondidas, quando voltares.

O outro, sem comprehender bem, fez-lhe a vontade, saindo precipitadamente, enquanto elle se voltava para as freiras, dizendo-lhes poesias e finezas, que as faziam quasi derreter de gosto. As vozes apaixonadas e suaves das bellas reclusas acariciavam os ouvidos do joven poeta, como se fossem notas de musicas celestiaes. N'isto, volta o amigo; João apodera-se do queijo, e mette-se a um canto, á dentada a elle. Os companheiros mal podiam conter o riso; as madres, que nada viam, chamavam-n'ó, atirando-lhe motes no genero dos da *Fenix renascida*.

—Apenas enguli o ultimo bocado —me dizia Garrett, referindo o caso trinta e tantos annos depois—olhei para o famoso *chá*, onde havia tudo, menos chá, e disse commigo: Ou eu não sou João ou vae a banca á gloria! O meu estomago começava a interessar-se pelo negocio.

D'ali em diante foi um mar de delicias para as boas freiras e para mim: glosas e doce, doce e glosas, ao anoitecer tinha-lhes dado uma indigestão de maus versos por outra de bons doces! Saí, comi mais queijo, e salvei-me. Recommendo-lhe a receita para occasiões d'estas. Esconde-se a gentê atraz da porta e: Am! am! am! am! Bastam quatro dentadas, do londrino, bem duro! Vem logo o appetite.

II

De Villa do Conde á Povoá media-se meia legua de estrada, tortuosa e mal feita, n'aquelle tempo. Hoje é uma rua, em linha recta, que une as duas villas e que dentro em poucos annos fará de ambas uma só e a primeira cidade maritima de Portugal¹. Depois de ter visitado todos os lindissimos arredores, de ter repetido as idas ao convento, e de ter talvez feito andar á roda a cabeça de alguma terna freirinha, partiu o nosso estudante para a Povoá.

Entre os divertimentos que ali se offereciam então aos banhistas, citava-se, por mais notavel, o theatro ambulante, com actores castelhanos, que davam as recitas

¹ Nos ultimos vinte annos tem-se desenvolvido a Povoá de Varzim de modo que não ha exemplo de tão rapido e espantoso progredir em nenhuma outra povoação portugueza. N'este anno de 1876 diz-me d'ella, n'uma carta, o nosso illustre romancista Camillo Castello Branco: «... aquella praia, que é a unica em Portugal onde o cheiro do marisco não é neutralizado pelos aromas do toucador das damas. Vê-se ali a velha natureza bruta, o morgado de Cabeceiras, e a fidalga que ceia pescada com cebolas. O que a civilisação lá implantou foi tres roletas, e uma batota ou duas em cada predio. Os empregarios d'estas cavernas de Cáco são os filhos segundos das casas nobres de entre Douro e Minho. Anualmente excede a 20:000,000 réis o que repartem no fim de outubro». Tal é a lei do progresso!

n'uma tenda de lona. «Era tempo de banhos, havia feira e concorrência grande; fomos á noite ao theatro: davam a *comedia famosa* não sei de quem, mas o assumpto era este mesmo de *Frei Luiz de Sousa*¹.»

Fosse do espectador, da peça ou dos actores, a acção não lhe pareceu nada do que depois a achou «grande, bella, sublime de tragica magestade²». Mas acordou-lhe as inclinações que desde creança o attrahiam para aquelle genero de composições; e, de volta ao Porto, recommençou os seus ensaios tragicos, escrevendo a *Lucrecia*.

Taes como eram os de *Xerxes*, tambem aqui os versos são assoprados á bocagiana, e mais heroicos do que dramaticos. Os cinco actos parecem ter sido feitos por diferentes vezes; e não todos de um jacto, ou em seguida. A acção é frouxa, e as personagens exprimem-se com mais arte que sentimento. Apesar d'esses defeitos, aliás peculiares no genero, e do desdem com que o auctor mais tarde se referia a ella, ha na *Lucrecia* rasgos de engenho, muitas bellezas, emfim, a revelação de um talento, a que só falta a experiencia para saber dramatisar as paixões em vez de as pôr a declamar academicamente. Era, porém, esse o estylo e norma dos seus modelos; e, comparando-o com o que então havia nos nossos theatros, presente-se o innovador no poeta inexperiente. A peça representou-se em Coimbra, no theatro dos Grillos, com grandes applausos de toda a academia, em fevereiro de 1819. O auctor recitava o prologo, do qual aproveitou depois alguns versos para o do *Catão*; e creio que desempenhava tambem o papel de Bruto, como n'esta ultima tragedia. Não se descreve o entusiasmo com que era acolhido pelos estudantes o final, que termina com o verso:

«Vivamos livres, ou morramos homens.»

¹ *Frei Luiz de Sousa*, 1844, pag. 12.

² *Ibidem*.

Entre os actores, o auctor e a maioria do publico cruzavam-se olhares de intelligencia. Aquelle verso parecia ser manifestação de um pacto secreto. Ninguém duvidava de que o poeta se dirigia ao coração dos patriotas; e havia quem visse em *Lucrecia* o disfarce de Lysia; em Tarquinio, o do dominio inglez; e em Bruto, o da idéa que se agitava nas reuniões das sociedades maçonicas. Presentia-se que 1820 estava perto. Mas este amor do tragico portuense pelos papeis de Bruto devia ser-lhe funesto algum dia. A inveja, applaudindo-o publicamente, aguçava na sombra o punhal da calumnia, e preparava-lhe para occasião opportuna o carcere e o desterro!

III

A 17 de julho de 1818 falleceu, na Inglaterra ou na Irlanda, mr. Garrett, descendente dos Garretts de Janeville, no condado de Carlow¹. Não achei, como referi no começo d'estas memorias, nenhum documento por onde se prove que D. Antonia Margarida Garrett fosse parenta d'aquelles nem de outros nobres irlandezes. Demonstrei igualmente que o nosso poeta só podia ser Garrett, indo buscar o appellido á avó; e fiz notar a circumstancia de que nem Antonio Bernardo nem os filhos usassem de tal appellido, emquanto foi vivo o venerando D. Frei Alexandre. Chamarei, portanto, agora a attenção dos leitores para o facto de que só depois do fallecimento do bispo, e, provavelmente, após a morte do Garrett irlandez, foi que o moço poeta se apropriou d'elle. Acaso leria em algum jornal inglez, no Porto, a noticia da morte

¹ Veja *A genealogical and heraldic dictionary of the landed gentry of Great Britain & Ireland*, by John Burke, Esq. and John Bernard Burke, Esq., supplementary vol., pag. 134 (Art. *Garrett of Janeville*). London, Henry Colburn, Publisher, Great Malborough Street, 1850.

do escudeiro de Janeville, e então lhe occorreria aristocratisar-se? Descenderia realmente d'aquella familia, por sua avó? São perguntas de difficil se não de impossivel resposta. O que, porém, me parece indubitavel é que foi com esses Garretts que o nosso quiz aparentar-se, e que sobre as armas d'elles compoz as suas, um tanto phantasiadamente, e mudando-lhes a divisa *semper fidelis* para *semper fixa*. E ou porque o bispo servisse de obstaculo para a exhibição d'essas vaidades pueris ou porque ellas lhe fossem suscitadas pela noticia do fallecimento de Garrett de Janeville, se não por ambas as cousas, o que parece certo é que só depois dos dois obitos citados começou elle e a familia a usar do appellido de Garrett, addicionando-lhe, anteposto, o de Almeida.

IV

No terceiro anno de universidade (1818-1819) matriculou-se com o n.º 15 e residiu na rua dos Militares n.º 15. N'essa casa, onde se reunia tudo quanto havia de mais illustre entre a mocidade academica, continuou a occupar-se de theatro, e traçou, no começo das férias, os primeiros lineamentos da tragedia *Merope*, em que pensava desde os quinze ou dezeseis annos, concluida ou melhorada em 1820, e corrigida e publicada vinte e tres annos depois. Um dos borrões que existem d'essa composição tem a data de 1819, com letra que perfeitamente combina com a de outros manuscriptos seus d'esse tempo. Não se póde portanto acceitar a declaração de ter sido feita nos ultimos tempos de Coimbra, porque a peça ensaiava-se para representar-se em 1820, e elle formou-se quasi dois annos depois¹.

¹ Veja-se o que diz o auctor, no prefacio da *Merope*; e advirta-se que, se a tivesse composto, como affirma, nos seus ultimos tem-

Por este tempo leu Alfieri, Ducis e Chateaubriand. Na prefação que precede o fragmento de *Atala*, drama em verso, de que apenas escreveu o primeiro acto e duas scenas do segundo, diz que tinha dezeseite annos, quando pela primeira vez leu a *Atala*, de Chateaubriand. E affirma que a conserva mais para se lembrar da sua infancia tragica e poetica do que por lhe dar o menor valor. Mas não é crível que, tendo-lhe produzido essa leitura a impressão forte que ahi descreve, deixasse incompleta uma obra começada com tanto enthusiasmo. O prologo traz a data de 16 de outubro de 1820. Provavelmente foi o drama começado no anno anterior e interrompeu-se com os ensaios e representações da *Lucrecia*. O exito obtido por esta voltou-lhe as atenções para o plano da *Merope*, que andava delineando e a que chamou depois reflexo de Maffei e de Alfieri. Por fim, as difficuldades que encontrou para poder dar fórma theatral ao episodio de Chateaubriand, impediram-n'o de continuar a transportá-lo para versos portuguezes.

Elle proprio confessa que foi a *Merope* o seu primeiro pensamento dramatico; e diz ser trabalhada pelas reminiscencias de Maffei e dos classicos antigos¹: aspirações a um outro modo de ver e de sentir, que o auctor presentia mas não distinguia ainda bem. Effectivamente, n'ella denuncia todas as duvidas, receios e incertezas de uma transição. Mas não foram só as obras de Alfieri e de Ducis que começaram a afastá-lo das crenças velhas; foi tambem, foi principalmente essa mesma *Atala*, que elle affirma ter lido aos dezeseite annos, talvez com o pueril receio de que o accusassem de ter-se inspirado

pos de Coimbra, teria vinte e dois e não dezoito annos. Do mesmo modo, combinando-se a idade de D. Frei Alexandre com a que devia ter o sobrinho, quando diz que começou a pensar na *Merope*, tinha este dezeseis annos em vez dos doze que manifesta.

¹ *Merope*, 1844, pag. 11.

no auctor do *Genio do christianismo*. Os versos do incompleto drama, e os da *Merope*, assás demonstram as novas tendencias da sua musa, que todavia hesita ainda em alargar os vãos além da conhecida meta.

Em março d'este anno (1819) falleceu o dr. José Fernandes Alvares Fortuna, lente da universidade¹, muito popular entre os estudantes, porque professava as idéas liberaes, e era por isso mesmo detestado dos seus collegas. «O seu funeral foi para a mocidade academica um acto de solemne protestaçoão por seus principios queridos; e eu com toda a doudice dos meus dezeseis annos fui com a rapaziada, como era de rasão, fiz estes maus versos, que não teem estylo, nem compostura, nem nada que preste²». O auctor tinha vinte e não dezeseis annos quando os fez. Na edição de Londres não deu esses versos «por lhes achar o estylo falso, vulgar e commum o pensamento». Restituiu-os, porém, á edição moderna como documento de historia litteraria.

«Este epicedio, elegia, ou como queiram chamar-lhe, foi a primeira denúncia que de mim dei ao publico, a primeira e desgraçada confissão de poeta que fiz. Era no meu terceiro anno de Coimbra³.»

Que infeliz teima de querer provar que entrára aos treze annos para a universidade! Quanto ao serem estes os versos com que se denunciou poeta, ficou já demon-

¹ Nomeado para a cadeira de direito natural, por carta regia de 20 de outubro de 1815. Tinha um creado chamado Ventura, que por elle assignava os recibos, e uma creada com o nome de Felicidade! Bem cabido era, portanto, o seu appellido de Fortuna. Garrett, no poema *O X ou a Incognita* faz dizer d'elle á deusa Logarithma, filha do Charlatanismo:

— «E o Fortuna que foi senão pedante?!
E em Coimbra quem reina, quem governa
Senão eu, e mais eu?» —

² *Lyrical*, 1853, pag. 272.

³ *Ibidem*.

strado, nos anteriores capitulos, que como tal o conheciam todos desde muito tempo. A tragedia *Xerxes* fôra representada em 1818; e a *Lucrecia*, um mez antes da morte do dr. Fortuna!

V

Em abril celebrava o poeta a morte de Filinto, com versos que lhe mereceram, quando se imprimiram mais tarde, não a admiração a que talvez tivessem direito, mas a censura dos que julgaram ver um insulto a Deus no fecho da poesia:

«Seja um deus... ou—se tanto inda podesseis! —
Seja um novo Filinto¹.»

É claro que o deus se toma aqui no sentido de genio sublime, segundo a mythologia pagã e os usos classicos. Do contrario não se diria ‘um Deus’ porque na nossa religião não ha mais do que um; nem se escreveria com letra pequena. Ao proprio auctor chamavam ‘o divino’ em seus ultimos annos, do mesmo modo que ao ‘divino’ Platão, e ninguem se escandalisava. Filinto fôra até então o seu modelo, para a poesia lyrica; e isso explica o porque fallava d’elle com tamanho enthusiasmo.

Regressando ao Porto, no mez de junho, ali escreveu, em fôrma de carta a um amigo, os versos intitulados *As Férias*². É a mais formidavel das sarabandas, dada nos costumes britannicos da sua cidade natal, costumes que elle detestava então, principalmente por causa do odioso jugo inglez. O pretexto da satyra era viver ali enfastiado, sem distracções que o satisfizessem. Tem graça e verdade. Mas os seus patricios nunca lhe perdoaram têt-a publicado. Na edição de 1853, diz, em nota,

¹ *Lyrica*, 1853, pag. 117.

² *Ibidem*, pag. 118.

que são «versos de um senhor estudante zangado de se não divertir nas férias quanto desejava, e que se desforra, com assás de mau gosto, em chufas semsabores á mais bella, á mais benemerita e á mais nobre das cidades portuguezas ¹!» Depois de se desculpar, conclue que consigna ali como verdadeira curiosidade litteraria e politica o facto de ter perdido uma vez a sua eleição no Porto porque um «integerrimo patriota businou com estes pobres versos ás orelhas dos eleitores — que deviam de ser boas e grandes orelhas — para lhes fazer crer que eu era um mau e renegado cidadão da cidade invicta ²».

Não foi só uma eleição que ali perdeu; foram todas quantas tentou. E pesará eternamente sobre a cidade do Porto a vergonha de não ter elegido nunca, para a representar em côrtes, o mais illustre de todos os seus filhos. Dando ouvidos a intrigas mesquinhas, recusou-lhe a elle a honra que concedia ás mais chatas vulgaridades. A historia é implacavel; não corteja mortos nem vivos. Os versos não offendiam a cidade; mas ella maculou-se para sempre com essa injustiça.

VI

Durante as férias começou o drama em verso *Affonso de Albuquerque*, e a tragedia *Sophonisba*, que ambas ficaram incompletas. O primeiro é precedido de um prologo á poesia, do qual aproveitou as idéas, e por vezes até as palavras, para outros prefacios de suas obras. O borrão tem a data do Porto—julho—1819. Parece que deveria ser em dois actos, mas não chegou ao meio do segundo. Traz no fim a relação das personagens, com dis-

¹ *Lyrical*, 1853, pag. 275.

² O 'integerrimo patriota' era José da Silva Passos!

tribuições de arias, duetos, cavatinas, etc., parecendo indicar que se destinava para opera, ou que o auctor pensára n'esse genero de composições para tratar depois o mesmo assumpto.

A *Sophonisba* (Porto-agosto-1819) tem apenas o primeiro acto. É acompanhada de uma advertencia, que não concluiu, em fórma de dialogo, sobre ser ou não a peça traducção de outra de Voltaire. Pelo que ali se diz, era extrahida da do tragico francez, sem comtudo ser traducção¹.

As representações theatraes continuavam a ser moda em Coimbra entre os estudantes. Quando Garrett principiou os estudos do quarto anno, as récitas de curiosos succediam-se com pequenos intervallos. O poeta era auctor e actor ao mesmo tempo. Mas não se contentava com entrar só nas suas peças, que eram poucas. Representava tambem nas alheias. E confessava por vezes, passados mais de trinta annos, que nem sempre o fazia em papeis de seu gosto. Os directores dos espectaculos não se mostravam muito escrupulosos na escolha d'estes; e o publico contentava-se com tudo, quer o fizessem rir quer chorar. Os estudantes tinham as suas inclinações e applaudiam com grande enthusiasmo o que era bom; mas não havia exigencias no geral dos espectadores. Farças, comedias, elogios dramaticos, dramas, tragedias, tudo servia. Garrett representou no *Kai-Pira*, e em quantos entremezes ridiculos lhe offereciam partes comicas, do mesmo modo que aceitava os grandes papeis tragicos. A maleabilidade do seu talento prestava-se a todos os generos, embora aceitasse alguns papeis que lhe repugnavam, unicamente por não haver outro que os fizesse.

¹ Publicar-se-ha a seu tempo como documento de historia litteraria.

É d'esse tempo tambem *O Amor da patria*, elogio dramatico para se festejar em Coimbra o nascimento da princeza da Beira, em 1819. Foi escripto no mez de novembro d'esse anno e representado diante da academia, com muitos applausos de todos. Os versos são excellentes; e n'elles se manifesta o auctor, qual foi sempre depois, monarchico liberal.

Penso que pertence ao mesmo periodo outra composição, sem data, igualmente manuscripta, annexa á do *Amor da patria*. Tem por titulo: *La lezione agli amante, opera bufa, da representarsi nel R. Theatro di...* — É obra de puro gracejo, em versos portuguezes, de diferentes medidas: oito paginas de bom humor. Presumo que seja de fins de 1819 ou principios de 1820, pela ordem em que está no volume¹.

Tambem parte dos versos da *Lyrical* são d'esse periodo. Os que se intitulam *O Ventriloquo* tiveram a seguinte origem. Estava o poeta em Coimbra, residindo na mesma rua em que morou durante o terceiro anno, mas agora em n.º 45, quando lhe foi recommendado do Porto certo charlatão, que tinha por principal habilidade ser ventriloquo. Querendo tornar efficaz a recommendação, o homem preparou espectáculo, e levou a Garrett grande parte dos bilhetes, para que este lh'os passasse. Afflicto com a entalção, e sem meios sufficientes, o poeta recorreu a Nicolau da Arrochella, para que lhe ajudasse a vendêl-os.

— Com uma condição? — lhe disse o amigo.

— Qual?

— É que me has de fazer uma ode laudatoria.

— Só isso?! Faço-te doze odes.

¹ Já declarei, e pela ultima vez repito, que não me refiro a outros fragmentos manuscriptos, de diversas epochas da sua vida, mencionados no seu catalogo, por serem apenas as primeiras linhas de planos para obras que não chegou a começar ou de que escreveu sómente uma ou duas paginas.

—Basta uma.

—E passas-me os bilhetes?

—Fico-te com elles; e pago-os já.

Os graciosos versos foram, pois, cumprimento da promessa feita.

VII

As Annalias desde algum tempo que lhe tinham absorvido todo o republicanismo, inspirado pelos classicos antigos. Já no *Elogio* dramatico, atraz citado, se revela sincero monarchista. É porém digno de notar-se que nem uma unica phrase se lê nos seus manuscriptos, que indique a affeição aos principios absolutistas, que então dominavam, e aos quaes prestaram homenagem, embora pouco duradoura, quasi todos os seus contemporaneos. Em tudo quanto d'elle tenho lido, quer impresso n'esse tempo, quer inedito ainda hoje, não achei palavras que denunciem outras idéas politicas senão as do homem que devia ser um dia ministro da monarchia constitucional. Vê-se que desde muito novo se lhe arreigou a convicção de ser este o governo mais apropriado á indole do povo portuguez. E se, como é provavel, foi republicano theorico, cedo reconheceria a impossibilidade de realisar esse ideal politico dos seus annos juvenis. Convenhâmos tambem em que elle tinha por instincto, por organização, por educação e sentimentos a aristocracia e elegancias de phrase, reunidas a maneiras tão distinctas e delicadas, que naturalmente lhe aconselhavam o caminho que deviam seguir os partidarios da realeza moderna. Chateaubriand, que gosava então de grande voga europea, seria talvez o seu modelo. E a adopção do appellido de Garrett indicava assás as tendencias do seu espirito.

Mais vezes teremos ainda occasião de fallar no « exaltado republicanismo » que lhe imputaram seus inimigos.

Bem apessoado, estudante notavel, poeta querido da mocidade mais intelligente do paiz, sympathico e sabendo o que valia, não deve estranhar-se que ao culto da belleza consagrasse grande parte do tempo, que lhe so-bejava dos estudos e trabalhos litterarios. É fama que desde muito moço revelou a inclinação que sempre teve pelo sexo amavel, inclinação que foi um dos escolhos da sua vida, sobretudo quando encontrava olhos e cabellos negros¹. E consta que sempre lhe corresponderam ternamente as bellas. Accusavam-n'o, porém, de ser, talvez pela sua sensibilidade quasi feminina, quem primeiro rompia as cadeias, dando exemplos de inconstancia áquellas que mais o amavam. Seria porque lhe não tinha chegado ainda o momento do amor verdadeiro?... Os vôos da imaginação e os enthusiasmos poeticos da idade juvenil afiguravam-se, a elle e a ellas, sentimentos ternos e sinceros, quando não eram mais que devaneios e impressões passageiras. Caro pagou mais tarde esses enganos da sua vivissima phantasia!

Conta-se que inspirára, no Porto, uma paixão ardente, dos dezenove para os vinte annos. A sua volubilidade provocou represalias que o magoaram; e o despeito levou-o a render preito, em Coimbra, a certa Francisquinha, filha da patrôa que então lhe alugava o quarto². A Annalia das margens do Douro, sabedora do caso, moeu-o com epigrammas, que o envergonharam da nova conquista. Parece ter sido n'este periodo de aborrecimento e colera que escreveu os versos já citados *As Férias*. Ahi diz, respondendo ao amigo a quem escreve,

¹ Os cabellos e olhos pretos eram a sua paixão. « Se é mau gosto, confesso que o tenho ». Diz elle a pag. 93 do *Retrato de Venus*. Não detestava, comtudo, os de outras cores; mas até á morte foi fiel áquelles. Acha-se a prova em muitos logares das suas obras.

² Em dois ou tres versos, ineditos, do *Magriço*, allude, de um modo cruel, a essa pobre rapariga.

o qual parece ter-lhe perguntado porque não se distrahia com namôros:

«Foi bom tempo esse tempo do namôro:

Muitas já me roubou horas e dias,

E da amiga pachorra á gorda pança.

Me cerceou bom naco.

Acabou-se: n'um *cercle* o mais luzido

Passeio agora os olhos indiff'rentes¹.»

Escrevia, e provavelmente mostrava á bella fugitiva, que era visita de suas tias, estes versos de despeito, que a faziam banhar-se em agua de rosas. Mas logo depois, ferido pelo ciume, compunha *A Recahida*², e por fim reconciliava-se. Estes amores foram talvez a inclinação mais séria e duradoura, que teve antes do seu casamento.

No *A quem ler*, das *Folhas cahidas*, escripto admiravel, como tudo quanto elle de si dizia em nome dos editores, mette á bulha esses primeiros devaneios amorosos da juventude, como para justificar-se do passado perante algum affecto presente. Ahi lhe chama falso amor e falsa toda a poesia que fez antes de 1820. Porque, diz elle, quando um e outra são verdade «não apparece senão o amante, não se vê senão a paixão, a arte sóme-se, annulla-se diante d'ella: então vem a poesia do coração³».

VIII

Ao terminar o curso do quarto anno, no qual tivera o n.º 73, e se matriculára pela vez primeira com os ap-

¹ *Lyrica*, 1853, pag. 119.

² *Ibidem*, pag. 124.

³ *Fábulas*, *Folhas cahidas*, 1853, pag. xv.

pellidos de Almeida Garrett¹, volveu o poeta para a sua cidade natal, preocupado de graves pensamentos. As férias começavam no dia 13 de maio, anniversario de D. João VI. Punha-se ponto em direito e theologia, e a universidade festejava os annos do rei com todo o ceremonial dos velhos usos. Mas d'esta vez os festejos foram frios e como que forçados. No principio de janeiro rebentára a revolução de Cadiz. Riego, Barros, Lopes, Evaristo S. Miguel, Quiroga e outros officiaes distinctos haviam proclamado a constituição de 1812, que Fernando VII se viu forçado a aceitar e jurar solemnemente, a instancias do general Ballesteros, após dois mezes de resistencia.

Portugal, esmagado pelo despotismo do dominio britannico, que lhe sugava o sangue, sentiu-se estremecer de enthusiasmo. Um grito unanime de adhesão e sympathia irrompeu de todos os peitos portuguezes, annunciando á tyrannia que estava proxima a expirar a sua ultima hora. A regencia, sentindo-se vacillante, enviou o marechal Beresford ao Rio de Janeiro, a pedir dinheiro e instrucções, e prohibiu as communicações de Portugal com a Hespanha.

Desde a morte do infeliz Gomes Freire de Andrade que o fogo latente da indignação publica lavrava surdamente nos animos. Um odio profundo fôra-se agglomerando, durante tres annos, em todos os corações. A administração augmentava cada vez mais a irritabilidade, com os seus actos. Os officiaes inglezes absorviam grande parte dos rendimentos do estado, e o resto ía para o Brazil. Não se pagava aos soldados nem aos funcionarios nacionaes. Não havia vida na industria, no commercio, nem nas artes. A agricultura fôra sacrificada, por

¹ Livro das matriculas da universidade, anno lectivo de 1819 a 1820.

medidas de recrutamento tão estupidas como atrozes. O rei, ausente, entregára aos seus alliados os destinos do povo. Até ao embaixador de Inglaterra concedêra voto na regencia! Era perfeito o *inglezamento*, que a maioria da nação achava insupportavel e por isso ansiosamente esperava o instante de libertar-se.

Commovidos pela revolução de Cadiz, que lhes offeria optimo ensejo, principiaram os portuguezes a agitar-se e a fallar mais livremente. D. João VI escreveu logo á regencia, para que fizesse concessões; auctorisou as reformas e mudanças que a opinião publica reclamava; e mandou algum dinheiro, para se pagar parte dos soldos atrasados. Porém os animos não serenavam; o partido liberal engrossava diariamente e começava a manifestar aspirações que assustavam o governo. Tomaram-se medidas repressivas, que em vez de conter excitaram mais os democratas. Entre a mocidade academica reinava grande effervescencia. Conscia de que devia interessar-se mais que ninguem pelos progressos moraes e pela civilisação do paiz, manifestava desejos de intervir na resolução das questões sociaes e politicas. As reuniões em casa de Jacques Orcel amiudavam-se. Os estudantes mais exaltados propunham vingar Gomes Freire e proclamar a republica. As auctoridades tiveram conhecimento vago de algumas d'essas discussões, e fizeram vigiar a loja maçonica do Arco de Almedina.

IX

Foi n'esta conjunctura que se encerraram as aulas. Os lentes, pela maior parte afeiçãoados ao regimen absoluto, como que tinham pressa de afastar de Coimbra os academicos. Foram benevolos com elles nos exames, não exageraram as festas do anniversario do rei, e, fin-

dos os actos, cada um se retirou para onde o chamavam inclinações ou interesses, á espera dos acontecimentos.

João Baptista ficou desconsolado, logo que chegou ao Porto, encontrando no seio da familia pessoa que professava idéas oppostas aos liberaes de Hespanha. Tendo saído de Coimbra com a alma acariciada por grandes esperanças, o moço poeta não podia crer que houvesse homem de vinte e tantos annos capaz de blasphemar contra a maior conquista das sociedades modernas: a liberdade. Acaso não se lhe teriam manifestado antes d'isso as precoces tendencias retrogradas do irmão? Unicamente posso asseverar que Alexandre se mostrou d'ahi a annos mais absolutista do que o seu proprio rei e compadre D. Miguel¹.

Parece que n'essa occasião discutiram os dois irmãos com demasiado calor os seus respectivos principios politicos, sem todavia chegarem a rompimento definitivo, talvez por causa das tias, que vivamente se magoavam com essas desavenças.

X

Alexandre comprára, havia pouco tempo, um fogoso cavallo, ao general inglez Wilson. Finda a discussão po-

¹ Tenho á vista uma representação, dirigida por elle a D. Miguel, manuscripto que me veiu á mão por favor de um dos meus melhores amigos, e que é verdadeiro e ridiculo attestado de fanatismo politico e religioso. Alguem disse que as idéas liberaes de João tinham sido denunciadas ao tio bispo, pelo proprio Alexandre, com exagero tal, que levou o velho absolutista a desherdar o até ali mais amado dos sobrinhos; mas não creio que possa provar-se tão odiosa accusação. É todavia certo que o poeta se queixou sempre de ter sido lesado nos seus interesses de familia por parentes muito chegados.

litica, ou movidos ambos do desejo de acabar com ella, foram os dois ver o animal, de que João gostou muito. Esquecido da recente disputa, e incapaz de hypocrisias, não hesitou em pedil-o emprestado para ir passear.

Recusou-lh'o o irmão, observando-lhe que era muito fino e que só podia ser montado por habeis cavalleiros.

—Eu mesmo, que tómo lições de picaria, atrapalhome ás vezes — concluiu Alexandre.

—Estás enganado commigo. Tenho cavalgado outros mais ariscos.

—Aonde? Dos de aluguel?!

—Manda-m'ó apparelhar e verás.

—Não quero ter de que arrepende-me.

—Dizes isso para não m'ó emprestares. Tens receio que t'ó estrague.

—Não ha tal. Se fosse manso, estava ás tuas ordens. Tu és imprudente; chegavas-lhe a espora, e elle deitava-te immediatamente ao chão.

—Não encareças tanto os meritos do sendeiro!

—Deixa-te de tolices. E não brinques com o bicho.

No dia seguinte Alexandre teve que ausentar-se do Porto. João Baptista, ardendo em desejos de provar a sua pericia, aproveitou o ensejo para experimentar o cavallo. Fazia annos uma das Annalias, que estava na Foz. O poeta lembrou-se de ir dar-lhe os parabens; e sorriu-lhe a idéa de fazer a sua entrada em formoso corcel de manejo. Mandou-o, pois, apparelhar e montou-o sem grandes difficuldades. Mas apenas tinha andado poucos passos, o animal deu dois ou tres saltos, e arremessou-o sobre a calçada da rua da Boa Vista, onde o deixou sem sentidos, por ter batido com a cabeça n'uma pedra. Levaram-n'o em braços para casa, deitando sangue pela boca e pela larga brécha, que a pancada lhe abrira na cabeça. Esteve muitos dias em lucta com a morte, e ameaçado por vezes de se lhe fazer a operação do trépano!

Tratado pelos mais habéis medicos da cidade, conseguiu escapar, sem ser operado. Mas ficou-lhe para toda a vida a grande cicatriz, que o seu cabello aspero não podia occultar, e que o desfigurava. Por este motivo, e não por calvicie, como julgava a maioria das pessoas que o conhecia, começou desde então a usar o chinó, que tantos e tão chochos epigrammas inspirou aos chatins que lhe mordiam a sombra.

XI

Durante a emigração, e ainda depois d'ella, espalharam os seus adversarios politicos, que tinha sido providencial para o poeta aquella commoção e ferida na cabeça: que antes d'ella nunca João Baptista revelára talento nem vocação litteraria; que não passava de mediocre estudante e chato versejador, e que as pedras da rua da Boa Vista, abrindo-lhe o craneo, fizeram brotar d'elle o rio maravilhoso da moderna poesia portugueza.

Alguma tradição, da pancada que lhe déra o padre mestre João Antonio, com a famosa vara de marmeleiro, inspirou sem dúvida e deu corpo a estes boatos, se acaso não os inventou a má fé e a calunnia. Soube-se, provavelmente, como lhe foram inspirados os primeiros versos; e applicou-se á quéda, no Porto, o resultado da varada, nos Açores. Fosse como fosse, é facil reconhecer que tal asserção não tem fundamento. Desde pequeno se tornára João Baptista notavel por sua grande intelligencia, a ponto de ter feito muitos e variados estudos em prosa e verso, antes de entrar para a universidade. Nunca perdeu anno nenhum, seguindo por algum tempo, no segundo, varios cursos (leis, mathematica e philosophia). Aos vinte e um annos era bacharel; e só genios privilegiados podem accumular em tão curta idade os vastos conhecimentos que elle já então possuia.

É certo que não produziu, antes do desastre da rua da Boa Vista, nenhuma das suas melhores obras. Mas também não as produziu logo depois. Pelo contrario: a primeira que se seguiu á abertura d'essa supposta valvula poetica, nunca elle a publicou, porque a julgava talvez a mais mediocre de todas¹. Faltava-lhe ainda a madureza, o espirito reflexivo para grandes concepções, e a emancipação da vida de estudante. Comtudo, as suas tentativas theatraes, anteriores a 1820, e até o *Retrato de Venus*, com todos os seus defeitos, revelam já o grande poeta. A *Merope*, que elle dizia concluida n'esse anno, e a propria *Lucrecia*, que desdenhou e excluiu da collecção, apesar de inferiores aos trabalhos que produziu mais tarde, attestam a existencia do genio, embora balbuciante. O *Catão*, que se lhes seguiu, não está tão longe d'ellas, guardadas as differenças do genero; que aucturise ou dê força ao boato em questão. Mostra apenas, na sua superioridade, os progressos naturaes de um talento extraordinario, que a experiencia e o estudo iam desenvolvendo e amadurecendo gradualmente.

XII

Parece que na primeira convalescença d'esta doença fôra composto o *Retrato de Venus*, como veremos mais adiante. No dia 30 de junho devia estar em Coimbra para tomar o grau de bacharel. Apesar de muito debilitado, não quiz adiar a partida, como os parentes lhe pediam e a prudencia aconselhava. Ardia em desejos de concluir os estudos; e não lhe soffria o animo ter de esperar mais tempo, para passar essa primeira balisa. Chamavam-n'ò também alguns condiscipulos, que tencionavam repre-

¹ O *Roubo das Sabinas*, poema, manuscrito. Porto, 1820.

sentar a *Merope*, em setembro ou outubro, e que não tendo ido a férias queriam aproveitar o tempo com ensaios. Resolveu-se, pois, apesar de não estar inteiramente restabelecido, a partir para a lusa Athenas, onde chegou na noite de 19 de junho.

Como sempre acontece, depois de qualquer doença grave, sentimos vivo prazer quando pisâmos de novo os logares que julgavamos não tornar a ver. Parece que a presença da morte nol-os tornou mais caros, e percorremol-os com delicia, logo que a molestia nos deixa. O joven poeta saiu no dia seguinte de madrugada e foi passear para o jardim botânico. Era esse um dos sitios da sua maior predilecção. Ali escreveu os versos que se acham a pagina 171 da *Lyrical*¹ com a data de março de 1821. Como prova de que punha datas ao acaso nas suas collecções, esses versos, que primeiro intitulou *Passeio de madrugada no jardim botânico de Coimbra*, foram por elle publicados, a primeira vez, no *Chronista*, com a seguinte nota no fim: «Em 20 de junho de 1820, e na convalescença de perigosa molestia, fui de madrugada respirar o purissimo ar do sitio chamado em Coimbra — *fóra de portas*. Achei aberto o jardim botânico: entrei.— Eu, e dois ou tres trabalhadores eramos os unicos viventes despertos. Ali, debaixo da palmeira que está no ultimo plano do jardim, escrevi estas linhas²».

É claro que, ainda quando eu não tivesse certeza, como tenho, de que a convalescença da perigosa molestia se referia á de 1820, bastava reflectir que não era tão facil enganar-se na data, posta sete annos depois de feitos os versos, como na que poz passados trinta e tres annos³.

¹ Edição de 1853.

² *O Chronista, semanario de politica, litteratura, sciencias e artes*. Lisboa, 1827, n.º xvi, pag. 69, *in fine*.

³ Advirto, pela ultima vez, que só me reporto ás datas do poeta

XIII

No dia 30 de junho d'esse anno de 1820 tomou effectivamente grau de bacharel.

Com os ensaios da *Merope*, que se interrompiam a miude pela ausencia temporaria de alguns dos improvisados actores, e com as correcções que ia fazendo a outros trabalhos, se passou todo o mez de julho.

Entretanto, fôra lentamente ganhando terreno a influencia exercida nos animos pela mudança da politica hespanhola. Portugal era talvez a unica nação da Europa que não tinha entrado ainda na communhão das idéas emanadas da revolução franceza. Sem ter sido, como outros estados, sujeito ao regimen feudal, não se apresava tambem a derrubar as velhas instituições que por tanto tempo rēgeram os seus destinos. Emquanto os demais povos generam escravos da tyrannia, tivera o portuguez durante seculos voto em cōrtes, e usára d'elle coarctando as demasias dos principes, cerceando-lhes as despezas, e fazendo-lhes sentir que podiam ser destituídos se não administrassem justiça direita¹. Por isso, quando os outros se emanciparam do antigo jugo, continuou elle enredado nos seus systemas tradicionaes, sem advertir que o caminhar dos seculos e os progressos do espirito humano os tinham tornado incompativeis com o viver moderno. Em vez de acceitar, admirando-os, os

quando as tenho por verdadeiras, e se ligam a algum facto que interesse á sua biographia. Averiguar em que tempo foram feitas todas as suas composições lyricas é hoje impossivel. Do estudo comparado de cada uma d'ellas pouco se póde apurar. E esse trabalho compete mais aos criticos do que ao modesto collecter d'estes apontamentos e memorias biographicas.

¹ É sabido como em Portugal houve sempre cōrtes até D. João IV, e que só ellas lançavam tributos, promulgavam leis, etc.

grandes principios com que a França transformou o mundo, horrorisou-se, confundindo as idéas com alguns dos factos que derivaram d'ellas, e attribuindo ás theorias sublimes dos apóstolos os excessos sanguinarios dos assassinos. Similhante á ostra que se fecha e se agarra com mais força ao penedo, quando sente vir a onda, o povo portuguez aferrou-se com maior energia á immobillidade, e fechou os olhos, para que não entrasse por elles a onda da luz nova e lhe regenerasse o organismo, apodrecido pela lama do servilismo, que desde mais de um seculo substituíra as antigas regalias¹. Assim como tinha combatido, com assás de gloria e de heroicidade, os soldados de Napoleão, combateu quasi trinta annos a invasão do genio contemporaneo. As idéas, porém, não são como os homens. Para estes ha os castellos e fossos, os baluartes e as trincheiras, com artilheria formidavel: as krupp e as metralhadoras; as chassépot e agulha; as espadas e as bayonetas, que fazem recuar ou matam. Mas como se ha de conter a idéa?! Que fortificações, que desertos, ou que mares podem impedir que ella caminhe e se introduza nos mais reconditos e remotos logares, nos cerebros mais rebeldes e menos pensadores?! Ella é subtil como o ar, anda veloz como o vento, e espalha-se como a luz. Uma vez enunciada, correrá pelo universo, apoderando-se até dos proprios exercitos mandados contra ella, e subjugando os povos que pretenderam fechar-lhe as fronteiras.

XIV

A nação portugueza tentára, pois, debalde oppor-se ás conquistas do progresso. Combatendo victoriosamente

¹ Desde os fins do seculo xvii não se tornaram a reunir as côrtes.

os exercitos d'aquelle que, tendo saído da revolução, fôra o mais figadal inimigo do espirito d'ella, deixou-se involuntaria e insensivelmente influenciar pela philosophia nascida na patria dos seus inimigos. A ausencia do rei, que reduzia o paiz quasi a provincia brazileira; a tyrannia do dominio britannico; a barbaridade dos assassinatos de Gomes Freire e de seus companheiros; os discursos que transpiravam das lojas maçonicas, frequentadas pela mocidade estudiosa e pelos homens instruidos e pensadores; todos esses, e outros muitos elementos se combinavam, dispendo os espiritos para se pronunciarem pela liberdade. A revolução de Cadiz pareceu momentaneamente o signal dado para rebentar a de Portugal. Mas as medidas tomadas pela regencia, e o espaço que decorreu desde o pronunciamento dos generaes hespanhoses até á acceitação da constituição por Fernando VII, entibiaram os patriotas portuguezes. A saída de Beresford para o Rio de Janeiro, e a promessa de que D. João VI concedia as reformas exigidas pela opinião publica, esfriaram ainda mais os animos. Todavia, o triumpho obtido no reino vizinho, a convocação das côrtes hespanholas, e as medidas vexatorias com que o governo de Lisboa pretendia abafar o sentimento nacional, reacordaram ao cabo de alguns mezes os brios dos homens de acção e realisaram emfim a conquista civilisadora.

Em meados de agosto, escapando á vigilancia de que o rodeavam as auctoridades, conseguiu fugir de Lisboa Manuel Fernandes Thomaz, acompanhado de alguns cidadãos liberaes como elle. Dirigindo-se ao Porto, ali combinou com os commandantes dos corpos, e com outras pessoas notaveis, o plano da revolução, que no dia 24 foi proclamada pelo coronel Sepulveda, de infantaria 18, e por outros officiaes, bem como pelas auctoridades e por todo o povo da cidade invicta.

O enthusiasmo foi indescriptivel. Infelizmente, convem

ter sempre em vista que as ovações do povo são as mais das vezes inspiradas por sensações nascidas de efeitos theatraes e não pela consciencia de que a causa que elle applaude é a mais justa. O povo é a eterna creança, vivendo pela imaginação, exaltando-se com as impressões do momento, e amando mais que tudo os espectaculos que o commovem e lhe fallam á phantasia. Se elle podesse applicar aos seus actos a critica precisa, não o veriamos tantas vezes servir de instrumento á tyrannia, nem despedaçar hoje, com furor igual ao enthusiasmo com que hontem os consagrava, os idolos destituidos pela sua inconstancia.

XV

A noticia do grande acontecimento percorreu o paiz com a rapidez do raio. Ninguem sabe como nem por que meios se espalham ás vezes n'um ponto remoto as novas de successos que se estão passando d'ali muito longe. O telegrapho é de invenção moderna, e o factio antiquissimo. Não ha tempo material para que a noticia percorra as distancias pelas vias e meios ordinarios; e, todavia, ella chega, sem se saber como nem por que modo, e confunde a rasão de quem procura decifrar o mysterio.

Em Coimbra soube-se no mesmo dia 24 de agosto tudo quanto se tinha passado no Porto, poucas horas depois dos acontecimentos. Os estudantes que estavam na cidade correram para a rua dos Militares n.º 45, onde morava Garrett. Este acabava de montar a cavallo.

—Aonde vaes? já sabes?

—Para o Porto. Adeus!

—E os ensaios da *Merope*?

—Adiados. Viva a liberdade!

—Viva a liberdade!

Partiu a galope, andou sem parar toda a noite, e no

dia seguinte apeava-se estafado á porta de casa, na rua da Boa Vista.

—João?! Como tu vens! Vaes ter recaída!

—Viva a patria livre! Viva a constituição... que diz que prometteram os nossos libertadores! Vivam as côrtes, que vão eleger-se!

Tal foi a resposta que elle deu ás boas tias e ao irmão, que ficaram assustadissimos de o ver chegar em tal estado.

A recaída, annunciada pela receiosa ternura dos parentes, não se fez esperar muito. A jornada violenta, de dezoito leguas andadas sem interrupção, em dia de sol de agosto, reabrira-lhe a ferida da cabeça, recentemente cicatrizada. No dia 27 d'esse mez assistiu ainda ás festas da cidade, e ao sermão de acção de graças, pré-gado pelo padre José de Sá, constitucional exaltado, e orador celebre do tempo. Essa famosa oração congratulatoria terminava com esta apostrophe violenta aos tibios:

«Ou sêde portuguezes, ou expatriae-vos.»

No dia 28 o poeta recolheu-se á cama, com febre intensa, e ali ficou em gravissimo estado perto de mez e meio! Novamente esteve para soffrer a operação do trépano, por se julgar que havia derramamento no cerebro! A impaciencia de não poder tomar parte nos successos extraordinarios, que se estavam passando em torno d'elle, aggravava-lhe a enfermidade. Imagine-se qual seria o seu desespero, sabendo-se como tinha a imaginação viva e a alma apaixonada! A revolução realisava as suas aspirações mais caras: sentia-se com inclinação para a vida politica, e via abrir diante de si carreira franca para todas as intelligencias. Ávido de movimento, ardendo em desejos de associar-se á causa publica, ter apenas vinte e um annos e meio, e, Tantalo de nova especie, achar-se agrilhoadado pela doença, no momento em que ia tocar o seu ideal!

Emquanto elle jazia no leito, completava-se o pensamento revolucionario. A regencia, sabedora dos successos do Porto, proclamou contra os auctores d'elles, promettendo amnistia aos soldados insurgidos, e remedio a todos os males de que se queixasse o povo. Como ninguem lhe dêsse attenção, mandou, primeiro, o conde de Amarante, perseguir os revoltosos; e, pouco depois, o conde de Barbacena. Mas os soldados foram reunir-se áquelles contra quem os mandavam combater, e os generaes fugiram a todo o galope dos seus cavallo.

O governo de Lisboa reconheceu então que a insurreição se preparava para lhe dictar leis, em vez de recebê-las, e pretendeu ainda conjurar a tormenta, com medidas que lhe pareceram efficazes. Suspendeu do serviço, por seis mezes, os officiaes inglezes; convocou as antigas côrtes para o mez de novembro; propoz o regresso do rei para Portugal, como necessidade urgente; e annunciou um emprestimo para pagamento dos funcionarios e do exercito. Tudo foi inutil. No dia 15 de setembro a guarnição da capital, arrastada pelo exemplo do regimento de infantaria n.º 16, secundou o movimento de 24 de agosto, nomeando-se em seguida o governo provisorio, que depois de várias duvidas, inspiradas pela vaidade, se fundiu com o do Porto¹.

A commissão constitucional, que ficára governando a cidade eterna, na ausencia da junta, ainda proclamava aos portuguezes terminando com vivas a el-rei... *nosso senhor*²! Tal era a consciencia que muitos tinham das palavras 'constituição e liberdade'! Em 15 de novem-

¹ A junta do Porto tomára o titulo de junta suprema do governo do reino. A de Lisboa imitára-a; depois, nenhuma queria reconhecer á outra a qualificação de 'suprema.' Ao fim de seis dias de discussão, concordaram que se reuniram ambas com um só titulo em duas secções, e installou-se o governo na capital.

² *O Patriota*, jornal, de 4 de outubro de 1820, Lisboa.

bro tambem o *Diario do governo* n.º 31, tratando das correspondencias havidas entre o governo portuguez e o inglez, por causa de se ter impedido o desembarque de Beresford, falla em el-rei *nosso senhor!* E admiraram-se da quêda da constituição, em 1823!

VI

Hymno constitucional.— *A liberdade.*— *A patria.*— Lord Beresford no Tejo.— Completa-se a desunião politica entre João e Alexandre Garrett.— *O Roubo das Sabinas.*— *San' Martinho.*— Successos do dia 11 de novembro em Lisboa.— Quinto anno de Coimbra.— Outeiro.— *Ode ao corpo academico.*— Insinuação do vice-reitor punida.— Suspeições.— Representação e revolta dos estudantes por causa das eleições.— João Baptista chefe revolucionario.— Proclamações.— O voto dos estudantes.— Outra vez o republicanismo do poeta.

I

O Alceu da liberdade portugueza, como elle a si proprio se qualifica, com assás de immodestia mas com plena justiça, no prefacio que attribuiu aos editores das *Folhas cahidas*, não podendo tomar desde logo a parte que desejava no movimento revolucionario, compunha, na cama, versos patrioticos, que os seus amigos espalhavam, por copias, entre os habitantes enthusiasmados.

A sua primeira producção dada á estampa foi o *Hymno constitucional*, publicado poucos dias depois do pronunciamento de 24 de agosto, na imprensa de Alvares Ribeiro, Porto, 1820¹. Não tenho, nem vi nunca este canto; mas alguem me asseverou ter conhecimento d'elle, e não me parece provavel que o auctor o incluísse no catalogo geral manuscripto, que me deu das suas obras, se não o tivesse feito. É, porém, digno de notar-se que não se encontra em nenhuma das suas collecções. Salvo

¹ O *Diccionario* de Innocencio dá como a primeira publicação, em data, os *Versos ao corpo academico*, que só se imprimiram muitos mezes depois do *Hymno*.

se é o que na *Lyrical*¹ traz por titulo *A liberdade, em vinte e quatro de agosto*. Parece-me, comtudo, que estes versos, não rimados, difficilmente poderiam adaptar-se á musica do hymno. O mais certo é terem sido aquelles, mais tarde, condemnados pelo auctor, conjunctamente com outros muitos, e por isso os não encorporou nas suas obras.

Além do *Hymno constitucional*, e da *Liberdade*, a peça que a pag. 140 da *Lyrical* traz o titulo *Á patria*, com a data de 30 de agosto de 1820, diz o auctor, em nota, que n'esse dia e anno fôra escripta. Ahi explica porque saíra na edição de Londres (1829) com outro titulo e com a declaração de ter sido feita em 1826, por occasião da outorga da Carta. Receára, n'esse anno, aggravar as desconfianças dos timidos, confessando ter sido o Alceu da revolução de 1820, e attribuia a data posterior o que fôra feito annos antes. « Os principios moderados, o amor da liberdade legal, creio sinceramente que nasceram commigo; é-me instinctivo o horror da anarchia, da exaggeração, e innata a crença — mais de sentimento ainda do que de rasão — no poder da fôrma monarchica para cohibir os outros elementos e excessos sociaes² ».

II

Lord Beresford, que tinha ido ao Rio de Janeiro pedir instrucções a D. João VI, quando começou a manifestar-se em Portugal o espirito revolucionario vindo de Cadiz, entrou no Tejo em 10 de outubro, a bordo da nau ingleza *Vengeur*, trazendo cincoenta e cinco dias de viagem. O rei, que o tinha feito marquez de Campo Maior, dera-

¹ 1853, pag. 137.

² *Lyrical*, 1853, pag. 278.

lhe poderes amplísimos para governar o reino. Só depois de fundeado em frente da Junqueira teve o marechal conhecimento da revolução de 24 de agosto. O governo provisório mandou-o intimar para que não desembarcasse, porque não podia responder pela sua vida.

Beresford tinha tomado gosto ao paiz, mas não se resignaria jámais a viver n'elle sem tomar tambem parte no governo¹. Irritado com as intimações da junta suprema, mandou-lhe dizer que desembarcaria, tornando-a responsavel por qualquer agravo que se lhe fizesse. Zeloso do proprio decoro, o governo ordenou-lhe que saísse immediatamente do reino, sob pena de ser preso. Mas os ventos contrarios impediram a saída do navio, conservando-se portanto o marechal no Tejo até ao dia 18 de outubro, anniversario da morte de Gomes

¹ É sabido quanto se empenhou sempre, d'ali por diante, para tornar válido o decreto que o nomeára logar-tenente. Foi elle quem mais cooperou, de Londres, para a quéda da constituição, em 1823. Em seguida veio logo a Lisboa, para fazer valer o seu decreto; mas o ministro Pamplona serviu-lhe de obstaculo. Ajudou depois a preparar o successo de 30 de abril de 1824, e andou no Rocio ao lado de D. Miguel. Comtudo, nada alcançou ainda d'essa vez, porque D. João VI refugiou-se a bordo de uma nau ingleza e elle teve que voltar para Londres. Em 1826, pela outorga da Carta, eil-o de novo em Portugal, esperançado em que o ministro Acourt, seu compatriota, o protegeria. Então teria conseguido tudo da infanta regente, se o ministro da guerra, marquez de Valença, não tivesse posto dúvidas em referendar o decreto do rei fallecido, dizendo a D. Izabel Maria que essa medida seria impopular e impolitica. Em vista d'esta opinião, a regente cassou-lhe a nomeação, ordenando-lhe que saísse do paiz dentro de vinte e quatro horas. Ainda em 1828 teve aquelle teimoso e malevolo inglez larga correspondencia com D. Miguel, com D. Carlota Joaquina, e com o duque de Cadaval, ácerca dos planos da usurpação! Por este facto foi accusado no parlamento da sua patria, onde mal se defendeu, confessando todavia a correspondencia com as citadas personagens! O duque de Wellington, seu amigo, e então ministro, impediu que a accusação proseguisse.

Freire! Comprouve-se momentaneamente a Providencia em dar áquelle general vaidoso e soberbo as provas da sua impotencia. Os homens que elle desprezára, tratando-os como escravos, abatiam-lhe o orgulho, mostrando-lhe que eram livres e fortes pela liberdade; os ventos retinham-n'o, para que o pungisse o remorso, á vista do logar, onde fôra atrozmente assassinada a victima da sua feroz prepotencia. A torre de S. Julião da Barra içara a bandeira em funeral, e todos os sinos da capital commemoravam, com dobres lugubres, o triste anniversario, quando Beresford conseguiu sair do Tejo, no paquete *Ara-bella*, levando a alma cheia de fel e de odio contra os constitucionaes portuguezes, que não o detestavam menos¹.

III

Alexandre Garrett, que aborrecia os inglezes, fazia excepção a favor d'este porque era inimigo dos liberaes. O dia 24 de agosto desuniu politicamente os dois irmãos, estremando claramente os partidos em que cada um devia militar d'ali por diante. João adorava a revolução, que abria vasto campo á actividade do seu espirito, e fizera-se cantor entusiasta d'ella. Alexandre tor-

¹ Alguem affirmou 'que uma das principaes causas da revolução de 1820 fôra o decreto pelo qual D. João VI nomeára o Marquez de Campo Maior seu logar-tenente em Portugal, com poderes amplissimos sobre o exercito'. (Joaquim José da Silva Maia, *Memorias historicas, politicas e philosophicas da revolução do Porto, em maio de 1828*, etc. Rio de Janeiro, 1841.) O sr. Simão José da Luz Soriano, na sua *Historia da guerra da Peninsula*, diz que Beresford, apesar dos seus defeitos, teria sido o idolo dos portuguezes se, finda a guerra, se tivesse retirado para o seu paiz, em vez de se declarar, como fez depois, um dos mais fignos inimigos do regimen liberal em Portugal e do estabelecimento do governo parlamentar n'este reino.

nou-se francamente apostolico, absolutista e inimigo jurado de todos os pedreiros livres ¹.

O procedimento, aliás natural, e unico possivel, que teve o governo provisório com o marechal Beresford, azedou-os mais do que já estavam. Renovaram-se as re- criminações, algum tempo interrompidas por causa da gravidade da doença de João; e tornou-se inevitavel a separação entre elles. Tanto a familia, nos Açores, como os parentes do Porto deploravam estas desavenças; mas, reconhecendo a impossibilidade de as terminar, pediram que ao menos, embora separados pela politica, os dois se não tornassem pessoalmente inimigos. Parece que ambos assim o prometteram, e penso que cumpriram.

Não podiam, todavia, viver juntos; a profunda differença de opiniões trazia-os sempre em riscos de algum conflicto grave. Seria impossivel a fidelidade á promessa, exigida pelos parentes, se não se separassem; João assentou portanto de nunca mais tornar ao Porto.

Este caso dos Garretts não foi, infelizmente, o unico occorrido n'aquelle tempo. Em grande numero de familias do reino se deram muitos semelhantes. E frequentemente se encontravam irmãos pelejando contra irmãos nos campos de batalha, ás vezes com maior encarniçamento do que se fossem estranhos! É essa a mais dolorosa consequencia das guerras civis, e aquella que o misero Portugal tanto tem experimentado!

IV

Durante a segunda convalescença, escreveu Garrett

¹ Assim o declarou depois a D. Miguel, estando preso, no Porto, pelas auctoridades do usurpador. Tenho á vista o documento, da sua propria letra.

o poemeto, que nunca publicou, intitulado *O Roubo das Sabinas*¹. O genero, a fórma, o estylo, todos os elementos poeticos que cooperaram n'esta composição, attestam que ella é irmã gêmea do *Retrato de Venus*. Os versos, em geral sonoros e fluentes, mostram, por vezes com demasiada nudez, a liberdade das idéas. Cupido e Venus são ainda as molas que movem a acção, fria e quasi destituída de interesse. A Annalia portuense, por amor da qual o poeta deu a quêda que o tinha agora preso em casa, é tratada (no canto II) com excessiva familiaridade. Essa parte e o final do *Retrato de Venus* denunciam o estado pathologico peculiar ás grandes commoções do cerebro: tendências sensualistas.

V

O canto I principia assim:

« Quero cantar d'amor delicias, gozo,
 Que as lassoas cordas já não soffrem prantos
 Que a lyra enrouquecida, e frouxa, e debil
 De Melpomene aos ais os sons recusa.
 Roma, de teus heroes guarda os prodigios,
 Não quero o teu valor, quero os teus fados

¹ *Obras*, tom. XXII, pag. xxv, do *catalogo*. O titulo do manuscrito diz assim: — «*O Roubo das Sabinas*, poema, por J. B. S. L. A. Garrett. — Porto, 1820». — Contém 717 versos. Está escripto no primeiro borrão, todo por letra de seu auctor. Lê-se no fim do canto I: — «Acabei em 29 de outubro de 1820». O 9 fôra primeiro um 2, que posteriormente se emendou, talvez para fazer crer que o canto II foi feito em tres dias, o que para tal auctor não era nenhum esforço. No fim do II diz: — «Acabei, Porto, 2 de novembro de 1820». — E mais abaixo:

Μῆνιν ἄειδε Θεὰ Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος
 Οὐλομένην, ἣ μυρῆ Ἀχαιοῖς ἄλγῆ ἐβόηκε.

Quando em teu seio divinaes bellezas
(Ditoso furto!) de prazer torrentes
De inefavel prazer doce entornaram.
Prazer filho d'amor de ti só canto,
Só a ti, só a amor consagro a lyra.
Em curto espaço d'acanhados muros
Da gloria no crepusculo jazia
A futura senhora do universo.
Occupava o logar do Circo e Fôro,
Do erguido Capitolio, do palacio
Infructifero bosque emaranhado.
Onde em seculos d'ouro o luxo, a pompa
Obeliscos ergueu, alçou colossos,
Mal se divisam rusticas choupanas.
Mancebo audaz, progenie de Mavorte,
Um punhado d'heroes, vaidosos d'elle
Só ricos de valor, pobres do resto;
Eis a infancia viril da altiva Roma.
Mais deuses que o da guerra não conhecem:
Só lhe avultam na mente bellicosa
Armas, guerra, furor, conquistas, mortes;
Das paixões a mais bella, a mais fagueira
Desconhecem ferozes, menoscabam.
Raivoso os viste amor quebrar teus fóros.
E quem te offende em vão? Juraste irado
Pelos olhos da mãe, que te sorria
A futura vingança presentindo,
Juraste de punir o sacrilegio
Com toda a furia do rancor d'um nume.
A vós sabinas venturosas cumpre
Ao feroz vencedor roubar os louros,
Cumpre vingar amor, correi ao Circo,
Não temaes do inimigo o rude assalto,
Victoriosas sereis quando vencidas.
Heroica musa, que do heroe d'Homero
Cantaste a ira tão funesta aos gregos,
Que as armas pias do piedoso Enéas
Nas laeias cordas resoar fizeste,
Que a altiva tuba d'um Camões, d'um Tasso
Nos muros de Salem, nas margens do Indo,
Magestosa empunhando alçaste aos deuses,
Não, teus echos d'horror não quero, ó musa:

Volve-me os sons melifluos deliciosos,
 Os meigos sons da namorada lyra
 Que os ternos beijos, que as lascivas guerras,
 Os divinos combates debuxára
 D'Armida nos jardins, na ilha de Venus.
 Nem deslembres d'Angelica formosa
 O mago somno, que inflammou sem pejo
 Do frouxo velho encanecidos membros.

.....

O poema traz algumas notas, no fim, que ficaram por completar. Na primeira diz: — « Na convalescença de perigosa molestia compuz este poema . . . »—Logo adiante lamenta que a debilidade do espirito e corpo o não deixem occupar-se no genero de poesias mais do seu gosto, que eram os poemas. N'outras notas cita versos e prosas de auctores antigos e modernos, a proposito dos seus proprios versos, como que para desculpar a licenciosidade de alguns d'estes ¹.

VI

Tambem n'este mesmo anno começou outra tragedia intitulada *OEdipo em Colona*. Apenas deixou o primeiro acto completo, e começado o segundo. Os versos são em geral magnificos; mas a acção resente-se da frouxidão que caracteriza as suas primeiras obras theatraes.

Em 11 de novembro estava o poeta ainda no Porto, retido pela doença. Tinha já feito varias tentativas para pôr-se a caminho de Coimbra; mas o temor de nova recaída impedira-o de partir; e, provavelmente, teria per-

¹ Uma d'essas notas fecha com este malicioso epigramma:—
 « Nunca fui apaixonado d'estas innocencias da idade de ouro, talvez pela minha incredulidade ».

dido o anno, se os successos que adiante se referem o não obrigassem a sair precipitadamente.

N'esse dia 11 parece ter feito os versos a *San' Martino*, cheios de engraçadas allusões ao seu estado de enfermo, e aos motivos da quéda que déra do cavallo, por causa da Dulcinea da Foz:

.....
 «E eu de dieta!—Sim, dieta. Oh! louco,
 Oh! parvo que estou hoje.
 Pela brecha do caco o pouco resto
 Se evaporou da bolla:
 Nem me lembrava já o tal saltinho
 De andante folestria.

.....
 Mal haja esse patão de D. Quixote,
 Ou quem quer que antes d'elle
 A moda introduziu das Dulcineas
 E de andar atraz d'ellas.
 Mal haja a parvoa sécia de ir buscál-as
 Á Foz, ou ao inferno¹!»

É sempre assim, graciosa e ligeira, revelando até ao fim a zanga comica dô rapaz folgasão, que se vê preso em casa, sabendo que toda a galhofeira caterva do Mondego está áquella hora saboreando delicias enquanto o

«... aposentado, inválido chupista
 Só folga na taberna².»

VII

Ao tempo em que elle escrevia no Porto estes versos, e no mesmo dia, passavam-se em Lisboa successos extraordinarios, que momentaneamente pizeram em ris-

¹ *Lyrical*, 1853, pag. 144.

² *Idem*, pag. 146.

co a causa da revolução. Em 3 de novembro expedira Manuel Fernandes Thomaz, em nome do governo, as instrucções aos magistrados presidentes das eleições, destinando para a dos eleitores o dia 26 do dito mez, e para a dos deputados o de 3 de dezembro, continuando esta successivamente nos dias immediatos, quando não fosse possivel acabar-se no primeiro. Alguns dos artigos d'essas instrucções desagradaram, talvez por mal interpretados, a quem não teve a franqueza de o declarar, ou não quiz perder o ensejo de apalpar a opinião publica, para saber o estado d'ella e a intensidade do seu constitucionalismo.

Varios homens, dos que mais ostensivamente tinham adherido ao movimento de 24 de agosto, uns de boa e outros de má fé, insinuaram aos habitantes da capital que o governo era frouxo e moderado em demasia para as circumstancias do tempo; que convinha mudar de rumo e adoptar immediatamente para Portugal a constituição hespanhola, bem como outras medidas energicas, que se diziam convenientes para a salvação do estado. Em consequencia d'isso, o juiz do povo, João Alves, com o seu escrivão, Verissimo José da Veiga, requereram á junta preparatoria das côrtes para que os deputados fossem eleitos pelo methodo e com as mesmas circumstancias prescriptas na constituição de Hespanha. A junta não deferiu conforme todas as exigencias, provavelmente porque já isso entrava tambem no plano de algum dos especuladores.

Requeru então o juiz do povo, e o seu escrivão, a Gaspar Teixeira de Magalhães e Lacerda, marechal general commandante da força armada, para que mandasse reunir o exercito e proclamar a constituição hespanhola, « a qual — diziam os requerentes — sendo modificada pelas côrtes convocadas á maneira hespanhola, se adapte e aproprie aos usos, costumes, e terreno de Portugal,

sem que lhe alterem o seu essencial, e as idéas liberaes que ella contém¹ ».

No dia 11, reuniu a conferencia militar no palacio do governo, sendo tambem presente o juiz do povo e seu escrivão, e resolveu-se que se jurasse a constituição hespanhola, e se attendesse em tudo ás materias propostas no requerimento do povo. Entre outras providencias tomadas, determinou-se que entrassem mais quatro membros para o governo, e que fosse dado o commando em chefe de todas as forças do reino a Gaspar Teixeira. A guarnição da cidade occupava as praças do Terreiro do Paço e Rocio, tomando a artilheria as bôcas das ruas, com as peças carregadas de metralha, emquanto se prestava juramento á constituição hespanhola!

Antonio da Silveira Pinto da Fonseca, ministro dos negocios estrangeiros e vice-presidente do governo, fôra, com Gaspar Teixeira, a alma d'estas combinações, sem dúvida com plano secreto entre ambos, mas que não poderam pôr em pratica. Accusou-se tambem Bernardo de Sá Nogueira, capitão de engenheiros (que foi depois marquez de Sá da Bandeira) e discutiu-se nas côrtes de 1820 se elle devia ou não ser incluído na amnistia, que se concedeu mais tarde. Mas, se houve fundamento para o accusar, pôde affirmar-se que elle procedia na melhor boa fé, porque provou sempre ter nobre character e ser liberal convicto e honrado.

No dia 13 pediram a demissão de membros do governo, que lhes foi acceita, Frei Francisco de S. Luiz, Manuel Fernandes Thomaz, Hermano José Braamcamp do Sobral e José Joaquim Ferreira de Moura. Todos estes tinham, comtudo, acceitado e referendado as medidas do dia 11. Mas não queriam a responsabilidade dos actos que se seguissem, e naturalmente se offenderam com a

¹ *O Patriota* (jornal), Lisboa, 1820.

proclamação que na manhã de 13 publicou o marechal Gaspar Teixeira, referindo como reunira as tropas no dia 11, e affirmando que o fizera para dar ao povo a constituição que pedia por intermedio do seu juiz, e para salvar a nação. Tambem no mesmo dia proclamára nos jornaes Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira, commandante do exercito do sul, protestando o seu patriotismo, que alguém parecia pôr em dúvida.

Essas proclamações, que tiravam o prestigio ao governo, usurpavam-lhe direitos, que são exclusivamente seus, para conceder ao exercito attribuições que este não pôde ter nunca. Parece que o pensamento de Pinto da Fonseca e de Gaspar Teixeira era dar um golpe de estado, no caso em que o povo fraternisasse com a tropa. Assim antecipariam a restauração absolutista, de que ambos foram depois apostolos¹. Mas o povo assistiu pacificamente aos manejos militares, que nunca chegou a comprehender bem, desde 11 até 17 de novembro. N'esse dia, enfasiado de não entender nada do que se pretendia fazer, rompeu em vivas á liberdade, com os quaes desconcertou os planos tenebrosos dos falsos patriotas. Cabreira, apparecendo no Rocio, correspondeu aos vivas populares, acrescentando:

— Viva tambem a concordia!

— Viva a concordia! — clamaram todos.

E no dia 18 corre a população em massa a procurar os membros demissionarios do governo, leva-os em triumpho, e reentrega-lhes o poder. A junta, já completa, publica novas instrucções eleitoraes; dirige um manifesto ao paiz, congratulando-se com elle por ter escapado de grandes desgraças; e louva calorosamente o gene-

¹ Mostraram-se mais tarde exaltados e bem conhecidos miguelistas: um, com o titulo de visconde de Canellas, e outro com o de visconde do Peso da Regoa.

ral que salvou a patria! O intendente geral da policia proclama tambem ao povo, elogiando-o pelo seu nobre procedimento.

Gaspar Teixeira dá a sua demissão, e recebem-lh'a com grandes cumprimentos. No dia 19 Antonio da Silveira pede tambem a sua, ou uma licença de vinte ou trinta dias para se tratar, e é-lhe negada. Responde respeitosaente « que apesar de doente, irá recommençar o serviço »; e Fernandes Thomaz officia-lhe, ordenando que saía de Lisboa dentro em duas horas, e se recolha á sua quinta de Canellas, em Villa Real, d'onde não deve sair sem licença da junta! N'esse officio declara-se que os quatro membros reconduzidos do governo só voltaram aos seus logares com a condição de tomarem esta medida¹.

O que de tudo isto se depreheende, e do facto que já atraz citei de se dar ainda por vezes em documentos publicos, e no *Diario do governo*, o tratamento d'el-rei *nosso senhor*, é que não estavam ainda bem assentes em Portugal as opiniões, em materias de constituição e de liberdade. Andava-se ás apalpadellas, sem se saber bem para onde se queria ir. Os portuguezes ficaram como alguns infelizes pretos, que tendo sido toda a vida escravos e recebendo de repente a alforria, alegram-se extraordinariamente, no primeiro momento; saem para a rua, e, á noite, voltam a supplicar ao senhor que continue a tê-los em casa como d'antes, porque não sabem o que hão de fazer da liberdade!

¹ Veja-se, para melhor conhecimento d'estes extraordinarios successos, o citado jornal *O Patriota*, Lisboa, 1820. E tambem os curiosos *folhetins*, e um artigo do *noticiario*, do *Conimbricense*, n.ºs 2823 e 2830, de 14 de agosto e 8 de setembro de 1874, escriptos pelos srs. Joaquim Martins de Carvalho e Innocencio Francisco da Silva. Veja igualmente a *Revista historico-politica de Portugal*, por João Antonio dos Santos e Silva, Coimbra, 1852.

A educação dos povos é como a de qualquer individuo: não se faz n'um dia.

VIII

Calcule-se como ficaria o nosso estudante, quando chegaram ao Porto as primeiras noticias dos acontecimentos do dia 11 em Lisboa! Acabou com as hesitações e resolveu partir immediatamente para Coimbra. Antes, porém, de apartar-se para sempre (segundo então julgava) da sua cidade querida, foi percorrer, uma vez mais, os logares onde se passára a sua ditosa infancia. Despediu-se com lagrimas de todas as pessoas que sinceramente amava; e até das que por politica ou por outras causas lhe eram menos afeiçoadas, e partiu. Os dois irmãos apartavam-se para nunca mais se juntarem. E só passados muitos annos tentaram reavivar, por meio de cartas, as recordações da primeira ida-de. A correspondencia parecia e tentava ser affectuosa; mas era-o sómente na fórma. O fundo ficava sêcco, como a politica que os separára, matando-lhes a ternura fraterna.

O poeta passou o Douro embarcado; em Gaia, montou a cavallo e voltou-se para o Porto. Contemplou longo tempo a cidade sem proferir palavra. Assás fallavam o coração e os olhos, n'essa despedida silenciosa. Após alguns minutos, exhalou profundo suspiro, puxou a rédea e deixou o animal que o levava ir subindo lentamente a estrada. Mais adiante parou outra vez. De um lado ficava-lhe, atraz, o caminho que conduzia á quinta do Castello; do outro, a pittoresca estradinha de S. Christovam de Mafamude e da quinta do Sardão... Ás doces lembranças da meninice, á memoria de todos que ali viveram, n'aquellas duas quintas, tantos dos quaes tinham já desaparecido, consagrou novas lagrimas de saudade.

Acudiu-lhe á mente o melancolico verso de Horacio, e murmurou:

—*Eheu! Fugaces labuntur anni*¹!

Desde seus mais verdes annos, homem do futuro, nunca ninguem teve como elle o culto do passado. Bastava-lhe para o provar ter sido o cantor da saudade. N'este momento, sobretudo, sentia-se sem animo de ir para diante. Aquelles sitios, de tantas e tão gratas recordações, que tinha a consciencia de nunca mais tornar a ver, como que lhe prendiam ali o coração. Parecia-lhe que as forças vitaes lhe iriam diminuindo á medida que se fosse afastando. Era o sentimento prophético da sua individualidade litteraria, que vagamente se lhe revelava. Cada vez que elle procurou depois a poesia nas recordações da sua infancia, achou-a sempre, vigorosa, simples, grande e bella. O berço retemperava-lhe o estro e dava-lhe ao mesmo tempo a suave melancolia, tão portugueza de lei, que respiram os seus poemas.

A voz de um amigo,² arrancou-o, emfim, á tristeza que o deleitava. Olhou pela ultima vez para a segunda estrada, que tão alegre e descuidosamente percorrêra outr'ora, e partiu, persuadido de que nunca mais tornaria a vê-la.

IX

Uma portaria do governo mandára reabrir as aulas em meados de outubro. Garrett, que estivera doente, foi admittido á frequencia do quinto anno, como já lhe succedêra no primeiro, por justificar o motivo que o impedira de ter ido matricular-se mais cedo. N'este anno

¹ Liv. II, ode XI.

² Manuel da Silva Passos.

de 1820 a 1821 residiu n'uma casa da rua das Covas, n.º 24, que muito tempo ficou memoravel por esse facto, entre os estudantes. E teve no curso de leis o n.º 112.

Os successos do dia 11 de novembro tiveram echo aterrador em Coimbra. Temeu-se ali, bem como no Porto, que fosse afogado á nascença o systema liberal; e esperavam-se as noticias com viva anciedade. Fundaram-se novas lojas maçonicas, sendo a mais notavel a denominada *Sociedade dos Jardineiros*, de que Garrett era o membro mais enthusiasta. Logo que se soube o desfecho dos acontecimentos e houve certeza de que tudo reen-trára no bom caminho, resolveu a mocidade academica manifestar o seu regosijo nos dias 21 e 22 de novembro, com saraus ou outeiros na sala dos capellos da universidade.

Entre os muitos poetas que ahi recitaram entusiasticos versos, e dos quaes já hoje nenhum vive¹, teve João Baptista o primeiro lugar, não só pelo seu grande talento, como tambem pela ordem da recitação. O vice-reitor da universidade, dr. José Pedro da Costa Ribeiro Teixeira, que era absolutista, fez insinuar a Garrett, e aos outros vates do outeiro, que seria conveniente introduzirem nas suas poesias elogios a D. João VI. « Garrett, indignado com similhante interferencia e especie de censura prévia do vice-reitor n'este acto, fez-lhe pagar caro a sua ousadia² ».

Os segundos versos que do nosso auctor se imprimiram, taes como foram improvisados, publicaram-se n'um folheto intitulado *Collecção das poesias recitadas na sala dos actos grandes da universidade*, etc., Coimbra, 1821;

¹ Entre outros, eram condiscipulos de Garrett os dois Castilhos, Antonio e Augusto, e creio que tambem José Frederico Pereira Marécos.

² Sr. Joaquim Martins de Carvalho, folhetim do *Conimbricense*, de 14 de agosto de 1874.

e também, taes quaes saíram n'essa edição, no *Conimbricense*¹, são os que na *Lyrica* teem por titulo *Ao corpo academico*², e começam:

«Ergo tardia voz, mas ergo-a livre.»

Ahi, porém, trazem muitas mutilações; e, entre outras, falta, na apostrophe a D. João VI, a correcção dada ao vice-reitor com assás de violencia. É esta:

«João... deslembra alguém tão sacro nome?
E cumpre á prepotencia a nós lembrál-o!
E cumpre ao orgulho suscitál-o aos peitos,
A nós, a Portuguezes, quaes nós somos,
A filhos de Minerva!... A offensa é crua,
Barbara a affronta, perfido o conselho,
Indigna... Ah! perdoemos, socios caros;
Generoso perdão se outorgue á infamia:
Das dadivas do céu disponham lusos³.»

O ultimo verso da tragedia *Lucrecia* é o que fecha também a ode ao corpo academico:

«Vivamos livres, ou morramos homens.»

Depois do que acima se leu, que admira que tantos odios e malquerenças deixasse entre os *senhores sabichões do Mondego*, como lhes chama no prologo da primeira edição do *Catão*⁴? Uma parte dos lentes era absolutista; e Garrett, sacudindo as dependencias de estu-

¹ De 14 de agosto de 1874.

² *Lyrica*, 1853, pag. 147.

³ Na edição de Londres não foi incluída esta ode, porque, diz o auctor, a pag. 279 da edição de 1853: «achei-a túrgida, bombastica, e sem nenhum merito poetico». Depois pareceu-lhe mal renegál-a e restituiu-a por isso á collecção moderna. Mutilou-a, porém, como se diz no texto.

⁴ Theatro—*Catão*, Lisboa, 1845, pag. 46.

dante, tratava-os com altiva isenção e sobrançeria, como quem tinha já a consciencia de que lhes era superior em tudo. N'um opusculo, de que adiante trataremos, escrevia, antes da sua formatura, fallando de si: «Desculpae um homem sem experiencia, apoucado em conhecimentos, e opprimido atéqui pela ignorancia em todos os seus estudos, pelo fanatismo em todos os seus exercicios litterarios, e pelo despotismo em todas as suas acções¹».

N'um tempo em que o numero dos ignorantes, dos fanaticos, e dos partidarios do despotismo compunha a maioria da nação, era bom meio de angariar sympathias! Toda a vida assim foi o grande poeta! E por isso até á morte teve tantos inimigos. A independencia de character, a franqueza de opinião, o amor á verdade, á liberdade e á justiça nunca foram, infelizmente, titulos de recommendação sufficientes para certas pessoas...

X

Como era natural, a severidade com que Garrett e outros poetas dos outeiros de 21 e 22 de novembro trataram o vice-reitor foi asperamente censurada dentro e fóra de Coimbra. O aggravado e os seus amigos qualificaram os estudantes poetas de demagogos e inimigos da ordem; e insinuaram, para Lisboa, que a mocidade academica nutria sinistros projectos de revolução anti-constitucional! O ministerio pediu informações, e a denúncia chegou ao conhecimento dos estudantes, em 4 de dezembro. Estes, indignados, reuniram-se em casa de Garrett, na rua das Covas, n.º 24, e ahi deliberaram dirigir immediatamente uma representação á junta provisoria do governo supremo do reino, para se justifica-

¹ O dia 24 de agosto, 1821, pag. 8.

rem. Garrett foi incumbido, por aclamação, de redigir esse documento, que é o seguinte:

«Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Snrs.—O Corpo Academico animado do patriotismo, que o distinguiu sempre, amigo sempre da paz, da ordem, e da verdadeira e legitima liberdade, prompto sempre a dar por ella até á ultima gota de sangue, o Corpo Academico, que tam alta e decididamente tem manifestado estas ideias, principalmente depois do feliz successo do dia dezeseite de novembro: não poude vêr sem mágoa, não poude ouvir sem resentimento, encarar sem odio e execração o boato universal, e (ao que todos cremos) verdadeiro, de que ao Supremo Governo fôsse denunciado, como fatora e propagadora de ideias anti-politicas, como revolucionaria, e anti-patriotica, a escolha da mocidade Portugueza, aquella parte da nação, que mais livre e honradamente pensou sempre, mesmo no tempo, e debaixo do jugo do despotismo; que na recuperação da liberdade menos licenciosa, menos exaltada em systemas politicos se tem mostrado, que mais altamente clamou contra a illegitimidade do dia onze, e que mais público regosijo patenteou no venturoso resultado do dia dezeseite.—Esta denúncia (não duvidámos asseverál-o) não sahiu da nossa classe; almas perversas, hypocritas, envenenadas de maldade, azedas de odio, corruptas de peçonha, aborrecedoras da luz, inimigas declaradas da razão e da verdade, quaes estas são; não; decerto não as ha entre nós: e, se as ha, se um tal monstro vive entre nós, se algum barbaro sectario do feudalismo... nós repetimos, com os nossos companheiros do Porto: «Esse não é Academico; nós o expulsámos do nosso gremio; nós lhe negámos o doce e santo nome de irmão; nós o amaldiçoámos até á hora em que se alistou sob os estendartes de Minerva.»—Esta queixa, que levámos á presença de V.V.E.Ex.^{as}; esta protestação, que fazemos da nossa fidelidade a V.V.E.Ex.^{as} e

a toda a Nação, nós a fazemos com toda a solemnidade; e com toda a instancia pedimos a V. V. E.Ex.^{as} e requeremos por todas as leis da justiça, e da razão, queiram declarar a falsidade de nossos accusadores, e a pureza das nossas intenções; igualmente rogâmos a V.V. E.Ex.^{as} queirão fazer publica esta nossa protestação por via dos periodicos.—Tremão, tremão esses malvados e vis delatores; esses perversos calumniadores: a installação das Côrtes está já bem proxima, e as Universidades de Hespanha nos apontão o exemplo.—Sirvão-se pois V.V. E.Ex.^{as} attender aos nossos rogos, ouvir nossos clamores: uma corporação inteira clama justiça, pede satisfação da mais atroz injuria, que se pôde fazer a um Portuguez: V.V. E.Ex.^{as} lha devem outorgar, e V.V. E.Ex.^{as} o hão-de fazer, porque não negão, porque não negarão ouvidos á razão e á justiça. Contem V.V. E.Ex.^{as}, conte a Nação toda com os corações, com as vozes, com as pennas, com os braços, e até com as vidas de todos os Academicos.

Coimbra, em 4 de Dezembro de 1820. — *João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett*¹. »

A representação foi assignada por mais quatrocentos e setenta e tres academicos, dos quaes talvez já hoje não existam cinco! Os primeiros nomes que se seguiam ao de Garrett eram Joaquim Larcher, José Maria Grande, Francisco Gomes Brandão Montezuma, Manuel Bernardo da Cunha Couto e Mello, Balthazar Jacinto Cabral, etc.

¹ Innocencio Francisco da Silva, que possuia o original, todo da letra de Garrett, me enviou esta copia, affirmando ser fielmente feita com a orthographia do proprio authographo. Conservei-lh'a por ser documento historico. Annos depois de m'ó ter communicado, o auctor do *Diccionario bibliographico* mandou-o publicar no *Conimbricense* de 8 de setembro de 1874. Hesitei por isso em däl-o aqui na integra; mas reflectindo que elle pertence de direito á biographia do poeta, não quiz deixar de transcrevêl-o.

XI

As eleições parochiaes deviam fazer-se no dia 16 de dezembro. Os estudantes da universidade aspiravam a votar n'ellas e constava-lhes que não lhes seria admittido o voto.

Garrett, que recolhia de um passeio, encontrando mais de quatrocentos condiscipulos, reunidos perto do arco de Almedina, indagou o motivo do ajuntamento. Sabedor d'elle, tomou a palavra e levou-os todos atraz de si.

Deixemos explicar os acontecimentos por um contemporaneo, que foi talvez o principal auctor d'elles ¹.

«Tinha-se denunciado ao governo supremo, como revolucionario e anti-constitucional o corpo academico. Quem vivesse dois dias em Coimbra, no tempo mesmo do despotismo, manifestamente conheceria o nenhum fundamento e o calumnioso de similhante denuncia. Muito bem o sabiam elles mesmos que tal denuncia deram. O seu fim porém era manchar a fama, perder o conceito dos estudantes, e procurar secundariamente que se fechasse a universidade. Não lhes teve effeito a sua trama odiosa, soube-se tudo, e os estudantes tomaram o partido unico e legitimo de fazerem uma representação ao governo, declarando os seus sentimentos

¹ É feita por Garrett a narração dos factos que acima se transcrevem. Ainda que elle m'o não tivesse dito, bastava compará-la com a redacção das representações e proclamações, e a circumstancia de se achar o seu nome collocado em segundo lugar, tendo o poeta sido o chefe da revolta academica. Todos esses documentos são transcriptos do n.º 67 do jornal *O Patriota*, Lisboa, 1820, sexta feira 15 de dezembro. Outros jornaes os publicaram tambem; mas parece que alguns os mutilaram. Um d'estes foi o *Genio constitucional*, do Porto.

patrioticos, protestando contra a injuria, e pedindo desagravo da offensa. Irritou-se com esta resolução o odio inveterado das malvadas almas dos accusadores; tentaram despicar-se; e o meio mais seguro, mais occulto e caviloso que acharam, foi o pretender privar do voto nas eleições parochiaes os tão aborrecidos academicos. Mas quem acreditará, quem se lembrará mesmo de pensar, se com seus olhos o não visse, se com seus ouvidos o não ouvisse, que esta miseravel gente quiz fazer decidir um tal negocio, em uma sessão da camara de Coimbra? — A camara de Coimbra erigida em tribunal para julgar do mais importante negocio, do mais sagrado direito de mil e quinhentos cidadãos! A camara de Coimbra interpretando, ou antes revogando a constituição hespanhola, hoje nossa em todos os principios liberaes, hoje nossa em toda a extensão no artigo de eleições! A camara de Coimbra superior á nação portugueza, arbitrando sobre os destinos d'ella! *Risum teneatis amici?* Pois isto se fez; pois isto de facto succedeu no dia 6 de dezembro. Intrigas, cavilações, subornos, tudo se metteu em batalha, e tudo alcançaria victoria, se immediatamente não constasse a uma grande parte dos academicos a intenção dos camaristas. Foi grande e inexplicavel a sensação que tal nova produziu em todos os animos; por evitar porém qualquer desordem, que justamente se temia, foram deputados quatro bachareis, para saber a verdade do caso; chegaram á camara, e perguntando se era verdade que se tivesse decidido o serem excluidos de votar todos os academicos, e respondendo-se-lhes, que sim, saíram, e vieram dar parte da sua commissão. Aqui é que se não póde exprimir a violenta commoção, que o sentimento de tal injuria excitou geralmente. Foi precisa toda a prudencia de alguns, para socegar a mui desculpavel, e quasi justa impetuosidade de tantos. Conseguiu-se porém; e de novo se enviaram quatorze deputados encarregados

de protestar na mesma camara contra a incompetencia do tribunal, a illegalidade da decisão, a illegitimidade do decidido, e o absurdo de tudo. Assim o fizeram. Era a este tempo já mui grande o numero dos que á porta da casa do senado aguardavam a resposta. Temeu-se algum barulho; e assentaram, para evitál-o, recolher-se á casa mais proxima, para ahi deliberarem sobre o que lhes cumpria fazer. Juntaram-se pois em casa do bacharel João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett; e tendo jurado pelo mais terrivel juramento do homem de bem — a palavra de honra — não desamparar, senão com a morte, a santa causa da reintegração de seus fóros, assentaram, primeiro que tudo, para mostrar a sua subordinação e respeito á lei, enviar ao supremo governo um expresso, dando-lhe parte de tudo o succedido, e pedindo justiça de tal affronta. Assim se fez, e se remetteu por um proprio a seguinte carta:

— « Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Srs. — A representação nacional, que pelo espirito da constituição hespanhola, que hoje é nossa (e não só pelo seu espirito, mas pela sua letra), nunca póde ser legitima, senão quando ella é installada pelo voto geral da nação, ou para nos exprimirmos assim, quando as particulas da magestade de todos os individuos se acham reunidas n'aquelles, que estes individuos elegeram. Esta representação intenta fazer-se illegitimamente nas parochias de Coimbra, defraudando mais de mil e quinhentos cidadãos do primeiro dos seus direitos, do voto. A escolha da mocidade portugueza se acha altamente offendida; ella protestou contra a injuria; ella clama contra a offensa; e tendo dado por embargadas e nullas estas eleições, participa a Vossas Excellencias um tal passo; e por todos os principios da rasão e da justiça; á face da nação, e perante os céus e a terra, clamam, e pedem a Vossas Excellencias justiça. Aliás, Ex.^{mos} Srs., nós deixaremos de ser estudantes: é muito vil o preço

das letras, para pagar os fóros de cidadão. — Coimbra em 6 de dezembro de 1820. Em nome de todos os academicos—*João Baptista Leitão da Silva de Almeida Garrett*¹.» —

XII

«Executada esta primeira resolução, deliberaram fazer proclamações a participar a todos este facto, e excitál-os á firmeza, e á ordem, na manutenção dos seus direitos. Eram sete horas da tarde, quando se deliberou, era já noite fechada quando feitas as proclamações, e extrahido o maior numero de copias possivel, saíram todos pelas ruas publicas da cidade, na melhor ordem, no maior socego possivel. Parecia que alguma potencia sobrenatural uniformava em sentimentos, e regulava na harmonia de todas as acções, mais de mil mancebos de todas as quatro partes do mundo. Reinava um perfeito silencio, e apenas se ouvia ás esquinas das ruas a voz dos que proclamavam de espaço a espaço. Assim caminharam á luz de mais de vinte archotes até casa do Ill.^{mo} vice-reitor, José Pedro da Costa, a quem para maior demonstração do respeito, da ordem, e amor da lei, foram enviados a dar-lhe parte do succedido, e da deliberação, que o corpo escolastico havia tomado, os bachareis Francisco Gomes Brandão Montezuma, e João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett. — D'ahi continuaram, na mesma ordem e silencio, a discorrer por toda a cidade, e depois de ter jurado de novo, pelo mesmo sagrado juramento, antes morrer que desamparar a santa causa da manutenção de seus fóros, affixadas nos logares mais publicos as proclamações (N. 1, 2 e 3), se separaram no

¹ A inversão na ordem dos appellidos deve ter sido posta por engano, na imprensa.

mesmo socego e tranquillidade. De muitos sectarios do despotismo, e da ignorancia, foram criminadas estas louvaveis acções, e taxado de rebellião o honrado proceder dos academicos. Os homens de bem e liberaes não viram n'ellas senão o moderado, mas firme entusiasmo de mancebos verdadeiramente portuguezes. Os mesmos presidentes das juntas parochiaes entrando nos seus deveres, e reconhecendo a verdade e a justiça consultaram (em observação das instruções e circular do governo) as pessoas doutas, e homens probos da terra, que todos com o Ill.^{mo} vice-reitor, apoiaram o direito dos honrados estudantes. No dia 8, já sabida esta decisão, se affixaram nos mesmos logares publicos varias proclamações (N. 4, 5, 6 e 7) recommendando a ordem e o socego, e chamando á união e á fraternidade, com todos os academicos, os habitantes de Coimbra, que insinuações malfazejas tinham querido desunir, semeando entre elles a discordia.— Esta é, com toda a verdade, a relação exacta de quanto se passou em Coimbra nos dias 6, 7 e 8 de dezembro. Muitas e mui diversas serão as infieis relações que d'este facto se mandarão á capital. Prevenimos porém os portuguezes, que a universidade de Coimbra, assim como é talvez o maior fóco das idéas liberaes, e o centro mais firme de amor á constituição, da adherencia ao reino, e do respeito ao supremo governo, assim tambem é um dos fócos, e o maior centro das idéas anti-patrioticas, anti-liberaes, e perversas em certa classe, que todos conhecemos, e que por vergonha se não nomeia.»

XIII

N. 1. ACADEMICOS. Sois offendidos no mais vivo d'alma: Faz-se-vos a maior, a mais vergonhosa affronta, que se póde fazer a um portuguez. Vós reputados não como fi-

lhós da patria, não como cidadãos, sois despidos do seu mais nobre direito, o de eleger vossos representantes. Quê! á parte mais bella da Nação, ás esperanças d'ella nega-se-lhe o que se concede ao mais simples mecânico!!! Oh! Nunca! Nunca tão injurioso ferrete maculará vossa honra, e vossos fóros! Antes mil mortes que uma tal affronta!!!

N. 2. **ACADEMICOS.** A vossa honra, a vossa probidade, um dos vossos direitos mais sagrados, se acha offendido o mais escandaloso que é possível¹. Vós sois **CIDADÃOS PORTUGUEZES**: este é o vosso domicilio, tanto para o fóro civil como para o ecclesiastico. Aqui são demandados os vossos direitos, e aqui desempenhaes as funcções sacrosantas da religião: e os vossos delictos (se é que alguém aberra da lei, ou vontade geral da Nação) são justamente aqui punidos ou absolvidos: é aqui finalmente onde as leis querem encontrar a porção mais nobre, a mais qualificada, aquella em que esperam achar o asylo da sua defeza, os órgãos de suas determinações, e a que a Nação ha de um dia escolher para a sustentação de seus direitos, da sua liberdade, da sua independencia, da sua felici-

¹ A redacção de proclamações não era o forte do nosso revolucionario, pelo menos n'este tempo. Que solemne desmentido para os que lhe descobriram o genio a sair pelo buraco da cabeça! E que distancia enorme vae d'estes documentos aos que depois citaremos e que o tornaram immortal como orador e como publicista! Por maior que fosse o seu talento, não podia, aos vinte e um annos, dar fructos muito sazoados. N'essas idades não se tem fixado o gosto, nem o estylo, nem é possível haver escola. Isto é de simples intuição; mas, por isso mesmo, se queria achar a origem das suas poderosas faculdades poeticas n'um facto extraordinario. Porque o seu genio se não manifestou desde logo immenso, na idade em que se revelaram os de raros homens celebres, não se lhe concedia que apparecesse mais tarde, senão com a condição de sair por uma grande brecha da cabeça! Acreditou-se, por ser absurdo!

dade. E apesar d'isto querem privar-vos de votar na escolha de vossos representantes; d'aquelles que hão de decidir das leis fundamentaes, arbitros da vossa existencia civil, e politica, e da dos vossos vindouros: querem n'uma palavra que sejaes escravos, vis aduladores do barbaro e horroroso direito feudal, que negava á maior parte dos constituintes da sociedade o direito sacrosanto do cidadão. . . É esta a determinação illegal da Camara d'esta cidade!! . . . É esta a preposição de corações despotas, d'almas damnadas. . . É esta a expressão d'aquelles que devendo ser verdadeiros paes, se mostram agora inimigos publicos dos nossos direitos. . . **ACADEMICOS!** Seja uma só nossa vontade, o nome de irmão seja a nossa divisa: e as nossas vidas a nossa defeza. Nenhuma força nos resistirá. Nós votámos: somos cidadãos, e quanto basta.

N. 3. **ACADEMICOS.** Basta de soffrer! É muito, ó mocidade portugueza! Os ferros, que se quebraram á Nação, só ficaram nos nossos pulsos. Uma trama odiosa triumphou da justiça e da verdade. Haveis de soffrê-lo? Haveis de levar a sangue frio o nome de escravos, o opprobrio d'elles? E na geral felicidade, na liberdade geral arrastar grillhões, e contentar-vos de gemer? Não; não o fareis. Reja os nossos passos a prudencia; mas se fôr preciso mais que ella, empregue-se tudo. Sejamos livres, embora mortos.

N. 4. **ACADEMICOS.** Estamos reintegrados nos nossos direitos. As medidas que tomámos eram justas, porque eram as unicas. Agora que cessaram as causas deve cessar tudo. Lembrae-vos que a liberdade é a primeira das virtudes, se é regrada pela razão, mas é o maior dos crimes se aberrando d'ella se degenera em licença. Amigos! não confundâmos virtudes com crimes. Não manchemos louros de gloria, e louros tão bem ganhados com nodoas vergonhosas, que só podem fazer o vosso desdour-

ro, vossa ignominia, e vosso opprobrio. — Academicos! Nós somos cidadãos, por este principio é que reclamamos os nossos fóros, e estes fóros que nos pretendiam roubar são os mesmos que nos anivelam, que nos igualam, que nos identificam com todos os outros constituintes da Nação. — Irmãos, sim; Irmãos somos todos, mas nossos Irmãos são tambem todos os habitantes de Coimbra. — Amor, e fraternidade a todos, respeite-se em cada um d'elles a MAGESTADE da NAÇÃO. — Se algum escandalo tendes dos publicos funcionarios, ah! não os insulteis, não lhes percaes mesmo o respeito: antes olhae n'elles, e reverenceae as auctoridades constituidas: — ACADEMICOS! Eu fui, sim; fui eu um dos que mais clamei pelos vossos fóros; não me desdigo; á face dos céus e da terra, no meio dos tormentos o confessarei. Nada temo, nem a morte, mas temo, mas receio, mas não quero levar o labéu de insubordinado, de destruidor da ordem: este é peor que a morte. É um crime, é um crime horrivel. E haveis de commettê-lo vós? Ah! não por certo. — Sêde academicos, mas sêde portuguezes; sêde livres, mas sêde honrados, não sejaes escravos, mas sêde homens. Amigos: qualquer desordem, qualquer inversão, qualquer attentado contra a publica tranquillidade, eu protesto contra elle, e commigo protestam todos os que são dignos do nome de academicos.

Coimbra 8 de dezembro de 1820. — *João Baptista da Silva Leitão.*

N. 5. ACADEMICOS. O nome de liberdade é vão, a idéa d'ella phantastica, se a igualdade a não sustenta, lhe não dá mesmo o ser e a força. Esta igualdade é a fonte unica do bem social. Vós o sabeis muito bem, e vós o praticareis melhor. As eleições de que depende toda a nossa felicidade não podem ser legitimas, se a igualdade se não respeitar; se vós mesmos a não promoverdes. Os habitantes de Coimbra são nossos concidadãos; são nos-

sos irmãos. Nenhum d'elles se possa queixar de nós; nenhum d'elles seja nem levemente offendido por nós. A melhor ordem, o maior socego reine no augusto, solemne, e sacrosanto acto das eleições. Não tenha a maledicencia e o odio nada de que arguir-nos. Um portuguez qualquer, embora exerça officios fabrís, embora indigente, é igual a nós; porque tem os mesmos direitos, porque é igualmente cidadão. Respeitae-o, e a todos, e sêde dignos do nome de homens.

Coimbra 8 de dezembro de 1820.

N. 6. O CORPO ACADEMICO AOS HABITANTES DE COIMBRA. Habitantes de Coimbra! Não vos deixeis illudir: nós todos somos irmãos, nós todos somos filhos da mesma patria. Vós sois portuguezes: Nós o somos tambem. Que pôde haver que nos desuna! Que pôde haver que nos distingua! Nada, amigos. As intenções de todos os academicos, os seus sentimentos são estes, e só estes. Mentiu-vos quem vos disse o contrario, e quiz semear a discordia entre nós. Oh! não os acrediteis. Unâmo-nos todos para o bem commum; unâmo-nos todos para a felicidade geral. Na mais perfeita harmonia, na mais doce fraternidade celebremos as eleições dos que hão de assegurar os nossos direitos, e a nossa ventura. Amigos! longe de vós o temor e a desconfiança: Abracemo-nos no seio da patria e seja eterno o abraço, e a nossa união, e a nossa felicidade.

Coimbra 8 de dezembro de 1820.»

XIV

Estas proclamações finaes são já sobre posse. Não vale a pena transcrever mais. O revolucionarismo do auctor estava esgotado, por esta rasão bem simples: o revolucionario, apesar da exaltação do momento, e do seu en-

thusiasmo constitucional, era, por convicções profundas, ordeiro e monarchico. O *demagogismo* de que então o accusaram, e que alguém ainda hoje affirma que elle manifestou notavelmente n'esse tempo, é de pura invenção. Pugnar por direitos não é crime. Desmentem as accusações que se lhe fizeram alguns dos proprios documentos que acabam de ler-se. O *demagogo*, o *carbonario*, o *republicano feroz*, diz n'elles que não quer o labéu de destruidor da ordem e que protesta contra quem perturbar a tranquillidade pública. Que facinoroso!

Serriamente: encerremos de vez este assumpto. É provavel que o moço Garrett não ficasse isento da febre, que em todos os grandes periodos de transformações sociaes e politicas, por que passam as nações, se apodera do espirito da mocidade, quer nos tempos antigos quer nos modernos. Era até naturalissimo que fosse republicano: instruido nos estudos classicos da antiguidade, com o espirito e a memoria cheios das grandes cousas da Roma republicana, lendo nos poetas e nos historiadores, gregos e romanos, as mais bellas acções dos homens nas republicas celebres da antiguidade: vivendo na universidade, entre mancebos familiarisados todos com esses conhecimentos, e possuidos do amor da independencia; vendo a Hespanha pronunciar-se pelas idéas da liberdade; exaltado pelas leituras dos encyclopedistas, dos philosophos da revolução franceza: era naturalissimo, repito, e eu creio, que elle fosse theoricamente republicano. Nem seria crime, se real e sinceramente tivesse querido a republica, como affirmavam inimigos que desejaram malquistál-o com a monarchia. Mas repito tambem o que já disse por mais vezes: em nenhum documento seu encontro a prova d'isso, a não ser a de que escreveu o *Catão*. Verdade é que Addison igualmente o escrevêra antes d'elle, e nunca foi demagogo.

Parece-me, por consequencia, que carece de funda-

mento a asserção de varios criticos, que o accusam de ter sido em Coimbra de um republicanismo extremo. A accusação, n'esse tempo, apoiava-se, principalmente, nas suas proclamações e nos factos a que ellas se referem ¹.

No dia 9 expediu o governo portaria ao bispo conde, reitor da universidade, respondendo ás duas representações dos estudantes. Com relação á primeira, louva e agradece á mocidade academica tão authenticos testemunhos dos seus nobres e honrados sentimentos, ardente patriotismo, incontrastavel fidelidade e zêlo pela causa pública. Diz que o governo julgou não dever desprezar de todo, em circumstancias tão melindrosas, o rumor que chegára a seus ouvidos, mas que «nunca todavia em sua opinião soffreu a mais leve mancha ou sombra a reputação e credito da mocidade estudiosa, tão altamente firmado em factos repetidos e notorios, que a historia da presente epocha transmittirá com gloriosa distincção ás gerações futuras». Quanto á segunda representação, em que os estudantes pedem para votar nas eleições, desaprova o procedimento d'elles no dia 6 ². E acrescenta que não cabendo já no tempo transmittir á cidade de Coimbra qualquer decisão, sobre essa pretensão, fica reservado ás côrtes determinarem o que convier ³.

¹ Elle não teria sido maior nem mais pequeno, se em vez de monarchico tivesse sido republicano. O meu proposito, discutindo tanto este ponto, é, simplesmente, provar a constante coherencia das suas opiniões politicas, circumstancia que o honra tanto quanto é rarissima no tempo em que vivemos.

² Veja-se, sobre este assumpto, a curiosa acta da sessão da camara de Coimbra, de 6 de dezembro de 1820, no *folhetim* do *Coimbricense*, de 8 de setembro de 1874. Ahí se reconhece que os estudantes obrigaram a vereação a resolver que elles teriam voto; e por isso, talvez, lh'o negava o governo!

³ Apesar da recusa, parece provado que os estudantes votaram nas eleições. Pelo officio ou portaria do governo negou-se-lhes esse direito. Comtudo, alguns, que ainda hoje vivem (1874) e se lem-

Assim os punia, privando-os ou parecendo querer privá-los do voto, pela violencia exercida sobre a municipalidade de Coimbra. Não pôde tomar-se senão como evasiva o dizer Fernandes Thomaz, na portaria citada, que já não cabia no tempo, quando faltavam ainda seis dias para as eleições.

bram dos factos, affirmam que o expresso voltára com a licença pedida; que os academicos votaram; e que Garrett dirigiu a votação com grande enthusiasmo e devoção civica. Um dos que o affirmam é o meu amigo dr. João Baptista Ferreira, que assevera ter votado. Acaso o governo reconsiderou? Ou chegaria tarde a sua recusa, quando já os academicos tivessem ido á urna, em virtude da coacção que exerceram sobre a vereação? Garrett dizia tambem que os estudantes concorreram ao acto eleitoral, que o padre Sá prégara um sermão sobre esse facto, lembrando que não se devia negar similhante regalia á mocidade estudiosa, que era a flor e a esperanza do paiz. E acrescentava que os estudantes e o povo deram palmas ao padre dentro da igreja, etc. É pois de suppôr que elles exerceram o seu direito de eleitores; mas não pude averiguá-lo bem. No *Registo de legislação*, existente no archivo municipal de Coimbra, tom. iv, fl. 236, lêem-se os pareceres ou respostas de oito lentes de direito da universidade, ao juiz de fóra, de Coimbra, a favor da pretensão dos estudantes. Estas consultas, datadas todas de 7 e 8 do mesmo mez de dezembro, e promovidas pelos vereadores, para mais acertadamente resolverem a questão, dariam o voto?... Faltam documentos comprovativos. Se effectivamente os estudantes votaram, seria porque o governo retardou, de proposito, a resposta, em que lhes negava o voto, para que quando ella chegasse, já elles tivessem votado?...

VII

Traducções de Catullo.—Sova em José Agostinho de Macedo.—Festa constitucional.—Estudantada.—Lisboa.—*O dia vinte e quatro de agosto*, primeiro opusculo politico.—Odios profundos que inspirou com elle.—Viagem á ilha Terceira.—Calmas, fome, sede e versos.—Familia.—Impressões.—Stockler.—*O X ou a Incognita*, poema.—O que deu causa a esta composição.—Regresso.—*Anniversario do dia 24 de agosto*.—Elmano e Bocage.—Critica de Pato Moniz.—*Catão*.—D. Luiza Midosi.—Prologo da tragedia.—Ovação.—*O Corcunda por amor*, farça.—Estado doentio da alma.—Versos sensualistas.—Doidice amorosa.

I

Acalmada a febre revolucionaria, começou João Baptista a traduzir Catullo, que era o poeta romano mais em harmonia com as suas tendencias de então. Durante o resto de dezembro, e a maior parte de janeiro, consagrou aos versos todo o tempo vago das aulas. Até ao fim da vida foi sempre a poesia o seu refugio: acolhia-se á mansão das musas, como a retiro sagrado, para repousar o espirito das tempestades politicas, em que desde tão moço o lançaram as circumstancias do tempo. Elle proprio o diz :

«Oh meu amparo, oh doce gloria minha,
Tu com quem me achei sempre,
Na desgraça, na magoa e nos pezares
Para me consolar¹...

Tenho dúvida em aceitar como sendo d'aquelle anno os versos que servem de introduccão ao livro das *Fábulas*, e a que o auctor assignala a data de 1820. Foram di-

¹ *Flores sem fructo*, 1845, pag. 11.

rigidos, ignoro tambem com que titulo, ao seu condiscipulo e amigo dr. Francisco Gomes da Silva, e n'elles dá uma sova em José Agostinho de Macedo, do qual faz dizer, por uma das musas (Caliope):

«... um tal poeta lá da tua terra
 Que faz Orientes e baptisa Gamas,
 E a quem nós todas temos mortal osga,

 Cuidou que me pilhava aqui ha tempos
 Um tal cantor de burros,
 Macaco encyclopedico
 Que em tudo quer metter-se.
 Preguei-lhe um logro... oh este foi machucho:
 Vesti a minha moça da cosinha
 Que vocês lá no mundo
 Appellidam Chalaça,
 Que sempre anda mettida entre estudantes,
 Marujos e arrieiros,
 Vesti-a c'uma roupa do meu uso
 Já rota e desbotada,
 E mandei-lh'a em meu nome ao tal poeta,
 Que a pilula enguliu,
 E muito satisfeito da conquista,
 Por tal a deu aos parvos
 Que as sujas trovas, que os immundos versos
 Extasiados applaudem¹.»

II

Bastava que José Agostinho fosse detractor de Camões para excitar a indignação de Garrett. A esse tempo não tinha este ainda os motivos pessoaes de queixa que depois teve d'aquelle. Comtudo, os versos parece que revelam já má vontade de quem se sente aggravado. Suspeito por isso que fossem feitos muito depois de 1820.

¹ *Fábulas, Folhas cahidas*, 1833, pag. 36 e 37.

O soneto X, da mesma collecção ¹, á tragedia *Branca de Rossi*, é outra cataplasma de mostarda, applicada ao ex-frade pela veia critica do moço poeta. Julgo-o feito por occasião do apparecimento da peça, que se imprimiu em 1819. N'uma nota ás duas composições a que me estou referindo, diz João Baptista que são ellas as unicas debilidades em que caíu, mostrando «má vontade satyrica» ao padre. Elogia-lhe o talento e acrescenta: «Nem o furioso e sanguinario que foi em seu partido, nem a perseguição politica de que a mim proprio me fez victima, poderam mover-me a desacatar n'elle o homem de letras que todavia honro ainda. Sei que no A. do RETRATO DE VENUS, no redactor principal do PORTUGUEZ, elle perseguia principalmente o ainda mais odioso A. do poema CAMÕES. Todas as suas offensas porém foram só politicas; litterariamente não me aggravou jámais. Perdê-lhe Deus como lhe eu perdoei sempre ²». Conclue, dizendo que a posteridade é que não perdoará ao padre a sua estulta rivalidade com o auctor dos *LUSIADAS*, e que foi a essa que os versos annotados alludiram. Que os queimava, se fôra a outra cousa ³.

III

Em 26 de janeiro de 1824 teve logar a primeira sessão das côrtes, eleitas em resultado da revolução de 24

¹ *Folhas cahidas*, 1853, pag. 110.

² *Ibidem*, pag. 275 e 276.

³ A pag. 8 da *Lyrice* (1853) zurziu-o soffrivelmente, e tambem nos fragmentos que possuo do poema *Magriço*, o que somma já quatro *debilidades*, em vez das duas, que cita. E parece-me que, procurando bem, ainda se encontrará mais alguma. No fim de contas tinha rasão, porque o ex-frade não lhe ficava devendo nada. Ainda se encontrarão mais adiante novas referencias a este mesmo assumpto.

de agosto. A noticia da reunião do congresso, esperada em Coimbra com viva impaciencia, chegou ali no dia 29. Houve grande enthusiasmo entre os estudantes, e logo se resolveu celebrar o facto por meio de uma festa constitucional, que effectivamente se fez em 2 e 3 de feveiro: depois de ter ouvido missa, saiu toda a academia, pela uma hora da tarde, e na melhor ordem, pelas ruas da cidade. Precedia-a uma banda de musica e o corpo de policia academica com seus uniformes e alabardas. Atraz dos mil quatrocentos e tantos estudantes ia o padre Lizardo Antonio de Moraes, estudante tambem, com a bolsa das esmolas destinadas para os presos e indigentes. Quatro ecclesiasticos, igualmente academicos, lhe serviam de acolytos. Seguiu-os numeroso povo: quasi toda a população se agglomerava para os ver passar nas ruas e nas praças. Dirigiram-se á cadeia, onde distribuiram o fructo da caridosa colheita, e soltaram os presos, que ali jaziam por falta de meios para pagar custas de processos ou de carceragem. Seguiu-se *Te-Deum*, a que assistiu o corpo docente; e de tarde reuniram-se, com todas as pessoas principaes da terra, na sala dos actos grandes da universidade. Rompeu logo uma symphonia, e finda ella levantou-se Garrett e soltou os seguintes vivas, que foram repetidos com frenetico enthusiasmo:—«Viva a nação portugueza! Vivam as côrtes! Viva a constituição! Viva a liberdade! Viva o rei! Viva a academia! Viva o cidadão Borges Carneiro!»

O nome de Borges Carneiro era, em Coimbra, a palavra sagrada, o grito que accendia nas almas dos patriotas o fogo da liberdade.

Duas noites consecutivas durou aquella especie de outeiro, em que a poesia, a eloquencia e a musica se disputavam a primazia de inflammar os animos, encantando os espiritos. Eram incessantes os elogios, os louvores e as bençãos ao que tinham por principal campeão da

liberdade — o illustre Borges Carneiro. Garrett foi ali dos mais ardentes oradores em prosa e verso¹. Eis alguns fragmentos dos seus improvisos, que se copiam de um jornal do tempo:

«Borges! oh nome que sagrou virtude!
Oh! Borges! oh Catão dos Lusitanos!
Copia, esmero, rival dos Quincios, Brutos,
Dos Lyeurgos, Solons, dos Tullios, Numas!»

E n'outro logar, depois de o ter comparado aos heroes de Roma, e de descrever as desgraças de uma liberdade mal regrada:

«Lysia, Lysia, não tremas, não suspires:
Um novo facho a liberdade accende;
Sem ferros, sem punhaes, ahi tens um Bruto;
Borges é quem te salva.»

Acrescenta n'outro improviso:

«Borges! teu genio á liberdade é sopro,
Que as solapadas cinzas lhe afugenta,
E as quasi extinctas lhe avivou faiscas.»

E logo, alludindo aos deputados:

«Vêde os olhos cravar d'intorno o mundo
Em Portugal, e em vós: vêde-o, que escuta,
E o brado imparcial diffunde em breve.
Tremei do juramento que prestastes,

¹ Dos versos que na *Lyrical*, edição de 1853, a pag. 158, trazem tambem por titulo: *Ao corpo academico*, não achei indicação nem noticia nos jornaes de então. Julgo-os ali introduzidos, em substituição dos que realmente recitou, em feveiro de 1821, e não em dezembro de 1820, porque n'este mez não celebrou a universidade nenhuma festa á revolução de 20; e quando esta se fez estava ella fechada.

Tremei; que um Deus ouviu, que ouviu a patria
 Que os seculos vindouros vos aguardam;
 E no recto porvir, ou gloria, ou mancha,
 Com sello eterno vos espera a fama¹.»

IV

O poeta, no improviso, era todo bocagiano, como se vê d'essas amostras. Estava longe ainda a revelação da sua verdadeira indole litteraria! Mas este era o gosto que então arrebanhava maior numero de admiradores. Tudo era falso e postiço em torno d'elle: poesia, sentimento, espirito de reforma social e politica; tudo se sentia trabalhado pelos velhos systemas, creados á sombra da formula servil de *el-rei nosso senhor*, que grotescamente se mostrava ainda no meio das innovações improvisadas. A revolução era arcadica, e a poesia pantafaçada como a realeza do tempo. Por isso tudo caíu d'ahi a dois annos, semelhante a uma caranguejola feita de madeira podre.

Garrett via a espaços todo o vazio e toda a inanidade dos systemas a que sujeitava o seu espirito; mas julgava possivel que a revolução enchesse o vácuo e dêsse vida ao cadaver. Cedo se desilludiu.

V

Entre as muitas anedotas que d'elle ficaram em Coimbra, refere-se a seguinte, que tem graça.

N'um dia de feriado levou-lhe certo amigo uma carta,

¹ *O Patriota* (jornal) n.º 109, Lisboa, 1821, 10 de fevereiro. É igualmente de Garrett o artigo descriptivo dos citados festejos que se lê no mesmo numero.

que estava retida no correio, por não se saber para quem era. O sobrescripto dizia assim:

— «Ao meu Filho.

Em Coimbra¹.» —

Sabedor de que ella estava no correio, fôra o estudante pedil-a, dizendo ser para si; e correu para a rua das Covas, a levál-a a Garrett.

— Não abram! — ordenou generosamente o poeta aos collegas e amigos, que propozeram que se lesse.

— Como havemos de saber para quem é?

— Eu lhes digo.

— Conheces o destinatario?!

— Vamos procurá-lo.

— Aonde? Como?

— Pela cara.

Houve côro de gargalhadas e gritos, apoiando a idéa.

— É impossivel — tornou Garrett gravemente — que eu não descubra, entre mil e quinhentos estudantes, aquelle para quem o pae escreve d'este modo. Olhem todos para mim.

Os quatro ou cinco rapazes que o ouviam, voltaram-se, não sem que alguns sentissem ligeiro abalo.

— Não é nenhum de vossês. Deve ser unico, entre tantos que tem Coimbra, o homem capaz de receber e de ter quem lhe faça d'estes sobrescriptos. Venham d'ahi.

A rapaziada precipitou-se atraz d'elle, dando uivos de alegria. A poucos passos eram já mais de cem, fazendo

¹ Foi talvez o primeiro, mas não o unico caso d'esta natureza, succedido em Coimbra. Já ouvi referir outro, mais recente, que tambem é gracioso: Estava uma carta no correio, que dizia no sobrescripto: «Ao sr. dr. meu Filho, em Coimbra». Foi ali um caloiro, desconhecido na repartição, e perguntou, sem dizer o nome: — «Está cá alguma carta para mim?» — O empregado provou ser intelligente. Olhou-lhe bem para a cara e respondeu: — «Está, sim senhor». — E deu-lhe a tal, que effectivamente era para elle!

alarido infernal, e perguntando todos aos que chegavam de novo:

— És tu, ó aquelle?

— Moderem-se! — recommendava Garrett. — Não me espantem a caça. Assim, não dou com elle.

E mirava attentamente todas as caras que encontrava. De repente estacou, olhando para a janella da casa fronteira, onde apparecêra um caloiro. O pobre diabo, quando viu vir ao longe aquella immensa troça, refugiára-se na sua agua-furtada, e espreitava d'ali a turba-multa, ao tempo em que foi avistado.

— Alto! — intimou o poeta.

O bando parou immediatamente, perguntando em grande berreiro se tinha apparecido o prodigio. Todos os que viram a direcção do olhar de Garrett, volveram as vistas no mesmo sentido.

— E então?! — interrogaram muitas vozes.

— É aquelle — affirmou solemnemente João Baptista.

O aterrado caloiro, mal viu que a cousa era com elle, sumiu-se da janella.

— Vamos buscál-o!

— Venha elle a baixo!

— Anda cá, ó cousa!

— Leva-te o diabo, se não obedeces!

— Oh! patife?!

— Arrombe-se a porta!

— Deite-se a casa abaixo!

— Queimemos o predio!

— Silencio! — ordenou Garrett. — Peço ordem . . .

— Ordem! Ordem! — romperam trezentas vozes. —

O orador pede ordem! Não ouvem?! Ordem!

— Falle! falle! — rugiam todos ao mesmo tempo.

— Não mettam medo ao joven lorpa, aliás nada sabemos. Eu não trabalhei para perder o meu effeito de theatro. Vão dois lá acima chamál-o. Tratem-n'o bem;

nada de judiarias! Isto é um estudo de physionomia, que me parece muito interessante. Se vossês não são todos asnos, façam o que eu lhes digo.

Obedeceram. Passados minutos, veio o rapaz, mais morto que vivo.

—Não te assustes, que ninguem aqui te faz mal. Conheces esta letra?

—É do senhor pae!—exclamou o estudantê, enternecido.

Um enorme brado de enthusiasmo saudou Garrett. Os condiscipulos levaram-n'o em triumpho pela ponte fóra, e todos queriam d'ali por diante que elle lhes lesse a *buena-dicha* ... por troça, é claro. E nunca o poeta deixava de os satisfazer, prophetisando-lhes os mais absurdos destemperos comicos.

VI

Terminado o quinto anno, pediu e obteve Garrett adiamento do acto de formatura, porque desejava aproveitar-se da proxima saída de um navio, para ir á Terceira matar saudades da familia, que não tornára a ver desde 1816.

Chegando a Lisboa, onde estava então concentrado todo o movimento liberal, foi logo assistir ás reuniões do congresso, e ouviu ali os grandes oradores revolucionarios, que enthusiasmavam até os estrangeiros ao longe ¹. Porventura teria, ouvindo-os, o vago presentimento de

¹ Em Hespanha, por exemplo, era sempre esperado com anciedade o correio de Portugal. Os patriotas hespanhoes grupavam-se nos cafés, em torno da primeira pessoa que se apossava dos jornaes portuguezes, e de todos os lados se perguntava com vivo interesse: — « Habla Carnero? » — Se lhes diziam que Borges Carneiro não fallava, retiravam-se desapontados; se fallava, acolhiam-lhe os discursos com gritos de adhesão e de enthusiasmo.

que tambem viria ainda a ser como elles, ou talvez mais eloquente, inspirado e sublime, quando a sua voz sonora e o seu poderoso talento dominassem assembléas illustres e multidões numerosas? O certo é que n'essa occasião desejou associar-se por um acto de patriotismo aos trabalhos das côrtes; e, tendo-se demorado o navio em que devia embarcar, publicou, dedicando-o a ellas, o seu primeiro opusculo politico, intitulado — *O dia vinte e quatro de agosto* ¹.

Este escripto fôra feito no Porto, em 1820, durante a sua convalescença, com o intuito de justificar a revolução das accusações que lhe faziam os absolutistas, que a qualificavam de illegitima. Não ousára, porém, o auctor dar-lhe ali publicidade, talvez para evitar desagradaveis discussões de familia. E parece que nenhum livreiro de Coimbra quizera tomar a responsabilidade da publicação. A obra não era para inspirar taes medos, apesar de ter sido aquella que lhe granjeou mais duradouros odios ².

É uma especie de discurso politico, inspirado pelo amor da liberdade, no qual o joven escriptor diz crua-mente as verdades, em estylo que já revela a espaços o futuro publicista. Os absolutistas, que o traziam de olho desde os outeiros de Coimbra, tomaram nota d'essa nova demonstração de constitucionalismo, para lh'o agradecerem em tempo opportuno. E os liberaes sinceros, reco-

¹ Pelo cidadão J. B. L. A. Garrett, anno 1, Lisboa, na typographia Rollandiana, 1821.

² Quarenta e tantos annos depois, quando Garrett estava já morto havia doze, e por occasião de noticiarem os jornaes que o auctor d'estas memorias as tinha quasi concluidas, foi-lhe enviada pelo correio uma carta anonyma, insultando o biographo e a memoria do biographado, e alludindo ao citado opusculo com grande rancor. Se o desgraçado que escreveu esse indigno papel viver ainda, ao tempo em que se publicar este livro, saiba que sinceramente o lastimo. Quem odeia tanto, e por tanto tempo, é mais digno de dó que de desprezo.

nhecendo-o como um dos seus mais destemidos e ardentes apóstolos, trataram de aproveitar-lhe immediatamente os talentos. As sociedades secretas da capital chamaram-n'o ao seu gremio; e, sabendo da sua proxima viagem, encarregaram-n'o de preparar os animos dos habitantes da ilha Terceira para acceitarem a nova ordem politica.

VII

A viagem de mar foi longa. O navio apanhou grandes calmas, e só passados trinta dias se avistou a ilha Terceira! Afirmava o poeta que isto fôra em abril e maio, mezes em que são raras as calmarias n'estas latitudes. Tambem a esse tempo deviam estar ainda abertas as aulas, salvo se n'esse anno se poz mais cedo o ponto na faculdade de leis, o que não foi possivel até hoje averiguar-se. Apenas apurei que pedira adiamento de acto de formatura, mas não obtive a data.

A demora extraordinaria obrigou o capitão a pôr os passageiros a meia ração. O poeta, que n'essa viagem escreveu os versos— *O mar*¹, e *Longa viagem de mar*², assevera que curtira ardentes sêdes e que rapou fomes caninas. Era natural que assim acontecesse, porque os navios dos Açores contavam com mantimentos apenas para doze ou quinze dias.

Ao sair de Lisboa recebêra João a noticia de que tinha casado no Porto a mulher que amára com grande ternura, e por amor da qual deu a quêda do cavallo, que o ía matando. Apesar de resolvido a não voltar á sua cidade natal, sempre lhe doeu; e na poesia— *O mar*—

¹ *O Chronista*, Lisboa, 1827, tom. I, pag. 78; *Flores sem fructo*, 1845, pag. 24.

² *Lyrical*, 1853, pag. 180. Veja tambem as respectivas notas do *Chronista*, *Flores*, e *Lyrical*.

que é bellissima, lhe chama ingrata e maldiz o Douro, pedindo ás musas que lh'o não lembrem. Os versos saíram-lhe excellentes. Reproduzindo-os, dezoito annos depois, na collecção das *Flores sem fructo*, apenas lhe supprimiu tres ou quatro!

Na capital da ilha Terceira, que d'ahi a poucos annos devia acrescentar ao seu nome já glorioso de Angra, sobrenome ainda mais illustre, pelo heroico valor com que sustentou e defendeu a causa da liberdade, esperava o poeta reencontrar as serenas alegrias dos primeiros annos da sua juventude. Ao partir para o continente, deixára, além da familia, muitos amigos da sua idade, e porventura outra pessoa por quem tivera uma affeição mais terna, do genero das que sempre o captivaram. Saira d'ali já com reputação e creditos de bom estudante; voltava tendo o curso superior completo, fama de poeta applaudido na universidade, e com o prestigio de chefe revolucionario, por ter dirigido as manifestações dos academicos.

A noticia da sua chegada espalhou-se rapidamente na cidade. A mãe e o pae receberam-n'o nos braços, e as lagrimas de mutua ternura correram abundantes. João não queria alludir á falta do velho bispo D. Frei Alexandre; mas todos comprehendiam o excesso do seu pranto, e associavam-se a elle soluçando. Habilitado pelos estudos superiores para viver independente, o poeta sentia grande magoa de não poder testemunhar o seu reconhecimento a quem o preparou para elles, e contribuiu para que os alcançasse. Sensivel e agradecido, toda a vida se lembrou com viva saudade do que por elle fizera aquelle bom tio, não se separando de um seu retrato senão por morte¹.

¹ Era pintado a oleo, em meio corpo, de tamanho natural, e esteve para ser posto em leilão, com outros retratos de familia. Alguem impediu, por amor e respeito á memoria do poeta, que tivesse logar esse facto.

Acudiram os parentes e os amigos a celebrar o ingresso do moço bacharel no seio da familia. Porém, a par d'essas demonstrações de affecto, vieram, da parte da auctoridade, advertencias pouco amaveis, prevenindo-o de que era sabido o motivo da sua vinda, que seria cuidadosamente vigiado, e que á menor demonstração politica que fizesse na ilha o metteriam na cadeia!

VIII

A Terceira não tinha ainda, como S. Miguel, Santa Maria, e outras ilhas, adherido ao movimento constitucional. Residia ali o governador e capitão general dos Açores, que era, desde o anno anterior, o tenente general Francisco de Borja Garção Stockler, inimigo dos liberaes¹. Este funcionario, mandado d'ahi a pouco recolher á côrte sob prisão, por ter opposto grande resistencia á proclamação do governo constitucional, n'aquelle archipelago, recebêra informações particulares a respeito da missão de Garrett. Os absolutistas da capital aconselhavam o seu correligionario para que se mantivesse firme nos *bons* principios, porque as novas cousas do reino não durariam muito, e que encarcerasse o joven revolucionario, enviado das sociedades secretas.

Stockler limitou-se á simples mas dura advertencia, talvez por consideração á respeitavel familia do poeta, ou por desdem para com este.

No dia 13 de maio chegou á vista da cidade de Angra a fragata *Perola*, commandada pelo capitão de mar e

¹ Parece que nem todos os absolutistas o amavam tambem. José da Fonseca, ou José Agostinho, n'uma nota á edição de Paris do poema *Os Burros*, diz que Stockler fôra em 1807 a Sacavem cumprimentar Junot, que vinha assolar Portugal, e que depois recitou na academia das sciencias o elogio d'esse invasor.

guerra Marçal Pedro da Cunha, que ia encarregado de fazer proclamar a constituição. Francisco de Borja resistiu ás ordens do governo, intimadas pelo commandante da fragata, até 15 de maio; n'esse dia teve conhecimento de que o moço Garrett convertêra todas as opiniões a favor da causa constitucional, e só então reconheceu que o joven patriota não devia ter sido desdenhado! Era, porém, já tarde. Nomeou-se governo provisório, composto do bispo, do corregedor e de um brigadeiro, proclamando-se logo a constituição, e durando os festejos dias successivos ¹.

IX

A victoria de João Baptista teve echo até nos archivos da policia do continente, como ao diante veremos; e tornou-o popularissimo na sua querida ilha Terceira. Para punir a offensa, que julgava ter-lhe feito o ex-governador, no modo pouco amavel com que o tratára, começou elle um poema satyrico, intitulado *O X ou a Incognita* ².

¹ Officio do commandante da fragata *Perola*, no *Diario da regencia* de 2 de junho de 1821. — Por officio da secretaria da justiça ao ministerio da guerra foi exigida a prisão de Stockler. Mas, reintegrado em 1823, pelos inauferviveis, foi feito por D. João VI barão da Villa da Praia! N'um documento que me foi fornecido pela inspecção do arsenal de marinha diz-se que o commandante da *Perola*, interino, era o capitão de fragata graduado João Ignacio Silveira da Motta, em substituição do capitão de mar e guerra graduado Manuel de Vasconcellos Pereira de Mello. Marçal Pedro da Cunha é o que assigna o officio á regencia.

² *Obras*, tom. xxii, pag. xxv do *Catalogo*. No rosto tem este titulo: «*O X, poema heroi-comico, 1821*». E logo abaixo: «1 canto completo; 2 canto quasi acabado; o 3.º canto devia ter a deposição de Stockler pelos liberaes; o 4.º a sua reacção; chegam os brigues de Lisboa; é deposto. (inclusa uma prophecia tendo os charlatães de 1820)» No segundo rosto é que diz: «*O X ou a Incognita*». O primeiro titulo e as explicações do programma foram

Escreveu apenas o canto I, com trezentos e setenta e quatro versos, e parte do II, com duzentos e sessenta. Stockler ahi figura sob o anagramma de Garcklesto. Os versos são em geral excellentes, faceis e harmoniosos. Ha n'elles boa e engraçada critica, muitas allusões a lentes de Coimbra e a outros contemporaneos de nomeada. N'esta composição principiou o auctor a revelar a veia sarcastica e comica, que tanto o distinguiu. Parece-me até que foi este ensaio, pelo genero em que lhe ia saindo, que lhe inspirou a idéa de escrever d'ahi a pouco o *Magriço*.

Os seiscentos trinta e quatro versos d'esse fragmento foram terriveis elementos de propaganda contra Stockler e seus partidarios. Em politica, como em tudo, é mau provocar o riso dos adversarios. Não ha força que resista ao ridiculo.

X

Eis como elle começa:

Canto I

«Canto o X, e o varão, que andou traz elle,
Sem achar-lhe o valor, tão longo espaço,
Té que, borrado o calculo famoso,
De quebrado em quebrado foi caindo,
Té na mais simples expressão mirrar-se.
Embalde o valor todo do algarismo,
Quanto vae desde o zero ao infinito,
Sábiamente empenhou, travessos numes
Nos penetraes geometricos lhe deixam
Eternamente a incognita escondida.
Ó magra musa que não és das nove
Nem do futil Permesse á margem vives,
Mas coroada d'eternaes triangulos
No sete estrello taciturna imperas:

postos quando começámos a apartar os papeis que deviam servir-me para a sua biographia.

Vem por um pouco á arabica linguagem
 Ensinar-me a roncar, vem resolver-me
 O não sabido, magico problema
 Do meu geba immortal a quem agora
 De Boileau, e Diniz consagro a lyra.

Da verdade fugindo á luz que o cega,
 Da liberdade ao grito espavorido
 Ia cortando os mares de Neptuno
 O magro fanfarrão, o heroe Garekleston
 Levando aos seccos, acurvados hombros,
 Novo hypocrita Enéas, as reliquias
 Da Troia corcundal já feita em cacos.
 N'alma perversa revolvendo enganoso,
 Astucias, trampolinas, quixotadas
 Com que algebricamente os tristes povos
 Ha-de aturdir dos miseros Açôres.
 Farto de cifras, d'algarismos, senos,
 Decassenos, de cubicas raizes,
 Mas sem vintem na bolsa encarquilhada
 Vae calculando o modo d'engordál'a;
 E restaurando o imperio dos corcundas
 Entre os pobres ilhéos, simplice gente,
 Pimpar de grão senhor, fazer de lord
 E o X achar enfim que tanto busca.
 Qual tricaudal bachá d'alto bigode
 Ia da estupidissima Bysancio
 (Aonde as caras se não vêem ás moças,
 Nem do padre Lieu viceja o ramo
 Na galhofeira tasca pendurado)
 Para o boçal paiz dos geroglificos
 No arabe infeliz fazer fachina,
 Enquanto não approuve aos mamelucos
 De mandar á tabúa o pae dos crentes,
 Tal ia o nosso heroe.....»

XI

As composições que no volume da *Lyrica de João Miminio* se lêem de pag. 185 a 203 parecem ter sido igualmente escriptas em Angra. A que tem por titulo *O amor*

maternal publicou-se no *Chronista*, com a seguinte nota por baixo: — «Boa parte d'esta ode foi roubada a seu A. e publicada com outras cousas que a desfiguram em uma brochurasinha impressa em Coimbra em 1823. O plagiato não valia a pena de se notar se aquelloutra publicação não saisse primeiro á luz¹».

Seguem-se umas observações sobre a falta de mythologia que se notava nos seus versos, observações que, por serem escriptas em 1827, só mais adiante poderão ter cabimentó.

Depois de Stockler, foram talvez os parentes do poeta quem menos se enthusiasinou com os seus triumphos politicos. Antonio Bernardo, sabedor da divergencia de opiniões que havia entre os filhos, admoestára João brandamente; fizera-lhe sentir quão doloroso seria para o seu coração de pae, e para a ternura materna, ver a guerra fratricida irrompendo no seio da familia, e pedia-lhe agora que se abstivesse quanto possivel da politica; visto haver concluido o curso de leis, aconselhava-o a que se refugiasse na vida judiciaria, unica onde lhe seria permittido poupar-se aos odios e dissensões dos partidos, como succedia a seu tio João Carlos Leitão.

Respondeu-lhe João Baptista respeitosa e porém com firmeza, que nenhum homem de bem póde recusar-se a servir a sua patria, no logar que lhe destinam as circumstancias; que tinha nascido liberal, e que aprendêra com seu pae a não encobrir jámais as suas opiniões e a sacrificar-se por ellas; que estava longe ainda da idade exigida por lei para consagrar-se á carreira juridica, e que seria crime deixar-se ficar ocioso, á espera d'essa idade, quando o paiz reclamava o concurso de todos os seus filhos, para não recair nos erros deploraveis do passado; que uma vez manifestadas as suas crenças e a

¹ O *Chronista*, Lisboa, 1827, tom. 1, pag. 64.

fê que tinha na liberdade, padeceria até morrer por ellas, confiado em que seu honrado pae seria o primêiro a louvar-lhe o procedimento, ainda mesmo quando as suas opiniões fossem oppostas ás d'elle.

Approvou-o por fim Antonio Bernardo, lastimando-se da politica partidaria, que obriga os paes a não condemnarem a desunião entre os proprios filhos, quando sentimentos sinceros os impellem para differentes campos.

Facilmente se imagina qual seria a dôr da mãe, reflectindo nas funestas consequencias que podiam resultar da inimizade dos filhos, se um dia rebentasse a guerra civil no paiz! A sua ternura antecipava propheticamente os acontecimentos. Mas, para não magoar ninguem, calava-se. «Que de lagrimas lhe custaram as nossas tristes desavenças!» Exclamava um dos filhos, referindo-se a esse tempo, trinta e tantos annos depois.

XII

Passaram como sonho delicioso para o poeta os mezes de junho e de julho, e os primeiros quinze dias de agosto. Parentes, amigos, e até os simples conhecidos disputavam entre si a satisfação de o ter em casa algumas horas, de o sentarem á sua mesa, de o ouvirem fallar ou recitar versos. Desde muito moço manifestou elle os talentos e prendas de conversador inimitavel, e de tão primoroso recitador, que os peiores versos pareciam excellentes a quem os ouvia da sua bôca ¹. Essas qualidades, real-

¹ Certa occasião quiz Garrett endossar-me um aprendiz de poeta, que o procurava com muita frequencia. E como eu allegasse a minha inutilidade, leu-me algumas poesias do principiante, as quaes me deixaram entusiasmado e desejei logo conhecer o auctor. «Ahi tem os versos; leve-os, que elle depois lhe apparecerá com um bilhete meu».— Sai contentissimo: chego a casa, e encontro

çadas então por todas as graças da mocidade, pela elegância e distincção da sua pessoa, e pelo prestigio nascente do seu genio poetico franqueavam-lhe todos os corações e tornavam-lhe a residencia em Angra verdadeiro paraíso.

Era porém forçoso voltar para onde o chamavam altos destinos e o seu ardente amor da liberdade, «... a patria, essa patria que ha-de renegál-o e proscrevêl-o d'ahi a pouco, a liberdade que ha-de fugir bem depressa, vem tirál-o do seu momentaneo descanso... o socêgo da casa materna a que regressou, cança-o. Elle que sâe outra vez da sua ilha tranquilla para as tempestades da capital¹». Em 24 de agosto celebrava, já no mar, o *Anniversario da revolução*²; e cantava, a 26, *Ao rei jurando a constituição*³.

A primeira d'estas producções, publicada a pag. 179 e 180 do *Portuguez constitucional regenerado* n.º 41, em 19 de setembro, terminava com este verso:

«Erguer-se o fumo, e morrer de gosto.»

E trazia por baixo a seguinte nota:

«Estou na pia crença que os meus compatriotas já perderam a loucura dos —Elmanismos— e que os nossos poetas começam a prezar-se mais de inspirados das musas, que de energumenos do Pindo. É de esperar que passem da moda os versos de —ranctampram— e que o mecanismo da metrificação e do rythmo se accomode à idéa que exprime, deixando o monotono dos versos de

ali reunidos Rebello da Silva, Felner, Mendes Leal, e outros. «Ouçam! Temos um novo e grande poeta». Começo a ler e a sentir-me esfriar. Os outros olhavam-me pasmados, e acabaram por apupar-me. Os versos eram detestaveis!

¹ *Fábulas, Folhas caídas*, 1853, pag. xviii.

² *Lyrice*, 1853, pag. 204.

³ *Ibidem*, pag. 209. D. João VI prestou voluntariamente juramento ás bases da constituição, perante o congresso, a 4 de julho de 1821.

estalo. O ultimo verso d'esta ode não parecerá bom, nem certo, aos senhores Elmanistas: mas nem por isso o emendo. Quiz apropriar o languido do rythmo ao melancolico da idéa. Quem não gostar, que não leia.»

Pato Moniz, que era o redactor do jornal, pôz est'outra nota á nota de Garrett:—«Não podêmos acreditar que os homens de talento, como esta ode denuncia seu auctor, pretendam deteriorar o reconhecido merecimento de outros homens, e muito mais *post fata*: por isso queremos ainda lisonjear-nos de que a nota antecedente não expressou a idéa de seu auctor, não sendo essa, como á primeira vista parece, a de affrontar Manuel Maria de Barbosa du Bocage, a quem por certo a nossa poesia deve muito. *Non omnia possumus omnes*, Bocage não sabia compôr odes, porém soube fazer o que não sabem fazer a maior parte d'aquelles que teem tomado por timbre o desdenhál-o». — A proposito d'isto, promete Pato Moniz occupar-se brevemente, no seu jornal, das obras de Bocage, o que effectivamente faz no n.º 45 de 24 de setembro. Ahi diz que accusam Bocage de fazer versos de estalo os que, não o podendo imitar, lhe chamam energumeno do Pindo, etc.

Pato Moniz enganava-se com Garrett¹, não só julgando-o menos do que era, mas tomando aquellas palavras pelo que não queriam significar. — «O vate Elmano é mui differente cousa do poeta Bocage. O excentrico, inintelligivel, escatapafurdico Elmano dos cafés e dos outeiros não pôde ser o mesmo que o nobre poeta Bocage, o traductor de Ovidio, o auctor de *Leandro e Hero*, do *Tritão* e de tanta cousa boa e bella.»—Dizia João Baptista, oito annos depois, como respondendo a Pato

¹ E não viveu assás para desenganar-se. Depois da *villafrancada* foi desterrado para a ilha do Fogo (uma das de Cabo Verde), e ali falleceu em 1827. Não pesará este desterro e morte sobre a memoria do odiento José Agostinho de Macedo?

Moniz, n'uma nota á primeira edição da *Lyrice*, publicada em Londres¹.

XIII

Em fins de agosto desembarcou João Baptista em Lisboa. Alguns dos seus mais intimos amigos e antigos companheiros de Coimbra, que ali tinham representado com elle as suas primeiras tragedias, residindo agora em Lisboa, desejavam renovar aqui o passatempo que tanto os divertia durante a vida de estudantes. Para isso esperavam com impaciencia o poeta: foram buscál-o a bordo, e logo lhe pediram que escrevesse ou indicasse peça para todos representarem. Poucos dias depois principiaram os ensaios do *Catão*, em casa de Paulo Midosi, que servia de ensaiador e de ponto, e morava então no largo do Pelourinho². A tragedia, segundo affirma o auctor, ia-se ensaiando ao passo que se compunha, recebendo os curiosos amadores os seus papeis aos pedaços³. É possi-

¹ Pag. 7, Lisboa, 1833.—Garrett reformou mais tarde a sua opinião, a respeito do verso que motivára a nota provocadora das iras de Pato Moniz. Na ultima edição da *Lyrice* (1833) emendou-o do seguinte modo:

«Erguer-se o fumo, e morrerá de gosto.»

Fez bem em corrigil-o, porque nem só os senhores Elmanistas o achariam errado; mas fez mal quando, em 1826, escrevendo o *Bosquejo da historia da lingua e da poesia portugueza*, tomou vingança de Pato Moniz ter dito que censuravam Bocage os que não sabiam imital-o. Elogiando a *Meditação*, de José Agostinho, que Pato deprimira, diz Garrett: «Tem sido censurada por quem não é capaz de entendê-la».—É a unica fraqueza d'este genero que descobri em toda a sua vida.

² Paulo Midosi, filho, assevera que seu pae residia a esse tempo no 2.º andar da casa da rua Garrett, que tem hoje o n.º 17. Não pude apurar se o engano era de Garrett, ou se é de Paulo, que ainda não tinha nascido.

³ *Catão*, 1845, pag. 10, *texto e nota em baixo*. N'uma folha solta,

vel que a peça estivesse já composta ou, pelo menos, bosquejada e que elle a fosse corrigindo e copiando ou vestindo o esqueleto á medida que se ensaiava.

Fosse como fosse, o *Catão* distancia-se tanto da *Lucrecia*, que d'elle se pôde dizer, servindo-me de um termo de pintura, que é a transição da primeira maneira dramatica do auctor para a segunda. A Melpomene romana esquece-se ali por vezes da severidade classica e vibra lyricamente as cordas do alaúde romantico. O character das personagens está correctamente desenhado: Catão é verdadeiro romano, e grandiosa a idéa de liberdade que domina toda a tragedia. Póde com justiça afirmar-se que foi esta peça que lançou os fundamentos do theatro contemporaneo em Portugal.

Na noite de 29 de setembro de 1821, subiu, pela primeira vez, á scena, no theatro do Bairro Alto, em Lisboa. Além do auctor, que fazia o papel de Bruto, representa-

que deve existir dentro do livro manuscripto do poema *O Roubo das Sabinas*, e que tem de um lado alguns versos addicionados a este poema, lê-se do lado opposto, por letra de Garrett: — «*Catão*, tragedia, 1820». Isto é disposto em fórma de titulo, tendo por baixo os nomes das personagens. Este papel era indubitavelmente o rosto da peça, não já do primeiro borrão, mas de uma copia limpa, e foi arrancado do caderno em que ella estava escripta. Seria por erro que escreveu 1820, em logar de 1821, ou escapou-lhe aquella denuncia, que destroe a asserção de ter sido a tragedia escripta em dez ou vinte dias? Parece-me, comtudo, que elle antes diria ter feito aos vinte annos a obra composta aos vinte e dois, do que attribuiria aos vinte e dois a que traçou aos vinte. Exemplo, *O Retrato de Venus*, como adiante se verá. Mas como poderá ser aqui engano, tendo escripto *O Roubo das Sabinas* em 1820, e achando-se dentro d'elle o papel chocalheiro? Se, contra o seu costume, é verdade que attribue agora a um anno mais tarde o que escreveu mais cedo, talvez o fizesse com o fim de sustentar a affirmativa, puerilmente vaidosa, de ter escripto o *Catão* em dez dias. E d'ahi, quem sabe se tudo isto não serão senão consequencias do seu systema de embrulhar datas?

ram n'ella Joaquim Larcher, Catão; Carlos Morato Roma, Manlio; Netto, que depois foi corregedor, Porcio; Mathias Carneiro Leão, Sempronio; José Frederico Pereira Marécós, Decio¹.

XIV

Na biographia manuscripta, já citada, que tenho em meu poder, escreveu Garrett por sua letra, referindo-se ao *Catão*:— «Foi representada . . . diante de um publico exclusivamente composto de quanto tinha então de mais brilhante a sociedade e a côrte de Lisboa. Não se descreve o enthusiasmo que causou. O auctor, actor tambem, desempenhou o papel do joven Junio Bruto, e obteve a mais completa ovação que ainda conseguiu talvez nenhum dos nossos poetas».

Tragedia e auctor foram effectivamente acolhidos com as maiores demonstrações de admiração e sympathia. O publico estava cansado de assistir aos espectaculos ridiculos e indignos de um povo civilisado, que lhe offereciam os nossos theatros. A nova peça afastava-se do genero piegas das tragedias semsabores. Não tinha amores nefandos, nem berreiros descompostos. Era simples no en-

¹ Estes nomes veem indicados n'uns folhetins de Paulo Midosi, publicados em outubro de 1878 no *Diario de noticias*, de Lisboa. Garrett, em vez de Netto, Carneiro Leão e Roma tinha-me dado os nomes de José Maria Grande, Jervis de Athouguia e Luiz Francisco Midosi. Qual se enganou? Quando appareceram esses folhetins, já não era vivo Larcher, nem nenhum dos outros curiosos amadores, que podessem esclarecer-me. Segui a lição de Midosi, por trazer a distribuição da peça, mas não, contudo, sem hesitação, por causa de outros equivocos que se encontram nos citados artigos. Paulo Midosi nasceu depois da representação do *Catão*; ainda não havia feito seis annos quando se reuniu em Londres com a prima, mulher de Garrett, que já tinha vinte e um, e mal se comprehende como esta lhe chama n'esses artigos seu amigo de infancia, etc., etc.

redo, heroica na idéa, e bella na fórma; exhibia grandes homens e grandes sentimentos; a virtude antiga fallava n'ella sem affectação ao patriotismo moderno. Essas qualidades, e a sêde de liberdade, manifestada pela maioria dos espiritos da epocha, deram á obra de Garrett merecida celebridade. As edições successivas que até hoje tem tido na imprensa attestam que, apesar dos seus defeitos como composição dramatica, foi digna dos applausos que acolheram a sua entrada na scena.

A noite de 29 de setembro, que pelas circumstancias referidas deu ao poeta a mais gloriosa e mais apreciada de quantas ovações recebeu no theatro, marcou tambem o ponto mais negro da sua vida. N'essa noite lhe depa-rou a sua estrella funesta a mais perigosa de todas as Annalias que ainda tinha conhecido: aquella com quem veiu a casar-se, para infelicidade de ambos, e d'elle principalmente. Estava para subir o panno, quando Luiz Midosi lhe perguntou se já tinha olhado para o camarote da sua familia, e se reparára na formosura de sua prima Luiza. Garrett foi ver, e, dando com os olhos na mulher que depois teve por esposa, soltou involuntario grito de admiração. Era a primeira vez que a via. D. Luiza Midosi, então na flor da juventude ¹, foi julgada uma das mais correctas bellezas do seu tempo. Eis como se comprouve a descrevê-la um proximo parente d'ella:

«Os cabellos eram fios de ouro, os olhos de um azul limpido como céu sem nuvens; nas faces casava-se a açucena maravilhosamente com a dhalia vermelha desmaiada. Era uma belleza; devia-o ser, porque ainda quando a conheci mulher em Londres—deslumbrava a todos que a viam, eclipsava as formosuras inanimadas da soberba Albion! Não havia rosa de primavera mais mimosa; e da rosa tinha e tem tão bem recortada na face

¹ Tinha treze para quatorze annos.

uma pétala, que mais engraçado lhe tornava aquelle rosto de uma regularidade irreprehensivel. É ainda hoje tradição de familia que este *navus maternus* proveiu de sua mãe, virtuosissima senhora, porque trazia no seio folhas de rosa, quando estava proximo o nascimento de tão linda creança ¹.»

XV

Imagine-se o que seria em 1824, com perto de quatorze annos², a mulher que ainda em 1878, cincoenta e sete annos depois, quando já não conservava nem sombras do que fôra, inspirava ainda tão enthusiastica pintura á penna de um homem sério!

N'essa noite funesta, ostentava todas as graças da innocencia juvenil, singelamente vestida de branco, cobrindo a loura cabeça com um chapéu de setim côr de rosa³.

Poeta, artista, impressionavel como todas as pessoas de imaginação viva e ardente, o moço Garrett sentiu-se fascinado e attrahido, como a borboleta quando avista a chamma em que tem de queimar-se. Declarou solemne-mente que achára a realidade do seu ideal; e teve, ainda antes de começar o espectáculo, quem fosse apresentá-lo

¹ Paulo Midosi, folhetim do *Diario de noticias*, de Lisboa, de 12 de outubro de 1878.

² No folhetim, a que se refere a nota anterior, diz Paulo Midosi que D. Luiza tinha *treze annos*; n'uma carta que ahi mesmo traduz, d'esta senhora, diz ella: que tinha *treze annos e meio*; e no fim do artigo, noticiando Midosi o casamento de sua prima com Garrett, acrescenta que tivera logar *treze mezes depois* de se terem visto os noivos, e termina: «Contava a noiva pouco mais de treze annos!» A verdade é que ella tinha mais de quinze quando casou.

³ Depois do seu casamento mandou Garrett fazer o retrato da mulher, vestida com o mesmo traço que tinha da primeira vez que a viu; e encerrou-o n'uma caixa com tampa de ouro, na qual fez gravar os oito versos do prologo do *Catão*, adiante citados.

á sereia que o encantára ! Era natural que esta não ficasse indifferente á impressão que reconheceu ter produzido. A mulher, logo que entra na puberdade, é como a avesinha que desde o primeiro vôo procura lugar para fazer o ninho. O auctor do *Catão* começava a ser alvo de merecida popularidade, e tinha diante de si todas as perspectivas da gloria. Quem não se lisonjearia de ser amada por elle ?

Levantou-se o panno. Garrett começou a recitar o prologo da tragedia, que o publico escutava palpitando de enthusiasmo. Quando chegou aos penultimos versos, cravou os olhos no camarote da familia Midosi, e declamou com exaltação apaixonada :

«E tu, sexo gentil, delicias, mimo¹,
 Afago da existencia e encanto d'ella,
 Oh, perdôa se a patria te não deixa
 O primeiro lugar em nossas scenas.
 Não esqueceste, não; porém ciosos
 São nossos corações de liberdade:
 Onde impera a belleza, amor só reina;
 Foge onde reina amor, a liberdade².»

Os espectadores applaudiram-n'o freneticamente, voltando-se todos para o camarote fatidico³. A adhesão e

¹ Parecia ter grande amor a este verso, que já empregára no prologo da *Lucrecia*, e que tambem introduziu no *Retrato de Venus* (pag. 55, da primeira edição), alterando-o porém do seguinte modo, em favor de Paulo Veroneso: — «E tu, Paulo gentil, delicias, mimo.»

² *Catão*, 1845, pag. 54.

³ «... nous étions très genées, voyant tout le monde regarder notre loge... c'est de là que G^{tt}. a fait ma connaissance; je la dois donc au cousin.» (Extracto de uma carta da viuva de Garrett.) Este primo era Luiz Francisco Midosi, que tinha feito a apresentação de Garrett. Paulo Midosi, no citado folhetim do *Diario de noticias*, de Lisboa, de 12 de outubro de 1878, diz que o conhecimento do poeta com a senhora que foi sua mulher se fez, não na primeira representação do *Catão*, mas sim na segunda, a 2 de outubro do mesmo anno. E assevera igualmente que a farça *O Corcunda por amor* só subiu á scena n'esta e não n'aquella recita da tragedia. Quanto ao primeiro ponto, sigo a

a sympathia das multidões consagravam assim o começo d'esses amores, que deviam terminar um anno depois no mais desafortunado de todos os consorcios!

Ao findar o ultimo acto do *Catão* foi o actor aclamado como o primeiro dos poetas dramaticos portuguezes. A ovação tornou-se quasi em delirio. No meio de applausos fanaticos, a maioria dos espectadores invadiu o palco; os homens eminentes do tempo, que assistiam á representação, abraçaram o poeta; as mulheres mais formosas e illustres pediam que lh'o apresentassem, arremessavam-lhe os seus ramilhetes, depois de os terem beijado, e os lenços, ensopados nas lagrimas ainda quentes que elle lhes tinha feito chorar nos lances tragicos e patheticos. 1821 conservava latente o fogo de 1820. Assim esse fogo não fôra fátuo! Havia ainda fê viva, crenças sinceras, generosidade, amor, sensibilidade e enthusiasmo. Infelizmente não souberam aproveitál-os! A grande alma de Catão, depois de soltar o ultimo grito da liberdade moribunda nas margens do Tibre, renascia, fundindo-se no patriotismo constitucional, junto ás praias do Tejo. O auctor da tragedia conseguira o seu glorioso fito, que era reanimar o sentimento liberal no público.

XVI

Ao *Catão* seguiu-se a farça *O Corcunda por amor*. Garrett declara, no *A quem ler* do primeiro tomo do seu thea-

informação do proprio Garrett. E quer este visse D. Luiza n'um dia quer no outro, em cousa nenhuma se altera a verdade dos factos. Quanto á segunda affirmativa, responde o rosto da propria farça, impressa com a primeira edição do *Catão*, que diz assim: *O Corcunda por amor, farça, representada pela primeira vez em Lisboa, no theatro do Bairro Alto em 29 de setembro, anno 1 (1821)*. Ora foi exactamente em 29 de setembro que teve logar a primeira representação do *Catão*.

tro, que Paulo Midosi collaborou com elle n'essa composição¹. Porém na quarta edição (1845), feita ainda em vida de Paulo Midosi, reproduzindo o prefacio da primeira, cortou-lhe o ultimo paragrapho, que continha a declaração. E em nenhum outro escripto seu renova a confissão de ter tido aquelle collaborador, talvez porque fosse seu intuito refundir inteiramente a peça, para depois a encorporar como sua só na collecção das obras completas².

Custa a crer que o *Corcunda por amor* saísse da penna que produziu tantas e tão encantadoras obras, em prosa e verso, nas quaes transparece, a cada linha, o finissimo sal atheniense! O que tenho por mais provavel é que elle dêsse o enredo, e que outro estragasse o assumpto, dialogando-o. Não seria a unica vez que isso lhe succedeu, como ao diante veremos. Mas quer Garrett tivesse quer não parte n'ella, o certo é que não a incluiu no minucioso catalogo manuscripto, que, a meu pedido, fez de todos os seus trabalhos, para meu uso; não existia entre os seus papeis; e, por consequencia, tão pouco se menciona no catalogo impresso no tomo xxii das suas obras, com os fragmentos do romance *Helena*. Tudo, pois, parece provar, que rejeitava a sua parte n'ella, e que só accitaria a paternidade depois de ter refundido a comedia.

¹ «Na publicação da farça só me embaraçava uma cousa; e era o consentimento do meu amigo, o sr. P. Midosi, que tanto, ou mais que eu, havia trabalhado n'ella. Tendo porém convindo em correremos aventuras de auctor, ambos saímos a público, tanto mais animados, quanto, em caso de desfortuna, nos podemos mutuamente imputar o mau exito da empreza.» (Theatro de J. B. S. L. A. G.; tom. I; Lisboa, anno II. (1822) Na imprensa liberal, rua Formosa n.º 42.)

² A pag. 22 da quarta edição do *Catão* (1845) diz, em nota: «A farça ha-de encorporar-se em um dos tomos seguintes da collecção». Mas não se encorporou nunca; nem entre os seus manuscriptos appareceu prova de que devesse encorporar-se.

Apesar de tão mediocre, o *Corcunda por amor* foi muito applaudido n'aquella memoravel noite. O publico, favoravelmente disposto pelo successo do *Catão*, mostrou-se de boa avença. Depois das scenas tragicas de Utica, sentia necessidade de substituir as lagrimas pelo riso. Achou graça aos ditos mais desenxabidos, e applaudiu com grandes gargalhadas as situações que nada tinham de comicas, e até os equivocos de mau gosto. Havia tambem outra causa, além das já sabidas, para promover e conservar o favor do auditorio. N'aquella noite não estavam no theatro senão espectadores constitucionaes; e a peça zurzia sem piedade os corcundas ¹. Não é necessario grande esforço para nos fazer rir d'aquelles de quem não gostámos.

Quando caiu o panno, serviu a farça de pretexto para que outra vez fosse chamado e applaudido com maior entusiasmo o auctor do *Catão*. Os olhos do poeta, fitos sempre n'um ponto do theatro, pareciam offerecer as flores da sua corôa dramatica á mulher que tão fatalmente o subjugára desde o primeiro instante.

XVII

Esta paixão, absorvendo-o repentinamente, revela-nos o estado doentio da alma n'esse periodo da sua vida. Elle proprio diz de si, n'um dos seus discursos parlamentares, «que sempre teve mais coração do que cabeça»; e era verdade. Mas n'esta occasião não fôra talvez só o coração que o guiára. Sem pôr em dúvida a sinceridade do seu amor, é, comtudo, permittido, a quem o conheceu tão intimamente, acreditar que a admiração da belleza plastica entrou por metade n'elle. Os seus versos d'esse

¹ Alcinha que se dava aos absolutistas n'esse tempo.

tempo são quasi exclusivamente sensualistas. Era moda affectar então materialismo *Voltaireiano*, fructo das leituras dos encyclopedistas, e imitar Tibullo, Horacio, Propertio, Catullo e Ovidio. Os estudos classicos levam inevitavelmente ao culto da philosophia pagã; os philosophos da revolução franceza igualmente materialisavam tudo. Só quando o desterro, despertando no coração do poeta as saudades da patria, lhe avivou as recordações do berço, foi que elle reachou o espiritualismo, que bebêra na infancia com o leite materno. Infelizmente, porém, o sacrificio da sua vida estava já então consummado!

D. Luiza Midosi foi chrimada em Delia, como era de rasão, para guardar as conveniencias com os estranhos; mas o amante apaixonado nem sequer procurou encobrir á propria familia d'ella o fogo em que se sentia arder. No dia immediato á representação do *Catão*, estando em casa de Paulo Midosi, bateu uma pobre á porta. Garrett foi abrir e perguntou á mendiga:

— Como se chama vossemecê?

— Luiza.

— Luiza?! Bem vêem que é destino. É Deus que o quer! — exclamou, voltando-se para os donos da casa. — Luiza! Luiza! Pegue lá, mulher. Sinto não ter agora mais, para lhe dar por esse nome.

Entregou-lhe quanto tinha; e, logo que a pobre saiu, começou aos saltos por cima dos moveis e quebrou uma cadeira, gritando com grande enthusiasmo:

— Luiza! Luiza!

Paulo Midosi e sua mulher protestavam em altos gritos contra a louca expansão, que ameaçava dar-lhes cabo dos trastes; e Garrett repetia, abraçando-os:

— Pois não vêem que tem de ser, que está escripto, que é fatal?!

E era.

VIII

Formatura em leis.—Informações universitarias.—Fixa-se em Lisboa, e não lê no desembargo do paço.—Publicação do *Retrato de Venus*.—Quando foi escripto.—*A Gazeta universal*: criticas.—*O Portuguez constitucional regenerado*: respostas.—Opinião prophetica dos seus inimigos.—José Agostinho de Macedo e Frei Francisco de S. Luiz.—Motivos porque o guerreavam.—Annalia, Delia e Julia.—*O Toudador*.—Primeiro tomo do Theatro.—*O Impromptu de Cintra*.—*Os namorados extravagantes*.—Odivellas.—Prefacio da *Lyrical*.—Sociedade litteraria patriótica e o seu jornal.—Discurso, e juizo sobre a universidade de Coimbra.—Epicedio, aos mortos no campo d'honra, em Madrid.

I

Em 19 de novembro de 1821 terminou João Baptista os estudos universitarios, pelo exame das disciplinas do quinto anno de leis, na forma dos estatutos, e foi approvado *nemine discrepante*¹.

O conselho da faculdade qualificou-o do seguinte modo na votação:

Em procedimento e costumes — approvado por quatro, e reprovado por cinco.

Em merecimento litterario — bom por seis, e sufficiente por tres.

Em prudencia, probidade e desinteresse — approvado por cinco, e reprovado por quatro².

¹ Liv. dos *Exames, actos e graus da faculdade de leis*, do anno lectivo de 1821 a 1822, fl. 194.

² Liv. 3.º do registo das *Informações dos doutores, licenciados e bachareis formados nas faculdades academicas*, fl. 170, v. Nas certidões, que requeri e me foram passadas na universidade, não apparecem os appellidos de Almeida Garrett. Apenas usou d'elles na matricula do quarto anno.

Estas 'informações', instrumento odioso de inimizades e de vinganças politicas, que a revolução devia ter supprimido, como fez á inquisição, magoaram profundamente o poeta, que não as olvidou nunca. Cinco votos reprovavam o seu procedimento e costumes; quatro negavam-lhe prudencia, probidade e desinteresse; e tres concediam-lhe apenas a qualificação de sufficiente em merecimento litterario!

As 'informações' desde muito que deviam estar abolidas na universidade de Coimbra. Ellas não são senão o meio covarde por que os lentes de má indole maculam impunemente a reputação dos estudantes que não pensam como elles. Garrett era maltratado por causa do seu constitucionalismo. Os absolutistas de Coimbra puniam-n'ò, a seu modo, pelos versos recitados nas festas da academia, pelas suas proclamações eleitoraes, e pelo que escreveu a respeito da universidade, no opusculo *O dia vinte e quatro de agosto*. Foi a primeira pena que padeceu pelas suas opiniões politicas, opiniões que os seus inimigos detestavam n'elle mais do que em qualquer outro, porque reconheciam com raiva quão grande era o talento que ía pôr-se ao serviço das novas idéas para combater o absolutismo.

II

Regressando a Lisboa, ainda n'esse mez de novembro, ahi fixou definitivamente a sua residencia, indo morar n'uma casa proxima á calçada do Garcia, que pegava com a que vinte ou trinta annos depois se denominou da baroneza da Regaleira¹.

Não podendo seguir a carreira judiciaria, como já se disse que desejava a sua familia, por estar ainda longe

¹ Acaso seria a de D. Filippa de Vilhena?

da idade de vinte e cinco annos¹, que a lei das côrtes exigia então, não leu no desembargo do paço, como era costume dos que se dedicavam á magistratura. Resolveu, portanto, consagrar-se á diplomacia, apesar de o chamarem as suas inclinações para a vida politica. Emquanto, porém, não vagava um logar de addido, que lhe prometteram amigos influentes, preparou-se para concorrer ao de official do ministerio do reino.

III

No principio do anno de 1822, saiu da imprensa da universidade o seu poema *O Retrato de Venus*, do qual a impressão começára em novembro, quando o auctor foi ali formar-se, e se demorou até janeiro, por circumstancias independentes da sua vontade. «Este poemeto não é senão um arrebatto de enthusiasmo pela grandiosa arte da pintura, que desde a infancia quasi começou a adorar». Escreveu elle por sua mão, no manuscripto da sua biographia.

No catalogo, que fez para meu uso, affirma que o compozera no Porto, em 1818; dos dois autographos exis-

¹ Tinha vinte e dois annos, nove mezes e quinze dias, quando se formou. Na biographia do *Universo pittoresco*, diz que se formára em 1822, para fazer concordar esta data com a que tinha dado atraz, da entrada para a universidade em 1817. Logo porém mais adiante declara ter escripto o *Catão*, depois de formado, e em Lisboa, e põe á frente de todas as edições d'essa obra, começando pela primeira: «Representado a primeira vez, em Lisboa, a 29 de setembro de 1821». De modo que quem não souber que elle tinha effectivamente acabado os estudos antes de ir aos Açores, mas que não fizera logo o acto de formatura, ficará embaraçadissimo com o seu systema chronologico, visto que d'este se poderia concluir que o *Catão* foi representado antes de ter sido composto e escripto!

entes entre os seus papeis, o primeiro, já copiado de outro borrão, em que o poeta se alcunha arcaicamente Jonio Duriense, traz também a data de 1818, Porto. Mas na *Advertencia*, que se acha no fim do poema impresso, diz que tanto este como as notas e o ensaio sobre a historia da pintura, são da sua infancia poetica: «São compostas na idade de dezeseite annos. Isto não é impostura: sobejas pessoas ha hi, que m'o viram começar, e acabar então. É certo que desde esse tempo atégora, em que conto quasi vinte e dois, por tres vezes o tenho corrigido¹».

Se fosse verdade que o escreveu aos dezeseite annos, teria sido em 1816, antes de sair da ilha Terceira. Mas n'esse tempo trazia entre mãos a *Affonsaida*²; e não parece provavel que a largasse, já no iv canto, para começar novo trabalho. Além d'isso, o *Retrato de Venus* afasta-se tanto da maneira d'aquelle, que não hesito em julgál-o nascido em epocha mui diversa e filho da mesma ordem de idéas que produziu *O Roubo das Sabinas*³. Repugna-me também acreditar que em tal idade, vivendo sob a pudica e suave atmospherá da familia, escrevesse tão livremente. Bem sei que muito novo tomou conhecimento com a musa licenciosa dos poetas de Roma; que em Ovidio, Catullo, Horacio, Tibullo e Propercio acharia quadros, que, transportados para o seu livro, fariam pa-

¹ *O Retrato de Venus*, Coimbra, 1821, pagina ultima.

² Se é obra sua, advirta-se sempre.

³ É sabido que mais tarde, sem deixar de affirmar que o escreveu aos dezeseite annos, contava estes como feitos em 1818, ou 1819, pelos motivos já ditos. A esse tempo, porém, não encobria ainda a idade e dava os dezeseite annos em 1816. N'um papel que envolve os fragmentos manuscriptos do discurso que proferiu no tribunal do jury, em defeza do seu poema, lê-se isto: «*Retrato de Venus*, Porto, 1818. Impresso em Coimbra, 1821». A letra é dos seus ultimos annos; e o 8 foi emendado porque se conhece que primeiro escreveu 1819!

recer os seus ensaios paineis sem colorido. Mas, apesar d'isso, a influencia da educação materna contrabalançaria os effeitos que a poesia dos eroticos latinos produz no espirito da juventude estudiosa. O casto pejo dos dezesete annos impedil-o-ia de pintar com tanta franqueza o amor material, embora, como inevitavel consequencia de ter começado tão cedo os estudos classicos, estivesse já theoreticamente familiarisado com esses assumptos.

Penso portanto que o *Retrato de Venus* foi escripto em 1820, talvez na convalescença da ferida que lhe resultou da quèda do cavallo¹, e proximo á revolução de 24 de agosto. O desejo de ser util á sua patria², e de se distinguir, começava a possuil-o, e n'elle predominou desde então até á morte. O *Retrato de Venus* teria, pois, por origem esse movel, que d'ahi a pouco lhe inspirou tambem o opusculo politico *O dia vinte e quatro de agosto*, publicado antes. Consciencia do pouco valor da obra e receio de criticas desapiedadas o levariam a dizer que a tinha composto aos dezesete annos, para que lhe desculpassem os defeitos. A impressão foi feita á custa do livreiro Jacques Orcel, recebendo o auctor apenas alguns exemplares, em maior formato, para dar aos seus amigos. Nenhuma outra paga teve pelo manuscripto!

¹ Seu irmão Alexandre, positivamente me affirmou, em carta que tenho á vista, que fôra composto n'essa occasião.

² «O fito que n'este poema levei, foi simplesmente celebrar os louvores da pintura, e de seus principaes mestres.» (diz elle, nas notas ao canto II) «Sou apaixonado amator d'esta sublime poesia . . . mas nunca dei a menor lapizada» . . . «Julguei util dar á minha nação uma coisa, que ella não tinha, a biographia critica dos seus pintores». (Pag. 97, na edição de 1821.) Convem advertir, com relação ao *Ensaio sobre a historia da pintura*, que a este tempo se não achavam ainda publicadas as *Memorias relativas ás vidas dos pintores, esculptores, architectos e gravadores portuguezes*, por Cyrillo Volkmar Machado; e que portanto o trabalho de Garrett devia ser considerado bom serviço, apesar da sua exiguidade.

IV

«Alguns versos mais livres e algumas phrases tocadas do philosophismo que n'esse tempo era tão moda, trouxeram sobre o primeiro opusculo do joven escriptor uma perseguição quasi ridicula, se se attender á venialidade da offensa, e, ainda mais, á curta idade do offensor¹.»

As principaes criticas foram-lhe feitas na *Gazeta universal*, de Lisboa, em cartas, escriptas de Coimbra. A primeira saiu no n.º 18. Censura violentamente o poema, e pergunta o que fazem os jurados que não o condemnam. A segunda, que saiu no n.º 24, de 30 de janeiro, diz que o auctor confunde torpemente Roma christã com Roma pagã, que faz profissão de deismo, e que o livro contém obscenidades e epicurismos. Conclue, declarando que o seu desejo era ver levantado dentro dos muros da cidade um *Forno do Tijolo*, onde se assassem Patos, Leitões, etc. Allude a um dos appellidos de Garrett, e ao de Pato Moniz, que andava sempre em guerra com José Agostinho de Macedo, então morador no Forno do Tijolo. Esta é, como a primeira, assignada por *Um Catholico Romano*; affirma-se, porém, n'ella que os auctores são dois. José Agostinho de Macedo, figadal inimigo de liberaes, e que não perdoava nunca a quem revelava talento, não deve ter sido estranho a essas criticas odientas. Garrett assim o acreditou tambem.

V

Appareceu terceira carta, no n.º 29 da *Gazeta*, com a epigraphe:— *Continúa e continuará a batuta contra os*

¹ Biographia manuscripta.

impios. — Ahi se volta o critico contra os estudantes de Coimbra, que applaudiram o *Retrato de Venus*, e qualificaram como frade ou carcunda o *Catholico Romano*, signatario das duas primeiras. N'uma nota assevera que não tem odio ao auctor do poema, que o tem á sua obra, e figadal. Affirma que já se movem os jurados, mas que provavelmente infligirão ao culpado as penas da lei quando estiverem vendidos todos os exemplares. Outro beato, mais tolo que os dois primeiros, saiu, no n.º 34 da *Gazeta*, de 12 de fevereiro, em apoio d'aquelles. A sua linguagem é mais rasteira ainda que a dos collegas. Ralha, insulta, não convence nem commove, e «gela a contricção nos seios d'alma», como diria Bocage. No n.º 36, do dia 14, surge novo auxiliar, com um dialogo entre Homero, Apelles, Klopstok, Vasco e Reynolds contra o desventurado poeta. O que vale ao criticado é que os ladradores parecem apostados a provar entre si qual d'elles ha de ser mais asno. Este ultimo censor confessa que a edição do poemeto «se gastára toda como azeite; que apenas constára que trazia proposições immoraes e impias, era mais a mim, mais a mim! Que tal bom christão houve que a pagou pelo triplo e quadruplo da sua primeira taxa».

É quasi sempre a malevolencia que, sem querer, faz grandes serviços aos que pretende hostilisar. O *Retrato de Venus* não daria ao seu auctor celebridade tão precoce a não serem as estupidas perseguições de que foi victima. Realmente não merçia a bulha que fez, nem pelas suas bellezas nem pelos seus defeitos.

- No n.º 40 do citado jornal publica-se uma *Carta sobre as cartas dirigidas de Coimbra ao redactor da Gazeta universal*. D'esta vez a diatribe é contra os que pretenderam descobrir o auctor da primeira epistola; e affirma que ao apparecimento d'ella se pozera em movimento toda a *pedreira coimbrã*: «Procederam a sortes e caiu a fatal sobre o reverendo José Agostinho de Macedo, que visto

isso, já em Portugal não sáe cousa boa senão d'esta fecunda e elegantissima penna. Sonharam antigas dissensões entre aquelle padre e o A. do *Retrato de Venus*». Segue uma nota, em baixo, que diz assim: «Em Lisboa tambem houve quem julgasse o mesmo, não só a respeito d'este mas de outros artigos: porém o redactor da *Gazeta* não tem character de faltar á verdade, nem o padre Macedo se sabe mascarar». Em seguida, continúa o texto: «Quando assim fosse, e taes motivos o podessem guiar, então a fulminante assignatura do *Forno do Tijolo*, que por si mesmo põe a assar estes sabios de meia tijella (os quaes só de a lerem, ou ouvirem ler, ficam espavoridos e por bem pouco não humedecem as calças...) etc.

Penso que basta, para se fazer idéa da linguagem, e da raiva que os talentos e opiniões do poeta produziram no animo dos seus inimigos politicos, mascarados em fiscaes da religião e da moral pública¹.

VI

Garrett respondeu, no supplemento ao n.º 35 do *Portuguez constitucional regenerado*, de 13 de fevereiro, jornal redigido por Pato Moniz. Principia assim: «*Declaração que faz J. B. da Silva Leitão de Almeida Garrett*

¹ É dever de lealdade confessar que os apostolicos tinham caradas de rasão para darem o poema ao diabo. Veja-se, por exemplo, este fragmento da ultima nota ao canto II, em que o auctor falla de Roma: «Em vez do augusto e venerando senado, um ajuntamento de homens ambiciosos, insaciaveis de ouro, regem despoticamente, não os direitos das nações, e deveres dos reis e povos, pelas invariaveis leis da justiça, como os antigos *conscriptos*; mas o corpo inválido da igreja, por elles arruinada e depravada, levando simplesmente o fito em pescar para a barca do humilde S. Pedro as riquezas das nações com o sagrado anzol das indulgencias, reliquias e breves».

sobre a sua obra—O Retrato de Venus—e censuras a ella feitas. Eu vivia tranquillo no silencio das minhas occupações, e contente da minha nullidade; satisfeito de ser ignorado do mundo, sem remorsos, e sem desejos, era feliz porque tinha amigos, e pouco invejado porque não tinha inimigos.

«Uma educação mal dirigida, porque me metteram na carreira das letras e sciencias (origem innocente de um grande numero de crimes e desgraças); uma educação infeliz, porque me privou da bemaventurada ignorancia da natureza, e me ensinou a conhecer os *livros*, sem me ensinar a conhecer os homens; um natural franco e sincero fizeram constantemente a minha satisfação e os meus incommodos.

«Poucos talentos e alguma applicação me fizeram amar as letras, que a educação me começára a ensinar. Desde o começo da minha puberdade occupei as horas vagas no agradável estudo das bellas artes; e a poesia e a pintura foram entre ellas as que mais amei sempre, e que a minha alma e o meu coração estremou com mais preferencia.

«Na idade de dezeseite annos compuz um pequeno e fraco ensaio de poesia didáctica sobre pintura; ajuntei-lhe um ensaio breve da historia d'esta boa arte; e, como o desejo de me entreter o havia produzido, a preguiça de o corrigir o conservou longo tempo no primeiro borrão.

«Chegou o grande dia 24 de agosto, tão amargurado para tanta gente, tão festejado por mim, e por todos os homens de bem. Todos os corações bem formados sentiram uma revolução de ventura, e todos os espiritos são um desenvolvimento de faculdades. Entre as muitas esperanças que todos os bons portuguezes tivemos, entrou a de vermos restabelecida nossa litteratura, enxotados do templo das artes e sciencias os zangãos de seu mel, afugentadas as trevas de nossa ignorancia, e accessa a luz

da verdadeira sabedoria, e gosto. Bem conhecia eu a pequenez e acanhamento do meu opusculo; mas o desejo de dar um impulso, por pequeno que fosse, á litteratura patria me resolveu tirál-o d'entre o pó, em que jazia já passados mais de tres annos. Quando não tivesse outras provas, com que abonar a verdade d'esta confissão, e do nenhum desejo de gloria, ou cubiça que me excitou, so-beja-me dizer um factó constante, e que pôde ser verificado. Este foi a absoluta e *pura* doação, que do manuscripto fiz ao senhor J. Orcel, com a simples obrigação de me dar alguns exemplares para os meus amigos.

«Começou a imprimir-se a obra nos prélos da universidade pelos fins de novembro passado, quando negocios de mais importancia me levaram a Coimbra¹. Deixei a impressão incompleta, e voltei a Lisboa, onde mais interessantes objectos me chamavam², sem me lembrar mais tal cousa, nem imaginar suas consequencias.

«Saí finalmente á luz, e começou o meu estado de auctor (tão desejado de tantos que o não podem ser, tão invejado de tantos que o não sabem ser, e tão pouco conhecido de todos) a acarretar-me o que necessariamente acontece em taes circumstancias. Calumnias, odios, criticas (não digo invejas porque bem louco fôra quem de tão pouca cousa as tivera) tudo caiu sobre mim. Porquê? — Não sei. Para quê? — Mui bem o conheço, e claramente o digo. . . Para destruir todo o germen de letras, aniquillar toda a idêa de instrucção, extinguir todo o lume do estudo. Conheceram-me moço, viram-me algum talento, descobriram-me vislumbres de applicação; e assentaram de obstar a que me eu desenvolvesse, e fizesse um dia alguma cousa *util*. Urdiram nas trevas as suas machinações, prepararam no escuro as suas calumnias, e preten-

¹ Foi para o acto da formatura.

² Eram os novos amores, da mulher com quem casou.

deram denegrir-me na opinião pública, e enredar-me na malha de seus embustes.»

Depois de referir-se ás tres cartas da *Gazeta universal*, diz que sabe ter sido denunciado ao tribunal dos jurados de Coimbra; que o respeita, mas que não o teme, por ter consciencia da sua virtude e estar certo da inteireza e luzes do jury; e acrescenta: «Não direi uma só palavra no que é litterario e scientifico. Conheço o pouco que n'isso sou, e não eram necessarias as *ridiculisações* e *chalaças* para o eu saber e confessar¹. No que é calumnioso contra a minha moral, no que argue os meus deveres de homem e de cidadão portuguez, n'isso, e só n'isso, versará por ora a minha resposta e justificação».

VII

Responde e justifica-se, mas em verdade de modo que só póde ser lido em grande parte por pessoas velhas e eruditas. Conclúe assim: «Não respondo ás tuas invectivas, com que pretendes ridiculisar-me, não tenho presumpção de litterato. Perdôo-te do coração e sem hypocrisia todas as injurias que me dizes. Chama-me mação: chama-me o que quizeres; abaixa-te a jogar chalaça da mais vil tarimba de soldado, ou *cozinha de frade*; eu t'ó perdôo. A tua vileza fica contigo; e commigo a minha honra, que nem tu, nem todos os teus vis conluios pódem manchar; porque está no meu coração, e porque nunca saíu, nem sairá d'elle, onde o verdadeiro desejo da virtude e horror da hypocrisia a guardam e guardarão sempre».

No n.º 55 do dito jornal, de 11 de março, começou outro artigo, em fórma de dialogo, tratando do mesmo

¹ N'uma nota a estas palavras diz que o critico se abaixára a jogar chufa de arrieiro, chamando-lhe *bacorinho*, entre outras *civilidades*.

assumpto. É datado de Lisboa, em quarta feira de cinza, 20 de fevereiro, anno II (1822.) É muito curioso, pela especie de discussão que encerra, e pela maneira por que seu auctor ahi se justifica das accusações dos criticos. Promettia continuar, mas no exemplar do *Portuguez* que possuo, e que era o do proprio Garrett, não vem o resto, nem creio que chegasse a publicar-se ¹.

Replicando aos artigos da defeza, tornou á carga, no n.º 50 da *Gazeta universal*, o auctor das primeiras descomposturas. Como sempre, a phrase é desbragada e por vezes indecente. Todavia, de envolta com chocarices e chufas insolentes, respira esta carta, involuntariamente sem dúvida, e talvez por medo do aggreddido, um sentimento de justiça. Até em parte foi prophetica! «Direi e tornarei a dizer que tens mais que ordinario talento, e que se porventura lhe desses melhor applicação, vencesse a maldita preguiça, e consultasses bons livros, chegarias a fazer cousas que não parecessem do auctor do *Retrato de Venus*, e do *Ensaio sobre a historia da pintura*». Esta opinião talvez fosse de José Agostinho que, embora invejoso e má lingua, era comtudo homem de elevada intelligencia, e reconheçêra nos primeiros vôos, apesàr de incertos ainda, a aguia gigante que breve se remontaria aos astros.

Os ultimos periodos fazem porém hesitar sobre se tanto diria de si o vaidoso e violento folliculario: «Este raio, que te persegue, e te assombra, não é formado cá na terra... parte lá das nuvens, e de mais alto do que tu pensas... Asseguro-te que ficarás bem escarmentado se te mettes a acordar o leão que dorme, ou se ousas abraçar a nuvem, pensando que é Juno».

¹ Existia entre os papeis do poeta o original da parte que saiu no *Portuguez*, ainda mais incompleto do que se publicou.

VIII

Se isto não vinha de José Agostinho, como o proprio Garrett suspeitava, refere-se provavelmente a opiniões de Frei Francisco de S. Luiz. Na *Advertencia* final do *Retrato de Venus*, affirma o auctor que submetteu a sua obra á apreciação d'aquelle erudito philologo, reitor-reformador da universidade, e que este lhe fizera correcções. Uma das cartas da *Gazeta* diz que o poeta invoca debalde tamanha auctoridade, porque a desacatou, não lhe dando sequer um exemplar do poemeto, apesar de ter este saído dos prêlos da universidade, e põe em dúvida que S. Luiz o tivesse visto. Garrett responde a este ponto, no citado dialogo publicado no *Portuguez*:

«No anno lectivo de 1819 para 1820 disse um amigo meu ao sr. S. Luiz que eu havia composto aquella obrinha, e como elle mostrasse algum desejo de a ver, fiado eu na bondade com que me tratava, e amisade, que se dignava fazer-me, levei-lh'a. Viu-a elle, corrigiu-me muitas cousas, reprovou bastantes, e enganou-se muito louvando algumas. Eu aproveitei-me de seus reparos, emendei o que pude e sube; e com muito respeito conservo as suas annotações, que se se comparam com o poema e ensaio impressos, bem se verá quanto as prezei e me cingi a ellas.»

Quanto ao não ter offerecido o exemplar impresso, diz:

«Se s. ex.^a estivesse ainda no socego do seu claustrro, apesar de que a obra não era minha (a impressão d'ella), eu iria offerecer-lhe não só um, mas quantos elle quizesse, e eu tivesse. Mas, s. ex.^a, occupado em cousas de mais importancia, que lhe importava com o *Retrato de Venus*, ou seu ignorado auctor? Para que havia de eu interrompê-lo em suas laboriosas e interessantes fadigas, e roubar-lhe o tempo com uma cousa que (de todo o meu

coração o digo, e disse sempre) com uma cousa que eu reputo infinitamente insignificante, a que nunca dei preço nenhum, que nunca julguei valesse a pena de ser criticada, e que a não ser tanta bulha que lhe teem feito, de certo pouca gente leria, porque pouca gente lhe importa com pintura e pintores? Além d'isso, por natural meu, e por estudo tambem, afasto-me sempre dos grandes, não os incommodo, senão forçado, e não os procuro sem violencia¹.»

IX

Esta confissão final não podia angariar-lhe as sympathias dos que estavam costumados ao servilismo. O proprio S. Luiz, que era homem chão e liberal, não devia ficar encantado com ella, sobretudo se reconhecesse que parte das suas emendas tinha sido rejeitada, e que talvez

¹ Fragmento de um artigo manuscripto. Parte foi publicado no *Portuguez constitucional regenerado*, de 11 de março de 1822. Não se concluiu talvez por se ter começado a instaurar ao *Retrato de Venus* o processo de querella, e querer o auctor reservar a sua defesa para o tribunal. Frei Francisco de S. Luiz, na sua *Lista de alguns artistas portuguezes*, não cita o *Ensaio da historia da pintura*, de Garrett, e era natural que o fizesse, tendo começado esse trabalho logo depois da publicação do *Retrato de Venus*, que foi provavelmente quem lhe suggeriu a idéa de escrever tal obra. Essa omissão indicará despeito? Garrett não lhe acceitára todas as emendas propostas e por isso lhe não offereceu tambem um exemplar do seu poema. No que elle possuia para seu uso, e me deu em 1852, quando lhe comecei a biographia, falta a advertencia final, onde se lê a confissão de ter submettido o *Retrato de Venus* á censura do reitor; e evidentemente foi tirada de proposito, porque o livro está novo e bem encadernado. Porque a tiraria d'ali? Nunca me occorreu perguntar-lh'o. Mas suspeito que esse factio tinha relação com as citadas cartas-criticas. Depois foi amigo do S. Luiz; mas parece que este ainda não lhe tinha perdoado inteiramente, quando appareceu a *D. Branca*. (Veja *D. Branca*, pag. ix, 1850.)

por isso lhe não fôra dado um exemplar do poema. É provavel que alguma das cartas nascesse de opinião emittida por elle, ácerca do poemeto, diante de quem escreveu depois a critica; e que o 'raio que partia das nuvens', seria o seu voto. Porém, José Agostinho tambem não foi estranho ao assumpto.

Viessem os tiros d'onde viessem, o aggressor não ousou jámais mostrar-se a peito descoberto. A intimação, que no final faz ao poeta, para que não tente descobrir quem é o *Catholico Romano*, denuncia que o temiam.

No n.º 59 da *Gazeta*, a proposito de umas indicações do deputado Borges Carneiro, para se melhorar o *Diario do governo*, reapparecem as censuras ao *Retrato de Venus*, d'esta vez assignadas por B. J. M. M., reforçando-as uma nota do redactor do jornal. Os devotos do santo absolutismo estavam mais assanhados, por ter dito a folha official que o poema de Garrett fôra injustamente accusado perante o jury¹.

No n.º 61, nova dentada no misero livrinho, porque seu auctor recitára, um anno antes, versos liberaes na sala dos capêllos, por occasião dos festejos da revolução de vinte! É claro que só os odios politicos, e não o respeito pela moral e pela religião, que elles desacatavam mais que ninguem, inspiravam os aristarchos. O poeta era joven, revelava grande talento, apesar dos seus descuidos de inexperiencia; e confessava-se francamente inimigo irreconciliavel do despotismo. Além d'isso, presentia-se n'elle o innovador, que não atacaria só as velhas instituições politicas, mas todas as escolas rançosas, todas as theorias caducas, todas as doutrinas falsas e absurdas, que á sombra d'ellas se abrigassem. Não tinha ainda bem definido o seu programma litterario; dava alguns passos incertos; mas via-se que procurava caminho

¹ *Diario do governo* n.º 57, pag. 398, março de 1822.

diverso do que até ali séguiram automaticamente os cultores da arte. Aspirava, desde o *Catão*, a reunir o profundo espiritualismo do pensamento com a expressão das fôrmas plasticas; e, embora o não conseguisse com os primeiros ensaios, conhecia-se que tinha faculdades poderosas e que triumpharia de todos os obstaculos. Como o não detestariam, pois, os que lhe eram inferiores e se sentiam derrubados por elle dos seus thronos de papelão pintado ¹?

X

O poemeto foi dedicado *a amor; e á amisade; a Annalia, e aos seus amigos*. É claro que esta Annalia é ainda a mesma dos primeiros versos, feitos no Porto: aquella que innocentemente promoveu a quêda que o ia matando e lhe tornou tão cedo necessario o uso da cabelleira pos-tiça. E é isso mais uma prova de ter esta composição nascido gêmea do *Roubo das Sabinas*.

Foi notorio quanto elle era inconstante nos amores: e custa por isso a admittir que estando já a este tempo apaixonado por D. Luiza Midosi, dedicasse o livro a outra mulher, que primeiro conhecêra. As dúvidas cessam, porém, logo que se repara na liberdade com que escreve alguns dos versos, que no final do poema lhe dirige. Não é

¹ O proprio José Agostinho, com todo o seu merecimento, que era grande, não pôde encobrir o odio que lhe votava; mas, tornado prudente pela immortal satyra de Bocage, não se atreveu nunca a desacatál-o, litterariamente, nem mesmo por detraz dos *Catholicos romanos* da *Gazeta universal*. Quando escrevia as celebres *cartas* a J. J. P. Lopes, agredia-o como politico e não como poeta. Receiava, talvez, que lhe chamassem invejoso; ou que Garrett, pondo de parte a politica, o zurzisse pelas suas obras poeticas, visto que já na primeira nota ao canto iv do *Retrato de Venus* alludira com pouca amabilidade aos *épicos modernos*. E o ex-frade, suspeitando logo que isto era com elle, desdê então lhe tomou zanga.

crível que assim offendesse o virginal pudor da que dentro em pouco pediria para esposa. Versos, estylo, idéas, tudo aqui tem similhaça com as referencias que á mesma Annalia faz no *Roubo das Sabinas*. Não ha dúvida que D. Luiza estava já chrimada em Delia; mas esse argumento, que poderia embarçar-nos, fazendo-nos suppôr a existencia de uma terceira, cairá d'aqui a pouco, se lermos attentamente os versos do poeta: n'elles acharemos a mesma pessoa transformada em Julia! Apesar das suas tendencias de emancipação dos modelos servis e pautados, João servia-se ainda das fórmãs arcadicas para velar os nomes das suas amantes. E certa vaidade pueril, talvez justificada uma vez ou outra, levava-o a alardear que tinha varios amores a um tempo. Póde-se, comtudo, afiançar, no caso presente, e para que ninguem se escandalise, que Delia e Julia, parecendo duas pessoas distinctas, não eram mais do que uma só Luiza verdadeira ¹. A Annalia ficára no Porto, já casada com outro.

XI

Nos mezes de fevereiro e março, d'este anno de 1822, escreveu e publicou, em collaboração com Luiz Francisco Midosi, *O Toucador*, de que apenas saíram sete numeros, de dezeseis paginas cada um ². É um jornal que traz graciosos artigos em prosa e verso, sob os titulos de *modas, namôro, bailes, theatro, jogo, passeios e variedades*. N'elle

¹ É impossivel acreditar que não fosseim amores de parada a maioria dos que elle cantou, a exemplo de todos os grandes poetas. Mas não se póde encobrir tambem que punha enchanças no coração para muitos casos. A noiva tinha olhos azues; e pouco tempo antes do casamento ainda elle celebrava os olhos pretos, e dizia que tinha quizilia particular com a côrsinha d'aquelles, que era insipida e sem sabor! (*O Toucador*, n.º vi, pag. 5.)

² *O Toucador*, periodico sem politica, dedicado ás senhoras portu-

se acham algumas das peças, que depois inseriu na *Lyrica de João Mínimo* com datas anteriores; e também a fabula *Amor e vaidade*, reproduzida a pag. 48 das *Fábulas e Folhas cahidas* com a indicação de ter sido feita em Coimbra, no anno de 1818. No n.º 7, brincando um pouco duramente com Shakspeare e o seu *Othello*, diz:

«Ver agora sem vergonha
O tal inglez mal creado
Jogar chalaça de arrieiro
Sobre o tragico tablado!

Ouvir um ladrão d'um preto
Á bella infeliz amante
Dizer finezas d'Alfama
Em linguagem de estudante¹!

Ver o heroe, ardendo em zelos
Mais negros que a sua cara,
Afogar c'um travesseiro
A innocente, a quem roubára!

Se isto em inglez é belleza
D'expressão, e de energia;
Entre nós os portuguezes
É nojenta porcaria.»

Por estes, e pelos seguintes versos, compostos n'esse anno, parece que hesitava ainda em abjurar a religião dos classicos:

guezas; Lisboa, na impressão liberal; anno II (1822); rua Formosa n.º 42. 8.º grande. No meu exemplar, tenho, além dos sete numeros que cita o *Diccionario bibliographico portuguez*, um numero-prospecto muito interessante, dirigido ás senhoras portuguezas, com o mesmo titulo e formato, impresso por João Nunes Esteves, rua dos Correeiros n.º 144, Lisboa.

¹ Refere-se ao acto v, scena II: «Oth.—He hath confess'd.—Desd.—What, my lord?—Oth.—That he hath used thee.—... Oth.—Out, strumpet!—Desd.—O, banish me, my lord, but kill me not.—Oth.—Down, strumpet!»

«Hoje é moda o romantico, é finura,
 É tom achar Ossian melhor que Homero,
 Gabar Shakspeare, desdenhar Corneille.
 De Paris os modernos elegantes
 Deixam Racine para lerem Schiller;
 Chamam vil servilismo ás regras d'arte,
 Antiquario a Boileau, pedante a Horacio.
 Só gostam de Irminsulf e de Theutátes,
 Obscuros sonhos do Escossez sombrio;
 E as risonhas ficções da culta Grecia,
 Aureos numes d'Ascreu sedições dizem.
 Venus e amores, graças e cupidos
 Já muito vistos são, já muito lidos¹.»

E logo, em prosa: — «Não ha cousa mais para rir do que é ver uma joven dama de Paris toda enthusiasmada com a descripção de um castello gothico, ou de um sitio romanesco, incantada das grosserias do Othello inglez, ou das chalaças semsabores dos creados sentimentaes dos sentimentalissimos dramas de Kotzbue!

«Mas emfim, deixemos a cada qual com seu gosto. Em todos os generos ha bellezas, e em todos muito que admirar. Kotzbue tem scenas de infinito preço; Shakspeare rasgos de sublime, que o talento humano difficilmente igualará jamais. Sejam os tolerantes; admiremos os grandes genios no que teem de admiravel, seja qual fôr a sua escola ou systema².»

Dois annos depois, destituidos os falsos idolos, escrevia em França:

«Gentil religião, teu culto abjuro,
 Tuas aras profanas renuncio:
 Professei outra fé, sigo outro rito,
 E para novo altar meus hymnõs canto.

 Disse adeus ás ficções do paganismo,
 E christão vate christãos versos faço³.»

¹ *O Chronista*, Lisboa, 1827, tom. I, pag. 180.

² *Ibidem*. (Veja adiante, quando se trata do *Lyceu das damas*.)

³ *D. Branca*, 1850, pag. 2.

XII

O *Toucador* morreu como luz que se apaga á mingua de oleo. Não tinha assignaturas, a venda avulso não cobria as despezas, e os redactores eram pobres. Em fins de março venderam o fundo da empreza, e foram gastar o dinheiro para Cintra, em companhia de outros amigos.

No começo de abril saiu dos prelos da imprensa liberal o tomo i do seu theatro, contendo o *Catão* e o *Corcunda por amor*. No prefacio da tragedia, e na *Carta a um amigo*, que se segue a ella, acham-se já manifestados os fundamentos das opiniões litterarias que toda a vida teve o auctor. Ainda crúas e mal digeridas, como elle mesmo reconhecia dezoito annos depois¹, n'ellas vem comtudo presentida a idéa de Goethe, na ultima parte do Fausto «sobre a combinação do classico com o romantico que deve produzir e fixar a poesia moderna²».

As informações com que o feriram os lentes que lhe contestaram o merecimento litterario, as censuras escriptas de Coimbra contra o *Retrato de Venus*, e os desdens que lá fingiam ter pelas suas primeiras producções os homens que se diziam mais competentes para avaliá-las, inspiraram este final da *Carta a um amigo*: «... esses senhores sabichões do Mondego, que tudo entendem, tudo sabem, de tudo mofam, mas nada fazem³». Isto era apenas prenuncio de um juizo mais severo e mais directo, com que devia fulminál-os em breve, como logo veremos.

No dia 8 d'esse mez (abril), achando-se na quinta

¹ A pag. 24 da quarta edição do *Catão*.

² Loc. cit.

³ Theatro de J. B. S. L. A. Garrett, tom. I, Lisboa, 1822, pag. 90.

da Cabeça, em Cintra, com alguns amigos, curiosos de theatro, ali começou, instado por elles, a comedia intitulada — *O Impromptu de Cintra*¹, na qual devia tambem representar. Regressando a Lisboa, compoz o drama em dois actos — *Os Namorados extravagantes* — que a 26 de maio foi, tambem em Cintra, levado á scena, pelos mesmos amadores. Só a segunda d'estas composições se acha incluída por elle no catalogo manuscripto das suas obras; da primeira não falla, ou porque não chegou a concluí-la ou porque a considerou, como tantas outras cousas que deixou, em prosa e verso, indigna de ser perfilhada².

¹ Não existe entre os seus papeis senão uma especie de dialogo com os amigos, que parece o prefacio, se não era o começo da mesma farça.

² «Conservo isto — diz elle, em nota appensa aos dois ineditos — não pelo que vale, mas para memoria d'esses saudosos dias, que na companhia de amigos passei no delicioso sitio de Cintra». Nos folhetins do dr. Paulo Midosi, atraz citados, diz-se que «logo depois do casamento de Garrett com D. Luiza foram a Cintra e que o poeta lá escreveu e se representou o *Impromptu*». Mais adiante acrescenta: «O *impromptu* é assignalado com a data de 8 de abril de 1822». E no ultimo folhetim, quasi no final: «Luiza Midosi casava com João Baptista de Almeida Garrett a 11 de novembro de 1822». É claro que houve aqui manifesto engano. Como poderiam Garrett e D. Luiza ter ido a Cintra em abril, logo depois de casados, se o casamento só teve logar em 11 de novembro d'esse mesmo anno? Effectivamente deram o passeio citado, e Garrett lá escreveu ou começou o *Impromptu*. Mas estava ainda solteiro. Se eu tivesse de corrigir n'estas memorias quantos erros e inexactidões se teem escripto, ácerca do meu biographado, não acabaria nunca! Gastei metade da minha vida para apurar a verdade dos factos que narro. Mas não escrevo com o proposito de offender nem de desmentir ninguem. Embora possa dizer com Camões, que:

«A verdade que eu conto nua e pura
Vence toda a grandiloqua escriptura»

só em casos de absoluta necessidade, como agora, me refiro a qualquer engano alheio.

Na vespera de S. João foi o nosso poeta a um outeiro, a Odivellas, que lhe deu thema para o prefacio da *Lyrical de João Minimo*, publicado sete annos depois, em Londres. N'esse trabalho engraçadamente confessa quanto era amigo de doces e goloseimas, como o bom velho Filinto, então seu modêlo, em tudo, até n'isso¹!

Parece que não era a primeira vez que ia a Odivellas, por dizer que sabia d'onde lhe vinha o mote em que estava martellando². E é singular que assim se denuncie, andando tão apaixonado por outra e proximo a casar com ella! Pôde ser que o dito fosse basofioso. Cumpre, todavia, não esquecer o que já se tem dito: que elle pecava por inconstante; e que por isso tudo era possível.

N'aquella chistosa noticia do sr. João Minimo escreveu, em duas linhas, o melhor juizo critico que se pôde fazer da collecção da *Lyrical*:—«... achei ... muita cousa má, muita cousa boa, e muita cousa nem má nem boa³...»

XIII

Por este tempo fundou-se em Lisboa a sociedade litteraria patriotica, a qual publicou um jornal com o seu proprio nome. Pertenciam a ella todos os homens notaveis do partido constitucional; e Garrett, o mais joven de entre elles, contribuiu tambem com o seu trabalho para a sustentação da folha. Assistindo ás reuniões frequentes dos membros da sociedade e tomando parte nas suas discussões, preparava-se o futuro orador

¹ «Seguiram-se colchêas, e mais sonetos, e muitas versalhadas outeiras de toda'a especie e calibre, com muito e mui guloso doce que as madres nos deitavam, e que — ao menos para mim — não foi a menos agradavel circumstancia da noite.» (*Lyrical*, 1853, pag. 35.)

² Loc. cit.

³ Ibidem, 42.

politico para os grandes rasgos oratorios com que illustrou depois a tribuna parlamentar do seu paiz. Pela manifestação dos seus talentos e intelligencia, ia adquirindo a consideração e respeito que raro se concede á mocidade. Os velhos, que ao principio nem reparavam n'elle, começaram a ouvil-o com espanto discorrer sobre cousas de que só elles julgavam entender e poder fallar; os moços, presentindo o rival, que devia distanciar-se muito d'elles, que seria, talvez, seu mestre e sua bandeira de combate, saudavam-n'o com enthusiasmo, ou o escutavam com a fria reserva da emulação ou da inveja. Uns e outros, porém, pasmavam dos seus conhecimentos, e perguntavam entre si como podéra ter aprendido e estudado tanto quem tinha ainda tão curtos annos.

XIV

Na sessão de 19 de julho de 1822, que teve logar na rua Direita do Loreto n.º 20, discutindo-se, por indicação do socio Rodrigo Pinto Pizarro, a maneira por que se deveria proceder ás eleições de deputados na séguinte legislatura, tomou Garrett a palavra. Começando o seu discurso por dizer que o orador antecedente se esquecêra de mencionar os lentes de Coimbra, continúa assim:

«Esta especie de gentes de quem verdadeiramente se pôde dizer o que um grande sabio nosso asseverava de outros que taes que são *creados a la leche de la servidumbre*—são homens de monita secreta, acostumados ás cortezias dos estudantes que, ou por vileza, ou por dependencia, continuamente os incensam, acostumados a enunciar cathêgoricamente o seu juizo, de que ninguém ousa appellar, são em geral pedantes, e hypocritas por um habito quasi necessario onde tudo é *padresco*, e de plataforma. Depois d'isso o nenhum uso

dos bons livros, o afêro aos velhos e rançosos, tem creado um como cirro n'aquellas almas, que toda a medicina da boa, liberal, e legitima doutrina não delirá facilmente. Isto tem excepções, porém não muitas, e nas faculdades positivas talvez nenhuma.»

Depois de tratar largamente da materia em discussão, continúa: — «Mas a universidade de Coimbra caminha como d'antes pela rotina velha e rançosa de sua presumpção estúpida, e de seu orgulho cathedratico; a mocidade inexperta ainda ali bebe o leite da escravidão, e o sustento do despotismo.—Os seus mestres dogmatisam ainda os principios mais subversores da ordem liberal e mais apagadores da luz da natureza. Ha duzias de annos que o livro por que se ensina direito natural e público, sustenta como base, que o poder dos reis vem immediatamente de Deus—quem poderá acreditar que a nação portugueza, ou os seus procuradores, declarando á face da terra a sua soberania, jurando defendê-la e protestando mantê-la até ao ultimo correr de sangue, quem acreditará que esta nação e os seus representantes soffrem o insulto atrevido, o desacato inaudito, e o attentado criminoso de que a sua mocidade seja imbuida em taes principios e infezada com tal veneno; que os orgãos da pública instrucção préguem em público taes doutrinas, e, se não ousam defendê-las, cavilem ao menos por insinuál-as? Quem poderá crer que na capital, nas cidades, nas villas, nas aldeias, nem uma só providencia litteraria, nem um só mestre de mais, nem uma só luz para tantas trevas, nem um só vislumbre para tanta nevoa?!»

O orador prosegue, apostrophando com vehemencia as côrtes, para que dêem instrucção e luzes ao povo portuguez, sem o que este não poderá ser livre. É chamado á ordem por diversas vezes; protesta energicamente que não saíra d'ella, e termina d'este modo: — «Eu es-

tou na ordem; eu não desacato o soberano congresso; ninguém o respeita mais que eu; mas se n'um governo livre não é licito ao cidadão examinar o processo de suas operações, notar os defeitos d'ellas, então não sei de certo em que differe este do despotico. Torno a dizer: — As côrtes portuguezas legislando no seculo XIX sem darem uma só hora de suas tarefas á pública instrucção, é um phenomeno em politica, que a posteridade não saberá explicar. Isto digo eu á face da terra, que as hade julgar a ellas, e á face da nação inteira, que nos julgará a nós todos. Repito, e torno a repetir: — Eu estou na ordem, eu nunca saí d'ella¹».

XV

Apesar das incorrecções e inexperiencias, presente-se já aqui o futuro parlamentar independente, o propugnador da causa da instrucção pública, o mantenedor dos direitos e regalias constitucionaes, cioso dos seus fóros de cidadão de um paiz livre. Quando homens, aliás eminentes, curvados por longos annos de servilismo, não ousavam emittir as suas opiniões, com receio de offender o governo e as côrtes, proclama elle bem alto a sua, lembrando, a quem quer que o esquecesse, que já não vigorava o regimen despotico. Desde que pela primeira vez se confessou franca e lealmente liberal, accitou nobre e corajosamente todas as consequencias d'essa confissão, emigrando, padecendo nos carceres e no exilio, e dando, apesar de moço, generosos exemplos de abnegação e desinteresse aos que hesitavam, reconsideravam, e preferiam ás privações do desterro o jugo rendoso do absolutismo.

¹ *Jornal da sociedade litteraria patriotica*, segundo trimestre, n.º 8, Lisboa, 9 de agosto de 1822, pag. 174 a 178.

XVI

No dia 7 de julho havia-se feito em Madrid uma tentativa de restauração do despotismo, auxiliada pelo desleal Fernando VII. O illustre Martinez de la Rôsa, que era um dos ministros constitucionaes, depois de ter sido abafado o movimento retrogrado, e quando o rei lhe mandava pedir que lhe perdoasse e continuasse no ministerio, rasgou indignado a farda que tinha vestida, e saiu do paço, sendo imitado por todos os seus collegas, deixando o perfido monarcha corrido de vergonha e espumando de raiva impotente. Durante a lucta, succumbiram nas ruas de Madrid muitos martyres da liberdade. Por honra d'elles celebrou a sociedade patriótica de Lisboa sessão extraordinaria, na noite de 24 de julho. Todos os membros compareceram vestidos de luto; e foi encarregado da oração commemorativa do funebre successo José Liberato Freire de Carvalho. No fim do discurso, propoz o orador que nenhum socio d'ali se levantasse sem primeiro dar o solemne e irrevogavel juramento de *viver livre*, ou de *morrer defendendo a liberdade*.

Garrett, substituindo na tribuna José Liberato, recitou com ardente enthusiasmo o epicedio, que principia:

«Voz de morte soou: e o echo funebre
Do Manzanares retiniu no Tejo.
Brado, que ouvimos, que nos feres n'alma,
Que vens trazer-nos?—Liberdade eu trago¹.»

Os cento e doze versos, que o auctor depois alterou e reduziu a noventa com o titulo *A guerra civil*², foram ouvidos com as mais vivas demonstrações de adhesão e

¹ *Jornal da sociedade litteraria patriótica*, segundo trimestre, n.º 18, 13 de setembro de 1822, pag. 420 a 423.

² *Lyrical*, 1853, pag. 236.

sympathia. O genio do poeta dominou a assembléa. Como se fosse agitada por corrente electrica, aquella multidão de homens estremecia e sussurrava, similhante ás vagas do oceano com o contacto dos ventos. Os bravos involuntarios, os gritos abafados, o brilhar desusado dos olhos, as physionomias inflammadas, tudo denunciava os esforços com que a onda humana comprimia os sentimentos, despertados pela voz, pelo gesto, e sobre tudo pela alma ardente do recitador exaltado¹.

Quando elle terminou, a explosão dos applausos prolongados, das palmas e dos bravos, coroou este ultimo verso:

«Tremei no solio, ó despotas da terra.»

Então o presidente perguntou á assembléa se queria prestar o juramento proposto por José Liberato; e ella unanimemente resolveu que sim.

«O nosso socio Garrett—continuou o presidente—acaba de nos exprimir em seus versos os sentimentos de uma alma verdadeiramente livre:

«... a coração que é d'homem
A natureza deu... outra morte
Que algemas e grilhões...

.....
E é bem duro morrer por mãos d'eservavos.»

«Juremos viver livres, porque nossas vidas não sobrestariam á perda da liberdade.»

«E, levantando-se, todos os socios e espectadores o imitaram, e prestaram o juramento com o mais ardente e solemne entusiasmo².»

Sublime poder da eloquencia e da poesia! Foram os

¹ Quasi toda esta descripção foi colhida de testemunhas presencias, membros da sociedade, alguns dos quaes (como José Liberato, e outros) nunca foram muito affeiçoados a Garrett.

² *Jornal da sociedade litteraria patriotica*, tom. II, pag. 423.

versos do poeta que produziram essa unanimidade. Sem elles, não teria faltado quem suscitasse dúvidas e apontasse inconvenientes. Muitos depois se arrependeram de ter jurado; e alguns se jungiram de novo ao carro do despotismo. Garrett, que os conhecia, não lhes perdoava mais tarde o perjúrio. Como o poupariam elles, vendo-o sempre fiel ao seu crêdo, e com talentos que os assombravam?! Não tendo outra arma com que o ferir, serviram-se da calúnia; e nem sempre deixaram de ser acreditados... pela inveja.

IX

Secretaria do reino.— Opinião de Rodrigo da Fonseca Magalhães acerca de Garrett.— Primeiros estudos sobre instrução pública.— Cintra: lyrisimo.— Processo do *Retrato de Venus*.— Defeza e primeiro triumpho oratorio — Prophecia do abbade Correia da Serra.— Casamento.— Educação da mulher.— O *Lyceu das damas*.— Oração funebre de Manuel Fernandes Thomaz.— Quêda da constituição.— Fuga de D. João VI.— Proclamação historica.— Farça de Villa Franca.— Albardas inaufeveis.— Confusão cavallar e asinina.— Desenho para um quadro de historia portugueza.— Sociedades secretas.— Projectos abortados de viagem aos Açores.— Esconde-se para não ser preso.— Embarca no paquete *Duque de Kent*.— Extractos do seu *Diario de viagem*.— Reflexões que suscita essa leitura.

I

Tratando-se do preenchimento de dois logares vagos de officiaes ordinarios da secretaria do reino, foram n'elles providos, por concurso, em 12 de agosto, Garrett e Paulo Midosi, no mesmo dia em que eram despachados para a da justiça André Joaquim Ramalho e Rodrigo da Fonseca Magalhães¹. Garrett fez brilhantissimo concurso,

¹ O *Diccionario bibliographico portuguez*, tom. vi, pag. 365, art. *Paulo Midosi*, diz que as nomeações são de 22 de novembro de 1822. Não é esta data a unica das que n'aquella notavel obra estão em desaccôrdo com as que tenho por verdadeiras. Ha ali varios erros que corrigir a respeito de Garrett, e de outros auctores; mas isso não impede que para sempre seja respeitada a memoria de Innocencio Francisco da Silva, como a de um benemerito das letras portuguezas, e que se deplore o não ter elle podido viver o tempo preciso para concluir tão util monumento.

A referencia de Innocencio era á carta régia, que confirmou o decreto da nomeação; e essa mesmo é de 2 e não de 22 de novembro. Eis a prova:

dando provas de tão grande saber, que d'ahi a pouco tempo foi feito chefe da repartição de instrucção pública e estabelecimentos pios.

Rodrigo e Garrett já eram amigos; porém, desde então, as relações tornaram-se muito mais íntimas entre elles; e assim duraram até quasi ao fim da vida de ambos,

«D. João por graça de Deus e pela constituição da monarchia, rei do reino unido de Portugal, Brazil e Algarves, etc. Faço saber aos que esta minha carta virem que, tendo approved por decreto de 12 de agosto do corrente anno a proposta, que, precedendo concurso, e em conformidade do § 13.º da lei de 12 de junho do mesmo anno, me apresentou o conselho de ministros e secretarios d'estado para os logares que faltavam a preencher nas secretarias do reino e justiça, depois de approvada a primeira proposta pelo decreto de 29 do sobredito mez de junho: houve por bem nomear para official da secretaria d'estado dos negocios do reino a João Baptista da Silva Leitão Garrett, o qual no dito exercicio gosará do vencimento e direitos que por elle lhe competem em virtude da mencionada lei, e prestará juramento na chancellaria de bem e fielmente servir o referido emprego. E por firmeza de tudo lhe mandei passar esta carta por mim assignada, passada pela chancellaria, e sellada com o sêllo do estado. Não pagou novos direitos, por haverem de se lhe descontar do seu respectivo ordenado no thesouro publico nacional, na fórmula da portaria de 18 de outubro proximo passado. Dada no palacio de Queluz aos 2 de novembro de 1822.—El-rei com guarda.—» (Arch. nac., *Mercês de D. João VI*, liv. 17, fl. 30 v.) Estes diplomas eram registrados na chancellaria mór do reino, e na secretaria do registro geral das mercês. Na chancellaria copiavam o documento na integra; mas na secretaria das mercês omittiam o que lhes parecia, e, ás vezes, limitavam-se apenas a fazer um extracto. A carta de Garrett não foi registrada na chancellaria; e acho isso singular, visto estarem ali as de Rodrigo, Ramalho e Midosi. Até na que se registrou na secretaria das mercês falta a referenda do ministro, que era Philippe Ferreira de Araujo e Castro! Além d'essa assignatura devia ter, como a de Paulo Midosi, mais isto: «... José Antonio do Valle a fez. = *Manuel Nicolau Esteves Negrão*. = Não pagou os direitos velhos ou da chancellaria devidos conforme uma portaria expedida pela secretaria d'estado dos negocios da fazenda, que assim o ordenou, e aos officiaes 3\$450 réis. Lisboa, 4 de fevereiro de 1823.»

apesar da differença das idades. Rodrigo, que tinha mais doze annos, foi constante admirador do poeta, de quem dizia muitas vezes, desde 1822: «Se aquelle diabo tivesse tanto juizo como tem talento, todos nós em Portugal haviamos de ser o que elle quizesse, e não elle o que nós quizermos».

Não era juizo que faltava ao auctor de tantas maravilhas como as que nos deixou; era o genio intrigante e o character maleavel, que elle nunca quiz ter, para dominar politicamente qualquer partido. O seu pensamento constante foi ser util á sua patria e á liberdade, sem curar de saber se o logar em que as servia era o que legitimamente pertencia aos seus talentos ou se lhe era inferior e secundario. General ou soldado, nas letras, na administração, na politica e na magistratura, entendia que todo o homem de bem podia servir o emprego que lhe destinassem as circumstancias. Por isso, apenas foi elevado a chefe da repartição de instrucção pública, tratou logo de organizar o serviço, dando-se a estudos serios, sobre materias que mais tarde lhe aproveitaram para começar em Londres o seu tratado *Da educação*. «Na pratica dos negocios, e no trabalho assiduo de tão importante repartição foi amadurecendo com a experiencia um talento naturalmente elevado, e que, aliás, correria o perigo de se desmandar pelas bellezas chimericas do ideal, que fascina e muitas vezes torna para sempre inuteis os mais subidos engenhos¹».

O emprego público, tornando-o independente da familia pelo lado pecuniario, collocava-o em condições de poder satisfazer os seus desejos, casando-se com a mulher que idolatrava. Disse-se que o pae d'esta pretendêra oppôr-se ao casamento, allegando que a filha era ainda muito nova, e manifestando idéas de sair com ella

¹ Biographia manuscripta.

para fóra do reino; e que os parentes venceram a sua verdadeira ou fingida repugnancia, fazendo-lhe sentir a honra que esse enlace dava á familia. É de presumir que a menina, opportunamente consultada, pozesse termo com o seu voto ás hesitações paternas. Moço, gentil, coroado em tão verdes annos pela aureola da gloria, o auctor do *Catão* não era para que o rejeitasse nenhuma mulher, fosse ella a mais formosa do seu tempo.

Concedida a mão da noiva, começou João Baptista a mobilar a casa com grande gosto, ajudado por Paulo Midosi e sua mulher, que sinceramente lhe eram affeição-dos.

II

Os mezes de setembro e outubro d'esse anno foram porventura os mais felizes da sua vida, se os encararmos pelo lado das sensações que dia a dia lhe produziram. D. Luiza Midosi ia de vez em quando passar alguns dias a Cintra, e era permittido ao ditoso namorado acompanhar a familia. Que sitios para amores e cantares, quando o amante e o poeta se chama Camões, Garrett ou, pelo menos, Bernardim Ribeiro, e tem vinte e tres annos! As aguas, a verdura, as flores, o trinar das aves, o gemer dos ventos, as penedias da serra, a luz coada através da nevoa, as sombras mysteriosas dos valles, tudo é poesia, encantamento, lyrismo, tudo canta dentro n'elle com musicas suaves. Annalias, Delias, Julias, todos esses nomes impostores, a que se consagram versos mais impostores ainda, tudo é mentira como a maior parte das suas datas postas ao acaso. Verdade só é o que se sente e se não diz, porque não ha lingua de homens que possa descrever o que em taes momentos vae na alma, se o amor é real e verdadeiro.

Faz hoje um anno, Sapho no salto de Leucates, O Rou-

xinol, Melancolias, todas essas composições seriam então feitas; mas só a primeira exprime com certo colorido o estado de um coração enfermo. Ou fosse da fôrma, que era ainda Filintista e Horaciana, ou fosse porque a paixão fallasse menos do peito que da cabeça, o certo é que falta a estes versos da sua mocidade o colorido quente e forte, o sentimento indubitavel dos que escreveu aos cincoenta e tres annos, nas *Folhas cahidas*.

III

O processo do *Retrato de Venus* arrancou-o de repente ás delicias d'essa Capua pittoresca. Tinha o poema sido accusado em Coimbra, perante o jury, de materialista e impio, no dia 25 de junho; e julgada materia a processo, o indiciado réu avocou a causa para Lisboa, onde tinha fixado residencia.

Esse processo memoravel acabou de firmar a reputação do nosso auctor, que perante o tribunal defendeu pessoalmente a sua obra, em 4 de outubro¹. Foi aquelle

¹ Dizia elle n'um discurso, que proferiu na camara dos deputados, a favor da liberdade religiosa, no dia 1 de julho de 1839, que n'esse dia fazia annos que tinha comparecido perante um tribunal «accusado por um estúpido procurador da corôa de atheu e deista ao mesmo tempo, etc.» Ou lhe faltava já realmente a memoria, ou o erro da data entrava no seu systema de baralhar tudo. O processo julgou-se a 4 de outubro, n'uma sexta feira, e não a 1 de julho. Aqui dou como documento interessante a copia do libello.

Copia do Libello o Promotor Fiscal o Doutor Philippe Arnaud de Medeiros, sobre os abusos da liberdade da Imprensa, contra o Réu João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, como Auctor do Poema denunciado, intitulado — O Retrato de Venus —.

Copia

Reduzindo a libello ou a artigos, a denuncia fl. 2 se diz pela melhor fôrma de direito = E. S. C.

o primeiro e mais solemne acto do jury para a liberdade de imprensa na capital. Era igualmente a primeira vez que o moço bacharel tomava a palavra como advogado; e tratou não só de justificar o seu livro da accusação de immoral e irreligioso, mas tambem de prestar homenagem á instituição do jury, congratulando-se com os seus juizes por se ver na presença d'elles e poder desaffrontar-se como homem e cidadão de um paiz livre.

« Senhores, — disse elle aos membros do tribunal —

P.=e se acha accusado o escripto intitulado=Retrato de Venus=pelos abusos da liberdade da Imprensa.

P=e é o primeiro abuso escrever-se a fl. 15=Tu do Universo Creador principio=Venus! Oh Mãe d'Amor oh Mãe de tudo=que Amor é tudo que só tu com elle=ambos creastes e regeis o Mundo=que a natureza sois ou ella é vossa=»

P=que por este modo de escrever se nega ad-existencia do Ente Supremo, constituindo-se em Logar d'Elle, e como Creador do Mundo, e como director da sua formação e marcha regular, um principio a que chama natureza; a esta natureza constituída na tendencia á propagação, e reprodução: fabulizando assim este principio debaixo do nome de Venus, e de Cupido.»

P=que supposto nas Obras Poeticas se adoptem os nomes dos Deuses da Gentilidade, ou da Fabula, com que os poetas substituiram as idéas verdadeiras, é necessario que quando o Réu tratasse do Ente que Creou e Rege o Mundo lhe appropriasse poeticamente o Nome d'Aquelle Deus, que segundo a Fabula se caracterise como Creador, e como Superior a todos os outros, como Senhor dos Raios, e dos Castigos; e não chamar a Venus e a Cupido para Creadores do Mundo; sendo estes já creados, e sujeitos áquelle primeiro Superior a todos; o que dá toda a idéa de materialismo; onde um principio Creador buscado em a materia mesma: pois que essa mesma inclinação á propagação, e reprodução que assim mesmo não tem logar em tudo, que fórma o Universo, já foi creada, e já procedeu de outro poder Superior. É portanto contra a Religião attribuir a Creação do Mundo, e o regime da sua harmonia a um Ente, que não seja Superior, a tudo, que é creado.»

P=que o segundo abuso apparece em a Nota a folhas 26 verso onde se diz=que o Philosopho se deve contentar em reconhecer a existencia de um Ente Supremo; e parar onde se lhe acabam as

Que um réu compareça tranquillo, reasseguro na presença de seus juizes; que elle encare sem desmaiar o olho álferta do julgador penetrante; que fite sem sossôbro o rosto severo do magistrado imparcial; que o apparato santo e magestoso de um tribunal augusto o não atterre e confunda; nem é novo na historia dos processos, nem para admirar da pouquidade humana. Tanto valem virtude e innocencia; tal seguridade e afouteza dá uma consciencia tranquilla e um coração puro, que nem o receio da pena lhe apressa as pulsações, nem o descoçoamento da culpa lh'as attenúa. Não, senhores; nos

forças nem prosegue em investigações, onde se lhe apaga a Luz da fraca razão . . . e por isso os Theologos desbocadamente nos pintam, e nos querem fazer crêr em um Deus vingativo, e irado, e capaz emfim de todos os crimes, e vicios que elles em sua Alma alimentam, e nos querem vender por virtudes=»

P=e eis aqui em primeiro logar negada a Crença de tudo; que é de Fé, e excede a razão. E em segundo logar confundida a Justiça com a Vingança: chamando desbocados os Theologos, que fallam da Justiça Divina. Por uma tal Doutrina são impias, e Vingativas todas as Leis Criminaes: e não póde ser justo aquelle, que castiga o Crime; podendo tambem perdoar.»

P=me contento em apontar estes defeitos Capitaes comprehendidos sem dúvida no Artigo Decimo da Lei da Liberdade da Imprensa; deixando de apontar algumas outras passagens como se vê a folhas trinta e nove, setenta e nove, e folhas oitenta e uma; porque podem desculpar-se com pinturas, e ficções Poeticas.»

P=que em taes circumstancias deve ser applicada a pena da lei aos arguidos abusos.=E custas=Como Promotor Fiscal=*Philippe Arnaud de Medeiros.*»

Está conforme com o Original ao qual em tudo, e por tudo me reporto. Lisboa vinte e cinco de Junho de mil oitocentos e vinte e dois annos. Caetano Machado Mattos, Escrivão do Crime da Côrte, e dos Conselhos dos Juizes de Facto, sobre os abusos da Liberdade da Imprensa, por Sua Magestade Fidelissima que Deus Guarde, a escrevi e assignei.=*Caetano Machado de Mattos.*»

(Tem por fóra, com letra de Garrett: 6.^a f.^{ra} ¼ de outubro. Foi o dia do julgamento como póde ver-se nos jornaes do tempo.)

mais devassos tempos, nos mais vergonhosos para a especie humana, mais fartos de vicios, mais escassos de virtudes ha sempre (e algum vislumbre de consolação deviam os céus á virtude!) ha sempre, mas que raros, exemplos de fortaleza honrada e de segurança nobre. A ordem compensadora da natureza, se tolera Neros julgando, tambem lhe dá Senecas para réus. Mas o que é de certo novo, o que não achareis succedido desde que o mundo depravado careceu de juizes, porque teve réus, é que á face do tribunal, que ha-de julgá-lo, venha o accusado exultar de jubilo com os seus juizes, venha á barra do tribunal dar-se os parabens de se ver a ella, venha congratular-se com os que o ouvem, venha regosijar-se com os que o observam. E esse homem, senhores, esse accusado sou eu. Consenti-me este desafogo, deixae que aproveite esta occasião de saudar *pela primeira vez*, sim *pela primeira vez* a justiça, té aqui fugidia, que vem *pela primeira vez* sentar seu throno no meio de juizes portuguezes. Espancada de nossos tribunaes, acosada dos sobornos e das chicanas, seculos ha que a não vemos. Nossos paes e avós morreram sem lhe ver a face augusta; estava para os netos, entre tantas ditas nacionaes, ter mais essa ventura.

«Perdoae-me, juizes, eu fujo do assumpto; mas não deixa logar á rasão a embriaguez de um grande prazer: desculpae-me a effusão d'elle; recebei os meus parabens, recebei-os de todo o meu coração.

«Desafoguei a minha alma da inundação de jubilo, que a opprimia: á minha causa venho; entro na minha defeza. Tão simples será ella como é simples a minha innocencia: tão sinceros serão os meus labios em defender a obra accusada como foi sincera a penna que a escreveu. Responderei um a um aos artigos do libello do promotor fiscal d'este conselho; e sem me entreter com a generalidade da accusação, os examinarei de per si cada um.—

P. = e é o 1.º abuso — até tudo o que é creado. Se dizer isto, senhores, é negar a existencia de Deus, oh! que de atheus cobrem a terra. Não ha sabio que o não seja, não ha philosopho em quem não assente esse nome. — Eu não conheço na natureza senão duas forças, a da attracção, e a da repulsão. Por ellas se equilibram os corpos, por ellas gravitam. As moléculas mineraes que no centro da terra se juntam por chimica affinidade, a attracção as une; o pólen que vae do pystillo ao estame fecundar a flôr, e continuar a especie da planta a que pertence, pela attracção a busca; o macho que procura a fêmea, e machinalmente prolifica, a attracção o levou a ella. Este instincto que nos impelle a tudo quanto é prazer, que nos repelle de quanto é dôr, que é senão attracção e repulsão? Unicas forças do universo, unica potencia da materia, unico movel das cousas physicas, e unico tambem das moraes. Interesse lhe chamam os moralistas, affinidade os chimicos, mineralogistas e physicos, instincto os zoologistas, mas todas estas especies se comprehendem n'um só genero — attracção. Esta attracção, este principio de vida que anima o Universo, esta força de reproducção constante, que une e vivifica a grande cadeia dos seres, e leva de ente a ente o impulso da existencia por uma serie sem interrupção, este principio eterno e invariavel, eis aqui o que eu quiz poeticamente explicar nos meus versos. Personifiquei-o em Venus. É Venus a deusa de amor, amor se chama a attracção animal da especie mais nobre; amor poeticamente chamou Darwin á attracção das plantas; assim o pediu a poesia, assim o disse; não me parece dever arrepende-me. E que pretenderia o meu accusador? que expendesse friamente em um poema todo o systema das attracções de Newton? Ou quereiria que como o nosso Camões no canto nono dos seus *Lusiadas* acabasse com a minha protestação de fé; e depois de ter fallado em Venus, Palas e Juno, dissesse: tu-

do isto é fabula, nada d'isto é real, são ficções poeticas, que envolvem grandes verdades. Nenhum defeito maior que este tem o nosso poema immortal; e em nenhum lugar d'aquella obra inimitavel assentou melhor a espada da critica do que n'este. Ariosto deu a allegoria do seu *Orlando*, Tasso a da sua *Gerusalemme*. O primeiro nem com ella faz intelligiveis as suas monstruosidades, o segundo tornou com ella obscura a clara intelligencia de suas brilhantes composições. Mas estes grandes genios tinham a explicar chimeras, a realisar sonhos, a tornar sensiveis objectos de pura imaginação. Eu expuz a natureza, e o principio agente de seus phenomenos, dei-lhe um n'ome poetico, eis aqui todo o meu crime. Sou atheu porque chamei Venus á natureza, sou atheu porque fui poeta, sou atheu porque insulsa e inspidamente não disse: a natureza move-se pela attracção, continua-se por ella. Porque não fallei em Deus creador? Diz quem me accusa

Dois pretextos e uma só causa me trazem á barra d'este tribunal. Uma só causa fez a minha accusação, dois pretextos a capearam. A causa, senhores, a causa unica, juizes, é porque eu sou um homem livre, e o meu accusador um escravo. Espanta-vos este enunciado? Pois é tão certo como a verdade. Execração vos causou sem d'vida: prepara e o riso e a mofa, ides ouvir os pretextos. Eu sou, senhores, eu sou na bocca de tão estúpido accusador, materialista e deista ao mesmo tempo; o que vem a dizer que nego, e reconheço a Deus; desminto e affirmo a criação; creio e não creio na força activa da materia; alfim sou e não sou o mesmo homem a um mesmo tempo. A quem se ha-de dizer que tal se disse em Portugal? Quem ha-de acreditar que tal se escrevesse entre nós? E mais que tudo, que tal se apresentasse em um tribunal de jurados e de jurados especialmente

eleitos para causas litterarias, e de jurados eleitos e convocados em Coimbra?.....»¹

IV

Este discurso vigoroso, auxiliado pela voz sonora, o gesto nobre e o prestigio do nome já conhecido do joven e talentoso orador produziu impressão profunda nos animos do selecto auditorio, que ali attrahira a novidade da causa. Juiz, jurados e espectadores, concorreram todos para que fosse completo esse primeiro triumpho oratorio, presagio de tantos outros muito mais gloriosos.

Na biographia do poeta, muitas vezes citada, do *Universo pittoresco*, diz-se que «o immortal Correia da Serra, o amigo de Lafayette, e de Gregoire, e de quanto havia de illustrações liberaes e litterarias no mundo, o bom velho Correia da Serra, dizemos, então de volta ao seu paiz, onde veiu morrer, estava sentado no banco dos jurados: a gravidade da situação não o podia conter de applaudir o poeta orador, de sorte que apenas este havia acabado de fallar, rompe o veneravel ancião toda a solemnidade do acto, desce da bancada, e vem aos abraços ao que ainda era réu, e a quem ali em pleno tribunal beijou e abençoou como esperanças da honra e da gloria portugueza. Vivem ainda muitas testemunhas d'este facto, etc.».

É possivel que José Correia da Serra estivesse no tribunal como espectador; e não ha motivo para duvidar do facto, que Garrett affirmava com inteira boa fé. Não

¹ Oração, pelo poema *O Retrato de Venus*, em (4) de outubro de 1822. Fragmento, que existe entre os papeis de Garrett

estava, porém, o venerando velho na lista dos jurados, como pôde ver-se do presente documento:

« *Conselho dos juizes de facto*:—Cópia dos quesitos, da declaração dos juizes de facto em resposta aos mesmos quesitos, e da sentença do juiz de direito, sobre a denúncia do promotor fiscal, contra João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, pelos abusos da liberdade da imprensa, como auctor do poema intitulado=*Retrato de Venus*.

Quesitos

1.º O impresso denunciado contém o abuso da liberdade da imprensa declarado no artigo 10.º da lei de 12 de julho de 1821?

2.º O accusado é criminoso d'esse delicto?

3.º Em que grau é criminoso?

O juiz de direito=*Luiz Manuel de Moura Cabral*.

Declaração do conselho

O conselho dos juizes de facto, consultando a intima convicção da sua consciencia, julga que o impresso denunciado não contém o abuso da liberdade de imprensa de que é arguido, nem o accusado é criminoso. Casa do conselho, 4 de outubro de 1822.=*Antonio Joaquim de Lemos Monteiro*, presidente=*Manuel Antonio Vellez Caldeira Castel-Branco*=*Marçal José Ribeiro*=*Antonio José Maria Campello*=*Antonio José Rodrigues de Almeida*=*Bernardo Ribeiro de Carvalho Braga*=*José Ignacio Andrade*=*Joaquim Gregorio de Alpoem*=*José Antonio da Fonseca*=*Matheus Valente do Couto*=*Christovão Avelino Dias*=*Manuel Gonçalves Ferreira*.

Sentença do juiz de direito

Em vista da declaração do conselho dos juizes de facto, absolvo o réu da accusação, e mando que se passe mandado de levantamento do sequestro feito nos exempla-

res. Lisboa, quatro de outubro de 1822. = *Luiz Manuel de Moura Cabral*. — Está conforme os originaes. Lisboa, 15 de outubro de 1822. = O escrivão do processo, *Caetano Machado de Mattos*¹».

V

Terminado esse ruidoso processo, que augmentou extraordinariamente a sua fama, começaram logo a correr os proclamas para o seu casamento com D. Luiza Candida Midosi. E no dia 11 de novembro de 1822, pela manhã, teve enfim logar esse tão desejado quanto desditoso consorcio, na igreja de S. Nicolau, de Lisboa, sendo testemunhas Paulo Midosi, Joaquim Larcher e Ambrosio Pollet².

Dois grandes males tornaram infeliz essa união, que ao principio se afigurava auspiciosa. A incompatibilidade de genios e a desproporção das intelligencias. Garrett era excessivamente impressionavel, ardente e affectuoso como todas as naturezas francas e generosas. Inconstante nos amores, tinha tambem grande facilidade em perdoar e esquecer os agravos que não tocassem na sua honra. O seu coração sensível e a sua alma apaixonada entregavam-se sem reserva a todas as effusões. A sua imaginação vivissima, mostrando-lhe em D. Luiza o sonhado ideal, levou-o talvez a tomar por sentimento

¹ *Diario do governo*, de 18 de outubro de 1822.

² *Liv. 2.º dos assentos de casamento, da igreja prioral de S. Nicolau de Lisboa*. Acho singular que não appareça o nome da madrinha, que é costume haver em todos os casamentos feitos conforme os usos da igreja catholica. Não a haveria, ou representou-a um dos homens com procuração? A certidão foi-me passada a 29 de janeiro de 1875, pelo coadjutor padre Domingos Amancio da Silva; e declara que *nada mais se continha no assento*, feito pelo prior encommendado, José Narciso Pereira de Carvalho e Araujo, que casou os nubentes.

verdadeiro o que provavelmente não seria mais do que sensação passageira, inspirada pelo esplendor da belleza physica.

D. Luiza do mesmo modo se illudiria, julgando amar o marido. Cedêra sem dúvida ao attractivo que todas as mulheres encontram, ao sair da infancia, no olhar do primeiro homem que as contempla. Despertaram-lhe a vaidade, repetindo sem cessar na sua presença o nome já aureolado do poeta; disseram-lhe que seria invejada pelas outras, desposando-o; e a joven, sem comprehender bem o alcance e a gravidade do papel que acceitava, casou, por curiosidade. A sua intelligencia e a sua educação distanciavam-n'a enormemente d'aquelle que tão alto a levantára ¹. Ella poderia aspirar á mão de qualquer homem vulgar; porém nunca á do glorioso escriptor, que deixou immortal nome nos fastos da litteratura portugueza.

VI

Breve reconheceu João Baptista a desigualdade que havia entre ambos, desigualdade que só na vida íntima se pôde apreciar cabalmente. Não sendo, porém, já tempo de arrependimento ou sentindo-se cada vez mais captivo da formosura de sua mulher, tratou de ver se lhe era possível encurtar a distancia que os separava. Com este louvavel desejo, commetteu outra falta maior, que foi a de querer dar a D. Luiza instrucção litteraria, superior á que podia comportar a sua intelligencia, e que ficando por isso incompleta se lhe tornaria mais prejudicial do que util. Avalia-se bem quanto lhe seria grato

¹ Depois de viuva, casou novamente, em Paris, com um ex-conductor d'omnibus, ou cousa semelhante, que me consta ser muito boa pessoa; mas ... Cesar ou João Fernandes!

communicar as suas idéas, os seus pensamentos e projectos á sua companheira, se esta chegasse á altura de poder comprehendê-lo e apreciá-lo. É porém sempre erro gravissimo querer o poeta ou o homem de letras fazer da mulher, não digo já litterata, porque melhor fôra deitá-la desde logo a um poço, mas letrada; sobretudo quando essa mulher é sua esposa. Annos depois reconheceu João esta verdade, e então lhe prestou culto público. Porém as lições da experiencia veem sempre tarde; e os desenganos não remedeiam males passados.

Para desempenho da tarefa que se impozera, começou o poeta, ainda n'este anno de 1822, *O Lyceu das damas, lições de poesia a uma joven senhora*, no estylo das *Cartas a Emilia*, de Demoustier, em prosa e verso¹. Estes estudos, que não teriam sido inteiramente inuteis para a mocidade portugueza d'esse tempo, se seu auctor os houvesse concluido, segundo o plano que traçára, interromperam-se no anno seguinte, ficando para sempre incompletos. Aquella a quem eram destinados recebeu n'elles o nome de Lilia. É possivel que ella se enfiasse, que não comprehendesse a utilidade de saber quem foram Homero, Hesiodo, Alceu, Sapho, Anacreonte, Pindaro, Corina, Thespis, Eschylo, Sophocles, Euripedes, e Aristophanes. Com quem fallaria d'essa gente, desconhecida para as suas amigas? A que proposito a citaria nas suas conversações? Esses sujeitos não tinham inventado os peitinhos de pregas de gaze, nem os chapéus *á la Berton*, ou os enfeites de plumas á Tupinambá, ou á

¹ *Catalogo manuscripto*.—Dito, impresso, no tom. xxii das *Obras*. As primeiras lições foram publicadas annos depois, no *Chronista*, Lisboa, 1827, com a seguinte nota ao primeiro artigo: — «Suppõe-se que os leitores não desapprovarão o ir-se publicando na parte litteraria d'este semanario um trabalho cujo fim é fazer amavel o estudo das letras, e introduzir entre nós o tão engraçado quanto proveitoso methodo de Demoustier para ensinar divertindo.»

Independente¹. Que importa que os gregos fossem os primeiros que deram regras á dança? Isso tinha sido muitos seculos antes, e os portuguezes não são romanos, para que venham cá Pylades e Bathylos ensinar-lhes o menuete ou a gavota.

Poetas fazem somno a quem não tiver nascido com a alma afinada para a poesia. O tedio das lições devia acabar por tornar tambem o mestre fastidioso. Querer dar ás mulheres educações superiores ás suas faculdades, é fazer d'ellas preciosas ridiculas, quando muito. As Sigeas, as Stael e as George Sand são raras. E, ainda assim, que homem honrado quererá d'estas ultimas na sua familia, apesar da celebridade que as segue além da campã?...

VII

Dezeseis dias depois de casado, a 27 de novembro, obtive novo e estrondoso triumpho com a *oração* á memoria de Manuel Fernandes Thomaz. A perda d'este grande cidadão, lamentada por todos os liberaes como verdadeira calamidade pública, inspirou á sociedade litteraria patriotica o pensamento de celebrar uma sessão solemne em honra do fallecido. O talento natural de orador, que Garrett manifestára na celebre sessão do jury, fez com que a sociedade o escolhesse para recitar o elogio funebre. Immenso e escolhido auditorio o applaudiu com lagrimas². Outros poetas e oradores preencheram o resto da sessão com discursos e versos; mas ninguem

¹ Modas d'aquelle tempo.

² Publicou-se esta oração n'um folheto intitulado *Discursos e poesias funebres*, recitados a 27 de novembro de 1822, em sessão da sociedade litteraria patriotica, celebrada para prantear a dôr e orphandade dos portuguezes, na morte de Manuel Fernandes Thomaz. Lisboa, typographia Rollandiana, 1822.

como elle impressionou e commoveu os ouvintes. D'isso tomaram nota os apostolicos, para em tempo opportuno galardoarem o auctor conforme seus merecimentos....

VIII

A morte de Fernandes Thomaz apressou a terminação do curto periodo da liberdade. Aquelle cidadão illustre fôra a mais forte columna da constituição de vinte. Borges Carneiro era o coração e Fernandes Thomaz o cerebro da revolução. Este era a clareza, o methodo e a força; aquelle, o enthusiasmo e o sentimento. Um arrebatava os espiritos e conciliava as opiniões do alto da tribuna; o outro preparava no gabinete as reformas, com que ía enxertando na velha arvore nacional o espirito da vida moderna. A perda de Borges Carneiro tiraria á obra de ambos apenas a poesia da eloquencia revolucionaria; a de Fernandes Thomaz, privava-a de movimento.

Havia certamente nas côrtes de 1822 muitos homens de intelligencia cultivada e de talento não vulgar, tão sinceros liberaes como aquelles dois patriotas; mas nenhum teve a energia sufficiente para tomar a direcção dos negocios e levar ao cabo as reformas precisas. Morto Fernandes Thomaz, em vez de consolidarem o pensamento dos homens de 1820, decepando e estirpando preconceitos e abusos, consumiram o tempo em questões de theoria e em luctas dogmaticas, ao passo que a contra-revolução se organisava francamente.

« Os primeiros mezes do anno de 23 viram ir-se fundindo a revolução, evaporado seu calor sem nenhum effeito, e a contra-revolução levantando audazmente a cabeça por toda a parte ¹. » Em 23 de fevereiro, o conde

¹ Garrett, *Obras*, tom. xxiii, pag. 353.

de Amarante soltou em Villa Real o primeiro grito a favor do rei absoluto; mas, sendo batido pelas tropas constitucionaes, teve de refugiar-se em Hespanha. As côrtes, que deviam dar força ao governo, votando providencias energicas, com que provassem as suas convicções e o seu amor á liberdade, continuaram até fim de maio sem fazer nada util. A esse tempo pedem directamente ao rei a mudança do ministerio e assistem de braços cruzados á saída do infante D. Miguel, com o regimento n.º 23, para Villa Franca de Xira. Ahi, o principe rebelde, que conhecia tanto a tibieza dos constitucionaes como a de seu real pae, declara, n'uma proclamação, que o seu intento é substituir o systema liberal pelo absoluto.

D. João VI, prevendo que se não pactuasse com a revolta do filho seria desthronado, e talvez morto por elle, protestou ao paiz, tambem em proclamação «que saberia manter a constituição que livremente jurára», e fugiu, em seguida, n'esse mesmo dia (30 de maio), para Villa Franca, levando o regimento de infantaria n.º 18! Em 3 de junho assignou o rei a famosa proclamação historica, inspirada ou dictada pelo que depois foi barão da Ribeira de Sabrosa, Rodrigo Pinto Pizarro. Esse documento que «só á historia compete avaliar um dia sem paixão o porque não foi cumprido ¹» foi mais tarde pública e generosamente interpretado por Garrett ², que contudo conhecia bem o auctor, seu consocio na sociedade litteraria patriotica ³.

¹ Garrett, *Obras*, tom. xxiii, pag. 396.

² Loc. cit.

³ Em 1852, estando sobre a minha mesa de trabalho um exemplar, que ainda conservo, d'essa proclamação celebre, Garrett pegou n'uma penna e escreveu por baixo da assignatura de Joaquim Pedro Gomes de Oliveira: «Auctor Rodrigo Pinto Pizarro, que a levou feita para Villa Franca e ahi lh'a acceitaram tal e qual. Este é o que depois foi barão de Sabrosa, ministro e eximio patriota a quem nenhuma constituição bastava por liberal!!!!!!!!!!!!»

Na vespera fôra assignado pelas côrtes, por proposta de Borges Carneiro, um protesto irrisório contra qualquer modificação que se fizesse na constituição de 1822! João de Sousa Pinto de Magalhães, que presidia á assignatura d'esse documento arcadico, tentava confortar alguns dos deputados, que pareciam mais inconsolaveis com a quêda da constituição. Um d'elles, que mais tarde foi feito visconde pelo governo da senhora D. Maria II, gritava:— Isto é uma infamia, uma vilania da corôa! Deixemo-nos de protestos! Armemos o povo para que nos ajude a defender a sua causa. Morrâmos antes que deixemos triumphar o absolutismo!

—É impossivel agora— respondia João de Sousa. — Tranquillisa-te. Sejam prudentes e conseguiremos talvez mudar dentro em pouco a face das cousas.

—Não! não! — insistia o outro mais exaltado — Antes morrer que retrogradar!

Saiu, depois d'este protesto ardente.

João de Sousa, que começava a desconfiar talvez de tanto patriotismo á ultima hora, soube d'ahi a pouco que elle tirára o laço patriótico e partira para Villa Franca, onde foi offerecer os seus serviços a D. João VI! Atraz d'esse foram indo outros muitos, de todas as classes e categorias; de modo que a farça da villafrancada acabou de representar-se com grande numero dos actores da comedia constitucional¹!

Nos nove pontos de admiração, postos como gracejo, ha talvez uma justiça cruel. A historia que o avalie. Hesitei se deveria entregar-lhe este apontamento, que é todo particular, e annulla em parte a generosidade do auctor na *Memoria do barão da Ribeira de Sabrosa* (tom. xxiii das *Obras*); mas entendi que não tinha o direito de sonégál-o.

¹ É de justiça dizer-se que alguns d'elles resgataram depois nobremente essa falta, servindo a liberdade.

IX

No dia 5 voltou o cyrio da tyrannia para Lisboa. D. João VI vinha em carro descoberto, rodeado de grande multidão, que dava vivas ao rei absoluto e morras á constituição e á liberdade. D. Miguel dirigia a ovação, em trajos de generalissimo. Muitos militares, povo, e diversos titulares tiraram as cavalgadas do coche real e tiveram a gloria de as substituir, puxando por el-rei com mais brio e gallardia do que as proprias alimarias. Alguns levavam n'uma das mãos as espadas desembainhadas, nas folhas das quaes se lia—constituição ou morte! Esta circumstancia dava grande dôse de côr local aos pretendentes das albardas *inauferiveis*, que em dias successivos andaram depois a reclamar nos jornaes sobre quem era mais... propenso a puxar carruagens. Foi uma confusão de especies extremamente comica, porque todos queriam para si a honra de se terem transformado em quadrupedes¹.

Outro facto eloquente n'esses successos de fomentadora memoria, foi um annuncio, publicado no dia immediato ao da representação da entrada, na *Gazeta de Lisboa*, dizendo «que se vendiam as parelhas que tinham puxado a carruagem de el-rei, no seu regresso de Villa Franca, e que quem as quizesse comprar fosse a Belem ou ao campo de Sant'Anna, onde estariam á venda». Imagine-se o effeito prodigioso de tão commovedora noticia, inserida inconscientemente com os outros annuncios da folha official! Affirmaram-me que D. João VI chorou... a rir; e que não queria que se retirasse da circulação aquelle numero da *Gazeta*. Mas o pobre rei nunca

¹ Veja a *Gazeta de Lisboa* de 9, 10, 11, 12 e 13 de junho d'esse memoravel anno.

governára menos do que agora, que era mais absoluto! A policia mandou recolher immediatamente todos os exemplares já distribuidos, e fez outra edição, sem o satyrico annuncio. Attribuiu-se este *espirituoso* caso a um bibliothecario do Porto.

Seria para lamentar que as artes do desenho se não aproveitassem da magnifica vista que offercia o regresso de Villa Franca. Felizmente houve quem se lembrasse de que seria defraudar a historia o privál-a d'esse quadro pittoresco, e um artista foi encarregado de o entregar á posteridade¹.

X

A transição para o absolutismo fez-se como por encanto em todo o paiz. Dir-se-ia que a maioria da nação estava já aborrecida de ser livre, ou cansada de ouvir os constitucionaes declamarem nas côrtes suas inuteis theorias! A contra-revolução consummou-se placida e pacificamente, começando desde logo as perseguições, denúncias, deportações e prisões dos vencidos, que pretendiam conservar-se fieis á causa da liberdade. Um decreto fulminou os pedreiros livres, carbonarios e communeros, ameaçando com as mais graves penas a quem seguisse ou protegesse taes seitas. A policia, atiçada pelos apostolicos², assaltou as lojas maçonicas de Lisboa, Porto e Coim-

¹ Existe ou existiu na secretaria da justiça grande numero de estámpas, mandadas fazer para *Quadros de historia portugueza*, ou outro semelhante titulo, entre as quaes havia uma que representava a entrada de D. João VI em Lisboa, na volta de Villa Franca. O desenho não era muito correcto; mas conheciam-se alguns dos retratos dos eximios substitutos dos mulos. Que documento tão glorioso para as vidas d'esses varões illustres!

² Como era natural, tambem se não esqueciam do auctor do *Dia 24 de agosto*. De Coimbra escreviam para a *Gazeta de Lisboa*, de 26 de junho, entre outras cousas: «A proposito: a irmandade

bra, manifestando varios absolutistas o terror e a ignorancia mais comicos á vista de alguns *achados* estu-
pendos ¹.

a que pertencia a loja de Coimbra acima mencionada, denomina-
va-se dos *jardineiros*: figurou n'ella muito J. B. da S. L. G., vulgo
o *bacorinho*, que no ministerio passado de Silva Carvalho e com-
panhia foi feito official da secretaria d'estado dos negocios do reino,
e que me dizem d'ahi desapareceu ».

¹ Veja o curioso livro do sr. Joaquim Martins de Carvalho *Apon-
tamentos para a historia contemporanea*, Coimbra, 1868, de pag. 55
a 69. A estupidez era comtudo n'elles menor do que a perversida-
de, porque o indigno padre Beltrão, aconselhando a D. João VI que
entregasse a D. Miguel a pedreira, para este a *despachar*, concluía
assim:

« A forca em bolandas
Andando apressada,
Da atroz pedreira
Acabe as demandas.»

Este era o que dizia que entre outros horrores se encontraram
na loja maçónica dos *jardineiros*, de Coimbra, *atmospheras de lata!*
O Reitor de Verim, que andava ainda a estudar, fez varias qua-
dras a certos *achados* mysteriosos, duas das quaes dizem assim:

« Abram-se essas lojas,	Veja o mundo trolhas
Chaminés do inferno,	E mitras feitiças (?)
Da lusa piedade	Luyas, aventaes,
Escandalo eterno.	E barbas posticas.»

Estes lembram os d'aquell'outro poeta, que por occasião dos
festejos feitos ao usurpador, no theatro de S. Carlos, quiz imitar
os constitucionaes, nas festas de 1820 e 1821; e, subindo-se a um
banco, bateu palmas e recitou com grande fogo:

«Estando eu no meu quintal,
Á sombra de uma parreira,
Ouvi cantar um passaro:
Viva Dom Miguel primeiro!»

Acolhido por gargalhadas e apupos, o recitador sentou-se, gri-
tando com furioso despeito: — Fóra, malhados!

Felizmente, quasi todas essas associações haviam previsto a tempo que estava prestes a expirar o periodo constitucional; por isso raros de seus membros foram victimas. Parece que as de Lisboa tinham até chegado a organizar meios de resistencia, para annullar as primeiras tentativas da contra-revolução; mas os seus generosos esforços não foram secundados pelo governo, nem pela maioria das côrtes. Os liberaes sinceros voltaram então as suas vistas para os Açores. Era ali que o Prior do Crato reunira as reliquias da antiga liberdade portugueza; devia ser de lá que annos depois resurgiria intemerato o codigo moderno, apoiando o throno da joven rainha D. Maria II. Porque não seriam os poucos homens corajosos de 1823 como os de 1600 ou os de 1828?

XI

Era-lhes preciso achar emissario audaz, que fosse a um tempo homem de acção e de palavra; que reunisse á devoção ardente e entusiasta pela causa que ia advogar, a prudencia e a sabedoria necessarias para o desempenho de tão grave e arriscada missão. Convinha que soubesse aproveitar-se habilmente dos acontecimentos, tirando d'elles o melhor proveito possivel. Mas quem accetteria o melindroso encargo, em tão difficeis circumstancias? A escolha recaiu em Garrett. Recomendavam-n'o todos os precedentes da sua vida, o seu amor á liberdade, o facto de viver a sua familia nos Açores, e porventura mais que tudo o ter já sido em 1821 encarregado de missão identica.

Oppozeram-se, porém, á realisacção d'estes projectos a rapidez dos acontecimentos, e a fraqueza das côrtes e do governo, que acreditaram na fé punica de D. João VI, e na energia com que elle promettia manter a constituição, re-

sistindo aos intentos do filho. A hegira da Bemposta desvendava tardiamente os olhos aos constitucionaes ¹! Só então reconheceram que tudo estava perdido; e tratou cada um da propria salvação. Parte dos que pretenderam mandar Garrett ás ilhas foram os primeiros que fugiram, errando alguns os caminhos do exilio e mettendo-se á estrada de Villa Franca. O peso do real coche assustava-os menos do que ir ganhar com o suor do seu rosto o pão da terra estrangeira!

XII

Garrett desamparou o emprego no dia da fuga do rei ². Não era ministro ou deputado, nem promovêra a revolução de 1820; mas fôra depois o apóstolo ardentissimo dos principios que d'ella emanavam: celebrára-a com hymnos entusiasticos e com discursos patrioticos; justificára-a e defendêra-a contra os que a accusavam e

¹ Por maior que seja o respeito devido á memoria de alguns dos liberaes sinceros, que então dirigiam os negocios públicos, não será possivel encobrir no tribunal da historia, que foi á timidez d'esses homens que se deveu o periodo nefasto do retrocesso para o absolutismo. Quem diria então que um d'esses ministros, aparentemente inerte, viria a ser o maior revolucionario do seculo XIX, em Portugal?! Responda o nome de José Xavier Mousinho da Silveira.

² Entre os seus papeis vi a minuta de um requerimento, pedindo a demissão de official de secretaria em 1823. Julgo, porém, que essa petição não chegou a dar entrada na repartição; e até, pelo character da letra, me parece ter sido escripta annos depois. É a seguinte:— «Senhor—Diz F. bacharel formado em leis pela Universidade de Coimbra, nomeado e confirmado por V. M. por seu Real Decreto e C. Official ordinario da Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, precedendo exame e concurso público: que tendo sido alterada a fórmula do governo, na qual teve logar o seu provimento n'aquelle emprego, se julga por isso nas circumstancias de não dever continuar no exercicio d'elle, e portanto P. a V. M. se Digne conceder-lhe a sua demissão. = E. R. M.»

aggregiam; tornára-se, emfim, o mais sincero e fiel de seus filhos, proclamando bem alto que preferia a morte á perda da liberdade. Entre elle e os inimigos da constituição tacitamente se tinha jurado guerra sem treguas.

Não confiando na generosidade dos vencedores ¹, nem querendo servir com elles, resolveu recolher-se temporariamente á casa paterna. Mas transpirando os planos da maçonaria, revelados talvez por algum dos mesmos que tinham proposto a missão do poeta, foi este denunciado á policia, e teve de esconder-se, fazendo espalhar na cidade que havia já embarcado para as ilhas. Na impossibilidade de procurar asylo na Terceira, e receioso de ser preso, ou enforcado, resolveu transportar-se para Inglaterra. Talvez que ali, reunidos todos os emigrados constitucionaes, mais facilmente podessem combinar-se os meios para novissima restauração da liberdade, logo que isso fosse possível.

A falta de recursos pecuniarios não lhe permitiu fugiar-se immediatamente no paquete *Malborough*, com o seu amigo Duarte Lessa, o conselheiro Ferreira Borges, o ex-ministro José da Silva Carvalho, e outros proscriptos illustres, que fugiam da tyrannia. Porém, assim que obteve o dinheiro indispensavel para a viagem, poz a mulher em casa do sogro, e embarcou occultamente no paquete inglez *Duque de Kent* 2.º, ás nove horas e meia da noite de 9 de junho de 1823. Momentos antes de sair de casa, fôra avisado de que se descobrira o seu esconderijo, e que n'essa mesma noite teria sido preso, se não fugisse!

¹ Lembravam-se estes tanto d'elle que o cardeal patriarcha, D. Carlos da Cunha, logo que voltou a Portugal, publicou uma pastoral em que prohibia com pena de excommunhão maior a leitura de certos livros, sendo um d'elles *O Retrato de Venus*! Foi vingança de fraude! Os constitucionaes tinham-n'o desterrado, primeiro para o Busaco e depois para fóra do reino, por não querer jurar a constituição.

XIII

Nos pouquissimos e truncados pedaços que elle deixou, manuscritos, das suas viagens a Inglaterra, ha fragmentos que retratam perfeitamente o estado do seu espirito n'essa primeira emigração. Ouçâmol-o:

«Junho, 9.—A bordo do paquete inglez Duque de Kent 2.^o—no Tejo

«São dez horas da noite. Bateram agora nas grympas do palacio das Necessidades. No palacio das Côrtes, diria eu ha oito dias! Hoje profanam os frades o recinto das leis e da soberania nacional. — Nação! — Pois somos nós por ventura nação? — Miseraveis! Com que olhos nos verá a Europa, nós que perdemos tão vilmente no espaço de tres dias toda a gloria portugueza adquirida no longo curso de seculos, ganha com tanto sangue, legada com tanta honra e de tempos immemoriaes por bisarros avós a tão indignos, tão degenerados netos! — Ahi se alumia a cidade com fogos de alegria: desgraçados! Que festas são essas com que assim vos regosijaes? — Insensatos! quebraes o silencio da noite com o tanger d'esses sinos, rompeis as trevas da obscuridade com a claridade d'essas lampadas! Para quê? Para mostrar mais clara a vergonha de um povo envilecido? — Não quereis nem que o manto da noite vos encubra os vergões de opprobrio com que vos chagou as costas covardes essa legião de escravos armados, que vos calcam e espesinham? »

Não é já o estylo, diffuso ás vezes, frouxo e imperfeito, dos seus primeiros opusculos. A penna do publicista, manejada agora por mãos habeis e vigorosas, vibra como tremendo açoite nas faces dos que estenderam voluntariamente o pulso ás algemas.

Mais adiante, fallando de si, revela com igual energia purissimos affectos:

«Meu pae, minha mãe! Vós estaes tão longe: e nem o adeus da despedida, nem uma benção que me acompanhe no desterro e seja sobre a minha cabeça escudo de providencia aos azares que me aguardam por essas terras estranhas, onde me leva meu destino! Irei sósinho. . . só. . . tão só como a andorinha que se perdeu do bando das companheiras quando atravessavam o oceano na quadra de suas emigrações! Nem um amigo para fallarmos em nossos passados gostos, para desabafarmos as maguas presentes!—Tudo ahi fica n'esse paiz de escravos e miseria! Amigos, companheiros. . . esposa. . . E a minha esposa, a amada do meu coração, o unico arrimo da minha alma desvalida! A companheira que me associou a Providencia. . . A Providencia!—Não: que me associou a desgraça para soffrer commigo em meus infortunios!—Infeliz! Em má hora te uniram a meus destinos essa vida innocente e gerada para melhor sorte. Aziago foi esse dia em que a minha mão crestada de triste agoiro apertou sobre o altar a tua mão suspirada. Tu sorriste, innocente creatura! Os teus beijos se abriram ao prazer como o botão da rosa vermelha desabrocha com o rocio da aurora, ao bruxear dos primeiros raios do sol.—Ai! quão mal sorriste n'essa hora que devia ser hora de prantos e dia de lucto e choro!—Malfadada! Os meus passos, que já encetavam a carreira tortuosa do infortunio, te conduziram ao leito, por onde hymineu apenas passou de fugida, e o deixou ermo e solitario para a habitação da viuvez e da tristeza.—Esses regosijos, essas festas, esses risos de alegria jovial, esses copos que retinem com as saudes e sinceros brindes de amizade, esses cantos, esses brincos, todo esse tumulto de satisfação, e ingenuos prazeres. . . ai! que é d'elles?—Para onde levou todos esses echos do epithalamio o vento árido que soprou das montanhas da solidão, e em vez dos brandos sons da alegria assovia ago-

ra os uivos da dôr que retinem nos cortados ouvidos. — Oh! minha Luiza! eu, o amado do teu coração, fui eu quem derramou em teus dias innocentes as lagrimas de fel que se entornaram da taça onde me deu a beber o destino. — Esse fel, essas amarguras eram só para mim: porque vieste participar de meus males, e tomar quinhão em minhas desventuras? — Luiza, querida Luizinha, eis ahi os prazeres que nos esperavam, são estas as alegrias que nos promettemos? Triste! Um coração cheio de amor foi a dadiua nupcial que te doei, a unica joia que recebeste de um esposo amante e adorado. — Que é d'elle agora? Retalhado ahi fica em pedaços, que m'ó arrancaram esses carniceiros, e o dividiram entre si para me devorarem todos a alma, que os detesta. — Consolae-a, oh meus amigos: dizei-lhe que o seu esposo, com quanto desgraças o opprimam, não será pelo menos escravo. Esse ferrete de vileza não marcará pelo menos a sua face triste mas honrada. — Oh! meu Larcher! Oh! meu Jervis! Oh! Campos, José Maria! Vós todos entre quem se repartia a minha sincera amizade, companheiros da minha mocidade, socios de meus primeiros annos—adeus! — Juntos entrámos no mundo, unidos gosámos dos primeiros gostos da vida: e agora quando começavamos a firmar os passos no caminho da existencia, agora que declinando o primeiro impeto da juventude começava a razão e a prudencia a nos assegurar no honrado termo de nossos projectos, agora que nos despontava a felicidade verdadeira nos tranquillos prazeres de uma vida socegada e virtuosa . . . agora é forçoso separar-nos . . . ah! e até quando? . . . Talvez só a morte nos ajunte no sepulchro. — Feliz, feliz ainda se a terra de meus paes comer estes ossos quando repousarem na solidão eterna do tumulo ¹!»

¹ J. B. de Almeida Garrett. *Diario da minha viagem a Inglaterra*. — (Fragmentos manuscriptos) 1823, Birmingham.

XIV

Era este o homem a quem malvados invejosos, e inimigos odientos e implacaveis, accusavam de abjecções e torpezas que a minha penna recusa levar ao conhecimento dos vindouros! E a mulher, que elle amou com tal paixão e com tão sinceros sentimentos, mereceria acaso essas paginas eloquentes, em que ficará immortal e que ninguem tem o direito de sonegar-lhe, visto que não as destruiu o calumniado poeta? Que ella as gose, pois, salva da obscuridade pelo poder portentoso do genio, que tudo transforma e embelleza! Que ella as gose... se as mereceu; porque melhor lhe fôra nunca haver nascido do que pagar com ingravidão monstruosa aquelle amor sublime!

X

O proscripto.—Primeira viagem a Inglaterra.—Extractos do seu *Diario*: «A manhã de 40 de junho. Adeus ao Tejo. Enjôo. Idade. Terra, terra! Falmouth. Valor do juramento na Inglaterra. Desembarque. Figuras inglezas. Regularidade da vida britannica comparada com a de um relógio. De Falmouth a Londres. Companheiros.»—Londres.—Enigma indecifrável.—Regresso.—Novos fragmentos do seu *Diario*: «De Londres a Gravesend. Descrições de paizagem. O Tamisa e o Tejo. Os *porters* e os barqueiros. Embarque na escuna *Fame*. Viagem. Ventos contrarios. Arribadas. Um hiate portuguez. Passeio a Darthmouth. Mrs. Triky. A hollandeza velha. Leituras. Porto. Lisboa».—Faro é terror da policia.—Cartas suspeitas.—Correspondencias officiaes.—Esteve no Limoeiro?—Outro ponto obscuro.—Intimação.—Reembarque no paquete *Duque de Kent* 2.^o—Segunda emigração, antes deportação.—*Diario* do poeta: «Partida para Birmingham. Aspecto do paiz. Povoações, monumentos, historia. Chegada. A familia Hadley. Warwick, Edgbaston».—Familiarisa-se com a vida ingleza.—Estudos sérios e estudos futeis, que tambem teem utilidade.—Mais notas do seu *Diario*: «Fabrica Thomasson. Expressões de reconhecimento».

I

Não ha dôr, para corações amantes e sensiveis, como a que os lacera, aos primeiros passos dados no caminho do desterro. Nada mais cruel do que deixár a terra em que nascemos, a familia, os amigos, tudo quanto amâmos e todos que nos amam, para irmos offerecer a estranhos o spectaculo da nossa desventura, e pedir-lhes o seu pão amargo em troca do nosso trabalho!

Quando é o desejo de melhorar de fortuna que nos arrasta para fóra do berço, facil seria pouparmo-nos a essa angustia, com vantagem para a prosperidade do paiz que nos deu vida, e do qual o nosso suor fecundaria o solo. Mas se emigrâmos, fugidos ás perseguições politicas de adversarios implacaveis, sem tempo ao me-

nos de dizermos longamente o ultimo adeus aos que não podem ir comnosco, então não ha penna que possa descrever taes magoas!

Ai! então, é fugir!... fugir, sem olhar para traz, porque nos segue na pista, como feroz mastim, o odio sanguinario da tyrannia. O proscripto é como o cervo perseguido pelo tigre! E não ha fera peor do que o homem, quando as paixões lhe inspiram o gosto do sangue! Nem sequer é dado ao misero, que vaga errante longe da patria, approximar-se das fronteiras, para beijar, com os pés ainda no do exilio, o chão sagrado da terra de seus paes! Não se lhe consente que, sequer de longe, veja erguer-se o fumo dos seus casaes e que aviste os campanarios das igrejas, onde os seus estão orando, e possa, em espirito ao menos, juntar ás d'elles as suas orações! É preciso que o mar o separe de tudo quanto o prende á vida e lhe faz palpitar o seio. A sua presença, ou a sua proximidade, é um perigo que aterra os seus inimigos. Se as saudades conduzirem alguma noite o pobre foragido ao tecto amigo da sua infancia, ahi mesmo será preso, e não se lhe perdoará o seu amor filial nem a sua ternura de esposo, senão com a condição de se deshonnar, abjurando as suas crenças!

II

João Baptista já uma vez fôra obrigado a fugir e a trocar pela ilha Terceira a provincia onde nascêra. Mas ia para terra portugueza, onde não lhe faltavam parentes nem amigos; e levava consigo pae, mãe, irmãos; transportavam-lhe por assim dizer o berço, com tudo quanto lh'o cercava de amores e alegrias. Era creança ainda; tinha que fazer estudos preparatorios, e pouco se lhe dava que elles fossem continuados em Angra,

Lisboa, Coimbra ou Porto. Agora, porém, estava homem: começára a sua carreira com exito brilhante; cá-sára, havia seis mezes apenas, com mulher formosa e joven. Estimado, e com a perspectiva de prospero futuro, via de repente sumir-se tudo isso! Desfazia-se-lhe o sonho da felicidade como se desfazem as nuvens ao impulso dos ventos! Emprego, mulher, patria, porvir de gloria, perdidos talvez para sempre! Quem sabe a que inhospitos mares ia levál-o a onda do destino, ou em que remotas praias faria naufragio o baixel de sua esperança?!

Deixemol-o contar-nos as suas impressões, com a sincera ingenuidade que caracteriza todo este seu *Diário*:

«Junho 10

Graças á providencia bemfazeja! Algumas horas de somno me acalmaram um tanto a agitação do espirito. Sinto que me não péza tanto sobre o peito a oppressão de meus tristes pensamentos.—Ai! quanto ha que não despérto e me acho solitario na triste cama!

.....
 Que arrastar é este de cadeias?—Vir-me-hão agrilhoar aqui mesmo? Enganam-se, que ahi vae o Tejo, onde me sepultarei primeiro, do que entregar-me a seus gryphos.—Em que estado está a minha phantasia! São as correntes da ancora, que vão suspender.—Levae, leve ferro, dae-vos pressa, filhos d'Albion, afastae-me d'estas praias impiedosas; vamos ao Tamisa, refrescar-nos do ardor d'este sol do meio-dia. Aguas leva este Tejo que não apagam sêdes, nem refrigeram calmas: labaredas de escravidão, fanaticas fogueiras andam por essas margens, que lhe aquecem as aguas toldadas, e lh'as enturvam com as cinzas das victimas, e com lagrimas de infelizes.—Ah! que já sôa o apito do mestre. Vamos já mareados.—Adeus, patria! Adeus, Tejo! Adeus.

—O dia está escuro e triste, pesado de nuvens, e feio. Parece que me acompanha em meu lucto. Oh! não quero ver este céu, nem estas praias: vou-me ao meu estreito cubiculo. Tudo por ahi dorme, ou jaz prostrado de enjôo. Quem serão os meus companheiros de viagem? Veremos.—Oh! se eu pudesse ao menos dormir!

11 de junho

Quem me diria a mim, embarcadiço velho, que tinha de enjoar ainda!—Força era que assim fosse: tão alquebrado, e debil estava eu.—Sequer libertou-me este choque das crueis dôres que me davam o rheumatismo.—Ganhei mais este bem com as fortunas da minha patria.—De vinte e tres annos¹ cedo é para começar taes padecimentos.—Embora: fossem estes só!—São horas de jantar: veremos quem são os passageiros.

27 de junho

Terra, terra!—Quem nunca embarcou, escassamente pôde imaginar o prazer inexplicavel que este brado excita dentro do coração do viajante afadigado das penurias do mar, e ancioso de repouisar os olhos em menos tristes objectos que a melancolica solidão do mar, e o monotono azul da abobada que o tolda.—Prazer é grande em verdade; mas quão aguado me foi este a mim! Quanto lhe cercearam de gôsto as considerações penosas que o acompanharam!—Terra, mas terra estranha, terra de desterro, e de exilio. Ao pôr o pé n'estas praias, não verei um gesto conhecido, nem ouvirei uma voz que me diga:—«Repousa, viajante, n'esta terra hospedeira.»—Oh! quão differente ha dois annos des embarquei eu nas areias do Tejo, e cruzei sua dourada

¹ Já começa a encurtar a idade, pois que tinha vinte e quatro annos, feitos em fevereiro de 1823!

corrênte n'um d'aquelles bateis que vogam em continuo giro por suas aguas, e lhe dão visos de uma cidade phantastica edificada para o mercado de um dia sobre os rios da China! Com que prazer avistei aquella columna imperfeita que se ergue do meio d'agua ao pé d'esse cáes a que deu o nome! Lá me esperavam saudosos amigos, e mil abraços que me apertavam de alegria, e um contentamento, e uma satisfação, de que mais propriamente dissera o nosso bardo:

Melhor é experimentál-o, que julgál-o
Mas julgue-o, etc.

Agora quem verei eu n'essas praias sombrias? O taciturno John Bull com as suas botelhas e com os seus negocios, indifferente a tudo quanto não é d'esse genero, e pensando de muito boa fé que um estrangeiro não é homem porque não é inglez. — Orgulhosos sois (não ha hi negál-o) mas que solida base não tem o vosso orgulho, e que rasões a milhares vos não levam quasi por força a desprezar o resto dos viventes, e a vos ter em tal alta conta? — Ricos, triumphantes, senhores do mar, poderosos na terra; livres e cidadãos em vossa ilha, reis e despotas no continente, eis ahi o que ha sido esse povo, e o que agora é mais que nunca, quando nenhum rival em gloria ou liberdade lhe apresenta o degenerado e acobardado continente! . . .

Eis ahi está clara e visinha a terra. É a ponta ou cabo de *Black-head* cuido eu. Negra é com effeito; e negro é todo este horisonte, todo este céu, tudo isto que vejo. Olha que tão feias nuvens pesam sobre as alturas da terra e se alargam por todo esse firmamento. — Cá temos o nevoeiro *classico* toldando os topos das casas. Viva Albion, e as suas nevoas! Mais puro é este ar com toda a sua humidade que esse outro que se respira no delicioso clima de nossas Hespanhas, apesar de sua clareza e

puridade. — Pelo menos é livre este; ninguém m'ò coarcta aqui, ninguém m'ò inveja, ninguém me vem medir os tragos que me toca a tomar d'elle: nem me aguardam calabouços e fogueiras, se o não fiz e respirei segundo as regras do capricho e louca phantasia d'essas sphinges.

7 horas da noite. — O vento é contrario; mas serve no dobrar d'esta ponta. Ahi estão os castellos de Pendennis e S.^t Mawes. Não tem nada veneravel, nem de antiga noticia. Falmouth é povoação moderna: tudo aqui é tijolo e taipa, de pouca dura, e de fresca data.

9 da noite. — Entrámos: ancora abaixo: ahi vem o escaler da visita. — Bem vindos, homens da terra: ha dezeseite dias que não vemos outro vivente. — Feitas ás perguntas do estylo, o capitão jurou sobre um Evangelho a verdade de suas respostas. — Que valor se não dá aqui a um juramento! — É válida prova em juizo, e base de inumeraveis decisões. Porquê? Porque este povo é honrado e religioso. Quebrar um juramento seria o vilissimo dos crimes ao ultimo cidadão inglez; nas nossas terras o perjurio é a *virtude* habitual dos reis! — Aqui vem outro bote; é o *either* da principal hospedaria, *inn* ou hotel como afrancezadamente elles dizem, que nos vem offerecer os seus serviços. — Não, meu amigo, hoje dormirei ainda a bórdo. — Porém ali no bote está uma physionomia, que não é ingleza, nem nova para mim. — Ou sonho, ou é o deputado Xavier Monteiro. É elle mesmo. — «Tambem aqui, senhor?» — E travámos conversação entretida como é de suppôr entre dois estrangeiros que em tão distante parte se encontram. Tinha chegado dois dias antes no paquete Malborough com o conselheiro Ferreira Borges, o ministro Silva Carvalho, o meu amigo Lessa, e varios outros illustres voluntarios proscriptos. Amanhã verei todos estes amigos, lhes darei as novas que sei, e fallaremos na nossa demanda...

28 de junho. Falmouth

Desembarquei em Falmouth, pelas 8 horas da manhã; choviscava um tanto, e o sitio em que puzemos pé em terra não era para dar grande idéa d'ella. Umás tristes escadinhas e um cães mettido n'um bêco são o desembarcadouro. — Não sei que tem todavia esta idéa de *terra* depois de uma viagem enfadonha, que apesar de todos os desgostos, apesar da má apparencia da povoação, do tristonho do clima, e do pasmado das figuras britannico-saxonias, que me rodeavam ao desembarcar, senti por um momento uma sensação de prazer indefinivel, e intelligivel para qualquer que o não tenha experimentado.

Fomos direitos ao *Royal hotel*, unico edificio notavel, ou soffrivel, em toda a villa. Para todo e qualquer estrangeiro, venha d'onde vier, a primeira entrada n'um *hotel* ou hospedaria ingleza é de maravillar. O aceio, a riqueza, o arranjo, o systema de ordem e regularidade que nas mais pequeninas cousas se observa é unico e privativo d'este paiz. Isto tudo aqui anda como um relógio, me disse um dia um portuguez judicioso, fallando de Inglaterra: dá-se-lhe corda e elle vae por si. — Nunca vi comparação mais exacta: desde a constituição do estado, desde a grande machina do governo britannico até ao pequenino engenho da economia de um *cottage*, de uma cabana de aldeia, tudo anda certo, regular, direitinho e methodico: tudo *vae por si* como um relógio...

29 de junho. Falmouth

Tomámos logar no coche da mala, e partimos para Londres, ás 2 da tarde, eu e os amigos José Ferreira Borges, Menezes, e Lopes Carneiro. — É fatalidade minha que ainda me não vi livre d'esta praga de servis: aqui vae connosco no mesmo coche um celebre Ornellas, espia, e ridiculo satélite d'esses infames que governam

em Lisboa. Conheci nas ilhas o pae d'este homem, honrado velho, que ali foi perseguido pelo bachá Stockler. Quanto os filhos saem aos paes¹!

Estrada de Falmouth a Exeter

Este coche corre com uma rapidez incalculavel; os cocheiros inglezes levaram a sua arte á perfeição. Esta raça de cavallos não tem comparação com as afeminadas castas da Andaluzia e Alter, que mais se estimam entre nós. Estes são robustos, possantes, marcham directamente e sem requebros: quando param, firmes sobre os quatro pés. Os nossos cavallos nunca firmam mais que um pé, e uma mão desencontradamente: não sou entendedor; mas cuido que é vicio n'elles. — Que belleza de campos e de arvoredos! Que lindas e pittorescas situações de casas, *cottages*, e quintas! Todavia é esta a mais feia provincia de Inglaterra. Cornwall é mais famosa por suas minas que por suas lavouras. Com effeito em breve o conhecemos. Desappareceu a . . . »

III

Aqui interrompem-se os apontamentos do seu *Diario*. No dia 30 chegou a Exeter, e de ali seguiu para Londres sem ter descansado. Em 4 de julho estava na capital da Gran-Bretanha, e ali conferenciava com os principaes emigrados portuguezes, ácerca da sua *demanda*. Que projectos seriam os dos illustres proscriptos? Em que fundariam as suas esperanças de restauração proxima? Com que meios contavam para levál-a ao cabo? Eis o que eu não pude apurar nunca. Quasi todos os homens notaveis d'esse tempo são já mortos, ou, pelo menos que eu saiba,

¹ Parece que queria dizer o contrario.

nenhum dos vivos teve conhecimento das combinações feitas em Inglaterra, em 1823, nem sei de nenhum documento que nos conservasse memoria d'ellas. Haveria interesse em que ficassem secretas? Seriam segredos guardados por juramento? Trabalhos de maçonaria, conspirações em que se arriscassem as cabeças? Não sei. O objecto d'essas conferencias fica, para mim, enigma indecifrável. É, porém, facil de suppôr-se que n'ellas se tratava de restituir á nação portugueza o regimen constitucional, e que Garrett se prestava a ser instrumento activo d'essas idéas, arriscando a liberdade e a vida por patriotismo. Conjecturo que os emigrados de Londres o reenviavam a Lisboa como o mais destemido campeão das suas opiniões liberaes, encarregado de preparar o regresso dos que, sem serem menos patriotas, tinham comtudo menos amor á constituição do que á existencia ¹. Garrett nunca alludia, nem de leve, a essa torna-viagem a Portugal, desconhecida de todos os que d'elle teem escripto; por isso não posso eu tambem explicar que motivos o obrigaram a voltar á patria, um mez depois de ter fugido d'ella, sabendo que seria perseguido, apenas constasse o seu regresso ². Os amigos que ficavam no quartel da saude muniram-no de cartas, com as quaes esperavam talvez revolucionar Lisboa; deram-lhe os auxilios necessarios, e o poeta saiu de Londres, no dia 26 de julho. Recorrâmos novamente aos seus apontamentos:

¹ Nem de todos os que lá ficaram se pôde dizer isto. Alguns provaram depois que não temiam expôr a vida e outros a perderam pela causa que seguiam.

² Cada vez que, fallando ou escrevendo, se referia ás suas emigrações, contava sempre a segunda como primeira, embrulhando datas, para não ter de fallar n'esta viagem. Esqueceu-lhe, porém, annullar o seu *Diario*, franqueando-m'o sem nenhuma advertencia! E ignorava sem dúvida que existissem no archivo nacional os documentos da policia, que adiante veremos.

«26 de julho. Estrada de Londres a Gravesend

Dormi esta noite no hotel da *Cabeça do sarraceno*; e ás oito e meia saí no coche para Gravesend. A estrada é a mesma que leva a Dover; e caminho como é de França, porventura o mais frequentado de viandantes, coches, etc. A manhã começou brusca e de nevoeiro; mas aclarou depois. Comecei então a descobrir a mais variada e bella perspectiva que ainda meus olhos viram. —A um lado campinas immensas tapisadas de verde, de florestas, de quintas (parques), palacios, *cottages*, campos de lavoura, e jardins de recreio: de outro lado apparecia por entre as arvores um navio de alto bórdo com todo o panno largo. As aguas do Thamesis, em que elle vogava, não se descobriam de baixas; mas só se viam os mastros e as antenas pelos intervallos, que deixavam as arvores, que bordam a estrada e as orlas dos campos. —Subimos uma alturasinha, e então descobri em toda a sua largura e ostentação o rio dominador dos mares, esse Tamisa (escrevo indifferentemente Thamesis ou Tamisa) cujas aguas levam a civilisação, o commercio, as leis, a religião (e tambem os vicios) do primeiro povo da terra aos quatro quartos do universo. —Não ha ahi comparar os caudaes e formosura d'este rio com a magestade e belleza do Tejo e suas margens. As d'este são rasas, monotonas e sem mais belleza que a verdura de seus pastos; algumas arvores e casas desparzidas pela planicie. Mas o continuo fluxo e refluxo de navios e embarcações de todos os generos e tamanhos, uns que sóbem vento em pôpa, outros que descem bolinando em zig-zagues, outros que sem se lhes dar de ventos ou de marés navegam com a mesma facilidade com vento ponteiro ou de servir, praia ou baixa-mar, ao som d'agua, ou contra corrente, tudo isto dá ao Thamesis tal animação, vida, grandeza, que bem compensado fica á vista dos serros

pittorescos, bosques encantados, e mais bellezas poeticas de que se arreiam as viçosas margens do meu Tejo.— Conta-se da ponta de Londres a Gravesend . . .¹ milhas inglezas; e era pouco mais de meio dia quando já as havíamos corrido.— O coche continuou para Dover; e eu e o meu bahú descemos junto de um *inn*, ou estalagem de pouca monta.— Mal puz pé em terra saltaram sobre a minha bagagem uma cafila de *porters*, e barqueiros que disputavam longamente entre si o meu bahú, e outros appensos, até que eu, depois que os vi parados, lhes disse no meu inglez mal amassado: que uma só das suas carretas de mão levaria tudo, e que não havia mister mais que um. Custou a resolvêl-os; mas venceu a minha resolução; e cheguei á outra estalagem, cujo interior deitava uma escadinha para o rio, d'onde embarquei para bórdo da escuna *Fame*, onde tinha tomado passagem para Lisboa . . .

26 de julho. Viagem para Lisbóa

Á tardinha começou a refrescar um tanto o vento, e a alargar um quasi nada; em sorte que levámos ferro e fomos descendo rio abaixo com o favor da maré que ajudava; e assim navegámos até á meia noite, que o vento acalmou de todo, e a maré nos encontrava.

27 de julho

Esta manhã largámos outra vez pela volta das 6 ás 7. O tempo estava bom e temperado; assim que fomos havendo vista de todos os logarejos, e povoações que bordam as margens do rio até que chegámos a . . ., onde deixado o piloto do rio entrámos mar em fóra no canal da Mancha, ou Britannico, segundo lhe os inglezes chamam.— Passámos perto de Dover, e houvemos vista

¹ Não diz o numero de milhas. São trinta kilometros, pelas medidas modernas.

de seu antiquissimo castello, fundação, querem uns do tempo de Augusto, outros do de Claudio, mas conveem todos que romana.—Henrique VIII o guarneceu de valas e trincheiras novas e bem fortificado se conserva hoje.—Chave de Inglaterra—lhe chamaram nos seculos ultimos; porém o seguro cadeado que fecha esta ilha bemaventurada são as suas frotas invenciveis, a cordura dos seus deffensores, e mais que tudo o animo independente e o coração furnido de liberdade e patriotismo que alenta seus habitantes desde o poderosissimo dos lords até ao infimo dos artistas e mecanicos de suas aldeias.—Pouco mais andámos n'esta singradura, que tão escasso nos apontou o vento, e tão pouco adiantámos nos bórdos curtos, que a perigosa costa de França nos obrigava a fazer.

28 de julho

Cada vez se chega o vento mais ao sul e sueste. Temos perto a costa de França pelo cair da tarde. Quasi que se vê o verdejar dos campos. Sinto...

31 de julho. Weimouth

É forçoso arribar. Estes ventos são geraes; nem dão esperanças de mudar tão cedo. Assim o decidiu o nosso capitão com grande approvação e contentamento de sua mulher, nossa companheira de viagem que deseja ver amigos que aqui tem em Weimouth, d'onde estamos á vista.—Vamos de bordo em bordo ganhando um pouquinho de cada vez. O dia está bello...

2 de agosto

Hoje accordou-me o balanço do navio. Será possível que já mudasse o vento, e que vamos caminho de Lisboa?—São 8 da manhã. Verei o que é.—Enganei-me: é um violento sul, que obriga a deixar esta enseada: correriamos grande perigo, se aqui ficassemos, diz o capitão.

—Vamos pois luctando com mar e vento. Hoje nem se accendeu lume: tão trabalhada e molhada anda a pobre companha.—O céu feio e negro.—Vejâmos se leio um pouco.—É uma hora da tarde: estâmos a salvo: ancorámos na angra de Portland.—O capitão e outros passageiros foram a terra: eu ficarei só, e á minha vontade com os meus tristes pensamentos. . .

4 de agosto

Finalmente, eis 'ahi o vento, que dá visos de querer mudar e de facto mudou. Todos estamos impacientes. Vamos largar: são oito e meia da tarde.—Ahi vamos em pôpa.—10 da noite: o vento tornou ao que estava; nunca houvêramos saído. Paciencia! Aqui temos de andar, luctando com as ondas, quem sabe até quando! Ha votos que tornemos para traz. O capitão resolve ir a Brisham, em Torbay, se o podér tomar.

5 de agosto

Felizmente arribámos a Brisham ás 8 da noite.

6 de agosto

O tempo está delicioso. Vem entrando no porto uma véla desconhecida n'estes mares.—É um hiate; e por consequencia portuguez.—Vae passando junto de nós. Oh! que sensações tão diversas me excita a inesperada vista d'essa bandeira aqui n'estas aguas estranhas de um recanto da Inglaterra! D'onde virá, que novas trará do meu paiz suspirado! Talvez algum infeliz como eu navegue n'esse barquinho, demandando estranhas terras; talvez volte n'elle á sua patria, e leve como eu o coração anciado de desejos, e de receios. Porém veio do lado do sul: não saiu provavelmente de Inglaterra.—Vamos a terra e passaremos por elle que mais dentro fundeou; saberei do seu destino.

7 de agosto

Hontem passámos o dia em terra: Fomos a cavallo dar uma volta ao campo, e estendemos o passeio até Darthmouth, que fica ao lado esquerdo, de outra parte da enseada. Brisham...

9 de agosto

Com effeito o padre Eollo soltou os odres: deixámos a nossa Aulide, e sem precisão de sacrificio de nenhuma princeza de sangue.—E o mais é que se os deuses de Homero nos pedissem igual victima, estava bem mal a frota, que nosso Agamenon não tem filhas. Só lhe vejo o recurso de dar em sua vez a cara esposa: o que seria grande allivio nosso, e talvez d'elle: tanto a boa Mrs. Triky nos incommoda com as suas exquisitices. Mas tem ella tão pouco geito para Iphigenia! — Outra princeza aqui tínhamos, que de bem vontade eu dera tambem: uma hollandeza velha, e natural da Asia; mas tudo isto é tão feio, que o padre Calchas sem dúvida não acceitára nenhuma. Felizmente não carecemos d'isso: o vento vae na véla, e levâmos direita prôa ao nosso destino...

10 de agosto

Estamos na bahia de Biscaya, e aqui andâmos aos tomboz entre França e Hespanha, sem poder avançar para o cabo de Finisterra.

11 de agosto

Continúa o mesmo sueste, que tanto nos tem perseguido.—O que me vale é o jornal de Las Cases, com que vou entretendo o tempo, e o meu inseparavel companheiro—Horacio. Que seria de mim sem estes recursos? Grande fortuna é gostar de ler.—Assim o tenho pensado sempre: não sei se com rasão. E esses outros que ahi vão, não os vejo eu mais satisfeitos e entretidos que eu? Todavia elles não lêem. Comem, dormem, e

conversam em puerilidades. Puerilidades ou não, mais os divertem, e entretêm do que a mim os meus livros. — Quasi que me lembro de crer que o hábito de ler é uma necessidade de mais que se contráe...

20 de agosto

Estamos defronte do Porto. — Este é o céu da minha patria. Este ar que respiro é o mesmo que respirei no momento que appareci no mundo...

21 de agosto

O vento acalma cada vez mais. Vae largo todo o panno e mareado á pôpa, mas não deitâmos nem duas milhas.

Agosto 22 ás 4 da manhã

.....

24 de agosto. Lisboa

Eis-me aqui pois nos calabouços do Limoeiro!»

IV

As ultimas palavras da narrativa do poeta viajante indicam que o metteram na cadeia, apenas desembarcou. Mas isto não parece verdade, como vae ver-se de documentos officiaes. Durante muitos annos me persuadi que effectivamente elle déra ali entrada. Tinha lido e copiado o seu *Diario de viagem*, em 1852; ouvira-o repetir muitas vezes que em 23 estivera preso; e a poesia — *O carcere*¹ — traz por baixo: *Lisboa, no Limoeiro, Agosto, 1823*, tudo isto me parecia indubitavel, quando descobri, auxiliado por um amigo que tem tanto

¹ *Lyrical*, 1853, pag. 245.

de modesto quanto de prestavel e intelligente ¹, os documentos que se seguem:

« Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Tendo chegado hontem a esta capital o official da secretaria d'estado dos negocios do reino, João Baptista Leitão Garreti, vindo de Inglaterra, e de estar alli com individuos portuguezes summamente suspeitosos, taes como os que se evadirão por occasião da restauração d'este reino; havendo athé trazido cartas, das quaes apresentou duas: e sendo o sobredito por si mesmo assás suspeito, julgo dever ponderar a v. ex.^a que não obstante elle estar debaixo das vistas da policia, seria conveniente fazel-o sair do reino, por isso que estou convencido que a sua presença, especialmente n'esta capital, pôde ser nociva á segurança publica. V. ex.^a porém tomando na consideração devida esta minha ponderação, se servirá communicar-me o que el-rei nosso senhor determina a este respeito. — Deus guarde a v. ex.^a Lisboa, 24 de agosto de 1823. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Manuel Marinho Falcão de Castro. = O intendente geral da policia da côrte e reino, *Simão da Silva Ferraz de Lima e Castro* ². »

Vê-se portanto que o poeta desembarcára no dia 23 e que a policia o farejára immediatamente, sem dúvida pelo terror que elle lhe inspirava, senão por si proprio, pelos elementos em que se apoiava. No cartorio da intendencia não existe resposta do ministro. Parece que este dêra ordem para não se proceder contra Garrett, até ver se elle se apresentava na secretaria do reino,

¹ O sr. João Pedro da Costa Basto, official maior do archivo nacional. A esse bom e dedicado amigo devo todas as copias de documentos da Torre do Tombo, citados ou transcriptos n'estas memorias, afóra outros muitos auxilios, que de todo o coração lhe agradeço.

² Torre do Tombo, cartorio da intendencia: *Registro das secretarias*. Conservei a orthographia por ser documento historico.

onde era empregado. Mas a policia, que estava afflicta e medrosa, não lhe deu tempo. No dia seguinte escrevia o corregedor do Rocio ao intendente, n'este portuguez, que já respira certo gosto de zambujeiro:

«Ill.^{mo} sr.—Em resposta ao aviso que acabo de receber tenho a dizer, que não se tem feito procedimento algum contra João Baptista Leitão Garrete esperando que hoje se apresentáse como v. s.^a hontem vocalmente me ordenou, porém, emediatamente o vou mandar recolher na cadéa como me ordéna e de cuja diligencia darei parte logo que esteja verificada.—Deus guarde a v. s.^a Lisboa, 25 de agosto de 1823.—Ill.^{mo} sr. intendente geral da policia da côrte e reino.—O corregedor do crime do bairro do Rocio, *José Antonio de Novaes da Costa e Silva*¹.»

V

O officio do intendente diz que o viajante chegára a 23, «que estava debaixo das vistas da policia» e que seria conveniente fazêl-o sair do reino, por isso que a sua presença, especialmente na capital, podia ser nociva á segurança pública. Esse documento tem a data de 24 de agosto, dia em que Garrett asseverou no seu *Diario* que estava nos calabouços do Limoeiro! O corregedor do crime escreve em 25, dizendo que não se procedêra contra o poeta, esperando que este se apresentasse, porém que o vae mandar recolher na cadeia, como n'esse dia lhe ordena o intendente. O aviso em que se dá esta ordem ao corregedor do crime do bairro do Rocio não foi encontrado na Torre do Tombo; mas existe entre os papeis do poeta a seguinte intimação:

¹ Com muito mais rasão mantive aqui a orthographia, pelo respeito que lhe é devido, como modelo official.

«O senhor João Baptista Leitão Garreti se aprompte para sair no paquete *Duque de Kent* para Inglaterra na fórmula da sua escolha: o que lhe faço constar em observancia das ordens que acabo de receber da intendencia geral da policia. Lisboa, 25 de agosto de 1823.—*Ottolini.*»

Vi o original, escripto n'um quarto de papel almasso, do mais ordinario, como convinha aos *bull-dogs* do absolutismo. É possível que esta ordem lhe fosse intimada já na cadeia; porém, sendo assim, poucas horas lá teria estado, porque n'esse mesmo dia 25 embarcou novamente para Inglaterra. N'este caso a data do seu *Diario* seria apenas erro por troca de algarismo. Comtudo, parece provado que não teve tempo para fazer versos no carcere, dado que lá entrasse.

O mais singular de tudo isto é largar a policia d'aquelle tempo o homem que lhe inspirava tanto medo, depois de o ter nas unhas! Preferia que elle saísse do paiz e que fosse conspirar de longe, a tê-lo engaiolado, com a facilidade de o mandar enforcar quando lhe parecesse. Para não ousarem tirar-lhe a liberdade, ou a vida, devia de ser bem grande e mysterioso o poder que defendia então o poeta! Acaso os seus proprios inimigos o respeitariam a tal ponto?! Ou teriam algumas pessoas intelligentes e poderosas a vaga intuição dos gloriosos destinos d'esse mancebo, e porventura o poupavam para que a patria não perdesse os opimos fructos de seus variados talentos? Não é provavel. Eram pouco dados a considerações tão altas e generosas os politicos que preparavam o caminho da usurpação. Mas foi sem dúvida providencial o facto de mandarem sair do reino o auctor do *Camões*, em vez de o encarcerarem ou de o assassinarem como a conspirador que os detestava.

Não menor singularidade foi mandar-se lavar, cinco dias depois, o decreto que o demittia «por ter abandonado o seu cargo sem licença», em companhia do por-

teiro da secretaria! Deportavam-n'ò, e demittiam-n'ò em seguida por desamparar o emprego! É natural que a accusação se refira á sua saída, por occasião da villa-francada; comprehendia-se, porém, que n'essa conjunctura o demittissem; mas quando elle se apresentava, e depois de o expulsarem, é originalissimo¹!

VI

Pela segunda vez disse o poeta doloroso adeus á patria, que apenas entrevira; e retomou tristemente o caminho do exilio, agora deportado e não emigrado. Sua mulher acompanhava-o. E essa circumstancia, que poderia dizer-se feliz, por lhe offerecer peito amigo, onde desafogasse a magoa, era, pelo contrario, nova crueldade da sorte, porque aggravava a sua já precaria situação de pobre. N'esse mesmo dia continuou elle o seu *Diario* d'este modo:

«25 de agosto. A bordo do paquete Duque de Kent II
surto no Tejo

Salvé, benigno estandarte de protecção! Salvé, pavilhão Britannico, senhor dos mares, e triumphador nos quatro angulos da terra. Aqui venho abrigar-me outra vez á tua sombra respeitada. . .

¹ O decreto diz assim: — «Attendendo a que João Baptista Leitão de Almeida Garrett, Official da Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, e Antonio Pinto de Rezende, Porteiro da mesma Secretaria, abandonaram seus cargos sem a competente licença: Sou Servido demittil-os do Meu Real serviço, do qual, por este e outros factos, se mostraram indignos. Joaquim Pedro Gomes de Oliveira do Meu Conselho d'Estado, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino o tenha assim entendido e faça executar. Palacio da Bemposta em 30 de agosto de 1823. = Com a Rubrica de Sua Magestade.» = (Secretaria do reino: *Decretos emmassados.*)

13 de setembro

Outra vez descubro a terra estrangeira, que me foi asylo e segurança. Tu serás a minha patria, venturoso paiz de liberdade. Oh! se eu pudesse esquecer o desgraçado torrão, em que nasci!—Mas ah! desgraçado, perseguido n'elle, não posso todavia esquecer, nem perder a saudade da minha patria.

Às 7 da noite ancorámos; e ás 8 desembarcámos em terra, com 18 dias de viagem. Fomos para o mesmo—Royal hotel—onde em junho tinha pousado. Comnosco vieram os nossos companheiros hespanhoes, e os dois francezes.—O ministro portuguez tinha desembarcado antes; e ou se foi a outra pousada, ou n'esta se escondeu de nós. Ainda bem que nos libertou de sua presença odiosa.—Aqui encontrei no caes o meu amigo Vieira, de Londres; e na hospedaria achámos mais dois portuguezes, Lima, e um emigrado da Bahia; um d'aquelles heroicos, mas illudidos negociantes, que tudo perderam por defender a injusta causa da mãe patria; mãe não, porém madrasta, que os abandonou então, e agora os persegue.

14 de setembro

Apesar de ser domingo obtivemos despacharem-nos na alfandega, e no *Allieu-office*. Tanto prevalece n'esta terra de leis, e ordem, sobre os proprios escrupulos religiosos, a commodidade dos individuos, e os deveres da sociedade. Todavia ninguem ignora a severa observancia de um domingo entre as communhões protestantes.—Dois dos nossos companheiros hespanhoes, e o doutor francez partiram na malla para Londres. Os outros tres assentaram ir por Plymouth ao mesmo destino: e nós, que levavamos o destino de Birmingham tomámos logar no coche para Exeter.—Escrevemos para Lisboa esta noite, e no outro dia.

13 de setembro

Depois de nos despedirmos dos nossos hespanhoes, não sem saudades, que tão amavel e civil companhia nos haviam feito, partimos ás 8 da manhã. O dia estava bello, e não me arrependi de haver tomado lugar de fóra, pela deliciosa vista de campos, aldeias, quintas, fabricas, e minas, que todo o caminho fui gosando: vista, que, supposto me não era nova, me deleitava todavia muitissimo. — Dormimos essa noite em Exeter; e tomei logares para Bath.

16 de setembro

Saídos ás 7 da manhã com um tempo lindissimo, caminhámos parte da manhã pela fertilissima e bella provincia de Devon: e pela volta do meio-dia entrámos por Ilminster na de Somerset.

Somersetshire

Este *shire*, ou condado, segundo alguns traduzem, tem ao N.W. o canal de Bristol, ao N.E. Gloucestershire, a L. Wiltshire, Dorsetshire, ao S.E., e Devonshire ao S.W. Dão-lhe oitenta milhas inglezas em sua maior largura (vinte e seis leguas, e duas milhas portuguezas), e trinta a quarenta de largura, que anda por dez a doze leguas nossas. Milhas quadradas tem mil quinhentas quarenta e nove. Seu clima é macio e productivo; o terreno variado, mas rico e viçoso em suas produções. O aspecto geral é agradável e vistoso, comquanto não chega ao de Devon, ou Dorset¹...

Nem os meus conhecimentos botanicos chegavam a tanto, nem eu tinha tempo de classificar, e examinar tanta planta, e em tão disparatados sitios. Taes como aqui

¹ Seguem-se duas paginas de nomenclatura dos mineraes e plantas raras do condado, que omitto por desnecessaria.

os copio, m'os communicou o meu amigo Th. Had., de Birmingham.

15 de setembro ¹

Á noitinha chegámos a Bath, e entrámos n'esta tão fallada cidade pela descida de um outeirinho, d'onde houvesmos vista d'ella toda illuminada com seus lampeões de gaz, cuja brilhante luz lhe dava o ar de uma cidade encantada.—Durante o caminho fizemos conhecimento com um estimavel velho, que acaso ficára ao pé de nós no coche, e que foi durante a jornada o meu *cicerone*. Perguntou-me o meu destino, conhecendo que era estrangeiro; e francamente lhe confessei a minha triste situação. Fez-me infinitos offercimentos e aqui nos despedimos d'elle, deixando-me a sua direcção, e fazendo-me prometter que lhe escreveria, e se voltasse a Cornwall, sua provincia, o visitaria. É elle *John Roger Esquire em Cornwall*, e sua direcção em *Bath n.º 1. St. James parade*.

Bath

Pouco pude ver d'esta celebrada povoação; mas do pouco que vi n'essa noite que ahi passei, e no outro dia de manhã, nada colhi que desmentisse o muito que de sua belleza se conta, e que não achei desmesurado. O *circo*; o *Royal crescent*, o *new crescent*, *Camden place* abundam de magnificos e elegantes edificios modernos, por ventura os melhores e de mais gosto em Inglaterra. A antiquissima igreja conhecida pelo nome de *Abbey church*, por n'outro tempo ser a de uma abbadia do sexo masculino abunda em monumentos de architectura sepulchral, em que tanto se tem adiantado os inglezes n'estes ultimos annos. Não sou mestre d'arte, mas pareceram-me muito bem os do bispo Montague, coronel

¹ Já atraz tinha posto as datas de 15 e 16, que repete aqui, provavelmente por engano. Quereria talvez escrever 17 e 18?

Newton, e coronel Champion, mas sobre todos o do coronel Walch.

16 de setembro

Saimos de Bath com principio de mau tempo, que se declarou péssimo e continuou com chuva, e vento, que durou quasi até ao meio da manhã. — Bath está na extremidade do norte de Somerset; de maneira que depois de poucas milhas de estrada entrámos no condado ou provincia de Gloucester. Esta entrada é mui frequentada por ser caminho tambem de Bristol; encontrámos mais de seis coches cheios de gente.—Pela volta da uma da tarde estavamos em Gloucester, cidade pequena, porém capital da provincia.

Gloucester e Gloucestershire

Gloucester é famosa por sua cathedral, uma das mais antigas, e certo das mais notaveis do reino.

16 de setembro

Pela tarde entrámos em Worcestershire, celebre pela salubridade de suas montanhas, ou outeiros, conhecidos pelo nome de *Malvern hills*. O solo é rico e productivo; e não ha tracto de terra na ilha que exceda a fertilidade do valle de Evesham. Seus rios principaes são Severn, Avon, Teme, Stour, e é cortada esta provincia de diversos canaes, que augmentam sua riqueza pelos meios de communicação e interno commercio, que lhe fornecem. Mineraes, fosseis e plantas raras. . .

16 de setembro

Parámos para jantar seriam $\frac{4}{4}$ para 5 horas da tarde em Worcester, capital do condado, e antiquissima cidade.—A cathedral, de sumptuosa e bellissima architectura gothica, é fundação de 1088. Duvido porém que tal qual existe seja d'essa data. Parece-me um tanto

mais moderno que o 11.º seculo o gosto da architectura, e os ornamentos da fachada e torres. A casa do capitulo é famosa por uma pintura de Rubens. Toda a cidade está cheia de antigos monumentos de era romantica, e a qualquer parte que se volte o viandante não vê senão torres, castellos e ruinas cavalheirescas. — A torre de Edgar, ou outeiro do castello, e outros muitos logares, como a *Commandery*, *Halt castle*, etc., são dignos de observação. A casa da camara (*Guild hall*) é celebre por suas pinturas. — Aqui ha uma excellente fabrica de louça fina. — Mas de todas as raridades e monumentos de Worcester o mais interessante pelas recordações que excita, é o sepulchro do rei João, o fundador involuntario da liberdade ingleza. Os barões ou o corpo aristocratico o obrigaram a assignar a Magna charta; e d'aqui teve origem a constituição de Inglaterra. A preponderancia da nobreza obrigou o rei a ceder de governo absoluto, em favor dos privilegios feudaes. — No correr do tempo tão opprimidos se viram seus successores por esta classe privilegiada, que houveram mister chamar em seu soccorro os que até ali haviam desprezado. Ligou-se o rei com o povo para resistir á olligarchia dos nobres, e d'esta lucta nasceu o equilibrio da constituição ingleza, tal qual hoje existe com poucas modificações. — Representantes do povo entraram no parlamento, não verdadeiramente do povo, mas das municipalidades. — O que hoje ha popular nas eleições do parlamento é moderno. Ao principio as eleições todas eram feitas pelas camaras (como antigamente entre nós). O original da Magna charta existe no museu britannico em Londres. . .

16 de setembro

Caminhámos depois de jantar por uma estrada lindissima, descendo e subindo diversos outeiros de pouca elevação, mas de agradavel vista e pittoresca scena. —

Passados os *Malvern hills*, entrámos no condado de Warwick, cujo terreno me pareceu extremamente fértil e cultivado. Pela volta das 8 da noite chegámos a Birmingham, que era por então a méta do nosso destino. Aqui dormimos esta noite no Swan hotel; e no outro dia de manhã nos veio buscar o nosso generoso e estimável amigo A. Hadley, acompanhado de seu pae, a mais insinuante cara de sessenta annos que ainda vi em Inglaterra. Levaram-nos para o campo, onde vivem, cousa de tres milhas da cidade, em uma bella e deliciosa posição, na parochia de Edgbaston.»

VII

Na sua primeira viagem fôra o poeta recommendado a uma familia ingleza, residente em Birmingham. Era gente da aristocracia commercial, abastada e instruída. Chamava-se o chefe Thomaz Hadley; tinha filhas encantadoras, e um filho, Augusto Hadley, bastante instruído. Essa familia offerecêra a sua casa a Garrett, para o caso de tornar elle alguma vez a Inglaterra, e trazer comsigo a mulher. Isto explica a sua ida para o condado de Warwick, onde os Hadleys residiam habitualmente. Já no principio d'estas memorias se transcreveram alguns versos e parte de uma nota do *Camões*, em que o poeta deixou testemunho da sua gratidão pelo acolhimento ali recebido.

«Peitos achei sacarios de amizade,
Corações de anjos¹...

«... por mim pessoalmente não encontrei só isso (agasalho), mas casas e corações abertos que me *agasalha-*

¹ *Camões*, pag. 407, 1854.

ram, e em que me esqueci muita vez de que era estrangeiro e proscripto ¹.

«Em Warwickshire, patria de Shakspeare, que na cidade de Warwick nasceu, passei á volta de seis mezes, não os mais satisfeitos, mas os mais socegados, e por ventura os mais felizes de minha vida . . . Se algum dia chegarem estas insignificantes folhas á abençoada e tranquilla pousada de Edgbaston, conheçam os meus amigos Hadleys que não ha um só pensamento no meu espirito em que se não misture a memoria da sua amisade, mais sagrada para mim que nenhuma outra ²».

Versos e notas saíram na primeira edição do poema, isto é: quando estava ainda fresca e recente a lembrança dos favores recebidos. Mas devo affirmar, honrando a memoria do cantor immortal, que elle não se esqueceu nunca d'aquella amavel familia.

As meninas Hadleys e seu irmão, relacionados com a gente principal do condado, apresentaram-n'o nas reuniões da burguezia rica, e iniciaram-n'o em todos os segredos da vida elegante e intima do *drawing-room*. Com as felizes disposições que generosamente lhe dera a natureza, breve se apropriou o poeta dos usos, modos e costumes da sociedade que frequentava. Os seus talentos, as suas maneiras distinctas e insinuantes, a qualidade de liberal perseguido, na flôr da mocidade, tudo concorria para lhe facilitar o ingresso, até nas casas menos accessiveis. Dotado de fino tacto conformava-se com os habitos britannicos, evitando assim que as matronas lhe dissessem o classico *shocking*, e que as jovens se rissem d'elle.

Na doce intimidade e convivencia de pessoas cultas e amaveis ia-se aperfeiçoando nos estudos da lingua, da

¹ *Camões*, pag. 217, 1854.

² *Idem*, pag. 225, 1854. Na 1.ª edição a nota terminava assim: « . . . em que se não misture a sua memoria, mais sagrada para mim que a de todos os vinculos, que se dizem formados pela natureza ».

legislação e da litteratura ingleza, ao mesmo tempo que adquiria tambem esses mil conhecimentos indescrptiveis, julgados futeis, porque só interessam ao sexo feminino; e foram elles, todavia, que deram sempre a Garrett o primeiro logar nas salas, entre todos os homens do seu tempo. Assumptos de arte, de gôsto, e até de *toilette*, de modas, de côres, tudo o que longe das mulheres parecia ás vezes inspirar-lhe supremo desdem, tratava á vista d'ellas com a gravidade de quem não pensava n'outra cousa! Isto captivava-as tanto como os sublimes cantos do poeta. Adoravam-n'o por esses raros dotes de conversador e de artista, que reunia ao grande saber e engenho de escriptor, ao passo que a maioria dos homens se contenta com exhibir, a par de alguns meritos (os que os teem), insupportavel rudeza ou selvageria, alliada a intoleravel orgulho, e a vaidade mais que feminina.

VIII

Continuaremos os extractos do seu *Diario*, para se ver como elle aproveitava o tempo fóra dos salões, visitando o paiz e estudando-o.

«27 de setembro. Birmingham. Galerias e officinas
de Mr. Thomasson

A primeira cousa que em Birmingham se mostra á curiosidade dos estrangeiros é o vasto, rico e grandioso estabelecimento de Mr. Thomasson proprietario e director de uma das mais importantes fabricas de Inglaterra. Fomos hoje visitál-o. Eram 10 da manhã, e os raios embaçados do sol de outono do norte davam sobre os quatro cavallos que decoram a fachada do edificio. São elles uma imitação dos celebres corseis de Veneza, destinados —segundo a engenhosa observação do mais brilhante

dos actuaes escriptores inglezes Lady Morgan — a ornar todos os triumphos dos mais famosos conquistadores. O sol reflectia sobre aquellas massas douradas tão frouxamente como um luar de estio reflecte sobre a airosa cabeça da estatua equestre de el-rei D. José, em uma d'aquellas noites deliciosas em que o passeio *fashionable* da «lage» se enche de animados grupos e festivos *ranchos* a tomar o saudavel fresco de uma noute do meio-dia.

Antes de haver examinado o interior do edificio, logo o classico *specimen* de tão famoso *antigo* basta para dar uma idéa do fino gosto de seu dono.—Entrámos ao senhor Thomasson, introduzidos pelo seu amigo e nosso estimavel hospedeiro o sr. Augusto Hadley.—Com tão respeitavel recommendação tudo nos foi franqueado; o mais íntimo e secreto das officinas e trabalhos nos foi revelado e franco.—Apenas entrados admirámos logo o aceio, arranjo, boa ordem, e elegancia, que distinguem e caracterisam tudo quanto é inglez, desde os palacios do *Westend* em Londres, até á mais pobre *cottage*, da provincia de Cornwall.—A primeira sala ou galleria é occupada por todas as especies de obras de casquinha, cobre dourado, bronze, etc.—Trens de chá, de mesa, tudo quanto orna um festim, tudo quanto serve ás commodidades de um jantar de familia.—Mas no meio d'esta profusão immensa, dedicada ao luxo e commodidades da vida, um objecto attráe principalmente a attenção,—está destacado de todos os outros, e os olhos se fixam involuntariamente n'elle. Cuidei ler o... livro da *Illíada*.—Aquelle escudo de Achilles, tão famoso, tão celebrado, tão miudamente descripto pelo ancião dos vates; onde Vulcano tinha gravado o relevo do rei ceifador, estendendo o seu sceptro pacifico aos sulcos de suas geiras,—ali está suspendido. Porém mr. Thomasson na sua *versão* do escudo de Achilles, não foi tão fiel, nem tão feliz tradu-

ctor de Homero como o seu patricio Pope. A versão está no gosto do seculo. A ceifa é uma batalha — as fouces espadas — os ceifeiros soldados, e a mèsse de vidas humanas! O sceptro do rei lavrador é o bastão de general de lord Wellington. — Com effeito ao vencedor de Waterloo é consagrado o monumento. A sua materia é cobre; mas tão perfeitamente bêm dourado que o tomareis á prima vista pela rodella de ouro de um dos principes encantados das *Mil e uma noites*. Varios utensilios de particular structura, e proprio invento de mr. Thomasson estão patentes n'esta sala.

A segunda contém principalmente obras de prata ricamente lavradas e polidas. — Em um gabinete á esquerda, uma curiosa collecção de pequenos bustos, e estatuas dos principaes auctores, e homens celebres de Inglaterra e Escocia, e alguns estrangeiros. Ali se vêem em *miniatura de cobre*, Shakspeare ao pé de Henrique VIII, Milton a par de Carlos II, Pitt junto de Buonaparte!! mais algumas medalhas e relevos imitados do antigo.

Passámos a outra galeria, occupada principalmente por medalhas, e moedas de todas as datas e paizes, imitadas magnificamente em cobre. Algumas tambem orientaes. O imperador *dandy*, o Luiz belfudo, o Nero da Hespanha, e até o nosso beijudo João todos ali estão cunhados. Que interessante collecção para o estudo de um novo . . . Em todas aquellas physionomias está pintada — a legitimidade, e as paternaes entranhas d'estas *delicias do genero humano*.

Pouco interessantes são os outros quartos dedicados a bijouteria e varios outros artefactos de valor sim, mas de pouca importancia para o viajante. — Descemos a um pequenò quarto baixo e lageado, onde está exposta á curiosidade de infinitos visitantes que diariamente frequentam a casa o celebre vaso construido de ferro e cobre pelo modêlo do que hoje existe nos jardins do

castello de Warwick, trazido de Napoles por sir William Hamilton.

.....

17 de setembro até¹

Aqui vivemos hospedeiramente tratados com tal amizade, carinho e delicadeza, que seriamos uns monstros de ingratiidã se em toda a parte do mundo, onde nos o destino levar, não pregoarmos as obrigações eternas de que a esta familia respeitavel somos devedores².»

¹ Parece querer dizer que n'esta residencia se demorou desde 17 até 27 d'este mez; mas esteve ali muito mais tempo.

² Em todos os lugares onde ha falta de palavras, são estas substituidas por espaços em branco. Para evitar o mau effeito que esses claros produziram á vista, enchi-os com reticencias (...).

XI

Versos de exilado.—O poema *Magriço*.—*A morte de Riego, O Natal em Londres, O anno novo*.—Mais extractos dos seus apontamentos: «Recordações e tristezas. Costumes inglezes. Despedidas ao anno velho; esperanças e apprehensões ácerca do novo. O Brazil. Hadley park. Tompson, Pope e Lyttelton. Dudley castle».—Influencia exercida pelas ruinas dos castellos gothicos na imaginação do poeta emigrado.—O crepusculo na Inglaterra.—Impressões romanticas.—Walter Scott, Burn, Bürger, Byron e Lamartine.—Reavivam-se-lhe as memorias da infancia.—Volta-lhe o amor das xacaras e romances da tia Brigida e da mulata Rosa de Lima.—Concepção dos dois poemas que marcam o renascimento das letras em Portugal.—Projectos de trabalho desvanecidos pela politica britannica.—Revolta-o a dependencia em que vive.—Modo por que é tratado em Edgbaston.—A noite de 25 de janeiro.—Partida para Londres.—Ultimos fragmentos do seu *Diario*.—Particularidades.—Antonio Joaquim Freire Marréco.—Ida para França.—Havre de Grâce.—Casa Lafitte.—Ultimo adeus á poesia romana.—*O gallego e o diabo*.—Outros versos.

I

As ultimas composições da *Lyrical*, desde a que tem por titulo *O exilio*, podem suppôr-se escriptas em Edgbaston, ou em Londres (que dista sessenta kilometros de Warwick), onde o poeta ia ás vezes visitar os amigos e procurar emprego, que honestamente lhê permittisse adquirir meios de subsistencia independente. A *Lyra do proscripto* foi dirigida a Madame Catalani, que estava proxima a vir a Portugal. O poeta pede-lhe que diga a Lysia:

«.....‘Surge’!
Vêl-a-has alçar a frente laureada,
Cahir por terra os barbaros tyrannos,
Triumphar liberdade.»

Era o seu sonho; mas os tyrannos não caíam. E o misero exclamava:

«Oh! como é triste a terra do desterro!
 Tam só como as areias do deserto,
 Triste como o cahir das folhas pallidas
 No desbotado outomno. — Solitario
 No meio das cidades, das campinas
 Vae após de esperança mal segura
 O que deixou amigos, paes e patria
 Para fugir ao açoite da injustiça.¹»

N'esses sentidos versos se consola com a presença e companhia da mulher, que ternamente amava, da ausencia da patria, e de todos quantos o coração lhe recordava ter deixado n'ella.

Em Warwick começou um trabalho, que seria dos mais notaveis da moderna litteratura portugueza, se o tivesse concluido, ou se não se perdesse a maior parte do que estava feito. Refiro-me ao poema *Magriço*, do qual diz a biographia do *Universo pittoresco*: — «... poema de um genio caprichoso, uma cousa entre o *Orlando* de Ariosto e o *D. João* de lord Byron; tinha por titulo e acção principal o *Magriço e os doze de Inglaterra*; mas, excentrico e indeterminado na sua esphera, abraçava todas as cousas antigas e modernas, e ora philosophava austeramente sobre os desvarios d'este mundo, ora se ria com elles; umas vezes se remontava ás mais sublimes regiões da poesia do coração ou do espirito; outras descia a seus mais humildes valles a colher uma flôr singela, a apanhar talvez ás bordas do ribeiro a pedrinha que só era curiosa ou extravagante. Este poema, de que por intervallos sabemos que o auctor se andou occupando até ao anno de 1832 (nove annos de vida!), em que tinha consignado as impressões de suas variadas viagens, e que era finalmente uma rica e immensa collecção de variados stylos poeticos, veiu a perecer, com muitos outros

¹ Garrett, *Lyrica*, 1853, pag. 249.

trabalhos litterarios e scientificos do auctor, na entrada da barra do Porto com a perda de um navio, que no fim d'esse anno vinha dos Açores, e ahi metteram a pique as baterias inimigas. Grandes fragmentos d'aquelle poema foram vistos por muitas pessoas de quem houvemos estas informações. É uma verdadeira perda para a litteratura portugueza, que dos vinte e tantos cantos, que já estavam compostos, e que levavam o heroe até ás portas da estacada de Smithfield em Londres (onde se pertende que fôra o combate dos doze), é pena, dizemos, que não possa salvar algum a reminiscencia do auctor. Mas temos-lhe ouvido protestar que nunca mais poderia achar-se nas diversas disposições de animo em que estivera ao compôr aquelles variados cantos. Grande lástima que assim seja ¹.»

Está a ver-se e a sentir-se n'este estylo o auctor da obra perdida!

II

Salvaram-se, felizmente, para se fazer idéa d'esse graciosissimo trabalho, perto de mil e seiscentos versos. É verdade que estão salteados; e incompletos grande numero d'elles; mas ainda assim ha muitos pedaços seguidos, para poder-se apreciar o genero ². O canto I começa d'este modo:

« Eu no entrar da singela juventude,
Sem conhecer os homens, fui sincero.
Ardente coração, paixões fogosas,
Alma franca, de impulso me levaram
Aos paizes do cego enthusiasmo.
Por lá cantei de amor pureza e mimos,
Doçuras d'amisade, enlevos d'alma.

¹ Biographia manuscripta.

² Serão publicados em seguida a estas memorias.

Heroismo, gloria, liberdade e amores,
 Á porfia na lyra me soaram;
 E na alteza do espirito sublime
 Só vi nos homens a verdade e a honra.
 Experiencia fatal, tu me roubaste
 A tão doce illusão, em que eu vivia!
 Bordado véu de lisongeiro engano
 Rasgou-m'o d'ante os olhos embaídos
 C'o a descarnada mão sêca verdade.
 Tal como elle é vi o homem! Aos meus olhos
 De vergonha e de dó vieram lagrimas.
 Chorei—tão louco fui! Só gargalhadas
 As loucuras do mundo nos merecem.

E assim foi que, attentando mais de perto,
 Vi tanta asneira, vi tanta sandice
 Que desatei a rir, por fim, de tudo.
 D'Eraclito chorão deixei a escola,
 E alegre sigo o pachorrão Democrito.
 Quero rir com Diogenes, com elle
 No cynico tonel entrincheirar-me
 Contra as sandices d'este parvo mundo^{1.}»

No prologo do *Romanceiro* diz o auctor, fallando d'esta obra:—«... um largo poema com pretenções, antes desejos, de ser Orlando, já em trinta e tantos cantos— e promettia crescer!—... veio commigo para S. Miguel e ahi o deixei ao embarcar, porque era defeso ao pobre soldado levar as suas mallas, e o logar era pouco para as bagagens dos que só eram bagagem^{2.}»

Mais adiante veremos outros documentos ineditos, que se referem ao *Magriço*.

III

As tres ultimas composições da *Lyrical*, que veem da-

¹ *Magriço ou os doze de Inglaterra*, por J. B. de Almeida Garrett, fragmentos manuscritos.

² *Romanceiro*, tom. I, pag. XIII e XIV, 1843.

tadas de Londres, foram compostas sobre temas colhidos nos apontamentos do seu *Diario*, porque ali traz, em prosa, as mesmas idéas e palavras.

A que tem por título *A morte de Riego* demonstra quanto está bem accêso no coração do patriota o fogo sagrado da liberdade:

«Profugo e só na terra do desterro
Estes versos cantei: vieram d'alma
Á triste lyra resoar nas cordas
Humidas do meu pranto. Ide, lamentos
Da minha voz, coae por essas neves,
Ide levar ao Tejo os meus suspiros;
Este canto de morte repeti-lh'o
D'echo em echo nos concavos rochedos:
E se entre esse tropel de miseraveis,
Portuguezes outr'ora, que hoje arrastam
Os vis grillhões do opprobrio e da vergonha,
Virdes algum que ao menos a memoria
Conserve da perdida liberdade,
Bradai-lhe ao peito—'Escravo, escravo infame,
Peza mais um punhal que uma cadeia?'¹»

Estes sentimentos, dignos de Bruto e de Catão, não eram certamente proprios para lhe encurtar o tempo do desterro. Apesar de ausente, os inimigos odientos da liberdade tinham os olhos fitos n'elle; e tomavam nota d'esses protestos energicos, para lh'os pagarem em calumnias.

O *Natal em Londres* é como que o prenuncio da sua proxima transformação poetica. O retrocesso á pura poesia popular portugueza indica a evolução por que vae passando o seu espirito, que caminha para a renascença. Lembram-lhe os costumes da sua terra: o repicar dos sinos, as moças aos bandos, as festas tão gulosas, os rega-

¹ *Lyrica*, pag. 261 e 262, 1853. — Das datas d'estes e dos seguintes não me parece que possa haver dúvida.

lados fartes, o vinho quente, os ovos mexidos ; e compara tudo isso com os methodicos e tristes costumes inglezes :

«E estes excommungados protestantes,
 (Olhem que bruta gente)
 Sempre casmurros, sempre inregellados
 Bebendo no seu *ale*,
 E tasquinhando na carnal montanha
 Do *beef* crú e insipido !

.....
 Olhem estas pequenas... são bonitas ;
 Mas qu'importa que o sejam
 Se das Graças donosas praguejadas,
 Rusticas e selvagens,
 Nem dança airosa, nem alegre jogo
 De divertidas prendas
 Arranjar sabem, e passar o tempo
 Em honesto folguédo !¹»

Já se vê que a comparação não poderia agradar ao triste desterrado, que tudo via com maus olhos, principalmente n'esse dia, tão memoravel para todos os portuguezes, que patriarchalmente o festejavam então.

A *Lyrical* fecha com o *Anno novo*. Tanto estes versos como os atraz citados, são, provavelmente, feitos ao mesmo tempo que o seu *Diario*. Ouçâmol-o :

IV

«23 de dezembro

Com que tristeza passou para mim este dia ! Em Portugal, e especialmente na minha provincia, é o dia de Natal um dia de festa domestica, de alegria e de satisfação no interior das familias. — Eu sem casa nem familia (e a mulher?!) passo pela primeira vez em minha vida o

¹ *Lyrical*, pag. 264 e 265, 1853.

dia de Natal entre extranhos. Meus irmãos, meu pae, e sobre todos a minha querida mãe se me não tem tirado dos olhos. Ao jantar, mais que nunca me apertou a saudade.—Lembraram-me os felizes tempos da minha infancia. Tempos de innocencia e de ventura... ah! porque não voltaes?

O Natal é mui insipidamente festejado em Inglaterra. Na igreja mesmo, verdade é que geralmente todos commungam n'este dia; mas não o guardam como o domingo. Todas as curiosidades da festa consistem em tremendos bois, enormes carneiros, tão gordos e carnudos, que é impossivel haver no mundo egual monstruosidade. Estão as lojas onde se vende carne cheias d'estes espectaculos da riqueza e industria pública, e toda a gente vae ver a *exhibition*. Em Londres e outras partes dão premios de avultado preço aos pastores, e ganadeiros que melhores rezes apresentam no *Christmas*. Tudo quanto é util acha protectores, e promotores: feliz gente, abençoado paiz!

26-30 de dezembro

Todos estes dias teem sido de temporal: chuva e ventania desde que amanhece té á noite, e desde a noite té ao outro dia.

31 de dezembro

Ámanhã começa o anno novo. Deus m'ó dê mais venturoso que este. Vae-te em paz, anno de 23, que assás de perturbações e desgraças cá deixas em teu curso.»

V

Vê-se que os versos a que me referi, apesar de trazerem a data de Londres, foram compostos em Warwick; se effectivamente os fez ao tempo que indica. Pelo seu

Diario sabemos que esteve em Edgbaston até quasi ao fim de janeiro de 1824; e nenhuma rasão temos para duvidar das datas d'esses apontamentos. No dia de anno bom escrevia elle:

«1 de janeiro de 1824. O anno novo

Melhorado venha este anno; e veja-o eu findar no socego da minha patria.—Muito devo á terra hospitaleira, onde me abriguei da tempestade de desgraças, que me ameaçavam na minha patria. Mas todavia, com que prazer lhe direi adeus se tão feliz fôr que á terra onde nasci me deixem ir acabar os meus dias.—Que trará consigo este novo anno? Que projectos de ambição, que novos esforços de tyrannia apparecerão em seu decurso? Que novas oppressões para a raça humana? Teremos mais ainda que soffrer, ou melhorará em seus dias a triste sorte da humanidade? Assim o espero: quando não seja no velho mundo, ao menos em o novo alguns passos se andarão para a felicidade dos homens.—Não creio que a santa alliança consiga nada na America. A energica mensagem do presidente dos Estados-Unidos á assembléa alegrou-me, e me encheu de esperanças.—O Brazil, oh! que paiz abençoado, se o não perderem! Já eu lá estaria, se não receiasse que lhes falte o juizo para bem conservarem o que tão barato lhes custou, e tão caro ha custado a todos os povos.—Tenho não sei que presentimento que este anno que entra hade dar muito de si. Veremos, os que vivermos. . .

13 de janeiro. Hagley park

Hontem me convidou o senhor Thomas Hadley para um passeio extenso em que tencionava levar-me a respirar o *ar dos montes*. Occasionou-se isto de me eu queixar das eternas planicies de Inglaterra, e da monotonia enfadonha que d'ahi resulta ao aspecto do paiz.—Aqui on-

de estamos largamente se estende a chatidão da terra, apesar de ser a mais alta paragem da ilha. — Com poucas milhas de passeio me prometeu que nos acharíamos em um territorio perfectamente diverso. Aceitei pois o convite; e hoje pela volta das 10, começámos a nossa digressão com uma bella manhã, tempo frio, mas sêcco, e venturosamente sem a constante e teimosa nevoa, que amantilha os céus d'este clima. Perto de um quarto de milha nos pôz fóra do condado de Warwick, onde jaz Birmingham, e entrámos no de Stafford. — O caminho não é dos melhores de Inglaterra, mas o (vento?) gelado tinha seccado a lama, de sorte que não era grandemente incómodo o passeio. Atravessámos diversas aldeolas e povoações, e com 7 milhas de caminho chegámos a... pequena villa ou povoação famosa por sua feira de gados. — Admirei-me de que ali fossem 7 milhas porque me não sentia nada fatigado. Então me disse o meu estimavel companheiro que era sua tenção levar-me a Hagley para ver o famoso park, e palacio d'este nome: e que até ali me não tinha descoberto o seu intento, por temer que me assustasse a longura do passeio.

Protestei-lhe o summo gosto que tinha n'isso, e fomos continuando o nosso caminho do que me disse não faltavam mais que 3 milhas. — Começámos, apenas saídos da villa, a ver de mais perto os dois celebres montes cuja natural apparencia lhes deu o nome de... — as duas tetas. Em verdade o appellido é perfectamente adequado. Parece que a natureza se divertiu em arredondar aquellas fórmias com tanto cuidado e esmero, que não ha peito de virgem em descripção de poeta que apresente dois globos mais perfectos, mais redondos e bem formados.

A poucos passos houvemos vista de um bem talhado obelisco, situado sobre uma elevação que pôde merecer o nome de outeiro á nossa esquerda, e do lado opposto

quasi em face dos . . . *hills*. — Já pertence a Hagley park, me disse o meu amigo. Estamos perto.

Com effeito d'ahi a pouco vimos um copado, e denso pinheiral (não é dos bosques mais communs aqui) e por um lado d'esse bosque, que fôrma um angulo do park, entrámos. Pareceu-me entrar n'um mundo novo. Ao bosque de pinheiros succede uma agradável e pequena planície, rematada por um lado em varios e pittorescos outeirinhos por outro em uma eminencia maior, todos cobertos de arvores e alcatifados, tanto elles como a campina, pela esmaltada verdura da relva, que em viço e côr não a ha igual fóra de Inglaterra.

Atravessámos com alguma difficuldade uma grotta ou profundo leito de ribeira, que então estava em sêcco, e subimos a uma altura, onde entrámos em uma especie de templosinho em semi-circulo sustentado pela frente em pilares de pedra medianamente elegante. O templosinho em si vale pouco por sua construcção e feitio, mas a posição em que está edificado, e a divindade a quem é dedicado excitam idéas de respeito e movem a sentimentos deliciosos. A pequena capacidade do templo é occupada quasi toda por um comprido banco de madeira que nos foi de summa utilidade para descansarmos e gosar da bella perspectiva que d'ali se gosa. Na parede que forma o semi-circulo está gravada esta inscripção: *I . . . Tomsom. viro. optimo. poetae. eximio. hanc. aedem. quem. vivus. dilexit. post. mortem. consecrat. . . = Lyttelton.*

Milord Lyttelton, de quem o actual possuidor seu sobrinho herdou esta quinta, foi quem principalmente a formou e pôz no admiravel estado em que hoje se conserva. Foi poeta de bastante consideração, e intimo amigo de Tomsom e Pope, que ambos aqui viveram e passaram bellas semanas á regalada meza e *confortavel* fogo de *Milord*, com quem Apollo foi mais liberal que o costume.»

VI

Em 15 de janeiro foi o viajante, em companhia do seu amigo Augusto Hadley, ver as celebres ruínas de *Dudley-castle*. Não transcrevo essa pittoresca descripção por se achar publicada, pelo auctor, no jornal *A Illustração* ¹.

Os românticos restos do castello de Dudley, e os de outros edificios gothicos da Inglaterra, exerceram profunda influencia na imaginação do poeta emigrado. Comprazia-se elle na contemplação d'esses monumentos, que a sua phantasia povoava, sobretudo á hora do crepusculo, que ali lhe parecia, mais que em nenhum outro paiz, consagrado a *doces maguas*.

« Oh! serei eu nos sonhos do sepulchro,
 Entre o nada das cinzas,—quando a noite,
 Qualquer que seja o angulo do mundo
 Em que meus pés se poisem, me não traga
 Lembranças dos momentos deliciosos
 Que, n'esse intercalar de dia e noite,
 Da nebulosa Albion gosei nos campos,
 Quando no berço teu, bardo * sublime,
 Inimitavel, unico, espriava
 Por infindas planicies d'alvo gelo
 Os desleixados olhos, e topava,
 Ao cabo lá da vastidão, e'o as cimas
 Das elevadas grympas que se aguçam
 Sobre as arcadas simples do templo,
 Entre as choupanas da vizinha aldeia;
 E se me afigurava á mente alheada
 Ouvir o canto funebre das harpas
 Que da sensível Julieta ao tumulo
 As nébias acompanham ². »

Walter Scott havia tornado popular na Europa litteraria

¹ Lisboa, 1845.

* Shakspeare.

² *Camões*, pag. 20 e 21, 1854.

a poesia dos menestreis e trovadores. As balladas de Burn e as de Bürger, os versos de Byron, que Garrett considerava como o maior poeta d'este seculo ¹, e os de Lamartine, consagravam o renascimento do romantismo, proscripto de Portugal com a escola seiscentista pelos que o condemnaram sem o ter entendido.

O exilado poeta ia muitas vezes ler as obras dos innovadores sentado:

«Na barbican ruinosa dos castellos»

E ali, com «a alma enlevada

«Nos romanticos sonhos, procurava
Aureas ficções realisar dos bardos.»

Em meio d'essas meditações, fugia-lhe sempre o pensamento

«Para os vergeis da patria esvoaçando»,

e trazia-lhe á memoria as doces recordações da sua infancia, os campos, onde se creára, as caricias da mãe adorada, e os contos e xácaras da boa Brigida, e da velha Rosa de Lima.

Desde que se votára ao estudo d'esses preciosos monumentos, reconheçêra que a verdadeira poesia nacional estava toda n'elles. Vira que essas rhapsodias não serviam sómente para entreter e adormecer creanças; e escrevêra logo para Portugal, a «uma estimavel e joven senhora de sua particular amisade», incumbindo-a de lhe procurar lendas e romances populares.

Quando lhe veiu a primeira remessa, leu e releu aquelles contos simples e rudes, e achou n'elles, de envolta com todas as graças de uma lingua rica e harmoniosa, a alma da nação, e o espirito aventureoso de um povo de poetas.

¹ *Camões*, pag. 247.

Foi ainda em Warwick, no tranquillo retiro de Edgbaston, que esses documentos de nossa antiga historia poetica lhe fizeram conceber o plano dos dois poemas, portuguezissimos em tudo, com que devia hastear o estandarte da reforma. Mais tarde completaria a revolução, transformando esses mesmos romances que agora o inspiravam e compondo com elles o primeiro tomo do *Romanceiro*.

Modesto, e quasi que sem ter ainda bem consciencia do seu immenso genio, a ninguem communicou então os seus projectos, receioso talvez de que lh'os combatessem. Era seu proposito continuar a residir no condado de Warwick, e esperar ali que alguma circumstancia favoravel terminasse o seu desterro. Para viver, contava que o governo britannico concedesse aos emigrados portuguezes o subsidio que estes lhe haviam requerido pouco tempo antes. Infelizmente, a politica ingleza não tinha pelos nossos refugiados compatriotas as mesmas sympathias e commiseração que lhe manifestára o povo d'aquelle paiz. Quando Garrett e os seus companheiros de infortunio esperavam una solução favoravel, foi-lhes declarado que a nação ingleza não podia soccorrer homens que tinham concorrido para a expulsão dos seus officiaes do exercito portuguez, depois do dia 24 de agosto de 1820¹.

Os ministros que tiveram a crueldade de dar semelhante resposta, mostravam n'ella a má vontade que sempre tiveram á constituição de Portugal, e a subserviencia com que se dobravam aos desejos dos absolutistas. N'esse anno, as côrtes de Londres e de Paris, inspiradas pelo partido denominado apostolico, conspiravam, ou toleravam que sob a sua influencia se conspirasse,

¹ José Liberato Freire de Carvalho. *Ensaio politico sobre as causas que prepararam a usurpação do infante D. Miguel.*

para ser desthronado D. João VI, por ter jurado a constituição. O fim d'essa politica indigna era privar igualmente da corôa a D. Pedro, cedendo-lhe desde logo o Brazil, e sentar no solio portuguez o infante D. Miguel!

Até á morte de D. João VI trabalharam as duas citadas côrtes para conseguir essa substituição, representando ambas bem odiosos papeis; mas coube sempre o peor ao gabinete de S. James, que até chegou a exercer escandalosa pressão no animo fraco de D. João VI, para o apressar a reconhecer a independencia do Brazil, que aliás era inevitavel. Foi com os seus tramas pouco decorosos, e com a sua politica de intrigas, que o ministerio inglez alcançou preparar o caminho para a usurpação miguelista.

VII

Os poucos recursos do poeta não lhe permittiram portanto dar immediata execução aos planos de vida e de trabalho que se tinha traçado. A recusa do subsidio cortou-lhe as ultimas esperanças. Já por mais de uma vez se vira forçado a recorrer á bolsa de alguns compatriotas generosos; e havia mais de quatro mezes que accetava com sua mulher a amavel e desinteressada hospedagem que com a maior abundancia de coração lhe davam os seus excellentes amigos de Edgbaston. Sabia que ali os amavam devéras e que não eram pezados. Mas pezava-lhe a elle e humilhava-o a sua posição. Achava-se bem, via que o tratavam como pessoa de familia, e que todos se affligiam com a idéa de que algum dia teriam de separar-se. Nada d'isso, porém, mudava moralmente a sua desconsolada situação de hospede e pobre. O seu brio revoltava-se a miude. Quando para ali fôra tinha tenção de não se aproveitar da franca hospitalidade, que lhe era offerecida, senão durante o tempo necessario

para achar emprego. Costumára-se, comtudo, aos hábitos dos seus affaveis hospedeiros, ao affecto com que o tratavam, a esse bem estar, que o surprehendia repentinamente no meio do infortunio, como dia de bonança entre duas procellas. Deixára-se ficar, á espera de que o acaso o favorecesse: que mudassem as cousas da sua patria, ou que a onda do destino pegasse n'elle e o levasse d'ali para fóra, do mesmo modo que o tinha trazido.

A familia Hadley esforçava-se por fazer esquecer aos dois esposos que eram estrangeiros e proscriptos. Garrett estudava com as filhas da casa os poetas inglezes; e ensinava-lhes oitavas do poema d'aquelle grande genio — Camões — do qual o destino tinha com o seu tantos pontos de similhança. Uma das provas mais authenticas de que o seu animo não fraquejava em tamanha desgraça, são os versos que escrevia a esse tempo no *Magriço*. Elles revelam estado psychologico pouco consoante com as tristezas do desterro. Thomaz e Augusto Hadley eram sem d'úvida os genios bons que o fortaleciam. Elles levavam-n'o através do paiz, em commodas carruagens, a ver as opulencias da industria e as ruinas pittorescas dos velhos castellos, que exhalavam poesia romantica por todas as fendas, através dos macissos da hera de Irlanda. Diligenciavam aligeirar-lhe as horas do exilio, e frequentemente o conseguiam. Porém, de vez em quando, o seu espirito de independencia chamava-o á realidade de sua falsa posição e impellia-o a repetir as tentativas, tantas vezes feitas, de procurar no trabalho os meios de subsistencia. Feliz d'elle se em vez d'esse brio e pundonor de cavalheiro, que o arrancou por fim ás delicias de tão agradavel convivencia, se tivesse deixado morrer ali, ignorado ou esquecido. A quantas amarguras dolorosas se teria poupado?! Mas forçoso era que se cumprissem os mysteriosos designios da Providencia.

VIII

O poeta acabou por vencer as hesitações, e resolveu-se a sacrificar a feliz residencia de Edgbaston ao cumprimento de deveres que a sua dignidade tinha por indeclináveis. Pareceu-lhe pouco decoroso permanecer mais tempo em humilhante dependencia, sendo moço, e sentindo-se capaz de trabalhar para ganhar honradamente a vida. Que genero de trabalho buscaria? Onde, e quem lh'o obteria, de acordo com as suas aptidões? Desde que chegára, prevendo as difficuldades com que tinha de lutar, pedira logo aos seus amigos residentes em Londres, que lhe procurassem qualquer arranjo. Imaginára, porém, poder prescindir de occupações que repugnassem á sua educação e talentos, se o governo inglez tivesse concedido aos emigrados portuguezes o subsidio que nenhuma nação culta ainda negou aos infelizes. Perdida a esperanza de alcançá-lo, decidiu-se a deixar Edgbaston immediatamente.

Eram 25 de janeiro de 1824, quando elle annunciou a sua partida para o dia seguinte. A nova foi acolhida com geral surpresa, pela familia que tão generosamente o recebêra em seu seio. Quando João explicou que se ausentava para ir ganhar com o suor do seu rosto o pão de cada dia, porque se envergonhava do ocio em que vivia desde muitos mezes, todos emmudeceram. Ninguem comprehende melhor do que a familia ingleza a necessidade que tem toda a pessoa honesta de ser laboriosa. Respeitam-se tanto na Inglaterra os que pelo seu trabalho adquirem a abastança, quanto, em alguns paizes os desdenham. Por isso ninguem ousou oppôr-se ou combater a resolução do poeta, embora todos os olhos dos que a approvavam se mareassem de lagrimas. Que noite a de 25 de janeiro!

Todos tomaram o classico chá, por dignidade. Levar a dôr até o ponto de sacrificar esse uso nacional, pareceria mais do que desacato: era horrivelmente *shocking*. Finda aquella cerimonia domestica, Thomaz Hadley apertou a mão aos seus hospedes e saiu sem dizer palavra. As meninas imitaram methodicamente o pae.

E pela manhã cedo partiram os viajantes, para Birmingham, acompanhados por Augusto Hadley.

IX

Garrett escreveu no seu *Diario*:

« 26 de janeiro. Estrada de Birmingham a Londres

Às 7 da manhã sai no coche de Birmingham para Londres. — As primeiras braças de caminho eram feias e más, porém logo entrámos em uma bella estrada. O tempo frio, mas sereno, picante o vento, mas sem humidade. — Começava mal distincto o crepusculo; como nos fomos avizinhando de Coventry já se esclarecia a arraia-da. Que triste é uma aurora n'este paiz e estação! Os roseos dedos que lhe deu Homero, certo que os traz nas luvas com medo ao frio; todas essas pérolas, e roxos lyrios, e outras cousas tão bonitas, tudo isso aqui ha mister grande força de imaginação para as poder conceber.

.....»
Aqui terminam os ultimos apontamentos, a que o poeta pôz por titulo *Diario da minha viagem a Inglaterra*. Depois de 26 de janeiro nada mais escreveu. Perguntei-lhe uma vez porque não aproveitára estes fragmentos, para fazer um ou mais livros de viagens interessantes; respondeu-me: que lhe faltava para isso a disposição de espirito; que os interrompêra, logo que chegou a Londres, porque lhe roubavam o tempo necessario para es-

tudos que julgava mais uteis; e que se não os queimára, fôra por lhe recordarem a quadra da sua juventude, que com ter sido a mais trabalhosa lhe parecia a dos mais felizes annos que vivêra.

Afigurou-se-me sempre que as suas allegações, de não ter dado maior desenvolvimento a essas notas de viagem, tinham tido outra causa. E ainda hoje penso que elle escrevêra largamente as suas memorias e peregrinações d'esse tempo; mas que ellas eram demasiado intimas; e que as circumstancias que o levaram mais tarde a separar-se da mulher o forçaram a destruil-as, salvando, calculadamente, apenas esses fragmentos. No principio refere-se a D. Luiza, ainda com a vehemencia dos sentimentos affectuosos. Mas, depois, nem uma só vez torna a fallar n'ella. Limita-se a dizer « nós » sem a nomear! É, todavia, certo que ella o acompanhou, na segunda emigração, até ao Havre. E que d'ali regressou a Lisboa, antes d'elle, como adiante veremos ¹.

Quando, vinte e oito annos depois, aproveitando-me dos seus momentos de expansão, o submettia a calculados interrogatorios, para recompôr a historia da sua vida, nenhuma recordação lhe eram tão gratas como as da familia Hadley. Comtudo, era raro não acabar por enfasiar-se, dizendo-me, com assás de mau humor:

—Vossê é seccante com tanta perguntinha! Para que ha mister todo esse processo inquisitorial?! Se me quer seguir passo a passo e dia a dia, não acabará nunca e fará uma cousa que ninguem leia!

—Está enganado; perdôe. Quanto mais noticioso eu

¹ Na primeira folha do *Diario da minha viagem*, lê-se o seguinte: « Os primeiros cadernos d'este Diario são copiados d'outros que escrevi na minha primeira viagem. Agora para os juntar ao que vou escrevendo e lhes dar igual formato, os traslado para este livro. Birmingham, outubro 5 de 1823 ». N'esta cópia, talvez feita depois, supprimiria a maior parte do trabalho? . . .

for, a respeito dos factos não sabidos da sua vida, maior numero de leitores hei de ter.

Elle encolhia os hombros, o que era signal de não concordar; e eu parava, prudentemente, até o apanhar outra vez com boa disposição. Da mulher nunca fallavamos directamente; se eu arriscava qualquer palavra, a respeito d'ella, respondia-me seccamente, por monosyllabos. Apesar d'isso, franqueando-me todos os seus papeis, e encarregando-me de pôr por ordem a sua correspondencia, onde existiam cartas de D. Luiza e algumas minutas das respostas d'elle, parecia querer, indirectamente, iniciar-me em todos os segredos da sua existencia. Eu assim o entendi; e por isso fui lendo tudo que me podia ser util no meu trabalho. Se o interpretei mal, e se, com as melhores intenções, abusei da sua confiança, perdôe-me a sua memoria. O meu fito era apurar a verdade, para tentar depois glorificá-lo. Conseguindo destruir as calumnias com que pretenderam manchá-lo, ficará tranquilla a minha consciencia. Ainda assim, não se julgue que o desejo de lhe fazer justiça me levará jamais até o ponto de ultrapassar a reserva que impõem as leis do decoro ¹.

X

Residia por esse tempo em Londres um portuguez benemerito, que sem ser o unico amigo e dedicado protector do nosso poeta, era, comtudo, dos mais generosos. «O sr. Antonio Joaquim Freire Marréco, a quem eu e tantos emigrados portuguezes somos devedores de impagaveis obrigações, não só pelos muitos soccorros

¹ Entre esses papeis havia alguns, principalmente a minuta de uma resposta e a carta que a provocou, que eu desejaria mas não devo nem posso publicar.

com que generosamente accudia até a desconhecidos, mas sobretudo pelo modo cavalheiro e nobre com que o fazia ¹. »

Logo que João e sua mulher se apearam em Londres, dirigiu-se o poeta a casa d'esse homem liberal, e francamente lhe expôz a sua situação. Achava-se de todo exhausto de dinheiro; envergonhava-se de continuar a viver na dependencia alheia; e pretendia ser empregado, fosse em que fosse, com tanto que podesse ganhar com o seu trabalho honrada subsistencia. Tal era o proposito com que saíra de Edgbaston; e não queria para lá tornar, porque se humilhava, recebendo favôres de natureza dos que lhe fazia a familia Hadley.

Freire Marréco, que já anteriormente tentára alcançar-lhe emprego em Londres, continuou ainda a procurar-lh'o no mez de fevereiro. Reconhecendo mais uma vez a inutilidade dos seus esforços, perguntou-lhe se quereria ir para França. Respondeu-lhe João Baptista, que, n'aquella conjunctura, queria ir para toda a parte, onde honestamente podesse ganhar a vida, ainda mesmo que fosse em trabalhos que repugnassem ás suas inclinações e habitos.

Tinha aquelle seu amigo relações com o gerente da casa filial, no Havre-de-Grâce, da do celebre banqueiro Laffitte. Escreveu-lhe, pois, recommendando calorosamente o seu protegido. Facilitou a este a viagem para França; e, no acto de se despedirem, aconselhou-o para que não deixasse nunca de empregar no cultivo das letras as poderosas faculdades com que Deus o tinha dotado. E recommendou-lhe que assim que tivesse algum livro util ou digno de engrandecer por qualquer modo o nome portuguez, e lhe faltassem os meios de poder publicál-o, recorresse a elle. Raro e bello exemplo de pa-

¹ Garrett, *Camões*, 1854, pag. 217.

triotismo, tão digno de ser imitado pelos nossos negociantes de hoje!

Recordando estes factos, nos penultimos annos da vida, ainda o poeta se mostrava agradecido á memoria d'aquelle honrado portuguez, asseverando que Freire Marréco fôra um dos mais generosos amigos que tivera na sua primeira emigração (leia segunda).

Passados poucos dias, atravessavam João Baptista e sua mulher o canal da Mancha.

XI

É o Havre-de-Grâce o porto mais commercial da França, no Atlantico. Sem ter a grandeza e importancia de Marselha, no Mediterraneo, que hoje attrahe a si quasi todo o movimento maritimo do Levante, o Havre, muito mais proximo de Paris, na embocadura do rio Sena, ufana-se com a vantagem de fornecer á capital a maioria dos artigos estrangeiros que ella precisa para seu consumo. Essa circumstancia, e a de achar-se em communicações directas com Inglaterra, Paizes Baixos, Portugal, e com as nações da America, faz com que seja considerado pelo commercio francez como porto de primeira ordem. O celebre Laffitte, filho de carpinteiros e pae de illustres damas¹, que deu o throno a Luiz Filipe, depois de expulsar Carlos X,ahi tinha casa bancaria, filial da de Paris.

Quando Garrett se apresentou, com a recommendação de Freire Marréco, foi logo admittido, e encarregado de fazer a correspondencia portugueza e brazileira do estabelecimento.

¹ A princeza de la Moskowa, casada com o filho de Ney, era Laffitte.

Por cima da cidade, na margem direita do Sena, levanta-se, em amphitheatro, a graciosa collina de Ingouville, povoada de casinhas, que lhe dão o mais pittoresco aspecto. N'uma d'essas habitações, pequena, mas cheia de sol, rodeada de verdura, e com vista sobre a bahia onde se balouçavam constantemente duzentos ou trezentos navios, fixou o novo caixeiro a sua residencia, em principios de março de 1824.

XII

Ahi disse o poeta o ultimo adeus á poesia romana, trabalhando, tambem pela vez derradeira, nas suas traducções de Catullo, segundo affirmou no original que existe entre os seus ineditos. O manuscripto, copiado em livro encadernado, tem este titulo:

« *Catullo*, traduzido e anotado em portuguez por J. B. de A. G.—Havre 1824. »

Na pagina immediata ao rosto:

« Nota. — Emprehendi esta versão no meu ultimo anno de Coimbra, 1820—21.—E de dezembro a janeiro d'esse tempo ahi traduzi alguns d'esses poemetos: o que tambem fiz pelo mar na minha viagem á ilha Terceira em a primavera d'esse anno 1821, e na curta residencia que lá fiz.—Em fevereiro 1824 em Londres continuei a obra, e agora de novo me cinjo a ella com mais firmes tenções de a levar ao cabo.—Havre 29 de abril de 1824. » E n'outro paragrapho, escripto com letra mais moderna:

« Perdeu-se a maior parte do trabalho e o melhor, que estava por copiar. Perdeu-se no naufragio do Porto.—Aqui estão só os primeiros ensaios. Londres, 1832¹. »

¹ Quando se fez a classificação dos seus papeis, escreveu elle

Toda a letra é de sua mão, apesar de fazer grandes differenças entre si. A collecção contém apenas uns quatrocentos e oitenta versos de varias medidas, que me parecem demasiado mediocres para que fossem feitos, alguns d'elles, pouco antes de começar o *Camões*. Eis uma amostra dos melhores:

« A Fábullo

Cedo commigo se lhe apraz aos numes
 Mui lautamente cearás ó Fábullo
 Se farta boa ceia, e generoso
 Vinho, e mais galhofeiras bagatellas,
 (Sem que alva moça apetitosa esqueça)
 As trouxeres comtigo: sim, meu caro,
 Se as trouxeres, terás mui lauta ceia:
 Que o teu pobre, o teu misero Catullo
 Tem ás aranhas alugada a bolsa;
 Em troca te darei pelos amores,
 Ou se mais guapa, mais suave que elles,
 Alguma còusa houver dar-t'a-hei contente:
 Perfumes te darei, que á minha bella
 Déram Graças, e Amor, Cupidos déram:
 Taes, que ao provar-lhe o cheiro delicioso
 Aos deuses pedirás, Fábullo amigo,
 Que em nariz todo inteiro te convertam.»

As outras peças não valem mais que esta. E em 1824 já o poeta devia ter a opinião que adiante lhe veremos manifestar a respeito de traducções. A sua admiração por Catullo e por toda a escola de seus imitadores, caíra, no seu conceito, logo que estudou sériamente as xácaras e romances da tia Brigida e da mulata Rosa de Lima.

XIII

O gallego e o diabo, conto engraçadissimo, que se acha

n'este inedito, antes do rosto: — «Memoranda, Cartões, Estudos de Poeta. A. G.»

a pag. 78 e seguintes das *Folhas cahidas*, traz a data do Havre-de-Grâce. Porém, assim como os versos traduzidos de Catúllo me não parecem, por muito inferiores, os que elle deveria escrever n'esse tempo, tambem os d'esta peça se me afiguram muito mais recentes. Provavelmente lhes assignalou datá anterior á verdadeira, receioso de que a *frescura* do *caso* pozessé em risco a sua gravidade em annos mais maduros. Deixo este ponto para ser resolvido pelos entendidos, se julgarem que vale a pena.

Tendo as mesmas dúvidas, quanto ás outras peças que compõem o livro das *Fábulas*, annexo ás *Folhas cahidas*, bem como a respeito de muitas das *Flores sem fructo*, não as cito no logar correspondente ás datas, que o auctor lhes pôz talvez ao acaso.

XII

Romagem que devem fazer os viajantes portuguezes á collina de Ingouville.— *Camões*.— Amnistia.— Carta a Duarte Lessa.— Revolução litteraria.— Pontos de similhança.— Mais confusão chronologica.— Suspeitas desconsoladoras.— *D. Branca*.— Outra carta curiosissima.— Romantismo.— Opiniões, criticas e parallelos.— O quejando estabelecimento.— Paris.— Impressões.— Os homens do tempo do imperio.— Censura prévia.— Chateaubriand, Victor Hugo, Cazimiro Delavigne, Lamartine, Madame de Stael.— Projectos de mudança de residencia.— J. V. Barreto Feio.— O quadro de Sequeira.— Apesar da popularidade do nome de *Camões*, não achou editor para o poema.— Imprime-se finalmente.— Advertencia da primeira edição.— Mr. F. Denis.— Gratidão do poeta.— Canto de indignação.— Affirmativa de que nunca mais fez versos.— A ultima palavra.

I

Não me é possivel indicar á curiosidade e veneração dos viajantes portuguezes, amantes da gloria da sua terra, a casa em que o poeta residiu no Havre. Porém que todo aquelle que for a França tome como dever indeclinavel a peregrinação a essa hospitaleira cidade. Chegando ali, suba a collina de Ingouville, procure o ponto mais risinho e pittoresco, d'onde se gose o espectáculo da bahia, lembre-se de que talvez n'esse mesmo logar foram produzidos os dois mais bellos monumentos com que se regenerou a poesia nacional, e saúde d'ahi o oceano, que inspirava o glorioso poeta, e a grande e bella França, que tão generosamente o acolhêra.

Depois de cumprido este dever de patriotismo, poderá o romeiro gabar-se de não ter andado inutilmente a correr mundo; e, no seu regresso á patria, cada vez que ouvir ler e fallar no *Camões* e na *D. Branca*, terá o direito de dizer com justificada ufania:— «Nas minhas viagens vi-

sitei piedosamente a collina santa de Ingouville; e vi, talvez, a casa, onde o genio do immortal proscripto produziu essas obras primas».

Foi com effeito em Ingouville que o poeta conseguiu realisar os projectos formados em Warwick: «dando os dias ao seu trabalho de escriptorio, e as noutes ás suas recreações litterarias . . . sem que a presumpção de cavalheiro, ou a vaidade de homem de letras o fizessem descontente com tamanha mudança de fortuna¹». Ahi começou o poema *Camões* no dia 13 de maio de 1824, segundo se lê no primeiro borrão, em poder de seus herdeiros. Escreveu-o, diz elle: «por occupar e distrahir o atribulado espirito, que em tanto desterro e solidão, e com tam afadigada vida, não sei eu como ainda são o conservo.

« Havre, em 9 de junho de 1824. Que coisas não iam por minha terra, emquanto eu cá de tam longe, e tam alheio a taes barulhos, sonhava com as memorias de suas antigas venturas!²»

Emquanto elle immortalisava no desterro o nome do seu paiz, produzindo algumas das mais bellas obras primas da moderna litteratura portugueza, publicava-se em Lisboa um decreto de amnistia para os crimes politicos no qual o auctor de *Camões* não era comprehendido!³

II

No mez seguinte escrevia elle ao seu amigo Duarte Lessa, residente em Londres, esta interessantissima carta:

¹ Biographia ms.

² Garrett, *Obras*, tom. xxii, pag. xviii.

³ Tem a data de 5 de junho de 1824.

« Julho 27¹ (1824)

Am.^o—Recebi a sua estimadissima ha muito tempo; e não lhe tenho escripto por esperar fazê-lo mais ao largo e tambem porque me cumpria fallar-lhe em um objecto, que só agora posso.—Aqui é chegado o amigo V.^a a quem tenho demonstrado por obra o que de palavra disse ao snr.—barateza da terra, segurança individual e perfeita liberdade em que se vive, commodos para a vida e mil outras cousas que em verdade deverão (deveriam?) ter deliberado muitos a vir para aqui—pois essa terra é realmente devoradora.—O *prégador* é interessado: e que o sou confesso de plano, porque a companhia de portuguezes (mesmo *indignos* do nome) seria para mim sem dúvida de um preço infinito n'uma terra onde com ninguem vivo; mas quanto mais ainda se de amigos etc.!

Agora tratemos um assumpto que é particular meu. Desde que resido no Havre tenho-me constantemente occupado de uma obrita, cuja materia nacional e popular espero lhe desse (dê?) saída; emquanto ao desempenho, outros dirão, que não eu.—Já tenho subscriptores em Portugal e aqui, desejára obtêl-os em Inglaterra: ao snr. agora, e logo a outros amigos vou pedir que se interessem em os diligenciar: e parece-me que posso confiar pelo menos em alguns.—A obra é um poema em dez cantos, cujo titulo, e assumpto é—Camões—Suas aventuras, e suas composições formam o fundo historico; mas os *Lusiadas* principalmente occupam a scena.—A *acção* é a composição dos *Lusiadas*—e por tanto grande parte do meu poema uma analyse poetica do d'elle.—

Já vê que me não faltavam episodios com que guar-

¹ Não poz o anno, mas têm-n'o no sobrescripto os carimbos do correio, e não pôde haver dúvida que seja de 1824.

necer e enfeitar o quadro. Dei-lhe um tom e ar de romance para interessar os menos curiosos de letras, e geralmente fallando o estylo vae moldado ao de Byron e Scott (ainda não usado nem conhecido em Portugal) mas não servilmente e com *macacaria*, porque *sobretudo* quiz fazer uma obra nacional. Fil-o em dez cantos por similhaça com o poema cantado. Por ventura me criticarão a novidade de fazer um poema assumpto de outro: sei que sou o primeiro que me atrevo a isso; mas se me sair bem, não que desmereça das letras porque innovei um genero (?).—Tenho completo os dez cantos todos, mas há lacunas em alguns que de proposito (quiz) deixar para seguir o fio da concepção, e que só encherei na emenda geral que ha-de preceder a impressão.—Vou mandál-o ao am.^o Marréco, a quem pelo muito que lhe sou obrigado o dedico — se o elle permittir e aceitar—; mas do snr. e do am.^o J.^o Ferr.^a e do grande *camoen-sista* snr. Machado, espero que o vejam, que notem com franqueza o que lhes não parecer bem, e m'o digam com a meésma franqueza porque não sou homem que d'isso faça senão obrigar-me, e agradecer.—Se tivera aqui as memorias de Cam.^s escriptas por aquelle inglez, cujo nome me não lembro, grande auxilio me seriam, especialmente para as notas e illustrações do poema que ainda não acabei de todo.—Todavia a obra pôde entrar na imprensa logo, logo, apenas haja uma subscripção que me assegure a — não perda — e que haja com que supprir as despezas d'ella o que me não permittem minhas *circumscriptas circumstancias*. Já tomei informações e d'aqui o posso com facilidade fazer em Paris — d'aqui o poderei depois mandar para todos os portos do Brazil, onde (se o amor proprio me não illude) cuido que terei certa e util venda. Se faço fortuna, e encontro quem me dê a mão — talvez esta cousita me ajude a levantar um tanto da lama. —

Ao snr. e ao amigo M.^{do} peço o favor de me remetter os meus livros, e com elles (havendo o cuidado de os misturar) os meus papeis—exceptuando d'estes tam sómente o que forem cartas, ou cousa similhante, porque o mais não tem perigo. Recommendo-lhe muito de fazer tomar na alfandega ahi declaração de ditos livros porque se voltar com elles (por algum acaso) evito os direitos —que já foram uma vez pagos.—Todos os quinze dias vem navios em direitura de Londres aqui, e assim na primeira occasião não se esqueça de mim. A este e S.^a C.^o F.^a B.^s e todos dê os meus sinceros cumprimentos pela *indignidade*, que o snr. tambem receba, e creia que do c. sou seu—am.^o obg.^{mo}—*J. Bap.^{ta}*.

P. S. O agente dos paquebots de Londres aqui é Mr. Symonds Fenchurch S^t 1.^o»

III

Concluido o *Camões*, mandou-o Garrett, em 4 de agosto, a Freire Marréco, acompanhado com a interessante carta que se lê a paginas xxviii e seguintes do tomo xxii das suas obras. Parte d'essa missiva serviu de prefacio á primeira edição do poema.

Apesar da affirmativa que faz o auctor, n'esse curioso documento, de que não era classico nem romantico, sabem

¹ O sobrescripto diz: «D. Lessa. Esq.^e—Care of Mr. Machado, 27 Jud. place new road.—London». As palayras que indicam a morada e ao cuidado do sr. Machado, estão riscadas, e lê-se por baixo a nova morada de Lessa: «6, Queen's Bulloings—*Brompton*». O autographo, que fielmente copiei, pertence ao sr. Eduardo Lessa, assim como outros dois de que mais adiante dou cópia. Foram-me confiados por intervenção do meu bom e respeitavel amigo o sr. conselheiro Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa, que de todas as vezes que a elle recorri, para averiguações e busca de documentos para estas memorias, me auxiliou sempre com verdadeira dedicação. Aqui lhe dou por isso os meus mais sinceros agradecimentos.

todos, provam-n'os os seus trabalhos, e elle proprio confessa n'outras partes que era seu pensamento a restauração do romantismo em Portugal¹. Com o *Camões*, a *D. Branca* e a *Adozinda* fez a revolução que derrubou os velhos idolos e nos trouxe o renascimento das letras. O *Camões* é inquestionavelmente a mais portugueza de suas obras pelo estylo e pela doce melancolia que de todo esse poema se exhala, em perfumes de saudade.

Proscripto, como o seu heroe, e saudoso como elle da patria, o auctor consubstanciou no começo do canto I e em todo o canto V as mais suaves e poeticas bellezas com que na nossa lingua se podem exprimir os sentimentos ternos. Depois do seu poeta predilecto nunca se tinham escripto em portuguez versos de tão delicada sensibilidade. O cantor identificára-se por tal modo com o cantado, tão suas fizera as desventuras d'este, e tão semelhantes eram as circumstancias presentes da sua vida com as do amante de Natercia, cantando no exilio as desventuras da patria, que adoeceu por fim de pura melancolia e teve que interromper o trabalho.

«Quasi todo este poema—diz elle—foi escripto no verão de 1824 em Ingouville ao pé do Havre-de-Grâce, na margem direita do Sena. Passei ali cerca de dois annos da minha primeira emigração (aliás segunda), tam só e tam consumido, que a mesma distracção de escrever, o mesmo triste gosto que achava em recordar as desgraças do nosso grande genio, me quebrava a saude e destemperava mais os nervos. Fui obrigado a interromper o trabalho: e dei-me, como indicação hygienica, a composição menos grave. Essa foi a origem de *D. Branca*, que

¹ É claro que Garrett não podia approvar nunca os exageros ridiculos a que depois chegou esse genero entre nós. Antes declarou por mais de uma vez que se envergonhava e arrependia de ter hasteado a bandeira do romantismo, e que nunca o teria feito se imaginasse os excessos em que cairia aquella escola.

fiz, seguidamente e sem interrupção, desde julho até outubro d'esse anno de 24¹, completando-a antes do *Camões*, que primeiro começára, e que só fui acabar a Paris no inverno de 24 a 25².»

IV

A carta citada, a Freire Marréco, remetendo-lhe o *Camões*, tem a data de 4 de agosto. Não parece pois provavel que interrompesse aquelle poema para começar a *D. Branca*. Em agosto foi principiado est'outro, como logo veremos. Houve portanto manifesto equívoco nas datas d'elle.

Na impossibilidade de separar os dois poemas para fallar de cada um por sua vez, tão ligados se acham elles a factos da vida do auctor, sou forçado a occupar-me indistinctamente de um e de outro, para não interromper a ordem chronologica. Freire Marréco demorou muito tempo a resposta á carta de João Baptista. E essa demora acabou por affligir o poeta, enchendo-o de suspeitas desconsoladoras. Persuadiu-se de que o seu amigo tomara a dedicatoria como armadilha interesseira, quando realmente não era senão demonstração affectuosa de co-ração grato aos favores já recebidos.

Em 19 de agosto, quinze dias depois da epistola que devia acompanhar o *Camões* para Londres, começou a *D. Branca*. — «... foi escripta em França quando o auctor entrava apenas nos vinte annos (!), e todo namorado das melancolias do romantismo, dirigia ao seu amigo Duarte Lessa, então em Londres, as saudosas aspirações de sua alma. O *Camões*, publicado um anno antes,

¹ Adiante se verá que não foi começada em julho nem acabada em outubro; mas começada em agosto e concluida em novembro ou dezembro.

² Garrett, *Camões*, 1854, pag. 214.

1825, foi todavia escripto depois ¹. N'esse porém a natureza do assumpto obrigou o poeta a transigir de novo com a mythologia pagan que tinha abjurado. E apesar d'isso, foram estes dois poemas que a baniram e des-thronaram entre nós ². »

V

A origem da *D. Branca* explica elle na extensa carta, que acompanhou o manuscripto enviado a Duarte Lessa. Aqui a dou como um dos mais curiosos documentos da moderna historia litteraria portugueza, e dos que melhor pintam as opiniões do poeta na sua mocidade. Ali falla tambem da inquietação em que está por falta de resposta de Marréco.

« Ao sr. D. L. — Havré, 19 de novembro de 1824. — Meu am.º do C. — Acabo n'este momento de escrever as ultimas linhas de um novo poema (dou-lhe este, por lhe não acertar com outro nome; porém assim sou eu tolo que lhe defenda o titulo) do qual, quer queira quer não absolutamente está decidido que lhe farei preito e homenagem, como áquelle a quem muito estimo. — Sabei, etc. Segue-se o formulario do stylo.

Agora em linguagem cham e corrente. — Lembra-se das nossas conversas de Londres sobre antigualhas portuguezas e o muito que d'ellas se podia aproveitar quem de nossas legendas e velhas historias e tradições fizesse o que tam bem fazem inglezes e allemães, que é vestil-as dos adórnos poeticos, e saccudir-lhes a poeira dos seculos com bem assisada escolha e apropriado modo?

¹ Queria talvez dizer «concluido depois» e nem assim mesmo acertaria! Por occasião de se publicar a *D. Branca*, tinha 27 annos e não 20.

² Garrett, *D. Branca*, 1850, pag. 239.

Pois desde então (e já de mais tempo me fervia isto na cabeça) não fiz eu senão pensar no geito com que me haveria para armar assim uma cousa que se parecêsse, mas que de longe, com tanta cousa boa que por cá ha por estas terras de Christo, e que pelas nossas, de tam ricos que somos, se esperdiçam e andam a monte, por desacêrto de letrados e barbarismo de ignorantes.

Acertou de me vir ás mãos um livro portuguez que para mim foi um achado, aqui onde até a *Gazeta de Lisboa*

Credite posteri!!

por ser em portuguez, me dá não sei que prazer de vê-la, que, de verdâde lh'o digo me envergonho com-migo mesmo da minha creancice. Eram as chronicas de D. Nunes; e apesar de já lidas e relidas me deitei a ellas como esfaimado e lendo e escrevinhando como é meu achaque, deparei na chronica de D. Affonso 3.º com a relação da conquista do Algarve e ao pé logo em mui concisas palavras a historia da infante D. Branca sua filha.

Que foi senhora do mosteiro de Lorvão, d'onde foi mandada para abbadeça do mosteiro de Holgas de Burgos que he o mais rico, e mais nobre mosteiro de toda a Hespanha Com esta infante teve amores um cavalleiro do qual pario um filho etc. (D. N.)

Deu-me no gotto esta edificante historia, e como lhe não vi impossibilidade poetica, assentei de a ligar com a da conquista do Algarve e fazer d'ahi poema, romance, ou o que mais queiram chamar-lhe; porque de nomes não disputo eu, e muito menos dos nomes dos meus rapazes.— Ora eis ahi o argumento e origem da obrinha. D. Branca é pois historica personagem; e não menos o são D. Paio mestre de Sanctiago e Aben Afan rei de Silves, cujo reino dilatei eu por todo o Algarve que por diversos reisi-

nhos e principinhos então andava repartido. Nem me pareceu demasiada a licença poetica principalmente nos nossos dias que maiores as estamos vendo e *em boa prosa*, que não em verso.—Historica é tambem a caçada e fatal combate das Antas, em que ficaram mortos os seis cavalleiros de Sanctiago e o mercador Garcia Rodrigues, defendendo-se até á ultima como homens que eram.—Por ventura haverá hi quem ache este caso ainda mais poetico; mas é pura verdade tal e qual como o conta D. Nunes; e bem o creio eu porque os nossos mercadores d'aquelle tempo sabiam tanto do covado como da espada, nem se deixavam insultar de cavalleiros com medo de fanfarronadas, ou calotear de senhores a trôco de cortezias.—Não ha lá princezas mouras no que diz a chronica; mas metti-lhas eu que tambem sou chronista em minha casa; e umas por outras, Deus sabe quem mais mente se poetas ou chronistas: e de taes contos de chronicas dizia um nosso classico moderno:

Sabe Deus o que elle via!

A ida da rainha D. Beatriz a Castella para obter do pae a concessão do Algarve igualmente é historica; e emfim, até as bruxarias de F. Gil, depois S. Fr. Gil não são fabulas—pelo menos da minha cabeça.—N'aquelles tempos, vivia, e tam seu devoto foi el-rei D. Affonso que nos conta o referido historiador, que padecendo muito de gotta nos derradeiros annos da sua vida,

Para mitigar as dôres, andava arrimado ao bordão de Sam Frei Gil, religioso da ordem de Sam Domingos, que foi n'aquelle tempo, a que el-rei era mui affeçoado e muito seu devoto por sua santa vida e grande erudição.
(D. N.)

Que casta de *erudição* fosse esta de S. Fr. Gil, porque lhe el-rei tanto queria, mui claro nol-o diz Fr. Luiz

de Sousa na historia de S. Domingos onde vem miudamente contadas suas feitiçarias, pacto com o diabo, e mais cousas que servem de fundamento ás que imaginei¹.

A uma alteração na fidelidade historica fui eu obrigado por não alterar demasiado a mesma historia; e é ella no fazer decidir e acabar a conquista do Algarve na tomada de Silves, onde nunca pelejou D. Affonso 3.º, quando só a de Faro extinguiu de todo o senhorio mahometano n'aquelle reino, e só a ella foi D. Affonso com a armada de estrangeiros que a Lisboa aportára. Quando digo que o fiz para não alterar demasiado a mesma historia, quero dizer segundo as circumstancias estabelecidas no meu poema: porque sendo Aben Afan principal heroe *macho* d'elle, morto (segundo a historia) no cêrco e entrada de Silves, cujo rei era, muito peor seria contra ella, se eu em Faro fosse finalizar a acção do poema, para cujo heroe ella ha muito findára em Silves.

Os amores de D. Branca tambem não são taes e quaes nos meus versos como nas prosas do chronista; mas se ha cousa n'este mundo em que mais valham versos que prosa, certo são amores.—Muito me péza que para as descripções, que são alma e amago da poesia romantica, tanto me fallecessem noticias topographicas: triste fallencia de nossa terra, de quem ninguem sabe nada. De mim digo com lisura que em meu pouco saber mais conheço eu de paizes estranhos e até d'aquelles que nunca vi do que d'essoutros em que fui nado e creado. O poucachinho que pude haver ácerca do Algarve, e me serviu para a descripção do cabo de Sagres e costa visinha, tirei-o de uma pequena memoria ms. que acaso me veio á mão, e cujo auctor supponho um medico bordalengo

¹ Até accusavam Garrett de não ter ainda lido Frei Luiz de Sousa, quando escreveu o drama d'esse titulo!

ou alemtejano chamado Silva, homem que pelas amostras que d'elle vi em prosa e verso, tanto merecia de ser conhecido quanto o é pouco, ou nada.

A mythologia ou agentes sobrenaturaes de que me servi são estranhos e novos em portuguez; ou, melhor direi, novos e estranhos os acharão, com quanto o não são elles, que esta é nossa legitima e verdadeira mythologia e não a de gregos e romanos que á queima-roupa nos metteram em casa os que aperfeiçoando nossa poesia com as bellezas classicas, lhe tiraram todavia a *originalidade*, o natural, e para o dizer assim, a *nacionalidade* propria sua. — Tomaram os nossos primeiros aos poetas antigos por modêlos, e bem andaram então que nenhum outro, nem tão perfeito exemplar tinham: mas, imitando a delicadeza do stylo, o castigado da phrase, e a elegante simplicidade, que caracterisam as obras primas da antiguidade, não havia mister de copiál-as á risca, e muito menos em cousas que desmentiam de nossos costumes, que eram alheias de nossos habitos, de nenhum valor e significação para a nossa crença, principios, idéas, e até preconceitos e populares superstições. Figuravam bem nos poemas latinos e gregos o seu Jupiter e o seu Apollo, eram divindades que não só todos *conheciam* porém muitos *reconheciam*; cuja natureza, historia, e legenda se ligava com as historias e tradições da nação; eram um symbolo visivel das *abstrações* dos philosophos, uma recordação de memorias antigas ou respeitaveis para a classe illustrada, e um objecto de veneração e respeito para os supersticiosos e ignorantes. Mas para nós que valem, que importam, que significam, e o que recordam essas allegorias de sabios e divindades de ignorantes, chamados Saturno, Vesta, Cybele, etc., etc.? Para os gregos, Jupiter nascêra em Creta, Marte em Thracia, Apollo e Diana em Delphos, Bacho em Thebas; muitos d'elles, e muita supposta descendencia d'elles, reinaram

ou illustraram suas terras: Minerva fundára Athenas, e ensinára as artes aos seus habitantes; Ceres a agricultura; cada um d'esses deuses lhes estava ligado por vinculos de sangue ou beneficios. As mesmas musas habitavam no meio da Grecia, e (assim como todos os numes) os sitios de sua residencia eram os montes, os campos, os rios, as fontes, que a todos eram conhecidos, e a que se ligavam as doces recordações dos brincos da infancia, dos gózos da mocidade, dos recreios da idade madura, e das consolações da velhice.—Para os romanos, Romulo fundador de sua cidade era filho de Marte, Enéas progenitor de sua estirpe, filho de Venus; todos os santos de seu kalendario tinham maior ou menor relação com os objectos da veneração nacional e préjuizos dos póvos. E os que depois foram admittidos, pelo augmentar das conquistas, n'esse kalendario (Montesq. grand. & dec. dos R. esp. das LL. & Winckelm. ant.) a tinham com os póvos conquistados, e depois constituidos porção integrante da republica ou do imperio.—Assim a Theogonia de Hesiodo, e as Metamorphoses de Ovidio não eram tanto composições do engenho e da poesia, como livros religiosos e monumentos nacionaes.

Porém os póvos, que hoje occupâmos o mundo civilisado, e que succedemos a esses illustradores, e dominadores do globo, temos outra origem, outra religião, outros costumes, outra historia, outros préconceitos, e outras tradições. O que eram os oraculos para os gregos são para nós as feitiçarias, as buena-dichas, as sortes e adivinhos; os agouros dos romanos são as nossas bruxarias; as nymphas, as nayades, as divindades de uns e outros, são os nossos *espíritos*, os nossos *genios*, *fadas*, *mouras encantadas*, etc., etc. Os seus sonhos mysteriosos as nossas visões, suas sybillas as nossas benzedeiras, e as suas metamorphoses os nossos encantamentos, os seus *superi* e *inferi* os nossos espiritos bons e maus—

e assim por diante. Não entra o nome de Deus em nossa mythologia, como na d'elles entrava, porque é muito sublime e grande para nós a idéa do Ente Supremo, nem soffrem nossos principios de religião e de moral que a profanemos em allegorias e ficções, e misturemos com os devaneios da imaginação os respeitaveis theoremas de nossa crença. A imagem de Deus não sahe de nossos sanctuarios; e o poeta christão (sejam quaes forem as suas idéas religiosas) não ousaria, nem quando alevantasse o seu stylo até ás grandezas do Creator, mais que a entoar em hymnos sua gratidão e respeito, ou a celebrar em canticos a admiração que excitam as maravilhas de suas obras.—Isto digo eu sejam quaes forem as idéas do poeta; porque o mesmo atheu de profissão, que em uma obra polemica se abalançasse a atacar as proprias bases da crença pública, não profanaria, como poeta, esse mesmo Deus, cuja existencia negasse como philosopho; porque as agencias sobrenaturaes de seu poema se tornariam ridiculas, indecentes e absurdas.

Os esforços inuteis que se teem feito para introduzir os dogmas do christianismo na scena poetica tem mostrado a verdade d'esta asserção: nem só Voltaire se achou mal com este expediente porque antes d'elle peor succedeu ao divino auctor da Gerusalem. Voltaire com os dogmas do christianismo viu-se obrigado a lançar mão de allegorias abstractas e áridas para encher o vácuo, que aquelles lhe deixavam no *maravilhoso do poema*; este remendo, tolheu e achacou a Henriada. Mas Tasso que por maior poeta que era, e com a vantagem de tratar mais poetico assumpto já pelas tradições fabulosas que o cercavam, já por sua antiguidade, Tasso que foi direito ás fontes do verdadeiro maravilhoso poetico das nações modernas, que seus compatriotas todavia já tinham descoberto, em peor defeito cahiu ainda, porque

misturou a magestade de Deus com as caricaturas das bruxarias, e as verdades da religião com as fabulas dos encantamentos.

O moderno systema de maravilhoso christão, cuja superioridade pertendeu demonstrar Chateaubriand em theoria, no seu Genio do Christianismo, e em pratica nos Martyres, difficilmente se pôde apoiar nas provas de seu auctor produzidas. — Engenhosissima obra é o Genio do Christianismo e meio persuadido me deixou; mas quando praticadas nos Martyres vi suas theorias, desan-dei do começo do conceito. Tirem-lhe d'ahi a mythologia grega e a druidica, o contraste d'ellas com o maravilhoso christão, e veremos o que fica ás bellezas poeticas d'essa composição em verdade grande, e extraordinaria. Além de que a natureza do assumpto dos Martyres, assim como a do Paraiso perdido, mais comporta aquelle sobrenatural, pois *parte* d'esse mesmo sobrenatural é a acção de um, e *toda* a de outro. Differente é o caso em poemas de outro genero: Camões que fatalmente errou na *mistura* de seu maravilhoso, quanto peor faria se houvera empregado nos Lusíadas o maravilhoso de Milton ou de Chateaubriand? — Digam-n'o os deveis esforços de seus successores portuguezes, desde Mousinho de Quebedo, até o pobre padre José Agostinho; os quaes, por evitar o defeito do grande cantor de Vasco, se envolveram em dédalos de difficuldades, e acabaram vencendo-as mal á força de secura e fastio de mui prosaicas ficções, e desenxabidissimas creaturas de sua esteril imaginação. — Tornando ao Paraiso perdido, que é o mais valente argumento a favor do maravilhoso christão, convenho que mui grandes e mui poeticas bellezas produziu elle no poema de Milton, mas porque toda a acção, todas as suas partes e episodios pertencem a esse mesmo maravilhoso, sendo, como tudo ali é, sobrenatural, extraordinario. Mas quantas acções *cantaveis* ha

como aquella? E que exemplo póde fazer o que não é applicavel senão a si mesmo?

Meu am.º, estas reflexões vão-se-me estendendo além do que eu pensei; e de carta vou caíndo em dissertação, cousa com que tenho particular antipathia. Para que mais me não tente o diabo, e antes que me tome a mania de dissertar, acabo com estas regrinhas já de sobejo estiradas: assim lhe não cansem ellas a paciencia, e me valha a amisade para desculpa da seccatura.

Ahi vae a minha Branca: branquinha e limpinha de gallicismos, e elmanismos, e *pimponices* poeticas me parece a mim que ella vae: leia-a para si; e se achar que para mais alguém a deve ler, leia; mas recommendo que seja pessoa que não taramelle; porque se algum dia me desinquietar o démo que atire com ella a ver mundo, não haja logo dizedores a dar pae á creança. E eu se de feito a mandar, mando-a para a roda, apesar de ser filha de gente casada, — como o sentimental educador de filhos alheios fez com os seus proprios para maior honra e gloria das eternas inconsequencias dos homens. — Como me prézo de o avaliar não acrescento mais nada.

Quanto á epistola dedicatoria, eil-a aqui; nem sei fazer d'outras; e já lhe disse que quer queira quer não, a minha Branca lhe está consagrada pelos mesmos motivos por que ha muito lh'o é a verdadeira amisade do seu. — J.

P. S. Em o 1.º de janeiro de 1825.

Está esta carta escripta ha mez e meio, e ainda não partiu por esperar pela cópia da obrinha que só agora acabei. Depois d'aquella data recebi por via do amigo Carneiro a sua estimada de 11 de 9.º p. p., cuja resposta tambem tenho demorado aguardando esta occasião. Agradeço muito e muito as observações judiciosas do seu erudito *castelhanó* (hespanhoes tambem nós o somos, e me prézo eu d'este nome que nos é commum a todos os peninsulares) e já de algumas me aproveitei

para emendar o *Camões*. Pobre Camões! ainda por lá jaz e jazerá; nem por minha parte o esconjurarei do sepulchro, onde tornou a cahir.—Espero dever-lhe o favor de communicar ao mesmo intelligente censor a Branca. Achar-lhe-ha elle uma parte dos defeitos que notou n'aquell'outro pois é afinada no mesmo tom *romantico*; supposto, exactamente fallando, não sigo escola nenhuma deixando-me ir por onde me leva a vontade, porque não escrevo para gloria ou renome, senão para divertimento meu. Não recebi ainda livro nenhum; sim os meus papeis: d'esses me faltam uns *romances* populares que me tinha mandado uma senhora de Lisboa; sobre cuja falta escrevi a Machado—ainda sem resposta—veja se m'a pôde obter, porque muito preço dou áquelles papellinhos. Ao dito amigo não creio que deva occultar a Branca. Não sei se elle viu o Camões, e accuso-me por ventura de não ter *especificado* o seu nome nas minhas recommendações a esse respeito, mas era precisa (se é que a não fiz) essa *especificação*? Diga-me com franqueza se elle se sentiu d'isso. Outra franqueza desejára eu que tivesse commigo; porém o snr. é tam *caixa*, tam preguiçoso de escrever, e emfim ha tantas rasões para desconfiar do *bicho homem* que não lhe levo a mal se conhecendo-me pouco, e de pouco, não falla commigo raso e claro. Todavia eu sei que não mereço ser incluído na regra geral; porém o snr. d'onde o sabe?—Dou-lhe, dou-lhe rasão: mas apesar de tudo faço-lhe o pedido, e responderá como entender. Merecer-lhe-hei que me diga *sinceramente* o que pensou M.^o—(Marrêco?) da offerta que lhe fiz? Julgar-se-ha *compromettido*? Temerá que sirva de pretexto para lhe eu pedir alguma cousa? Porque me não terá elle respondido, dito sim ou não, e mandado o meu ms.?—Por quanto n'este mundo o interessa, responda-me o que sabe, e o que pensa: a ninguem mais faria eu esta pergunta, sendo, como sou, devéras

obrigado a M.—mas não duvido fazel-a ao snr.—Duvidará responder-me? Se me julga digno da sua confiança faça-o *detalhada*, circumstanciada, e *especialisadamente*.

Já saberá por via do am.^o Carnr.^o que se desarranjou o meu tal quejando estabelecimento; dei parte d'isso a M. pedindo-lhe conselho — não me responde.—Aconselhe-me v. m. (deixemo-nos de tratamentos) aconselhe-me: que devo fazer, que posso?—Ir para Portugal—e se me succede outra? Se ao menos eu podésse entreter aqui publicando alguma cousita até mais tarde; mas ir já!—Responda-me a tudo isto; tenha paciencia: uma carta comprida: portuguez claro, sem figuras, prosa cham e intelligivel: merece-lh'o o seu amigo, que lhe deseja muito *bons annos, entradas d'este, sahidas do outro*, etc., etc. E é devéras, e do C. Amigo (sem mais alcunhas)=J. B.

Não sei ainda por quem irá esta, e mais o manuscrito; mas pelo correio vão duas linhas, que o dirão. Desculpe a sécca, e as perguntas s.^{re} M.^o—Quem tem a infelicidade de ser delicado, e sensivel em certos pontos, é bem infeliz: não é assim ¹?

VI

Agora já confessa que o poema ia afinado no mesmo tom romantico do *Camões*. Romanticos eram ambos,

¹ O autographo pertence ao sr. Eduardo Lessa, bem como outro exemplar, que parece ser a minuta d'esta, com pequenissimas differenças, faltando-lhe o P. S. Nò tom. xxii das *Obras* de Garrett, acha-se, a pag. xxii e seguintes, um fragmento da mesma carta, que tambem differe d'esta em partes. O auctor começou esse documento a 19 de novembro e terminou-o a 23, no ponto em que começa o *póst scriptum*, como se vê pela data posta no fim do primeiro rascunho. O P. S. foi acrescentado em Paris.

nem podiam deixar de o ser, achando-se por essa occasião tão travada a lucta entre essa escola e a dos classicos, e sendo o pensamento do nosso poeta, embora não confessado, libertar a litteratura do seu paiz do servilismo dos modelos pautados.

«No meu poemazinho do *Camões* — diz elle — aventurei alguns toques, alguns longes de stylo e pensamentos, annunciei, para assim dizer, a possibilidade da restauração d'este genero (o romantico)¹. . . »

Não foram só leves toques, nem longes de estylo: esse poema iniciou a restauração do romantismo, que a *D. Branca* continuou, dando-lhe feições mais populares. No segundo rompia francamente com as absurdas e ensossas ficções gentilicas; e assim como o *Camões* ficou sendo a mais sentida elegia que existe em lingua portugueza, é a *D. Branca* o mais gracioso de nossos poemas e a mais perfeita expressão do romantismo em verso². Todo o maravilhoso d'ella foi tirado das fabulas populares, crenças e preconceitos nacionaes, seguindo n'essa parte, como o auctor confessa, o exemplo de *Wielland*, no *Oberon*³.

Quando os dois poemas se publicaram foram acolhidos com vivo enthusiasmo pela maioria das pessoas que estavam em circumstancias de poder julgál-os⁴. Mas nem todos lhe avaliaram desde logo o alcance. Só mais tarde se comprehendeu bem o espirito e o resultado d'essas bellas concepções. Perfeitamente explica isto um artigo do *Panorama*, que julgo ser de A. Herculano:

¹ Garrett, *Romanceiro*, 1843, tom. 1, pag. 13.

² Em prosa sabem todos que não tem competidor o *Eurico*, de A. Herculano.

³ Garrett, *D. Branca*, 1850, pag. 240.

⁴ A primeira apreciação que se fez do *Camões* foi devida á pena de um estrangeiro distincto, Urcullú. Saíu no jornal *Ocios de españoles emigrados*, Londres, 1825, n.º 17, agosto, fl. 113.

«... Antes de *D. Branca* a nossa poesia, moldada pelo typo da poesia franceza e italiana do seculo passado, não era senão um reflexo pálido da luz serena da arte grega, reverberado frouxamente no poetar dos romanos, e ainda mais descorado no da epocha de Luiz 14.º... *D. Branca* é o ideal da idade média portugueza convertido em typo poetico; *Camões* o ideal do poeta christão, valente e generoso, revelado no quadro da longa agonia dos ultimos annos do rei dos poetas modernos. Estes dois poemas, lançados sem discussão preliminar na arena litteraria de Portugal, fizeram estremecer de horror os homens das regras, os homens das poeticas e rhetoricas. E, com effeito, esta apparição não podia ser comprehendida; porque a transição era repentina, e porque ninguem percebêra que as tradições da Arcadia deviam perecer logo que fossem definidas, que ellas o tinham sido, e que as suas rigorosas consequencias se haviam completamente deduzido¹.»

VII

Pelo mesmo tempo escrevia Herculano n'outra parte: «... um poeta mancebo, desterrado como Francisco Manuel, rasgou a bandeira romana e hasteou a portugueza. Os poemas *D. Branca* e *Camões* foram o signal da revolta. As tradições da Arcadia estavam irremissivelmente condemnadas².»

Esta opinião manifesta-a o mesmo grande mestre, ainda com maior clareza, nas seguintes linhas: «Os poemas *D. Branca* e *Camões* appareceram um dia nas paginas da nossa historia litteraria sem precedentes que

¹ *O Panorama*, 1839, Lisboa, pag. 199 e 200.

² *Memorias do conservatorio*, pag. 31.

os annunciassem; um, representando a poesia nacional, o romantico; outro a moderna poesia sentimental do norte... são para nós os primeiros e até agora unicos monumentos de uma poesia mais liberal do que a dos nossos maiores ¹).

O proprio auctor, tão modesto nas cartas escriptas aos amigos, pensava mais tarde d'este modo:— «Este poema (*Camões*), e mais ainda talvez o de *D. Branca* proclamaram e começaram a nossa regeneração litteraria; nacionalisaram e popularisaram a poesia que antes d'elles era, quasi se pôde dizer, sómente grega, romana, franceza ou italiana, tudo menos portugueza; e encaminharam os nossos auctores a *celebrare domestica facta*. Da sua publicação data e procede tudo quanto hoje se está fazendo para illustrar a nossa historia, os nossos usos, as coisas da nossa terra ²».

VIII

A *D. Branca* não teve comtudo a mesma unanimidade de applausos com que foi acolhido o *Camões*. Não lhe faltaram accusações «calumniosas e brutaes — escreveu Garrett — com que a mesquinhez de um ou outro sabichão de meia-tigella quiz aspergir de immoralidade o meu innocentissimo romance; tam recatado, o pobre, que até da infanta *D. Branca* — uma das mais despejadas 'leôas' do seu tempo — fez a donzella timida e sem malicia que ahi pintei, mentindo bem descaradamente á historia. E os tartufos invocaram a historia para accusar o poeta de não respeitar a fama da senhora infanta! Tinha vontade

¹ *Repositorio litterario*, Porto, 1835.

² *Biographia* ms. Á margem escreveu Garrett por sua mão, que visse eu o *Elogio historico* de Xavier Botelho, onde Herculano proclamára as mesmas idéas, que já atraz citei.

de dizer que até um meu muito particular amigo, cardeal da Santa Igreja Romana, entrou n'estas vilanias... Mas Deus lhe perdôe, como lhe eu perdoei. Fraquezas do pobre homem! eu sempre fui amigo d'elle, comtudo ¹».

Refere-se a um artigo que apparecêra no *Panorama*, sobre a *D. Branca* ².

Os dois poemas teem hoje por si o voto dos mais distinctos escriptores, nacionaes e estrangeiros, que todos reconheceraam a sua influencia revolucionaria e transformadora na litteratura portugueza ³. E as numerosas edições que de ambos existem, mas sobretudo do *Camões*, tanto em Portugal como no Brazil, attestam se a sua leitura faz ou não vibrar as cordas de todas as almas sensiveis.

IX

O tal quejando estabelecimento que se tinha desmanchado, como elle diz na carta a Duarte Lessa, era nada menos do que terem-n'o despedido da casa em que es-

¹ Garrett, *D. Branca*, 1850, pag. viii e ix.

² Idem, pag. ix, *in fine*.

³ Exceptua-se comtudo a opinião do sr. J. M. Pereira da Silva, brasileiro, que no seu livro *La Littérature portugaise* (edição de 1866), diz a pag. 135:—«... le poëme sur la vie de Camoës remarquable à bien des égards, semble une chute plutôt qu'un progrès véritable».—Para emittir este juizo, de todo o ponto inaceitavel pelos escriptores de boa fé e desapaixonados, suppõe, tambem erradamente, que *D. Branca* appareceu primeiro que o *Camões*. Felizmente podemos oppôr ao voto singular d'esse litterato os de A. Herculano, Rebello da Silva, Lopes de Mendonça, Latino Coelho, Mendes Leal, Kinsey, Southey, Adamson, m.^{lle} Paulina de Flaugergues, Vegezzi-Ruscalla, J. M. do Amaral (brasileiro) Manuel de Araujo Porto-Alegre (brasileiro), Urcullú, o conde de Luckner — tantos jornaes, tantos livros, e tantos escriptores, portuguezes, brasileiros, francezes, castelhanos, inglezes, allemães, italianos, etc., etc.

tava empregado. Esse facto collocava-o em tristissimas circumstancias. Escreveu logo a Marréco, participando-lhe o caso; mas não obtendo resposta immediata, partiu para Paris nos principios de janeiro de 1825, no intuito de tentar ali fortuna publicando o seu *Camões*.

As impressões que lhe produziu a capital da França, embora grandes e vivas, foram, comtudo, inferiores ás que lhe causára Londres. Já não viu quasi nenhum dos homens de Buonaparte, que tanto desejava conhecer: «... as ruinas do grande imperio estavam dispersas; os seus generaes mortos, desterrados, ou trajavam, interesseiros e covardes, as librés do vencedor¹».

Apesar dos jornaes viverem aperreados pela censura prévia, ou talvez que por isso mesmo, todas as attentões e todas as intelligencias se consagravam mais ou menos á politica. Havia, é certo, grandes homens, uns, moços ainda, outros, velhos antes de tempo, que consagrando-se tambem á litteratura se guerreavam politica e litterariamente. Chateaubriand, despeitado por não ter prevalecido o seu alvitre da guerra, no Congresso de Verona, consolava-se imprimindo os *Natchez*; Victor Hugo, incerto ainda no rumo que seguiria, ruminava o monstruoso prologo de Cromwell, de mistura com a pensão que lhe dava Luiz XVIII, por elle se ter declarado realista insuspeito; Cazimiro Delavigne popularisava-se no theatro; Lamartine enviava da Italia, onde servia como diplomata, os cantos do alaúde romantico, com que acompanhava o movimento produzido em França por madame de Stael e Chateaubriand.

Garrett admirou alguns d'esses escriptores já celebres, sem se approximar de nenhum. O que mais desejava conhecer de entre todos era o auctor do *Genio do Christianismo*. Vendo-o, porém, de perto, e apreciando-o tam-

¹ Garrett, *Viagens na minha terra*, tom. 1, pag. 87, 1846.

bem como homem politico, afigurou-se-lhe mais pequeno do que lhe tinha parecido visto de longe.

Propunha-se João Baptista fixar-se em Paris, se ali achasse meios de subsistencia que lhe permittissem poder mandar vir a mulher do Havre. De sociedade com outro amigo alugou quarto n'uma agua-furtada, e ali fez as ultimas correcções ao seu livro: «E quasi que tenho hoje saudades — tal nos tem andado a sorte! — das ingelhadas noites de janeiro e fevereiro que n'uma agua-furtada da rua do *Coq-St.-Honoré* passavamos com os pés cozidos no fogo, eu e o meu amigo velho o sr. J. V. Barreto Feio, elle trabalhando no seu *Sallustio*, eu lidando no meu *Camões*, ambos proscriptos, ambos pobres, mas ambos resignados ao presente, sem remorso do passado — e com esperanças largas no futuro». Isto escrevia elle em 1839¹.

X

Imaginára o credulo proscripto que não sendo exigente poderia encontrar quem editasse o *Camões*, pagando-lhe em exemplares a sua parte. O heroe do poema era effectivamente appropriadissimo para uma obra de romantismo, n'esse periodo de renascimento. A historia da sua vida tornára-o popular em toda a Europa: os seus amores, os feitos que tinha celebrado, o grande facta da passagem do Cabo da Boa Esperança, idealisado no episodio do Adamastor, os tragicos amores da bella Ignez de Castro, tudo isso fallava então poeticamente á imaginação dos estrangeiros, através de uma lingua que elles não entendiam, mas que lhes parecia encantadora, pela harmonia com que soava aos seus ouvidos².

¹ *Camões*, 1854, pag. 214.

² «N'estes derradeiros tempos quasi que não ha lingua em que a poesia e o romance não tenham celebrado o ingenho e carpido

D. José Maria de Sousa Botelho, morgado de Matheus, havia pouco antes honrado o poeta nacional por excellencia com a sua grande, se bem que maculada edição dos *Lusiadas*, e com as que depois se fizeram em formato pequeno, imitando aquella. As traducções e paraphrases do nosso épico sublime succediam-se umas ás outras em todas as linguas cultas. Era recente o episodio de mr. F. Denis, e recentissima a versão de Millié¹. No anno anterior expozera o nosso illustre Sequeira o seu bello quadro, representando os ultimos momentos de Camões, do qual diz Garrett:

« É notavel coincidencia, e que muito lisongeia o meu pequenino amor proprio, que emquanto eu, humilde e desconhecido poeta, rabiscava estes versinhos para descrever os ultimos momentos de Camões, o sr. Sequeira immortalisava em Paris o seu nome e o da sua nação com o quadro magnifico que este anno passado de 1824 expoz no Louvre, em o qual pintou a mesma scena. Valha-nos ao menos, descahidos e esquecidos como estâmos, que haja ainda portuguezes como o sr. Sequeira que resuscitem, de quando em quando, o adormecido echo de nossa antiga fama². »

Considerando o *Camões* como a mais portugueza das suas obras, e muito superior á *D. Branca*, apesar de não ter como esta tão matizada têla, corrêra o auctor debalde as casas de alguns livreiros. O seu heroe, que achára em todas as almas generosas a sympathia que inspiram

as desgraças do Homero portuguez». — (Garrett, *Camões*, 1854, pag. 277.) Apesar de escripta muito depois, esta nota tem applicação ao tempo a que me refiro no texto.

¹ *La Lusíade, ou les Portugais, poëme de Camoens, etc.* Paris, Firmin Didot Père et Fils, 1825, 2 vol. 8.º

² Garrett, *Camões*, 1854, pag. 284 e 285. Advirta-se que elle só viu este quadro depois de concluido o *Camões*. Antes d'isso nunca tinha ido a Paris, nem conhecia Sequeira. A primeira vez que foi á capital de França levava o seu poema acabado. Ali, apenas o retocou.

as nobres acções reunidas ás grandes desventuras, não encontrára, contudo, editor que o quizesse, nem mesmo com a condição de o pagar em exemplares! Quem acreditaria que um misero proscripto, cantor do genio desditoso, offerecesse uma obra prima, que era tambem documento da sua propria immortalidade? Para não lh'a acceitarem bastava ser escripta em lingua que, embora lhes soasse harmoniosamente, era desconhecida para os 'orgulhosos sycambros,' tão vaidosos da sua.

Forçoso lhe fôra, pois, recorrer ao favor de algumas pessoas, que na imprensa o abonaram, prestando-se uma livraria, tambem por empenho, a figurar de editora!

XI

Foi assim que o *Camões* viu finalmente a luz pública, no mez de fevereiro¹. Na *advertencia*, composta com parte da carta dirigida a Freire Marréco, diz o auctor: — «Hoje me veio ás mãos uma obra em francez de mr. Denis, *Scènes de la nature sous les tropiques*, onde encontro um episodio sobre Camões, em que ha parecenças com a minha obrinha. Como isto foi, melhor o dirá elle que eu, pois este poema se acha composto desde julho passado, começou-se a imprimir em janeiro corrente, e são acabado da imprensa, hoje 22 de fevereiro de 1825; a obra de mr. Denis publicou-se em dezembro p. p.— É notavel a coincidência, e muito me lisongea².»

¹ Paris, na livraria nacional e estrangeira, imprensa de J. MacCarthy, rue des Petites Écuries, n.º 47. 1 vol. 12.º 1825.

² *Camões*, primeira edição. O exemplar de que me servi por favor do sr. A. M. Pereira Junior, a quem pertence, fôra dado por Eduardo Hadley a Henrique Vicente Zenoglio, segundo se lê através do papel que interiormente fôra a capa no fim do livro. Provavelmente era esse um dos exemplares mandados pelo auctor á hos-

N'uma nota á quarta edição, de Lisboa, diz por engano que o poemeto de mr. Denis appareceu em 1825. E acrescenta : — « Na primeira edição do meu *Camões*, que é d'esse anno, fiz a semsaboria de me pôr a dar explicações em como não tinha nada a minha composição com a do sr. Denis. Consta-me que, entendendo provavelmente mal as minhas palavras, aquelle escriptor, que tam bem tem merecido da nossa litteratura, se offendêra d'ellas. Peço-lhe aqui solemne desculpa, e declaro a minha convicção íntima de que, assim como eu não sabia da sua obra nem a víra antes de publicar a minha, o mesmo estou certo que lhe acontecesse ¹. »

O sr. Ferdinand Denis jámais duvidou da probidade litteraria de Garrett. Amigo, dos melhores que tem Portugal, escriptor insigne e honradissimo, desde logo se convenceu que o auctor de *Camões* não víra, antes de escripto o seu poema, o trabalho do sabio francez.

A primeira edição do *Camões* faz alguma differença, se bem que pouco sensivel, das que o poeta publicou depois. As alterações não tocaram no intrecho. Consistem apenas na melhoria e no augmento de versos. Apesar de sair anonymo, souberam logo todos os portuguezes então residentes áquem e álem da Mancha, quem era o auctor de tão primoroso trabalho. A sua leitura despertou nos corações d'esses homens sentimentos de nobre orgulho, que lhes exaltaram o patriotismo. Ufanaram-se de ser

pedeira familia de Edgbaston. E aqui cabe dizer-se que andei muitos annos incommodando todos os meus amigos que iam a Inglaterra, ou que ali tinham relações, sem exceptuar os nossos ministros residentes em Londres, para saber se ainda existia algum Hadley, dos de 1824 e 1828. Quando pelo mais imprevisito dos aca-
sos me parecia ter entrado na pista de um d'elles, lendo-lhe o nome através do papel que forrava a capa de um exemplar da primeira edição do *Camões*, dirijo-me ao seu amigo Henrique Zenoglio, e este expira, quasi no momento em que eu o interrogava!

¹ *Camões*, 1854, pag. 277 e 278.

filhos da nação que produzira tão grande genio como o cantado, e que, apesar de opprimida, ainda tinha filhos capazes de padecer por ella immortalisando-a. Retemperava o canto do poeta a virtude e a firmeza dos seus companheiros de exilio; e fazia-os ter mais amor á liberdade e esperar com paciencia que ella resurgisse triumphante na terra portugueza¹.

O auctor agradecido associava á sorte do seu livro Freire Marrêco, encolhendo-o «na só inicial do seu appellidó, receioso de o comprometter²». E logo depois da invocação á saudade, dirige-lhe estes versos, que tanto honram um como outro:

«Certo amigo na angustia, que aos tormentos
Myrradores que a vida me intravavam,
Adoçaste o amargor, e com benigna
Dextra cravaste á roda do infortunio
Cravo que o gyro barbaro lhe impeça³;
A ti, a quem a vida, que se me ia
Em desalento, em desconforto, devo,
A ti minhas endeixas mal cantadas
Nas solidões do exilio, onde as repetem
Os êrmos echos de estrangeiras grutas,
A ti meus versos consagrei na lyra:
Quebrada sobre o escolho da desgraça
Inda languidos sons desfere a medo,
Que á teu fiel ouvido vão memorias
Lembrar da patria e recordar do amigo.»

¹ Suiu o poema sem nome de auctor, assim como depois appareceram *D. Branca*, *Adozinda*, e a *Lyrice de João Mínimo* por causa da «perseguição absurda—e tão vergonhosa para quem a exerceu—feita ao *Retrato de Venus*». (Garrett, *Lyrice*, 1853, pag. 271).

² Garrett, *Camões*, 1854, pag. 217.

³ Idein, pag. 4.—Na primeira edição estes versos eram assim:

«Cravo, que ao gyro barbaro lhe impece
De alfim dar cabo aos procellosos dias
Do malfadado, perseguido vate».

Creio que a este tempo não tinha ainda recebido a suspirada resposta d'aquelle a quem offerecêra a obra, segundo parece deprehender-se de cartas que citarei.

XII

Os últimos versos, especie de anathema tremendo com que o auctor fulmina a ingratição dos que deixaram as cinzas de Camões perdidas e sem monumento, impressionaram profundamente.

«Onde jaz, Portuguezes, o moimento
Que do immortal cantor as cinzas guarda?
Homenagem tardia lhe pagastes
No sepulchro siquer... Raça d'ingratos!

Nem issol, nem um tumulo, uma pedra,

Uma letra singela! — A vós meu canto,
Canto d'indignação, último accento

Que jamais sairá da minha lyra,

A vós, ó povos do universo, o envio.

Ergo-me a delatar tamanho crime,

E eterna a voz me gelará nos labios.

Lyra da minha patria, onde hei cantado

O lusitano — envilecido! — nome,

Antes que n'este escolho, em praia extranha,

Quebrada te abandone, este só brado

Alevanta final e derradeiro:

Nem o humilde logar onde repoisam.

As cinzas de Camões, conhece o Luso^{1.}

A idéa é bella e grandemente romantica; os versos são magnificos. Emmudecer, depois d'essé grito de indignação sublimê, depôr a lyra quebrada da patria sobre o escólho da praia estrangeira, e nunca mais erguer a voz que cantou — o lusitano envilecido nome — feito era digno do assumpto e do poeta, aos olhos do romantismo

¹ Garrett, *Camões*, 1854, pag. 203.

apaixonado. Mas por mais poetico e formoso que pareça o pensamento, quem approvaria que se inutilisassem os moldes ou instrumentos que produzem as obras primas? Applaudir que Garrett abdicasse a lyra, depois de ter creado o *Camões*, seria o mesmo que cortar uma boa arvore por ella ter dado excellentes fructos.

Tambem o cantor proscripto assim o entendeu, porque, segundo fica demonstrado, a *D. Branca* foi escripta depois do *Camões*, assim como a *Adozinda*, e outras suas composições poeticas bellissimas. Fingiu elle querer sustentar o seu proposito, mas foi só em theoria, felizmente; apesar de protestos como o que se segue em nota aos versos:

«Canto d'indignação, último accento
Que jamais sairá da minha lyra.»

«O leitor dirá provavelmente que foram promessas de poeta, o *promitto tibi pater*. Engana-se. Realmente desde esta epocha não tornei a empregar uma obra poetica, não tornei propriamente a fazer versos. A canção á victoria da Terceira, assumpto que faria poeta a burra de Balaam do mais prosaico jornalista — com dois ou tres peccadilhos mais, se tanto, são os unicos de que me accuso. Cousas velhas e anteriores, emendei e conclui muitas. (As *Folhas cahidas*, por exemplo?!)

Não é capricho, nem vulgaridade baixa da que muitos teem, — que me julgue personagem grave de mais para fazer versos — ou aos versos coisa menos grave para qualquer grande pessoa — que eu não sou. Não é isso: é que já não creio; e para ser poeta é mister *crer*. Já não creio senão em Deus: e agora, só se fizer versos ao divino. Quem sabe?

Tomára eu poder commigo que os fizesse — meus ricos versos! que me não façam *almotacé do bairro*, como dizia o Tolentino — regedor de parochia — ou não sei que outra coisa que é agora.

Quando me chamam poeta *com intenção*, lembra-me sempre o caro M. Jourdain. Eu farei versos sem me sentir: elles, coitados, saberão elles que fazem prosa¹?»

XIII

Na primeira edição a nota foi feita ao verso:

«E eterna a voz me gelará nos labios»

e revelava desanimo atterrador para a poesia portugueza. Foi, porém, pouco duradoiro esse desalento, porque d'ahi a dias começava a *D. Branca*. A nota que transcrevo, como curiosidade, e que elle affirmava ser a sua ultima palavra em litteratura, diz assim:

«Finaliso com este opusculo a minha curta e ignorada carreira litteraria; para sempre digo adeus ás boas artes, que nem carecem de mim, nem eu d'ellas. Tendo chegado, ainda que com pouca saúde, a idade de mais juizo, deixo as musas, e os versos, e as litteraturas aos rapazes, para quem ellas são. Eu com os meus vintecinco,—e acrescentados por fadigas, e desgostos,—toco a retirada, e me reduzo ao silencio, que nunca devêra romper, e que unicamente convém aos que, como eu, prézam o viver socegados, sem ambição, desconhecidos, e portanto felizes².»

¹ Garrett, *Camões*, 1854, pag. 291.

² *Camões*, primeira edição, pag. 216. Ultima nota ao canto x.

XIII

Extractos da *D. Branca*.—Uma nota ao primeiro borrão.—Protestação com que se imprimiu este poema e motivo por que saíu anonymo.—Não podendo o auctor fixar-se em Paris, requeir para voltar a Portugal.—Documentos.—Continuam a ter medo d'elle e recusam-lhe a graça pedida.—Dificuldades terríveis.—Regresso ao Havre, onde retoma o seu emprego de caixeiro.—Parallelo entre a sua fortuna e a de um seu irmão.—Ennobrecimento da familia.—Carta a Duarte Lessa.—*Romanceiro*.—*O Infante Sancto*.—Reparos ácerca da perda d'este e de outros manuscriptos.—Desarranjo definitivo.—Separação.—Novas tentativas em Paris.—*Parnaso Lusitano*.—*Bosquejo da historia da lingua e da poesia portugueza*.—José da Fonseca.—Opiniões sobre Bocage, Francisco Manuel, e a respeito de traducções.—Elogio a José Agostinho de Macedo.—Morte de D. João VI.—*O Popular*.—*Europa e America*.—Requerimento da consorte.—Mais papeis officiaes que o accusam de democrata e revolucionario.—Licença condicional de reentrar na patria.—Fim da segunda emigração.

Assim como o *Camões*, tambem a *D. Branca* revela que foi escripta no desterro. De par com as formosas ficções do engenho, transparecem do principio ao fim as rôxas flores da saudade «gosto amargo de infelizes». N'este poema abjura claramente o culto antigo; renuncia as áras profanas dos aúreos numes de Ascreu; professa outra fé; segue outro rito e para novo altar canta os seus hymnos.

É tambem dedicada á amisade pelo reconhecimento do auctor:

«Não rias, bom philosopho Duarte¹,
Da minha conversão, sincera é ella:

¹ Duarte Lessa. O filho d'este, sr. Eduardo Lessa, herdou do pae e possui ainda hoje o primeiro borrão do poema. Ha n'esse ma-

Disse adeus ás ficções do paganismo,
 E christão vate christãos versos faço.
 —Irão meus versos ao retiro mystico,
 Adonde te escondeste, procurar-te;
 E ao levantar da nevoa matutina
 Te hão-de accordar para contar-te a historia,
 Dos bons tempos que foram.—Ouve, escuta,
 O alahude romantico, ouve as coplas
 Do amigo trovador: á nossa terra
 Vamos, amigo, vamos co'estes sonhos
 Imballar as saudades, e dar folga
 Ás ancias d'alma co'as ficções do engenho¹»

Ainda no ultimo canto, depois de evocar as gratas recordações do paiz natal, e de apostrophar os Crêssos de Britannia que fazem:

«Tanta gruta, de *libras* sumidouro»

tanto formoso parque, tão lindas relvas, e gentis ribei-

nuscripto curiosos esclarecimentos, postos pelo auctor: começou o primeiro canto a 19 de agosto de 1824, concluindo-o em 30 do mesmo mez; o segundo, em 3 de setembro e terminadô em 13; o terceiro, em 14, acabado em 23; do quarto nada diz. Começou o quinto a 12 de outubro e concluiu-o em 1 de novembro; o sexto, em 3 e findo em 14; o setimo, a 15 e tem por baixo do ultimo verso: —«Fim. Havre, 19 de novembro 1824. Começado este poema em 19 d'agosto do mesmo anno. — 3 mezes justos me levou.» — No fim traz o numero dos versos de cada canto: — «1- versos, 520; 2-602; 3-480; 4-644; 5-649; 6-562; 7-566:—Total 4:023 versos.»

As edições seguintes contêm, como é sabido, muitos mais, porque lhe foram acrescentados 3 cantos. As notas do manuscrito do sr. Lessa tambem differem em parte das da primeira edição; e algumas não se imprimiram. São estas, comtudo, insignificantes. No fim das notas, escreveu o auctor: —«Acabei notas e cópia 24 de zembro de 1824. Dia de natal».—O desgosto com que vivia em seu triste desterro até o fazia esquecer e errar a data de um dos dias mais festivos do seu paiz, e o mais solemne da christandade!

¹ Garrett, *D. Branca*, 1850, pag. 2.

ros, sem terem calma nem sol que dê preço a tanto es-
mero, acrescenta:

«Meu doce clima, sol da minha terra,
Quando te verei eu! quando à tua branda
Restea me aqueitarei, e ao suspirado
Limiar da minha porta as vestes humidas
D'estes gélos do exílio hei-de seccál-as¹!»

Penso que alguns d'estes versos foram escriptos ain-
da em Inglaterra, quando entrou a pensar na composi-
ção do poema.

Acaso por este tempo iria já esfriando o seu enthu-
siasmo pela mulher legitima? Os versos que se seguem
parece que assim o denunciam.

«A imbriaguez d'amor e dos prazeres
Ai! perpetua não é.....
..... Traidor não era
Aben-Afan: mas vós que haveis amado,
Dizei-o vós, quando a explosão primeira
Do faxo se exhalou, que amor o accende?
Culpa é do amante se em quieto fogo,
Mais tranquilla a paixão no peito lhe arde²?»

Entre as muitas referencias que n'esse gracioso livro
faz a cousas e pessoas, allude tambem a ingratos, que
eram talvez do seu sangue...

«Para mim só desejo a paz d'espírito,
A consciencia limpa, e as frugaes sopas
Ganhas com suor honrado. Esta ventura
Góso eu, mercê de Deus, pezar de ingratos...³»

Nos bellissimos versos do combate de Aben-Afan com
o mestre de Santiago como que renasceram as memo-
rias gloriosas do Portugal dos tempos cavalleirosos.

¹ Garrett, *D. Branca*, 1850, pag. 209 e 210.

² Idem, pag. 211 e 212.

³ Ibidem, pag. 70 e 71.

«Aqui, aqui, ó nobres cavalleiros!
 Aqui de Portugal! vêde: o estendarte
 Lusitano cahiu; precipitado
 Das altas torres sobre os corpos róla
 Exangues dos que ardidos o hastearam.
 Aqui de Portugal, aqui! salvae-a,
 A lusitana gloria que vacilla¹.»

O episodio que se segue é bello. Ha ahi versos que farão humedecer os olhos de quantos portuguezes tenham ainda no coração sentimentos de patriotismo e enthusiasmo pelas acções grandes. Tudo que houve de nobre, de magnanimo e generoso na cavallaria dos tempos heroicos parece haver resuscitado n'essa peleja dos dois campeões illustres! Este canto bastaria para immortalisar o poeta.

II

A *D. Branca* só se publicou nos principios do anno seguinte². A reputação de Garrett, estabelecida em Paris pelo seu poema *Camões*, permittiu-lhe finalmente achar editor n'um paiz estrangeiro³. Essa primeira edição tinha apenas sete cantos, e trazia no rosto a declaração de ser *obra posthuma* de F. E.⁴ Por isso algumas pessoas a receberam como cousa de Filinto Elysio. E dizia Garrett ser essa a maior lisonja que podiam fazer-lhe. Trazia tambem uma protestação, reproduzida como ultima nota nas edições subsequentes. Ahi declara o auctor que todas as expressões de que se serviu — fadas, encantamentos, etc. — são puramente poeticas. Que seu principal fim

¹ Garrett, *D. Branca*, pag. 230 e 231.

² Paris, Quai Voltaire n.º 11, imprensa de H. Fournier, rue de Seine, n.º 14; 1 vol. 12.º 1826.

³ Foi J. P. Aillaud.

⁴ *D. Branca*, 1830, pag. 268.

n'esta obra fôra «mostrar o castigo do vicio, o curto e amargo dos prazeres mundanos, e o triumpho por fim da virtude e da religião». Quanto á assignatura F. E., acrescenta, na edição de 1850, que puerilmente se encobriu «por medo de criticas—e do que era um pouco mais sério, a censura armada do paternal governo absoluto, que, se já não tinha a inquisição, tinha ainda as suas academias e litteratós a bradar que o Limoeiro e o Caes-do-Tojo eram a verdadeira lei de repressão dos abusos da imprensa¹».

III

Vendo-se sem recursos, e não achando meio de se estabelecer em Paris, tomou o infeliz proscripto a dolorosa resolução de requerer a D. João VI para que fosse revogada a ordem que o deportára, visto que não o tinham incluído na amnistia *geral* de junho ultimo (1824).

Não foi possível encontrar o requerimento; porém existe o officio do ministro da justiça, que o mandou a informar ao intendente geral da policia:

«Sua Mag.^e Manda remetter a V. S.^a o incluso requerimento de João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett, que pede permissão para voltar a Portugal, d'onde foi obrigado a sahir: E He o mesmo Augusto Senhor Servido que V. S.^a informe, com o seu parecer, sobre a pretensão do supplicante.

D.^s G.^e a V. S.^a Palacio do Alfeite em 22 de Fevereiro de 1825.—*Fernando Luiz Pereira de Sousa Barradas*.—Sr. Barão Intendente Geral da Policia².»

Singular coincidência! N'este mesmo dia terminava a

¹ *D. Branca*, pag. x e xi.

² Torre do Tombo, cartorio da intendencia: *Registros de avisos e decretos*.

impressão do poema com que seria eternisado o nome do proscripto, e glorificada a terra que o viu nascer!

Segue-se a informação, na qual a policia continúa a manifestar o infundado terror que lhe elle inspirava. Conservo a orthographia official.

« 1825. — Março 7. — P.^a o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Fernando Luiz Per.^a de Sz.^a Barradas. — Requer a Sua Magestade na inclusa petição, que á Sua Real Presença dirigiu João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett, que o mesmo Augusto Senhor lhe permitta o voltar a este Reino d'onde foi obrigado a sahir, e informando esta pertença na fórma que me he ordenada pelo Regio Aviso de 22 do mez passado, cumpre-me expôr á V. Ex.^a que o supp.^o he de um character reprehendedor e revolucionario, e que havendo pertencido ás sociedades secretas que existirão durante o tempo do intruso Governo, por ellas foi commissionado ás Ilhas aonde excitou tão bem a cedissão contra os Direitos inauferiveis da Soberania de Sua Magestade, e que além d'isto o supp.^o se torna ainda mais temivel n'estes Reinos, por ser bem para suppôr, segundo se póde inferir do seu espirito inquieto, continue a propagar as doutrinas que publicou em differentes obras bem proprias do seu exaltado genio, e em que se contiñão edéas subversivas da Monarchia, com as quaes muito contribuiu para allienar os espiritos durante o fatal periodo da revolução. Á vista do referido Sua Magestade resolverá o que fôr da Sua Vontade, sendo certo que se não acha comprehendido no Decreto de 5 de Junho de 1824 ¹. — D.^s G.^o 2. »

O despacho teve a sorte do requerimento. Não foi registrado e desapareceu da secretaria da justiça, como

¹ Que concedeu a amnistia.

² Arch. nac.; cartorio da intendencia: *Contas para o governo; confidenciaes.*

tantos outros documentos preciosos, provavelmente por ocasião da transformação politica por que passou o paiz em 1833-34.

IV

Dirigindo a sua petição para Portugal, mandava o poeta igualmente aos assignantes que ali obtivera os exemplares com que tinham subscripto. Infelizmente, não conseguiu apurar logo em Paris o dinheiro preciso para as despesas da impressão; e viu-se em terriveis difficuldades, antes que podésse voltar para onde tinha a mulher. Só depois de grandes esforços, e sentindo por mais de uma vez ferido o seu melindre, arranjou os seus negocios e partiu, levando consigo os livros que no Havre deviam embarcar para diversos portos da Europa e do Brazil.

Uma carta de Marréco, tanto tempo esperada, fôra tirál-o emfim dos apertos em que estava, levando-lhe os meios necessarios para se desempenhar das despesas do *Camões* e de outras. E avisava-o o mesmo generoso amigo de que voltasse para o Havre, onde tinha conseguido que o readmittissem na casa bancaria, da qual fôra despedido mezes antes.

Contrasta singularmente com a infeliz situação do poeta, n'essa conjunctura, a circumstancia de ao mesmo tempo andar em Portugal um seu irmão a requerer braço d'armas. Quando aquelle tiritava com frio n'uma agua furtada de Paris, e recorria quasi á caridade para não morrer de fome, improvisava este costella fidalga! Os que mais tarde se vangloriavam com o parentesco do que deveu ao favor de estranhos a impressão do seu mais bello poema, dispendiam então a satisfazer baflofas vaidades, que não tinham em que apoiar-se, o dinheiro que poderiam ter empregado em soccorrer o seu

sangue! *Sic transit gloria mundi!* Aqui dou o documento como prova historica e não no intuito de offender ninguém.

«Alexandre José da Silva de Almeida Garrett, natural da cidade do Porto, cavalleiro professo na ordem de Christo, e sellador-mór da Alfandega da mesma cidade, filho de Antonio Bernardo da Silva de Almeida Garrett, professo na ordem de Christo, e sellador-mór da referida Alfandega, e de sua mulher D. Anna Augusta Leitão da Silva Garrett; neto materno de José Bento Leitão, cavalleiro professo na ordem de Christo, e deputado da illustrissima Junta da companhia dos vinhos do Alto-Douro, e de sua mulher D. Maria do Nascimento de Almeida Leitão. O supplicante é sobrinho de D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia, bispo de Malaca, e depois de Angra; do Arceidiago Manuel Ignacio da Silva de Almeida Garrett¹, e do conego Ignacio da Silva de Almeida Garrett², ambos d'esta ultima sé, por serem todos irmãos inteiros do referido seu pae Antonio Bernardo da Silva de Almeida Garrett³, que é igualmente sobrinho⁴ do desembargador João Carlos Leitão, provedor do rio de S. Francisco, por ser irmão inteiro da dita sua mãe, D. Anna Augusta Leitão da Silva Garrett. Um escudo esquartelado: no primeiro e quarto quartéis as armas dos Silvas⁵, no segundo as dos Almeidas⁶, e no terceiro as dos Leitões⁷. Brazão passado a 7

¹ Não era Almeida por lado algum, e nunca usou Garrett.

² Idem, idem.

³ Para ter Almeida só se o tomasse da mulher.

⁴ Não se entende se é sobrinho o pae ou o filho.

⁵ Os quaes Silvas não tinham armas.

⁶ Tambem não consta que as tivessem.

⁷ Ainda tinham menos direito a ellas, segundo se viu na arvore de geração. Os Silvas, Almeidas, e Leitões, com armas, não pertenciam a esta familia.

de Janeiro de 1825. Reg.^{do} no Cart. da Nobreza Liv. VIII fol. 126, v.¹»

E no começo do anno seguinte, emquanto a mulher de João Baptista, allegando o infortunio e indigencia d'este—como ao diante veremos—requeria que se desse por terminado o seu desterro, o mesmo irmão conseguia, por portas travessas, que fosse concedido ao pae o fôro de fidalgo, para elle o requerer depois para si. Oh! fraternidade... apostolica!

«Eu El-Rei Faço saber a vós D. Alvaro Antonio de Noronha Abranchês Castello Branco, do Meu Conselho, Marquez de Torres Novas, Commendador da Ordem de N. S: Jesu's Christo, Grão Cruz da de N. Senhora da Conceição e da de Torre e Espada, Gentil-Homem da Minha Real Camara e Meu Mordomo Mór: Que tendo consideração ao que Me representou D. Maria Joanna de Campos e Sousa, Assafata do Meu Real Paço, e competir-lhe o Fôro de Fidalgo de Minha Real Casa para seu legitimo Marido José da Nobrega Botelho, em cuja pessoa não pôde ter effeito o referido Filhamento, pelo possuir por legitima successão: por tal motivo Me pediu a dita Assafata Houvesse Eu por bem de fazer Mercê a seu tio Antonio Bernardo da Silva Garrett, natural da Villa da Horta, Ilha do Fayal, filho legitimo de José Ferreira da Silva, de o tomar por Fidalgo Cavalleiro de Minha Real Casa com 4:600 réis de Moradia por mez e hum alqueire de Cevada por dia, paga segundo a Ordenança, e he a Moradia Ordinaria. O que sendo por Mim attendido: Hei por bem, e por especial Graça, que jámais servirá de exemplo, de lhe verificar a sobredita Mercê. Lisboa 13 de Maio de 1826. — Infanta. — Passou-se por

¹ *Archivo heraldico-genealogico*—part./ 1.^a pag. 9, pelo sr. visconde de Sanches de Baena, Lisboa, 1872.

Portaria do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Marquez Mordomo-Mór de 14 de Janeiro de 1826¹.»

«Eu El-Rei Faço saber a vós D. Alvaro Antonio de Noronha . . . etc., etc: Que Hei por bem e Me Praz fazer Mercê a Alexandre José da Silva de Almeida Garrett, natural da cidade do Porto, filho legitimo de Antonio Bernardo da Silva Garrett, Fidalgo de Minha Casa, de o tomar no mesmo fôro de Fidalgo d'ella com 1:600 réis de Moradia por mez de Fidalgo Cavalleiro e hum alqueire de cevada por dia paga segundo a Ordenança, e he Fôro e Moradia que pelo dito seu pae lhe pertence. Lisboa 22 de Maio de 1826.—Infanta.—Passou-se por Portaria do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Marquez Mordomo-Mór de 20 de Maio de 1826².»

É singular que até esta mercê, feita *por especial graça*, que *jamais servirá de exemplo*, proviesse tambem de uma mulher, assim como os appellidos de Leitão, Almeida e Garrett³!

V

Logo que João conseguiu arranjar-se novamente no Havre, escreveu a Duarte Lessa esta carta, que tem a primeira data do mesmo dia que em Portugal se informava desfavoravelmente a sua petição para voltar á patria:

«Havre 7 de Março de 1825»

Meu am.^o—Depois de lhe ter escripto nòs ultimos dias do mez passado umas linhas, cujo theor me não lembra senão confusamente, tal foi a agitação de espirito em que as escrevi; recebo a sua muito presada de 8 do mesmo de que me foi portador o sr. Villar.—Pude miraculosamente

¹ Arch. nac., *Mercês de D. João VI*, liv. 21, fl. 226.

² Idem, liv. 21, fl. 225 v.

³ Vide arvore de geração.

arranjar o meu negocio, e por ora não tenho mais que temer dos terriveis receios que me agitaram: apresso-me em communicar-lh'o porque sei que se interessa por mim. Nada pude fazer em Paris, nada: terra de egoistas *nacionaes e estrangeiros*. Assim apenas imprimi o C. parti para o Havre onde minha mulher tinha ficado; e enfim veremos...

Agradeço-lhe, assim como ao muito presado am.^o snr. M.^{do} o que fazem pelo meu Camões. Deus queira que o pobre diabo não vá pela 2.^a vez parar ao hospital. Os exemplares estão promptos a remetter-se, e só falta ordem sua, ou instrução sobre o modo de o fazer, bem como o numero que deve ir. — Isto mesmo escrevo hoje ao am.^o M.^{co}, e talvez de accôrdo, e juntamente se deva fazer d.^a remessa. Responda-me a este artigo apenas pôssa e queira. — Pasmei, em verdade, do que me diz sobre a sua *carencia* de qualidades para Mecenas; nem pensava eu que uma triste prova de sympathia e amizade merecia *une si amère raillerie*. Não me lembra que nos poucos annos de minha mal agourada vida dêsse occasião a que alguém crêsse que o *nascimento, as riquezas, valimento, alto engenho, heroicidade* (palavras suas) mas sobretudo *as tres primeiras* eram divindades do meu culto, ou sanctos de minha devoção. Que outrem m'o dissêsse, passe: mas que o snr. me falle em *mecenas*: palavrinha com que sempre azoei, grande maravilha me foi. O *desejo de o levar á posteridade* é tambem uma presumpção, e vaidade que não pensava ter; mas parece-me que a maneira porque o offercimento é feito não merecia tão severa reprehensão. — Os antigos, principalmente gregos, e muitos romanos dirigiam sempre as suas composições aos seus amigos e antes que Horacio em verso, e Plinio em prosa sevandijassem este costume velho, e honrado, com seus servilismos, Longino, Cicero, Catúllo (são os que me lembram n'este momento)

e infinitos outros compunham suas obras como quem se entretinha com seus amigos, e com elles conversava.

Eis aqui o unico genero de *dedicatorias* que conheço que não envergonham; o *melhor uso* que me aconselha de fazer das minhas composições, não sei; mas de certo o não poderei fazer, porque não sei, não quero, e não devo.—O seu am.^o do C.=J. B.=P. S.—As instruções do am.^o M.^{do} sobre o modo de fazer a remessa para o Brazil, nomes das pessoas a quem, numero de ex.^s—se broxados, se encadernados—preço que se deve para lá estabelecer—seria mui conveniente de virem quanto antes.—Desculpe-me com o dito am.^o de lhe não escrever; e agradeça-lhe quanto lhe devo.

«Em 8 de Março dito.—Hoje me chega á mão a sua de 26 que em Paris se demorou: abro esta para lh'a accusar. Meu verdadeiro am.^o não tenho palavras que escrever para lhe dar resposta. O interesse que lhe mereço, o serviço que me prestou, a boa vontade, o zelo que acompanhou tudo, são obrigações que se não pagam, e que tambem custam a agradecer.—*Sei avaliar* o que lhe custariam as explicações que por minha causa teve de procurar etc., etc., sei avaliá-l-o, mas repito que não sei agradecê-l-o.—Não repare pois se a minha resposta se limita a estas linhas; tomei o seu conselho pelo que respeita ao saque sobre M.^{co} e fiz como m'ò disse pontualmente.—Adeus, espero resposta e aviso seu para a remessa dos exemplares do C. ¹»

VI

Nos manuscriptos originaes do *Romanceiro* poz o au-

¹ Sobrescripto: «D. Lessa. Esq.^e= Care of Mr. Machado, 25 Jud place new road.=London». O autographo pertence ao sr. E. Lessa.

etor a data de 1824. E por uma das suas cartas a Duarte Lessa vimos que effectivamente mandára ir de Londres para o Havre a collecção de romances e xacaras que de Lisboa lhe remettêra uma senhora da sua amizade. Não ha porém certeza de que ali fosse feito o trabalho de que mais tarde se serviu.

- Foi tambem em Ingouville que, segundo asseverava¹, começou o *Infante Sancto*, tragedia em 5 actos, que só concluiu em Lisboa no anno de 1827. Igualmente affirmou que chegára aqui a ser ensaiada para representar-se, mas que não o fôra por causa da sua prisão, e se perdêra com o *Magriço* no já citado naufragio da barra do Porto. Não resta nenhum fragmento.

Acaso se perderiam tambem os papeis tirados, para se representarem, distribuidos a differentes pessoas? Porque não procuraria o auctor, mais tarde, esses papeis, sabendo a quem os tinha dado? Do mesmo modo desapareceriam em Coimbra os da tragedia *Xerxes*, em 1819, tendo escapado a *Lucrecia*, e tantos outros fragmentos de cousas começadas?! Do *Magriço* não pôde haver dúvida que se perdeu, pelos trechos que o auctor salvou de memoria. Mas os outros?...

Na catalogo manuscrito declara mais, como perdidos n'esse naufragio de 1832, *Iva*, romance em verso, composto na Bella Vista ao pé de Lisboa, 1828; *Das leis penaes*, um volume 8.º, composto em Londres, 1829; e o segundo volume do tratado de *Educação*. Juntando a estes o *Magriço* e o *Infante Sancto*, temos cinco manuscritos. Onde ficaram, porém todos os outros, de que réza o catalogo, ultimamente impresso, no tomo xxii das suas obras, os quaes todos examinei e copiei, pela primeira vez, em 1852?—Deixál-os-hia em Lisboa, durante a terceira emigração? Sendo assim, porque não deixou o *In-*

¹ Biographia ms.

fante Sancto, que estava concluido, e se ensaiava pouco tempo antes para representar-se?

Ainda que se queira admittir, improvavelmentè, que não os tivesse levado, como foi que escapou uma collecção de folhetos e papeis de questões reaes e pessoaes entre diversos partidos portuguezes, colligidos por elle em Londres no anno de 1830¹? De certo não trouxe este volume comsigo na mochila de voluntario, porque não é provavel que lhe dèsse mais valor do que aos seus proprios manuscriptos. Veja-se o que elle diz a pag. xiv do tomo primeiro do *Romanceiro*, ácerca da perda d'esses manuscriptos. Sem duvidar das suas asserções, parece-me que este ponto carece de ser esclarecido, e não posso eu fazê-lo.

VII

Em principios de 1826 sobreveiu novo desarranjo, que d'esta vez deslocou definitivamente Garrett da casa onde era empregado. Não foi possivel apurar os pormenores d'essa nova ironia do destino. Mas por causa d'ella foi forçoso separarem-se os dois esposos, indo D. Luiza para Portugal supplicar que se dèsse por findo o terminio do marido, enquanto este tornava para Paris e ali imprimia a *D. Branca*.

N'essa cidade recomeçou as tentativas de procurar trabalho, que d'esta vez não foram de todo infructiferas. Emprehendendo o livreiro Aillaud, seu editor, publicar uma collecção de excerptos dos nossos melhores poetas, encarregou Garrett de a dirigir, fazendo a escolha dos trechos que deviam compô-la. Intitulou-se *Parnaso Lusitano* essa collecção, que é assaz conhecida. Garrett organisou e annotou todo o trabalho; e escreveu, além da *Ad-*

¹ Garrett, *Obras*, tom. xxii, pag. xxviii.

vertencia preliminar, uma «breve, concisa, mas profundamente pensada memoria, que vem no primeiro volume da referida collecção . . . É um bosquejo da historia da nossa litteratura, e principalmente da nossa poesia ¹, rapido, desenhado a grandes traços, mas verdadeiros e naturaes, e animados pelo colorido de um stylo fluido e elegante. É de certo defficiente na parte que respeita ás origens primitivas da lingua e da poesia popular; porém o auctor não tinha, nem podia ter n'aquella idade ², em paiz estrangeiro, sem livros nem auxilios alguns os meios necessarios para preencher as faltas que ali se acham; comtudo, desde o seculo xvi o quadro é completo e perfeito, apesar de suas estreitas dimensões ³.»

Na carta a Duarte Lessa, que serviu de prefacio á *Adozinda*, protesta que não tem no *Parnaso Lusitano* mais que o resumo da historia da lingua e da poesia portugueza:—« . . . não só a escolha das peças, mas até a ordem e systema da obra me transtornaram, e me enxovalharam tudo com notas pueris, ridiculas, e até malcreadas algumas ⁴.»

¹ Foi ultimamente reimpresso com a segunda edição do *Retrato de Venus*, no tom. xxi das obras de Garrett, e depois passado para o tom. xxiv.

² Advirta-se que era elle quem queria fazer-nos suppôr que tinha vinte annos, como atraz se disse, quando aliás contava já vinte e sete.

³ *Biographia* ms.

⁴ *Romanceiro*, tom. 1, 1843, pag. 4. No jornal *The Foreign Quarterly Review*, de outubro de 1832, a pag. 467, censura-se o collector Fonseca por não ter inserido no *Parnaso Lusitano* algumas das primeiras poesias de Garrett. Ahi se avalia o nosso auctor como critico e como historiador litterario, pelo seu ensaio da *Historia da lingua e da poesia portugueza*. Fonseca estragou-lhe o trabalho; e no volume vi do *Parnaso*, que publicou em 1835, em Paris, addicionando-lhe o poema dos *Burros*, belisca parvoamente o grande poeta em uma nota d'esse poema, a proposito do prefacio da primeira edição do *Camões*.

A substituição das notas que elle tinha escripto, e a mudança de ordem no seu systema causaram-lhe tamanha indignação, que depois renovou o protesto, ainda mais duramente:—«Já em outra parte protestei que nada meu tinha no Parnaso Lusitano que publicou o snr. Aillaud, livreiro em Paris, senão o resumo da historia litteraria de Portugal que vem no principio do primeiro tomo d'aquella collecção. É certo que arranjei o systema e plano da obra, que escolhi os auctores e peças; mas ausentando-me de Paris antes de completa a impressão do primeiro volume, um homem por nome Fonseca, a quem de minha algibeira paguei para rever as provas, tomou a liberdade de alterar tudo, introduzindo na collecção producções ridiculas de gente desconhecida, e que eu nunca vira, omittindo muitas das que eu escolhêra, e enxovalhando tudo com notas pueris e indecentes, errando vergonhosamente até o indice de materias que eu preparára para cada volume, e introduzindo uma orthographia gallega que faz rir a gente e que está em contradição com as regras que eu na prefação estabelecêra e aqui vão transcriptas.—Repito esta declaração para que me não attribuem as grossas tolices e grossas má-creações que emporcalham aquella obra, que tam bella podia ser¹.»

O resumo da historia litteraria de Portugal, pòr suas acanhadas proporções, só pôde ser apreciado como simples ensaio, que o auctor pretendia ampliar mais tarde. Comtudo, nada ainda se escreveu depois sobre o mesmo assumpto, que annullasse a sua importancia. As opiniões que ali se encontram nunca serão contradictadas; ninguém, antes d'elle, julgára com tanta imparcialidade os nossos escriptores; e o seu voto auctorisadissimo será sempre apoiado por todas as pessoas de gosto, entendidas em critica litteraria. Veja-se por exemplo o que diz

¹ *Da Educação*, Londres, 1829, pag. iv e v, *in fine*.

quando refere como Francisco Manuel e Bocage imitavam outros poetas:—«Não são engenhos grandes para seguir, senão para fundar escolas». Era a consciencia do proprio merito, que o tinha inspirado quando escreveu os seus poemas, quem lhe dictou esta sentença. Não é menos para adoptar-se o seu juizo sobre traducções:—«Traduzir livros de artes, de sciencias, é necessario, é indispensavel: obras de gosto, de engenho, raras vezes convêm; é quasi impossivel fazê-lo bem, é mingua e não riqueza para a litteratura nacional! Essa casta de obras estuda-se, imita-se, não se traduz.»

Que diria elle hoje se visse como vive a nossa litteratura, sobretudo a de theatro!?

VIII

Garrett cita com elogio, no bosquejo da historia litteraria, a *Meditação*, de José Agostinho de Macedo. Se dois annos depois o tratou cruelmente, no prefacio da primeira edição da *Lyrical*, deve advertir-se que acabava então de estar tres mezes na cadeia, tendo visto a força em perspectiva; julgára-se perseguido por José Agostinho; e fôra forçado a emigrar pela terceira vez, achando-se, no acto em que escrevia o citado prefacio, sem pão para si e para sua mulher, como adiante veremos. Em taes circumstancias, quem ousará accusá-lo de não ter continuado a ser benevolo com o padre?

IX

A 10 de março de 1826 falleceu em Lisboa el-rei D. João VI, que seu filho D. Miguel, então desterrado em Vienna de Austria, tentára assassinar, segundo era voz

pública, em 30 de abril de 1824. Desde esse tempo se sentia abalado o edificio da sociedade portugueza, ameaçando cair a cada instante. A morte do rei abria caminho a novas intrigas dos apostolicos, que suspiravam pelo regresso do infante. D. Izabel Maria ficára presidindo ao governo provisorio, encarregado por D. João VI da administração do reino, até que seu filho D. Pedro, herdeiro legitimo do throno, e como tal reconhecido por todos, viesse tomar posse d'elle.

A nação estava, pois, em crise; e isso deu thema a João Baptista para um escripto politico, publicado em Londres, no jornal denominado *O Popular*. Esse trabalho, que tinha o titulo de *Europa e America*, foi mais tarde ampliado e refundido na obra *Portugal na balança da Europa*, de que a seu tempo fallaremos.

X

Na biographia, do *Universo pittoresco*, diz-se:

«Chegou por este tempo á Europa a Carta Constitucional do sr. D. Pedro IV, que libertou o partido liberal, e restituiu á patria os foragidos. N'este numero, e dos primeiros, voltou, já amadurecido pela experiencia, pelo estudo e pela infelicidade que é grande mestra, o nosso Joven poeta, que agora se ia dar todo aos mais serios e menos agradaveis cuidados das cousas públicas.»

A Carta Constitucional chegou á Europa em julho; mas não foi em virtude d'ella que o illustre poeta regressou do exilio. Em abril ou maio d'esse anno requerera sua mulher para que lhe fosse dado por findo o exterminio. Desappareceu o requerimento da consorte, assim como succedeu ao do marido; mas restam provas interessantes do facto e transcrevo-as na integra, por serem curiosissimos documentos historicos.

«O Governo d'estes Reynos, creado pelo Real Decreto de 6 de Março do corrente anno, e Prezidido pela Serenissima Senhora Infante D. Isabel Maria, Manda remetter a V. S.^a o incluso Requerimento de D. Luiza Candida Midosi d'Almeida Garrett, que pelas razões allegadas pede se conceda licença a seu marido João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett para regressar a este Reyno, e Determina o Governo d'estes Reynos que V. S.^a interpondo o seu parecer informe sobre a pertença da Supp.^o

D.^s G.^o a V. S.^a Palacio d'Ajuda em 9 de Mayo de 1826
 = *Fernando Luiz Pereira de Souza Barradas.* = Sr. Manuel José d'Arriaga Brum da Silveira¹.»

XI

«O Governo d'estes Reynos, creado pelo Real Decreto de 6 de Março do corrente anno, e Prezidido pela Serenissima Senhora Infanta D. Isabel Maria, Ordena que V. S.^a informe se haverá algum motivo que deva embaraçar que João Baptista da Silva Almeida Garrett, que foi official da Secretaria d'Estado dos Negocios do Reyno, regresse a estes Reynos donde foi mandado sair por ordem da Intendencia Geral da Policia. O que participo a V. S.^a para sua execução.

D.^s G.^o a V. S.^a Palacio de N. S. d'Ajuda em 22 de Mayo de 1826. = *C. de Porto Santo.* = Sr. Manuel José d'Arriaga Brum da Silveira².»

¹ Arch. nac., cartorio da intendencia: *Registro de avisos e decretos.*

² Idem.

XII

«1826. Mayo 24.—Por Avizo de 22 de Fevereiro do anno proximo passado foi Sua Magestade, que Deus tem em Gloria, servido mandar ouvir esta Intendencia sôbre o Requerimento do Bacharel João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, em que pertendia voltar a este Reyno, d'onde por motivos politicos se achava expatriado. Pela Informação, que inclusa levo por cópia á presença de V. Ex.^a, foi julgado incompativel com a pública segurança o regresso do supplicante, considerando-se perigoza, pelos motivos na mesma Informação ponderados, a sua existencia em Portugal: Continuou portanto o seu exterminio athé agora, em que apparece de novo sua desgraçada consorte, implorando a Regia clemencia de Sua Magestade, e invocando a sempre saudosa e respeitavel memoria da beneficencia do fallecido Soberano sôbre a sua desventurada situação: fundamenta o seu direito á commiseração de Sua Magestade em principios, que as circumstancias do tempo, e mesmo as do Supp.^o hoje fazem mudar de figura a sua pertença.

O Bacharel João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, arrebatado pelas ideias do tempo, pela verdura dos annos, e pelos excessos de huma imaginação ardente, foi como outros muitos (hoje restituídos aos patrios lares) hum sectario fugoza dos principios Democraticos, que vogarão durante o fatal periodo da Revolução, e que infelizmente allucinarão as cabeças dos incautos e inexpertos: restaurada porém a Monarquia, se retirou de Portugal immediatamente, temendo que huma vingança sanguinaria surgisse d'entre nós, sacrificando tantas victimas quantos os sectarios do systema constitucional: desvanecido porém este terror á vista das indubitaveis demonstrações de clemencia e piedade, com que o Au-

gusto Soberano, que Deus tem, procurou conciliar os animos dos seus Vassallos, olhando mais como effeito do erro, do que da maldade, os desvarios da maior parte d'elles. (*sic*) O Supplicante regressou por isso á sua Patria, donde depois por insinuações da Policia, que o julgou perigozo, foi obrigado a sahir; e isto antes do Regio Indulto de 5 de Junho de 1824: apparecendo porém este não foi o Supplicante comprehendido nas suas excessões e não tendo os seus anteriores excessos feito objecto de processo, que o condemnasse, foi o Supplicante, como muitos, perdoado, e foram portanto relevados os seus desvarios pelo dito Decreto d'amnystia, em que foi incluído¹, procedendo unicamente de cautellas da Policia a sua expatriação depois do mencionado Indulto. E tendo por isso experimentado athégora, como castigo dos seus erros, todos os rigores do exterminio e da indigencia; á vista de cujos sofrimentos, unicos fructos, que o Supplicante tem colhido, e visto colher á Europa inteira, das desorganizadoras theorias, de que foi sectario, hé de esperar que desenganado pela experiencia, e atenuado de trabalhos, haja mudado de principios, filhos da inexperiencia, e fogo da mocidade, como bem persuade o silencio, que elle na sua emigração tem guardado, abstendo-se de imitar e seguir o systema de outros, que não tem cessado de escrever e propagar principios sediciozos; e então não ha motivo para que o Supplicante seja excluído da Regia clemencia, de cujos effeitos ainda não ha gozado, quando a outros, pelo menos em identicas circumstancias, tem aproveitado; não sendo por isso tanto para temer o seu regresso, quanto em outro tempo se julgou na Informação inclusa, não só pela mudança muito provavel do Supplicante, mas athé mesmo

¹ Isto não se entende. O que é claro é que elle inspirava verdadeiro medo á policia!

pelo estado actual dos povos, em cuja maioria existe a convicção dos perigos e males certos, que as Revoluções constantemente acarretam sobre elles; sendo mui difficil que hum homem sem preponderancia e sem fortuna lhe podesse fazer reviver principios, contra os quaes a experiencia tanto os ha prevenido.

Á vista pois das razões expostas, julgando mudadas as circumstancias, que dictarão a primeira citada Informaçãõ, parece-me não ser o Supplicante indigno da Real Clemencia, para obter o regresso, que implora, depois de longos sofrimentos; julgando entretanto util medida de Policia o obrigar-se a assignar Termo de conformar com a ordem legitimamente estabelecida a sua conducta e os seus principios, ficando por isso debaixo da vigilante inspecção da Policia, para contra elle proceder irremissivelmente, logo que afastando-se dos seus deveres se torne por isso indigno da Regia beneficencia, a que se acolhe, e merecedor de severa justiça, que deverá punir qualquer reincidencia em seus excessos.

Hé quanto se me offerece informar a V. Ex.^a sobre o requerimento de D. Luiza Candida Midosi d'Almeida Garrett, em cumprimento do Avizo de 9 do corrente. O que tenho a honra de levar á presença de V. Ex.^a para o fazer presente ao Governo d'estes Reynos, que determinará o que fôr servido. — D.^s G.^o (*Tem á margem, no principio: P.^a o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Fernando Luiz Pereira de Souza Barradas*)¹.

XIII

«1826, Mayo 26.—Satisfazendo ao que o Governo d'estes Reynos ordena no Avizo, que de V. Ex.^a recebi

¹ Arch. nac., cartorio da intendencia: *Contas para o governo; registros.*

datado de 22 do corrente, pelo qual sou mandado informar se haverá algum motivo, que deva embaraçar que João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett regressasse a estes Reynos, d'onde foi mandado sahir por ordem d'esta mesma Intendencia, incumbe-me expôr a V. Ex.^a que os motivos, que occasionarão aquella medida da Policia, se achão mencionados na Conta da copia inclusa, que subio á presença de Sua Magestade em 7 de Março de 1825, na qual se produzirão as causas, porque na referida epoca se julgou perigoza a sua presença n'estes Reynos, attento o estado de agitação, em que se achavão os espiritos em materias e opiniões politicas, que os dividia: mas sendo recentemente mandado informar hum Requerimento de D. Maria (*sic*) Midosi d'Almeida, em que pedia a Sua Magestade licença para seu marido voltar á sua Caza, eu expuz na Conta, que dirigi á presença do Mesmo Augusto Senhor pelo Ministerio dos Negocios de Justiça em 24 d'este mesmo mez, as razões, que me parecerão proprias para se haver contemplação e equidade com o mencionado Garrett, permittindo-se-lhe o seu regresso a esta Côrte, mediante as cautellas e providencias, que apontei na dita Informação; agora porém devo acrescentar que depois da data d'aquella primeira Informação nada mais consta na Policia contra o Supplicante, que obste ao seu regresso. Á vista do que Sua Magestade se dignará rezolver o que bem Lhe parecer. — D.^s G.^o (*No principio, á margem: Para o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Conde de Porto Sancto*)¹.»

XIV

«Sendo presente ao Governo d'estes Reynos, creado pelo Real Decreto de 6 de Março do corrente anno, e

¹ Arch. nac., cartorio da intendencia: *Contas para o governo.*

Prezidido pela Serenissima Senhora Infanta D. Isabel Maria, a informação de V. S.^a datada de 24 do mez proximo passado sobre o requerimento de D. Luiza Candida Midosi de Almeida Garrett, cazada com o Bacharel João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett; E conformando-se o mesmo Governo com o parecer de V. S.^a interposto na sobredita informação: Ha por bem que o marido da Supp.^{te} possa voltar a este Reyno visto achar-se comprehendido no regio indulto de 5 de Junho de 1824¹, sendo comtudo obrigado a assignar Termo n'essa Intendencia de conformar com a ordem legitimamente estabelecida a sua conducta e os seus principios, e ficando debaixo da vigilante inspecção da Policia para proceder irremissivelmente contra elle logo que afastando-se dos seus deveres se torne indigno da Regia Beneficencia a que se acolhe, e merecedor da severa justiça que deverá punir qualquer reincidencia em seus excessos. O que participo a V. S.^a para sua intelligencia, e para que assim se execute.

D.^s G.^o a V. S.^a Palacio d'Ajuda em 3 de Junho de 1826.—*Fernando Luiz Pereira de Souza Barradas.*—*Snr. Manuel José d'Arriaga Brum da Silveira*².»

XV

«1826, Junho 14—Sendo-me communicado por Avizo expedido pela Secretaria d'Estado dos Negocios de Jus-

¹ É singular que n'outro tempo affirmasse a policia que o poeta desterrado não fôra comprehendido n'esse indulto, e dissesse o contrario nos presentes documentos! Na informação anterior asseverava que elle não era para temer *por não ter preponderancia nem fortuna*; mas este apparatus de precauções assás mostra o contrario!

² Arch. nac., cartorio da intendencia: *Registro de avisos e decretos.*

tiça em data de 3 do corrente, que o Governo d'estes Reynos Deferindo ao Requerimento de D. Luiza Candida Midosi d'Almeida Garrett, Houve por bem permittir o regresso para este Reyno do Marido da Supp.^{te} o B.^{el} João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, sujeitando-se ás condiçõens declaradas no citado Avizo: julgo conveniente transmittir a vm. a Cópia inclusa d'esta Real ordem, para que faça constar á Recorrente que seu Marido pôde recólher-se a este Reyno sobre as condiçõens determinadas, para cumprimento das quaes deverá apresentar-se na Policia logo que aqui chegue.— D.^s G.^o 1.^o.

XVI

Em virtude d'estes documentos, que, se não primam pela correcção grammatical e orthographica, attestam que nunca houve homem nenhum que mettesse tanto medo, quando vivia mais desvalido e miseravel, poude o deterrado cantor de Camões volver á sua patria, que tinha immortalisado emquanto o perseguiram os que n'ella governavam. E assim terminou finalmente a sua deportação, que durou tres annos, e á qual deixámos a qualificação que lhe elle dava de « emigração » por pura conveniencia de fôrma ².

¹ Arch. nac., cartorio da intendencia: *Registro da correspondencia com o corregedor do crime do Bairro do Rocío.*

² Para dizermos 1.^a, 2.^a e 3.^a emigração, em vez de 1.^a emigração, 1.^a deportação, 2.^a emigração.

XIV

A Carta Constitucional portugueza.—Estado dos espiritos ao recebê-la.—Facções.—Tentativas absolutistas.—O governo e a regente.—Aspecto da peninsula iberica.—Chegada de Garrett a Lisboa.—Não assigna termo?—É reintegrado no emprego.—*Carta de guia para eleitores*.—Ainda a influencia ingleza.—Sir William A'Court.—As côrtes de 1826.—O partido constitucional.—Fundação do *Portuguez*: differença entre a sua linguagem e a dos outros jornaes. Sympathias que adquire no paiz e fóra d'elle. Inaugura a critica theatral decente e attractiva. Invejas e odios que excita.—Trabalhos lexicographicos.—O *Chronista*.—Opiniões.—Censura prévia.—Raiya canina.—A portaria de 10 de janeiro de 1827 e a imprensa estrangeira.—Patriotismo de Garrett.—Primeiros symptomas de perseguição.

I

A historia da Carta Constitucional começa na villa-francada¹. Foi por essa occasião que D. João VI a prometteu aos povos, querem uns que por medo das consequencias do seu procedimento de então, e outros que por desejar realmente substituir a constituição que abolia. O certo é que aquelle bom homem, que tinha optimo coração, era de tão manifesta incapacidade politica, que fez com que, erradamente, se attribuissem muitas vezes a maldade sua actos filhos de irresolução, e medidas arrancadas á sua fraqueza por amigos imprudentes ou por inimigos disfarçados. Estudando o character d'esse principe, afigura-se-me que por timidez e não por odio á liberdade deixou de desempenhar a palavra dada.

¹ Desde 1820-21 que os inimigos da revolução aconselhavam D. João VI para que dêsse uma Carta, que n'esse tempo evitaria, segundo elles, a adopção de constituições democraticas.

Nos derradeiros tempos do seu reinado, principalmente, reflectia-se nos animos de todos que o cercavam a sua inconsequencia e fraqueza. Ameaçado de morte, segundo se affirmava, pela esposa indigna, e pelo filho, que a historia accusa dos mais horrorosos crimes, viveu o pobre rei em sustos e afflicções até seus ultimos momentos. Victima de intrigas infames e miseraveis, oscilando entre os absolutistas, que o desprezavam, e os liberaes, de quem o faziam ter medo, expirou enfim, com vehementes suspeitas de ter sido envenenado, e legando o governo provisorio do reino á filha, que pendia mais para D. Miguel e para as fraquezas dos governos tyrannicos do que para seu legitimo soberano.

Quando a Carta chegou a Portugal, por mão do inglez Charles Stuart, no principio de julho de 1826, já circulavam por Lisboa e Porto alguns numeros do *Diario Fluminense*, trazidos pouco antes pela corveta *Lealdade*, e muitas noticias contradictorias, vindas de França, que tinham sido levadas a Brest por um navio de guerra, que aportou á Europa primeiro que Stuart¹. Nas citadas folhas brazileiras vinham transcriptos os decretos de D. Pedro, relativos aos destinos da nação portugueza. Os liberaes, pouco antes desanimados, com os boatos importados de França, que davam a abdicção do throno portuguez, incondicionalmente, em favor de D. Miguel, crearam alma nova, persuadidos de que iam terminar todos os seus males, e que poderiam finalmente viver ao abrigo da mais generosa constituição politica dos tempos modernos, como então a julgavam. Mas as facções absolutistas ou apostolico-miguelistas começaram logo a pôr em pratica os seus meios de resistencia ao novo systema. Primeiro impediram que a Carta fosse jurada immédia-

¹ Veja o *Chronista*, semanario de politica, litteratura, etc., Lisboa, 1827, pag. 5. Era escripto quasi todo por Almeida Garrett.

tamente; e, depois de obrigados a recebê-la, não duvidaram perjurar, apoiando as pretensões injustificáveis do infante D. Miguel, perdoado pelo irmão, nomeado regente, e proposto para casar com a legitima herdeira do throno.

As primeiras tentativas miguelistas foram feitas pelos Silveiras, de Chaves, que proclamaram o infante rei de Portugal. Tendo, porém, sido suffocado esse movimento, a infanta regente, de bom ou mau grado, dissolveu a junta de estado e nomeou ministerio, composto de homens tidos por liberaes.

O aspecto politico da peninsula iberica, n'essa occasião, não podia ser menos tranquillizador e mais desgraçado. A Hespanha, escravizada por Fernando VII, via todos os dias muitos de seus mais illustres filhos passarem as fronteiras, para procurarem á sombra do codigo liberal portuguez protecção e abrigo. Ao mesmo tempo cruzavam-se com esses nobres emigrados constitucionaes os portuguezes degenerados, que iam pedir ao despota hespanhol cadeias e armas com que viessem depois, assolando a sua patria, fazer gala do fratricidio!

II

Garrett chegou a Lisboa ao mesmo tempo que a Carta. Tornára-se portanto desnecessario ir á policia assignar o termo, que fôra condição imposta para o seu regresso. Pelo menos, não encontrei vestigio de que tal documento tivesse existido nunca ¹.

Desde que não foi possivel occultar a existencia da

¹ Parece-me até que Garrett não teria accedido a repatriação, nas condições em que lhe era imposta, e que só regressou em virtude da promulgação da Carta.

nova constituição nem demorar por mais tempo o juramento d'ella, e este se realisou, todos os que tinham padecido por amor da liberdade, e eram anteriormente empregados do estado, requereram a reintegração nos seus logares. O decreto de readmissão de Garrett tem a data de 26 de agosto. É um documento sêcco, vulgar e chato, referendado por Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato, ao qual o poeta fez depois o necrologio. Nem uma palavra de louvor pelo seu amor á liberdade, nem o mais simples elogio ao immenso talento com que no exilio tinha honrado a nação! Era o ultimo de todos os reintegrados, como confessa o proprio decreto!

III

A satisfação de se ver restituído á patria e á familia, era natural que inspirasse ao poeta desejos de tomar parte mais activa nos negocios públicos, sem ser como official de secretaria. Não ousando, porém, ainda aspirar á honra de o egerem deputado, tomou a penna do publicista e escreveu a *Carta de guia para eleitores, em que se trata da opinião publica, das qualidades para deputado, e do modo de as conhecer* ¹.

Na advertencia diz que hesitára se devia publicar essa carta, escripta a um amigo, e que não fôra em sua origem destinada para á imprensa, nem depois castigada sufficientemente para isso. «Receava tambem de lhe pôr meu nome, temeroso de que a alguém não viesse a ideia de que eu queria inculcar-me ². Puz-lh'o, porque em toda

¹ Lisboa, na typographia de Desiderio Marques Leão, 1826.

² Como esse pobre rapaz de vinte e sete annos deveria envergonhâr-se do seu encolhimento, se pôdesse ver hoje como os nossos 'grandes homens', logo ao sair da escola, se inculcam para deputados e ministros, sem receio de que os achem immodestos!

a obra que possa ter algum principio de utilidade, nenhum homem de bem se deve esconder. Em obras de mero divertimento, em versos e coisas taes, embora o faça.—Além d'isso, quanto a *inculcar-me*, se eu em minha consciencia me julgasse capaz de representar a nação, e de advogar os seus interesses, não teria a minima dúvida em me offerecer publicamente para seu advogado, como em França e Inglaterra se faz; e não é nenhuma acção deshonorada essa, nem de vergonha.—Vergonhoso e vil e demais criminoso é andar furtivamente e ás escondidas captando votos, e pedindo ás escondidas o que valia mais pedir ás claras. Pois quanto mais nobre é dizer abertamente:—«Concidadãos, elegei-me vosso deputado, porque eu sei, posso, e prometto defender a vossa causa e os vossos interesses!»—Não o digo eu porque me não sinto com forças nem physicas extenuadas por mui compridos annos de injustissima perseguição e exilio, nem Moraes por curtos que são meus conhecimentos para tão árdua empreza. Se assim não fosse, não recorrêra a subterfugios, nem a insinuações indirectas, mas franca e chanmente me proporia aos meus concidadãos para seu representante.—Meu fim unico é o que sempre tive e terei, a utilidade commum; meu unico movel, o desinteressado amor da ordem legitima, e da causa pública.—Imprimo esta carta porque essas causas a originaram, e esse fim leva. Assim o prehencha ella em alguma parte ao menos ¹!»

IV

Este nobre desinteresse, tão raras vezes imitado em nossa terra, merecia que o galardoassem com a cadeira no parlamento. Pela leitura da sua *Carta de guia* vê-se

¹ *Carta de guia para eleitores*, advertencia.

que era já mais competente para desempenhar as funções de deputado do que muitos dos que foram chamados a ellas. Depois de dizer o que julga necessario para que o povo sinta immediatamente os beneficios da Carta, acrescenta:

«E se depois de dois ou tres annos o povo ainda pergunta *o que é a constituição?*—ai da constituição e do povo!»

Verdade profunda, que os homens de vinte não tinham sentido, e que os de vinte e seis igualmente desprezaram! Se o povo soubesse bem o que era a Carta, não teria D. Miguel usurpado o throno. Mas não lh'o ensinaram os que o deviam ter feito!

Eis o que elle julgava ainda preciso, para ser bom deputado, além de outros predicados: «Amor desinteressado da causa pública.—Amor de liberdade legal, prudente e moderada, mas não tímida nem cobarde (que a prudencia não é cobardia).—Religião, mas sem fanatismo: intelligencia, mas sôbre tudo das nossas cousas, e não só de estrangeirices, e modernices affectadas... Honra, probidade e inteireza de character sôbre tudo: que sem ella nem patriotismo, nem amor de liberdade, nem Religião, nem sciencia verdadeira pôde haver, nem ha... Nada de homens que mudam com as circumstancias. Nada de exaltados em materia nenhuma: estamos em um systema conciliador, prudente: estamos para curar enfermidades chronicas, e não doenças agudas. Se vêem medicos empyricos, matam-nos o doente: mandem gente séria e arrezoadá e verão se sara ou não.»

Taes eram as opiniões do homem que tão perseguido fôra, que voltava do exilio, onde padeceu todos os horrores da pobreza em terra estranha, e que estando (pelo menos aparentemente) o seu partido no podêr, em vez de pedir vinganças e castigos contra seus inimigos, proclamava tão salutaes doutrinas!

«Militares poucos (continúa elle, indicando os homens que o povo devia escolher); negociantes alguns, mas de conhecido credito e honra; magistrados os que não tiverem feito *casa* nos logares, e estiverem mal com os procuradores; empregados em geral os que não *commerciarem* em seus empregos; ecclesiasticos os prudentes e exemplares; lavradores abastados; fabricantes; emfim, productores de toda a especie. O resto, nada... Nada de *afidalgados*, d'esta gente que se envergonha da classe em que nasceu, e quer ser nobre por força.» «... seja cuberto da irrisão pública o peão enfrornado em *fidalgote*, sempre miseravel e sevandija, e suberbo ridiculo... Deus nos livre d'elles; que não vão para lá decretar *excellencias* e discutir de *senhorias*¹.»

Acaso estes ultimos periodos iriam dirigidos, sem sobrescripto, a alguma pessoa de quem sempre se queixára? A carta termina fazendo o auctor votos por que fosse acertada a escolha feita pela cidade, onde se gloriava de haver nascido. E tem a data de 9 de setembro.

Apesar de estar impresso, transcrevi d'esse opusculo os trechos que acabam de ler-se, porque os considerei necessarios para demonstrar a generosidade politica de Garrett; e tambem porque as suas opiniões ahi expendidas tem applicação em todos os tempos. Se em 1826, o acaso, que tão raras vezes favorece o genio, o tivesse levado ao seio da representação nacional, talvez que o seu entusiasmo de homem novo, e o seu amor ardente pela liberdade conseguissem dar unidade á camara electiva e formar n'ella um partido capaz de resistir á influencia dos apostolicos. Isto não passa de conjectura; mas sabem todos do que é capaz a eloquencia do orador convicto, por isso acho inutil adduzir exemplos historicos em apoio d'esta supposição.

¹ Carta de guia para eleitores, pag. 18 a 20.

V

Infelizmente, a sociedade portugueza de 1826 compunha-se, em grande parte, de gente apodrecida pelo servilismo, como a de 1820; de gente que quasi já não tinha fé em cousa nenhuma. A villa-francada desilludira muitos dos que emigraram; só a mocidade possuia crenças vivas, mas poucos homens maduros confiavam n'ella. Os poetas não tinham perdido inteiramente a triste celebridade que lhes deram os magros successores de Elmano; e grande favor se lhes fazia em consentir que tambem comessem, em paga do seu trabalho, entre a multidão graúda do orçamento.

A *Carta de guia para eleitores*, se foi lida por alguém mais, além dos amigos de Garrett, não teve podêr para que, saltando-se por cima da modestia do auctor, o elegessem representante da nação. Nem sequer se attendeu á util doutrina que ella continha! As eleições fizeram-se a sabôr e capricho da influencia ingleza e de grande numero de constitucionaes duvidosos. Sir William A'Court, ministro britannico em Lisboa, intervinha de tal modo nos negocios públicos de Portugal, que até ousou determinar a escolha dos deputados, afastando da urna os homens notaveis de 1821, e conseguindo que a maioria dos eleitos fosse composta de creaturas inuteis ou apostolicas!

«As intrigas dos inimigos do systema representativo tinham prevalecido em excluir da camara electiva os homens de verdadeiro saber e verdadeiro amor de liberdade que a nação contava: exceptuados alguns poucos dignos e honrados representantes, a maioria da camara era composta já de loucos e interesseiros demagogos cujo procedimento posterior bem mostrou a natureza de seu liberalismo,—já de mediocres talentos, de perfunctorios e vagos conhecimentos,—ou de homens

ambiguos, sem patriotismo, sem virtudes civicas, que nem tinham força igual á sua vontade de destruir as instituições que não amavam, nem ânimo para as fazer progredir se de coração as quizessem.

.....

Em fatal harmonia com esta repugnante desharmonia estava a camara hereditaria, cujos membros quasi todos abhorreciam o systema que os tinha feito, a elles indignos, de abjectos escravos de palacio que eram, magistrados hereditarios e legisladores natos de sua patria¹.»

Era, até certo ponto, uma especie de compensação para os que se desconsolavam com a noticia dada pela regente, na sessão real de abertura das côrtes, de que o infante D. Miguel prestára juramento puro e simples á Carta, no dia 4 de outubro, em Vienna de Austria.

O partido constitucional, sobrando-lhe rasões para não crêr na boa fé do infante, e vendo-se em minoria nas camaras, teve logo o vago presentimento do triste futuro que o esperava. O ministro de Inglaterra contribuia efficaçmente, embora sob apparencias perfidamente sympathicas, para o seu esfacelamento. E pôde afirmar-se, sem receio de faltar á verdade historica, que foi principalmente a nefasta politica do gabinete de S. James que aplanou as difficuldades e abriu o caminho, com as intrigas dos seus representantes, para a usurpação de D. Miguel.

VI

Logo que o poeta viu o rumo perigoso que tomavam os negocios públicos, resolveu fundar um jornal politico de grandes dimensões, com o intuito de formar e esclari-

¹ Garrett, *Portugal na balança da Europa*, Londres, 1830, pag. 152 e 153.

recer a opinião e de reanimar o partido liberal. Em Inglaterra e França aprendêra como se organisavam e viviam essas empresas colossaes, que nunca tinham existido até ali entre nós, e que eram lá fóra os mais solidos elementos vitaes dos partidos politicos.

Associando-se com Paulo Midosi, conseguiu d'ahi a pouco realisar esse pensamento, tomando elle o encargo de redactor principal; e na segunda feira, 30 de outubro, tres dias depois da abertura das côrtes, saú o primeiro numero. «... dous jornaes que de 1826 a. 27 se publicaram em Lisboa, o *Portuguez* e o *Chronista*, os quaes muito me glorio de haver fundado, e depois em maxima parte sustentado e dirigido¹...» O *Portuguez*, em formato de folio grande, tinha tres columns; e até por isso mereceu os apódos de José Agostinho de Macedo, que lhe chamou o *lençol de tres ramos*.

A sua linguagem polida, moderada e grave contrastava a da maioria dos papeis politicos, que até então se tinham publicado em Portugal. O povo, costumado ás indecencias tôrpes de José Agostinho, e quejandos, recebeu-o com surpresa, quasi com hostilidade. Tinham-lhe creado o mau gosto, mostrando-lhe a imprensa a enxovalhar-se continuamente com phrases de arrieiros e peixeiras, em vez de o illustrarem; e estranhou portanto que os novos publicistas não começassem, aggreindo com descomposturas desbragadas os seus adversarios. Mas pouco a pouco foi-se familiarisando com a novidade; apesar de ter o paladar estragado por comidas grosseiras, entrou a gostar do manjar delicado; applaudiu, e acabou por estimar os que lh'o preparavam. Com o seu maravilhoso instincto, sentiu que a innovação estava mais de accôrdo com a sua indole pacifica e com os seus costumes ordeiros, que o mau habito lhe havia pervertido, do

¹ *Portugal na balança da Europa*, pag. ix e x, Londres, 1830.

que os brutos opusculos do berrador Macedo, ou de outros semelhantes. Após curto espaço de tempo, o *Portuguez* tinha duas mil assignaturas e via ir-se reanimando em tôrno de si todo o partido constitucional.

A fama das sympathias adquiridas ao jornal, pelo decôro e saber com que se mantinha a redacção, passou as fronteiras e chegou a França e Inglaterra. Varios homens graves, d'aquelles paizes, manifestaram, por cartas particulares, a sua adhesão aos principios moderados de ordem e liberdade, que elle sustentava. O *Morning Chronicle* traduzia os seus artigos, e o *Constitutionnel*, de Paris, publicou alguns dos de Garrett «com elogio—diz este—que muito honrou o auctor¹».

VII

Outra grande innovação, feita por Garrett, no seu periodico, foi a de se escrever critica theatral decente e attractiva, cousa que se não usava em Portugal antes d'elle. No artigo de 28 de abril de 1827, noticiando a representação da opera *Didone*, de Mercadante, em S. Carlos, principia a revelar-se o primoroso creador do *folhetim* portuguez. E no seguinte numero, fallando da execução do *Mahomet II*, diz que a peça estava muito vista, muito sabida e que pareceria chouchice entrar elle em juizo de seu merecimento e bellezas, que são muitas; mas que a parte da dama fôra na ultima noite objecto de questões tão animadas «tanto disputaram *Guelphos* e *Gibelinos*, que não é possivel deixar de dar um momento a este objecto, e de lhe consagrar algumas linhas, ainda que não seja senão para a *historia da arte*²».

¹ *Portugal na balança da Europa, 1830*, Londres pag. 330 (8).

² *O Portuguez*, n.º 151, de 30 de abril de 1827, Lisboa.

- Como grande numero de seus primorosos escriptos d'este genero jazem ignorados ou perdidos em jornaes, nem ha esperanza de que venham a colleccionar-se, aqui dou a amostra do estylo, para que se veja quanto era já a esse tempo ameno, facil e gracioso. Mais para diante irei intercalando outros trechos, que attestam progressivo desenvolvimento na fórma, comquanto as suas opiniões litterarias permaneçam sempre as mesmas, em assumptos de arte e gôsto.

- «Havia uma lei em Athenas que punia a todo o cidadão que nas dissensões públicas não tomava partido. Ora supponhamos que havia essa lei no nosso theatro, em materia de gôsto, e que era forçoso escolher bandeira. Não havia que hesitar; Sycaristas decididos.

*É la beltà del cielo
Un raggio che innamora,
E deve il fato ancora
Rispetti a la beltà.*

É um pezo este na balança, que destróe todo o equilibrio.

Mas sem partido, sem paixão, a verdade é que hontem á noite (27 de Abril) a sr.^a Sycard cantou melhor do que ha muito tempo. Sua voz não tem grande extensão, não é para extraordinarios effeitos, mas é sem dúvida um genero de voz mui pouco vulgar, mui suave, mui delicada. As sensações que excita não são rapidas, vivas, penetrantes, não faiscam de electricidade as vibrações de sua voz; mas nem por isso calam menos intimamente no coração: insensivelmente e com brandura se apossam da alma, porém com segurança.

Não seria de aconselhar á amavel Paulina que fosse em um theatro do norte disputar a palma do canto a alguma d'estas vozes que abalam fortemente os sentidos, e exercem sobre elles um despotismo, sim momentaneo,

porém irresistível. As fibras septentrionaes carecem d'essas *percussões* vigorosas. Para nós meridionaes, um testemunho claro de nossa maior delicadeza em gosto é a grande acceitação que tem merecido uma voz como a de M.^{elle} Sycard, que não é *popular*, que não é *demagogica*, porque as turbas querem cousa que encha o theatro, e rara vez applaudem quando se não berra.

Quem isto escreve deve confessar ingenuamente que á primeira, e ás primeiras vezes que ouviu cantar a linda bohemia não ficou grandemente apaixonado, mais sinceramente, não gostou muito. Só os estímulos fortes é que impressionam rapidamente. O que branda e suavemente se insinúa e penetra, é lento e demorado. Mudou-se vagorosamente de conceito; porém mudou-se, e ha muita satisfação em cantar a palinodia, e dizer:

*Quanto già cantai disdegno,
Ricantar voglio d'amor.*

Este testemunho é o mais sincero, porque é perfeitamente desinteressado. Muita gente o não acreditará e não ha-de faltar quem diga que, por mais que disfarce, quem assim escreve

*... Già porta in mezzo al core
La ferita, e non lo sà.*

Enganam-se muito; não é vaidade nem presumpção, mas não se entregam assim as chaves do castello; defende-se a gente á *Martim de Freitas*, se o caso lá chega. Mas o caso não é d'isso. É certo que diz o mais fino mestre d'estas cousas todas:

*Glì alteri detti
Non son degni assai di fede:
Libertà cò'laci al piede
Vanta spesso il prigionere.*

Mas áparte gracejos: nem todos os orgãos são para gostar d'este genero de vozes e expressão: não admira

pois que haja um partido opposto. Hontem foi terrivel o combate; mas triumpharam os Sycaristas. E ainda bem; porque não vá M.^{elle} Sycard indisposta contra os portuguezes que o fôra sem razão ¹.»

VIII

Além d'este, acha-se outro artigo seu, a paginas 649 do mesmo jornal, tambem sobre a opera italiana, que merece ser lido.

Accusavam-n'o de que no seu enthusiasmo pela voz de M.^{elle} Sycard havia pensamento reservado. Era possivel; se bem que seja natural nos poetas esse *fogo fátuo* com que se incendiam a proposito de discussões theatraes, com o mais puro desinteresse. Está ainda na memoria de muitos amadores de S. Carlos a lucta dos Albonistas e Castellanistas, no inverno de 1855 a 56, em que tanta bulha fizeram certos folhetins, publicados na *Imprensa e Lei*, sob o pseudonymo de Hoffmann. Os quaes folhetins eram mais chôchos do que bugalhos e mais innocentes do que caramello!

IX

Seria muito para estranhar, se a preponderancia que o *Portuguez* ía exercendo na opinião pública, pela illustração e seriedade com que era redigido, não excitasse invejas de quantos se lhe sentiam inferiores, e eram politicamente seus adversarios. Dentro em pouco veremos como teve farta colheita de odios em premio de seus serviços.

¹ O *Portuguez*, n.º 151, 30 de abril de 1827, Lisboa.

O emprego da secretaria do reino, e o encargo de redactor principal da citada folha, não impediam que a actividade infatigavel do poeta se exercitasse em muitos outros trabalhos variados. Penso que são d'este mesmo anno de 1826, pelo character da letra, alguns fragmentos de duas tentativas de dictionarios, existentes entre os seus manuscriptos. Ambos elles prendem com estudos mais antigos de orthographia e de lingua portugueza. Infelizmente, ficaram muito em principio! Um d'elles parecia destinado a preencher a falta de um vocabulario de phrases e proverbios¹.

Avaliando-se o outro, pelo projecto, devia ter proporções vastissimas². Pena foi que tão pouco deixasse do que tanto promettia!

- 1 **B** burro (*fig. fam.*) vae a Santarem, etc.; estar com o — borrao (*fig. fam.*) deitar — na materia etc.
 barbas (*fig. fam.*) — lhe deu maio; fracas —; empenhar as —; — d'alho; se vires as barbas do teu visinho etc.
O olho — vivo; lume no —; — alerta; — atraz — adiante; — de porco; — de lynce; — aqui — ali; — esgazeado; — gázeo.

S sapato — esperar por sapatos de defuncto.

I invejoso — fam. Nunca o — medrou etc.

² «Plano: 1 dictionario universal e etymologico da lingua. 2 dictionario de synonymos. 3 dictionario de homonymos. 4 dictionario de paronyms. 5 glossario de gallicismos e neologismos. 6 glossarios de viciosa orthographia para restituir á recta. 7 — de orthographia. 8 — das conjugações. 9 — da pontuação. 10 tratado dos trópos. 11 tratado de versificação. 12 dictionario das rhymas. 13 vocabulario de geographia universal ant. e mod. 14 vocabulario de homens illustres portuguezes. 15 nomenclatura completa de med. e historia natural. 16 vocabulario de mythologia universal». A lista dos livros necessarios para este grandioso trabalho parece-me que só mais tarde foi organizada. É a que segue:

«Dictionario de Moraes, ultima edição. — de Barbosa. — italiano e portuguez. — francez portuguez. — dito dito de Constancio. — allemão portuguez. Magnum Lexicon. Prosodia de Bento Pereira. Elucidario de Bento Pereira (santa Rosa de Viterbo?) Vestigios da

E como se esses agigantados planos não bastassem para absorver-lhe o ardor que tinha pelo trabalho, emprehendeu no mez de março de 1827 a publicação de outro jornal, que redigiu quasi sósinho, escrevendo dois volumes de oitavo até ao mez de agosto! Intitulava-se *O Chronista*¹; saiu o prospecto d'elle no dia 24 de fevereiro, e o 1.º numero a 4 de março de 1827. N'esses dois curiosos tomos se encontram muitas de suas poesias, traducções, de Casimiro Delavigne e outros, bellissimos artigos sobre litteratura e bellas-artes, parallellos entre escriptores, lições de poesia antiga (*Lyceu das Damas*); finalmente, o jornal inteiro é uma brilhante manifestação de que desde muito cedo foram decisivas as suas opiniões em politica e em litteratura; e é a confirmação do seu gosto precoce em todas as questões d'arte.

Ahi tratava, por vezes com maior desassombro do que o fazia no *Portuguez*, do estado das cousas públicas. Receoso de levar os seus collegas mais longe do que desajassem ir, creou essa tribuna, d'onde expunha individualmente as suas opiniões, sem escudar-se com a collectividade. Sentindo sem dúbida que a maior somma de ran-

lingua arabica etc. Diccionario portuguez que se publicou em 1817 a 19 incompleto—sahia aos cadernos.—dito chamado portatil ou de algibeira em 2 voluminhos. Ensaio sobre synonymos de S. Luiz. Glossario de gallicismos do mesmo (o tomo das memorias da academia). Diccionario e grammatica da lingua romana por Mr. Raynouard. Jardin de racines greeques. Diccionario inglez portuguez de Vieira. Synonymos francezes. Ditos italianos, latinos, gregos, inglezes. Diccionario poetico de Candido Lusitano.—de rhymas ou consoantes.—portuguez latino in-folio. Chorographia brazílica para os artigos de hist. nat. Pasch. J. de M.—para os termos de direito. O Lisboa e o mais que houver de commercio para neologia commercial. Diccionario do Vandelli para a historia nat. A botanica do Brotero d.^{to} Memorias da Academia. Diccionario da d.^{ta} ».

¹ *Semanario de politica, litteratura, sciencias e artes*. Lisboa, imprensa do *Portuguez*, 1827, 8.º

cores, accumulados pelos absolutistas sobre o *lençol de tres ramos*, era attrahida pelo redactor em chefe do jornal, e não querendo repartir a responsabilidade das suas apreciações, era natural que buscasse meio de só para si a tomar abertamente.

Não se julgue, porém, que o *Chronista* publicava artigos violentos, ou que analysava os actos do poder com a liberdade usada hoje por differentes periodicos. Nem a moderação de Garrett lhe inspirava escriptos d'essa natureza, n'uma occasião em que toda a prudencia era pouca para arraigar as novas instituições, nem lh'o consentiria a censura prévia, se elle o tentasse.

A censura fôra regulada por portaria de 18 de agosto de 1826, até que as côrtes resolvessem o modo por que devia applicar-se. Como estas nada fizessem¹, continuaram as cousas como estavam, escrevendo-se ao gosto dos censores, ou de quem os inspirava; e cortando elles tudo quanto mettia medo aos governantes. Havia, por consequencia, lucta constante entre a censura e as redacções; e não é difficil adivinhar quem ficava sempre vencido.

Se o apparecimento do *Portuguez* assanhára os partidarios do absolutismo, e os que a inveja tornára tambem inimigos figadaes de Garrett, imagine-se como todos elles ficariam quando viram o *Chronista*! Interpretando com fidelidade o pensamento do homem que por aquelle novo modo os affrontava, expondo-se, sosinho e a descoberto, aos seus rancores, com ares de quem os não temia ou os desprezava, solemnemente protestaram fazêl-o arrepender da sua audacia. E como lhes pareciam bons todos os meios conducentes a exterminar a liberdade, e os mais denodados campeões d'ella, vae ver-se por que modo começaram a dar saída á raiva que os devorava.

¹ A lei do sêllo e a do *cura de caniços* foram as unicas que passaram em ambas as camaras!—*Portugal na balança da Europa*, Londres, 1830, pag. 332 (23).

X

Em 10 de janeiro de 1827 publicou-se uma portaria do ministerio da justiça, tomando medidas preventivas, por causa de dissensões e rixas que frequentemente se davam entre paizanos da capital e soldados do exercito britannico, em resultado de embriaguez, ou por falta de mútua intelligencia. Alguns jornaes inglezes transcreveram, e outros francezes traduziram mal esse documento. O *Morning Chronicle*, o *Morning Herald*, a *Quotidienne*, e sobretudo a *Étoile*, apreciando erradamente a portaria, fizeram suppôr á Europa que o povo portuguez, indispuesto contra seus alliados, lhes mostrava a sua animosidade, assassinando-os. Chegaram a pintar Lisboa juncada de cadaveres inglezes!

Antes de se terem recebido essas folhas, que nos calumniavam, tinha o *Portuguez* publicado um artigo vigoroso contra a *Quotidienne*, por causa de certa carta que ella inserira, escripta de Montforte por um dos rebeldes da divisão do marquez de Chaves¹. Esse artigo, escripto e annotado por Garrett, enfureceu ainda mais os seus adiversarios, que o adivinhavam facilmente pelo estylo.

Ao ler os commentarios dos periodicos inglezes e francezes, exaltou-se novamente o patriotismo do poeta. O *Portuguez* não era ministerial; todavia, doendo-se das injurias feitas á nação, desmentiu-as energicamente. Os seus artigos sobre todo esse assumpto são dignos de ler-se. Até quando o jornalista francez affirmava que a liberdade de imprensa estava em Portugal muito peada (o que era verdade), responde Garrett, para defender o paiz d'esse labéu— «que as côrtes se occupavam de regular

¹ O *Portuguez*, diario politico, litterario e commercial, Lisboa, 1827, pag. 75 e 76.

a censura, e que enquanto o não fizessem o governo não podia obrar differentemente do que obrava para evitar a licença.» E continúa mais adiante, asseverando que todos os dias se imprimiam queixas e increpações contra o governo sem que se perseguissem os escriptores. «Não pretendemos dizer n'isto que a commissão de censura tenha sempre procedido com toda a imparcialidade e rectidão que lhe cumpria; de muitos agravos temos ouvido, e nós mesmos de alguns nos queixámos já». E logo depois: «Nós temos muitos defeitos, estamos mui desmoralizados pelo governo *bizantino* e *sybarita* que nos tem confrangido e apodrecido; mas o character do povo é bom, a nação como todas as outras, e se a illustração não é tão geral como em algumas outras nações, ha talvez mais desejo de a possuir; não n'ó impeçam, deixem-nos a nós mesmos; e veremos quem tem razão».

N'uma nota a esse extenso e interessante artigo diz: «Onde está esta Gazeta de Lisboa que não rectifica taes falsidades com que se vitupera a nação e o governo por toda a parte? Não vê ella isso nos jornaes? De quem é, e a quem serve, por quem e para quem escreve esta nossa santa Gazeta?—Nós pedimos submissamente em nome do decóro nacional e do governo d'El-Rei, pelo amor da patria e do Soberano, pedimos a S. Ex.^a o senhor ministro da Justiça que faça desmentir ao menos semi-officialmente as calumniosas interpretações que pelos jornaes inglezes e francezes (Deus sabe a influencia que isso pôde ter nos gabinetes!) se teem feito áquelle documento do seu ministerio ¹.»

Em 15 de março (n.º 114) voltou ao assumpto, e diz que, tendo denunciado e desmentido as falsidades com que os jornaes estrangeiros calumniavam a nação e o

¹ O *Portuquez*, pag. 199 e 200.

governo portuguez e não tendo a *Gazeta de Lisboa* feito o seu dever stricto, respondendo áquellas diatribes, tomava o *Portuguez* a tarefa «porque o interesse público, porque a dignidade do governo, porque a honra nacional o pédem, e nós não somos indifferentes, não o podemos ser a tão nobres interesses.»

XI

Um francez, residente em Lisboa, julgando-se aggravado pelas opiniões de Garrett, a respeito das cousas e homens da sua patria, escreveu uma carta, que o *Portuguez* publicou em 2 de abril¹. A resposta de Garrett é excellente; e sinto não poder transcrevê-la, por ser muito extensa. N'ella dá a entender que os inimigós da Carta aproveitaram a occasião para espalhar falsas noticias a proposito d'esta contestação, que chama insignificante. E diz, n'uma nota, referindo-se á protecção franceza do exercito de Napoleão, a que o correspondente alludia: «Na infancia de quem isto escreve eram as palavras *proteção, protegido e protector* synonymos de roubo, roubado, e ladrão. Custam a delir estas primeiras impressões d'aquella idade».

XII

Os traidores disfarçados, que cercavam a regente, indignaram-se com o nobre procedimento da redacção do *Portuguez*. A firmeza de principios d'aquelle jornal, e a influencia que exercia na opinião eram obstaculos fortissimos que se oppunham á realisação dos planos dos apostolicos. Convinha destruil-o a todo o custo. Apesar do po-

¹ N.º 129.

der que exerciam alguns d'esses falsos constitucionaes no animo de D. Izabel Maria, não tinham ousado até então perseguir abertamente a folha liberal, que se publicava sob o regimen da Carta. Pareceu-lhes agora azado o momento. Persuadiram a infanta de que podiam surgir complicações internacionaes da linguagem energica mas conveniente com que o *Portuguez* se referia á França; fizeram-lhe acreditar que a ella e seus ministros se dirigiam as expressões «governo *byzantino* e *sybarita*»; e conseguiram assim que o seu voto prevalecesse sobre a parte do ministerio que não participava das suas idéas, ou não ousava ainda adoptá-las publicamente.

XV

É retirado o censor ao *Portuguez*.— Concede-se-lhe novamente.— Documentos historicos.— Desapontamento e colera dos perseguidores.— Explicações.— Requerimento sem despacho.— Prudencia dos jornalistas inutilisada pelos seus inimigos.— Demissão de Saldanha.— Conspiração da policia.— A archotada e a republica do Terreiro do Paço.— Demissão de José Liberato Freire de Carvalho.— Politica apostolica.— Garrett e o *Chronista*.— José Agostinho de Macedo.— Outro requerimento á regente.— Despacho aterrorador.— Violação da Carta.— Limoeiro.— Estado da justiça.— Aggravo de injusta pronuncia.— Redactores e numeros do jornal autoados.— Ultimo arranço do *Portuguez*.— Apreciação d'essa folha pelo seu redactor em chefe.— Juizo do mesmo sobre a archotada.— Desmascára-se o absolutismo.— Ultima victoria da opinião pública.— Mulher e marido.— Versos em Campolide.— Regresso de D. Miguel.— Traição do senado.— Convocação dos tres estados.— Esforços e impericia dos liberaes.— Fugida para o *Belfast* e para Galliza.— Consumma-se a usurpação.— Receios e impaciencias de Garrett.— Morte de uma filha unica.— Terceira emigração.

I

A 9 ou 10 de abril espalhou-se em Lisboa o rumor de que os redactores do *Portuguez* iam ser perseguidos e desterrados para fóra do reino. No dia 11 foi-lhes retirado o censor privativo, e correu o boato de que o jornal acabava. Esta guerra indigna e desleal parece ter sido promovida, principalmente, contra Garrett, porque os escrevinhadores apostolicos não só o odiavam politicamente, mas invejavam-lhe tambem os talentos e gloria litteraria. Sabendo ou suspeitando a verdade, quiz o poeta sacrificar-se, largando a redacção e direcção do jornal, para que não fossem victimas com elle os seus collegas e amigos. Não lh'o consentiram estes, que todavia julgaram prudente declarar «que a redacção inteira desamparava a empreza, com receio das perseguições que

se julgavam eminentes». Estas noticias correram logo a cidade; e alguns amigos e assignantes do jornal affirmaram que o povo se opporia á suppressão d'elle. Effectivamente, começou a notar-se alguma excitação n'uma parte do público; e o governo teve medo. Aproveitando habilmente estas circumstancias, escreveu Garrett a seguinte representação á regente:

II

«Serenissima Senhora — Dizem os interessados na sociedade mercantil que se formou para o estabelecimento de um diario politico, litterario e scientifico, a que se deu o nome de *Portuguez* pela razão de se haverem comprometido os interessados a não consentir que n'este jornal se admittissem outros principios senão os verdadeiros legitimos e portuguezes, de lealdade ao Rei, fidelidade á sua causa e obediencia a suas leis, que havendo confiado a redação d'este periodico a pessoas que tinham todos os creditos de luzes e prudencia necessaria, e tendo-se pela boa administração feito progredir esta empresa, succede agora que por motivos ignorados dos supplicantes repentinamente se viram privados do censor privativo que V. A. lhes havia concedido e sem o qual é impossivel que possa continuar a publicação do jornal, por quanto a commissão geral de censura rara vez se reúne, e quando por acaso o faz é a horas incompativeis com a expedição que demanda uma folha de tanta materia, que deve sair cedo, e que se distribue para mais de duas mil pessoas, tanto na capital como nas provincias. Os supplicantes viram-se ao mesmo tempo e subitamente privados do trabalho e cooperação dos redactores que tinham acreditado este diario e o haviam levado ao ponto a que ainda não chegou jornal nenhum em Portugal,

por se haver geralmente divulgado que iam ser perseguidos por suas opiniões, e que se permanecessem na redação d'elle, seriam, quando menos, arrancados a suas familias e desterrados para fóra do reino. Os supplicantes estão para si persuadidos da falsidade d'este rumor porque não descobrem motivo para tal perseguição nem podem capacitar-se que assim fosse calcada e ultrajada a Carta Constitucional sob a maternal regencia de V. A.; mas não foi possível desvanecer o terror das pessoas que (os supplicantes julgam poder asseverál-o) tantos serviços teem prestado á sancta causa d'El-Rei e do povo na redação d'este jornal, sustentando as opiniões moderadas, não servindo a partidos, fossem quaes fossem, não censurando nunca senão *factos provados e positivos*. Elles insistiram que mui bem sabiam que a perseguição estava eminente e abandonaram a empresa.— Com muita difficuldade puderam os supplicantes achar outras pessoas que quizessem incumbir-se da redação d'esta folha, e com grande detrimento de seus interêsses porque o terror geral (bem que infundado, e originado de certo dos falsos boatos que espalham os inimigos da ordem e socêgo público) tem desanimado a todos, e só á custa de grandes sacrificios da parte dos interessados puderam conseguir elles que alguém se incumbisse de redigir este periódico.

Mas, Serenissima Senhora, com a commissão de censura é impossível absolutamente continuar; os supplicantes estão compromettidos com uma quantidade immensa de subscriptores, tem adiantado e empregado avultadas sommas no estabelecimento de uma officina typographica, em empregos de papel e outras coisas que andam para cima de 30 ou 40 contos de réis: o numero das pessoas interessadas empregadas n'este estabelecimento e que d'elle tiram a sua subsistencia sóbe a cima de cem, e todos se acham na maior consternação. Os sup-

plicantes não pedem a V. A. senão justiça e equidade; elles não pedem mais franca ou menos franca censura, pedem uma censura regular. A Carta estabelece a liberdade de imprensa: este é um direito dos portuguezes, e emquanto se não pratica este direito, e elle está suspenso mas não perdido, a censura prévia deve ser prompta e cumprir com as ordens que V. A. sábiamente lhe deu, e providentemente modificou quanto a este diario e depois a outras publicações do mesmo periodo. Portanto humildemente rogam e—P. a V. A. haja por bem, ou mandar nomear um censor privativo segundo a equidade e a razão exigem e a alta munificencia de V. A. concedeu já; mas sendo por qualquer motivo que os supplicantes não pôdem imaginar, necessario que esta empresa se acabe, elles estão promptos a fazer o sacrificio de seus interesses, fadiga e dinheiro, uma vez que assim o exija o interesse do estado.—E. R. M.==Como procuradores, F. F.¹»

III

O requerimento foi entregue ao ministro do reino, bispo de Vizeu, com este outro documento:

«Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.—Confiados na justiça de V. Ex.^a não procurâmos patrocínio nem empenho algum para apresentar a V. Ex.^a o requerimento junto que pelo ministerio de V. Ex.^a dirigimos.

A justiça da nossa pretensão é tão patente que inteiramente a entregâmos á ponderação de V. Ex.^a—Os máos efeitos que pôde produzir na opinião agitada a supressão de uma folha que sempre professou as opiniões mais moderadas podem muito bem ser calculados, e já em

¹ Inedito, annexo á copia do processo do *Portuguez*, existente entre os papeis de Garrett.

parte tem começado a manifestar-se. Nós, Ex.^{mo} Snr., não queremos senão lavar as mãos de todo o mal que se pôde originar, e rogâmos a V. Ex.^a mui respeitadamente queira dar um momento de reflectida attenção a um negocio que não é de tão pequena importancia como parece:

Por vivamente interessados na honra do governo que nos rege, e mui respeitadores e admiradores de V. Ex.^a, tomámos esta liberdade que a sua bondade desculpará, e nossas boas intenções justificam. — Deus guarde a V. Ex.^a Lisboa ... de abril 1827. — Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. ... (não poz nome) — De V. Ex.^a Humildes creados = F. e F.¹»

Uma terceira minuta indica ter-se passado portaria, concedendo o censor pedido. N'um momento de terror, por ventura justificado, porque effectivamente começavam a agitar o povo os numerosos empregados do *Portuguez*, que ficavam sem pão, determinou o governo que a propria empreza escolhesse o censor. Os associados responderam assim:

«Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. — Os interessados na empreza formada para a redação do *Portuguez* teem a honra de representar a V. Ex.^a em consequencia da Regia Portaria de 12 do corrente Abril que elles estimariam mais que a designação do censor especial que S. A. Ha por bem conceder-lhes fosse absolutamente feita pelo Governo; mas obedecendo ao que lhes incumbe a dita Regia Portaria lembram a V. Ex.^a que qualquer dos dois censors Regios o Snr. N. e o Snr. N. poderiam talvez sem inconveniente exercer este emprego; e — P. a V. Ex.^a Rev.^{ma} se digne mandar fazer effectiva a nomeação de um ou outro, sendo possivel hoje mesmo, para a expedição do numero de amanhã. — E. R. M.²»

¹ Inedito, annexo ao processo do *Portuguez*.

² Autographos ineditos de Garrett.

IV

Não me foi possível encontrar essa portaria de favor, arrancada por Almeida Garrett ao seu ministro, que era o famoso bispo de Vizeu, D. Francisco. Mas o certo é que com essa solução inesperada ficaram furiosos e desapontados os que tinham jurado matar o *Portuguez*. No fim do seu n.º 138, do dia 14, publicava este um aviso da direcção, que dizia assim: — «Tendo-se geralmente divulgado que a publicação d'esta folha ia cessar, por ordem do governo, os directores do *Portuguez* julgam necessario e devido o declarar ao público que nenhuma ordem directa houve do governo para este fim; e que apesar das alterações que soffreu o *peçoal* da redacção do jornal por mui forçosas, ainda que, ã de esperar, temporarias circumstancias,—o *Portuguez* continuará sempre do mesmo modo, com o mesmo systema, as mesmas opiniões moderadas, emfim o mesmo jornal.

Esta empresa, formada n'um plano commercial, estabelecida por acções e administrada mercantil e independentemente, está intimamente vinculada com as instituições que nos regem; e não póde cahir senão com ellas.»

No seguinte numero, de 16 de abril, explica a redacção o seu procedimento «por que algumas pessoas mal informadas, e outras mal intencionadas tinham dado grande importancia a uma questão *insignificante*». Referia-se á motivada pelas falsas interpretações do jornal *Étoile* e outros. Resumindo os factos, desde o primeiro artigo que publicou ácerca da portaria de 10 de janeiro, diz que defendêra o decoro do governo, desmentindo as calumnias, e pergunta, ao terminar, se deve por isso merecer-lhe «*perseguição ou favor*».

A unica resposta que obteve a esta interrogação foi ver engrossar o numero dos que o mimoseavam com

descomposturas. E por tal modo se acirraram contra elle alguns periodicos adversos, que a 16 de junho os redactores dirigiram um requerimento á regente, pedindo que fosse examinado o numero 168 do *Portuguez*, e o 134 do *Correio do Porto*, onde eram accusados, entre outros crimes, do de quererem implantada em Portugal a republica franceza. Se não se provasse a accusação, pelo numero accusado ou por qualquer outro, pediam que fosse punido o calumniador ¹.

O requerimento não obteve despacho; e as berrarias continuaram. Debalde se entrincheiraram os redactores na sua moderação, não escrevendo d'ali por diante senão com grande reserva, circumspecção e prudencia. Os seus adversarios inutilisaram-lhe todas essas precauções. Os dias do *Portuguez* estavam contados. Emquanto elle visse, apesar de todas as peias que se lhe punham, não poderiam vingar os projectos dos inimigos da Carta. Resolveu-se, pois, atacál-o de frente, provocál-o, obrigál-o por todos os modos a sair dos strictos limites que se tinha imposto; recorrer á calumnia mais audaz e á violencia mais desaforada; a tudo, emfim, quanto fosse necessario para o fazer calar de vez. Mas não bastava destruil-o a elle; convinha pôr termo ás hesitações, e atacar directamente, e ao mesmo tempo, o partido constitucional, de que o *Portuguez* era columna. A quêda da Carta seria o grande alvo. Garrett e os seus jornaes apanhariam por tabella.

V

A infanta regente padecia de hysticismo. Foi essa doença o primeiro elemento auxiliar do absolutismo. Levaram sua alteza para as Caldas; e, depois de lá a

¹ O *Portuguez*, n.º 203, de 30 de junho de 1827.

ter, exigiram-lhe a demissão do general Saldanha, unico ministro constitucional que ainda assustava os miguelistas. Connivente ou não com os planos dos apostolicos, a hystérica princeza não se fez rogar; e o ministro da guerra foi demittido por decreto de 23 de julho, datado das Caldas da Rainha. Saldanha era muito popular, por mostrar-se affecto ao rei e á Carta. Quando a nova correu em Lisboa, o *Portuguez* referiu-a, acatando a prerogativa real, mas lamentando o facto de ser demittido o homem que tinha dado tantas provas de fidelidade ás instituições vigentes.

O povo ficou triste com a noticia, mas não deu outras demonstrações do seu desagrado. Ora os auctores da demissão, que logo tomaram nota das palavras do *Portuguez*, qualificando-as de falta de respeito aos actos da regente, tinham contado com ruidosas manifestações populares. A falta d'ellas desconcertava-lhes o plano. Trataram portanto de as improvisar, de accôrdo com a policia, addicionando-lhe a farça de uma conspiração, inventada no Terreiro do Paço, a favor da republica.

Um dos agentes apostolicos era o prior do Barreiro, que se poz a gritar no Rocio contra a demissão de Saldanha, asseverando que atraz d'este iriam todos os constitucionaes, e a Carta com elles. O povo chamou a guarda para que o prendesse; mas o commandante d'esta, que estava no segredo, recebeu-o por uma porta, e deu-lhe saída por outra. No dia 25 já se sabia em toda a cidade que os agitadores da vespera eram assalariados absolutistas. A população, indignada, foi procurar Saldanha, e saudou-o com vivas, que se repetiram ás portas de outros constitucionaes e no theatro de S. Carlos. O *Portuguez* censurou as auctoridades que provocaram essas manifestações; em vez de o attender, taxaram as suas palavras de desacato ao poder supremo. Na tarde de 26, reuniu-se muita gente no Terreiro do Paço, para

saber se a infanta teria revogado o decreto demissionario. A policia dizia que as turbas iam para ali, com a gente do *Portuquez*, conspirar a favor da republica! Antes da noite dirigiram-se muitas pessoas a casa do juiz do povo, pedindo a este magistrado que fosse ás Caldas manifestar o desgosto público á regente. Elle prometteu partir de madrugada, e requisitou-se uma escolta de cavallaria para o acompanhar.

Entretanto, os ministros, reunidos em conselho, expediam successivos correios a D. Izabel Maria, participando as occorrencias. As pessoas que andaram de noite acompanhando o general demittido, levavam archotes accêsos, e d'ali proveiu dar-se a estes tumultos a denominação de *archotada*. Receioso de que as cousas passassem mais adiante, partiu Saldanha para Cintra, onde tambem o receberam com acclamações. Foram dirigidas á regente varias manifestações, até de militares, sentindo o acto demissionario. Ella, porém, por vontade propria ou alheia, não reconsiderou; e na noite de 27 deu-se ordem á tropa para dispersar os populares. As noites de 28 e 29 passaram já em completo socêgo.

VI

O *Portuquez* d'este ultimo dia faz votos para que o infeliz incidente aproveite a governos e governados, reservando outras reflexões para mais tardê. A 31 de julho declara que se esquece de tudo; e pede que todos se esqueçam, por ser esse dia o primeiro anniversario do juramento da Carta. Mas desde então reconheceu que perigava novamente a sua existencia, e redobrou de moderação. O redactor da *Gazeta de Lisboa*, José Liberato Freire de Carvalho, fôra demittido, a 28, por ter escripto dois artigos noticiando os successos dos dias e noi-

tes anteriores, artigos que a demissão qualificou como abusos de confiança—*dirigidos a atacar a auctoridade da Serenissima Senhora Infanta Regente*, e OPPOSTOS À OPINIÃO DO SEU GOVERNO! Quem os ler hoje pasmará de não ver ali justificada nenhuma d'estas accusações, salvo a ultima¹. Similhante demissão era já mais do que uma advertencia para que Garrett e os seus collegas se pozessem em guarda.

Em 13 de agosto o agente encarregado da venda do *Portuguez*, e os de outros periodicos liberaes, foram chamados a casa dos ministros criminaes dos bairros, e interrogados sobre quem eram os redactores, directores e censores das folhas que vendiam, bem como as pessoas que forneciam os fundos para ellas. Relatando o factio, dizia o *Portuguez* que estava convencido de que se respeitariam as leis vigentes. Ficaram, porém, justamente aterrados os redactores, porque bem sabiam terem começado as perseguições aos constitucionaes sinceros. Já no primeiro de agosto, á meia noite, escrevêra o intendente da policia Bastos ao visconde de Santarem:

«O demittido redactor da *Gazeta*, o do *Periodico dos Pobres*, e os do *Portuguez*, devem ser sumariados, e os censores egualmente; mas para isso é necessaria uma Portaria de S. A. R. dirigida a mim, para mandar proceder a seu respeito na conformidade das leis².» Ao mesmo

¹ Vide pag. 1011 e 1015 da *Gazeta de Lisboa*, julho de 1827. Tal era a furia dos absolutistas que até para dizer essas mentiras officiaes publicaram um *Supplemento* ao n.º 177 da *Gazeta*!

² A portaria não se fez esperar: passou-se no dia seguinte e diz assim: — «Sendo presente a Sua Alteza a Serenissima Senhora Infanta Regente, em Nome d'El-Rei, o escandaloso attentado, com que os Redactores de alguns Periodicos dessa Capital tem com a mais desmedida hypocresia tratado das ultimas revoltosas occorrencias em que Bandos de Demagogos attentarão sediciosamente contra a prerogativa de Sua Alteza como Regente do Reino, na conformidade da Carta, e tem impudentemente não só continuado

tempo mandava-lhe a relação das pessoas que tinha podido apurar até áquella data, accusadas de se terem distinguido nos *tumultos sediciosos*. Chegavam já a cento e quarenta; e entre ellas achavam-se os nomes do ex-ministro Guerreiro, desembargador Leitão, conde de Alva (filho), Rodrigo Pinto Pizarro, arcebispo de Elvas, etc., etc.¹.

Garrett era mais detestado, mas tambem mais temido do que José Liberato Freire de Carvalho. A este não só o demittiram logo de redactor da *Gazeta* como tambem de official da secretaria dos negocios estrangeiros, por ter escripto dois artigos noticiosos e inoffensivos. Áquelle, hesitaram muitos dias antes que ousassem abertamente accusá-lo pelo que escrevia no *Portuguez*, e, sobretudo, no *Chronista*. Não perdia, comtudo, por esperar. Os inimigos com quem tinha de haver-se não eram dos que se esquecem ou perdoam.

O *Chronista*, como já se disse, tratava mais livremente os assumptos politicos, porque o redactor não tinha com quem repartir a responsabilidade das suas opiniões. Por isso tambem mais cedo caiu sobre elle o odio implacavel dos absolutistas. A paginas 491 do segundo volume d'aquelle jôrnal, fez Garrett as seguintes reflexões,

a publicar doutrinas contrarias á conservação da ordem publica e muito especialmente o n.º 230 do denominado "O Portuguez" em que não só invertem factos que são patentes, mas se attaca o Governo do modo mais atroz e criminozo, por todos estes respeitos, Manda Sua Alteza que V. S.^a proceda a respeito dos Redactores dos referidos Periodicos mandando-os summariar, e bem assim os Censores que os deixarão imprimir e correr, procedendo ulteriormente na conformidade das Leis. O que tudo a Mesma Senhora Manda communicar a V. S.^a para sua devida intelligencia e execução. — Deus Guarde a V. S.^a, Paço da Villa das Caldas em 2 de Agosto de 1827. — *O Visconde de Santarem*. — Sr. José Joaquim Roiz de Bastos». — Arch. da Torre do Tombo, cartorio da intendencia: *Avisos e portarias*, 1827).

¹ José Liberato Freire de Carvalho: *Ensaio politico sobre as causas que prepararam a usurpação de D. Miguel*, etc., pag. 112, nota.

depois de relatar os acontecimentos de 24, 25 e 26 de julho:

« Quem se vota ao triste, ao penoso, ao amargo officio de escrever de cousas contemporaneas, ou ha-de servir um partido, e é um homem sem honra; ou ha-de ser homem de bem, e a nenhum agrada, com todos se malquista, de todos será odiado, praguejado, quem sabe se perseguido! A escôlha é terrível, mas forçosa: eu ponho socegradamente a mão na minha consciencia, e bendigo a Deus de achar n'ella o seguro testemunho, a plena convicção de que não hesito um só momento n'esta escolha. Persiga-me tudo n'este mundo, menos os remorsos; accusem-me todos, menos a minha consciencia. A verdade e a justiça são côxas e lentas, mas chegam um dia: basta-me a mim esse dia, ainda que o veja eu do sepulchro¹. »

Quantas prophcias em tão poucas palavras! D'ahi a pouco foi perseguido, preso, novamente expatriado... e após vinte sete annos, e já no sepulchro, só *não via ainda de lá* o dia da verdade e da justiça! Chegará elle acaso mais de meio seculo depois? Oxalá!

VII

Garrett continuou nos seguintes numeros a apreciar severa e imparcialmente, tanto o procedimento da população como o das auctoridades, e defendendo como sempre os direitos de D. Pedro e a Carta. Todos os jornaes que advogavam a causa da liberdade se encolhiam; o proprio *Portuquez* abstinha-se, desde alguns dias, de fallar nas cousas públicas. Só o *Chronista* proseguia com desassombro a sua missão audaciosa. Foi por isso o primeiro que pagou com a vida.

¹ O *Chronista*, semanario de politica, litteratura, sciencias e artes. Lisboa, imprensa do *Portuquez*, 1827, tom. II.

O padre José Agostinho de Macedo, a exemplo de outros escriptores absolutistas, que accumulavam todas as benevolencias da censura, berrava sem cessar contra os redactores do *Portuguez*, na collecção de cartas a J. J. P. Lopes. Garrett era o alvo principal dos odios do padre, que o invejava pelo seu prodigioso talento. O *Chronista* foi por fim obrigado a terminar a sua publicação, com os n.ºs 24, 25 e 26, que saíram juntos:

« Não cabendo nas forças do redactor do *Chronista* — diz Garrett, despedindo-se dos subscriptores — contrastar os obstaculos invenciveis que se oppõem á publicação d'elle, e tendo de optar entre a sua consciencia e a absoluta suppressão d'este semanario, não hesitou na escolha. » — Depois de accrescentar 'que nem o temor nem respeitos humanos de nenhuma especie o fazem abandonar o campo, em um momento em que a lucta se trava mais decisiva,' acrescenta: — « Desenganei-me a tempo das theorias dos philosophos, e li na realidade das cousas; fiel aos meus principios e á minha consciencia detestei a exaltação liberal, como detesto qualquer outra exaltação; temo o fanatismo da liberdade, como todos os fanatismos: e julgo ter algum direito para dizer que me não contentei com este intimo sentimento, e que ousei desprezar as *voces minazes* do povo, oppôr-me só, desarmado, e sem mais escudo do que a razão e a verdade, contra toda a torrente de uma opinião desvairada, estimulada e exaltada por falta de boa direcção. Quando todos os que não gritavam estavam calados, não duvidei fallar eu; e esta certeza de haver cumprido com o meu dever em circumstancias tão perigosas me consolará de todas as injustiças dos homens. » . . . « Entre dois grandes e perigosissimos escôlhos navega a náu do Estado desde que a rege uma constituição livre, mas essencialmente monarchica. De um lado estão os excessos populares, em que se pôde perder a monarchia, e com

ella a liberdade; do outro a arbitrariedade, em que se pôde perder o espirito do povo, e por elle a liberdade, e logo após ambos, a monarchia¹ Talvez ignorado marinheiro, bradei eu no meio da borrasca, e quando a morte eminente parece egualar as condições, talvez bradei com ancia d'alma ao piloto descuidado: *Vamos perdidos com esse rumo!* Talvez d'esse brado, que a presença do perigo arrancou do coração, me queiram fazer um crime. Mas fôra isso justo ainda quando me eu enganasse?» — Termina dizendo que teem crescido de tal modo os obstaculos da censura, que não é possível escrever: — « . . . não basta cortar, é necessario substituir ainda ás palavras e pensamentos do escriptor as palavras e ideias que manda o censor; não ha homem de bem que queira escrever assim, e todavia imprimem-se e correm livremente cartas indecentes, etc.»²

VIII

Referia-se ás de José Agostinho. Este homem violento vendêra-se aos inimigos da liberdade, e foi o canonisador da tyrannia, talvez por culpa dos proprios liberaes. Em 1820 os directores da revolução desprezaram-n'o imprudentemente. Se o tivessem chamado á camara de 21, pôde ser que elle não escrevesse nenhuma das diatribes que escreveu contra a Carta. Ferido na sua vaidade pelo desdem dos revolucionarios, tornou-se o inimigo mais implaçavel da revolução, perseguindo os constitucionaes até á sua morte.

A 15 de agosto dá o *Portuquez* noticia de ter acabado o *Chronista*, no dia 14. A 16 manifesta n'um artigo a

¹ Cortado pela censura.

² O *Chronista*, n.ºs 24, 25 e 26.

sua impaciencia pela vinda da rainha, que se annunciava para breve. Os jornaes absolutistas tomaram a manifestação d'este desejo como affronta á regente; e alguns chegaram a pedir que se não deixassem impunes os que ousavam mostrar-se descontentes do governo d'ella. José Agostinho vomitava sem cessar contra os redactores do *Portuquez* sarcasmos, injurias e calumnias atrocissimas. A insolencia do padre chegou a ponto que os diffamados julgaram dever dirigir um requerimento á regente, para que o ex-frade fosse obrigado a provar as accusações que lles fazia. Esse documento, publicado em o n.º 244 de 17 de agosto, sob o titulo — *O Portuquez e o padre José Agostinho de Macedo* — traz formuladas em 12 artigos as accusações do padre, com a demonstração ao pé de cada uma d'ellas de sua falsidade, baseando-se a justificação nos proprios artigos do *Portuquez*. Tanto o requerimento como o artigo que o precede são da penna de Garrett.

A regente estava já em Cintra. E o despacho que deu á petição do *Portuquez* foi mandar n'esse mesmo dia demittir todos os censores, ordenando á mesa do desembargo do paço que propozesse «pessoas habeis e de solidos principios, e que tenham como seu mais rigoroso dever o manterem as doutrinas conformes com a dignidade da corôa, e repouso público, consolidação das instituições, e respeito devido ás auctoridades constituidas».

Accusavam-se os jornalistas, no começo d'essa portaria, de terem pretendido «com a mais desmedida hypocrisia, justificar as ultimas revoltosas occorrencias, publicando doutrinas contrárias á conservação do socêgo público, e até invectivando o governo com escandaloso arrojo, fazendo-se por este modo os apologistas da anarchia, e dos inimigos da Carta ¹».

¹ Portaria do ministerio do reino, de 17 de agosto de 1827. Era ministro o Visconde de Santarem.

Esta accusação de 'inimigos da Carta' feita pelos que a derrubaram, não deixa de ter graça! O facto é que o *Portuguez*, a *Gazeta Ministerial*, a *Constitucional*, o *Periodico dos Pobres*, e o *Velho Liberal do Douro* foram denunciados e suspensos, em consequencia d'essa portaria! Vinte e sete dias depois reapareceu um numero do *Portuguez*, o qual diz no alto da primeira pagina: «De 28 de Agosto até 13 de Setembro». As columnas destinadas aos assumptos de Portugal, e a parte das noticias de Paris, estão em branco! Nos dias 15 e 16 publicou-se ainda, declarando-se n'um d'esses numeros que só então se tinham podido obter as necessarias licenças.

A proposito do ultimo arranco d'este jornal, volta José Agostinho de Macedo a insultar os redactores, chamando-lhes republicanos, e dizendo que republica traz consigo Limoeiro, e que os limões ali nem por isso são dos mais doces!

Finalmente, na madrugada de 17 de setembro, a policia invadia as casas dos redactores do *Portuguez*, arrancava-os do seio de suas familias e mettia-os no Limoeiro, com grande motim e apparatus. Foram presos em virtude de uma portaria, que usurpava as attribuições do poder judicial, e que serviu para os fazer pronunciar, com manifesta violação da Carta!

Como era natural, depois da archotada sobrevieram as devaßsas, em Lisboa e no Porto. Os juizes, obrigados a obedecer á constituição, não podiam sustentar as prisões arbitrarías, sem culpa formada; mas os escriptores absolutistas, inspirados superiormente, levaram os magistrados a ser subservientes ao poder de que eram servís escravos, e a fazerem as pronúncias, servindo-se das mesmas testemunhas para todos os processos. Em vista d'isso, não admira que os redactores do *Portuguez* queressem inutilmente, durante mezes, á regente, a ministros e juizes, a sua soltura, ou homenagem ao me-

nos, provando, com a Carta, Ordenações, e mais leis que regiam a jurisprudencia da liberdade de imprensa, que tinham sido injustamente presos.

Tendo elles aggravado da injusta pronúncia, respondeu o juiz ao agravo: «Que os aggravantes attentaram contra as attribuições, decóro, e respeito da Senhora Infanta Regente, sediciosa, subversiva, hypocrita, e dissimuladamente, a qual por elles se declarou atroz, e criminosamente atacada».

Isto faria rir, se tão torpes mentiras não envolvessem a perda immediata da liberdade e talvez da vida. Os numeros do *Portuguez*, autoados no summario, foram os 224, 225, 226, 227, 228, 230, 231, 290 (ou 229?) Acusaram-n'os de republicanismo e de terem apoiado os tumultos revolucionarios das noites de 24 a 27 de julho, animando os revoltosos com doutrinas subversivas.

Quando algum dos presos requeria que se lhe passasse por certidão: 1.º, qual o delicto que lhe assacavam; 2.º, quaes as testemunhas; 3.º, qual o accusador; respondia-se-lhe por despacho: «Pronunciado por sedicioso escriptor; os nomes de testemunhas em tempo. = Amaral Semblano¹». Ao passo que assim se procedia com elles, tolerava-se que indecorosamente os insultasse a *Gazeta de Lisboa*; e José Agostinho, nas *Cartas* ao seu amigo J. J. P. Lopes, desafogava a negra bilis contra Garrett, a proposito do opusculo *O dia 24 de Agosto*, pedindo ao rei que mandasse o auctor para as galés! Nas *Cartas* 13.^a, 14.^a, 23.^a e 25.^a, ainda esse covarde, virulento e sujo escriptor se incarnaça sobre o preso e seus collegas, victimas do odio do energumeno frade, e de outros apostolicos iguaes a elle.

¹ Processo do *Portuguez*, que existe, por copia, entre os papeis de Garrett.

IX

Logo que os presos aggravaram da injusta pronúncia, e se viu a resposta do juiz ao agravo, ficou claro aos olhos de todos que o absolutismo tirára a mascara, e que era chegado o tempo de novas perseguições aos amigos da liberdade. Garrett e seus companheiros pediram debalde que os seus processos, que eram todos civis, fossem públicos, como os dos militares; em vão andaram as mães e as esposas requerendo aos ministros da tyrannia a favor de seus filhos e maridos; nada se lhes concedeu. Foi preciso que a opinião pública, apesar de já vizivelmente enfraquecida, reagisse, por um supremo esforço, contra aquellas violencias inauditas e insolitas. Ao cabo de tres mezes, vencido por ella, succumbiu o animo dos juizes; e os redactores do *Portuguez*, dados por innocentes, eram absolvidos. Foi a sua ultima victoria n'aquelle calamitoso periodo ¹.

¹ Apesar de possuir copia do processo, Garrett confundia por vezes a data da suspensão do *Portuguez* (17 de agosto) com a da prisão dos seus redactores (17 de setembro). Eis a nota do carcereiro, que tira todas as dúvidas: «Parte dos presos entrados em esta Cadêa da Corte em 17 de setembro de 1827.

Folhas	Nomes	Occupações	Idades	Auctoridades
293 v.	Joaquim Larcher	Negociante	30	Rocio.
d.	Antonio Maria Couceiro	Escrivão do Ecclesiastico	29	Idem.
294	Paulo Midosse (<i>sic.</i>)...	Official de Secretaria.....	38	Idem.
d.	João Baptista de Sá Leitura Almd. Garrett (<i>sic.</i>)	Idem.....	27	Idem.
294 v.	Carlos Morato Roma...	Occupado no Hospital de S. José	30	Idem.
d.	Luiz Francisco Midosse	Official de Secretaria.....	27	Idem.
.....	Alfama. etc.

O Carer.º, Ant. Luiz de Oliv.ª Par.ª

X

Em poucas palavras apreciou Garrett mais tarde os tumultos da archotada e o processo do *Portuguez*:

«O intendente da policia que em Julho de 1827 arran-

É para admirar que já o poeta desse aqui 27 annos, quando tinha mais de 28! Eis outro documento, não menos indubitavel, e curiosissimo. São ambos do Arch. Nac.

«Consulta. — Serenissima Senhora—Por Aviso expedido pela Secretaria d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça, com data de 19 de Setembro precedente, Mandou Vossa Alteza em nome d'El-Rei, que esta Mesa consultasse o que parecesse sobre o conteúdo em um requerimento de D. Rita Huet Midosi, D. Mariana Midosi, D. Luiza de Almeida Garrett, e D. Maria Epiphania Larcher, no qual exposeram:

Que ellas viram arrancar de seus braços na madrugada do dia 17 do dito mez, huma, seu filho, as outras, seus maridos que tranquilllos e obedientes, e leaes subditos em nada offenderam nunca as Leis, nem podiam suspeitar que contra elles houvesse semelhante proceder.

Que este acto fôra tanto mais cruel quanto o marido de huma das suplicantes estava doente de cama em uso de remedios, e atacado de huma enfermidade que na prisão não podia deixar de pôr termo á sua existencia.

Que este acto fôra tanto mais intempestivo quanto os maridos das suplicantes Paulo Midosi, e João Baptista de Almeida Garret, ambos officiaes da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, foram presos sem consentimento e ordem de Vossa Alteza, o que era contra os privilegios que os Augustos Predecessores de Vossa Alteza tinham concedido a taes Empregados.

Que extrajudicialmente fôra dito aos presos que assim erão tratados por haverem tomado parte na redacção de hum jornal que se intitulava o *Portuguez*, e no mesmo dia, e pelo mesmo pretexto o forão tambem Carlos Morato Roma, Antonio Maria Couceiro, e Luiz Midosi, que tambem cooperavão para a publicação d'aquelle jornal.

Que presos todos como huns salteadores, com escoltas de Policia de vinte e tantos homens, forão encarcerados na Cadêa da Córte, e ainda até o dia 19 de Setembro não poderão obter que se lhe dêsse o motivo da sua prisão, e os nomes das testemunhas accusa-

jou, por vendido a D. Miguel, uma commoção pretendida popular, mas só composta dos espões e myrmidões da policia, não conseguiu, ainda assim, fazer gritar alguns

doras, segundo mandava expressamente o Titulo oitavo, Artigo cento quarenta e cinco, paragrapho setimo da Carta Constitucional.

Que igualmente parecia que fôra desprezada a mesma Carta no Artigo que mandava que todos os actos do processo depois da pronúncia fossem públicos; e que tudo se desprezava para opprimir e vexar os supplicados que nenhum crime, nenhuma falta nem leve cometterão; e em Nome de Vossa Alteza, que hé a Protectora e Amparo de todos os Portuguezes, era que estas injustiças se comettião.

E que acudisse pois Vossa Alteza ao estado das supplicantes, que se vião sem amparo, sem protecção nenhuma, separadas de quanto teem mais caro n'este Mundó, e que só confiavam na Excelsa Bondade de Vossa Alteza; e por tanto

Pedião a Vossa Alteza que Mandando cumprir o paragrapho oitavo do Artigo cento quarenta e cinco da Carta Constitucional, os supplicados presos fossem póstos em liberdade prestando fiança idonea, segundo era expresso no citado Artigo da Carta, e depois, se eram criminosos, se lhes formasse o seu processo e fossem punidos segundo as Leis.

Determinou a Mesa ao Juiz da culpa que informasse com o seu parecer, ao que satisfez o corregedor do Rocio dizendo:

Que não se comprehendia bem pelo requerimento quaes fossem os Impetrantes a quem se concedêsse e aproveitasse o Alvará de feis carcereiros, por quanto as mulheres supplicantes não estavam culpadas nem presas, e omittião os nomes de seus maridos, que entretanto pelos cognomes se persuadia serem Paulo Midosi, João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garret, e Joaquim Larcher.

Que estes forão presos em resultado de pronúncia em summario, para inquirição do qual se tomára o Auto que remettia por copia; que erão estes homens os mesmos revolucionarios das noites de 24 a 27 de Julho antecedente, em que se attacarão as attribuições da Soberania, e se proclamára substituir-lhe huma Republica; erão revolucionarios Republicanos, huns gritando, e outros escrevendo, e com seus escriptos auxiliando aqueles, disfarçando-os, e pintando-os com direito á rebelião que proclamavão. E que eram pois réos de Leza-Magestade, de primeira cabeça, crime em que jamais se concedêra meio algum de sair da prisão antes da sentença do competente Juiz e Vossa Alteza Decidiria como era de justiça.

loucos, senão pelo rei legitimo e contra a já premeditada e começada traição das auctoridades¹.»

«O auctor (Garrett) esteve por espaço de tres mezes preso, sem mais pretexto que o de ter tido parte em uma publicação censurada e impressa com todas as licenças necessarias. Não foi preso o censor, nem prohibida a publicação, nem no fim dos tres mezes se achou materia de culpa! O jornal era o *Portuquez* cuja moderação em doutrina, e urbanidade em stylo ainda não foram imitadas².»

XI

Na biographia manuscripta diz Garrett, que para lhe ser restituída a liberdade concorrêra muito o ex-ministro Guerreiro, seu particular amigo, e o desembargador Palha³. É provavel que poderosas influencias dêssem força á opinião, que proclamava a sua innocencia e a dos seus collegas. Sem isso, seria quasi impossivel arrancál-os das unhas dos apostolicos, que se ensaiavam com essas perseguições para cantar em breve o 'rei chegou'.

Restituído á familia, passou o nosso poeta o resto do anno de 27, e principios do de 28, servindo o lugar de official da secretaria e dando ao cultivo das letras e aos

O que sendo visto:

Parece á Mesa o mesmo que ao Ministro Informante para dever ser Escusado o requerimento das suplicantes. Lisboa vinte de outubro de mil oitocentos e vinte e sete. = *Costa*. = *Teixeira Cout.*° *Arriaga* = *Pedroza*. — (Á margem) Forão votos os DD.° Antonio Gomes Ribr.°, Lucas da Silva Azeredo Coitinho, e Dom José Francisco de Lencastre. — (Resolução da Consulta) Como parece. Palacio da Ajuda em 24 de Outubro de 1827. — I. R. (Infanta Regente) = *José Freire d'Andrade*».

¹ Biographia ms.

² *Romanceiro*, tom. I, 1843, pag. 49, nota.

³ Guerreiro tambem estava já incluído na lista das perseguições.

estudos da instrução pública todas as suas horas vagas. Era o descanso forçado, a paragem momentanea, na carreira da sua tormentosa existencia politica. Então se consagrou exclusivamente ao viver domestico, buscando n'elle o socêgo compativel com as circumstancias d'essa situação transitoria.

Como os patriotas antigos, João Baptista punha a patria primeiro que a familia. Casado havia seis annos, passára esse tempo em lucta com a adversidade, por causa do seu patriotismo. O exilio, a deportação, o carcere, as mais crueis provações tinham sido até ali o premio do seu amor á liberdade. Essa vida de combate, cortada de perseguições e miserias, devia ser pouco grata a sua mulher, joven, formosissima, que tinha sonhado prosperidades e delicias, unindo os seus destinos aos do homem já tão assignalado por obras de extraordinario talento. A pobreza com as suas constantes necessidades é pouco propicia á felicidade conjugal. Por mais amor que se tenha no coração, ella azedará insensivelmente o character, e substituirá em breve nas almas grosseiras os mais suaves sentimentos por ondas de fel e vinagre.

Felizmente, nem João Baptista nem D. Luiza padeciam d'essa baixaza. Com quanto um fosse de gôstos e delicadeza infinitamente superiores á outra, não tinham chegado ainda aquelle grau de incompatibilidade que oito annos depois os forçou a separarem-se para sempre. Mas o impeto apaixonado dos primeiros tempos não pôde resistir a separações tão repetidas e a tribulações tão continuadas. O vento do infortunio soprára com demasiada violencia o fogo sagrado, e consumira o combustivel de que elle se alimentava . . .

Parece que outro sentimento, menos apaixonado, a amisade, substituíra nas duas almas o primeiro affecto. E alguem me affirmou que foram consagrados a sua mu-

lher, apesar da declaração que o poeta faz, em contrario¹, os seguintes versos de introdução á *Adozinda*.

« A Elysa

Campolide 41 d' Agosto, 1827.

.....
 Na viva flor da idade e da saude
 Nem de todos seria acreditado
 Que tam suavemente
 Em austeras conversas de virtude
 Nos fosse o tempo. — Cré-me, Elysa amavel,
 Tem muito mais prazeres a amisade
 E mais doces que amor :
 Para todos os sexos, toda a idade,
 Em todo o tempo a mesma, sempre affavel,
 Sem o canero roedor
 Do ciume voraz, que no mais puro
 D'amor, no mais seguro
 Suas raizes venenosas lança,
 E co'a mais branda flor
 Seus mordentes espinhos lhes intrança.

Detestemos, Elysa, essa funesta
 Paixão brutal que a tudo e em tudo damna,
 Da virtude tyranna :
 Não nos illuda a tam commum cegueira ;
 Detesta o crime quem amor detesta.
 Crimes! — vê a amisade prazenteira,
 Que nenhuns tem; — e amor, ai! quantos, quantos!
 Honras perdidas, thálamos violados,
 Os vinculos mais sanctos
 Dos homens e de Deus, da natureza,
 Da propria natureza — espedaçados
 Por esse amor, que sua tocha accêsa
 Do vivo fogo do averno immundo
 Para de crimes abraçar o mundo².»

¹ «Uma estimavel e joven senhora de minha particular amisade, a quem por agradecida retribuição é dirigida a introdução do presente romance.» — *Romanceiro*, tom. 1, pag. 16, 1843.

² *Romanceiro*, tom. 1, pag. 29 e 30; 1843.

Que Elysa fosse Luiza ou não, os versos pintam um estado psychologico pouco favoravel ao amor conjugal; e confirmam a veracidade dos esclarecimentos que eu obtive. Se, porém, se provasse que eram dirigidos a outra mulher, e não á sua propria, attestariam n'esse caso outro factó mais notavel ainda; vem a ser: que só um ciúme violento e justificado, fundando-se em algum successo pouco honroso para a mulher, poderia inspirar a um marido taes phrases contra o amor.

XII

D. Miguel entrou no Tejo a 22 de fevereiro de 1828; desembarcou em Belem, com medo, segundo dizia, de que os liberaes o assassinassem. O senado de Lisboa, que lhe tinha preparado festejos para o desembarque, ficou desapontado, protestando desde logo que os constitucionaes lhe pagariam o lôgro. Quatro dias depois, o infante jurou a Carta, na qualidade de regente nomeado por seu irmão D. Pedro IV. Mas não foi preciso decorrer muito tempo para que se reconhecesse a boa fé d'esse juramento. Todos os seus actos e os dos traidores que o rodeavam não deixavam dúvidas sobre as suas intenções perfidas. A 25 de abril, a municipalidade lisbonense deu o exemplo da deslealdade ao seu legitimo soberano, perjurando, e pedindo ao povo que assignasse uma 'humilde petição' para que D. Miguel usurpasse o throno, declarando-se rei absoluto. Em 3 de maio, condescendendo com a *vontade da nação*, convocaram-se os tres estados.

O Porto e Aveiro indignaram-se e insurgiram-se, quinze dias depois; e de todos os pontos do paiz se levantaram gritos de colera e se pozeram forças em movimento contra o principe perjuro. Infelizmente, a impe-

ricia, inercia ou timidez de quem dirigia o movimento liberal inutilisou todos os esforços; e a 3 de julho embarcavam os chefes no *Belfast* e saíam do Porto para se irem accusar uns aos outros de traidores na terra estrangeira! Os academicos, os soldados e os officiaes de indisputavel fidelidade não tiveram navios que os levassem... senão quando os fretaram á sua custa, na Corunha e no Ferrol, onde chegaram roubados, famintos, nús e esfarrapados! A historia fará justiça a uns e a outros. Oito dias depois da saída do *Belfast* era D. Miguel declarado rei *legítimo*! A usurpação estava consummada.

XIII

Logo depois da chegada do infante a Lisboa, todos os constitucionaes, que o conheciam, e que por isso tinham motivos para duvidar da sinceridade do seu juramento, como regente, trataram de refugiar-se em paizes estrangeiros.

Desejava Garrett poder imital-os, pondo-se fóra do alcance de inimigos, que não deixariam de perseguil-o com a ferocidade propria do odio que lhe votavam. Mas tinha doente uma filhinha, fructo unico do seu casamento, que o impediu de sair immediatamente. E deve aqui fazer-se justiça a José Agostinho, com quem por vezes tenho sido severo, em consequencia da provada má vontade que manifestava ao auctor de *Camões* e *D. Branca*. Era impossivel que elle ignorasse a estada de João Baptista em Lisboa, indo este todos os dias á secretaria do reino. Absteve-se porém de o denunciar e de berrar contra elle, ao tempo em que já começavam as demissões aos funcionarios que não pactuavam com o miguelismo. Fosse generosidade do padre, que via triumphar o seu partido, ou fosse qualquer outra a causa do

seu silencio, o certo é que n'essa occasião esteve calado, com grandissima vantagem de Garrett.

Todavia, sobejavam ao poeta rasões para não contar com a grandeza de alma de Macedo, nem com a de nenhum outro apostolico; por isso via com dolorosa impaciencia aggravar-se o estado da filha querida, que lhe sorria tristemente, como em ultimo adeus, do seu berço de innocencia. N'esse berço tinha posto o misero pae a esperanza de futuras consolações e alegrias e sentia-as desvanecerem-se como sonho. Emfim, a morte compadeceu-se da sua dôr, apressando o desenlace. E ao mesmo tempo que se fechava a cova, onde elle deixava perdida para sempre aquella porção do seu ser, abria-se-lhe o caminho da terceira emigração. A mulher acompanhava-o. Era em principios de junho de 1828¹.

¹ No livro do sr. D. Antonio da Costa, *Historia do marechal Saldanha*, diz-se, no tom. 1, pag. 184, *in fine*, que Saldanha fôra o primeiro que abrija o caminho da emigração, saindo da patria em 1827. Peço licença ao illustre escriptor e meu amigo para lhe recordar que esse caminho estava aberto, desde 1823, por muitos patriotas distinctos; e que, segundo fica provado n'estas memorias, Garrett, não menos illustre com a penna do que o marechal com a espada, nem menos util á gloria do seu paiz, ia comer pela terceira vez o pão do exilio, antes da hegira para o *Belfast* de desgraçadissima memoria.

XVI

O sellador da alfandega.—Londres.—Prestação de obediencia á Junta do Porto.— Historia da emigração.—Se convirá escrevê-la.—Deixemos dormir os mortos.— O Pantheão dos reis e a Necrópole no Mindello.—Subsidios.—Accusações.— O deposito de Plymouth.— Candido José Xavier.— *As noites do barracão*.— O poeta não participa das larguezas feitas aos afillados.— Demissão da secretaria do reino.— *Memorias de João Córado*.— José Gomes Monteiro.— *Adozinda*.— Estudos de costumes e usos.— Velleidades aristocraticas.— Warwick.— *Lyrice de João Mímimo*.— Ilha Terceira.— Expedição metralhada.— Sempre os nossos amigos inglezes!— D. Maria II, em Londres.— O addido da embaixada.— Bandeira de caçadores 5.— O *Chaveco Liberal*.— A *Quotidienne*.— *Memorial*.— José Ferreira Borges.— Victoria da Villa da Praia.— Canção admiravel.— Passos Manuel, poeta.— *Tratado da Educação*.— Protesto.— Das *Leis penaes*.— Segunda edição de *Catão*.— Revolução de Julho.— *Portugal na balança da Europa*.

I

Merece referir-se a circumstancia de que emquanto o proscripto navegava para as praias do desterro, um de seus irmãos se dirigia a Lisboa, para cumprimentar D. Miguel. Sabendo os estudantes liberaes, em Coimbra, que estava na hospedaria do celebre José, do Paço do Conde (que depois emigrou tambem), o sellador da alfandega do Porto, e dizendo-se, talvez infundadamente, que elle era portador de denúncias similhantes ás que deram em resultado a morte dos lentes, em Condeixa, resolveram fazer-lhe assuada e tirar-lhe os papeis. Para esse effeito se reuniram tres ou quatro; e entrando, mascarados, na sala contigua ao quarto de Alexandre, ameaçaram de morte o creado d'este, que estava á porta, se gritasse; e emquanto um o ficava guardando, foram os outros condecorar o sellador com sellos de chumbo, que para

isso levavam. Não tiveram, porém, tempo de lhe revistar os papeis: quando começavam o exame, sentiram gente no quarto proximo, e fugiram. Houve depois devassas, inqueritos, indagações de toda a especie: apertaram por todos os modos com o José, hospedeiro, porém este declarou sempre que não sabia quem eram os estudantes, asseverando que tambem o tinham ameaçado de lhe tirarem a vida, se pedisse soccorro; e que por ser de noite e elles irem mascarados não pôde tomar-lhes nenhum signal. Mais tarde, na emigração, fôra encontrar-se com os auctores do gracejo, que não quizera denunciar, porque os conhecia, e nenhum se lhe tinha occultado.

Facilmente se consolou o agraciado dos sellos de chumbo, voltando de Lisboa, pouco depois, condecorado com o parentesco espirital de compadre de D. Miguel, que alcançara por conselho de D. Carlota Joaquina. Pelo mesmo tempo chegava João Baptista a Londres, na occasião em que o marquez de Palmella acabava de partir para a mallograda expedição do *Belfast*. O poeta prestou perante o visconde de Itabayana, ministro do Brazil, que então fazia as vezes de embaixador portuguez¹, obediencia á Junta organizada no Porto para sustentar os direitos da corôa legitima, assignando auto em o livro competente a 25 de junho². E por ordem do ministro ia partir para o Porto, com Joaquim Larcher, Jervis de Athouguia, e

¹ Diz um diplomata que o erro mais grave e mais funesto á causa da rainha, praticado pelo marquez de Palmella, foi ter-se este demittido de embaixador de Portugal, pelo facto da usurpação, em vez de continuar a considerar-se embaixador do successor legitimo, como fez Luiz Antonio de Abreu e Lima, então ministro nos Paizes Baixos. (*Correspondencia official* do conde da Carreira, pag. 5 e 6, Lisboa, 1874-75.)

² *Despachos e correspondencia* do duque de Palmella, tom. iv, Lisboa, 1869, pag. 24 e 25. N'outros documentos acho a declaração de ter-se prestado este juramento a 2 de junho. Penso que será lappso, tendo-se deixado de pôr o 5 adiante do 2?

outros emigrados, quando se recebeu a noticia dos desastres com que bem pouco decorosamente terminou a lucta.

II

A historia da emigração portugueza, durante a usurpação de D. Miguel, está ainda, e, provavelmente, ficará por escrever. Será irreparavel falta para quem deseje julgar com imparcialidade os nossos homens notaveis d'aquelle tempo? . . . Garrett queimou, ou lhe foram subtrahidos, os documentos preciosos que reunira e tudo quanto tinha escripto sobre os memoraveis acontecimentos das guerras da liberdade; e nenhum dos actores principaes, que n'elles figuraram, quiz deixar aos vindouros a herança, em que por desventura parecessem maiores as vergonhas do que a honra e gloria dos testadores ¹.

Os ultimos soldados do Mindello, que se acharam em circumstancias de apurar a verdade dos successos em que tomaram parte, vão dia a dia desaparecendo. Alguns ha, todavia, ainda vivos que poderiam escrever d'esses successos com desassombro. Foram academicos, conheceram as miserias do exilio e os auctores da maior parte d'ellas; vieram a Portugal com o immortal exercito, e lidaram com os que o compunham, desde D. Pedro IV até ao infimo dos soldados. Quasi meio seculo depois era, talvez, permittido esperar que até os que foram victimas fallassem dos homens e das cousas d'esse tempo sem paixão. . . Mas será realmente lamentavel perda se a historia da liberdade ficar privada do capitulo que diz

¹ Os folhetos, jornaes, e outros papeis avulsos, publicados por esse tempo, formam tão copiosa collecção que enche estantes. A mais completa que se conheceu pertencia a José Balbino de Barbosa e Araujo, depois visconde de Telheiras. A maior parte d'esses escriptos é hoje rarissima e tem grande valor historico.

respeito á ultima emigração? A verdade e a justiça exigiam que se juntassem aos autos, que deviam formar o processo d'essa historia, todos os documentos necessarios para o julgamento da sua causa no tribunal da posteridade. E, n'este caso, essas memorias poderiam ser castigo, punição tremenda, infligida além da campa aos que, por vontade ou sem ella ao principio, resgataram os seus erros nobremente, conquistando-nos a liberdade. É melhor deixar esses homens dormirem em paz o seu eterno somno. Esqueçamos o mal que uns aos outros fizeram; lembremo-nos só dos seus serviços, para não lhes regatearmos as honras posthumas. Antes a algum d'elles se franqueiem immerecidamente as portas do pantheão dos reis do que se condemnem ao olvido os que eram dignos de imperecedouros monumentos.

Mais justo, e mais digno de nós, que gosámos os seus beneficios, seria reunir em S. Vicente de Fóra as cinzas de todos elles. Assim pagaria generosamente a monarchia constitucional a sua divida de honra aos que lhe deram o throno. Mas se a monarchia não póde, não quer ou não a deixam romper com as tradições obsoletas, que affrontam ainda a democracia moderna, mostre-se a nação agradecida: levante no Mindello uma vasta necropole, consagrada ao encerro dos mortaes despojos de todos os que ali desembarcaram. Procure piedosamente os ossos dos que a sua ingratição tem deixado esquecidos em humildes covaes de obscuros cemiterios, quando não perdidos na valla commum; e transporte-os solemnemente para esse PANTHEÃO DOS SETE MIL E QUINHENTOS, OU NECROPOLE DOS LIBERTADORES, como melhor quizer chamar-lhe. Encerre tambem ali os restos de D. Pedro IV, sem receio de que pareça desacato á realza. Se é dado aos que partem d'esta vida transitoria ver d'além da campa o mundo que deixaram, o espirito do duque de Bragança folgará de ter as suas cinzas entre as dos seus companheiros

de gloria, sem o esforço dos quaes não teria reconquistado nunca a corôa que deu a sua filha.

Quando passar diante de nós algum d'esses homens, já hoje tão raros, da emigração e do Mindello, descubramo-nos com respeito. Se elle não for um dia repousar no pantheão de S. Vicente ou na necropole nacional do Mindello, nenhuma ingratição de povos nem de reis impedirá que o seu nome fique eternisado na historia da liberdade. Não indaguemos quaes foram as suas paixões ou as suas faltas, se as teve, fatalmente ateadas e produzidas pelas miserias do desterro: que direito temos nós, que nada fizemos, para censurar os que para nosso bem fizeram tudo? Se muitos d'elles entre si se guerrearam sem treguas, uniram-se lealmente, no momento supremo em que deviam fazê-lo; porque a par de suas inimidades pessoases e de suas divergencias sobre meios e modos, queriam todos a mesma cousa; tinham crenças vivas, valor e brio, virtudes que vão desapparecendo com elles. Como ousaremos, pois, discutil-os, nós, que nem sequer temos esses symptomas de vida e de mocidade, que tanto os caracterisavam: paixões vehementes, luctas generosas, em que o amor da causa commum subjuga e faz emmudecer os odios mais violentos?!

III

Se o meu triste officio de escriptor me obriga ás vezes, para conseguir o fim que me propuz, a censurar severamente os directores dos negocios da emigração, e a condemnar as intrigas que por pouco iam impedindo a victoria da liberdade, não louvarei jámais que se exponham a toda a luz as vergonhas d'esse tempo. E apenas me refiro a ellas quando o meu assumpto o exige.

As descripções que chegaram até nós, das miserias

que soffreram os emigrados portuguezes, desde 1828 até 1832, em Inglaterra, França e Belgica, bastariam por si sós para glorificar os que voluntariamente se condemnaram a esses tormentos por amor da liberdade da sua patria.

O marquez de Palmella, «auxiliado pelos subditos brazileiros marquez de Rezende e visconde de Itabayana, deu um centro aos emigrados, occorreu á sua subsistencia, providenciou sobre o que convinha á causa portugueza» diz um documento official ¹. O visconde de Itabayana, ministro do Brazil em Londres, dava a Palmella, por conta da divida do Brazil a Portugal, o dinheiro que devia repartir-se com igualdade pelos expatriados. Infelizmente, a administração d'esses fundos foi severamente accusada de parcialidade, na distribuição das enormes quantias que lhe eram confiadas.

Formou-se em Plymouth o deposito dos emigrados que foram do Porto embarcar no Ferrol e na Corunha. A direcção superior d'elle foi dada a Candido José Xavier. Este homem, que servira no exercito de Napoleão e recebêra dos seus soldados d'esse tempo a alcunha de —*Pernas de Egua*— por as ter muito compridas, não possuia sympathias ². Com razão ou sem ella, censuraram-n'o, e ainda hoje o accusam, de ter sido odiosamente injusto, no modo por que repartia os subsidios. Os seus amigos e protegidos recebiam larga fatia do pão commum, que chorado e escassamente se dava aos outros. Aquelles tinham uma libra sterlina por dia, só para

¹ *Relatorio do ministerio da guerra*, apresentado ás camaras em 4 de setembro de 1834, pelo ministro Agostinho José Freire.—Fôra injustiça esquecer os serviços que tambem nos prestou o distincto brazileiro marquez de Barbacena.

² Nas notas ao poema *Os Burros*, edição de Paris, é elle bem maltratado, com relação ao tempo dos francezes. Mas deve attender-se a que essas notas são escriptas por um miguelista.

prato; andavam fartos e bem trajados, insultando com os seus ares de ricos a miseria da maioria, que recebia uma libra por mez, e ainda menos! Para certos sujeitos era a emigração mais lucrativa do que viver na patria, onde nunca tinham tido tanta abundancia de dinheiro!

Essa desigualdade deu origem ás celebres *Noites do Barracão*, ao *Chicote*, e a outras muitas satyras, em verso e prosa, em que se desafogavam as justas queixas dos que, tendo maiores serviços, eram, como sempre acontece, os menos considerados. Parte dos versos mais graciosamente apimentados attribuiu-se ao academico, hoje conselheiro, Bartholomeu dos Martyres, a quem accusavam de primar n'esse genero poetico. Affirma elle, porém, que não collaborou n'elles, confessando, todavia, ter feito outros do mesmo genero.

IV

Garrett não passou desde logo por tão duras provas, como os seus infelizes compatriotas do deposito de Plymouth¹. Conseguira levar algum dinheiro, que lhe permittiu ao principio viver desafogadamente, e se não dispensou, mais tarde, os subsidios a que tinha direito como subdito da soberana legitima, é falsissimo que participasse da farta distribuição dada aos protegidos, como em Londres espalharam inimigos e invejosos da sua gloria. A accusação provinha do seu parentesco com o secretario do deposito de Plymouth²; mas não tinha o menor fundamento, segundo iremos vendo pelo decurso d'estas memorias.

¹ Diz José Liberato Freire de Carvalho que os academicos tinham cinco *pence* por dia! (*Memorias para a historia do tempo que durou a emigração.*)

² Paulo Midosi, primo da mulher de Garrett.

Em 18 de agosto de 1828 demittia-o de official da secretaria do reino o governo intruso, por causa da sua adhesão á causa da rainha. Era advertil-o de que escusava de voltar á patria, salvo o caso de querer que n'ella o enforcassem.

Penso que o primeiro trabalho litterario que fez em Londres, n'esta terceira emigração, foi começado a 13 de agosto. Déra-lhe o titulo, que depois riscou (sem o substituir), de *Memorias de João Córadinho*¹. É uma serie de aventuras picarescas, que fazem lembrar o *Gil Braz*, o *Gusmão de Alfarache* e o *Estevam Gonçalves*. No principio, ridiculo, burlesco, e por vezes até um pouco livre, parece querer alludir a certa viscondessa, de fomentadora memoria, que tivera um filho amulatado. João Córadinho não era personagem de phantasia. Existiu realmente um preto d'esse nome, que pelas ruas do Porto vagueava, no primeiro quartel d'este seculo, armando com muitos esgares e tregeitos á esmola dos transeuntes. Escreveu Garrett os tres primeiros capitulos das memorias, e o começo do quarto, seguidamente; além d'esses, ha mais dois, que não ligam com aquelles, por se destinarem, provavelmente, a entroncar muito adiante. N'esses fragmentos, como em tantas outras das suas composições, revela-se a prodigiosa facilidade com que o nosso auctor variava de estylo, escrevendo sempre com a mesma graça e propriedade. Como precioso mimo aos leitores, não resisto ao gosto de copiar os seguintes pedaços:

«.....

Mas com todas estas boas prendas e qualidades tinha Joaninha um só defeito que assim mesmo lhe dava quebra, e cujas consequencias n'aquelle sexo são ás vezes

¹ Acha-se citado, no catalogo do tom. xxii das *Obras*, a pag. xxx, onde traz erradamente a data de 1825.

peiores que a de todos os outros vícios juntos. Era ella mui desvanecida e vaidosa de si, gostava de louvainhas e lisongerias de moços, não porque lhes dêsse muito ouvido, ou lhe chegassem ao coração todavia innocente; mas porq̃. isso a confirmava na ideia de sua formosura. Quando lhe rendiam alguma fineza mais clara, Joaninha córava, e córava devéras; porém riam-se os olhos na cara... o mal porém estava só na cabeça, nem o peito se contaminára ainda. Tinha já 17 annos e era tão innocente e simplesinha como aos 5 ou 6 apenas o são, se tanto, as creanças da cidade. Estremecia-a o pae, adorava-a, nem desde que enviuvára outro cuidado tivera senão a sua Joaninha ou outro prazer ou satisfação q̃. vél-a, abraçál-a, fazer-lhe as vontadinhas todas, trazê-la sempre satisfeita e contente. Parte foi isto para que se o bom natural de Joaninha um tanto derramasse. A cegueira do velho Braz não lhe deixava ver este defeito da filha, e em vez de lhe prevenir as consequencias, evitando as occasiões de dar pasto á sua natural vaidade, parece que de vontade lh'as procurava; e era para elle sempre bemvindo e certo estava de agradar ao pae quem lhe requiebrasse a filha, a lisongeasse, gabasse de formosa e discreta. Todo se babava e applaudia ao que devia reprehender, sem pensar que essas lagrimas de gôsto as podia por seu erro verter de mágua e de vergonha.

.....»

V

E mais adiante:

.....
 Ella continuou a dar-me explicações e a contar-me dos seus amores, segundo depois entendi: porém nada ouvia eu já; que as primeiras palavras me tinham soçobrado. Da altura da felicidade, aonde já me tinha empoleirado,

e d'onde armava já projectos e arranjos do futuro, governando o mundo em sêcco, de subito desabei por um despenhadeiro, e fui sem sentidos rolando até ao fundo do abysmo, e só lá, só depois de longo espaço acordei dos meus vãos sonhos, e conheci a minha louca presumpção!

Fiz por compôr o vulto e fazer das fraquezas forças; mas a quêda tinha sido deseparada e grande: não era de me erguer assim direito e são. Sentia-me ferido; e tanto mais me doía o amor proprio quanto mais se tinha desvanecido. Mas dar o meu braço a torcer, era de todos os azares o mais mortificativo e de humilhar: cobrei animo, e com quanto me ficasse n'alma forte despeito e má vontade fingi o melhor que pude boa cara, e boas palavras, concebendo todavia um desejo, por sem dúvida injusto, de me despicar do que tão mal indevidamente tomei por affronta e injuria.

Prometti-lhe tudo quanto ella quiz, concertámos o modo de tudo se arranjar, fallei muito no seu Jacinto, no bem que tinha escolhido, conversámos d'amores e mais amores, ganhei-lhe assim a vontade de modo que entre nós dous tão lhana e intima ficou a confiança e amisade que nos íamos tratando de manos, e já á despedida que foi ao entrar no povoado obtive sem difficuldade um beijo e um abraço, a que o proximo desapontamento me não deixou tomar todo o gosto mas que emfim era um beijo e abraço de Joaninha. Que melhor podia eu começar a perceber os meus emolumentos de Mercurio em chefe!

Custou-me a dormir essa noite, e o pouco que dormi foi tam sonhado que não posso dizer que verdadeiramente repousei. Sonhei com Joaninha, com minhas imaginarias felicidades da vespera; e ainda mal arraiava a manhã, já eu estava á bocca do mesmo pinhal, onde tam loucas esperanças concebêra, sonhando accôrdado novas e indefinidas loucuras, e forjando vagos planos e

projectos sobre mais vagas tenções que nem distinctamente formava. Convinha porém tomar uma resolução, e isso fiz. Aguardei que o pae tivesse ido para as suas lavras, e me aproximei da casa de Joaninha: viu-me ella e me fez signal de a ir esperar para uma sombra d'alamos que ficava por traz da casa e toldava um ribeirinho que ahi corria.

Poucos minutos a esperei, que não tardou em sair. Estava eu sentado debaixo dos alamos e todo coberto com a folhagem da primavera não me podia ella ver; mas eu distinctamente a vi sair de casa e atravessar ligeiramente um extenso campo de trigo que apenas começava a filhar.

Tanta vez tinha eu visto Joaninha, tanta vez a tinha achado formosa e linda, mas tão bella, tão feiticeira nunca meus olhos viram a ella nem a creatura nenhuma das filhas de Eva. Seus lindos e longos cabellos castanhos, estremados sobre a testa, parte se lhe entrançavam sobre a airosa cabeça parte lhe caiam em anneis pelo gentil pescoço. Saía-lhe a camisa branca de neve por um colletinho escarlate debruado de preto que lhe apertava a mais delicada cintura que ainda apertou espartilho, sobressaindo esta mais pelo contraste de uma saia curta e farta de roda de camellão escuro.

Nunca nunca sonhos de poeta gosaram de tão celeste visão. Seus olhos grandes e rasgados vinham sorrindo de contentamento d'alma. No rosto córado avivava-lhe a frescura da manhã o natural, e r (rico?) colorido. Era um ramallete de açucenas e rosas sobre quem para o viçar chorou a aurora lagrimas de perolas em fresca manhã de Abril: diria em meu logar um poeta; mas que sonhos de poetas gosaram jamais da beatitude de tão celeste visão?

Chegou ao pé de mim, e a allucinação me tomou que a não visse senão quando sua linda mão me bateu fami-

liarmente no hombro, e me deu os bons dias com uma graça e um sorriso que nunca tiveram labios de mulher, nem quando a senhora mãe Eva deu começo ás funções de esposa, engodando o pobre marido, e fazendo-lhe engulir o caroço.

Sentou-se ao pé de mim (mas não por mim nem para mim) começámos nossa conversa d'amores (amores d'outro, miseravel Córado!) e nunca vi nem ouvi de paixão tam forte e verdadeira como a que ella tinha. Estremecia, quando lhe proferiam o nome de Jacinto, demorava voluptuosamente os labios quando o articulava ella, córava, desmaiava, resplandecia-lhe o rosto de alegria, ou se lhe cobria d'uma nuvem de tristeza segundo os sentimentos de esperança, de receio, de segurança ou de temor, que lhe eu dava ou ella concebia.

Quanto a mim, disfarcei como um jesuita, approvei, lisongeei, arredei e facilitei difficuldades e dei tudo por mui possível e bem feito, deixando só meus biquitos de dúvida para me fazer necessario. Ella saltava de contente, chamou-me seu Joãosinho, seu amigo, seu tudo, e se despediu (d'esta vez sem lh'o eu pedir) com um delicioso beijo.

Eu tinha ido ao moinho velho, e havia realmente fallado ao ditoso Jacinto, guapo e galante mancebo que elle era em verdade. Toquei-lhe em Joaninha; mas ou fosse de véras ou por affectar indifferença, que é quasi sempre balda de tafues, fallou-me d'ella tão desdenhosa e levemente que nem me atrevi a entabolar negociação, nem a dizer uma só palavra mais sobre tal assumpto. Á volta já me esperava á bocca do pinhal a minha constituinte; mas tive o juizo de lhe não contar a verdade, antes o contrario: dizendo que n'ella tinhamos longamente conversado, que elle a achava formosa, que tinha tomado tanto calor e interesse a conversação que não duvidava que já estivesse apaixonado. Porém que a prudencia tinha exi-

gido, assim como tambem a modestia, que me eu não declarasse logo na primeira conferencia; mas que tudo ficára preparado.

Assim continuaram muitos dias nossas conversas; ella fallando do seu Jacinto, eu da felicidade que elle gosaria, entretecendo com cada palavra uma flor de lisonja à sua formosura.

.....»

VI

Este capitulo é delicioso:

«.....»
 Mais largo, e mais disputado foi este soliloquio; contento-me com dar as forças d'elle por não seccar o leitor. Assentei minha final resolução, e como pouco se me dava de ir parar a este ou áquelle destino, tomei ás cegas o primeiro trilho que vi, e d'ahi a pouco vim dar n'uma estrada que suppoz ser estrada real, e por ella fui caminhando já mais de vagar; por mais tranquillo o espirito começava o corpo a sentir cansaço e fome. Ia quasi que a escurecer; entrei a espalhar os olhos a redor para ver se descobria poiso onde descançasse, e onde achasse um canto de pão e uma sêde d'agua. Vi alvejar lá longe à borda da estrada uma casita. Dobrei o passo, mas antes de lá chegar escureceu de todo, e só mui perto d'ella a tornei a descobrir por uma luz que accenderam.

Voltei com o de dentro para fóra quantas algibeiras tinha mas só pude coalhar uns quatro vintens e meio, e duas ou tres moedas (de tres reis) restos de uma de seis que os dias passados tinha acoimado a um pobre padecente por lhe cuidar d'um namorico.

Cheguei-me à porta da casita e vi que tinha um alpendre de baixo do qual estavam sentados um homem e uma

mulher, elle de meia idade além, ella talvez alguns annos aquém, porém maltrajados, e peor afigurados, segundo o luar que saía me mostrava. Não tinham elles traça de animar muito a pedir, mas instava fadiga e fome; e assim com voz mui lastimada e humilde lhe roguei pelo amor de Deus se me davam pousada aquella noite e um bocado de pão para matar a fome que muita tinha. Accudiu a mulher com uma vozeirona desafinada.

—Pousada! A nossa casa não é estalagem: não temos cá onde o recolher.

Feriu-me a barbaridade e o modo secco da desalmada, e voltei-lhe as costas sem replicar para ir seguindo meu caminho; porém apertava-me a sêde, e esperando que ao menos uma vez d'agua me não negaria, lh'a pedi com muita resignação.

—Sim, filho—me disse o homem.—Deus seja c'o a minha alma que não hade ir da minha porta uma creatura de Nosso Senhor com fome e sêde. Vai, mulher; vai-lhe buscar alguma cousa.

Entrou ella sem replicar mas com má cara, e segundo entendi já tinham disputado quando eu voltára as costas. O bom do homem assim que a viu sair veio direito a mim e me disse baixinho:

—Olhe, irmãosinho, acolá está aquelle palheiro; coma agora alguma cousa e mate a sua sêde e depois finja que se vai e entre para acolá para aquelle palheiro que esta serva de Deus da minha mulher o não veja que é rabujenta de condição, mas vá e durma que ella não sabe e Nosso Senhor o ajude.

Agradei-lhe a boa vontade. Tomei umas sardinhas e um bocado de pão que a mulher me trouxe, e fazendo que seguia meu caminho me fui direito ao palheiro sem me a mulher ver porque o bom do marido teve cuidado de a entreter, e tão cansado estava que d'ahi a poucos minutos dormia eu já a somno solto.

- Supponho eu que teria dormido as minhas boas cinco ou seis horas quando senti entrar gente no palheiro, acordei com algum sobresalto mas tive-me quedo e calado para ver o que era. Fallavam baixo entre si, mas não tam baixo que não ouvisse mui bem quanto diziam. Eram duas as vozes e me pareceram, como de facto depois vi que eram, voz de homem e de mulher.

— Não tens razão, Joaquim, não tens razão nenhuma. Olha o diacho do rapaz. Pois eu havia lá de lhe ir contar nada! Aquelle paz d'alma do meu marido! Nome de Deus! Ainda que elle não soubesse da nossa amisade, bastava pescar elle que andavas disfarçado, e que labutavas no tráfico que nós sabemos, ai! Senhora da Guia que estavamos perdidos; era logo ir pregál-a no bico do juiz; e bem sabes porquanto te ficou da outra vez para te safares que só o excommungado do escrivão que abichou nove moedas em cruz. E então a mim, que me esfolára viva o maldito homem. Elle que me tem por uma santa que o nosso amigo P.^o Frei Domingos lhe está sempre a prégar que mulher como eu, nem que a buscasse c'uma candeia accessa.

— Mas sabes tu que mais que não me cheira muito o teu P.^o Frei Domingos que já me cá deram meus fumos de que era um forte velhaco. Pois que me ande direitinho cá c'o irmão Joaquim, senão ha-de levar-lh'o diabo a porca da alma como ó P.^o Luiz da moita que lá ficou espicado no pinhal e ainda até hoje ninguem soube quem n'ó tinha aviado senão eu e tu e mais o diabo que é de segredo.

— Ai credo em cruz, filho, que me fazes emperrear as carnes até á alma! Pois que te fez o pobre Frei Domingos que é um santinho, um servinho do Senhor que tantas vezes te tem valido mais a nós todos, que se não fôra elle quem sabe onde tu starias á vez d'hora que é lá por essas Angolas do Brazil mais por essas Indias de

Christo. Aquella noite que vossês, tu mais o José cara suja, e o Antonio da perna gorda, o João das iscas mais o Zé das campainhas, que vossês fostes á Senhora da Luz e trouxestes o saclario c'o a patena, mais o calix da comunhão, e até, que isso é que eu não fazia, nem sequer deixastes a alampada do altar que ficaram salvo seja as hostias ás escuras; senão vais tu ainda atraz accender os cirios do altar, que Deus te ha-de ajudar que não deixastel-as hostias ás escuras. Pois que era o que eu ia dizendo senão fôra pol-o P.^e Frei Domingos que vos escondeu tudo bem agachado, e andou com vossês ás costas pr'a amor do juiz e do papa gallinhas do abbade não sei o que seria.

—Pois stá bom, stá bom: tambem lh'a elle não foi mal na rasca que levou d'essa feita; mais outras obrinhas miudas que temos feito por causa d'elle que lhe levámos a freira a Odivellas . . . a andar de noite e alapar de dia que chegámos uns empalamados. E depois pr'a grimpar a riba isso foram cannos!

—Pois que é isso da freira? Olha o ladrão do padre, queimado seja elle mais o habito que elle traz! Brégeiro, que se o pilhára aqui lh'havia d'ir ás ganas do comer . . .

Zás, tumba, desandou uma roda de cachação e de cacetada qu'interrompeu as imprecações da mulher e lh'as converteu em gemidos. Mas tam basta soava a pancadaria que não dava prazo á lamuria. Cuidei eu á primeira que fosse o marido (pois já tinha colhido ser ella a mulher do alpendre) que os tivesse apanhado em flagrante; mas logo me desenganei que não porque ouvi a mesma voz d'homem que até ali conversava.

—Hein, hein! que cuidavas, grandissima chichelleira que te não havia de fazer cuspir claro. Olha como te eu apanhei! Querias tirar-lhas ganas do comer ó padre Domingos. Tem ciumes a menina! Assim é que tu me pagas e m'és aguardecida ó que tenho gasto contigo!

A este lindo recitativo seguiu-se ritornello de páulada com acompanhamento de gritaria e chôro. Receioso estava eu que me chegasse alguma perda, e o melhor que pude me concheguei e encolhi, enrincheirando sobre tudo a cabeça dentro da palha. Porém a palha esconjurada chocalhou com as minhas remechedellas, o cioso amante suspendeu seus delicados requiebro, a bella inconstante seus queixumes, e eu comecei a encomendar-me a todos os santos da côrte do céu, e já via a alma do p.^o Luiz da moita passeando no pinhal á minha espera. Tinha eu a cabeça por maneira coberta que impossível me era além do escuro ver cousa nenhuma, mas o medo me afigurou não sei quantas duzias de facas a luzir no escuro.

Nem um respiro se ouvia, que todos os tres tomavamos o folego e nos escutavamos com ancia e temerosos. Durou pouco este silencio que o pimpão rompeu logo.

—Um milheiro de diabos! Trinta raios me partam se aqui não está o excommungado do frade! Pois guarte, Maria, guarte se o apanho na ratoeira, bem te podes pôr bem com Deus! D'esta não escapas, meu sacca de carvão.

Senti bater os fechos de uma espingarda ou pistolla, e logo a luz d'um couto de vella aclarou o theatro d'esta tragi-comedia. Um dos actores conhecia eu já; o outro, que toda a minha attenção occupava, era homem de mediana estatura mas apessóado e forte, de côr terrena, barbas crescidas, olhos negros que lhe fusilavam da cara, intrapado de recozidos remendos e andrajoso, no braço tinha um capote de burel com seu capuz como o que trazem os cegos, uma pistolla na mão, comprida e aguçada faca nos dentes. . . . que a já sentia eu a descozerm-me as carnes, tanto aquella vista me tinha aterrado e perdido. Entrou a mulher a esconjurar-se que de tal P.^o Frei Domingos não sabia, que ha seculos o não vira nem

c'o elle fallára; mas elle sem lhe dar attenção começou de bater com o páu, e de furar pelas médas de palha até que veio dar commigo, e tam cego da colera estava que sem reparar em trajó ou feições, d'onde se houvera desenganado logo, me deitou como um carrasco as mãos ao gasganete fazendo trinta juras e imprecções, e puxando por mim para fóra que não sei como ali não dei a alma a Deus, tão cruelmente me esganava o maldito!

—Cá para fóra, cá para fóra, snr. padre: agora veremos. . .

Por o dizer d'estas palavras já todo eu era visivel, e quando seu engano tão claramente viu cortou-se-lhe a palavra e lhe veio logo tam destampada gargalhada, tal fluxo de riso lhe acudiu que até eu, mais morto que vivo, assim mesmo me estive quasi a fazer-lhe a segunda.

—Quem diabo és tu e que fazias aqui?—me perguntou depois de rir á sua vontade a extraordinaria figura, alargando-me algum tanto mais as guelas para me deixar responder. Pedi-lhe que me deixasse tornar a mim; e com as suas franjas, córtes e augmentos lhe contei a minha historia. Tornou-lhe o fluxo de riso e riu tambem a mulher, apezar das dôres que ainda devia sentir; e quando acabei me disse o irmão Joaquim:

—Bom, bom, não começaste mal. O rapaz é de esperanças. Máus raios te partam se tu não estás talhado para ser um dos nossos. Queres tu? Olha, não ha vida como a que nós levâmos. Divertida, regalada, sem trabalhar, dinheiro não falta, moças, tudo. Arrisca-se a gente, é verdade, passam-se más noites de vez em quando, mas por cabo de contas tudo isto diverte, e vale mais do que trabalhar.

Mal sabia eu o que lhe havia de responder. Pela conversa que tinha ouvido suppunha-o ladrão de estrada, e se não fôra meu natural medroso e assustadiço, muito se casava com meu desejo de fazer mal esta profissão.

Mas todavia a lembrança da cadeia e da forca sobre maneira me aterrava. Fiquei pensativo algum tempo, e trabalhava por ler na cara do adepto os segredos e mysterios da sociedade.

— Excommungado sejas tu, que não gosto de gente que discorre tanto. Queres ou não queres?

— Querer quero eu; mas é que...

— É o quê, dize.

— Se elles agarram um homem que o mettem na cadeia, e d'ahi...

— Cadeia! Pois nós somos cá alguns ladrões, alguns salteadores? Olha para mim, rapaz. Olha para esta cara. Então achas-me com veronica de ladrão?

— Não senhor, não; mas como eu ouvi quando estava acolá nas palhas...

— Ai sim? Olha o diabo! Ouviste-me fallar no padre Luiz... bem diz o ditado que as paredes teem ouvidos. Maldita badelladora, que se não fôra o teu badallar...

— Eu não disse nada, Joaquim; foste tu que entraste a contar do caso do padre Luiz por via de dizeres que o Frei Domingos havias de fazer o mesmo.

— Pois está bom. O mal feito está, vejamos do remedio. Rapaz, queres ser dos nossos?

— Quero sim senhor, mas...

— Não ha cá mas nem meio mas. Sim ou não. Mandou-te aqui o diabo para saberes os meus segredos: agora, tomar parte da carga e andar para diante ou cair no fojo, e dizer adeus ao mundo. Calar, te has-de tu de calar que tenho aqui com que te fazer de segredo.

Cobriram-me todo de suor frio estas ultimas palavras, e tão eloquentes as achei que me dei por convencido logo, e sem mais duvidas declarei ao irmão Joaquim que estava prompto e deliberado a entrar na augusta ordem. Mas que ordem era ella não sabia eu bem ao certo. Pouco monta isso; quantos de mais juizo que eu tem tido a

patetice de se alistar em sociedades e professarem em ordens sem saberem o que ellas são, nem o que elles fazem.

Disseram-me que desde aquelle instante ficava debaixo da protecção da mais nobre corporação de toda a Hespanha e que breve seria admittido a communicar em todas as vantagens que ella a seus membros dava.

A nossa irmã Maria — pois já me supponho com direito ao tratamento fraterno — foi buscar uma bem fornida borracha, acompanhada de bom peixe frito, um pedaço de lombo de porco, azeitonas, e outras vidualhas que o irmão Joaquim metteu no seu alforge, e boas duas horas antes de ser dia seguimos nosso caminho, depois de havermos feito os devidos cumprimentos á veneranda borracha e arranjadas as pazes com a grosseira mas servical Maria, que era segundo depois sube, uma das mais distinctas e veneraveis matronas da ordem.

Pela estrada fomos conversando muito mano a mano, e taes coizas me disse de sua ordem meu companheiro, que já me suppunha ter nascido impellicado, por tamanha contava minha boa fortuna de me ter levado áquelle abençoado palheiro. Adiante virá mais a pêllo expôr o que fui ouvindo, e porque me não obriguem as circumstancias a repizar, assim como por ser a materia interessante e a suppêr ignorada da maior parte dos leitores a tratarei em separado.»

VII

«Capitulo IV

N'estas conversas iamos entretidos, quando começou a luzir a madrugada, mál se viam ainda os objectos, e reparei que o meu companheiro me poz a mão sobre o hombro, e continuou a andar, assim como quem ia atraz de mim e guiando os seus passos pelos mêus. Pouco re-

paro fiz n'isto ao principio; mas ao cabo de algum tempo maior o comecei a fazer, sobre tudo pela natural observação que quanto mais se ia aclarando o dia, mais elle se apegava e mais parecia que lhe era mister o guiar-se por mim para caminhar.

Não ousava dizer-lhe nada, mas dobrava a curiosidade de conhecer o motivo de tão extranha cousa. Fiz-me desentendido e fui andando, mas de proposito escolhia o peor caminho, sem elle mostrar que o conhecia; metti-me por poças e charcos, cegamente ia atraz de mim; fazia eu zigzags no caminho direito, caminhava pelos meus passos, como se não tivera olhos para ver a estrada. Afoitei-me com estas experiencias primeiras e assentei de apurar o caso: era n'uma descida, estava d'um lado uma ladeira facil e segura, do outro um trilho escabroso e despenhado. De pequeno era eu fragueiro, e por aspero que fosse não havia para mim máu caminho; dei-me a este e fui descendo: elle atraz de mim, e apegado a mim como d'antes. Porém taes eram as topadas, os saltos, os escorregões, que em meia descida o homem desesperou, trava-me d'um braço e desanda-me tão desamparada arroxada, que a tomára eu por pancada de cego, se tão bons olhos e tão claros lhe não houvera visto na vespera.

Dei um grito que atroei tudo á roda, caí e rolei por a descida abaixo, rolámos ambos porque o irmão Joaquim tinha por natureza não desaferrar gadanho de d'onde o filára. Eu dando gritos, elle fazendo juras, chegámos breve a baixo, arranhados, esfarrapados, todos uma lástima!

— Com quê, rapaz do diabo, este é que é o caminho. . . para me quebrares a cabeça? Não sabes que eu que não vejo; maldito, e trazes-mé de proposito por despenhadeiros abaixo! . . .

Já ia alevantando o páu; mas fugi-lhe para o lado a tempo.

— Pois vossemecê não viu? Eu não tenho culpa. Vossemecê vê tam bem como eu.

— Tambem como tu, patife! Não sabes que sou cego da minha vista, que Deus Nosso Senhor nos livre a todos da cegueira da alma e do corpo?!

Entoou estas ultimas palavras em tom tam proprio e natural de lamuria de cego á porta de Lausperenne, que não pude suster uma risada, lembrando-me d'aquelles olhos que vira a fusilar no palheiro, quando me tinha empalmado, e a derreter-se todos, quando fizeram as pazes; e encarando depois com elle, e vendo-o sem se rir. Mas em vez da paulada que eu esperava e cuja lembrança me fez recolher ao buxo a metade da risada, desabou elle a rir commigo. Risada foi ella que durou muito tempo; mas depois de mais acomodado o impeto me disse elle:

— Pois saberás, meu amigo, que de noite vejo e que de dia sou cego; e assim são todos os nossos irmãos, d'onde nos vem o nome de corujas, com que entre nós nos conhecemos e tratamos. Desde o nosso grão coruja mór — que Deus Nosso Senhor o defenda e ande na sua guarda! — até ao mais novo de nossos irmãos, todos somos assim, por orações da bemaventurada Santa Luzia, que de nós se compadeça, e mais de todos, amen.

— Então estou eu mal para entrar na irmandade, que vejo ainda melhor de dia que de noite.

— Tu, meu filho, por ora serás admittido a irmão servente, que é uma especie de noviciado entre nós, occupação muito honrada e de proveito, e que nós outros chamâmos Bordão da Thereza, e diz o padre Frei João que é uma palavra muito distincta e que vem do grego, d'um santo propheta que se chamava Jeremias, ou Jeresias, uma cousa assim.

— E é o que nós outros cá por fóra chamâmos moço de cego?

— Isso mesmo.

— Porém, vossemecê, sériamente não vê de dia nada, nada?

— Nada nada. É cousa já assim permittida que não vemos de dia. Se me eu pudesse *abrir contigo*, tu saberias; mas não posso ainda: cá chegarás, e então conhecerás todos os mysterios.

Calei-me, e fingi capacitar-me; porém cá commigo fiquei mal convencido, e a fallar a verdade já desgostoso do meu novo emprego. Soava-me cá mal esta palavra de moço de cego, e logo formei tenção de andar álferta com elles, e de me safar apenas me cheirasse a esturro.

Continuámos a andar boa parte d'aquelle dia; e pelo meio da tarde houvemos vista — houve-a eu por mim e por meu companheiro — de uma grande terra que me pareceu do tempo dos moiros, toda cheia de torres e conventos e que segundo os signaes que lhe fui dando, e descripção que lhe ia fazendo do que via me disse o irmão Joaquim que era Santarem. »

VIII

N'este mesmo anno foi publicada em Londres a *Adozinda*¹. A interessante historia d'essa admiravel composição acha-se na carta-prefacio, dirigida ao seu amigo Duarte Lessa, na advertencia da primeira edição, e no prologo da de 1843, que reproduz corrigida aquella, formando o primeiro tomo do *Romanceiro e Cancioneiro Geral*. Este romance poetico era de todas as suas obras a que elle considerava como a maior expressão da reforma romantica, encetada com o *Camões*. Pensada duran-

¹ *Adozinda, romance (e Bernal-Francez)*, Londres, em casa de Boosey & Son, Broad S.^t e de V. Salva, Regent S.^t, impresso por Bagster e Thoms, Bartholomeu close. 1 vol. 12.º, 1828.

te a sua segunda emigração, começada a escrever em Campolide, no verão de 1827, diz tê-la concluído na cadeia do Limoeiro, e mandado a Duarte Lessa, para se imprimir em Londres, a 14 de agosto de 1828.

«Entre tudo o que tenho rabiscado de prosas e versos este romancesinho é a composição minha a que tenho mais amor pelas memórias que me lembra, pelas affecções que me desperta.—Que de coisas passaram por mim durante o tempo que o compuz, os intervallos tam longos em que o deixei!—até o nascimento e a morte de uma filha unica, tam querida e para sempre chorada¹! . . . »

Um joven portuguez, seu patricio e admirador, emigrado como elle, e não menos apaixonado pela litteratura patria, fixára a sua residencia em Londres, ao mesmo tempo que o poeta. Chamava-se José Gomes Monteiro. Interrompêra os estudos do 4.º anno de leis e canones, na universidade de Coimbra, para ir, como tantos outros, comer o pão do exilio, por amor da liberdade. São públicos e sabidos de todos os relevantes serviços prestados ás letras nacionaes por esse benemerito cidadão; mas ninguem saberia, se não m'o dissesse o proprio Garrett, quantas finezas, e de que genero, deveu este áquelle generoso amigo. Pelo correr d'estas memórias se avaliarão algumas. E devo declarar que só depois de eu ter provado a José Gomes Monteiro que estava sufficientemente informado dos favores que elle fizera a Garrett, e ao cabo de vivas e repetidas instancias, consegui que elle me mandasse, por intermedio de um amigo commum², as interessantissimas cartas, que adiante veremos.

¹ *Romanceiro*, tom. I, pag. 21 e 22; Lisboa, 1843.

² Antonio Moutinho de Sousa, poeta e artista distincto, que foi dos mais zelosos auxiliares que eu tive para vencer as reluctancias do nosso bom Monteiro.

Foi este homem, modelo de probidade, de saber e de modestia, quem me guiou por vezes no labyrintho dos primeiros annos da vida do poeta. E aqui lh'o agradeço com vivo reconhecimento¹. Foi elle tambem, durante a terceira emigração de Garrett, quem muitas vezes confortou o poeta. Pela seguinte carta se vê que já desejou concorrer para a publicação da *Adozinda*, procurando-lhe assignaturas:

« Ill.^{mo} . . . — 13, Oxendon S.^t Haymarket dia de S. Miguel archangelo! ás 11 da manham². — Aproveitando-me do offercimento do seu favor, remetto-lhe uma paqueta de assignatura. Estou com uns *prologomenos* de cattarrhal que foi preciso atalhar a tempo; por isso mando o que devia levar. Desculpe: e veja se arranja á minha *Adozinda* alguns padrinhos para se baptisar e sair a público. — Acredite-me am.^o e Obg.^{do} = J. B. — de Almeida Garrett³. »

O poema da *Adozinda*, e o *Bernal-Francez* saíram sem nome de auctor, no outomno d'esse anno de 28. A 20 de outubro escrevia Garrett a José Gomes Monteiro:

« Ill.^{mo} . . . — Vão 10 exemplares do meu romance, que ficam á sua disposição, assim como o A. e tudo quanto

¹ A 14 de julho de 1879, ignorando a sua doença, dirigi-me ao Porto, para mais uma vez o interrogar, e cheguei ali no dia do seu enterro! A litteratura portugueza perdeu n'elle um dos seus apaixonados; a patria, um dos mais illustres e honrados filhos; a familia, um chefe exemplarissimo. Á sua amavel filha a ex.^{ma} sr.^a D. Julia Monteiro agradeço as provas de honrosa confiança que se dignou dar-me, e aqui me associo de todo o coração á sua justa dôr por tão dolorosa perda. Felizmente para a gloria da nação portugueza, José Gomes Monteiro não morreu sem ter annotado e commentado o nosso poema nacional por excellencia. A edição dos *Lusiadas*, que se está concluindo no Porto, ficará sendo o maior e mais completo monumento da litteratura patria.

² 29 de setembro de 1828.

³ Sobrescripto: « Dr. Monteiro. — 76 Cannon S.^t — City. = (Garrett) ».

esteja no acanhado poder do seu devéras — M.^{to} Obr.^{do} e am.^o — *J. B. da S.^a L. de Alm.^{da} Garrett.* — 13, Oxendon S.^t Haymarket 20 de 8.^{bro}»

Depois que a *Adozinda* e o *Bernal-Francez* foram traduzidos para a lingua ingleza, mereceram os gabos de Southey, Adamson e de outros escriptores illustres. Todos consideravam esses romances como os dois mais antigos monumentos da poesia popular das nações do oeste da Europa. E o duque de Ribas tomou para epigraphe do seu *Moro-esposito* o seguinte paragrapho da carta a Duarte Lessa:

«De pequeno me lembra que tinha um prazer extremo de ouvir uma creada nossa, em-torno da qual nos reuniamos, nós os pequenos todos da casa, nas longas noites de inverno, recitar-nos meio cantadas, meio resadas, estas xácaras e romances populares de maravilhas e encantamentos, de lindas princezas, de galantes e esforçados cavalleiros. A monotonia do canto, a singeleza da phrase, um não-sei-qué de sentimental e terno e mavioso, tudo me fazia tam profunda impressão e me enlevava os sentidos em tal estado de suavidade melancolica, que ainda hoje me lembram como presentes aquellas horas de gôzo innocente, com uma saudade que me dá pena e prazer ao mesmo tempo¹.»

IX

O primeiro tomo do *Romanceiro* é como que a introducção dos dois seguintes, publicados a primeira vez em 1851. As apreciações feitas no *Foreign quarterley Review*², na *Lusitania Illustrata*³, e em varias outras

¹ *Romanceiro*, tom. I, pag. 14 e 15; 1843.

² October, 1831.

³ 1846.

obras de philologos europeus, provam que esse trabalho fôra um dos mais insignes serviços que até então se tinham feito á poesia e á lingua portugueza. Garrett dizia, encobrando-se com um seu biographo desconhecido, que a *Adozinda* era talvez «a coisa mais extremadamente portugueza, isto é, toda e em tudo nossa, que desde os *Lusiadas* até então se tinha composto ¹».

○ Não o accusemos de immodestia; admiremos antes o grande engenho com que venceu a difficuldade de tratar tão melindroso assumpto em tão bellissimos e singelos versos.

«Oh que pavoroso instante!
Os anjos todos cobriram
Seus rostos co'aza brilhante;
Sem vento os troncos d'em-tórno
A ramagem saccudiram;
A lua no céu mais pállida
Como de susto infiou
E para traz da montanha
Foi correndo, e se eclypsou.

.....
Oh! como heide eu cantar
Se no peito a voz me treme!
Historia que é de chorar,
Quem a diz não canta, geme².»

O *Bernal-Francez*, que tem feito a volta da Europa, traduzido em quasi todas as linguas cultas, e em algumas por dois e tres traductores, não é menos bello nem menos felizmente reconstruido.

«Abre-te, ó campã sagrada,
Abre-te a um infeliz!...
Seremos na morte unidos
Já que em vida o céu não quiz.

¹ Biographia ms.

² *Romanceiro*, tom. I, pag. 56 e 57.

‘Abre-te, ó campá sagrada
 Que escondes tal formosura,
 Esconde tambem meu crime
 Com a sua desventura.’

.....
 ‘Braços com que te abraçava
 Já não teem vigor em si;
 Cobre a terra humida e dura
 Os olhos com que te vi;

‘Boca com que te bejava
 Já não tem sabôr em si;
 Coração com que te amava...
 Ai! só n’esse não morri! 1 »

Tão simples, tão sentido e tão bello é tudo isto, que, sejam quaes forem as vicissitudes por que tiver de passar a lingua e a poesia portugueza, jámais será olvidado, pelo menos emquanto o gosto e o sentimento se não perderem de todo no geral naufragio da patria litteratura. Isto é verdadeira poesia nacional; e « quanto mais nacional, mais estrême e puramenté nacional é uma obra, mais agrada aos proprios estrangeiros, mais segura está de se generalisar e ser conhecida no mundo litterario. O que não tem côr nacional, o que pôde ser para todos, é o de que todos fazem menos caso? »

X

O marquez de Palmella apresentava alguns dos mais distinctos emigrados ás familias illustres com quem mantinha relações na Inglaterra. Garrett aproveitou-se tambem d’esse favor. E assim como os Hadleys lhe fizeram conhecer de perto a burguezia rica, o embaixador portu-

¹ *Romanceiro*, tom, I, pag. 116 e 118; 1843.

² *Idem*, tom. II, pag. 119; 1851.

guez permitiu-lhe que apreciasse os frequentadores dos salões aristocraticos. Foi n'essa sociedade que elle acabou de completar a sua educação de homem do mundo e de perfeito cavalheiro, adquirindo certo aprumo e gravidade, que se casavam admiravelmente com as maneiras distinctas e apurado gosto, que devia mais á sua natureza do que ao contacto da gente polida. Em muitos dos seus escriptos, e principalmente nas *Viagens na minha terra*, se revela o criterio com que estudou os usos e costumes da vida ingleza, do *high-life*, como hoje se diz, mostrando-se iniciado em todos os segredos da mais selecta elegancia *fashionable*.

O quadro da sua existencia de emigrado pobre era, pois, feito de contrastes, realçado a espaços por tintas vivas e alegres, que tiravam a dureza ás massas negras pintadas pelo infortunio. Não lhe faltaram jantares principescos, nem bailes sumptuosos, e por mais de uma vez recebeu a honra de tomar assento no caleche elegante de varias *ladies*, que o levavam a passeio. Ouçâmol-o pois um momento: — «Vistâmo-nos, tomemos um coche, vamos a Kensington-Garden's. São quatro horas, não chove hoje, coisa rara! — e ali veremos reunido todo o 'rank and fashion' dos tres reinos. Um immenso numero d'equipagens, a qual mais luzida e elegante, espera á entrada dos jardins. Uma banda militar toca o mais escolhido da Favorita, dos Puritanos, da Lucrecia. — Entrâmos. Quem não pasma do que aqui vê é estúpido.

Que mulheres tam bellas, tam finas, que pureza de sangue! Não ha o bem posto da franceza, nem a graça, o desgarre d'aquelle vestir, d'aquelle andar, d'aquelle *estar* inimitavel. Mas ha garbo senhoril, ha frescura, ha pureza de feicções, ha esbelto de fórmãs, riqueza de trajos, e um tam perfeito, tam completo ar de gentileza! E são tantas e tantas, e todas assim!... Onde guarda esta gente as feias?.....

É quasi noite: as brilhantes equipagens desfilam umas após das outras. O ginete de puro sangue arabe trota airoso e ligeiro a par da caleche elegante que se balança suavemente em suas duplicadas mollas. A brisa percursora da noite folga com as plumas dos chapéus, com as blondes dos vestidos d'essas tres damas que vão no briska azul... O cavalleiro do ginete arabe quizera continuar a conversação que se interrompeu com a sahida dos jardins. Não o ouvem ou não lhe dão attenção?... Quem sabe?—uma ingleza diz a um homem: 'come and talk to me.' Não é, 'falle commigo;' é 'falle para mim.' E o homem falla, e ella ouve ou não ouve, dá ou não dá attenção; mas quer que lhe fallem. E ai do que não falla! Ou do que não sabe fallar! Ai, sobretudo, do que não sabe o que diz¹!»

Em todo este artigo, que intitolou—*O Inglez*—prova que tudo via e estudava como bom observador. A sua natureza era propria para se assimillar áquelles usos e vida aristocratica. Parecia-lhe ter nascido para essa sociedade; sentia-se ali no seu elemento, como o peixe creado em vaso, quando o deitam no rio ou no lago.

XI

Publicada a *Adozinda*, desejou o auctor tornar a ver os logares, onde passára parte do tempo da sua segunda emigração, no condado de Warwick. N'este desejo actuavam tambem necessidades de ar puro, para si e sua mulher, que ambos tinham estado doentes; e principios de economia domestica. A vida era mais barata em Birmingham, e menores as exigencias de trajo, sobretudo para senhoras. Escreveu pois ao marquez de Palmel-

¹ A *Illustração*, Lisboa, 1845, pag. 11 e 16.

la, requerendo-lhe para residir no campo, sem perda do magro subsidio. O marquez respondeu do seguinte modo:

«O marquez de Palmella recebeu a carta do Ill.^{mo} Snr. J. B. de Almeida Garrett e não tem dúvida em que S. S.^a passe a residir em Warwick, conforme deseja, podendo deixar a sua procuração a alguma pessoa n'esta Côrte, para receber os subsidios alimentarios que a Embaixada de S. M. Fidelissima lhe prestará emquanto tiver Fundos para o fazer.—Ao Ill.^{mo} Snr. J. B. de Almeida Garrett. Londres em 4 de Novembro 1828¹.»

Partiu o poeta para Warwick, com sua mulher; e ali residiu por differentes vezes, durante todo o tempo que esteve em Inglaterra. Estranho quasi aos diversos partidos que se tinham formado entre os emigrados portuguezes, e que encarniçadamente se gladiavam, fazendo gemer tristemente as imprensas da Inglaterra, da França e da Belgica, continuava a cultivar as letras, que foram sempre a sua paixão dominante. Infelizmente, a preocupação da falta de dinheiro nem sempre lhe deixava a necessaria liberdade de espirito para trabalhar. De Birmingham escrevia a 12 de dezembro, a José Gomes Monteiro:

«Ill.^{mo} e am.^o—Camden house—Birmingham—12 de Dez.^o 1828.—D'este deserto, onde me vim encafuar, lhe dirijo esta epistola com fôrça de Evangelho, a pedir-lhe um favor que *actualmente* será para mim m.^{to} grande, posto que pequeno seja em si.—Obrigiar-me-ha o meu am.^o muitissimo entregando a Mr. Greenlaw impressor em High Holborn 36 o importe dos livrinhos de que fez favor de se encarregar. O d.^o Mr. Greenlaw lhe appresentará como signal um bilhete meu. Ad.^s tenha saude m.^{ta}

¹ Autographo existente entre os papeis de Garrett, tendo por fóra, com letra d'este: 1828 Embaixada de Londres.

e m.^{to} de tudo o que lhe deseja o seu—Obr.^{do} am.^o
Col.^a—*J. B. da S. L. de Alm.^{da} Garrett.*»

E a 15 do mesmo mez data, da mesma cidade, o famoso prologo da *Lyrical de João Minimo*, «designação phantastica, que tomou, para prender essa publicação a uma especie de introducção aventureira e romanesca que faz lembrar as de Iededias Cheishbotom, em sir Walter Scott ¹».—O livro appareceu no principio do anno seguinte², sem nome de auctor; mas foi logo saudado por todos como obra de Garrett. Já n'outra parte d'estas memorias se tratou das peças de que é composto, com a individuação que convinha para rectificar as datas. Não se seguiu o mesmo systema, a respeito das outras collecções lyricas do nosso poeta, para evitar a repetição de mais fastidiosas minuciosidades.

Voltando a Londres, na primavera de 29, escreveu a Gomes Monteiro:

«Am.^o e Sr.—11 Chapel S.^t Grosvenor sq.^o 1 Maio 1829.—Tenha paciencia com outra empurração, mas não me aturasse a primeira, que é o perigo que tem quem dá o pé aos que logo tomam a mão. Mando-lhe um exemplar de um livrito que fiz imprimir agora, que lhe peço accete como presente do A.—Vão mais 10 exemplares do m.^{mo} para o meu am.^o ver se póde passar algum e ajudar-me assim as desp.^s da impressão, unica coisa que pertendo tirar d'isto: e m.^{to} é se em livros portuguezes se não chega a perder.—Não se incommode porém com isso; e creia devéras que é seu do C. M.^{to} Obr.^o—*J. B.—Garrett.*»

A critica, então e depois, apreciou devidamente essa collecção; e M.^{elle} Pauline de Flaugergues d'ella traduziu

¹ Biographia ms.

² Londres, Sustainance e Stretch, 14 Percy S.^t Rathbone place, impresso por Greenlaw 36, Holborn, 1 vol. in 12.^o 1829.

mais tarde algumas peças, que publicou no seu interessante livro, intitulado *Au bord du Tage*¹.

XII

Emquanto a maioria dos emigrados dava á Europa o triste espectáculo das suas dissensões, tinha logar na Terceira a acção de Pico de Celleiro, que punha toda a ilha em podêr dos constitucionaes. A bandeira da rainha, tremulando victoriosa nos muros da Villa da Praia, acenava de lá aos miseros proscriptos, para que fossem congraçar-se á sua sombra, e, fortes pela união, a conduzissem triumphante ao continente.

Entretanto, os nossos sempre *bons amigos* inglezes, apesar dos esforços da diplomacia, exigiam a dissolução do deposito dos emigrados, em Plymouth. E quando esses infelizes, capitaneados pelo general Saldanha, tentaram acolher-se á Terceira, em 11 de janeiro de 1829, foram metralhados pelo commodoro Walpole e obrigados a retroceder, indo procurar asylo em França²! Ao mesmo tempo que se tinha este insolito procedimento com os

¹ Paris, 1851. Diz a auctora, n'uma nota, que era Garrett dos homens mais notaveis de Portugal, quer nas letras qu'er na politica, e que a tribuna legislativa lhe deve o maior brilho que tem tido n'este paiz.

² O procedimento do cruzador inglez foi taxado nas camaras francezas, por Benjamim Constant, Lafayette, Sebastiani e outros deputados, como acto de selvageria. No proprio parlamento britanico não foram menos severos em o qualificar assim Brougham, Palmerstron, Gloucester, Mackintosh, etc., etc. Mas a affronta brutal da força ficou impune. Vejam-se os energicos, dignos, mas inuteis officios do conde de Saldanha ao commodoro William Walpole, e as respostas d'este, no livro do illustre escriptor D. Antonio da Costa, *Historia do marechal Saldanha*, Lisboa, 1879, tom. I, pag. 190 e seguintes. Depois de os ler, fallem-nos dos serviços que devemos á nossa *fiel* alliada!

subditos que se dirigiam ao territorio, onde reinava a sua soberana, era esta oficialmente recebida por Jorge IV, como legitima rainha da nação mais antiga e mais fiel alliada da Inglaterra ¹! A perfidia villã de tão refalsados estadistas conciliava essas anomalias, a seu modo, para não escandalisar D. Miguel. Queria estar bem com Deus, sem se pôr mal com o diabo ².

Á frente dos que mais trabalhavam contra os direitos da rainha achava-se o duque de Wellington, que nas suas correspondencias com Palmella revelava, de par com o seu odio aos liberaes portuguezes, absoluta falta de logica e altiva ignorancia do direito internacional ³. Foi elle quem mandou metralhar a expedição de Saldanha, por abuso brutal da força, contrario ás leis das nações e considerado por ellas como violação atroz e propria de piratas.

O procedimento do ministerio britannico, sobretudo o de lord Wellington e de lord Aberdeen, é opprobrioso para o seu paiz, desde o começo até ao fim da usurpação miguelista. Pois era digno de inspirar sympathias a qualquer gente menos egoista e menos presumida da fama de sua hospitalidade proverbial o espectaculo que offerecia essa «creança de dez annos, proscripta de seu reino e de seu throno, esbulhada por sua avó e por seu tio da herança que lhe adjudicára seu pae, e lhe confirmava seu

¹ A ida da rainha a Inglaterra, em 1828, não foi devida ao Marquez de Palmella, como erradamente se disse, e o governo inglez affirmava. O que Palmella fez foi pedir a D. Pedro, conjunctamente com outros portuguezes, que se D. Maria II não podesse ficar em Inglaterra, antes voltasse para o Brazil do que fosse para Vienna d'Austria. *Despachos e correspondencia do duque de Palmella*, tom. iv, pag. 215.

² O gabinete britannico mandou ao Rio de Janeiro lord Strangford com a monstruosa proposta de casar a rainha com D. Miguel, abolindo-se a Carta!

³ Duque de Palmella, *Despachos e correspondencia*, tom. iv, pag. 325.

povo, abandonada dos soberanos seus parentes e seus aliados, forte porém da sua innocencia e de seu direito, firmado em principios, robustecido pelos direitos de todos que affiançava; representante, no meio da Europa estacionaria e retrograda, representante ella creança, mulher, fraca e sem mais recursos do que Deus, a fidelidade e o enthusiasmo dos seus — da sancta causa da liberdade, do progresso, e da civilisação das nações¹. »

Era digno de commover corações, que não fossem de politicos inglezes, costumados ao abuso da força e á violação dos tratados, a scena que em 7 de outubro de 1828 viram os salões do hotel Grillion, em Londres. « alli essa creança coroada recebeu a primeira homenagem dos seus subditos, sem patria, como ella, pobres e proscriptos, mas ricos de constancia, fortes de consciencia, e certos de reconquistar, para quem lhe assegurava a liberdade e lhe promettia o regimen da lei, um throno que já não podia occupar o despotismo². »

XIII

Depois que o embaixador portuguez, marquez de Palmella, conseguiu que lhe fosse reconhecido o seu novo character official, perante o governo inglez, parece que chamára João Baptista para junto de si, na qualidade de addido. Mais tarde, em Portugal, duvidou-se de que o poeta tivesse exercido esse cargo, por não apparecer documento que o justificasse. Um escriptor contemporaneo affirmou que o mandaram addir áquella embaixada com a graduação de secretario³.

¹ Garrett, *Obras*, tom. xxiii, 1871, pag. 302.

² *Ibidem*.

³ Antonio Valdez, *Anuario portuguez historico-biographico*, etc., Lisboa, 1845, pag. 41.

Os diplomas não eram facéis de obter n'esse tempo; nem sempre havia quem os passasse legalmente, nem archivos onde se guardassem, ou livros em que fossem registrados¹. Garrett affirmou sempre, em documentos officiaes e durante a vida do duque de Palmella, que servira como addido na embaixada de Londres; e o duque não o desmentiu nunca. O unico testemunho que pude obter de que se lhe ordenou que ficasse n'aquella cidade é o seguinte:

« Sua Magestade a Rainha Minha Senhora Se Digna Ordenar que Vossa Mercê continue a permanecer n'esta cidade, aonde o seu zêlo, e prestimo podem tornar-se necessarios ao serviço da mesma Senhora, que o empregará em toda a occasião, que para isso se offereça, mui certa do seu desempenho. — Deus Guarde a Vossa Mercê. Londres em 16 de Abril de 1829. Marquez de Palmella. — Snr. João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett. »

Foi talvez a este documento que se referiu o escriptor citado, apesar de não haver aqui prova alguma em favor do que elle affirma.

Addido ou não, o certo é que o poeta volveu a fixar-se em Londres, em virtude d'essa ordem. Recebido na quasi intimidade dos marquezes de Palmella, assistia, ora na residencia da rainha, ora nas casas da embaixada², ás reuniões intimas, onde, por inspiração da mar-

¹ O marquez de Palmella mandou separar do archivo da legação, em Londres, todos os livros e papeis que diziam respeito á epocha que medeiu desde a sua chegada a Inglaterra em 1825 até á sua ida para a ilha Terceira em 1830, e tomou conta d'elles. — Conde da Carreira, *Correspondencia official*, pag: 71 e 77.

² « Dia sempre memoravel », chama o duque de Palmella, escrevendo ao conde de Sabugal, o primeiro em que a rainha « honrou com a sua presença as casas da embaixada, acceitando um jantar e um espectáculo ». — *Despachos e correspondencia*, tom. IV.

queza, a infantil soberana bordava a bandeira destinada ao bravo 5 de caçadores, que na Terceira lhe mantivera os seus direitos¹.

«Entre as recordações da emigração—que tantas são de saudade—que tantas vezes se teem feito ainda mais dôces pelas subseqüentes amarguras e desapontamentos da sorte—conservo na memoria a de uma manhan na nossa embaixada de South Audley street. Junto á mar-queza de Palmella, cercada de suas filhas e sobrinhas, a joven rainha de Portugal bordava a bandeira que em seu nome ia ser mandada ao leal batalhão 5 de caçadores². . . .»

XIV

Entre receios, esperanças, e incertezas passaram, para os que lidavam na causa da rainha e da liberdade portugueza, o resto do anno de 28 e metade do de 29. Em meiodos d'este ordenou D. Pedro, por um acto de politica inqualificavel, que sua filha regressasse ao Brazil, em companhia da imperatriz sua madrasta, desamparando os subditos que generosamente se estavam sacrificando pelos seus direitos, no momento em que a presença da joven soberana lhes era mais necessaria!

Garrett, no emtanto, ia trabalhando sempre, inspirado pelo seu ardente patriotismo e amor das letras. Reconhecendo, como todos os mais emigrados, que a ausencia de D. Maria II podia ser um golpe mortal dado na sua causa, associou-se com José Ferreira Borges,

¹ A junta provisoria da Terceira tinha requerido a bandeira para aquelle batalhão, pelos seus relevantes serviços. A rainha, cedendo-a, por decreto de 5 de abril de 1829, resolveu bordal-a por sua mão. *Despachos e correspondencia do duque de Palmella*, tom. IV, pag. 426 e 427.

² Garrett, *Obras*, tom. XXIII, pag. 304; 1871.

Paulo Midosi e outros, fundando um periodico de pequeno formato, com intuito de reanimar o fogo prestes a extinguir-se nos corações mais tibios. Saiu na quarta feira 9 de setembro o primeiro numero, com o titulo de *Chaveco liberal*¹ e com um prologo, escripto por Almeida Garrett, começando por esta epigraphe de Molière:

«*Mais qu'a-t-il été faire à bord de cette galère?*»

Ao que o prefaciador responde logo:

«O que vimos nós fazer, a bórdo d'este chaveco?—Boa pergunta, Senhor Público! (Já se vê que fallámos com o Público; assim nos oiça elle.)—Vimos a bordo do chaveco porque somos a tripulação d'elle, arraes e mais companhia, e com a ajuda de Deus pretendemos sair a côrso ao primeiro vento favoravel:—A côrso inda assim, com toda a legalidade possivel, que nem o proprio Vatel saberia disputar.—Tambem cá se sabe Vatel e direito das gentes a bórdo do Chaveco—que não cuidem que é ahi qualquer barquinho de má mórte, d'estes que largam véla rôta, panno em segunda mão,—a que chamaria um official da nossa tripulação, bom curioso de versos—

Farpados restos do traquete rôto

que içam bandeira de furta-côres, que ninguem sabe a que bórdo vão, nem se a gente os tem pela pôpa ou pela prôa, a barlavento ou a sottavento. Não senhor: nós cá somos e declaramos ser o *Chaveco Liberal*; içâmos bandeira portugueza á ré e no tope, bandeira por-

¹ Londres, 1829, impresso por Greenlaw, 39, Chicester-place Gray's-Inn-Road.—Formato in 12.º—Publicava-se todas as terças feiras, de tarde, com a data de quarta feira, e vendia-se em casa de H. Huntley, n.º 23. South-Audley street, Grosvenor Squire, 9 d. cada numero. Saiu um só volume, de 400 paginas ou 17 numeros. É hoje raro e estimado.

tugueza constitucional; e levâmos carta-de-marca em bôa e devida fôrma; e pela Senhora *D. Maria II* saimos a côrso contra todo o inimigo seu d'ella, e da liberdade constitucional que defendêmos com tanto coração e vontade como ao Soberano, por quem nos veio, e que por ella e com ella ha-de reinar.

Portanto, nosso Arraes, gente ás vergas e ás portinholas e n'este nosso primeiro bota-fôra haja salva real com *os vivas do costume*: e viva a Senhora *D. Maria II* e viva a Carta Constitucional! — Boa viagem e vá o chaveco ao mar!

Ora eis aqui, amigo e respeitavel Público, o que nós vimos fazer a bôrdo do Chaveco,—guarnecê-lo e tripulá-lo para sair a legitimo côrso contra piratas de toda a especie, inimigos públicos ou encobertos de nosso Soberano, e de nossas instituições. Barco rijo e veleiro, bem armado, e guarnecido de gente fiel e decidida, não tem medo nem á *Invincível Armada*, que resuscitasse dos pêgos da Mancha.»

Prosegue enunciando o seu programma, no qual trata *D. Miguel* com a severidade que naturalmente inspiravam as noticias de suas barbaridades a homens tambem perseguidos por elle. Depois de dizer gravemente que com mais ninguém quer guerra, que deseja a liberdade da sua patria, mas que não vae questionar de fôrmas e disputar de palavras, volta ao humoristico:

«*Promettemos dizer chalaça*: a peça de rodizio que montámos á pôpa, leva bombas e granadas em que entra ferramenta velha e nova, grossa e fina. Coisas pór-cas, nem malcreadas, nem indecentes, não; mas o *amara leni temperat risu*, isso sempre, e em todo o caso. Não quero dizer que estejamos sempre em gambia com o burlesco: não senhor: sério, muito sério quando a cousa fôr d'isso.» «Não usaremos termos de regateira, nem sequer de marujo — e mais é nosso officio — em caso ne-

nhum, e muito menos quando se tratar de objectos importantes que em vez de azorrague de arrieiro, exigem decencia e gravidade de estylo. — «Metralha grossa» — emenda o nosso arraes. Eu não estou ainda bem acostumado á tecnologia de bórdo; e o Público desculpará as incoherencies de phrase que d'ahi nascem, e que acaso apparecerão n'este arrezoadado, que aqui faço muito á pressa em cima da meia-laranja, atrapalhado do balanço, que é um jogar do maldito chaveco, um gritar do nosso arraes, um declamar do nosso contra-mestre, um rosnar do piloto (que sempre está a resmungar e nada vae a seu gôsto) uma bulha de pratos e garrafas que faz o dispenseiro, uma confusão em tudo n'este primeiro bóta-fora do Chaveco, que não tenho mais vagar senão de me assignar aqui muito á pressa, e com toda a consideração e respeito: *O Capellão do Chaveco.*»

XV

Emquanto durou o *Chaveco* collaborou n'elle o nosso auctor, quasi sempre em estylo humoristico. Esse estylo desagradou, porém, desde logo ao jornal francez *Quotidienne*¹ que o qualificou de baixo e semsabôr. A paginas 99 e seguintes responde-lhe Garrett, com muita graça, ora em prosa ora em verso, metade em francez metade em portuguez. Como a *Quotidienne* defendia a causa miguelista, termina assim a resposta do *Chaveco*:

¹ Que depois mudou o titulo para *l'Union*, sendo dirigido pelo professor Laurentie, decano dos jornalistas parisienses, que falleceu em fevereiro de 1876. Este varão disse, no seu jornal *L'Union*, por occasião da morte de D. Miguel: «Don Miguel a été un saint et un martyr. Il était le modèle de tous les princes de son temps». Vide *L'Illustration, journal universel*, 33^e année, vol. LXX, n.º 1798, Samedi 11 Août 1877.

« . . . restitue-me a tua confiança e intercede por mim ao *benigno* Miguel. Aqui te mando incluso um memorial que espero lhe envies pelo primeiro correio — se ainda o achar no throno. — É escripto no meu máu francez; mas aventurei-me a fazel-o n'esta lingua para que melhor o entendas e te convenças de minha fidelidade ao *melhor dos reis*.

Memorial ao « Rei-chegou »

Sire Michel! mon roi et mon seigneur,
 Toi le plus grand des rois et le meilleur,
 Vois ce pauvre Chébek, toujours fidèle,
 Plus humble, plus soumis qu'une nacèle,
 Vers toi cinglant au souffle de l'amour,
 Sans louvoyer, sans faire un seul détour,
 Il vient prêter serment, te rendre hommage,
 Et de sa loyauté t'apporte un gage.
 Ce ne sont pas des diamans, de l'or,
 Et toutefois c'est un riche trésor :
 Ce n'est qu'un petit bout de *corde* grise;
 Du bienheureux S^t. François d'Assise
 Elle ceignit les reins, c'est son cordon,
 Portez-la, Sire, par dévotion :
 Et puissiez-vous un jour, roi très fidèle,
 Etre sauvé par la vertu d'icelle.
 Roulez-la bien autour de votre cou ;
 Et S^t. François, qui n'est pas un saint fou,
 Viendra bientôt, suivi de S^t. Ignace,
 Pour vous porter au ciel dans sa bésace¹.»

Vê-se que este francez é puro gracejo porque o poeta o escrevia tão bem como a sua propria lingua. A pagina 199 do *Chaveco* encontra-se uma Carta ao Reverendo José Agostinho de Macedo, ácerca da *Besta Esfollada*, que traz o seguinte-paragrapho.

« Mereceu particular elogio na sua escandalosa diatribe o honrado Garrett. Mas um escriptor do *Portuguez*

¹ *Chaveco liberal*, pag. 102.

(o jornal que mais honra fez á nação e que melhor advogou a causa da liberdade monarchica) era digno d'essa honraria: e faltaria V. m. ao seu dever se lhe não pagasse o devido tributo de seus improperios, e insultos. O que lhe posso com certeza asseverar é que elle não é auctor de nenhum dos escriptos publicados sob a legitimidade do senhor D. Pedro. E se elle, por louvavel nobreza d'animo, se tem dignado de o declarar até aqui, tómo eu sobre mim o fazê-lo, porque sei a causa que o impediu de escrever, e a que o retém de o declarar assim.¹»

Esta carta, assignada por Viriato, é de José Ferreira Borges².

A paginas 288 dizem os directores do *Chaveco*, aos assignantes, que o jornal era destinado ao fim unico de sustentar a legitima causa da rainha e da Carta; que se consideram simples administradores do dinheiro que recebem, não tirando para si um ceutil; que reputariam sordida e infamante especulação, nas circumstancias em

¹ *Chaveco liberal*, pag. 205.

² Taxado de intrigante, na *Correspondencia official* de Luiz Antonio de Abreu e Lima (conde da Carreira), por não se ter mostrado subserviente aos palliativos da regencia da Tereira! — Abreu e Lima recusára-se a prestar juramento á constituição de vinte, dando a sua demissão de ministro de Portugal, em S. Petersburgo, e escrevendo largamente contra a revolução que plantou em Portugal a arvore das idéas liberaes.—Veja *Carta escripta a Silvestre Pigneiro Ferreira, ministro dos negocios estrangeiros, que acompanha outra para Sua Magestade etc.*, por L. A. de Abreu e Lima, *extrahida do Padre Amaro n.º 34, julho de 1823*, e reimpressa na imprensa regia, Lisboa, mesmo anno. É documento curioso, posto que pouco lisonjeiro para o meticuloso liberalismo do auctor. Todavia aquelle diplomata foi sempre coherente com as suas opiniões, servindo depois a Carta com a maxima fidelidade. Elle queria constituições feitas pelos reis e não pelas côrtes, e era ainda mais radical do que Palmella. Veja adiante outra nota, ácerca das idéas d'estes dois diplomatas.

que se achavam os seus compatriotas, o entrar com vistas mercantis em tal empresa, e extorquir-lhes para vil lucro a minima porção dos seus escassos subsidios. Affirmavam aos assignantes que estes não concorriam senão para as despezas da publicação, que no fim de cada volume se lhes dariam contas, restituindo o que sobrasse. A declaração é feita por Almeida Garrett, e attesta a sua probidade e a de seus consocios, que contrasta singularmente com o proceder de alguns dos influentes da emigração, que por vezes o calumniaram.

N'um dos numeros seguintes, diz o poeta que por ter escripto em 1826 « que a Carta carecia de reformas, e que era preciso destruir os abusos e prejuizos d'uma aristocracia viciosa e repugnante, lhe chamaram republicano, accusando-o de escrever contra a Carta!» São interessantissimos quasi todos os artigos que ali vem de sua penna; mas é impossivel transcreeverem-se porque tomariam muito espaço. Todos, ou quasi todos, attestam grande conhecimento da tecnologia maritima; e é muito para sentir-se que nunca escrevesse romance ou poema em que a empregasse, porque teria sido, se o fizesse, creador de mais um genero litterario em Portugal.

XVI

No memoravel dia 11 de agosto as forças liberaes, commandadas pelo valoroso e sempre leal conde de Villa Flor, que tinha conseguido penetrar na ilha Terceira, alcançaram a gloriosa victoria da Villa da Praia, repellido e derrotando as tropas miguelistas¹. Logo que a

¹ Apesar de se estarem gastando pachorrentamente em Londres os milhões da divida do Brazil a Portugal, sem se mandar socorrer a Terceira, parece que D. Miguel de proposito esteve á espera que a ilha se pozesse em condições de ser defendida, para mandar

noticia chegou a Inglaterra, escreveu Garrett a famosa canção intitulada a *Lealdade ou a victoria da Terceira*, que foi publicada de paginas 63 a 72 do *Chaveco liberal*¹. E logo em seguida, por pedido de amigos, impressa em separado. O auctor, mandando os primeiros exemplares a Gomes Monteiro, escrevia-lhe a seguinte carta:

«40 South S.^t Manchester squ.^e 8.^{bro} 7. — 1829. — Ill.^{mo} Sr. — Já que tem o máo gôsto de gostar de versos, ahi lhe mando uma boa dóse capaz de fazer adormecer um Bedlam inteiro. — Se fôr narcotico demais, deite fóra, que se não perde muito. Mando-lhe vinte exemplares: tire para si os que quizer; se algum amigo fôr tam boa alma que queira dar a *benta esmola* do Schelling por algum dos outros, bom será que ajuda as despezas da impressão; senão, não importa: em último caso sêrvem para guardanapos á mingua de mais pardo papel.

Tenho ha quasi 3 mezes doença em casa, por isso o não vou ver como desejava. — Mas na primeira aberta que possa lá lhe vou dar uma sécca. — Acredite que sou devéras am.^o e cd.^o obr.^{mo} = *J. B. da S.^a L. de Almeida Garrett.*»

Independentemente de ser esta uma de suas mais bellas composições poeticas, o assumpto, a incerteza de qual seria a solução da questão portugueza, o desespero em que a partida da joven rainha para o Brazil deixava os emigrados, foram circumstancias que deram ao canto do poeta extraordinario relevo. Essa canção foi considerada a melhor de suas peças lyricas. Os proprios estrangeiros a applaudiram; e algumas traducções correram, manuscriptas, nas linguas ingleza e franceza. A

depois atacá-a! A Providencia serve-se muitas vezes da inepecia dos maus para instrumento de sua justiça.

¹ Em setembro d'esse mesmo anno se imprimiu n'um folheto, in 12.^o; e mais tarde na collecção das *Flores sem fructo*, com o titulo — *A victoria da Praia*.

maioria dos liberaes recitava com tanto enthusiasmo essas magnificas strophes, e de tal modo as gravou na memoria, que passados quarenta e seis annos as ouvi em Lisboa a um d'esses homens de fé viva!

A rainha estava já a bórdo, em Portsmouth, para regressar ao Rio de Janeiro, sem esperança de soccorro que a ajudasse a conquistar seu reino, quando recebeu a fausta nova, que era como a promessa de fazer mudar favoravelmente a face dos seus negocios. A primeira pagina da restauração estava escripta pela espada victoriosa do conde de Villa Flor e pela gloriosa penna do cantor, que modestamente dizia mais tarde que o assumpto d'esses versos «faria poeta a burra de Balaam do mais pro-saico jornalista ¹».

Tirado o que n'essa canção da Terceira inspirou o odio á tyrannia e a colera politica, tudo é sublime.

«Eil-os! eil-os que estólidos correndo,
Cegos se apressam a encontrar seu fado:
“Matae, não deis quartel” com gesto horrendo
O chefe cannibal brada ao soldado.
“Perdoae, perdoae; crime tremendo
“É o d'elles (do heroe tal era o brado)
“Mas não sigaes o exemplo do tyranno,
“Poupae, poupae o sangue lusitano.”

.....
Um por um cáem na contenda ingloria,
Deshonrados cadaveres,
Tropheu ignobil que desdenha a gloria,
Que á corda do patibulo
Roubou com pejo a espada da victoria.
Soprae do oceano tumido,
Soprae, ó ventos, derramae nos ares
Cinzas que a mão do algoz devia aos mares.
E vós, illusas victimas
Da tyrannia perfida,
Vinde, acolhei-vos, ao amparo amigo

¹ Camões, nota ultima, edição de 1854.

Da bandeira leal:
Soldados, já não ha mais inimigo.

.....
Vencidos, vencedores abraçados
Todos triumpham na ganhada gloria;
Da mesma causa todos são soldados,
E unidos cantam a commum victoria.»

Outro portuguez, pouco conhecido como poeta, mas que o foi excellente, saudou tambem a victoria da Terceira com uma ode pindarica ao conde de Villa Flor. Foi Manuel da Silva Passos, amigo sincero de Garrett. Os seus bellos versos encontram-se a paginas 135 do *Chaveco*, sem assignatura, e reimprimiram-se em 1836 no n.º 21 do *Correio das damas*.

XVII

Da presença da joven rainha D. Maria II, em Inglaterra, viera tambem ao poeta a idéa de concluir e publicar então o tratado *Da Educação*¹. A sua estada em Warwick permittira-lhe adiantar muito esse trabalho, que foi terminar a Londres. O livro appareceu com effeito nos principios de novembro, attestando a sua actividade extraordinaria: em abril publicára a *Lyrical*; em principios de setembro compoz e publicou a canção da Terceira; escreveu largamente para o *Chaveco*, e concluiu em novembro a impressão do tratado *Da Educação*! E tudo isto em lucta com a pobreza e tendo a mulher doente desde muitos mezes, como já se viu de outra carta, e se prova, ainda na seguinte, a Gomes Monteiro, enviando-lhe exemplares do novo livro:

¹ *Da Educação*, Londres: em casa de Sustenance e Stretch, 14, Percy Street, Rathbone Place, 1829.—Impresso por R. Greenlaw, 39, Chieester Place.

« Meu am.^o do C. — 20 9.^{bro} 1829. — Mando-lhe doze exemplares do meu l.^o — que ficam á sua disposição para fazer o uso que lhe parecer. Não se segue que se passem todos ou que o meu amigo tenha com isso incómodo: estou certo que ha-de fazer o que pudér. — Se copiou a lista dos subscriptores, faz-me favor de me mandar o original d'ella. A confusão em que estou ha dias e continuo a estar pela necessidade de levar minha mulher para o campo a ver se se restabelece, não me tem dado logar a ir vêl-o como desejava: um dia cedo lhe vou dar uma sêca muito comprida. — Ad.^s Creia que sou devêras e do C. — Seu am.^o v.^r = *J. B. S. L. de Almeida Garrett.* »

No tratado *Da Educação* adoptou a fôrma epistolar, por mais singela e desataviada — diz elle ao leitor — que mais se dá com a facilidade do stylo e sinceridade da expressão, e melhor quadra ao natural pouco dogmatico de um auctor despresumido de si, que antes propõe como quem duvida, do que assevera como quem sabe. — « Suppõem-se estas cartas dirigidas a uma Senhora illustre encarregada da educação de uma joven Soberana, porque sendo este o apice da educação, tanto pelo vasto como pelo difficil, deu-me assim maior latitude, e veio a comprehender todas as especies desde a mais alta e difficultosa¹. »

A senhora a quem as cartas se dirigiam era D. Leonor da Camara, depois marquezia de Ponta Delgada, dama da rainha, que fôra incumbida por D. Pedro da educação de sua augusta filha. O auctor declara, no prefacio, (pag. 11), que da educação da soberana pendiam em grande parte os futuros destinos da nação e que esta idéa fixa o acompanhára em toda a redacção do seu trabalho.

A apparição do livro despertou, como era de suppôr, a curiosidade de uns, o desdem de outros, e talvez que o

¹ *Da Educação*, pag. 1, *Ao leitor*.

odio de não poucos. A obra, apesar de incompleta, continha excellentes principios, idéas sans, e lições proveitosas para todos que por ella se guiassem na educação da infancia. Era, sobretudo, liberal, e feita por um patriota sincero. Mas estas duas circumstancias foram as que logo adquiriram mais inimigos ao auctor e ao livro.

Foi-me impossivel averiguar as causas que o levaram a inutilisar a folha, onde começa a Carta Primeira, substituindo-a por outra, em que omittiu o nome de D. Leonor da Camara, e algumas phrases na redacção. O penultimo paragrapho, por exemplo, de paginas 2, que terminava:—de uma nação até aqui tam infeliz, e quasi sempre a mais mal governada da terra—ficou assim na reimpressão:—de uma nação até aqui tão infeliz ¹!

Nunca obtive de Garrett, nem de nenhum dos seus amigos d'esse tempo, esclarecimentos bastante explicitos a respeito d'este assumpto, que já agora não poderá ser esclarecido. Veremos, porém, adiante como os intrigantes, servindo-se sempre da arma que ministra a inveja— a calumnia — conseguiram mais tarde os seus intuitos, indispondo-o com a rainha. Sete annos gastára elle em colher materiaes para o seu livro *Da Educação*. Desde que, por espaço de dois, servira de chefe da repartição de instrucção pública, no ministerio do reino, começára a estudar o assumpto: « . . . tarefa em que ha sete annos lido, e em cuja redacção, só para este primeiro volume, tenho gasto, além de uma somma consideravel para minhas posses, o melhor de seis mezes de continua applicação e trabalho ²».

¹ Encontram-se exemplares ora com uma ora com outra d'essas folhas; no que eu possúo, dado pelo auctor, mandei juntar as duas, collocando a primeira depois da segunda, por ter esta incompleta.

² *Da Educação*, pag. xxvi.—Na biographia do *Universo pittoresco* diz-se que esta obra devia constar de tres volumes, que estavam escriptos os outros dois e se afundaram no naufragio do Douro. Este

Bem mal lhe reconheceram o serviço, que desinteressadamente, e só por desejo de ser útil, pretendia prestar com esse livro, em que para haver muita cousa boa até tem regras e exemplos de orthographia, que deviam adoptar-se, hoje, visto que estamos peor do que então, sem seguirmos nenhum systema! O constante pensamento d'aquelle grande genio era ser em tudo útil. Excitou-o até á morte esse nobre estímulo do amor da gloria, que dá tão proveitosos fructos, quando toma por fíto o amor da patria e da liberdade.

XVIII

A questão portugueza e as inimidades que dividiam a gente da emigração, continuavam a fazer gemer os prelos estrangeiros, attribuindo-se a Garrett algumas d'essas publicações anonymas. N'uma nota, posta no fim da primeira pagina do tratado *Da Educação*, protestou elle contra similhante supposição, como já o tinha feito officiosamente José Ferreira Borges, segundo atraz vimos:

«Permitta-se-me aproveitar esta occasião para declarar que nem sou auctor de nenhum dos opusculos sobre questões politicas de Portugal que ha um anno a esta parte tem apparecido tanto em Inglaterra como em França e outros paizes, nem tomei a minima parte em nenhum d'elles. Faço esta solemne declaração por motivos que me são particulares e que pouco importa saber, mas de nenhum modo porque se me dê das injú-

ponto é duvidoso. O auctor, como se vê em diversos logares das suas obras, referia-se apenas a um 2.º volume. Tambem não parece provavel que reproduzisse o trabalho perdido, refazendo-o por novo methodo e fórma, como assevera a mesma biographia. Pelo menos, nunca vi nada d'isso entre os seus papeis. Veja adiante a nota de José Gomes Monteiro.

rias com que me teem honrado alguns follicularios de Lisboa ¹.»

No inverno de 1829 a 1830 escreveu, segundo diz o meu catalogo manuscripto, uma obra que tinha por titulo: *Das leis penaes* ². Não resta nenhum fragmento d'esse trabalho.

XIX

Em Warwick, na convalescença de longa enfermidade, que ali o reteve alguns mezes, prefaciou, a 15 de abril de 1830, a segunda edição do *Catão*. E n'esse mesmo dia escreveu esta carta a J. Gomes Monteiro:

«5.^a fr.^a 15 Abril 1830 Meu rico am.^o do C.—Fui o outro dia á cidade de proposito para lhe pedir um favor; mas não era menor dia que Sexta feira Santa, e eu cuidando-me em Portugal suppuz de (*sic*) do meio dia por diante se achava gente nos escriptorios, etc. O resultado da minha pouca religião *local*, foi não achar ninguem de (*sic*) quem procurava; e, peor do que isso recair na minha esquinencia, que, apezar de menos severa, sempre me incommóda e prende em casa.—Eis aqui o motivo da presente epistola.—O objecto d'ella era pedir-lhe que me mandasse copiar uma lista dos nomes (com seus endereços, *addresses* ou direções—como mais queira) de negociantes e pessoas portuguezas estabelecidas aqui, para o fim de dilligenciar eu alguma assignatura mais para o meu *tratado de Educação*, pois quero entrar com a impressão do segundo volume e desejava alliviar-me do pêso das muitas despezas que ás costas ainda tenho.—*Fique porém isto entre nós*.—Espero que

¹ Não pôde por fim resistir á onda que levava outros, e escreveu o opusculo de que adiante fallaremos.

² «1 vol. 8.^o, composto em Londres, 1829 a 30. Perdido no Porto 1832».—Escreveu o auctor por sua letra, no citado *catalogo*.

o meu amigo me faça este favor e o mais breve que possa. Se passar por estes sitios e quizer tocar ao fer-rólho, serei mais explicito.

Tenho-lhe dado tanta sécca, e maiores, que espero me perdôe facil esta por pequena.

Ad.^s— Aquelle de nós que mais cedo podér, buscará, espero, a occasião que eu muito preciso e desejo de lhe fallar. É o seu devéras am.^o v.^{ro} e obr.^{do} = *J. B. S. L. de Almeida Garrett*.

P. S. Seria possivel que o portador, esperando um bo-cado, trouxesse alguma coisa do pedido? »

Seriam para o segundo volume do tratado *Da Educa-ção* ou para a segunda edição do *Catão*, prefaciada n'esse dia, as assignaturas que elle pretendia?

O factó é que aquelle nunca appareceu e este se pu-blicou d'ahi a pouco, muito melhorado, se bem que não alterado em seus fundamentos, nem na fórma nem na idéa capital do drama ¹. A tragedia tinha já sido repre-sentada em Inglaterra pelos emigrados:— « Tambem exilada na geral proscipção de 1828, veio apparecer em Plymouth, onde, se houermos de crer os jornaes inglezes d'esse tempo, tam perfeitamente desimpenha-da foi por varios officiaes e outros distinctos emigrados portuguezes,— que até dos 'spectadores britannos' se não poderá o auctor queixar, como o desterrado Sulmo-nense dos pouco menos duros Getas :

*Barbarus hic ego sum quia nec intelligor ulli,
Et rident stolidi 'verba latina' Getae.²*

A segunda edição é dedicada « á sempre leal e invicta

¹ *Catão*, 1845, pag. 14. Kinsey, no *Portugal illustrado* (Londres, 1828) considera o *Catão* muito diversamente do que o teem julgado em Portugal alguns criticos modernos, dos que tudo sabem. Para essa obra remetto o leitor curioso e desapaixonado.

² *Catão*, 1845, pag. 14.

cidade do Porto», que tão ingrata foi sempre para com esse illustre filho!

Em 8 de maio dizia Garrett a Gomes Monteiro:

«Am.^o do C. — Tenho estado muito mais doente, e só hoje posso escrever-lhe que o seu negocio está feito desde o dia immediato ao em que fallou n'elle. Mande entregar os livros na legação, dizendo que são meus e para mim. — Não posso mais. — Do C. = *G.^{tt}*»

Em principios de junho:

«Am.^o do C. — Recebi o seu favor. Já escrevi directamente para Paris para virem os livros. Mande-os entregar dizendo que são para mim, seguro que hão-de ser recebidos. — Valha-me Deus que não tenho um sacripante que vá buscar o Boiste. Não haverá um ballão para lá em que venha? Era particular caridade. — Am.^o do C. = *J. B.^{ta}*»

E logo passados poucos dias, no mesmo mez de junho de 1830, escrevia, n'um pedaço de papel velho, ao mesmo Gomes Monteiro:

«Am.^o do C. — Desculpe o papel que não acho outro á mão. O portador vae buscar o dictionario, e leva 6 *minimos* para ficarem á sua disposição e fazer o que pudér e quizer d'elles. Lembrou-me que póde apparecer acaso alma caritativa que tire um ou outro das chammas do purgatorio. — Não se esqueça de recommendar para o Porto a *Educação*. — A proposito: porque não hade assignar ahí 2 ou 3 cópias o ricasso Stritt? Faça esse milagre, meu sancto Monteiro, que póde. — Ad.^s Até um dia cedo. — Do C. = *J. B.*»

P. S. Tenho muito empenho em mandar para a ilha de S. Miguel uma carta que vá debaixo de sobscripto de pessoa capaz que a entregue logo. A carta é para um padre: o objecto é negocio pecuniario: não compromette. Aqui ha muito quem negoceie para S. Miguel. Arranja-me esta coisa?

Outro *P. S.* — Meu rico Monteiro. — Póde mandar-me

5 libras? Se poder, faça este favor ao seu amigo, que hade pagar; — e sôbretudo agradecer m.¹⁰ — Mas não tenha com isso o minimo *trouble*. »

XX

A revolução de França, que teve logar no mez seguinte (julho de 1830), exaltou os liberaes emigrados, enchendo-os de esperanças no bom exito da sua causa. Então reuniu Garrett os artigos politicos que tinha escripto para o *Popular*, de Londres, para o *Portuguez e Chronista*, de Lisboa; deu-lhes nova fôrma e unidade, e publicou-os no livro intitulado *Portugal na balança da Europa*. Diz-se na biographia do auctor, tantas vezes citada, que esse trabalho mereceu os applausos do celebre Godwin; e que se fôra escripto em outra lingua, mais vulgar e conhecida no mundo, teria dado brado n'elle, e bastaria para fazer só por si a reputação de um escriptor, collocando á frente dos primeiros homens da sua terra aquelle que o concebeu ¹.

A critica dos contemporaneos nem sempre foi d'esta opinião; até um dos que mais admiravam Garrett, disse que *Portugal na balança da Europa* é um « livro inconsistente e sem grandes vistas politicas; mas que apesar d'isso o mesmo homem que o escreveu proferiu discursos na tribuna, que podem ser comparados aos de Canning e de Israeli, aos de Brougham e Stanley, e aos de Lamartine e Guizot ² ».

Afigura-se-me que nem o louvor nem as censuras que se fizeram a esse livro foram justas. O pensamento do auctor está claramente enunciado n'este paragrapho:

¹ Biographia ms. Ampltações por letra de Garrett.

² Lopes de Mendonça, *Memorias de litteratura contemporanea*.

«O fim que ora me proponho em publicar este quadro de factos e observações é pôr bem presente na memoria dos portuguezes as causas e os effeitos de nossos erros e desgraças, para que no futuro se emendem uns, e se evitem as outras ¹.»

É sob este ponto de vista unicamente que a obra pôde e deve ser julgada. Então se reconhecerá quanto o auctor foi fiel ao seu pensamento, historiando successos que quasi tinha prophetisado. Se não se elevou, pintando-os no stylo e com a eloquencia que tão familiares lhe foram depois, quando tratava de altas questões politicas, fallando ou escrevendo, não rastejou tambem pelo raso das mediocridades. Alguns capitulos saíram-lhe excellentes, comquanto não haja a mesma unidade e igualdade em todos.

São passados cincoenta annos e o estado da Europa é quasi o mesmo que nos offerece o livro do publicista de 1830! Apesar das grandes victorias da democracia, retrogradámos por vezes quasi até o ponto de partida! Ainda temos Santa Alliança; ainda a theocracia faz causa commum com os inimigos da liberdade; e não conseguimos ainda assegurar o futuro! Foram portanto perdidas as lições do passado; e o quadro de Garrett, com todos os defeitos que lhe queiram imputar, parece em muitos pontos traçado para o presente!

¹ *Portugal na balança da Europa*, Londres, 1830, pag. x.

XVII

Causas que modificaram a opinião da Europa a respeito da questão portugueza.— Influencia exercida pelas obras de Garrett no espirito de nacionaes e estranhos.— A regencia.— Distribuição dos subsidios.— Necessidades dos emigrados.— Politica dos directores officiaes.— Inepcia de D. Miguel.— Expedições aos Açores.— Tentativas frustradas de Garrett para fazer parte d'ellas.— Ida a Paris e Bruges.— Pobreza.— Novos trabalhos litterarios:— *Elogio do barão de Sabroso*.— Noticias assustadoras.— *Carta de M. Scevola*.— *Nota de Gomes Monteiro*.— Cartas ao mesmo.— Novas do *Magriço*.— Doença de D. Luiza.— Nascimento e morte de um filho.— Projectos de partida para Dinamarca.— A cholera morbus.— Melhoria dos negocios nas ilhas.— Apontamento sobre costumes inglezes.— D. Pedro IV na Europa.— *O Precursor*.— Serviço transcendente em favor da união e da concordia.— Como lh'o pagaram.— Mousinho da Silveira, Luiz Antonio de Abreu e Lima e José da Silva Carvalho.— Affeição de Mousinho a Garrett.— A bolsa do poeta igual ao thesouro da rainha.— Nobre character de João Baptista, revelando-se melhor nos dias de penuria.— Lega e encomenda o seu nome a José Gomes Monteiro, para que lh'o defenda, se elle morrer na expedição.— Idas e vindas de D. Pedro.— Seu character.— Os partidos na emigração.— Emprestimo realisado.— Beneficios e protecção aos refugiados em França e na Belgica.— Organisa-se a expedição definitiva e chamam-se finalmente os emigrados todos.— Meios a que recorreu Garrett para obter dinheiro.— Loas e representação de um seu parente.— Paris.— Estudos.— A duqueza d'Abrantes.— 'L'hasard de la fourchette'.— Partida para Belle-Isle.— Ultimas considerações aos proscriptos.— Alistamento em caçadores.— Embarque na corveta *Juno-Amelia*. Passageiros.— O grande poeta e o grande historiador.— As calças encarnadas.— Despeito, por má interpretação de M. Edgard Quinet.

I

Chamou-se *grande semana* aquella em que teve logar a revolução de Paris. De par com este successo, que favorecia a causa dos povos, triumphava a liberdade em algumas outras partes da Europa e operava-se a reforma parlamentar na Inglaterra¹. Então se começaram a ma-

¹ Assim como tenho censurado severamente o procedimento dos

nifestar sympathias pelos direitos da rainha, que um punhado apenas de nobres e generosos soldados defendia sobre alguns palmos de terra, rodeados pelo Oceano.

Nunca se disse oficialmente, nunca se pensou, talvez, que as obras de Garrett, publicadas durante a emigração, exerceram immensa influencia no espirito das nações que indirectamente podiam auxiliar-nos. O *Camões*, a *D. Branca*, a *Adozinda*, a *Lyrica de João Minimo*, o *Catão*, os seus jornaes, os seus artigos d'arte, de politica e de litteratura contribuíram poderosamente tanto para confortar o patriotismo dos portuguezes banidos como para mover em favor da sua patria o animo dos estadistas estrangeiros.

O nome de Portugal retinia gloriosamente na lyra immortal do proscripto; e attrahia para a causa que elle advogava a admiração generosa, o enthusiasmo e as sympathias das nações cultas. E era natural que assim succedesse; que, insensivelmente, a leitura d'aquellas obras primas, que exaltava os nacionaes com as recordações da antiga gloria de seus maiores, influenciasse tambem o animo dos estranhos e os predispozesse a favor do

inguezes, adversos á causa da liberdade portugueza, devo fazer justiça aos que na imprensa e no parlamento britannico se pronunciaram com enthusiasmo a favor d'ella. Entre os principaes d'estes ultimos, citarei, tributando á sua memoria esta homenagem de gratidão e reconhecimento dos liberaes portuguezes, os nomes de sir James Mackintosh e o do visconde Palmerston. O primeiro defendeu calorosamente em muitas occasiões os interesses da rainha e dos seus subditos, e notoriamente na sessão da camara dos commons, de 1 de junho de 1829, sendo este seu discurso traduzido em portuguez, e impresso em Londres por R. Greenlaw, 39, Chichester-Place, Gray's Inn Road—1829—8.º E o segundo, além da oração eloquente, que sobre o mesmo assumpto pronunciou n'essa sessão, e se publicou tambem na nossa lingua, pelo mesmo impressor, fallou sempre dos negocios portuguezes com grande enthusiasmo, até que subindo ao ministerio os protegeu quasi abertamente.

paiz a que pertencia o desterrado bardo que os commo-
via e encantava.

Publicistas eminentes, philologos, poetas—o nervo e a alma dos estados, elogiavam, traduziam e celebravam os escriptos de Garrett. Lendo-os, começou-se a prestar maior attenção ás noticias dos feitos heroicos dos bravos da Terceira, que venciam combatendo um contra dez; os echos das victorias liberaes, chegando a Paris e a Londres, tomavam proporções homericas. A presença de tantos milhares de homens, quasi mendigos em terra estranha por amor da liberdade e da sua infantil rainha, proscripta como elles, principiava a assombrar o mundo. Admiravam-n'os tanto, pela sua constancia, como aos soldados de Villa Flôr pelo seu heroismo. As tentativas, feitas através de mil perigos, por esses emigrados, para poderem ir reunir-se aos seus irmãos, e morrer com elles, desajudados, esquecidos, desprezados então quasi pelo pae da propria soberana, e por fim tambem abandonados por esta; tudo isto maravilhava os estrangeiros e dava á lucta dos constitucionaes o character de epopêa lendaria. Villa Flôr era o heroe e Garrett o cantor d'essa illiada portentosa.

Paris, Londres e Bruxellas acabaram por interessar-se vivamente por tudo isso. O favor da opinião ia actuando sobre os governos, e predispondo-os para que não puzessem mais embaraços, como até ali tinham feito sempre, ao fretamento de navios, embarque de gente, e desembarque nos Açôres.

Póde pois asseverar-se, que, apesar dos movimentos politicos da Europa serem já a este tempo mais em harmonia com as aspirações dos emigrados portuguezes, se deveu tambem em grande parte á influencia exercida pelas obras de Garrett a symphathia que desde 1830 começou a manifestar-se pela causa da rainha e da Carta.

II

A regencia que D. Pedro nomeára, como tutor de sua augusta filha, por decreto de 15 de junho de 1829 para exercer a auctoridade suprema em nome da rainha, fôra emfim constituir-se na Terceira, onde chegaram os dois membros que d'ella faltavam—marquez de Palmella e José Antonio Guerreiro—em 15 de março de 1830¹. D'ali começaram a tomar-se providencias no intuito de melhorar a administração pública; nomearam-se agentes para residir junto das principaes potencias; e organisou-se a força, augmentando-a «até onde era compativel com a escassez dos meios».

Estas phrases, copiadas de um documento official², levar-nos-iam a tristissimas considerações, se não escasseasse o espaço para as fazer aqui tão amplas como exigia o assumpto. Varios escriptores contemporaneos têm dito, sem que fossem contestados, que em Londres se esbanjavam sommas enormes, ao passo que a maioria dos emigrados, a quem se dava mesquinho subsidio, vivia em

¹ A regencia fôra pedida e aconselhada a D. Pedro por José Antonio Guerreiro e Palmella, quando aquelle trouxe a este a noticia de que o imperador do Brazil queria reassumir a corôa de Portugal. Esses dois distinctos patriotas fizeram-lhe sentir o absurdo de similhante resolução, estando a rainha reconhecida e jurada pelos subditos fieis. A este tempo tratava D. Pedro tão mal os interesses da filha, que nem dava subsidios aos subditos d'ella, que no Brazil andavam quasi mendigando! E os portuguezes naturalizados brasileiros aggreliam o marquez de Barbacena, por ter pretendido auxiliar Palmella, emquanto que elles só queriam D. Miguel no throno da sobrinha! Duas vezes traidores, renegavam, primeiro a patria, e depois o rei legitimo d'ella! (Veja *Despachos e correspondencia do duque de Palmella*, tom. iv.)

² *Relatorio do ministro da guerra, Agostinho José Freire, apresentado ás camaras em 4 de setembro de 1834.*

Plymouth das esmolas de alguns quakers philanthropos. Quando se dissolveu esse deposito, e os infelizes que o compunham não poderam entrar na Terceira, foram espalhar-se pela França e pela Belgica, onde passaram as mais crueis necessidades. Para muitos d'elles nem sempre se abonava um franco por dia, emquanto que se davam muitas libras por mez aos que gosavam das boas graças d'aquelles que tinham na sua mão o dinheiro da nação. Sem os esforços de Saldanha, perante os ministerios francezes, e os do nosso ministro Abreu e Lima, na Belgica, os pobres emigrados, que se tinham exposto a ser metralhados pelos inglezes ou enforcados pelos miguelistas, por amor da causa da rainha e da Carta, teriam morrido de fome ¹.

Antes de Palmella ir para a Terceira, mandou embarcar para lá os soldados, com raros officiaes, deixando em França a maioria d'estes. A singular politica da regencia era afastar dos Açôres os emigrados, sobretudo paizanos, obrigando tanta gente infeliz a andar pela Europa e pela America dando ao mundo o espectaculo da sua triste miseria e mendicidade!

III

Parece que acintemente se impediam os mais sinceros e convictos liberaes de tomarem a defeza da sua causa. Eram taes as intrigas e tão difficeis de comprehender que «ha de parecer singular e incrível até aos vindouros, como já nos parece a nós, e pareceu aos proprios que foram victimas d'esse facto inexplicavel—ha de parecer incrível digo—que fossem necessarios empenhos para se ir morrer pelos direitos de uma rainha que andava pe-

¹ José Liberato Freire de Carvalho, *Memorias para a historia da usurpação de D. Miguel*, etc. E outros.

las côrtes estrangeiras mendigando as boas graças da diplomacia, e não queria, ou antes não lhe deixavam querer o auxilio efficaz dos seus subditos, d'aquelles que nada lhe pediam, além da permissão de arriscarem a vida por ella, e que por fim lhe restituiram o throno, com pezar talvez dos que a rodeavam e dirigiam. Solicitavam logar n'essas perigosas expedições dos Açôres, como se pedissem rendosos empregos ou honras singulares; mas os directores attendiam de preferencia os pretendentes de côr duvidosa, de principios e consciencia elastica; e se alguma vez tomavam nota dos austeros e intransigentes era para os excluir sempre». Disse Garrett.

Foi necessario que a victoria da Villa da Praia obrigasse os agentes da rainha a acabar com o systema de hesitações por que se regulavam em Londres. Mas quando reconheceram a urgencia de organizar e fazer partir para os Açôres a principal expedição, gastaram dois annos a prepará-la! «Quando elles tinham pressa era assim que trabalhavam!»

Não se comprehende tambem como se consentiu o embarque da rainha para o Brazil, quando se alcançava a primeira victoria em favor da sua causa. D. Pedro chamava-a! . . . Em vez de a mandar animar com a sua presença os seus partidarios, enthusiasmando-os para que levassem tudo diante de si, derrubando a tyrannia como folhagem que o vento varre, ordenava-lhe que partisse para o Rio de Janeiro, onde lhe destinava casa em separado da familia imperial para ella receber como rainha o corpo diplomatico! Que irrisão! E D. Miguel, dispondo de tantas forças, porque não destruiria logo ao principio o reducto da Terceira? Havia ali apenas um punhado de homens, idolatras de uma idéa, valorosos até á sublimidade, mas desamparados por todos os que mais interesse tinham em a fazer triumphar e que melhor a exploraram depois e lhe colheram os fructos!

Durante muito tempo os directores dos negocios da rainha pareciam mais representar uma farça do que empenharem-se para acabar com a usurpação. Cederam á pressão moral; foram levados, talvez sem querer, pela onda dos acontecimentos, quando já a opinião pública de nacionaes e de estranhos começava a suspeitar da sua inacção e morosidade. Profundando-se o estudo d'esse tempo, chega-se á convicção de que, se D. Miguel não tivesse sido absolutamente inepto, seria a sua descendencia e não a do soberano legitimo quem reinaria hoje em Portugal ¹!

¹ Por algumas correspondencias diplomaticas, recentemente publicadas, não se póde deixar de reconhecer que a regencia luctou muito tempo com a falta do dinheiro, que imprudentemente se gastára no começo. Mas como desculpál-a, quando, depois de obtido um emprestimo, hesitava ainda em chamar *todos* os emigrados? O marquez de Palmella e Luiz Antonio de Abreu e Lima, depois conde da Carreira, nossos agentes diplomaticos, desde 1828 até 1834, detestavam sem motivo a revolução de 1820 e os seus promotores. Taxavam de demagogos e afastavam os principaes d'elles dos negocios da emigração, aceitando-os só quando a isso eram obrigados pelas circumstancias. Abreu e Lima, apesar de não ter os talentos e a superior intelligencia de Palmella, prestou, comtudo, relevantes serviços á causa da liberdade. Do Porto começaram a ser injustos com elle, servindo-se do nome do imperador para lhe censurar alguns actos, sem se lembrarem dos serviços que tinha feito, quando os que o accusavam nada faziam. Elle teve muitas vezes que tomar a responsabilidade de negocios que exigiam prompta solução, por não haver tempo de consultar a regencia; e perderia ensejos que foram uteis á causa, se assim não procedesse.

Costumado á escola dos que rejeitavam o serviço dos emigrados portuguezes, ao passo que assoldavam tropas estrangeiras, os erros que n'esse campo commetteu não são mais condemnaveis do que os de quem o censurava. O proprio Palmella, victima de constantes intrigas, teria ficado fóra do Porto e da questão portugueza, em 1833, se Abreu e Lima o não chamasse a Londres, interessando-o na solução dos ajustes com o reforço que Napier devia levar, e que serviu para a feliz expedição ao Algarve. O patriotismo do marquez impediu que ficasse como exilado, quando se dis-

IV

Quando em principios de 1829 partiram de Plymouth para a Terceira os navios *Hope* e *Edward*, *Blanche* e *James Cropper*¹, desejou Garrett ir tambem com alguns dos seus amigos, embarcados n'essa expedição. O marquez de Palmella ordenou-lhe, porém, que ficasse em Londres, onde a rainha carecia dos seus serviços. Ficou o poeta, se bem que de má vontade. E quando em outubro d'esse anno se tratou de preparar os transportes que deviam levar parte dos refugiados que estavam em França e na Belgica, renovou o pedido de ir alistar-se no exercito da liberdade. Palmella ia então para Paris, onde Garrett o seguiu, deixando a mulher em Londres. Porém o marquez ali lhe declarou positivamente que não mandaria paizanos, salvo os que fossem de officios mechanicos, ou já tivessem praça de voluntarios. Despeitado, e não querendo tornar immediatamente para Inglaterra, dirigiu-se a Bruges, e ali foi hospedado em casa de Antonio Maria Lopes Carneiro.

Requisitando, porém, subsidios de Luiz Antonio de Abreu e Lima, ministro da rainha junto á côrte dos Paizes Baixos, este lhe respondeu que se devia já muito e que não podia soccorrê-lo². O misero proscripto foi por-

solveu a missão, de que adiante fallaremos, em que fôra a Paris e Londres. Mas Abreu e Lima não foi menos patriota, comquanto fosse de menos elevada esphera intellectual.

¹ Esta galera, onde ia o academico Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa, foi revistada pelo cruzador inglez, que perguntou qual era a carga que ella levava. Respondeu o capitão que era sal; e o commodoro retirou-se, piscando o olho. No dia seguinte foi este official a terra e deu os parabens a Diocleciano Cabreira pelo feliz desembarque do sal. Era a primeira prova de sympathia que nos davam auctoridades inglezas n'essa malfadada epocha.

² Esse diplomata aconselhava Palmella para que se pagasse o

tanto forçado a voltar a França, e d'ahi a regressar novamente para Londres na companhia de Palmella.

Poucos mezes depois seguiu este para a Terceira, com o seu collega José Antonio Guerreiro; e Garrett, vivamente ferido no seu amor proprio de patriota liberal e de cavalheiro, retomou os seus caros estudos litterarios, que foram sempre sua unica consolação nos maus dias. Apesar de tantas miserias, contrariedades e incertezas, ia, com esses trabalhos, honrando a patria e os que d'ella se mostravam dignos filhos.

Tendo fallecido em Paris, a 22 de setembro de 1830, o barão de Sabroso, Carlos Infante de Lacerda, escreveu João Baptista o *Elogio funebre* do illustre liberal, que se publicou em Londres¹. São pouco mais de quatro paginas; mas tão sentida e eloquentemente escriptas que valem por um livro. E certamente podem considerar-se verdadeiro monumento levantado á memoria do brioso soldado, que por causa da mallograda expedição da Terceira, em 1829, perdeu a vida, tendo-se-lhe aggravado a bordo os seus padecimentos.

que se devesse aos paizanos e os despedissem! Palmella rejeitou tão deshumano e impolitico alvitre.—Conde da Carreira, *Correspondencia official*, pag. 184.

¹ *Elogio funebre de Carlos Infante de Lacerda, barão de Sabroso*. Londres; Impresso por R. Greenlaw, 39, Chichester place, King's Cross, 1830.— É um folheto de 8.º com quatro paginas e meia. Ao centro do rosto tem as armas reaes portuguezas; e no fim do texto as iniciaes J. B. S. L. A. G.—O distincto poeta e meu amigo Sousa Viterbo, possuidor do exemplar que me serviu para estes esclarecimentos, reproduziu-o no jornal—*O Commercio Portuguez*—do Porto, de 30 de março de 1879, dando-o como precioso achado litterario, attenta a sua raridade. No meu catalogo manuscrito, feito por Garrett, cita o auctor este opusculo, do qual não tinha nenhum exemplar, em seguida á *Canção da Terceira*, sem se lembrar da imprensa, nem do anno em que o publicára, e dizendo apenas: «na Imprensa de . . . , 18 . . . »

V

Por este mesmo tempo espalharam-se em Londres as assustadoras noticias de que D. Pedro declarára pública e oficialmente que não queria mais saber da questão portugueza, e que o governo britannico ia reconhecer D. Miguel, esperando apenas para o fazer que este promulgasse uma amnistia geral, aconselhada pela Inglaterra. Effectivamente, no discurso do throno annunciou d'ahi a pouco o rei da Gran-Bretanha o proximo reconhecimento do usurpador, levando com esse annuncio a dôr e o desalento a todos os partidarios de D. Maria II.

A maioria dos emigrados, attribuindo ás faltas dos directores dos negocios da emigração os desastres que via imminentes, soltou gritos de desespero e colera contra os que julgava culpados, accusando-os até do que por um lado só era má vontade do governo inglez e por outro inconsequencia e versatilidade de character do pae da rainha!

Garrett, que até então se abstivera prudentemente de tomar parte nas luctas dos partidos, que por meio de escriptos violentos alimentavam mutuamente a desunião e os odios; Garrett, a quem repugnára sempre o papel de censor anonymo, que circumstancias desgraçadas impozeram por vezes a homens não menos generosos do que elle; o proprio Garrett, digo, escreveu um opusculo, fulminando os accusados. Irritado pelos abusos dos que distribuiam tão desproporcionalmente os dinheiros da nação, e que, cuidando dispor já dos futuros empregos, antecipadamente os iam promettendo, para pagar as bajulações do servilismo; cansado de soffrer humilhações dos que valiam muito menos do que elle, e dos quaes fatalmente dependia para receber os subsidios, a que tinha tanto direito como qualquer outro; tão indignado

com os ares protectores, como com as insolencias da camarilha, que dominava na embaixada portugueza, e julgando quasi perdida por ella a causa da liberdade, esqueceu-se momentaneamente da cordura de que sempre até ali dera incontestaveis provas, e protestou corrigir-lhe as demasias do modo mais solemne.

Com esse intuito se propoz escrever uma serie de cartas, sob o pseudonymo de Mutius Scevola. Felizmente para as victimas, e talvez que tambem para a gloria do proprio Garrett, e para o partido liberal, apenas se publicou a primeira. Mas pela leitura d'essa pôde avaliar-se o que resultaria, se tão eloquente penna continuasse a verberar os directores officiaes da emigração. A raridade do documento, e o ignorar-se geralmente que foi Garrett o seu auctor ¹, moveram-me a transcrevê-lo aqui

¹ No exemplar do *Diccionario bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva, que pertencia ao meu fallecido amigo José Gomes Monteiro, acha-se a seguinte curiosissima nota ao artigo *Garrett*, escripta pelo sabio philologo, e que me foi enviada por sua amavel e illustradissima filha, a ex.^{ma} sr.^a D. Julia Gomes Monteiro, á qual renovo aqui os meus sinceros agradecimentos.

«Das obras avulsas de Garrett disseminadas por varios jornaes politicos, litterarios e artisticos se poderiam formar alguns volumes. Durante a sua segunda emigração (*) o auctor da D. Branca, afastando-se da tendencia de seus companheiros de exilio, cuja actividade litteraria se consumiu inutilmente em polemicas partidarias, continuou, como na primeira (**), a consagrar os seus ocios ao cultivo da alta litteratura. Foi n'essa epocha que publicou a segunda edição do *Catão*, a *Adozinda*, *Portugal na balança da Europa*, o 1.^o volume do *Tratado de Educação*, o poemeto á *Victoria da Ilha Terceira*, e adiantou varios outros escriptos de que logo vou fallar. Entretanto não se eximiu Garrett de pagar tambem o seu pequeno tributo á litteratura follicularia. É d'elle um folheto anonymo com o seguinte titulo: «Carta de M. Scevola ao futuro editor do primeiro jornal liberal que em portuguez se publicar.» Datada de Londres 4 de Outubro de 1830 e impressa por V. Slater, Fitzroy

(*) Aliás terceira, como já se demonstrou. Nota de F. G. A.

(**) Segunda. Idem.

fielmente, modificando apenas a orthographia, que affectava de antiquada.

General Printing-office, Fitzroy-square London, 8.º, 8 pag. O auctor da presente noticia foi o unico depositario do segredo d'esta publicação, de que se tiraram quinhentos exemplares, mas só uns cem seriam distribuidos, os quatrocentos foram destruidos na minha saída de Londres para Hamburgo. Fez-se em Rennes, supponho eu, uma nova edição em 32.º Segundo o plano do auctor deveria ser esta a primeira de uma serie de cartas politicas ácerca dos negocios da emigração, á imitação das famosas cartas de Junius. Entretanto o estylo denunciava immediatamente o auctor e essa só circumstancia seria bastante para fazer abortar o premeditado plano.

Era muito crescido o numero de escriptos que então tinha Garrett na sua carteira; uns esboçados, outros mais ou menos adiantados e alguns concluidos. Uma grande catastrophe privou para sempre d'estas preciosidades a nossa litteratura. O navio que conduzia para o Porto a sua bagagem foi já dentro do Douro mettido a pique pela bateria de Gaia, e teve então logar a perda mais irreparavel que causaram a Portugal as balas de D. Miguel. Porei aqui os titulos de algumas d'estas perdidas composições de que me resta lembrança.—*Ilva*, poema romantico no genero da D. Branca, 7 cantos, ainda incompleto.—*O Infante Sancto*, tragedia. Era o assumpto o captiveiro do Infante D. Fernando.—*Resumo da historia de Portugal*, esboço por capitulos e principio da obra (*).—2.º volume da *Educação*.—*Memorias de João Córadinho*, obra satyrica e picaresca. João Córadinho era um mendigo negro muito conhecido no Porto, cujas ruas percorria armando á caridade com esgares e tregeitos ridiculos. Varios outros ms. vi então, de que seu auctor me leu boa parte, mas cujos titulos me esqueceram. Entre todos porém o mais importante pela sua originalidade e extensão, era o poema que intitulava *O Magriço*. Contava o poeta no 1.º canto que estando elle uma noite de inverno ao fogão, lhe apparecêra a alma do P.º cura que condemnára ao fogo os romances de cavalleria que compunham a livraria de D. Quixote e lhe revelára como por aquelle nefando desacato fôra por S. Pedro impedido de entrar as portas do céo, a que as suas virtudes lhe dariam sem isso facil accesso.

(*) No catalogo ms., que fez Garrett para meu uso, não vem mencionada esta tentativa, nem falla d'ella n'outros logares das suas obras. Entretanto, basta Gomes Monteiro afirmar que a viu para dever acreditar-se que existira. Veja n'estas *Memorias* tudo quanto diz respeito ao naufragio, a que allude o auctor da nota acima. F. G. A.

VI

« *Carta de M. Scevola. Ao futuro Editor do primeiro jornal liberal que em portuguez se publicar.*

Sr. Editor,

Os portuguezes são naturalmente soffredores e pacientes: e muito arrochada hade estar a corda com que de mãos e pés os atam seus oppressores, antes que rompam em um só gemido os desgraçados. Um murmurio, uma queixa. . . nem talvez no cadafalso a soltarão. Vendem-nos, resignadas ovelhas! vendem-nos, os desleaes pegureiros de quem nos deixámos governar; vendem-nos, enxotam-nos para a feira a cajado, e a latido, e mordedella de seus mastins; e nós vamos, e nem gememos. Se um clamor de queixume, se uma voz de desconfiança acaso surde de entre o paciente rebanho, aqui os clamores de rebeldes, as alcunhas de demagogos. . . e a nação (o *rebanho* direi antes) que se resigna e soffre, e continúa a caminhar para seu exicio! Tal é, com as sós differenças de variados nomes, e datas, a historia de Portugal quasi desde que a revolução ou restauração (restauração seria?) de 1640 fez da nação portugueza o patrimonio de meia duzia de familias privilegiadas, e de seus satellites e parasitos.

Mas não sopremos a poeira dos annos de sobre as

Era preciso segundo a declaração do divino porteiro, que um poeta peninsular desaggravasse os manes de tantos e tão donosos auctores condemnados pelo cura á fogueira, escrevendo um romance de cavalleria. Só então poderia o pobre cura sair do purgatorio e recolher ao céo. Transcrevo aqui uma preciosa carta que me dirigiu de Londres para Hamburgo o caritativo poeta dando-me conta do que tinha feito em pró do seu protegido (*).»

(*) A carta vae adiante. É a que começa: « Ainda que já sabia da chegada dos dois viajantes á *Divinamarca*, etc.». F. G. A.

vergonhosas paginas de nossa historia de ha dois seculos. Basta a presente infamia e deshonna em que estamos, e que nem dos outros nem de nós proprios podemos esconder. Ha mais de dois annos que uma consideravel porção da nação Portugueza peregrina no desterro, e vaga, como raça proscripta e estigmatizada da maldição de Deus, por quasi todos os paizes da terra — ludibrio dos povos, escarneo dos reis, objecto do geral desprêso. E quem nos trouxe a tanta baixeza e vergonha? Quem nos pôz de proverbio na bocca das gentes como raça envilecida e bastarda, aberração da especie humana, que somos o asco, o enjôo, a deshonna dos nossos semelhantes? Os chefes de quem nos confiamos; a *multifária* aristocracia de todas as especies que por suas artes *veneficas* adormeceu a nação em um somno lethargico, e se lhe pôz sobre o peito como pezadello mortal, que a vexa, a afoga, e a tem no desespero da agonia, sem resolução para accordar, sem forças para se erguer, sem deliberação e energia para acabar ao menos em um derradeiro e nobre arrojo de desesperação.

Fugimos, aos milheiros, da nossa patria, sacrificámos tudo pela ingrata *Realeza*, que a taes chefes nos entregára; viemos curtir no exilio as máguas, as penurias, os desgostos, a fome e porque se não ha de dizer a verdade? a *fome* tambem . . . ou quando a matámos, foi com o pão das lagrimas e da vergonha — foi com as choradas migalhas que dos sobejos de seu lauto banquete nos lança, como a cães, a arrogante compaixão de nossos oppressores! E quem diria que nem assim haviamos de escarmentar; que de nossas proprias, de nossas tantas desgraças nada haviamos de aprender! Quem diria que a fatal boa fé, a *teimosa* paciencia dos portuquezes nem assim se acabaria?

Vimos cobertos de lagrimas, muitos de sangue, todos de opprobrio, viemos padecer e gemer na terra es-

trangeira; e nem a terra estrangeira nos pôde ser refugio contra a dominação odiosa da aristocracia, por quem perdemos a patria. Sêcca de olhos, e sã de corpo, sem vergonha de suas infamias, nem remorso de seus crimes, atraz de nós veio a toda a pressa, para que lhe não escapasse uma hora de oppressão, para que nem nas miserias do desterro, aos fadados portuguezes coubesse um dia de liberdade. Por artes, por astucia, por manha, por seducções dos incautos, por compra dos abjectos e venaes, eil-a que se instaura na dominação — e nos domina, maltrata, e insulta, e corrompe como d'antes: e nós a soffrer. Que mais ou que menos do que isto nos tem feito os Palmellas, os Guerreiros, os Candidos, os Balbinos, os Franciscos d'Almeida, os Carvalhos, os Magalhães? Esta liga de aristocraticos e parasitos, de privilegiados e privilegiandos, foi, é, e será a nossa perda e ruina, se emfim não accordamos para nos *libertarmos*, e os *punirmos*.

Dois annos nos conduziram no deserto estes falsos prophetas com suas *columnas de fumo*; extraviando-nos por brenhas, despenhando-nos por fragas; colhendo só para si o *maná* de céu, dando-nos a nós o absyntho das gandrás — ameaçando-nos todos os dias de quebrar as táboas da lei que a Providencia nos outorgára, se a elles sós não obedecêssemos, e mais que a essa mesma lei não respeitássemos — alardeando a cada hora seus falsos serviços, que nunca nos aproveitaram, impedindo e desprezando os nossos para que não aproveitassem. E agora, agora quando por outro visivel favor da Providencia, pelos incontrastaveis progressos da civilização da Europa, começamos a avistar de longe a *terra da promessa*, quaes são seus esforços agora, qual é seu empenho, aonde tendem suas machinações todas? A arredarnos, a embarçar-nos, a semear a zizania entre nós, a desacreditar-nos, para ver se, ou nós embrenham outra

vez pela esterilidade do deserto, ou nos vendem de novo ao Moabita.

E tudo temos soffrido com paciencia; e exceptuado um ou outro clamor, que logo se abafou, com um silencio e resignação, que a nossos proprios oppressores devia encher de remorsos e vergonha, se de remorsos ou de vergonha fosse tal gente capaz. Temos soffrido oppressão, injuria, insulto, escarneo, calumnia—pela falsa idéa que seus mirmidões e sycofantas entre nós fizeram prevalecer de que *era preciso callarmo-nos e ter paciencia para se ganhar a causa da patria*. A nossa paciencia não faltou: mas elles que fizeram? Devoraram esse resto da substancia pública que por acaso appareceu, dividiram-n'o entre si e seus parasitos, e os *ceitiz*, que por muita mercê consentiram a nos arrojar, de vez em quando, foram chorados e mal dados, e dados quando lhes aprouve, e dizimados pelas harpias, que elles engordam para nos devorar a nós.

E não bastará já de soffrimento; não nos desenganaremos emfim de que a nossa resignação só serve para os animar a novas prepotencias, e traições, e insultos? Não será tempo emfim de que nos entendamos os portuguezes, e consultemos por nossa salvação; que nos libertemos d'este jugo de ferro, e salvemos, quando menos, a honra? Não será tempo emfim de que se forme aquelle *consensus bonorum omnium*, que faça tremer e fugir estes flagiciosos Catilinas?

Sim: é tempo. Até aos portuguezes chegará a sua hora. Até nós, nós os mais sujeitos dos escravos da terra, até nós vamos libertar-nos. É forçoso que n'esta hora solemne se diga a verdade, que se denuncie a impostura, e nos conheçamos, e intendamos uns aos outros para que novas perfidias e nova cegueira nos não tornem a submergir na miseria de que o valor do povo francez nos libertou.

E já que se não ergue outra voz em Israel, sôe a minha voz nas tendas de seus filhos. Já que outro propheta se não suscitou d'entre o povo para lhe prêgar a palavra da verdade, e do desengano, eu tomarei em minha lingua o *calculo ardente* que a purifique, e soltarei a formidavel palavra JUSTIÇA. Meu estylo mal aparado e não affeito a coisas politicas, em que jámais pratiquei, correrá como o *calamo do que escreve veloz*, talvez sem arte, sem a deducção e compostura que a materia pedia: acaso, traçando os vivos sentimentos de um coração devorado de patriotismo, meu stylo perderá no grave e pausado das reflexões, pela poetica effervescencia das imagens. Embora! não o conterei.

Pela primeira vez, e tarde para meus annos, dou desafogo a sentimentos que nasceram com o meu coração, e não envelheceram com o meu corpo, nem morrerão com a minha vida. Pela primeira vez confio dos *immortales* caracteres da imprensa os pensamentos de minha solidão: tão crús e indigestos virão elles que a meus concidadãos não aprazam? Embora! não os sei elaborar melhor.

Pacifico e obscuro membro da sociedade, tenho vivido até á velhice como estrangeiro no meio da minha patria, calado e aparentemente indifferente em suas oscillações. Calado e resignado, vim deshonrar as tristes cãs no ignominoso desterro para onde todos fugimos cobertos de sangue e de infamia. Calado e resignado tenho visto e soffrido, como os outros, a indecente arrogancia com que no lodo em que nos mergulharam, acinte nos tem calcado a desalmada aristocracia, e seus vis mirmidões. Tenho ouvido seus despezos, os apupos de seus sycofantas; tem-me retinido nas orelhas, e chegado até os seios d'alma as descompostas risadas de seus parasitos quando nas regaladas mesas de seus Amphitriões zombam dos farrapos que mal nos cobrem, e do pão *ne-*

gro da amargura que esmolamos pelas portas, e da palidez de nossas faces esqualidas de miseria e fome . . . Santo Deus! Que mais nos resta ver, e ouvir!

E tudo tenho visto e ouvido; e tudo tenho soffrido sem murmurar. Mas nem já cumpre, nem é honesto calar mais. Uma terrivel conjuração de indignos portuguezes se fórma para nos perder, e empecer os esforços do patriotismo e inutilisal-os: de longa mão se preparam para trahir a liberdade, e a patria, e nos entregar manietados nas mãos de nossos inimigos. É preciso denunciar esta conspiração, desmascarál-a, arrancar dos hombros infames dos escravos o manto do liberalismo com que se cobrem para nos enganar, mostrar-lhes as costas *verberadas* pelo latego de seus amos, e o callo da cerviz costumada ao jugo, e que elles diante de nós entonam como se foram homens livres. E o tempo urge. A liberdade triumphante no Sena, já escalla os Pyreneos, e talvez singra para o Tejo . . . E os parasitos, os venaes escravos da aristocracia começam a ensaiar suas artes para nos enganar, e desunir, e desvairar. A imprensa, a imprensa, que elles odeiam, e de que tremem, é em suas mãos como a espada que vacilla nas mãos do covarde assassino, symbolo da honra, arma do heroismo na mão do valente soldado, instrumento de maleficio nas do espadachim. Já pela imprensa nos propinam seus toxicos e venenos: eil-os desacreditando cidadãos benemeritos, fazendo o sordido panegyrico de seus amos, semeando entre os verdadeiros liberaes a zizania das malquerenças.

E que outra cousa tem feito ha mais de um anno seus corruptos jornaes e insidiosos libellos? Para que fim se congregou essa junta de follicularios arregimentada e assoldadada pelos Palmellas, e Balbinos? E que bem os escolheu a torpe aristocracia para o torpe mester que lhes deram; clerigos devassos, e immoraes, cujo envi-

lecido nome figura nas listas da espionagem de Paris, e de Lisboa; desertores e denunciantes; demagogos sediciosos e ignorantes, um que de sua obscuridade sahira por fingido liberalismo, e a quem a perda *de certos bahus* e o servilismo com que lambeu os tijolos de South-Audley-Street, deram vergonhosa celebridade; outro... Mas não enxovalharei mais a minha penna em tanta imundicie e torpezas.

Mas impugnam o despotismo. Sim, o despotismo, que os não empregar. Invektivam contra D. Miguel. Porque D. Miguel os não quiz comprar: facil se venderia a um despota coroado quem tão barato se vendeu a despotas emigrados. Negam? Pois neguem por obra e que se veja. Em vez de calumniar e insultar a seus opprimidos compatriotas, porque não ousam accusar os oppressores? Será por escassez de materia?

Mas não ousam, porque as larguezas da embaixada cessariam, as promessas de futuros empregos seriam retiradas; e aonde iria a gralha expulsa d'entre os pavões?

Miseraveis enganadores! Pois é D. Miguel porventura a *causa* de nossas desgraças? Não será elle sómente *effeito*, mero effeito, um dos muitos effeitos que produziu a causa que vós defendeis? Foi D. Miguel que assassinou Gomes Freire, que fez o tractado de 1810, que inutilisou a revolução de 1820, que destruiu a liberdade em 1823, que fez quebrar a Palavra Real em 1824, que trahiu o Rei e o povo em 1826? Seria D. Miguel quem da embaixada de Londres e das secretarias de Lisboa intrigou para se dar a Regencia a D. Miguel? Foi D. Miguel que chamou Lord Beresford a Lisboa para lhe entregar o exercito e destruir a Carta? Foi D. Miguel que formou, e que dissolveu a Junta do Porto? Foi D. Miguel que para insultar as veneraveis cãs do general Pizarro, para insultar tantas mil victimas da lealdade

e da liberdade, entregou o commando do deposito de Plymouth a um tenente coronel só conhecido no exercito por haver combatido nas fileiras inimigas, por haver trahido tres vezes o soberano e a patria? Seria elle que de Londres ao Imperador enviou uma deputação de imbecis e traidores para tratar os mais importantes negocios do paiz? E quem a todos os emigrados quiz fazer embarcar como carga de escravatura para o Brazil, onde os poucos que se deixaram seduzir encontraram o abrigo que é notorio? Quem desamparou a Madeira, e a Ilha Terceira, que só por milagre da Providencia, e pelo denodo do bravo Cabreira se salvou a ultima, não por nenhum esforço dos egoistas mandões? Seria D. Miguel ou a camarilha de South-Audley-Street, que tudo isto fez?

A posthuma, e mentirosa, e calumniosa representação da Junta do Porto ao Imperador do Brazil, as contas do sr. Balbino, as nunca averiguadas contas de Plymouth, as nomeações dos Renduffes e D. Franciscos d'Almeida, as connivencias secretas com o principe de Pollignac, a vergonhosa administração e injusta distribuição da fazenda, serão obras de D. Miguel?

E para todas estas infamias se encubrirem e soffrerem, hade se dar por banal razão, que os interesses da causa o pedem, que não convem desacreditar e desunir os emigrados? Mas essa immunidadade é só para a camarilha, que dá dinheiro, e promette empregos. Esses são sagrados: ai de quem os toca! Ergue-se, e ladra a ensurdecer, a cafila dos scribleros venaes apenas de SS. Ex.^{as} se diga a minima palavra menos reverente: chovem calumnias, vituperios, desaba uma cataracta de insultos, não só sobre quem tal ousou, mas até sobre qualquer suspeito.

Indignos! e que vos fez o general Saldanha para o trazer no continuo remoinho de vossas farpadas linguas?

Quantas vezes vós mesmos, que hoje o insultais, beijastes o pó diante d'elle, e vos ajoelhastes ao idolo que então tinha templos e offerendas?

Peccou, não ha dúvida em 1823; commetteu triste falta em 1828: mas qual homem é impeccavel? E não foi elle o unico ministro constitucional (nem vós o ousais negar (*) entre tantos que nos venderam e trahiram?

Mas a camarilha suspeitou (e não se enganará em suas suspeitas) que o bravo general não estava longe de ir lavar essas maculas no sangue dos inimigos da patria, e no seu proprio viu que as esperanças dos bons portuguezes se concentravam todas n'elle, que para elle, como para Salvador, estendiam os braços os que em Portugal ainda gemem, os que pelo desterro peregrinamos, e até os que nas muralhas da forte Angra soffrem impacientes o jugo da mal rebuçada oligarchia: e eil-a que trata de desacreditar, e perder na opinião o unico homem, em torno do qual só se podem reunir os defensores de nossa liberdade.

Miseraveis! como vos cegou o odio proprio e a pitaça alheia; vossos ridiculos esforços produzem o contrario effeito. O homem que Magalhães insultam, que Palmellas perseguem—basta-lhe o insulto e a perseguição para o purificar na opinião dos bons portuguezes.

A opinião dos portuguezes está formada ha muito: e a experiencia lh'o mostrará a seu tempo, a esses despresiveis servos, e a seus amos . . . Oh! e terrivelmente, e tremendamente para elles! Londres 4 de outubro de 1830. = *M. Scevola.*

V. SLATER, Printer, Fitzroy General Printing-office, 23, Buckingham-place, opposite Warren-street, Fitzroy-square, London.»

(*) Veja o ultimo libello publicado com o titulo de *Desabafo contra alguns publicistas*, etc.

VII

O poeta devia ter esgotado até ás fezes o calix da paciencia humana para resolver-se a escrever essas paginas, eloquentissimas porém tremendas! De tantos accusadores que tinham tido na Europa e na America as pessoas que elle assim flagellou, nenhum até então levantára tão alto o brado da indignação e da colera, porque nenhum possuia tão extraordinario talento, nenhum conhecia tanto a fundo os homens a quem accusava e os crimes de cada um d'elles.

Fulos de raiva uns e lividos de terror outros, os que sentiram os golpes, logo reconheceram pelo estylo quem fôra o auctor da carta, e votaram-lhe eterno odio. Tocou-se a rebate nos arraiaes da camarilha; e é de crer que se podesse provar-se a paternidade da obra, seria Garrett privado do subsidio. Luiz Antonio de Abreu e Lima pedia á regencia essa pena para outros, que talvez lhe parecessem menos criminosos, porque unicamente se recusavam a prestar á mesma regencia juramento sem restricções. Felizmente, houve sempre quem protestasse a favor da innocencia do poeta; e os zurzidos tiveram que limitar-se ás vehementes suspeitas de que foi elle quem os zurziu. Por isso, excepto Palmella, que era homem superior a todos os seus conselheiros e aduladores, e se achava então na Terceira, nenhum perdeu nunca a memoria do facto, patenteando em todas as occasiões opportunas a má vontade com que ficára a João Baptista.

Foi-nos impossivel descobrir as causas que levaram Garrett a destruir quatrocentos exemplares da edição, que fôra de quinhentos, quando unicamente estavam cem distribuidos. Porventura se arrependeu de a ter feito, ou alguem influiu no seu animo para a destruir? O certo é, como vimos pela nota de Gomes Monteiro, que este

ajudou a fazer o auto de fê, antes da sua saída de Londres.

VIII

Por este tempo se achou novamente falto de saude, a ponto de não poder sair de casa, como vemos do seguinte bilhete a Gomes Monteiro:

«Londres 6 de novembro de 1830.—Am.^o do C.—Mande-me, por quem é, sem falta, pelo portador, o seu exemplar de *D. Branca*, que eu instantaneamente careço e prompto restitúo.—A vista me explicarei; e seja essa vista cedo, assim que o meu amigo poder vir por estas partes. Eu estou agora *sempre* preso em casa.—Am.^o obr.^o e do C.—*J. Bapt.^a*»

A enfermidade aggravava-lhe as necessidades. Parece que elle recebia então oito libras mensaes¹. A ausencia de José Gomes Monteiro, que breve ia estabelecer-se commercialmente em Hamburgo, deixava-o em peiores circumstancias ainda. Esse amigo generoso tinha sempre a porta aberta, e acudia-lhe nos grandes apuros, conforme lh'o permittiam suas posses. Quasi no momento da sua partida, escrevia-lhe Garrett:

«2 de dezembro 1830.—Am.^o do C.—Remetto a *D. Branca*.—Não lhe esqueça a cartinha a José Liberato, como hontem lhe expliquei. Renóvo do C. os meus desejos de uma boa jornada—e que não se esqueça por lá dos amigos.

Meu bom amigo—vou-lhe dar uma sécca antes de partir: estou em um appêto que a minha doença augmen-

¹ Acaso lhe teria sido augmentado o subsidio, desde que Palmella o considerou addido á embaixada portugueza? Nos primeiros tempos dava-se-lhe muito menos. Porém da carta de Gomes Monteiro, acima transcripta, vê-se que recebia então aquella quantia.

tou; mas nem ao Sr. nem a ninguém mais quero ser pesado com empréstimos que eu só em Portugal poderei satisfazer. — O que peço é que me adiante os 2 recibos (que vão duplicados), e os quaes o meu amigo pôde deixar em poder do am.^o Sr. Guimarães para os mandar receber da commissão. Não quizera recorrer ao favor dos amigos Vizeu ou Marréco que costumam fazer esta transacção a muitos outros, pelo que elles estão de sobrecarregados, como eu sei. Recorro ao meu amigo porque me parece que a demora d'esta somma (que são £ 46) por dois mezes o mais, lhe não será demasiado pesada; e a mim é um grande favor porque em verdade me acho em litteral precisão. — Lisongeio-me que teve occasião de conhecer que não sou amigo de abusar, e que tomára não ser pesado aos meus amigos. — Mas agora é tal o apêrto, meu bom amigo, que sou obrigado a fazer a violencia maior ao meu genio, indo importunál-o em tão *awkward* occasião, no proprio momento da sua partida.

Se coubér dentro do possivel, não me desapponte, meu rico amigo, creia que sou verdadeiro e sincero, tanto como sou e sempre serei por obrigação e sympathia seu — amigo inteiro = J. B. G. »

IX

Nos mezes de dezembro e janeiro a estagnação dos negocios portuguezes, que de vez em quando pareciam adormecer, quando não recuavam, permittiu ao poeta occupar-se exclusivamente do poema *Magriço*. Pela seguinte carta a J. Gomes Monteiro, que estava já em Altona, se avalia o estado do seu espirito:

«Londres 47 de Janeiro de 1831. — Am.^o do C. — Ainda que já sabia da chegada dos dous viajantes á *Divinamarca* (segundo dizem nas nossas terras), tive sin-

cero prazer com suas noticias directas: e minha mulher lhe agradece as suas lembranças.—Eu continuo ainda adoentado porém muito melhor: mas com os incómodos do *poeta* teem medrado os negocios do *cura*; e observará a primeira vez que lhe apparecer essa alma branca, que ha-de vir mais desassombrada e despennada. E comtudo, quanto ao *despénno* final, não sei quando será nem como porque o panno da obra tem dado de si e acho-me, contra a minha expectação, com mais do que para mangas.—O diabo é o Magriço e os seus 42!—Pois, sabe o que me fizeram? Estou ja no XXII.º canto (o meu amigo só viu XII d'estes, e os outros dez são novos todos), e ainda agora saíram de Portugal. Mas que ha-de ser se o Magriço esteve todo este tempo mettido em Thomar com uns *Pedreiros-livres* ou coisa que o valha, e depois em outras partes com moiras encantadas e outras *necromancias*; e os companheiros pespegados no Porto, onde teem feito coisas nunca vistas. Faz lá ideia o diacho dos rapazes o que revolveram a nossa boa terra! Braz Fogaça honrado Juiz do povo dos tripeiros, Justa Rodrigues sua mulher, uma sobrinha que Deus lhe deu, —uns basofios de uns fidalgos de Braga, que os do Porto tosaram lindamente—um ratão de um prior de Cedofeita que se metteu na bulha—uma amazona do Minho por nome D. Brites de Britiandos—tudo andou em *Polverosa* com elles.—Mas enfim estou já mais descansado, que os embarquei a toda a pressa (como d'antes faziam os nossos velhos com os rapazes estroinas, que lhes punham uma farda ás costas e os embarcavam para a India) para esta nobre ilha (que a leve o démo!)—e estão a desembarcar por instantes em Plymouth. Até, se me não engano, já vi nos jornaes, que havia signal n'aquelle porto de *portuguese man of war off* da barra de Plymouth.—O Magriço vae por essa Castella dentro, mas ainda não tive noticias d'elle.—Com que, meu bom am.º, por

este expôse que pôde, se julgar conveniente, communicar ao *cura* na primeira conferencia, — verá que me faltam pelo menos bons V cantos para acabar a obra, e tirar do Purgatorio o *director da consciencia quixotina*. — Mas ou muito me enganam esperanças ou por todo este mez, principios do outro, o homem está no céu, e sancto approved e confirmado como os que o são. Pouco espero, é verdade, que em se pilhando canonizado, o maganão do cura lhe importe mais com o caritativo poeta que o despennou, e guarde de criticos e mordedores, a obra que o salvou — mas faça a gente uma obra boa, e deixar ingratos por sanctos que sejam.

D'esta especie não é de certo o poeta: e espero que assim o creia e tenha sempre. — Abandonando agora allegorias, saiba meu bom am.º que segundo intendo, em vez de vinte cantos que eu suppuz fazer, me sáem 27 a 30, e que promptos já 22 conto para a semana que vem começar com a impressão para adiantar este trabalho que assim mesmo hade ser longo. Descanço no seu favor, que *endossado* pelo am.º Sanctos, não augmentou de *valor e seguridade*, mas *dobrou* a obrigação do segurado. — Do outro lado escrevo ao am.º Sanctos e lhe agradeço a sua amisade pelo nosso Magriço — e favor que faz ao A. — A metade do que fez favor de me adiantar, quero dizer, um dos dois mezes de subsidios foi hoje pago: aviso isto para seu governo. — O resto me affiançam, e é provavel que seja breve. — A sua carta para José Lib.º & C.º foi, como era de esperar, bem recebida e aceita.

Apenas haja alguma coisa impressa do Magriço, farei uma encommendinha com ella e a darei ao sr. Maigre para que aproveite qualquer occasião que haja de lh'a mandar sem despeza, — porque sei que fará gosto de ver a *primeira cara*, prima *facies* da coisa. — Adeus. Se ahi chegar Barreto Feio primeiro que aqui, dê-lhe um abraço do seu am.º verdadeiro e obrigado. = J. B. »

X

O amigo Sanctos, a que a carta se refere, era José Ribeiro dos Sanctos, que depois foi consul geral de Portugal em Hamburgo, no reinado de D. Maria II. Estava então em sociedade commercial com José Gomes Monteiro.

Tendo-se aggravado em Londres as já penosas circumstancias de Garrett, convidaram-n'o e instaram com elle esses dois generosos amigos e patricios para que fosse viver com sua mulher para a companhia da familia Sanctos. Tambem lhe diziam que na Dinamarca se imprimiria o *Magriço* muito mais barato, e que suspendesse todo o trabalho em Londres. Este acto honra e characterisa os dois homens que desejaram praticá-lo.

O poeta quiz mas não pôde logo acceitar o offercimento. A doença da mulher, aggravando o estado de penuria em que já viviam, serviu tambem de impedimento para realisar-se a partida, como vae ver-se por outra carta ao mesmo dedicado amigo Monteiro.

«Londres 15 de Fevereiro 1831. — Am.º do C. — Só hoje e sómente á pressa posso responder á sua estimadissima de 4 corrente que tenho ha 4 dias. Mas todos elles tenho gemido debaixo de uma cruel calamidade que só agora começa a dar-me um momento de respiro.

Minha pobre mulher teve um máu successo — com que padeceu mais de 4 dias — e emfim teve uma linda e fortissima creança — porém morta! — Não sei explicar-lhe a dôr e afflicção que tive — nem se pôde.

Felizmente porém, ainda que á custa da vida do filho, a mãe está boa, livre quasi de todo o perigo, e sem algum symptoma de receio.

Imagine á vista d'isto quanto a sua carta, pelo muito que a estimei e avaliei, augmentaria o meu pezar e des-

gôsto! — Havia uma folha de *magriço* quasi impressa: mas que importava; ainda assim eu o abandonava e ia para a *Divina-marca* com elle que lá se imprimirá mais barato e tam bem, e a differença dá demais para a perca do que está feito. Agora porém tudo está suspenso por outra razão. Se minha mulher estiver capaz, em um mez ou pouco mais, da viagem — do C. acceito o generoso e sincero convite dos meus amigos sem d'úvida, sem hesitar um momento — porque me parece que os conheço e me conheço. Senão, será mais uma desgraça minha — e no rol de tantas, paciencia! venha mais essa. — Assim bem vê o meu bom am.^o (e os meus am.^{os} ambos — que para ambos é esta carta; e eu nem cabeça nem tempo tenho para fazer separação) que só por todo o março poderei ir, se podér. E só acrescento que *fico contando as horas*. — Mas se eu não podér ir a tempo aviso. — Por ora até segunda ordem fica pois suspensa a impressão de Dom Magriço. — Ao poema só falta á volta de canto e meio: veja o que se trabalhou no intervallo.

Mas d'isto, em melhor occasião. Eu com afflições e despezas e cuidados nem sei o que escrevo, nem o que faço. Intenda-me como podér; e creia-me, o que eu sou, seu do C. = J. B.

P. S. Repito que esta carta é para ambos. — A M.^{me} Sanctos meus respeitoes, e os cordeaes agradecimentos de minha mulher. E Ad.^s»

XI

Não tendo podido ainda em março realisar a ida para Altona, escrevia a Gomes Monteiro, em 7 de abril:

«Meu bom am.^o do C. — Tenho ha tanto sem resposta a sua muito estimada carta (que veio sem data) ultima, pela vontade que tinha de lhe annunciar a nossa proxima partida. Infelizmente minha pobre mulher está sempre

valetudinaria e não me tenho atrevido á viagem. O outro dia, de irmos a *Lambeth* ver uma tia que ella cá tem de novo, custou-lhe a visita uma erysipella de estar seis dias de cama. — N'estas circumstancias, meu bom e verdadeiro am.^o, acha que deveremos ir-lhe metter em casa dois inválidos (que eu não estou menos cáco) a atormentar o nosso Sanctos e sua Senhora com estes *pasteis* que ambos sômos?—Minha pobre mulher vae melhor e ganhando força e antes de muitos dias poderíamos talvez deitar-nos a esses máres—mas *candidamente* lhe devo confessar que receio muito que o incómodo que ali vamos dar não seja maior do que aquelle que rasoavelmente se póde supportar e eu devo consentir que se dê.—Não tómo pois resolução alguma sem nova resposta sua, que fico aguardando, e a peço sincera e aberta.

Peço-lhe que reflecta e faça reflectir o am.^o Sanctos sériamente n'este caso. O meu am.^o (que creio que me conhece e os meus habitos actuaes e gôstos—e occupações) faz ideia do sacrificio que eu farei senão fôr—mas é sacrificio que eu de bom grado farei a não ir dar um incómodo a taes am.^{os}—o qual póde ser breve sim, mas póde ser muito longo—e então imagine o meu desgosto.—O senhor conhece minha mulher, e bem vê que ella por si e seu genio não é de ser muito pesada—mas uma convalescente sempre o é e isso é o que me faz vacillar.—Emfim, meu rico am.^o—intende-me, espero eu, bem, responda-me do mesmo modo que eu inteira e cegamente me ponho nas suas mãos.—Minha deliberada e certa resolução é de ir, por todo este mez, fóra de Londres—ou para Paris ou para Hamburgo: e os meus am.^{os} são os arbitros constituidos.

Adeus. O am.^o Sanctos que tóme esta por sua inteiramente porque não posso estar a fazer duas separadas e para não repetirmos quasi a mesma coisa.—Não me aproveitei ainda do favor do seu credito—e faço todos

os esforços para me não ver forçado a fazê-lo. Mas receio que por fim lhe não possa valer e que tenha de abusar mais ainda esta vez da sua amizade.

Recebam os meus bons am.^{os} ambos a sincera e verdadeira expressão de minha agradecida amizade — e não creiam, pelo pouco que n'ella fallo, que é menos profundo o sentimento que penetra o coração do seu am.^o do C. = J. Baptista. »

XII

Decorreram dois mezes, sem que a sua situação melhorasse, ou que pudesse fazer aquella viagem. Entretanto, appareceu a cholera morbus em Hamburgo, que era novo obstaculo, sobretudo para D. Luiza, que se não sentia com animo de affrontar o terrivel flagello. Ao mesmo tempo tornavam a melhorar os negocios da rainha. Tinham-se tomado as ilhas do Pico, S. Jorge e Fayal, defendidas por forças muito superiores; e por fim tambem S. Miguel cedeu ao valor e arrojo dos mil e seiscentos liberaes que investiram contra os seus tres mil homens. A acção memoravel da Ladeira da Velha decidiu da sorte dos Açores. Ao receber estas noticias, em Londres, escrevia Garrett a José Gomes Monteiro, no dia 9 de junho de 1831:

« Meu verdadeiro am.^o do C. — Cuidava eu ser viva resposta á sua estimadissima carta de 6 de Maio, por isso de outro modo o não fiz atégora; mas a occasião de haver portador am.^o e fiel, me faz não poder nem dever dispensá-lo — ainda que (segundo é muito provavel) esta carta não preceda a minha partida senão de oito dias. — Ha bons vinte dias que estou de bahús promptos, e hoje vae amanhã vae: que apesar dos medos de minha mulher á *cholera-morbus* — já lá estava, se não fossem as inopinadas circumstancias de Portugal que estão em ver-

dadeira e eminente crise. Como terá colhido dos jornaes, a todo o momento se póde esperar uma solução d'este estado de coisas. O proximo paquete deve mostrar claro no futuro: e estou resolvido a esperar por elle: o que me persuado hade approvar, porque vale em verdade a pena. A não haver porém coisa extraordinaria, sabbado da semana que vem parto a ir abraçá-lo.

Segundo lhe avisaria o sr. Guimarães, fui emfim constringido a receber do dito senhor as dezesseis £ porque me tinha acreditado. Eu não queria mais este sacrificio da sua parte, e longo tempo me lisonjeei com a esperanza de que o poderia evitar: mas a doença de minha mulher transtornou todos os meus calculos e economias. Não fallo em agradecimentos e gratidões, porque me parecem coisas muito *banaes* para quem sente como eu, e para quem sabe obrigar como o meu am.^o Ad.^s até logo. — Responda logo a esta, apezar da probabilidade de a eu não receber: mas é possível que esteja, e isso basta para lh'o pedir e espero que o faça ao seu do C. = J. B. *Garrett*.

P. S. Esta carta é sua e do am.^o Sanctos — a quem nada mais tenho que acrescentar, pois para ambos escrevo, e ambos estão intimamente ligados na minha amizade e sentimentos.»

XIII

Outros dois mezes se passaram sem que tivesse logar a partida. A chegada de D. Pedro á Europa mudava completamente a face da questão portugueza e as resoluções do poeta.

Mas nem os cuidados politicos nem a escassez de meios o distrahiam nunca dos seus estudos litterarios ou scientificos. Em 19 de junho, copiava do jornal *The Examiner*, d'esse dia, a curiosa noticia, que por sua letra possúo em inglez, e traduzo fielmente:

«Na terça-feira um sujeito vendeu sua mulher em Long Moor Gate, Bolton, por 3 *shellings*, 6 *dinheiros e uma canada de cerveja*. O comprador foi um homem que era hospede da casa. Na quarta feira fez-se-lhe a entrega, *conforme o contracto*; e na quinta feira de manhã o pregoeiro público da povoação annunciou que o marido não seria responsavel por dividas que a mulher de futuro contrahisse.»

Garrett, que destinava este *specimen* dos costumes inglezes ao *Magriço*, escreveu por baixo:

«Não se esqueça de escrever a W. Hone sobre a origem d'isto,—ou onde ella se póde achar.

Tambem sobre os Doze de Inglaterra.»

Em 8 de agosto escrevia novamente ao seu amigo de Altona:

«Meu bom am.^o do C.—Desde a minha carta, que foi por via de Malheiro Junior, não tenho novas directas suas: acaso tenho sabido que tem saude por Guimarães. —Supponho, e com razão, que me não tem escripto por me esperar todos os dias, segundo meu aviso. Mas o extraordinario aspecto que, pouco depois de minha ultima carta, tomaram os negocios de Portugal, é sobeja razão de minha demora e ideliberação. Todos os dias, todas as horas temos estado, e continuâmos a estar esperando ver terminar este negocio. O meu bom am.^o de certo tem sido informado pelos jornaes das não esperadas occurrencias do Brazil e Portugal: nada acresciento portanto. D. Pedro vae em pessoa a Portugal á testa da expedição: e eu estou deliberado a não ser dos que ficam no quartel da saude. Nunca tive, certo, a balda de valentão mas agora, sem a minima fanfarronada, prefiro muito e muito antes morrer de uma balla do que estar mais tempo emigrado.

Não partirei de certo sem lhe escrever, e provavelmente mais de uma vez: oxalá que não haja tempo de

sobejo para isso — oxalá que fosse amanhã o dia feliz! Mas seja quando fôr, hei-de escrever-lhe, e deixar-lhe em *legado condiccional* o meu Magriço; ou mais exactamente em *tutella testamentaria* lh'o hei-de encarregar, na possibilidade de minha morte. Mas para então fallaremos mais devagar. — Eu tenho andado doente; e o alvoroço e desinquietação do espirito trouxeram-me o corpo em anciedade — mas estou melhor, bom, bom agora. Minha mulher manda-lhe muitas saudades, e não se pôde consolar da perda do seu *tripp* á Allemanha, e passar alguns dias felizes e socegados no seio d'essa boa familia. Mas tenha paciencia como eu tenho. Adeus meu bom e verdadeiro am.º responda, e dê logo novas suas ao seu do C. = J. B. Garrett. »

XIV

Reconhecendo a conveniencia de crear n'esta conjunctura um jornal, que dêsse força á opinião e a pozesse ao corrente dos acontecimentos das ilhas dos Açôres, consultou o poeta n'esse sentido o marquez de Palmella, que acceitou o seu generoso offerecimento. Pedia-lhe o marquez para que escrevesse papeis que dentro e fóra do reino preparassem os animos para a necessaria co-operação e para o passo que ia dar-se de reassumir D. Pedro a regencia. Prometteu-se-lhe que esse serviço lhe seria levado em conta « como o maior que se podia prestar » sem que assim o pedisse. Escreveu primeiro varios artigos avulsos em differentes papeis; e, com grande sacrificio seu, creou em seguida um pequeno jornal, em portuguez, no qual conseguiu reaccender o enthusiasmo que começava a esfriar de novo.

Tinha havido outro interregno de hesitações, que aterrou os emigrados. Falhára o empréstimo; e pararam

por isso todas as diligencias para fretar navios, que levassem aos Açôres a expedição definitiva. Foi n'esse momento de angustiosa dúvida que Garrett, sem dinheiro quasi para comer, teve a energia e a habilidade de o achar para sustentar os primeiros numeros do *Precursor*¹, foguete incendiario, como lhe elle chamou, com que deu impulso e força aos negocios da rainha, alentando os tibios e incutindo brios nos que pareciam ter esmorecido.

Saiu o primeiro numero a 27 de setembro e dizia, entre outras cousas, dirigindo-se *aos portuguezes de todas as opiniões e partidos*:

«Um só, mas valente esforço, unico mas simultaneo, e estamos salvos. Esta unidade d'acção, esta centralisação de todas as forças, de todas as vontades, de todos o meios, é a que só falta, e que só basta. Concorrâmos todos para ella, e acabemos a grande obra da salvação da patria. O *Precursor* ousa metter hombros á empreza, talvez não facil, de chamar todos os seus compatriotas a esta união, a esta cordeal junção de meios e forças que no momento da crise se requerem.

Um centro de opiniões e principios para todos os verdadeiros amigos da liberdade e felicidade da patria tinhamos já na Rainha e na Carta. Um chefe em tôrno do qual nos reunissemos para defender esses dois caros penhoes, para pugnar por elles, nos faltava. Por secretos juizos da Providencia esse chefe appareceu no meio de nós quando menos o esperavamos. O augusto primogenito da casa de nossos antigos Reis volveu a presidir aos destinos portuguezes. Outra vez um Duque de Bragança terá a gloria de libertar a patria, e de restituir o miserando e abatido Portugal á communhão das nações. Já devemos ao Senhor D. Pedro IV Rei de Portugal a resti-

¹ Londres, 1831, impresso por C. S. Bingham, 5, Wilmot-Street, Russel-Square.—In 8.º

tuição de nossos antigos fóros, e das liberdades da patria, deveremos agora mais ao Senhor D. Pedro Duque de Bragança—essa mesma patria—que já não existe, ou como se não existisse, apenas dura nos tormentos de sua prolongada agonia. A elle pois como a nosso natural defensor, a elle bradâmos nós e a patria, a elle os portuguezes e sua rainha bradâmos pelas palavras do poeta:

Accude e corre, pae,—que, se não corres
Póde ser que não aches quem soccorres.

.....

Eia pois! em poucos dias a bandeira bicolor tremulará nas pôpas da armada da rainha de Portugal. Em poucas semanas a esquadra libertadora estará no Atlantico recebendo os invenciveis batalhões que no Prado, em Coruche, na Praya, em San Miguel renderam quanto se lhe oppoz.

.....

E vós, cujas differentes opiniões em pessoas e coisas, dentro e fóra de Portugal, trazem divididos—vós que por leaes e livres tudo sacrificastes, sabeis tambem sacrificar o que menos deve valer—disputaveis theorias de principios—questionaveis conceitos de pessoas. Pede-o a salvação da patria: ninguem se peje de ser o primeiro: o mais honrado será o que dér o exemplo. Não o dá quem o devia dar? Não quebram os que, pór fortes, mais nobre lhes era fazel-o? Embora! Mais lhe deverá a patria a quem o fizér. Salvál-a é tudo: que importa quem e como? A união dos portuguezes, a centralisação de todas as forças phisicas e moraes dentro e fóra do paiz é a que se requer e que precisa nos é. Sem ella podêmos perder tudo: com ella tudo será ganho. Estejamos todos promptos, unidos e áleria. Nós todos os que temos a Carta no coração, todos os que pela liberdade nos immolâmos á legitimidade, todos os que por servir a legitimidade,

pela liberdade pelejâmos— todos (reflectâmos um momento) todos queremos o mesmo. Se n'algum ponto divergimos, não é para agora discutil-o. Em nome da Carta e da liberdade, em nome da rainha e da legitimidade reunâmo-nos em tôrno do illustre restaurador da liberdade portugueza e com o augusto Chefe da Casa de Bragança restauremos a realleza, a liberdade e a patria.»

XV

Nobres palayras, que, ao menos d'essa vez, acharam echo nos corações de todos os emigrados! E assignalado serviço prestou o poeta á causa da liberdade com esse vigoroso artigo. Assim resgatou dignamente, perante a propria consciencia, o erro, se erro foi, de ter escripto mezes antes a *Carta de M. Scevola!*

Era realmente para envergonhar os que se diziam chefes, ver o simples soldado dando o exemplo da abnegação e obediencia a um centro unico, sem o que a restauração não teria sido possivel. Grande recompensa merecia o homem que tão habilmente chamava todos ao dever, e que eu não duvido afirmar ter sido um dos que mais contribuíram com os seus escriptos para a restauração do throno da rainha! Infelizmente, só obtive por premio de seus relevantissimos serviços o odio de miseraveis invejosos, que, reconhecendo a necessidade de lhes acceitarem os conselhos, e os seguiram, por isso mesmo mais o detestaram desde esse momento. Achando-o immensamente superior a si, com virtudes que elles não tinham, nem tiveram jámais, como era possivel que não o aborrecessem?! Os maus nunca perdôam aos que Deus pôz acima d'elles para lhes fazer sentir que na sua qualidade de reptis não podem erguer-se á altura d'aquelles a quem mordem na sombra.

XVI

Outro grande homem, José Xavier Mousinho da Silveira, escrevia ao mesmo tempo para Paris, ao marquez de Rezende — «n'aquella sua phrase tão solta e original que era o seu stylo caracteristico» — como dizia Garrett:

« é preciso que o snr. D. Pedro se pronuncie de um modo firme e irrevogavel, porque a firmeza dos chefes é uma especie de electricidade para os inferiores, e sem ella nada se faz, e tudo é pequeno e miseravel.

.....

S. M. o senhor D. Pedro, deve quanto a mim fallar sempre ao Conselho, como homem determinado a seguir a sorte da emigração, vivendo, ou morrendo com ella; e ella vencerá, ou morrerá com elle, e de fórma alguma deixar cair palavra, que pareça marcar differença entre o seu interesse particular, e o interesse geral da causa, porque tal differença uma vez sentida se communica a todos

Por isso, Senhor Marquez, o ponto unico de que dependemos para ter Patria é que S. M. queira, mas queira como queria Buonaparte, e como querem os grandes homens; se elle não pôde, ou não quer formar assim a vontade de nos salvar, então o maior favor, que nos pôde fazer, é abandonar-nos á nossa desgraça, porque os espiritos ja não podem com mais incerteza.

Eu estou aqui, sem meios para viver, e sem utilidade para a causa, mas S. M. me mandou ficar, e eu fiquei ¹.»

Esta carta é datada de Londres, em 30 de agosto de 1834. O marquez estava em Paris, com o imperador; e

¹ *Collecção de autographos de homens illustres*, pertencente a José Gregorio da Silva Barbosa.

Mousinho escrevia com a nobre isenção e franqueza que sempre o distinguiram. Já no dia 14 d'esse mez dissera com vehemencia a D. Pedro, que não tratasse os negocios politicos como questões de cifras ¹. E n'essa mesma occasião ouvira o duque de Bragança coisas bem duras a Abreu e Lima e a José da Silva Carvalho. As opiniões d'estes homens notaveis, obrando simultaneamente com os artigos de Garrett, acabaram com as hesitações de D. Pedro, que principiava a recuar. Data d'esse tempo a grande estima e affeição que Mousinho tomou por João Baptista; e provou-lhe que sabia avaliá-lo, chamando-o para junto de si, como logo veremos. O poeta, gratissimo a todas as provas de amisade que recebia, deixou-o como moldado em bronze, na magnifica memoria que lhe consagrou, depois da morte de Mousinho.

XVII

Transcrevo em seguida outra carta a José Gomes Monteiro, que além de conter admiraveis traços biographicos de seu auctor é tambem curioso documento para a historia dos successos do tempo.

«15 Marshmont S.^t Russell sq.^o—Meu bom e verdadeiro am.^o do C.—São 6 de Outubro, e tenho ainda sem resposta a sua carta de 11 de Agosto: não lhe dou a banal desculpa de estar muito occupado, apesar de que o tenho estado, porque sempre sobra uma hora para escrever a um am.^o— e a um tal am.^o—Não foi essa a causa; mas o abatimento de espirito e coração em que me trouxe a fatal intermitencia de nossos negocios que n'este intervallo pareceram mais que estacionarios, que quasi os vi desandar. Felizmente passou esse triste estado de cal-

¹ Conde da Carreira, *Correspondencia official*, pag. 461 e 462.

ma podre — e vamos vento em pôpa. Já sabe de certo a esta hora que temos com certeza *navios e dinheiro*. Acrescentarei só que D. Pedro, vae, sem dúvida¹, á testa da expedição e que por dias estâmos a partir para a Terceira, d'onde, apenas chegado, ella deve sair. — Sabe tambem os successos de 22 do passado de Lisboa. — Muitos outros documentos do estado efervescente do paiz temos em parciaes revoluções — malogradas, é verdade! — que teem rebentado no paiz; tudo está preparado, e a victoria é infallivel.

Vamos a elles emfim, meu bom am.º que desta vez vae. — Eu por aqui vou mandando meus foguetes incendiarios para atçar o negocio — e por esta occasião mando ao am.º Guimarães o que tem saido de uma papeleta que publico para esse fim. Folgarei que a receba e lhe agrade. Continuarei a fazer entregar áquelle am.º o que sair para lh'o elle remetter quando e como melhor poder ser. — Não durará porém muito esta publicação porque poucos dias esperâmos estar por aqui. — Ao dito snr. Guimarães deixarei para lhe serem entregues quandô poder ser, os meus rabiscos, de que, se me levar a brêca, fará o que quizer, pois lh'os lego absolutamente n'esse caso. — O *Magriço* não está completo, nem possivel é completá-lo. Mas esperemos o melhor: eu estou decidido a não morrer emquanto o não acabar: e bom é ter a gente uma firme resolução. Ha-de, não tem dúvida, vel-o impresso em boa letra redonda. — Apezar de que mal tenho um momento de meu, não saio sem lhe escrever outra vez; e direi o mais que me lembrar.

Não sei se abuso da amisade que lhe devo em recorrer a ella para me valer agora em meu apêrto n'esta occasião. Eu, sem mais preambulos, tenho a maior precisão de algum dinheiro, e absolutamente não tenho a quem

¹ No original diz divida, mas julgo ser erro.

recorrer, senão ao meu am.^o A viagem não pago, nem os meus preparativos importam grande coisa; mas tenho minhas pequenas dividas que me prendem e affligem e não ousou figurar de caloteiro. O meu embaraço é de £ 30.

Faça, meu bom am.^o, um esforço ultimo a favor de quem tanto lhe é já obrigado, e veja se me vale n'esta derradeira occasião. Protesto que tómo esta divida como a minha mais sagrada, e que será a primeira paga apenas eu chegar a Portugal. Felizmente tenho passado estes quasi 4 annos de amargura sem me vexar com ninguem — porque não chamo vexar-me os favores que lhe tenho devido: desejava mais que tudo sair sem passar por esse dissabôr. E conto que o meu am.^o me ha-de ajudar se inteiramente lhe não é impossivel. Tenha paciencia: quem lhe mandou metter-se com poetas?—Mas, inda assim; eu não sou *poeta em prosa*, graças a Deus, nem faço transações de poeta. Acredite-me que se não soubesse que lhe podia e havia de pagar, não lhe pedia um shilling emprestado: havia, quando precisasse, pedir-lhe e sem pejo, uma esmola, que o tenho por mais honrado e decente. — Ad.^s fico ancioso esperando a sua resposta, e quasi dependendo d'ella minha existencia — porque de certo me não atrevo a sair d'aqui devendo ao boticario, alfaiate, etc., — nem o posso fazer sem pagar ao meu dono da casa.

Minha mulher vae commigo até á Terceira, onde a entrego a minha Mãe, que ali tenho; e vou descansado por essa parte, para Portugal. — Ella me pede muito ser recommendada a M.^{me} Sanctos, e aos dous am.^{os}—Eu não escrevo agora carta singular ao am.^o Sanctos que d'esta tomará tudo o que aos tres nos é commum em sentimentos de estima e verdadeiro affecto. Hei-de porém escrever-lhe em separado antes de minha partida. — Ad.^s escreva logo ao seu verdadeiro e do C. = J. B. *Garrett*.

P. S. A direção das cartas como acima.»

XVIII

A bolsa do grande poeta estava igual ao thesouro publico da nação e da rainha que elle servia! Talvez pareça á falsa e viciosa vergonha de alguém que não devesse publicar-se na íntegra a carta acima transcripta. Eu entendendo o contrario. Penso que ella é honrosissima para a memoria de Garrett, que foi sempre homem de bem, até nas horas de maior pobreza. José Gomes Montceiro não pôde emprestar-lhe as trinta libras. Como solveria as suas dividas o illustre proscripto? De que meios lançaria mão, de que tremendas necessidades seria victima, para sair desse apuro terrivel, no momento em que o dinheiro lhe era indispensavel? Logo veremos o estado em que elle chegou a Paris, quando partia para alistar-se no exercito da rainha.

A ultima carta escripta de Londres a José Gomes Montceiro, n'esse anno de 1831, é de 16 de novembro. Diz assim:

«Am.^o do C.—Nem por esquecido nem por outro motivo algum tenho deixado de responder á sua carta, senão porque tenho supposto partir para a nossa tam demorada expedição hoje, ámanhan—e sempre enganosamente. Hontem ainda cuidava eu que fosse infallivelmente esta semana,—e ainda em vão. Mas como n'aquella supposição tinha tencionado escrever-lhe hoje, não quero mudar de tenção: e hei-de fazê-lo. Á excepção da demora, tudo vae bem: assim o inculca quanto apparece: mas a demora começa a ser insupportavel.

Mas d'estas coisas não faltará quem o informe. Eu tenho soffrivel saude; o que actualmente é grande fortuna para mim. Não assim minha mulher a quem sou obrigado, por isso e por falta de conveniente arranjo de viagem, a deixar aqui no campo não longe de Londres com uma

tia que felizmente aqui tem. A sua *adresse* será depois da minha partida:

Madame de Almeida Garrett—Care of Messers Roach & Morgan—9 Liverpool St. New Broad—St. London.

Isto é para o senhor e para os amigos particulares pois que ella não tenciona receber estranhos na minha ausencia. D'este modo, se houver acaso alguma coisa para mim, carta, etc., lhe será remetida.—Sinto do coração tel-o incommodado com o favor que na minha ultima lhe pedi: não pense mais n'isso.

Se d'esta me levar a bréca, incommendo-lhe o meu pobre nome se elle a alguem lembrar, que o não deixe passar com algum labéo que mal-affectos lhe ponham.

Eu tenho consciencia e confiança de que sempre fui homem de bem, e que tenho andado honrado e direito n'este mundo. Do mais digam o que quizerem que pouco se me dá.—Não sei ainda quando partiremos. Se houver espaço, ainda lhe heide dizer adeus. Em todo o caso escreva-me logo, que é provavel me ache ainda a sua carta.

Zangou-me que não sahisse d'ahi com essa maldita *cholera*, mas felizmente ella tem sido branda por lá. Tome porém cautella: olhe que os descuidos são os que mais matam. Ad.^s e se nos não virmos mais lembre-se de vez em quando do seu verdadeiro am.^o que o abraça de todo o C.—*J. B. de Almeida Garrett.*

P. S. Minha mulher, na possibilidade da minha falta, ha-de por si e por meu sogro e meu Pae satisfazer as minhas dividas—que felizmente são poucas.

O segundo mez dos dois que me adiantou, está já pago¹.»

¹ Por aqui se vê que as oito libras mensaes não eram tão gorda pechincha, como á primeira vista poderia parecer, visto que os pagamentos tinham tantos mezes de atrazo.

XIX

D. Pedro tinha desembarcado em Cherbourg a 12 de junho; d'ali foi a Londres, onde chegou a 26¹, partindo em seguida para Paris, e indo a Brest buscar a rainha D. Maria II em 24 de julho. Depois de a apresentar ao rei Luiz Filippe, voltou com ella a Londres, d'onde regressou novamente para França, a 16 de agosto, com a imperatriz e a rainha. Estas idas e vindas repetidas, provavam a actividade do duque de Bragança, mas não a sua prudencia. Segundo a opinião de um dos representantes da rainha, D. Pedro confundia a firmeza fundada em uma deliberação madura e reflectida, com a obstinada persistencia em uma resolução tomada arrebatadamente². E com os seus despeitos e arrebatamentos ia estragando n'um momento o trabalho pacientemente feito pela diplomacia, em Londres e Paris³.

Entretanto, déra-se a tomada da ilha de S. Miguel, no começo de agosto; e a 21 a mallograda tentativa do bravo regimento 4, em Lisboa. Ante estes factos, tambem *os amigos de D. Pedro*, que ao diante veremos marcados pela justa colera do poeta, não julgaram opportuno continuar por mais tempo com o antigo systema de pôr estorvos a tudo.

A revolução de julho, em Paris, a dos Paizes Baixos,

¹ O conde da Carreira diz de julho, em vez de junho, pag. 434.

² Conde da Carreira, *Correspondencia official*, pag. 468.

³ Idem, pag. 464, e seguintes. O imperador foi, comtudo, bastante habil para não se deixar cair no laço que lhe armára o gabinete inglez. Esse governo sondava-lhe as intenções, por meio de lord Erskine, que, como opinião sua, aconselhava D. Pedro a declarar-se rei de Portugal. Visto não se terem verificado as condições da sua abdicação em D. Maria, conviria aos interesses da Inglaterra, dizia o conselheiro, que Sua Magestade cingisse as duas corôas da península, reunindo esta n'um só reino. D. Pedro rejeitou o alvitre.

e a mudança de ministerio na Inglaterra, tinham dado certo calor e vida á questão portugueza. O marquez de Palmella e Luiz Antonio de Abreu e Lima, trabalhando de accôrdo com os seus amigos, queriam para Portugal a monarchia representativa, á moda ingleza, rodeada pelo poder aristocratico e apoiando-se n'elle. Aquelles dois diplomatas accusavam, como já se disse, a revolução de vinte de ter sido republicana e demagogica; ao contrario do maior numero dos refugiados portuguezes, homens novos, que, instruidos na escola das idéas modernas, e enthusiasmados com o programma do *Hotel de Ville*, repelliam a demagogia, mas desejavam ver o throno do seu paiz cercado de instituições democraticas. Estas aspirações manifestaram-se por modo que tornaram maior e mais irreconciliavel a inimizade que já reinava entre os diversos partidos. Ao passo que uns impediam os alistamentos de paizanos, nas expedições para a Terceira, outros publicavam folhetos violentos, a respeito da regencia, accusando-a de não fallar em Carta, chamando usurpador a D. Pedro, e dizendo que este queria reasumir os seus antigos direitos á corôa, em prejuizo da filha. D'aqui, novos odios e desconfianças mutuas, e as longas hesitações do duque de Bragança em chamar tôdos os emigrados.

Lord Palmerston, que já abertamente começava a proteger a causa da rainha, dizia a Luiz Antonio de Abreu e Lima que aconselhasse a exclusão absoluta de João Carlos de Saldanha da expedição, porque este era revolucionario republicano e tinha projectos contrarios á restauração do throno. Em París os saldanhistas associavam-se ao general hespanhol Mina; e João Carlos foi a Londres propor ao ministro da rainha um plano de operações, na peninsula iberica, de que elle seria o executor. Sendo recusada a sua proposta, talvez por falta de meios, e porque Saldanha tinha então idéas muito avan-

çadas, segundo os directores dos negocios portuguezes, voltou este para França, onde os seus partidarios começaram a gritar que D. Pedro queria reaver a corôa da filha, e invadir depois a Hespanha, proclamando-se imperador da Iberia! Falta-nos o espaço para alargar considerações, nem é nosso proposito historiar por miudo os successos d'esse infeliz tempo, os projectos mais ou menos desvairados de um lado e as hesitações e dúvidas do outro. A verdade, porém, é que se allegava a falta de meios como o maior dos obstaculos. E não deve esquecer-se que a causa liberal tivera muitas vezes contra si a cavilosa e traiçoeira politica dos ministerios brazileiros e as inconsequencias de D. Pedro ¹. A missão do marquez de Santo Amaro reputou-se filha de verdadeira perfidia. E, apesar da mudança do ministerio inglez, se os brazileiros não tivessem, como que providencialmente para os liberaes portuguezes, expulsado D. Pedro, nunca D. Miguel teria saído de Portugal.

Finalmente, a 14 de outubro annunciava de Paris o marquez de Palmella, ao ministro da rainha, em Londres, que o imperador estava decidido a embarcar *imediatamente*, assumindo o titulo de regente em nome de D. Maria II.

XX

Como a questão, agora, era só de dinheiro, a conclusão do emprestimo de dois milhões sterlingos, feito por D. Pedro (a 48 por 100!) cortava as maiores difficulda-

¹ O imperador, no conceito de um contemporaneo, carecia que se lhe fallasse com energia, porque lhe faltava animo resolutivo, se-quito nas ideias, constancia e firmeza nos projectos, e o esquecimento generoso das considerações de dinheiro, etc. Luiz Antonio de Abreu e Lima, conde da Carreira, *Correspondencia official*, pag. 462 e 463.

des. Porém, a clausula de se chamarem todos os emigrados fez surgir novos embarços e recommear as intrigas. Aquelles desditosos, espalhados pelos depositos estabelecidos nos diversos paizes, tinham padecido as mais horrorosas miserias que podem imaginar-se, desde o começo de 1829¹. Na Belgica valêra-lhes por vezes a influencia de Abreu e Lima: em França tambem o general Saldanha conseguira obter-lhes de vez em quando subsidios, que as mudanças de ministerios interrompiam. Os generaes Lafayette, Sebastiani e Lamarque, bem como o duque de Broglie prestavam-lhes o auxilio que podiam. A condessa de Flahaut, com outras illustres damas, auxiliadas pelo duque de Guiche, promoveram um baile público a beneficio d'elles, baile que tivera logar a 24 de março de 1829, e produzira trinta mil francos. Mas esta quantia, repartida pelo general Pizarro entre os officiaes e os soldados, chegára-lhes apenas para comer dois ou tres dias; e elles estiveram dois a tres annos n'essa triste situação! E note-se que emquanto a França e a Belgica tinham a generosidade de matar a fome dos portuguezes, nunca a Inglaterra, nossa *fiel* aliada, propôz no seu parlamento uma unica medida para soccorrer tantos infelizes.

Imagine-se, pois, com que enthusiasmo elles acudiam ao chamamento da regencia da Terceira² e do du-

¹ Em 9 de maio de 1831 ainda Abreu e Lima dizia á regencia da Terceira, que os depositos dos emigrados, pela miseria em que estes se achavam, eram um labéo para o imperador D. Pedro. Conde da Carreira, *Correspondencia official*, pag. 430.

² Em 21 de agosto determina a regencia da Terceira a Abreu e Lima, que visto achar-se o governo da rainha já senhor de todas as ilhas dos Açores, e «sendo por isso mais praticavel subsistirem n'ellas os leaes subditos de S. M., que se acham disseminados por diversos paizes da Europa, fazendo grandes sacrificios e soffrendo muitas privações que a Regencia infelizmente não tem tido ha muito tempo meios de alliviar, determina em nome da rainha que o

que de Bragança! Após tanto tempo de supplicas inuteis, era-lhes finalmente concedida a permissão de irem morrer pela liberdade e pela rainha, em terra portugueza! Mas a convocação fôra ainda feita como que a medo, mal, e tarde. Dizia-se-lhes que não havia dinheiro para se lhes dar, e que o arranjassem para si, se quizessem ir para a Terceira!

A 25 de novembro começaram os navios a sair de Inglaterra para as costas de França, onde ía organisar-se a expedição. Aos amigos dos amigos de D. Pedro deram-se de 500 até 1:500 francos. Garrett, que acabava de prestar o grande serviço de delir momentaneamente, com os seus artigos, os mútuos odios dos emigrados, não recebeu sequer com que transportar-se para França! Repugnando ao seu justo orgulho e nobre desintereêsse pedir paga de serviços, que considerava feitos á sagrada causa da patria, não se tornou lembrado a quem devia lembrar-se d'elle. Apesar da amizade de Mousinho da Silveira, e da que lhe protestava o marquez de Palmella, negou-se-lhe o auxilio a que tinha maior direito que ninguem, e se concedia largamente aos que nada tinham feito, nem fizeram nunca.

Encolhido no seu justificadissimo despeito, o grande poeta vendeu parte da roupa que possuia, pediu algum dinheiro emprestado, e deixando a mulher em casa de uma tia, tão pobre como elle, partiu para França, em dezembro de 1831.

ministro continue a dar passaportes a todos os emigrados que os pedirem, mas tambem que quando mandar algum navio por conta do governo lhes franqueie as passagens que commodamente poder, fazendo constar isto mesmo a todos elles». A regencia lamentava-se de não ter meios para apromptar immediatamente transportes bastantes para todos aquelles que d'elles se quizessem aproveitar. Só exceptuava os que tinham sido mandados sair da ilha por ordem do governo. Conde da Carreira, *Correspondencia official*, pag. 396.

XXI

Ao mesmo tempo, e como para haver sempre tristissimo contraste entre os actos da sua vida e os de outro parente seu mui chegado, escrevia este uns versos ridiculos, em fórma de dialogo entre duas amigas(!) nos quaes se dão aos liberaes os epithetos mais infames, dizendo que era preciso assassiná-los, e convidando os christãos para que os matassem! Com esse documento inaudito, possúo outros, do mesmo auctor, em prosa, sendo um d'elles certa representação a D. Miguel, da qual já fallei. Entre as cousas que deviam *alegrar* João Baptista, se tivesse visto este papel na secretaria da justiça, em 1834, parecem-me dignas de menção as seguintes: queixar-se o auctor de viver longe da «*Angelica Presença*» de D. Miguel; comparar-se, na fidelidade, com o conde de Basto, Luiz de Paula Furtado, o arcebispo primaz e Antonio Ribeiro Saraiva (o papel diz Saraiba); e fazer stylo do seguinte modo:

«Mas o rigor de tantos pezares, e de envolta com os lamentos da innocencia opprimida, enviamos ao céu ardentes supplicas pela vida, pelo cabal triumpho de Vossa Magestade, e bem dizemos a Providencia, que nos invia o purgatorio n'este mundo, ainda que é um purgatorio que parece inferno, pois que somos atormentados por uma especie de demonios chamados=Pedreiros Livres¹.»

XXII

No meio dos seus amargores de emigrado pobre, o homem estudioso, o poeta e o artista por excellencia ap-

¹ Inedito, assignado por um dos proximos parentes de J. B. de A. Garrett.

pareciam sempre. As suas horas passavam-se nos museus, nos archivos, nas bibliothecas públicas e particulares, nos estabelecimentos scientificos e litterarios de toda a especie. A historia, as sciencias administrativas, as leis criminaes, a organização civil e politica dos paizes que habitava eram objectos de sua constante meditação e estudo. E sobejava-lhe ainda tempo (tão prodigiosas eram as suas faculdades!) para os trabalhos ligeiros; para a observação dos costumes e usos populares; para a vida de sala, em convívio amavel com as mulheres e com os frivolos do mundo!

N'esse mez conseguira ainda conhecer e tratar uma dama, que foi das grandes figuras da côrte de Napoleão. Era a duqueza d'Abrantes « typo de graça, de amabilidade e de talento. Pouco foi o nosso tracto, mas quanto bastou para me encantar, para me formar no espirito um modéllo de valor e merecimento feminino que me veio a fazer muito mal. Custa depois a encher aquella altura que se marcou . . . »

Madame d'Abrantes morava na nova e elegante rua de Londres; e Garrett achou « rodeada de todo o esplendor do seu occaso aquella formosa estrella do imperio. Nem bella nem moça, nem airosa de fazer impressão era a duqueza d'Abrantes. Mas em meia hora de conversação, de tracto, descobriam-sé-lhe tantas graças, tanto natural, tanta amabilidade, um complexo tam verdadeiro e perfeito da mulher franceza, a mulher mais seductora do mundo, que involuntariamente se dizia a gente no seu coração: 'como se está bem aqui' ¹! »

XXIII

Depois de tão grata visita, saía o poeta, e, chamado

¹ *Viagens na minha terra*, tom. I, pag. 87 e 89. Lisboa, 1846.

à realidade da sua situação pela voz do estomago, dirigia-se ás vezes ao bairro Latino, a uma taberna de estudantes, muito frequentada por emigrados pobres. Chamavam a esse genero de tascas *ratatoulhos*(?). Na cozinha havia um grande caldeirão, a ferver, contendo restos de comida, sobejos fornecidos por casas de pasto mais aristocraticas. Os freguezes pagavam de entrada um *sou* (moeda equivalente de oito a dez réis); recebiam um garfo comprido, e iam, cada um por sua vez, enterrál-o ao acaso no caldo fervente da caldeira. O que apanhavam era seu; mas não se lhes permittia repetir a arpoadella, sem pagarem novamente. Chamava-se a isto *l'hasard de la fourchette* (o acaso do garfo). Alguns d'esses jogadores de nova especie tinham a felicidade de espetar grandes nacos de carne; outros, nada traziam porque o garfo lhes batia contra ossos. Garrett, referindo muitos annos depois o caso, affirmava que nos quatro ou cinco dias que ali tentára a sorte não pescára mais do que um feijão e uma cenoura!

XXIV

No dia 5 de fevereiro de 1832 as guarnições dos navios destinados para a expedição, que estavam em Belle-Isle, prestaram juramento á Carta e á rainha.

D. Pedro saíra de Paris para aquelle porto em 25 de janeiro; no dia 24 assignára o ministro Abreu e Lima a circular que chamava todos os emigrados; mas só em 7 de fevereiro se deu conhecimento d'ella¹. Não se tomou providencia nenhuma para o embarque dos miseros refugiados, que estavam cheios de dividas e sabia-se que nem possuíam dinheiro para as pagar e para comer, quanto mais para despezas de embarque. Ao passo que

¹ José Liberato Freire de Carvalho, *Memorias*.

até ali se tinham afastado cautelosamente os portuguezes reconhecidamente liberaes, e que um dos membros da regencia recommendava para a Belgica que não fosse nenhum official, além dos que designava, porque havia muitos, alistavam-se tropas estrangeiras, com officiaes que as commandassem!

XXV

Garrett sentára praça n'um batalhão de caçadores. E partira com Palmella, na companhia de D. Pedro, para Belle-Isle. «Em Janeiro de 1832 sahi de Paris com praça de simples soldado, e consegui por este modo tomar minha humilde parte n'aquella expedição, cujos avisados e cautelosos directores com tanto impenho afastavam toda a gente conhecida de verdadeira liberal, por todos os modos, por modos que hão-de parecer incriveis, e que elles hojê negariam a pés junctos, se fosse possivel negar o de que ha tantas testemunhas e tantas victimas ainda vivas, tantos documentos que hão-de durar mais que ellas¹».

D. Pedro e os seus amigos saíram no dia 10 de fevereiro, na fragata *Rainha de Portugal*. O poeta não foi dos que tiveram a honra de acompanhar o regente. A segunda divisão de emigrados, em que elle ia, levava de novecentos a mil homens; e saiu no dia 29 de fevereiro. Entre os voluntarios contavam-se, além de Garrett, e de Alexandre Herculano, Joaquim Antonio de Aguiar, Julio

¹ *Romanceiro*, de Garrett, tom. I, pag. x.—Em 13 de janeiro (de 1832), explicava o conde de Saldanha, n'uma circular, publicada em Paris, que D. Pedro o mandára chamar para lhe dizer que não o levava comsigo porque a diplomacia se oppunha a que elle fizesse parte da expedição.—*Historia do marechal Saldanha*, por D. Antonio da Costa; tom. I, pag. 218. Lisboa, imprensa nacional, 1879.

Gomes da Silva Sanches, Antonio Fernandes Coelho, André Joaquim Ramalho, Francisco de Sena Fernandes, Basilio Cabral, Vellez Caldeira, e outros muitos conhecidos.

Foi na emigração que Alexandre Herculano e Garrett travaram relações íntimas. Genios de indole diversa, uniu-os a mesma conformidade de vistas e pensamentos. Ambos innovadores: enquanto um regenerava as letras nacionaes em todos os seus ramos, o outro alumiava as trevas do passado com a luz da critica moderna, e reconstruía a historia patria em fórma de monumento imperecedouro. Mas Herculano era mais moço, e não tinha ainda n'esse tempo revelado o profundo saber, que d'ahi a pouco mostraram os seus estudos historicos. Garrett reconheçêra, porém, no joven emigrado o pensador e o philosopho eminente; e consagrára-lhe desde logo a affeição sincera, que só acabou com a sua vida.

Como outr'ora regressaram á patria, na mesma nau, Camões e Diogo do Couto, assim volviam juntos do desterro o grande poeta e o grande historiador modernos. O navio que trazia esses homens illustres era a corveta *Juno*, que se chrisinou em *Amelia*, e foi mais tarde metida a pique nas aguas do Douro pela artilheria miguealista ¹.

Durante a viagem, que levou dezeseite dias, « distribuiram-nos fardamento e armamento, que se havia comprado em França, e era semelhante a algum do exercito francez: farda comprida, azul, com peito branco; calça vermelha; e barretina; as espingardas, d'adarme de caçadores ² ». Os fardamentos não chegaram para todos; e por isso alguns se vestiram grotescamente. A Herculano dêram apenas um capote, tambem de uniforme do exercito francez, sem farda nem barretina!

¹ *Carta* do Conselheiro Antonio Fernandes Coelho ao auctor.

² *Ibidem*. E apontamentos dados por A. Herculano.

Os dias, a bórdo, não se passavam de todo aborrecidos para os voluntarios. Moços, instruidos, a maioria d'elles com talento, provados todos na escola da adversidade, e vogando sobre a onda do acaso para a conquista da patria — vellocino encantado d'esses novos argonautas! — deixaram em terra as tristezas e o medo da morte. Qualquer perigo, por maior que fosse, lhes parecia preferivel á vida atroz que viveram no desterro. Lançaram portanto fóra os cuidados e trataram de tirar o melhor partido possivel da situação presente. Queriam ao menos morrer alegres, se não conseguissem triumphar da má fortuna. Com estas idéas, é claro que não se preocupavam muito com o seu destino. Os commodos do navio eram pessimos; a comida, pouca e má; a roupa, escassissima. . . . Que importava?! Os bons ditos, as satyras finas, os versos, os discursos graciosos substituiam jovialmente as outras necessidades dos viajantes. Garrett, rodeado sempre pela maioria dos seus companheiros, era terrivel para os que lhe incorriam no desagrado. Mas nunca os seus epigrammas tomavam character offensivo; salvo se corrigiam insolencias. Os desgostos e privações do exilio tinham-n'ó azedado um pouco: accusavam-n'ó de ter má lingua; de não poupar, sobretudo, os que se julgavam grandes; e nunca faltavam amigos que o aticassem, para lhe ouvirem as phrases de incomparavel graça com que fulminava os ridiculos alheios. Porém, todos eram concordes em dizer que nunca o ouviram calumniar nem diffamar ninguem. Uma das causas que n'essa viagem lhe provocou mais a veia satyrica foram as calças encarnadas e o peito branco da farda.

« Usarei por qualquer modo decente do meu fraco braço e da minha mal aparada penna, em favor da causa da liberdade e da rainha — dizia elle; — mas peço que me dispensem d'esta vestimenta. Servir a patria em trajos de palhaço, está acima das minhas forças. Se queriam

arlequins, em vez de soldados, deviam ter dito isso lá em terra¹. »

Por cumulo de ridiculo, deram não sei que picaresca alcunha aos das calças vermelhas, fortalecendo assim a repugnancia e aversão do poeta; de modo que, apenas chegou á Terceira, passou logo, com os outros bachareis, para o corpo academico.

A proposito do que se lê na biographia manuscripta, com relação ao seu assentamento de praça no batalhão de caçadores, escreveu elle á margem: «D'aqui o equivoco de M. Quinet, que não interpretou bem o prologo do 1 tomo do *Romanceiro* do sr. Garrett, e que vendo o seu retracto em Lisboa com a farda de academico, imaginou o absurdo romance que se lê no citado opusculo *Mes vacances en Espagne* ». — O 'absurdo romance' foi dizer Mr. Quinet: «... d'abord simple soldat²...» falando do chefe da renascença litteraria de Portugal! O poeta escandalisou-se com a idéa de que se fosse julgar lá fóra que elle começára a sua carreira como soldado razo de algum regimento de linha! Um homem tão grande, tão sinceramente liberal, monarchico, sim, porém mais affecto sempre á causa da democracia do que aos governos aristocraticos, e tão preocupado, nos ultimos vinte annos de vida, da *nobreza* da sua origem!

Pobre natureza humana, que até quando queres parecer maior mais revelas a tua pequenez!

¹ Apontamentos dados por A. Herculano.

² *Mes vacances en Espagne*, Bruxelles, 1846, pag. 332 e 333. O meu exemplar era o de Garrett, que m'o deu com a expressa recommendação de eu explicar bem o equivoco de Quinet!

XVIII

Desembarque na Terceira.—Estado dos animos.—Garrett e sua familia.—Recordações da *comedia famosa*.—Retrato de D. Sebastião.—*O Romanceiro*.—Outra mulata e mais creadas velhas.—Secretaria do reino.—Fica em Angra, no corpo academico, quando a sede do governo se transfere para S. Miguel.—D. Pedro compenetra-se da sua missão mais seriamente.—Ordem para que o poeta se apresente em Ponta Delgada.—Trabalhos da dictadura.—Collaboração de Garrótt com Mousinho da Silveira.—A lei de 16 de maio.—*Ramo de cypreste*.—*Noite de S. João*.—Olhos pretos.—Partida.—A viagem.—Chegada á costa de Portugal.—O parlamentar.—Desembarque.—Entrada no Porto.—Enthusiasmo.—Providencias.—A acção de Ponte Ferreira.—Terror panico.—D. Thomaz Mascarenhas.—Cêrco.—O refeitorio dos Grillos.—O coronel Luna.—Organisação da secretaria do reino e da dos estrangeiros.—Contacto com o imperador.—Novo sellador da alfandega.—Officiaes maiores.—O preambulo da Torre e Espada.—Decretos de condecorações.—Dito, agradando o duque da Terceira.—Rodrigo da Fonseca Magalhães.—Vogal da commissão dos codigos commercial e criminal.—Idéa da missão ás ilhas dos Açores.—Distracções.—Intrigas.—Missão a Londres, Paris e Madrid.—Erros dos milagreiros.—As freiras e os frades de Villa do Conde.—Frei Fortunato de S. Boaventura e o ministro Luiz de Paula Furtado.—Dissolve-se a missão diplomatica, e Garrett fica em Londres sem destino.—Passa para França. Mais miseria.—Carta a João Pedro Soares Luna.—Outra a Candido José Xavier, e resposta d'este ministro.—Ultimo appello inutil.—Manuel de Araujo Porto-Alegre.—Carta a José Gomes Monteiro.—Começa a restaurar o *Magriço*.—Expedição do Algarve, derrota da esquadra miguelista, e entrada do exercito liberal em Lisboa.—Regresso do poeta.

I

Os emigrados desembarcaram na Terceira em condições deploraveis. Uns fardados; outros em trajos de phantasia, meio á militar meio á paizana; muitos, rôtos e sem roupã branca; e todos, como pôde imaginar-se, sabendo-se que tinham ido nos porões dos navios, e que raros tinham tido maca ou enxerga em que se deitassem! Os amigos ou parentes, que os foram receber á praia, com elles repartiram fraternalmente as suas roupas bran-

cas e fardamentos. Apesar de serem igualmente pobres os que estavam na ilha, movidos por natural generosidade, e pela alegria de tornar a ver os seus irmãos de infortunio, davam de boa vontade parte dos seus modestos haveres aos recémchegados. Assim repararam estes, em poucos dias, o melhor que foi possível, os estragos do vestuário.

Era excellente o estado dos animos. Havia ainda as usuaes intrigas, entre os influentes que rodeavam D. Pedro, e que pretendiam prepará-lo para chefe de partido, no intuito de governarem com elle; mas estava-se já em terra portugueza; esperava-se partir d'ahi a pouco para o continente; e todos confiavam por isso na modificação d'esses planos, trazida naturalmente pelos acontecimentos futuros.

II

Havia mais de dez annos que João Baptista não via a sua familia. Foi, pois, com grande alvoroço, que, apenas desembarcado, correu a lançar-se nos braços de sua querida mãe, que tanto o estremecia, e tantas vezes o tinha chorado, maldizendo os horrores da guerra civil. Segundo um documento que tenho á vista, escripto por Alexandre Garrett, e dirigido a D. Miguel, Antonio Bernardo fôra vexado por alguns liberaes, que só attenderam a ter elle um filho miguelista, esquecendo-se de que João Baptista e Antonio eram constitucionaes, tendo aquelle prestado com a penna relevantissimos serviços á causa da rainha. Um cunhado de João Baptista estava ainda preso, por causa do miguelismo de Alexandre, e foi necessario que o poeta recorresse á influencia de Mousinho da Silveira para o mandar soltar.

Após as primeiras effusões do affecto, percorreu João os logares onde passára a sua alegre juventude, para

matar saudades, se é que morrem jámais as de nossos primeiros annos. De envolta com as recordações dos seus estudos primarios lhe voltaram as reminiscencias d'aquella *comedia famosa*, que em 1818 vira representar na Póvoa de Varzim. Talvez que revolvendo já na mente os primeiros lineamentos da mais perfeita de todas as suas obras theatraes, ia muitas vezes em Angra contemplar um retrato de D. Sebastião, que estava no palacio do governo, antigo collegio de jesuitas. Esse retrato passava por ser o mais authenticico, e é tradição que fôra para ali mandado pelo proprio retratado. Tão gravado o trouxe Garrett na memoria, que por elle fez depois a descripção que pôz na bocca da filha de Manuel de Sousa Coutinho¹.

III

Dizia o poeta que na mochila do soldado levára para os Açôres o seu trabalho, inedito, sobre o *Romanceiro*, e que nas horas vagas do serviço se occupava com elle em Angra; que ali encontrou outra mulata brazileira, serva de sua irmã, e varias creadas velhas, que, como outr'ora a boa Rosa de Lima e a excellente Brigida, lhe forneceram novas lições dos romances que já tinha, e outros inteiramente novos para elle. — «Mas este achado fez mais do que enriquecer, salvou-o (ao *Romanceiro*): porque, ao partir para San Miguel, o deixei em Angra com minha mãe que Deus tem em gloria, que desejava distrahir, com essas curiosidades que ella intendia e avaliava com o tacto perfeito e a sensibilidade elegantissima de que era dotada, alguma hora das tantas em que já lhe pesavam duramente as molestias do ultimo quartel da vida. . . Molestias aggravadas de muita afflicção e cuidado — ne-

¹ Garrett, *Frei Luiz de Sousa*, pag. 204.

nhum que seus filhos voluntariamente lhe déssem— todos a adorámos e honrámos sempre—mas que lhe davamos comtudo pelas circumstancias fataes da epocha e das confusões politicas em que andavamos mettidos¹.»

Foi pois o *Romanceiro*, segundo o auctor affirmava, o unico dos seus trabalhos litterarios da emigração, que escapou ao naufragio da barra do Douro, de que já tratei n'outra parte. Escapou, por ter ficado em poder da mãe, em vez de ir, como os outros, para S. Miguel, de onde os remetteram para o Porto no tal navio perdido².

IV

Mousinho da Silveira, que era então ministro do regente, chamou-o para a secretaria do reino, encarregando-o dos trabalhos mais importantes, por ser elle um dos homens de mais variados conhecimentos que ali se achava e tambem pelos motivos de confiança affectuosa que inspirava áquelle illustre patriota.

Tendo-se dissolvido o batalhão de caçadores, onde tinha praça, fôra, como já se disse, alistar-se no corpo academico, sob o numero 72. E como este corpo ficasse na Terceira, quando a séde do governo se transferiu para S. Miguel, conseguiu que Mousinho o dispensasse do serviço de secretaria e lhe permittisse gosar algum tempo as doçuras da casa paterna.

Foi, porém, de curta duração esse repouso.

D. Pedro, que parecia ao principio querer eclipsar a

¹ Garrett, *Romanceiro*, tom. I, pag. XII e XIII, 1843.

² Veja-se tudo quanto elle diz sobre este assumpto, no citado prefacio do tom. I do *Romanceiro*, edição de 1843. Parece-me haver ali varios erros, sendo, a pag. xv, a data de 1831, em que não estava em Lisboa para receber aqui o manuscrito, bem como a noticia dos papeis naufragados, que n'outra parte tento esclarecer.

rainha sua filha, reconheceu, em Ponta Delgada, que, além dos seus *amigos*, ninguém mais accitaria a substituição, e resolveu-se finalmente a fazer jogo franco. D'ali em diante o seu papel foi sempre nobilissimo, e representou-o até á morte com a maxima lealdade e firmeza. De accordo com Mousinho da Silveira tratou portanto de preparar as leis, que deviam lançar os fundamentos da tremenda reforma da sociedade portugueza. Mousinho era o homem mais competente para applicar esses formidaveis revulsivos; D. Pedro, o mais capaz de apoiá-los; e Garrett, dos que ali estavam mais em circumstancias de fazê-los¹.

O regente deu ordem ao seu ministro para que se chamasse immediatamente o poeta, ao qual se expediu a seguinte portaria, pelo ministerio da fazenda:

«Manda o Duque de Bragança, Regente em Nome da Rainha, que Vossa mercê parta para esta cidade, pela primeira embarcação que se lhe offerecer, para ser convenientemente empregado no serviço da mesma Augusta Senhora, ficando na intelligencia, que por esta occasião se expede ordem ao seu commandante pelo Ministerio da Guerra.—Deus guarde a Vossa mercê.—Paço em Ponta-Delgada, 27 de Abril de 1832.—*José Xavier Mousinho da Silveira*.—Senhor João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett.»

V

A ordem de marcha é assim concebida:

«Brigada d'Artilheria de Montanha.—Em execução ao que me foi determinado por Sua Excellencia o Senhor

¹ Isto seja dito sem offensa de tantos e tão distinctos academicos, que lá se achavam igualmente. Nenhum d'elles, porém, se tinha dado ainda a esses estudos, tanto como Garrett. Elle proprio o disse, e ninguém o desmentiu.

Marechal de Campo Francisco de Paula Azeredo, Governador interino da ilha Terceira, embarca para a ilha de São Miguel, para ali se apresentar ao Excellentissimo Ministro dos Negocios de Justiça, o voluntario academico o Illustrissimo Senhor João Baptista Garrett, devendo embarcar no primeiro navio que d'este porto seguir viagem para a dita ilha, o que tudo me foi ordenado em officio com data de hoje: o dito Ill.^{mo} Snr. João Baptista Garrett vae soccorrido de pão até á data d'este.—Quartel no Convento de Santo Antonio, 7 de Maio de 1832.—*João Pedro Soares Luna*, Major de Artilheria.»

Assim deixou o poeta a sua casa, na Terceira, onde, segundo as suas proprias expressões, ao menos tinha que comer, e foi para S. Miguel trabalhar dois mezes sem descanso nas leis da dictadura. Collaborou mais ou menos em quasi todas ellas, com Mousinho da Silveira, e isto sem receber ordenado, subsidio, gratificação, nem remuneração de nenhuma especie. Trabalhou gratuitamente, como já fizera em Londres, voltando ao fim d'esse tempo para o seu corpo, sem receber sequer um — muito obrigado!

«A minha curta estada nas ilhas — diz elle — foi empregada quasi toda nos trabalhos de legislação e organização administrativa a que ali se procedeu, e de que me encarregou a amisade e confiança de um amigo particular, então em grande valimento, ao qual e á dura necessidade de me achar eu unico ali que tivesse estudado aquellas materias, teve de ceder forçosamente a ciosa malevolencia dos accaparadores que já na esperança estavam devorando as ruinas de Portugal a que almejavam chegar — pelos esforços e risco alheio — não por certo para meditar sobre ellas como outros Mários — oh que Mários! — mas para as revolver e basculhar como Alaricos. . .

«Faziam-me a honra de me querer mal esses senhores; lisongei-me de lh'o merecer: davam-se ao incómmodo

do de me intrigar; e era desperdício de tempo e de arte, por que não ha mister intrigas para tirar favor de principes a quem, como eu, os aprecia muito e se honra muito d'elles, mas não é capaz de fazer o mais leve sacrificio para os conservar; jámais soube, em tantas oppor-tunidades, convertêl-os em nenhuma *consequencia legitima*; nunca, nem o mais indirectamente que é possível, tratou de os consolidar em nenhuma realidade utilitaria e de proveito pessoal¹.»

VI

Mousinho da Silveira «que inteiramente se tinha apoderado do animo de D. Pedro, aproveitou esta occasião unica, *certamente unica*, e é preciso, para ser justo e poder avaliar devidamente as coisas, não esquecer a circumstancia — aproveitou, digo, aquella occasião certamente unica, para fazer acceitar e converter em leis as suas refórmãs radicaes e tremendas²».

Essas leis formidaveis, que revolviã de alto a baixo toda a constituição material e social do reino, «são um grande monumento, são o termo onde verdadeiramente acaba o velho Portugal e de donde começa o novo³». Garrett trabalhou na maioria d'ellas, discordando muitas vezes das opiniões de Mousinho, disputando em muitos pontos, especialmente nas questões de circumstancias e de tempo, nos detalhes de muita cousa, em que era quasi sempre vencido, «não tanto pela auctoridade do logar quanto pela da pessoa⁴».

Da lei de 16 de maio cabe-lhe, comtudo, grande responsabilidade. Foi elle, só elle quem a fez; e sendo par-

¹ Garrett, *Romanceiro*, tom. I, pag. XI, 1843.

² Garrett, *Obras*, tom. XXIII, pag. 365.

³ *Ibidem*, pag. 366.

⁴ *Ibidem*, pag. 367.

tidario sincero da descentralisaçãõ, transportava para Portugal as doutrinas centralisadoras da legislaçãõ franceza! No relatorio traduziu quasi á letra os *Principios de administraçãõ*, de Bonin, consentindo que Mousinho mutilasse, por precipitaçãõ, parte do que n'elles havia de liberal. Todavia, deve attender-se a que trabalhava subordinado ás bases que lhe dava o ministro, sem ter quem o coadjuvasse e sem livros a que recorrer, além da obra de Bonin, que era de Mousinho¹. Estes trabalhos, os primeiros que appareciam em Portugal, nem os nossos mais habéis juriconsultos estavam então ainda em circumstancias de realisál-os; e, apesar dos seus defeitos, foram, durante muitos annos, e são talvez ainda hoje, os que servem de apoio a quantas reformas se teem feito ou fazem n'esse ramo. Nem podem ser considerados, do mesmo modo que as outras leis da dictadura de D. Pedro, senão como base. Na *Memoria historica de Mousinho da Silveira*, confessa Garrett e se accusa das faltas que commettêra ao escrevêl-os, especialmente na redacçãõ da lei dos foraes, que tantos males causou².

¹ Veja-se o que elle diz a este respeito no *Relatorio e bases para a reforma administrativa*, apresentado na camara dos pares, em sessãõ de 21 de janeiro de 1854.

² Garrett, *Obras*, tom. xxiii, pag. 367. Prouvéra a Deus que todas as reformas, emprehendidas de 1832 para cá, trouxessem tão liberal impulso, como o que traziam as leis de Mousinho, redigidas pelo nosso auctor! E não se julgue que, dando-se aqui tamanha importancia á collaboraçãõ d'este, se pretende amesquinhar a obra de Mousinho da Silveira, deixando-lhe n'ella apenas uma parte secundaria. Seria injusto e absurdo. Proponho-me sómente mostrar que Mousinho achou em Garrett interprete digno das suas idéas; que o seu pensamento foi comprehendido e as leis redigidas por quem sabia o que fazia. A doutrina d'essas leis, o systema que lhes dava unidade e completava a revoluçãõ que ellas iam fazer era exclusivamente de Mousinho. Os trabalhos de redacçãõ, concatenaçãõ, todos os estudos tendentes a desenvolver a verdadeira philosophia que inspirára o legislador, eram de Garrett. Outro academico, dis-

VII

Nas horas vagas d'esses trabalhos, em que a penna servia de machado para cortar as raizes da arvore caduca do antigo Portugal, tomava o poeta com a mesma mão o romantico alaúde, e cantava, em voz maviosa:

«.....
 Oh! quando faminta espada
 Ou sibilante peloiro
 Houver emfim terminada
 A amarga, penosa vida...
 Ao menos — se, assim pedida,
 Mercê tal é de outorgar —
 D'esses teus olhos divinos
 Uma lagryma sentida
 Venha piedosa os destinos
 Do proscripto vate honrar!¹»

Esses versos trazem a seguinte nota:

«Na ante-vespera da nossa partida de San'Miguel com a expedição para o Porto, uma joven senhora — que hoje deve de ser anjo no céu — colheu um ramo de cypreste e o deu ao auctor... no dia seguinte exigiu que elle lh'o restituísse; e o ramo voltou acompanhado d'estes versos. É quanto basta para se elles entenderem: com o mais não tem nada o leitor².»

No dia seguinte escrevia, segundo affirma, a *Noite de San'João*, que juntou mais tarde ao primeiro tomo do *Romanceiro*, com o prefacio, de que transcrevo este curioso pedaço:

«Foi em San'Miguel, as antenas dos nossos navios já

tincto já tambem a esse tempo, fôra igualmente chamado por Mouzinho para a organização e reformas da justiça: era Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa.

¹ Garrett, *Flores sem fructo*, 1845, pag. 136.

² *Ibidem*, pag. 231.

levantadas para sair a expedição;— soltámo-las ao vento d'ahi a horas. . . Isto escrevia-se na quinta do meu velho amigo, o snr. José Leite, cavalheiro dos mais distinctos e velho o mais amavel que produziu o archipelago dos Açôres. Tambem ali estavam, para inspirar o poeta, uns olhos pretos de quinze annos, que promettiam arder ainda tanta noite de San'João, fazer queimar tanta alcaçofra por sua conta! . . . Já os cobriu a terra.

«Faz hoje dez annos que aquillo foi; e ainda não envelheci bastante para o esquecer¹.»

Da sua vida de poeta consagrou uma parte aos olhos pretos; e outra. . . aos olhos de todas as côres! *Similia similibus curantur*.

VIII

A 27 de junho despediu-se da familia Joyce, em casa de quem estava hospedado, embarcando na frota «que encerrava as esperanças e destinos da patria» segundo a expressão de Agostinho José Freire no seu relatorio ás camaras, em 1834. A esquadra levantou ferro ás duas horas da tarde de 27 de junho.

Como na famosa expedição que partira outr'ora das praias da Thessalia, não faltavam a bordo Hercules, Jasons, Castores e Pollux, nem os proprios Esculapios. Havia, porém, apenas um Theseu e um Orpheu: e este ultimo, como o antigo, precisára de grande força de vontade para se não deixar attrahir pelas sereias das Ilhas, que, ainda assim, lhe ficaram lembrando muitos annos. Mas os novos argonautas não iam, como os d'outr'ora, procurar as minas do Oural: o seu vellocino d'ouro era a liberdade; a Colchida que buscavam, a velha Lusitania, a terra de seus paes, escravizada por tyrannos.

¹ Garrett, *Romanceiro*, 1843, pag. 134.

A viagem foi de dez dias, que, á parte o enjôo dos que padeciam d'esse mal terrivel, não parecia de homens que corriam ao encontro de tantos e tamanhos perigos, quasi de morte inevitavel, e talvez affrontosa, para os que fossem apanhados pelo usurpador. Improvisavam-se concertos, servindo para isso toda a qualidade de instrumentos; cantava-se, recitavam-se versos, e é de crer que Garrett não fosse dos menos entusiastas por esses divertimentos. Apesar de não ser dotado de grande bravura, e de amar mais a vida de gabinete que a dos campos de batalha, nunca ninguem o viu fugir diante do inimigo; nem nas circumstancias mais criticas da sua existencia o desamparava a jovialidade e graça, até para metter a ridiculo a propria situação!

A 7 de julho avistou-se terra, entre Vianna e Villa do Conde. Eram dez horas da manhã. Ás nove horas do dia 8 içou-se na fragata *Rainha de Portugal* o pavilhão real, que foi saudado com vinte e um tiros por todas as embarcações de guerra. Immediatamente desembarcou Bernardo de Sá Nogueira, ajudante do imperador, mandado por este como parlamentar ao visconde de Santa Martha, com um exemplar do manifesto e outro da proclamação que o regente dirigia á nação portugueza. Intimava-se o general miguelista, para que se rendesse, evitando o derramamento de sangue, e ameaçando-o com a responsabilidade do que viesse a correr por effeito da sua obstinação¹.

O official a quem Bernardo de Sá foi apresentado, chamava-se José Cardoso Barbas de Menezes e commandava uma das brigadas do Santa Martha. Furioso com a audacia da intimação, respondeu ao enviado:

—O que eu devia fazer era mandál-o fuzilar.

—Fuzile—respondeu tranquillamente o parlamenta-

¹ *Chronica constitucional*, do Porto, 1832.

rio constitucional; — fuzile e fique deshonrado para sempre á face da Europa ¹.

Ás duas horas da tarde começou o desembarque, no Mindello, sendo a guarnição do brigue *Villa Flor* a que saltou primeiro e logo cravou na areia a bandeira azul e branca. Algumas patrulhas de cavallaria inimiga, que quizeram approximar-se, foram afastadas pelos tiros do brigue *Liberal*. Em seguida á guarnição do citado navio, desembarcou o conde de Villa Flor com o seu estado maior, parte do batalhão de caçadores n.º 5, e outra parte do batalhão de marinha. Ás seis da tarde chegou o imperador; e ás nove estavam em terra os sete mil quinhentos e tantos homens, que um valor e patriotismo incomparaveis, fazendo esquecer os erros passados de alguns, tornaram todos legendarios e dignos da admiração e respeito de quantos portuguezes amam a liberdade.

Na madrugada de 9 entravam no Porto os batalhões de caçadores 2 e 3; e ao meio dia a cidade acclamava com indescriptivel enthusiasmo o resto do exercito, á frente do qual ia o duque de Bragança. Poucas horas antes tinha o povo destruido os patibulos, que por espaço de quatro annos estiveram sempre ensopados no sangue dos martyres da patria.

Garrett desembarcára com os seus camaradas, de espingarda ao hombro e mochila ás costas; participou da pequena ração de bacalhau e bolacha que se distribuiu pela tarde aos soldados: e marchou a pé, toda a noite, até ás tres horas do dia seguinte, em que entrou no Porto a guarda da retaguarda do exercito, que fôra confiada ao corpo academico ².

¹ *Jornal da noite*, Lisboa, 8 e 9 de janeiro de 1876.

² *Biographia ms.*

IX

Publicou-se logo a amnistia; formaram-se batalhões nacionaes, moveis e fixos, de todos os habitantes de dezoito a cincoenta annos de idade; extinguiram-se as milicias, ordenanças e voluntarios realistas; e tomaram-se muitas outras providencias, no intuito de pôr a cidade em condições de resistir ás primeiras eventualidades. D'ahi a pouco tempo deu-se a acção de Ponte Ferreira, que foi a primeira victoria do partido liberal no continente. O inimigo fôra desalojado, com grande perda, desde ali até Baltar, retirando d'este ultimo ponto, em completa derrota, para Amarante, depois de largar os feridos em Penafiel.

O irmão de Garrett fugira do Porto, com outros miguelistas tão apaixonados como elle. As tias do poeta haviam fixado residencia no Sardão ou em S. Miguel das Aves. Não tendo por consequencia parentes na cidade, ou tendo-os de qualidade, que, em similhante occasião, principalmente, lhe não convinham, João Baptista residia ora no quartel ora na mesma casa em que vivia Mousinho da Silveira, e fazia serviço militar no seu corpo, cada vez que o julgava util á causa.

Na noite de 23 de julho, quando D. Pedro estava ainda com o exército em Ponte Ferreira, foi a cidade tomada de terror panico, que fez fugir muita gente. Uma mulher, que passára o Douro proximo a Avintes, affirmára que os liberaes tinham sido cortados e que o exercito miguelista vinha em grande peso sobre o Porto desguarnecido. D. Thomaz de Mascarenhas, governador militar, com mais imprudencia do que covardia, dera o signal de alarme, ordenando que se batesse a todas as portas das casas, onde dormiam os liberaes; que se queimassem os depositos da polvora e se encravasse a artilheria; e

declarando que ia fortificar-se na torre da Marca ou no castello de S. João da Foz, com quem quizesse acompanhá-lo.

Era meia noite: um alferes de cavallaria, que depois teve titulo de barão, parou o cavallo á porta do voluntario academico Bartholomeu dos Martyres, e chamando este á janella, disse-lhe, através das grades, fallando em voz baixa e muito perturbado, que tudo estava perdido e que fosse immediatamente, por ordem do governador militar, conduzir Mousinho da Silveira para bordo: e que, conjunctamente com o ministro, salvasse os fundos. Bartholomeu armou-se, correu á rua da Fabrica e participou tudo a Mousinho, que punha as mãos na cabeça, soltando exclamações de desespero e raiva, e recusando fugir. Obrigado quasi por Bartholomeu e por Garrett, que lá tinha ficado essa noite, foi que se resolveu a fazê-lo. Os dois academicos acompanharam-n'o a bordo do transporte *Berodino*, onde já estavam outros fugitivos; e voltaram para terra, indo novamente reunir-se ao seu corpo.

No dia seguinte, reconhecida a falsidade dos boatos, começaram a reaparecer na cidade, muito corridos de vergonha, todos os que tinham fugido. Quando D. Pedro entrou, com o exercito, e soube do acontecido, apesar de despeitado, deu absolvição geral para todos; excepto a D. Thomaz de Mascarenhas, ao qual se insinuou que pedisse a demissão, o que elle fez, e lhe foi logo concedida ¹.

¹ A paixão, pelo terem taxado de covarde, levou-o a procurar depois a morte, arremessando-se de olhos fechados, em Campolide, contra as hostes de Bourmont. (Conde da Carreira, *Correspondencia official*, pag. 10). Outros, menos sensiveis, não se envergonharam de que os vissem enterrados em areia, dentro de catraias, perguntando com voz sumida, aos amigos que iam passando, se os miguelistas já tinham entrado!

X

Seguiu-se o prolongado cêrco do Porto pelos migue-
listas. Em 2 de agosto dizia D. Pedro, para Londres, ao
marquez de Palmella, que não só era impossivel man-
terem-se na cidade, mas até o poderem retirar-se para
os Açôres; e que por isso se resolvêra em conselho es-
crever ao governo inglez, para que este fizesse alguma
proposta aceitavel pelos dois partidos combatentes ¹.
Em seguida, recebia o marquez outra carta, do mesmo
principe, declarando que tudo estava perdido, e lem-
brando que se pedisse a suspensão de armas, dentro de
trinta dias, aliás não poderiam salvar-se os sitiados ².

Alguns dos ministros instavam com o duque de Bra-
gança, para que desamparassem a cidade, enquanto era
tempo, e communicaram-lhe por todos os modos o seu
desalento. Por fortuna da causa liberal, as intermitten-
cias de falta de animo de D. Pedro eram de curta du-
ração, e fugiam ao menor vislumbre de esperança. Na
ocasião em que as munições escassearam, reuniu-se o
conselho e foram por alguns dos membros d'elle reno-
vadas as instancias para a retirada. O regente, que esta-
va ouvindo os diversos pareceres, de olhos baixos e com
a cabeça apoiada á mão, teve um impeto de nobre indi-
gnação, e levantou-se, dizendo com energia:

« Não; nunca! Antes morramos aqui todos! E se re-
tirarmos, eu serei o ultimo a embarcar. »

Este rasgo salvou a liberdade.

N'esta, ou n'outra semelhante circumstancia, foi de-
nunciado o conde de Saldanha como traidor, porque ia,

¹ *Despachos e correspondencia do duque de Palmella*, tom. iv, pag. 770, 772.

² *Loc. cit.*

de noite, a bordo de um navio, surto no Douro, combinar a entrega do Porto com o general Lemos, e o visconde da Bahia, que ali vinham occultamente. Sebastião de Almeida e Brito, que morava defronte do duque de Bragança, viu, de manhã muito cedo, as janellas do regente abertas e este no meio da sala, a gritar, fallando com outra pessoa, que Sebastião não descobria do interior do seu quarto, e que era o general Solignac:

«Ha de ser fuzilado! Fuzilado! Hoje mesmo!»

D'ahi a pouco soube Almeida e Brito, e dizia-se em toda a cidade, que se tratava de Saldanha. Chamado este á presença de D. Pedro, confessou ser verdadeira a accusação de ir conferenciar com os generaes miguelistas; mas acrescentou que o seu fim era salvar as vidas dos sitiados e a causa da rainha; que não se tinha ainda chegado a um accordo satisfactorio, e que por isso não havia communicado já a D. Pedro o resultado dos seus esforços, para que este os approvasse ou rejeitasse!

A terrivel situação em que se achavam os sitiados fez com que se acceitassem as explicações de Saldanha e o déssem por illibado. Mas, perante a historia, é possível que este facto seja apreciado de mui diverso modo¹.

¹ Nos *Annaes*, de José Liberato Freire de Carvalho, diz este escriptor (tom. iv, pag. 85), com a maior falta de critica, que D. Pedro e Solignac «quasi lhe pediram perdão (a Saldanha) e se prostraram de joelhos». Este disparate tem sido citado por outros auctores, sem que nenhum se tenha lembrado de perguntar simplesmente em virtude de que poderes um general, que tinha ali superiores e governo legal constituido, ia tratar com os inimigos. Sem duvidar das boas intenções e da fidelidade de Saldanha, n'essa conjunctura, salta aos olhos o absurdo de lhe pedirem perdão de joelhos, e de o louvarem por ter commettido uma falta digna do mais severo castigo. Ignoro o que Garrett sabia ácerca d'este assumpto, e se queimou ou lhe roubaram o que tinha escripto da *Historia da restauração*; mas ouvi-lhe dizer muitas vezes, quando se julgou offendido pelo ministerio de que fez parte, em 1852, promettendo a al-

XI

No dia em que o exercito libertador entrou na cidade invicta, fôra destinado o convento dos Grillos, vulgarmente dito, o Collegio' para quartel do corpo academico, que ali permaneceu muito tempo. N'esse edificio historico principiou Garrett a escrever o *Arco de Sant'Anna*, de que ao diante fallarei mais detidamente. No capitulo 2.º d'esse romance diz o auctor, referindo-se á sua obra:— «... precioso manuscripto achado na livraria reservada do reverendo Prior dos Grillos, a quem Deus perdôe não ter deixado na sua cella, quando fugiu, nem uma caixa de doce, nem uma garrafa de vinho potavel,

guns dos ex-collegas a parte que lhes destinava no seu trabalho: « Quanto a Saldanha, hei de reduzi-lo a cabo de esquadra ». Se não foram destruidas as provas escriptas, consulte-as quem as tiver.— Quiz-se fazer acreditar, para desculpar Saldanha, que era com elle que os inglezes prestavam os seus bons officios para se acabar com a guerra civil! Os que diziam isto, esqueciam-se de que os inglezes insinuaram aos directores dos negocios da rainha, e ao proprio D. Pedro, a exclusão do aliás valentissimo general!

N'aquelle desgraçado tempo passaram-se dentro do Porto factos que nem mesmo então poderam ser bem explicados. Como ha de pois esclarecêl-os a critica historica, meio seculo depois? A diplomacia teimava ainda em levar ali propostas para o reconhecimento de D. Miguel. E dizia-se que D. Pedro as acceitaria, casando aquelle com a sobrinha e dando amnistia geral! Outros asseveravam, e diz-se ainda hoje, que por mais de uma vez se quiz entregar o Porto por traição; e que existe, ou existiu documento, que, se apparecesse, cobriria seu auctor de eterno opprobrio. Se isto assim foi, oxalá que não possa provar-se nunca! Antes a mão do algoz queime esse documento, sem revelar o seu conteúdo! Ha crimes tão horrendos que repugna deixar á rasão humana a responsabilidade d'elles. Que succederia se os miguelistas tivessem entrado no Porto? Onde haveria forcas que bastassem para os saciar? Realizada a hyperbole do poeta, o Douro « levaria em vez de agua, sangue aos mares! »

nem golosice de nenhuma especie, das que eram de esperar n'aquelle devoto aposento, e que bem contavamos achar n'elle os pobres estudantes quando ali chegámos mortos de sêde e de cançasso ¹».

A paginas 88 e 89, do mesmo livro, delicia-se com as descripções das goloseimas do bispo, e diz que apesar de ter comido jantares feitos por M. Pigeon, o mais illustre cozinheiro depois de Vatel, não esteve no poder d'aquelle artista fazêl-o esquecer dos caseiros e modestos pasteis da sua terra. Raro é o livro em que não se revela o seu supposto amor pela copa e a cozinha! Parecia comprazer-se em fingir de glotão, quando realmente apenas era goloso, mas sobrio!

João Pedro Soares Luna, coronel commandante do corpo academico, a quem Garrett dedicou depois o *Arco de Sant'Anna*, frequentes vezes aconselhava o poeta para que se applicasse ás cousas litterarias, dispensando-o do serviço militar, e dizendo-lhe que as letras não eram menos uteis á patria do que a peça e a espingarda; que para estas não faltavam braços valorosos, mas que eram raros os grandes engenhos para honrar aquellas.

Poucos dias depois da chegada ao Porto encarregou-o o ministro do reino, marquez de Palmella, de organizar a respectiva secretaria; e n'ella trabalhou, como official maior, desde julho até 19 de novembro. Muitas vezes serviu identico logar na dos negociôs estrangeiros, que tambem ajudou a organizar, embora nunca apparecesse decreto da sua nomeação para nenhuma das duas, como logo veremos. Aquellas repartições estavam ambas na casa em que residia o imperador, a quem por essa occasião o nosso auctor tratou mais de perto, recebendo d'elle muitas provas de consideração e estima ².

¹ *Arco de Sant'Anna*, tom. I, pag. 41; 1851.

² *Biographia* ms.

Em attenção a elle, mas não por seu pedido, foi dado a seu irmão Antonio Bernardo o logar de sellador da alfandega do Porto, que outro irmão, Alexandre, desamparou, sendo demittido por affecto ao partido miguelista. O decreto da nomeação passou-se em 4 de agosto de 1832, e dizia que se concedia porque no agraciado «concorriam as qualidades necessarias para bem o servir¹». Antonio Bernardo da Silva viera dos Açôres com João Baptista, provavelmente porque, prevista a demissão de Alexandre, se calculou que dariam o cargo a um estranho, não se antecipando a pedil-o qualquer membro da familia, que fosse constitucional.

Apesar de se acharem já quasi todas as secretarias d'estado reorganisadas, e entregue a direcção de algumas d'ellas a homens de provada illustração e talentos², era a João Baptista que todos os ministros (e mais principalmente Mousinho da Silveira e Palmella) incumbiam de redigir os documentos a que ligavam maior importancia litteraria. O imperador pessoalmente o encarregou de fazer o alvará da Torre e Espada, do qual o preambulo é um primor; o decreto que condecorou com essa ordem o batalhão de caçadores n.º 5, o de voluntarios de D. Maria II, e mais cento e cincoenta praças do exercito, das que entraram na acção de Ponte Ferreira; e outros muitos trabalhos do mesmo genero, os quaes mereceram os louvores e agrado do duque de Bragança. Foi ainda elle quem fez o officio e decreto, participando e concedendo ao conde de Villa Flor o titulo de duque e 100:000\$000 réis em bens nacionaes. Esse decreto,

¹ *Chronica constitucional*, n.º 15.

² O official da de justiça era Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa; da de fazenda Cazimiro Maria Parrella; da marinha Antonio Pedro de Carvalho; Garrett, official effectivo da do reino, e por vezes da dos estrangeiros, servia na primeira como official maior. Depois foi substituido por Luiz Augusto Auffdiener.

modelo no seu genero, provocou, como era de esperar em tal conjunctura, as iras de quantos se julgavam com iguaes direitos aos do agraciado; e foi necessario que a *Chronica constitucional* o defendesse, explicando que o documento official não tinha dito que a concessão se faria sem annuencia das côrtes, e que portanto só ellas o legalisariam, depois de reunidas. Por este meio habil se desarmou momentaneamente a inveja!

XII

N'este tempo chegou ao Porto Rodrigo da Fonseca Magalhães, que, apesar de ter prestado serviços na emigração, era ainda mal visto e lhe chamavam 'o homem da rua Formosa' ¹. Asseveraram-me que o momentaneo valimento de Garrett não fôra estranho á circumstancia de se vencerem algumas repugnancias, para que Rodrigo fosse devidamente apreciado como homem de grandissimo merecimento. Comtudo, só em dezembro d'esse anno o despacharam director geral da secretaria da justiça.

Em 18 de agosto foi Garrett nomeado membro da commissão encarregada de redigir os codigos criminal e commercial, a qual se compunha, além d'elle, de Joaquim Antonio de Magalhães, Joaquim Antonio de Aguiar, Manuel Antonio Vellez Caldeira Castel-Branco, e Felix Pereira de Magalhães ². A commissão começou logo os seus trabalhos, reunindo-se n'uma das salas do Paço do

¹ Alludindo a certa accusação de conspirador, que se lhe tinha feito.

² « Ministerio da Justiça.—Manda o Duque de Bragança, Regente em nome da Rainha, remetter a Vossa mercê para sua intelligencia e execução competente a inclusa copia, assignada por Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa, do Decreto d'esta data, pelo qual se manda formar uma commissão, de que Vossa mercê é no-

Bispo, onde Garrett nunca faltou, enquanto esteve no Porto.

Pouco tempo depois, sobrevindo difficuldades para a execução do systema administrativo, nas ilhas dos Açôres, lembrou-se o governo de mandar ali Garrett na qualidade de visitador ou commissario regio. Era elle com effeito a pessoa mais competente para esse serviço, não só por ter redigido a lei, que a inexperiencia ou impericia das auctoridades achava impossivel de applicar, como pelo conhecimento que tinha d'aquelles povos, entre os quaes a sua familia gosava de merecida consideração. A nomeação, porém, não teve logar, porque o poeta declarou que preferia ficar no Porto. E como o imperador insistisse na escolha, pela confiança que tinha no escolhido, lhe pediu este uma audiencia particular, na qual (ao avêso do que tantos pediam, que era sair d'ali), lhe supplicou que lhe permittisse acompanhar sua magestade até ao fim da nobre empreza que empreendêra de libertar a patria. O imperador annuiu por fim ao seu pedido, concedendo-lhe que ficasse.

XIII

Fazendo serviço effectivo na secretaria do reino, e por vezes n'essa e na dos estrangeiros, nem por isso o poeta se julgava desobrigado de frequentar os seus camaradas, e de tomar parte no serviço militar do seu corpo, cada vez que se lhe offerencia para isso ensejo. Calumniosamente o accusaram de covarde os invejosos de seus grândissimos talentos, e das qualidades distinctas que raros

meado Vogal, para o fim de redigir um codigo criminal e outro commercial. — Deus Guarde a Vossa mercê. Paço no Porto, em 18 de Agosto de 1832. = *José Xavier Mousinho da Silveira*. = Sr. João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett.»

possuiam em tão alto grau. Disseram que elle se refugiava nas secretarias, com medo do fogo, e que pedia commissões para fóra do Porto, quando todos os documentos provam o contrario! Quem o obrigou a ir alistar-se na expedição, em vez de ficar, como tantos outros, fóra do paiz, e vir, como aquelles fizeram, colher no fim da lucta os fructos da victoria?

A verdade é que, estando dispensado de ir ao quartel, por causa dos trabalhos civis, ali se apresentava frequentemente, tomando parte em todas as acções em que entravam os seus camaradas, que tambem faziam o mesmo, pois que muitos d'elles eram igualmente empregados nas secretarias. E é sabido que todas essas occupações não bastavam ainda para satisfazer a grande actividade do seu espirito. Nos intervallos d'ellas escrevia, como já se disse, os primeiros capitulos do *Arco de Sant'Anna*; fazia versos; estudava a cidade velha, para a descrever no seu romance; e entretinha com chistes a conversação dos amigos, que procuravam a sua amavel sociedade.

Mousinho da Silveira residia na rua da Fabrica¹, em casa de João Luiz de Sousa Souto, coronel de milicias. Garrett ia lá jantar muitas vezes com o seu grande amigo, que sabia apreciar-lhe os dotes de coração e de espirito, e aproveitava todas as occasiões de o ter comsigo. Depois do jantar vinham outros affeiçãoados do ministro e do poeta, se o permittiam os apêrtos do cêrco; e então corriam agradavelmente as horas para todos que ali se reuniam. D. Maria da Arrabida, mulher formosa, casada com um D. José, a quem tinham posto a alcunha de 'periquito', cantava ao piano n'essas occasiões os versos que Garrett improvisava com grande enthusiasmo. Entre

¹ Mudou-se depois para a rua de Cedofeita, por causa das bombas miguelistas, que caíam a miude na rua da Fabrica e por vezes ameaçavam destruir a casa do coronel Souto.

ouvintes estavam quasi sempre o academico Bartholomeu dos Martyres, a quem Mousinho distinguia tambem com especial amisade, Cazimiro Maria Parrella, Luiz Augusto Auffdiener, e ás vezes Rodrigo de Lima Felner, A. Herculano, e outros homens, que depois foram illustres nas letras.

XIV

As intrigas da emigração, que o interesse commum tinha abafado, tentaram recommençar a exercer no Porto a sua funesta influencia, e por mais de uma vez pozeram novamente em risco a causa da liberdade e da rainha. A facção que aspirava a que D. Pedro tornasse a ser rei de Portugal, para governar em seu nome, acabou por conseguir afastar do ministerio a Mousinho da Silveira, que era contrario aos seus fins, e tratou de inventar uma commissão, fóra do paiz, para o marquez de Palmella e para Mousinho de Albuquerque, ministros que tambem tinha por adversos. Esses dois estadistas foram, pois, encarregados, em novembro de 1832, de ir em missão diplomatica ás côrtes de Madrid, París e Londres, solicitar as boas graças d'esses governos para os sitiados do Porto. Por maior disfarce, nomeou-se terceiro collega, que uns dizem ter sido Filippe Ferreira de Araujo e Castro, que estava em París¹, e outros asseveram que era o marquez de Funchal². Mas logo em 17 de janeiro de 1833 escrevia D. Pedro ao marquez de Palmella, demittindo-o da missão, sob pretexto de que n'uma nota ao gabinete britannico excedêra as suas instrucções³.

Era natural que Garrett fosse envolvido na desgraça

¹ José Liberato Freire de Carvalho, *Memorias*.

² *Annuario portuguez historico*, etc. por Antonio Valdez, Lisboa, 1853, pag. 41. E outros escriptores modernos.

³ Duque de Palmella, *Despachos e correspondencia*, tom. iv.

dos seus amigos e superiores, com tanta mais rasão que o sabiam capaz de tomar a defeza d'elles e de fazer pagar caro a audacia de quem os afastava, se o acto não tivesse simulado ser um encargo honroso e de confiança. O poeta estava ainda no vigor da mocidade e já se tinha tornado celebre pelas suas obras immortaes. Apesar de modesto soldado com a espingarda, conheciam-lhe o poder do engenho, com a palayra ou com a penna; não ignoravam que era partidista intransigente da rainha, como Mousinho da Silveira e Palmella; que quasi todos os trabalhos de legislação d'aquelles homens notaveis foram redigidos por elle, e que o imperador igualmente o considerava como o mais illustre de quantos escriptores desembarcaram no Mindello, porque lhe confiava a redacção dos mais importantes documentos. Insinuaram, pois, ao ministro, Mousinho de Albuquerque, a conveniencia de o levar comsigo, como seu secretario. E para que não causasse estranheza essa nomeação, deram, com igual character, ao marquez de Palmella, José Balbino de Barbosa e Araujo, encarregado da direcção da secretaria dos negocios estrangeiros¹. Tão habilmente foi dirigido o plano, d'onde saiu esta missão, que assim como os chefes se julgaram distinguidos pela escolha, o mesmo aconteceu aos secretarios, por motivos de interesse de familia. Garrett tinha a mulher em Inglaterra e contava podêr trazê-la no seu regresso. Tomou portanto

¹ A nomeação de Garrett diz assim: «Ministerio do Reino. — Manda o Duque de Bragança, Regente em Nome da Rainha, que o Bacharel João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett, official, servindo de official maior da Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, acompanhe o Ministro e Secretario d'Estado da mesma Repartição na missão de que por Decreto datado de 18 do corrente está encarregado junto ás côrtes de Londres, Paris e Madrid. — Paço no Porto, 19 de novembro de 1832. — Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque».

como favor especial o que na opinião de um contemporaneo era apenas resultado de uma « intriga de serralho ¹ ».

Se, como por mais de uma vez se tem dito n'estas memorias, D. Miguel soubesse aproveitar-se das dissidencias do partido liberal, houvera sido inteiramente diverso o resultado da lucta. Mas os partidarios do usurpador confiavam menos no seu grande exercito do que nos beatos e milagreiros. No dia 13 de agosto de 1832 as freiras de Santa Clara, de Villa do Conde, avistando a esquadra miguelista, mandaram expôr o Santissimo Sacramento e cantaram um *Te Deum*, seguido de sermão prégado por um frade guerrilheiro, que largou o bacamarte para subir ao pulpito. Finda a cerimonia religiosa, mandaram as madres um refresco a bordo da esquadra, e pediram ao commandante d'ella, Joaquim Felix, que fosse a terra com os seus officiaes, tomar chá com as santas mulheres, e por ventura reaccender

« As apagadas lampadas das virgens »

como disse Garrett ². O official miguelista, agradecendo o mimo, não correspondeu ao pedido com a bizarrria que ellas desejavam, porque tinha a nau a fazer agua por todas as costuras, por ser velha e estar cheia de rombos, em resultado do combate da noite de 10 para 11 com o almirante Sartorius.

As festas ao divino, feitas pelas devotas freiras e pelos prégadores guerrilheiros, não tiveram, pois, podêr de tapar os buracos das impias balas dos malhados nos costados dos santos navios! Grande magoa que assim fosse, sobretudo porque impediu os officiaes miguelistas de apanharem um chá especialissimo!

Do campo de Sant'Anna, em Lisboa, escrevia tambem,

¹ José Liberato Freire de Carvalho, *Memorias*.

² *Magriço*, poema inedito (fragmentos).

a 24 de setembro seguinte, fr. Fortunato de S. Boaventura uma consulta ao ministro Luiz de Paula Furtado, sobre o dar-se a uma confraria o nome de Nossa Senhora da Conceição da Rocha, em vez de Nossa Senhora Auxiliadora. Nas reflexões de que acompanha a lembrança, diz o erudito frade que «Conceição da Rocha significa que a Padroeira do Reino sustentará o Senhor D. Miguel com invencível firmeza de rocha». E acrescenta, que, sabendo quanto o ministro é bom catholico, lhe declara conhecer uma freira do Lourical que tem trato intimo com Nosso Senhor, a qual era de parecer que se pedissem ao papa cinco jubileus para Portugal (porque eram cinco as chagas de Christo), indicando como e aonde deviam ser, porque esses cinco jubileus seriam a columna invencível para sustentar o throno de el-rei nosso senhor (diz elle). O ministro escreveu á margem d'esse original documento, que se encarregasse o embaixador portuguez, em Roma, de pedir os jubileus! Provavelmente, por estes não virem a tempo foi que triumphou a causa da liberdade e da rainha.

Podia citar muitos factos semelhantes, se conviesse provar-se que um dos mais poderosos auxiliares dos constitucionaes foi, além da sua constancia e valor inexcedíveis, a ineptia dos seus contrarios. Porém o meu fim não é escrever a historia d'esse tempo. Se tanto a miude refiro alguns successos d'ella é porque n'elles figurou o meu biographado.

XV

Garrett saíra do Porto, com os dois ministros e o outro secretario, através de grandes perigos, e chegou a Inglaterra no fim de novembro d'esse anno de trinta e dois. Dissolvida a missão, d'ahi a mez e meio, ficou o poeta em Londres, sem meios para ali viver ou para po-

dêr voltar a Portugal. Ao marquez de Palmella adoçou D. Pedro a pilula, nomeando-o duque, mas deixando-o sem emprego; a Mousinho e José Barbosa concedeu-se, passado pouco tempo, permissão e auxilio para regressarem. Só Garrett ficou esquecido, sem destino e sem determinações de nenhuma especie. Escrevendo a Mousinho de Albuquerque, que estava em Paris, este lhe aconselhou que se dirigisse ao governo ¹.

Reduzido novamente á miseria, e constando-lhe que o governo francez, sempre mais generoso que os nossos *bons e fieis* alliados inglezes, dava um parco subsidio aos emigrados portuguezes, que ainda vagueavam por aquelle paiz, passou-se Garrett a França. Para fazer a viagem e podêr ir solicitar essa esmola da caridade franceza, deveu a um amigo beneficente o pagamento da passagem. Mas para ser completo o seu infortunio, só passados mezes obteve, por intermedio do marquez de Rezende, ser incluído na lista dos soccorridos pelo ministerio de Luiz Filippe! Ao passo que tantas nullidades estavam fartas e honradas pelo governo da rainha, aquelle grande homem, o mais illustre escriptor já então de entre todos os seus nacionaes vivos, tão celebre reformador nas letras como D. Pedro e Mousinho da Sil-

¹ «Paris, 11 de Fevereiro de 1833.—Ill.^{mo} Sr.—Em resposta á carta que V. S.^a me dirigiu, perguntando-me se porventura quando recebi a minha demissão me foi enviada alguma ordem relativamente a V. S.^a, é do meu dever declarar-lhe, que o Governo de Sua Magestade nada me diz relativamente a V. S.^a, e por tanto achando-me eu desligado da Commissão para a qual fui mandado a Inglaterra e França, e para me coadjuvar na qual V. S.^a me havia sido dado, reputo igualmente a V. S.^a livre de dirigir-se (parecendo-lhe) ao mesmo Governo para d'elle receber ordens, que eu sinto não poder communicar-lhe pelas não ter recebido.—Sou de V. S.^a—Amigo e muito attento venerador—*Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque*.—Ill.^{mo} Sr. João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett.» (O original existe entre os papeis de Garrett.)

veira na politica, mendigava de estranhos o pão a que tinha tão sagrados direitos como qualquer outro, pão que ainda assim queria pagar com a penna e com a espingarda!

XVI

Pelo ministerio da guerra, no Porto, se passára ordem, em março d'esse anno, ao commandante geral de artilheria, para que exigisse do commandante do corpo academico uma relação dos voluntarios que se achavam exercendo empregos civis, os quaes deveriam ter baixa do serviço militar, se preferissem aquelles. Garrett recebeu em Paris o officio do seu coronel, e respondeu do seguinte modo:

« Ill.^{mo} Snr.— Accuso a recepção do officio de V. S. em data de 16 de Março proximo passado, no qual, em execução das ordens do Ministerio da Guerra de 9 do mesmo mez, me determina que declare por escripto, se prefiro continuar no exercicio de um emprêgo civil, para haver n'esse caso de ter baixa no Corpo Academico, a que tenho a honra de pertencer: Se eu estivesse no exercicio de um emprêgo civil, fosse elle qual fosse, a minha escolha estava feita, e a minha resposta prompta: Emquanto durar a guerra da liberdade e da restauração dos direitos da Rainha, eu não sou, nem quero, nem posso ser senão Voluntario Academico.— O meu caso porém é outro: eu não estou no exercicio d'emprêgo algum civil. Esta resposta assáz explicita, não será talvez comtudo sobejamente clara; e é do meu dever fazer-me entender bem de V. S. Ha onze annos que sirvo o Estado como Official Ordinario da Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, mas ha perto de anno e meio que na qualidade de simples soldado parti para os Açores a juntar-me ao exercito libertador. O unico favor que então

pedi, e obtive do Governo, foi o de me permittir que me unisse ao Corpo Academico, ao qual por outros vinculos eu pertencia já quasi desde a infancia. Julgou depois o Governo que o meu serviço era necessario na Repartição dos Negocios de Justiça, para a qual fui chamado por ordem de . . . de Maio de 1832, e correspondente do Ministro da Guerra, que me mandou considerar como destacado. Ao partirmos dos Açôres para Portugal nenhuma ordem superior me mandou voltar ao serviço effectivo do corpo; mas como tambem nenhuma ordem me mandava acompanhar as repartições civis, julguei-me livre para poder acompanhar os meus camaradas, aos quaes voltei; e com elles, e como elles, arma ao hombro e mochila ás costas, tive a honra de entrar no Porto, continuando no serviço ordinario do corpo, até que, por ordem vocal do Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, me foi encarregada a direcção e expediente d'aquelle Ministerio. E replicando eu que era necessaria Portaria em fórma para me dispensar do serviço militar, me foi respondido pelo Ministro da Guerra, que se achava presente, que eu desde os Açôres fôra mandado considerar destacado do corpo; que nenhuma ordem me havia mandado voltar a elle, e que havia sido dobradamente voluntario e de puro zêlo todo o serviço militar que tinha feito. Isto mesmo levei então officialmente ao conhecimento de V. S. Em nenhum d'estes casos me foi mandado optar entre o serviço nas repartições civis e a honra de pertencer ao Corpo Academico. Repito que não teria hesitado um instante na opção; nem duvidaria, como não duvido agora, renunciar, não só ao exercicio de todo e qualquer emprêgo civil, por de mais alta cathegoria que fosse, mas ainda a onze annos de bom serviço e a todo o direito a um emprêgo obtido em curso público, e sem favor de padrinhos, se fosse necessario conservá-lo á custa da honra que eu, pôsto que in-

digno, prézo mais que nenhuma, a de pertencer ao mais distincto corpo do exercito libertador. Em Setembro do anno passado determinou o Governo mandar-me para um emprêgo de muita honra e confiança, mas que me afastava indefinidamente do theatro da guerra. E S. M. I. me fez em Pessoa a honra de instar commigo para que acceitasse. Fiz os maiores esforços e diligencia para ser dispensado; e não o podendo conseguir dos Ministros, recorri a solicitar uma audiencia particular de S. M. na qual o mesmo Augusto Senhor teve emfim a bondade de acceder ás minhas instantes súplicas para que me permittisse o continuar a acompanhá-lo na gloriosa empreza em que todos os bons Portuguezes estavamos empenhados, e a partilhar os perigos e trabalhos dos meus camaradas. Jamais me esquecerei d'esta mercê que S. M. I. se dignou fazer-me, e que tanta gente solicitava então no sentido contrario. Em Novembro do mesmo anno fui mandado na qualidade de Official Maior da Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, acompanhar o Ministro d'aquella repartição na missão em que, juntamente com o dos Negocios Estrangeiros, foi enviado a Londres. Abracei com gôsto esta occasião de vir passar com a minha familia as poucas semanas que devia estar ausente do exercito. Mas S. M. houve por bem desonerar os primeiros encarregados d'aquella missão; e eu não recebi nem ordem nem destino algum, nem meios para voltar, nem meios para subsistir, nem determinações de nenhuma especie. Em vão me dirigi aos Ministros de S. M. tanto no exterior como no Porto: não tive resposta, e se não sou exilado ou proscripto, não sei o que sou. Foi-me forçoso vir para este paiz para viver com os poucos subsidios que a caridade franceza dá aos refugiados estrangeiros: pão de esmolas que é sempre amargo, e que agora para todo o Portuguez lhe sabe de mais a mais ao travo da vergonha pelo estar comendo a

salvo e no ocio, quando os seus compatriotas suam, sangram e morrem no campo da honra. Se a qualquer deve custar esta vergonha, quanto não deve ella pezar a quem soffre mau grado seu e por acinte alheio! Era necessario deduzir toda esta longa serie de factos para mostrar a V. S. a impossibilidade em que estou de dar uma resposta cathogorica ao seu officio. Á custa dos maiores sacrificios, com incalculavel perda dos meus interesses, e da minha casa, com trinta e tres annos de idade¹ acrescentados por fadigas e dissabôres de todo o genero, pae de familia, homem de letras, costumado á vida sedentaria do estudo, valetudinario com os achaques precoces que essa vida traz comsigo, sobre tudo quando tão atravessada de desgostos, das perseguições, dos vexames, dos desterros, dos carceres, das affrontas que são em Portugal certo quinhão dos homens de letras, e que para mim foi herança que ainda me não falhou quasi desde que me entendo. Com tudo isto, e apezar de tudo isto, fui de muito bom gôsto e vontade sentar praça de soldado no exercito libertador. Soldado sou; e essa é a minha unica ambição. Estar de serviço n'uma repartição pública, em que a minha pobre penna pôde ser util, ou n'uma guarda com a minha espingarda, ou a uma peça com o meu morrão, tem-me sido até agora indifferente emquanto eu podêsse ser o mesmo soldado, o mesmo Voluntario Academico. Direi ainda mais, porque sou liso e desprezo bravatas: emquanto decentemente o puder fazer, prefiro o genero de serviço que mais comportem a minha pouca saude e arruinada constituição. Não recuso nenhum. Mas desde que fôr preciso optar, a minha escolha, repito, está feita: e se vontades dêssem azas, em vez de tão longa e fastidiosa resposta eu não

¹ Já aqui principia a diminuir um anno, visto que no mez de feveiro tinha feito trinta e quatro!

daria outra ao officio de V. S., senão apresentar-me ás suas ordens com a minha espingarda ao hombro, e o meu uniforme rico de baeta azul, que preciosamente conservo e guardarei para os dias de maior gala, ufano e soberbo com a consciencia de que tenho direito de o vestir, direito que só um acto arbitrario e de prepotencia me privará, mas nunca me despirei eu voluntariamente. Muito me peza se ainda assim e com tão comprida resposta, não satisfiz ao que V. S. me ordena e só me resta pedir o perdão que na sua indulgencia espero encontrar.—Deus Guarde a V. S.—Paris 14 d’Abril de 1833—Illustrissimo Sr. João Pedro Soares Luna—Tenente Coronel Commandante do Corpo Academico.—O Bacharel *João Baptista Leitão d’Almeida Garrett*, Voluntario Academico ¹».

XVII

Como se vê por esse curiosissimo documento, tinha-se o poeta dirigido em vão aos ministros para saber se era exilado. Existe uma das cartas que então escreveu, e aqui se junta para vergonha eterna dos que a provocaram. Parece ter sido escripta na mesma data da antecedente:

«Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.—Vou ainda outra vez solicitar de V. Ex.^a o obsequio de uma resposta que me desengane sobre a minha posição.

Devo persuadir-me que por qualquer extraordinario desvio lhe não chegaram as minhas instancias anteriores.

Por Portaria expedida em 21 de Novembro de 1832 fui mandado acompanhar na missão diplomatica de que vinha encarregado o Ministro dos Negocios do Reino, na

¹ *Memorias do corpo academico*, por J. P. S. Luna, Lisboa, 1837, pag. 290 a 297. Foi confrontada esta carta com a minuta existente entre os papeis do auctor e por ella corrigida.

qualidade de Official Maior d'aquella repartição. Depois houve por bem S. M. I. desonerar o dito Ministro d'aquelle encargo: e eu fiquei em Londres sem destino, sem meios de subsistir, sem meios nem ordem de voltar, sem me ser ao menos intimado o meu Decreto de proscripção, se sou proscripto. Devo confessar a V. Ex.^a que por muito humilde conceito que de mim faça, como por todos os motivos sou obrigado a fazer — não me supunha ainda assim tão pequeno e abjecto que merecêsse do Governo da Rainha, que sempre servi com lealdade e zêlo, um abandono e desprêzo tão affrontoso. Obrigou-me a fome a vir para este paiz a mendigar da caridade franceza os poucos subsidios que aqui se dão aos refugiados estrangeiros. Deve ser muito grande o meu crime para receber este castigo do Governo da Rainha a Senhora D. Maria II.— Qualquer que seja a resolução de S. M. eu protesto submitter-me a ella sem murmurio, mas parece-me ter direito a pedir e a receber uma.— Deus guarde a V. Ex.^a— Paris¹. . .— O Bacharel formado em leis, Voluntario Academico.»

Sêcca e quasi grosseiramente lhe respondeu Candido José Xavier, deixando-o ficar na triste situação em que se achava, *porque nenhuma ordem havia registada nos livros da secretaria do reino, relativamente á admissão de Garrett*²!

¹ A minuta não tem assignatura nem data; mas pela resposta do ministro se vê que devia ser 14 de abril. O original é da letra do auctor.

² « Ministerio do Reino — Em 7 de Maio recebi pela primeira vez uma carta sua, em data de 14 do mez antecedente; as suas anteriores, de que me falla, não me chegaram á mão. — Depois que tomei posse d'esta Secretaria d'Estado, sendo forçoso esclarecer-me sobre a posição das pessoas empregadas n'ella, obtive, a seu respeito, a informação seguinte, a qual tenho á vista = relativamente á admissão na Secretaria, em Julho do anno passado, do Ill.^{mo} Sr. Garrett, nenhuma ordem ha registada nos respectivos livros de Re-

Salta aos olhos a má vontade com que o chato e vulgar politico trata aquelle que podia, se quizesse, fulminá-lo com eterno ridiculo. Este era dos que não queriam *reimulher!* As mediocridades tiveram sempre, pelo seu character de servilismo e subserviencia, os primeiros logares, ao passo que os grandes engenhos cáem não raro na desgraça e na indigencia, por serem independentes e activos. Era natural que no animo de Candido José Xavier influissem as suspeitas de que fôra Garrett o auctor da *Carta de M. Scevola*, e assim tirava covardemente a sua desforra.

Até ás fezes esgotou d'esta vez o nosso immortal poeta o calix da amargura. Diariamente via alistar estrangeiros, para irem defender a causa da rainha e da liberdade portugueza, ao passo que tantos portuguezes penavam ainda, como elle, em Paris e Londres, com fome e frio, pedindo em vão transportes e a permissão de irem morrer pela patria! Facto monstruoso, que esmagará sempre a memoria dos *amigos* de D. Pedro.

Affrontando o esquecimento ingrato e os desdens dos intrigantes a quem a sua fama assombraya, lembrou-se de appellar tambem para um homem superior—o duque de Palmella. Este fidalgo, apesar de não querer acceitar a posição de amnistiado, em que pareciam de-sejar collocá-lo as cartas que o imperador D. Pedro lhe dirigia, officiosamente¹, fôra a Londres, por pedido de Abreu e Lima, auxiliar a organização de um comboio de

gisto=em consequencia, nenhuma ordem me pertencia expedir-lhe: =quanto ao mais, que accrescenta na sua carta, nada posso responder, por me ser extranho (!); porém sinto que, na posição desagradavel em que todos nos achâmos, possam dar-se circumstancias que tornem ainda mais desagradavel a sua posição particular.— Deus guarde a vossa mereê.— Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, no Porto, 18 de Maio de 1833. = *Candido José Xavier*. = Sr. João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett.»

¹ *Despachos e correspondencia* do duque de Palmella, tom. iv.

vapores, que se destinava ao Porto, onde effectivamente chegou, no primeiro de junho, com seiscentos homens. Garrett escreveu-lhe, pois, pedindo que o livrasse da infeliz situação em que estava, levando-o consigo. Inutilmente, contudo, invocou a amizade e influencia do duque. Pela resposta d'este parece que o poeta suppunha que alguém tivesse querido malquistá-lo; porém, segundo assevera Palmella, tal suspeita não tinha fundamento¹. A carta do illustre diplomata, se não mudou n'aquella occasião as tristes circumstancias de Garrett, servirá todavia para protestar sempre contra as calumnias infames dos que então o accusavam de ter cedido ao referido fidalgo direitos que nenhum homem de honra abdica já-mais. Se tão atrozes e indignos boatos, espalhados por invejosos desprezíveis, tivessem o menor vislumbre de verdade, não lhe teria o proprio duque de Palmella tes-

¹ « Ill.^{mo} Sr. João Baptista d'Almeida Garrett. — Falmouth 28 de Maio de 1833. — Recebi no dia de minha sabida de Londres a sua carta de 19 do corrente, e ainda que nimiamente occupado com os multiplicados cuidados, que me assaltam n'esta circumstancia, não quero deixar de lhe escrever duas regras para lhe assegurar = primeiro = que ninguem me disse, nem escreveu nada a seu respeito = e segundo = que ainda que houvesse, segundo o louvavel costume da nossa nação, alguém que procurasse causar-lhe prejuizo, no meu espirito não o teria certamente conseguido, pois faço justiça ao seu merecimento intellectual, e tenho mui boa opinião dos seus sentimentos, nem é facil alterar no meu espirito o conceito que fórmo das pessoas com quem tenho vivido. Direi mais, que não o instiguei a voltar agora commigo, porque em primeiro logar vou sem emprego, e queira Deus que assim me conserve; além de que sou um pouco escrupuloso, e nunca desejo concorrer para metter a outros nos perigos, e nas tribulações em que a sorte me mette; a todo o tempo porém que eu esteja empregado, e que V. S.^a esteja em circumstancias de se approximar de mim, póde contar com o acolhimento de que já lhe tenho procurado dar alguma prova. — Acredite na amizade e estima com que sou — De V. S.^a affecto e attento venerador. = Marquez de Palmella. » = (Já era duque. — Veja *Despachos e correspondencia*, tom. iv.)

temunhado a consideração e estima com que o distinguu até á morte.

XVIII

N'uma pobre agua-furtada da calçada d'Antin, em Paris, tinham ido reunir-se ao desprezado cantor de Camões sua mulher, seu sogro e uma filhinha, nascida no deserro, que d'ahi a pouco se finou¹. Ali o visitou muitas vezes o poeta e pintor brasileiro Manuel de Araujo Porto-Alegre, depois barão de Santo-Angelo, que então vivia em França, onde estudava a pintura. E n'essa occasião foi feito, por este distincto artista, o retrato do auctor de *D. Branca*, vestido com a farda do corpo academico, trabalho que elle muito estimava². Tambem n'essa occasião travou relações de amisade com outros estudantes brasileiros; mas como todos eram menos pobres, por independencia de character se afastava d'elles, receioso de se ver humilhado se o convidassem para divertimentos ou passeios em que não podesse gastar dinheiro. Uma unica vez acompanhou Porto-Alegre ao diorama; e ficou tão encantado com as vistas, que exclamou, á saída, contemplando Paris ao clarão da lua:

— « Se me dissessem que tudo isto é pintado, facilmente o acreditaria agora! »

XIX

Em junho escrevia o poeta a José Gomes Monteiro, residente em Altona:

¹ Ignoro as datas do seu nascimento e morte, e os logares aonde nasceu e morreu.

² Foi retirado do espolio, onde estava para ser vendido em leilão, com outros retratos de familia, a pedido do auctor d'estas memorias. Creio que pertence hoje á herdeira do poeta.

«Meu am.^o do C.—Paris 12 de Junho de 1833.— Não se espante de receber uma carta minha que não vem do outro mundo, posto que já eu esteja talvez morto na sua lembrança. O que ainda assim, espero que não seja. Depois de toda uma odyssea de trabalhos e viagens, estou em Paris ha tres mezes e sempre com tenções e desejos de lhe escrever para saber novas suas, sempre tão incerto de minha persistencia aqui ou em qualquer parte, que a nada me resolvia.—Tenho casualmente sabido novas suas, posto que indirectas, bem como dos amigos Barreto Feio e Sanctos; mas quero e desejo sabê-las directas, e por isso lhe escrevo. Segundo as coisas vão, e eu *justissimamente* me acho proscripto pelas duas potencias portuguezas porque de uma sou inimigo, da outra não sou amigo como ella quer que a gente seja, parece-me provavel que aqui me demore até á decisão da nossa causa, que bem ou mal agora creio que não será longa.—Dirijo-lhe esta por terra mas espero a sua resposta para saber o modo mais conveniente de o fazer.—Sei que foi a Hanover e que se occuparam de Gil Vicente: dê-me noticias d'isso que muito desejo.—Minha mulher se lhe faz lembrar com saudade, assim como deseja ser recommendada a M.^{me} Sanctos.—Não vi ninguem seu no Porto porque seu mano estava na quinta; o que senti muito.

«Comecei ali um romance em prosa, a que dei o titulo de—Arco de Sant'Anna—e cujas scenas principaes se passam na cidade velha que, por estar o meu quartel no Collegio, tive occasião e vagar de estudar.

«Se houver umas semanas de socêgo de espirito, é provavel que o acabe.—Desejo muito saber a direcção do nosso amigo Rodrigues; e se pôde, dê-m'a, que lhe quero escrever. Se leu *Nôtre Dame de Paris*, de Victor Hugo, é um tanto n'esse genero o meu romance; se o não leu recommendo-lhe que o faça.

«Um maldito livro de direito ¹ que se me metteu na cabeça escrever, tem-me tirado o tempo e morto a imaginação, por onde nada tenho feito. Mas vejo proxima a minha segunda conversão á sancta religião das musas, pois estou quasi convencido que tudo mais não vale nada n'este mundo, começando pelas sciencias e todo o genero de letras sem excepção.—Basta de sécca, que vai saindo longa esta carta.—Recebeu uma minha ultima de despedida quando parti para as Ilhas, e a qual deixei (creio eu) ao Guimarães?—Responda a isto.

«É o seu do C.—amigo verdadeiro—*J. B. d'Almeida Garrett.*»

XX

Por esse tempo começou a restaurar o poema *Magriço*, perdido mezes antes, no já citado naufragio do Porto. Provavelmente, a affirmativa, que na carta antecedente faz a Gomes Monteiro, de que via proxima a sua segunda conversão á santa religião das musas, alludia ao projecto de recompôr e concluir o poema. E de certo o teria feito, se não fosse a rapidez dos acontecimentos que se seguiram, abrindo-lhe as portas da patria.

Não podia effectivamente demorar-se, como elle previa, a decisão da causa portugueza. Em 24 d'esse mesmo mez desembarcava junto a Cacella a famosa expedição do Algarve, e este pronunciava-se logo a favor da rainha; a 5 de julho ganhava Napier a batalha do cabo de S. Vicente, derrotando a esquadra miguelista, ao mesmo tempo que eram repellidos e desbaratados nas linhas do Porto os sitiadores; finalmente, a 24 de julho entrou o duque da Terceira triumphante em Lisboa, á frente de

¹ Seria o *Das leis penaes*, que dizia começado na Inglaterra e perdido no Douro?

um punhado de bravos, dos quaes a fortuna coroára a audacia.

Apesar das possibilidades de se prolongar ainda por algum tempo a lucta, podia dizer-se, que, desde a entrada dos constitucionaes na capital, já não havia dúvidas sobre os resultados d'ella. A rasão, o progresso, o direito e a justiça quebravam as algemas do povo e illuminavam-lhe o caminho do futuro. As batalhas que se pelejaram d'ahi em diante até á concessão de Evora Monte não foram senão os ultimos arrancos da usurpação moribunda. Assim o entenderam tambem as grandes potencias, reconhecendo a Inglaterra pouco depois a rainha, e cessando o governo francez de dar subsidios aos portuguezes emigrados, visto que já tinham franco o porto da capital do reino.

Garrett, apenas recebeu essa noticia, immediatamente se transportou com a familia para Lisboa, valendo-se de um amigo que lhe adiantou o dinheiro das passagens. Não podiam já impedir-lhe o regresso, fechando-lhe o Tejo, como, a elle e a tantos outros, fecharam o Douro; salvo se positivamente o declarassem exilado. Mas a tanto não se atreviam os seus inimigos. Todos estes vinham bem empregados; e esse grande homem, que desinteressadamente fizera relevantissimos serviços, voltava sem meios, sem consideração, sem emprego, doente, cansado, esquecido, como se fosse o derradeiro e o mais infimo dos liberaes portuguezes!

Assim findou a sua ultima emigração, que durou quatro annos e meio, descontados os mezes que esteve nas ilhas e no Porto, trabalhando e padecendo sempre pela causa da rainha, por amor da liberdade e pelos progressos da sua patria.

INDICE

INTRODUÇÃO

O genio dos grandes poetas. — Como o auctor d'este livro vivia no Brazil. — Leitura do poema *Camões*. — Transformação. — Primeira carta de Garrett em resposta á do auctor. — Regresso a Portugal. — Maria da Fonte. — Lisboa. — Cartas de recommendação. — Entrada em casa do poeta, no pateo do Pimenta. — O creado João. — Sensações. — *Ecce sacerdos magnus!* — Retrato. — José Maria da Silva Leal, José Estevão, José Izidoro Guedes. — Emprego, demissão e afastamento. — Motivo por que o auctor falla de si. — Jantar litterario. — Escriptoires portuguezes, em 1848. — Brinde á republica. . . . — Origem e historia d'estas memorias. — Documentos dados por Almeida Garrett. — Considerações prévias. 4

I

A nobreza de sangue não é que faz resplandecer o genio, nem tem o exclusivo das maneiras polidas. — Garretts da Irlanda. — Sua origem e engrandecimento. — Lenda do lago Gur, em Limerick. — Transformação do nome. — Garrett de Janeville. — Biographia do Garrett portuguez, no *Universo pittoresco*. — Ascendencia. — Appellidos. — Descendencia. — Arvore de geração. — Linhas femininas. — Informações do santo-officio e habilitações para o habito de Christo. — Quem eram Silvas, Leitões e Almeidas. — Protesto do auctor. — O bispo D. Frei Alexandre. — Sua protecção, e abastança proveniente d'ella. — Onde ia começar o verdadeiro lustre da familia. 25

II

Nascimento do poeta. — Casa de residencia. — Homenagem da municipalidade portuense. — Baptismo. — Nome e appellidos. — D. Anna Augusta de Almeida Leitão. — Antonio Bernardo da Silva. — Primeiras lições da mãe e do pae. — Idéas religiosas. — Influencia da educação e do temperamento. — Resolve-se que será padre. — Mudança para o campo. — Quintas do Castello e do Sardão. — A tia Brigida. — Contos de bruxas e de almas do outro mundo. — Tendencias das creanças e do povo para o maravilhoso. — Poesia popular. — A mulata Rosa de Lima. — Impressões indeleveis, que produzem o *Romanceiro*. — S. Miguel das Aves e Villa do Conde. — A avó. — O beneficiado da sé do Porto. — Formação do gosto pelas tradições poeticas. — Logares e festas memoraveis. — Napoleão. — Opiniões. — A invasão franceza. — Partida para Lisboa, e para os Açores 42

III

O mar e sua influencia sobre a imaginação dos portuguezes. — Partida. — Viagem. — Angra nos Açores. — O padre João Antonio. — Desafio na aula de latim. — João Carlos Leitão. — Insistencia de duello. — A poesia saindo da vara de marmeleiro. — Primeiros versos. — O professor Joaquim Alves. — Chegada de D. Frei Alexandre. — Educação classica. — Os tres directores litterarios. — A qual d'elles deveu mais. — Estupidas calumnias. — Ida do bispo ao Rio de Janeiro, e seu novo

regresso. — Sermão na ilha Graciosa. — Opiniões da familia. — Embarque de Alexandre para o Porto. — Reflexões que esse facto suscita ao joven poeta. — *Affonsaida*, poema. — Quêda de Napoleão. — Renuncia á carreira ecclesiastica. — Conclusão dos estudos preparatorios, e volta para o continente..... 79

IV

Observações criticas. — Chegada a Lisboa. — A protecção ingleza e a invasão franceza. — Coimbra. — Matricula na faculdade de leis. — Apesar da sua reputação de talento e de estudo, não é premiado. — Despeita-se e protesta mudar de curso. — Primeiras férias. — O estudante protector. — Porto: recordações saudosas. — As tias; o irmão Alexandre. — Carta polyglota. — Se faria versos n'estas férias. — Morte de Gomes Freire de Andrade, e impressão que esse acontecimento produz em todo o paiz. — Opiniões do moço estudante. — Regressa á universidade e matricula-se em mathematica. — Ordens do pae o obrigam a voltar ás leis. — Supremacia que adquire, firmada por um soneto. — Como e quando se revelou poeta em Coimbra. — Associações secretas. — Primeiras obras theatraes: *Xerxes*. — Fim do segundo anno. — Fallecimento do bispo D. Frei Alexandre..... 410

V

Caminho do Porto a Villa do Conde. — Estalagens e fanecas. — As freiras de Santa Clara e o seu chá. — Receita do poeta para comer sem vontade. — Povia de Varzim. — A comedia famosa *Frei Luiz de Sousa*. — Voltam-lhe as tendencias para assumptos de theatro. — *Lucrecia*. — Toma o appellido de Garrett. — Porquê. — Terceiro anno de Coimbra. — Leituras de Alfieri, Ducis, e Chateaubriand. — *Atala*. — *Merope*. — Versos ao dr. Fortuna. — Regresso ao Porto, onde se enfastia e escreve as *Férias*, que depois serviram de arma eleitoral aos seus adversarios politicos. — *Affonso de Albuquerque*. — *Sophonisba*. — Quarto anno de universidade. — Farças, elogios dramaticos, dramas, tragedias. — *O amor da patria*. — *La lezione agli amante*. — O ventriloquo. — As Annalias absorvem-lhe o republicanismo inspirado pela antiguidade classica. — Como elle apreciava mais tarde os seus primeiros amores. — Férias. — Cae do cavallo e quebra a cabeça. — O chinó. — Opiniões dos seus detractores a respeito da ferida da cabeça. — Vae a Coimbra tomar grau de bacharel, e ensaiar a *Merope*. — Revolução de 1820. — Recaida.... 440

VI

Hymno constitucional. — *A liberdade*. — *Á patria*. — Lord Beresford no Tejo. — Completa-se a desunião politica entre João e Alexandre Garrett. — *O roubo das sabinas*. — *San' Martinho*. — Successos do dia 11 de novembro em Lisboa. — Quinto anno de Coimbra. — Outeiro. — *Ode ao corpo academico*. — Insinuação do vice-reitor punida. — Suspeições. — Representação e revolta dos estudantes por causa das eleições. — João Baptista chefe revolucionario. — Proclamações. — O voto dos estudantes. — Outra vez o republicanismo do poeta. 470

VII

Traducções de Catullo. — Sova em José Agostinho de Macedo. — Festa constitucional. — Estudantada. — Lisboa. — *O dia vinte e quatro de agosto*, primeiro

opusculo politico. — Odios profundos que inspirou com elle. — Viagem á ilha Terceira. — Calmas, fome, sêde e versos. — Familia. — Impressões. — Stockler. — *O X ou a Incognita*, poema. — O que deu causa a esta composição. — Regresso. — *Anniversario do dia 24 de agosto*. — Elmano e Bocage. — Critica de Pato Moniz. — *Catão*. — D. Luiza Midosi. — Prologo da tragedia. — Ovação. — *O Corcunda por amor*, farça. — Estado doentio da alma. — Versos sensualistas. — Doidice amorosa. 202

VIII

Formatura em leis. — Informações universitarias. — Fixa-se em Lisboa, e não lê no desembargo do paço. — Publicação do *Retrato de Venus*. — Quando foi escrito. — A *Gazeta universal*: criticas. — O *Portuguez constitucional regenerado*: respostas. — Opinião prophetica dos seus inimigos. — José Agostinho de Macedo e Frei Francisco de S. Luiz. — Motivos por que o guerrearavam. — Annalia, Delia e Julia. — O *Toucador*. — Primeiro tomo do Theatro. — O *Impromptu de Cintra*. — *Os namorados extravagantes*. — Odivellas. — Prefacio da *Lyrça*. — Sociedade litteraria patriotica e o seu jornal. — Discurso, e juizo sobre a universidade de Coimbra. — Epicedio, *aos mortos no campo d'honra, em Madrid*. 232

IX

Secretaria do reino. — Opinião de Rodrigo da Fonseca Magalhães ácerca de Garrett. — Primeiros estudos sobre instrução pública. — Cintra: lyrismo. — Processo do *Retrato de Venus*. — Deseza e primeiro triumpho oratorio. — Prophecia do abbade Correia da Serra. — Casamento. — Educação da mulher. — O *Lyceu das damas*. — Oração funebre de Manuel Fernandes Thomaz. — Quêda da constituição. — Fuga de D. João VI. — Proclamação historica. — Farça de Villa Franca. — Albardas inauferiveis. — Confusão cavallar e asinina. — Desenho para um quadro de historia portugueza. — Sociedades secretas. — Projectos abortados de viagem aos Açores. — Esconde-se para não ser preso. — Embarca no paquete *Duque de Kent*. — Extractos do seu *Diario de viagem*. — Reflexões que suscita essa leitura 260

X

O proscripto. — Primeira viagem a Inglaterra. — Extractos do seu *Diario*: «A manhã de 10 de junho. Adeus ao Tejo. Enjão. Idade. Terra, terra! Falmouth. Valor do juramento na Inglaterra. Desembarque. Figuras inglezas. Regularidade da vida britannica comparada com a de um relógio. De Falmouth a Londres. Companheiros.» — Londres. — Enigma indecifrável. — Regresso. — Novos fragmentos do seu *Diario*: «De Londres a Gravesend. Descrições de paizagem. O Tamiza e o Tejo. Os porters e os barqueiros. Embarque na escuna *Fame*. Viagem. Ventos contrarios. Arribadas. Um hiate portuguez. Passeio a Dartmouth. Mrs. Triky. A hollandeza velha. Leituras. Porto. Lisboa.» — Faro e terror da policia. — Cartas suspeitas. — Correspondencias officiaes. — Esteve no Limociro? — Outro ponto obscuro. — Intimação. — Reembarque no paquete *Duque de Kent 2.º* — Segunda emigração, antes de portação. — *Diario* do poeta: «Partida para Birmingham. Aspecto do paiz. Povoações, monumentos, historia. Chegada. A familia Hadley. Warwick, Edgbaston.» — Familiarisa-se com a vida ingleza. — Estudos sérios e estudos futeis, que tambem tem utilidade. — Mais notas do seu *Diario*: «Fabrica Thomasson. Expressões de reconhecimento» 289

XI

Versos de exilado. — O poema *Magriço*. — *A morte de Riego*, *O Natal em Londres*, *O anno novo*. — Mais extractos dos seus apontamentos: Recordações e tristezas. Costumes inglezes. Despedidas ao anno velho; esperanças e apprehensões ácerca do novo. O Brazil. Hagley park. Tompson, Pope e Lyttelton. Dudley castle. — Influencia exercida pelas ruinas dos castellos gothicos na imaginação do poeta emigrado. — O crepusculo na Inglaterra. — Impressões romanticas. — Walter Scott, Burn, Bürger, Byron e Lamartine. — Reavivam-se-lhe as memorias da infancia. — Volta-lhe o amor das xacaras e romances da tia Brigida e da mulata Rosa de Lima. — Concepção dos dois poemas que marcam o renascimento das letras em Portugal. — Projectos de trabalho desvanecidos pela politica britannica. — Revolta-o a dependencia em que vive. — Modo por que é tratado em Edgbaston. — A noite de 25 de janeiro. — Partida para Londres. — Ultimos fragmentos do seu *Diario*. — Particularidades. — Antonio Joaquim Freire Marréco. — Ida para França. — Havre de Grâce. — Casa Laffitte. — Ultimo adeus á poesia romana. — *O gallego e o diabo*. — Outros versos. 319

XII

Romagem que devem fazer os viajantes portuguezes á collina de Ingouville. — *Camões*. — Amnistia. — Carta a Duarte Lessa. — Revolução litteraria. — Pontos de similhança. — Mais confusão chronologica. — Suspeitas desconsoladoras. — *D. Branca*. — Outra carta curiosissima. — Romantismo. — Opiniões, criticas e parallellos. — O quejando estabelecimento. — Paris. — Impressões. — Os homens do tempo do imperio. — Censura prévia. — Chateaubriand, Victor Hugo, Cazimiro Delavigne, Lamartine, Madame de Stael. — Projectos de mudança de residencia. — J. V. Barreto Feio. — O quadro de Sequeira. — Apezar da popularidade do nome de Camões, não achou editor para o poema. — Imprime-se finalmente. — Advertencia da primeira edição. — Mr. F. Denis. — Gratidão do poeta. — Canto de indignação. — Affirmativa de que nunca mais fez versos. — A ultima palavra. 343

XIII

Extractos da *D. Branca*. — Uma nota ao primeiro borrão. — Protestação com que se imprimiu este poema e motivo por que saiu anonymo. — Não podendo o auctor fixar-se em Paris, requer para voltar a Portugal. — Documentos. — Continuam a ter medo d'elle e recusam-lhe a graça pedida. — Dificuldades terriveis. — Regresso ao Havre, onde retoma o seu emprego de caixeiro. — Parallelo entre a sua fortuna e a de um seu irmão. — Ennobrecimento da familia. — Carta a Duarte Lessa. — *Romanceiro*. — *O Infante Sancto*. — Reparos ácerca da perda d'este e de outros manuscriptos. — Desarranjo definitivo. — Separação. — Novas tentativas em Paris. — *Parnaso Lusitano*. — *Bosquejo da historia da lingua e da poesia portugueza*. — José da Fonseca. — Opiniões sobre Bocage, Francisco Manuel, e a respeito de traducções. — Elogio a José Agostinho de Macedo. — Morte de D. João VI. — *O Popular*. — *Europa e America*. — Requerimento da consorte. — Mais papeis officiaes que o accusam de democrata e revolucionario. — Licença condicional de reentrar na patria. — Fim da segunda omigração. 374

XIV

A Carta Constitucional portugueza.—Estado dos espiritos ao recebê-la.—Facções.—Tentativas absolutistas.—O governo e a regente.—Aspecto da península iberica.—Chegada de Garrett a Lisboa.—Não assigna termo?—É reintegrado no emprego.—*Carta de guia para eleitores*.—Ainda a influencia ingleza.—Sir William A' Court.—As côrtes de 1826.—O partido constitucional.—Fundação do *Portuguez*: differença entre a sua linguagem e a dos outros jornaes. Sympathias que adquire no paiz e fóra d'elle. Inaugura a critica theatral decente e attractiva. Invejas e odios que excita.—Trabalhos lexicographicos.—O *Chronista*.—Opiniões.—Censura prévia.—Raiva canina.—A portaria de 10 de janeiro de 1827 e a imprensa estrangeira.—Patriotismo de Garrett.—Primeiros symptomas de perseguição. 399

XV

É retirado o censor ao *Portuguez*.—Concede-se-lhe novamente.—Documentos historicos.—Desapontamento e colera dos perseguidores.—Explicações.—Requerimento sem despacho.—Prudencia dos jornalistas inutilisada pelos seus inimigos.—Demissão de Saldanha.—Conspiração da policia.—A archotada e a republica do Terreiro do Paço.—Demissão de José Liberato Freire de Carvalho.—Politica apostolica.—Garrett e o *Chronista*.—José Agostinho de Macedo.—Outro requerimento á regente.—Despacho aterrorador.—Violação da Carta.—Limoeiro.—Estado da justiça.—Aggravo de injusta pronuncia.—Redactores e numeros do jornal antoados.—Ultimo arranco do *Portuguez*.—Apreciação d'essa folha pelo seu redactor em chefe.—Juizo do mesmo sobre a archotada.—Desmascára-se o absolutismo.—Ultima victoria da opinião pública.—Mulher e marido.—Versos em Campolide.—Regresso de D. Miguel.—Traição do senado.—Convocação dos tres estados.—Esforços e impericia dos liberaes.—Fugida para o *Belfast* e para Galliza.—Consumma-se a usurpação.—Receios e impaciencias de Garrett.—Morte de uma filha unica.—Terceira emigração..... 420

XVI

O sellador da alfandega.—Londres.—Prestação de obediencia á Junta do Porto.—Historia da emigração.—Se convirá escrevê-la.—Deixemos dormir os mortos.—O Pantheão dos reis e a Necrópole no Mindello.—Subsidios.—Accusações.—O deposito de Plymouth.—Candido José Xavier.—*As noites do barracão*.—O poeta não participa das larguezas feitas aos afilhados.—Demissão da secretaria do reino.—*Memorias de João Côradinho*.—José Gomes Monteiro.—*Adozinda*.—Estndos de costumes e usos.—Velleidades aristocraticas.—Warwick.—*Lyrice de João Minimo*.—Ilha Terceira.—Expedição metralhada.—Sempre os nossos amigos inglezes!—D. Maria II, em Londres.—O addido da embaixada.—Bandeira de caçadores 5.—O *Chaveco Liberal*.—A *Quotidienne*.—*Memorial*.—José Ferreira Borges.—Victoria da Villa da Praia.—Canção admiravel.—Passos Manuel, poeta.—*Tratado da Educação*.—Protesto.—*Das Leis penaes*.—Segunda edição de *Catão*.—Revolução de Julho.—*Portugal na balança da Europa*..... 446

XVII

Causas que modificaram a opinião da Europa a respeito da questão portugueza.—Influencia exercida pelas obras de Garrett no espirito de nacionaes e estra-

nhos. — A regencia. — Distribuição dos subsídios. — Necessidades dos emigrados. — Política dos directores officiaes. — Inepcia de D. Miguel. — Expedições aos Açores. — Tentativas frustradas de Garrett para fazer parte d'ellas. — Ida a Paris e Bruges. — Pobreza. — Novos trabalhos litterarios: — *Elogio do barão de Sabroso*. — Noticias assustadoras. — *Carta de M. Scevola*. — *Nota de Gomes Monteiro*. — Cartas ao mesmo. — Novas do *Magriço*. — Doença de D. Luiza. — Nascimento e morte de um filho. — Projectos de partida para Dinamarca. — A cholera morbus. — Melhoria dos negocios nas ilhas. — Apontamento sobre costumes inglezes. — D. Pedro IV na Europa. — *O Precursor*. — Serviço transcendente em favor da união e da concordia. — Como lh'o pagaram. — Mousinho da Silveira, Luiz Antonio de Abreu e Lima e José da Silva Carvalho. — Afeição de Mousinho a Garrett. — A bolsa do poeta igual ao thesouro da rainha. — Nobre caracter de João Baptista, revelando-se melhor nos dias de penuria. — Lega e encomenda o seu nome a José Gomes Monteiro, para que lh'o defenda, se elle morrer na expedição. — Idas e vindas de D. Pedro. — Seu caracter. — Os partidos na emigração. — Emprestimo realisado. — Beneficios e protecção aos refugiados em França e na Belgica. — Organisa-se a expedição definitiva e chamam-se finalmente os emigrados todos. — Meios a que recorreu Garrett para obter dinheiro. — Loas e representação de um seu parente. — Paris. — Estudos. — A duqueza d'Abrantes. — 'L'hasard de la fourchette'. — Partida para Belle-Isle. — Ultimas desconsiderações aos proscriptos. — Alistamento em caçadores. — Embarque na corveta *Juno-Amelia*. Passageiros. — O grande poeta e o grande historiador. — As calças encarnadas. — Despeito, por má interpretação de M. Edgard Quinet. 500

XVIII

Desembarque na Terceira. — Estado dos animos. — Garrett e sua familia. — Recordações da *comedia famosa*. — Retrato de D. Sebastião. — *O Romanceiro*. — Outra mulata e mais creadas velhas. — Secretaria do reino. — Fica em Angra, no corpo academico, quando a séde do governo se transfere para S. Miguel. — D. Pedro compenetra-se da sua missão mais seriamente. — Ordem para que o poeta se apresente em Ponta Delgada. — Trabalhos da dictadura. — Collaboração de Garrett com Mousinho da Silveira. — A lei de 16 de maio. — *Ramo de cypreste*. — *Noite de S. João*. — Olhos pretos. — Partida. — A viagem. — Chegada á costa de Portugal. — O parlamentar. — Desembarque. — Entrada no Porto. — Enthusiasmo. — Providencias. — A acção de Ponte Ferreira. — Terror panico. — D. Thomaz Mascarenhas. — Cêrco. — O refeitório dos Grillos. — O coronel Luna. — Organisação da secretaria do reino e da dos estrangeiros. — Contacto com o imperador. — Novo sellador da alfandega. — Officiaes maiores. — O preambulo da Torre e Espada. — Decretos de condecorações. — Dito, agraciando o duque da Terceira. — Rodrigo da Fonseca Magalhães. — Vogal da commissão dos codigos commercial e criminal. — Idéa da missão ás ilhas dos Açores. — Distracções. — Intrigas. — Missão a Londres, Paris e Madrid. — Erros dos milagreiros. — As freiras e os frades de Villa do Conde. — Frei Fortunato de S. Boaventura e o ministro Luiz de Paula Furtado. — Dissolve-se a missão diplomatica, e Garrett fica em Londres sem destino. — Passa para França. Mais miseria. — Carta a João Pedro Soares Luna. — Outra, a Candido José Xavier, e resposta d'este ministro. — Ultimo appello inutil. — Manuel de Araujo Porto-Alegre. — Carta a José Gomes Monteiro. — Começa a restaurar o *Magriço*. — Expedição do Algarve, derrota da esquadra miguelista, e entrada do exercito liberal em Lisboa. — Regresso do poeta. 554

ERRATAS

PAG.	LIN.	ERROS	EMENDAS
235	1	entes	tentes
235	2	ttro	tro
264	27	o Promotor	do Promotor
319	5	Hadley park	Hagley park
575 e 576	32 e 1	entre ouvintes	entre os ouvintes

TABLE

Faint, illegible text, likely a table of contents or index, with multiple lines of text and possibly a table structure.





